

Do autor dos best-sellers *O Mapa dos Ossos* e *A Cidade Perdida*

JAMES ROLLINS

A CHAVE MALDITA





FORÇA SIGMA 06 - A CHAVE MALDITA

JAMES ROLLINS

Título Original: "THE DOOMSDAY KEY"

Tradução de: Joana Chaves

DIFEL
2010

Capa: Crítica Design

Revisão: Cláudia Duarte

Composição: Júlio de Carvalho

Revisão: C3D NÏCTA 3TC

JAMES ROLLINS

James Rollins é autor de grandes sucessos de vendas, publicados em mais de 30 países, a maior parte editados na Difel: O Mapa dos Ossos (2006), A Ordem Negra (2007), A Herança de Judas (2008), O Último Oráculo (2009) e A Cidade Perdida (2009) foram verdadeiros best-sellers com mais de 30 mil exemplares vendidos em Portugal. A Chave Maldita é a próxima estonteante aventura da Força Sigma, e que promete deixar o leitor em suspenso até à última linha.

É doutorado em Medicina Veterinária, que exerce em Sacramento, na Califórnia. Espeleólogo amador e mergulhador encartado, não raras vezes encontram-no no fundo das águas ou de grutas subterrâneas.

SINOPSE:

Universidade de Princeton. Um geneticista famoso morre num laboratório

biológico de alta segurança. Em Roma, um arqueólogo do Vaticano é encontrado morto na Basílica de São Pedro. Em África, o filho de um senador americano é morto num acampamento da Cruz Vermelha. Três assassinatos em três continentes têm uma ligação terrível: todas as vítimas estão marcadas por uma cruz pagã druida, queimada na sua carne.

Os bizarros homicídios conduzem o comandante Gray Pierce e a Força Sigma numa corrida contra o tempo para resolver um enigma que remonta a muitos séculos atrás, a um crime medonho contra a humanidade escondido num código críptico medieval. A primeira peça do puzzle é descoberta num cadáver mumificado, enterrado num pântano inglês, um segredo horrível que ameaça a América e o mundo.

Ajudado por duas mulheres de seu passado — uma, a sua ex-amante, a outra, a sua nova parceira — Gray tem de reunir todas as peças de uma terrível verdade. Mas as revelações têm um custo elevado e, para salvar o futuro, Pierce terá de sacrificar uma das mulheres ao seu lado. Isso por si só pode não ser suficiente, à medida que o verdadeiro caminho para a salvação vai sendo revelado numa sombria profecia da maldição.

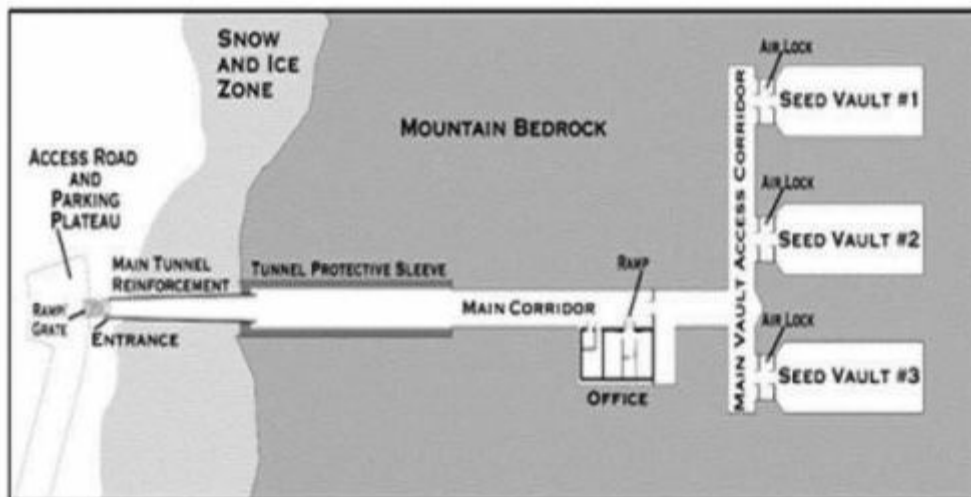
A Força Sigma enfrenta a maior ameaça que a Humanidade já conheceu, numa aventura que vai desde o Coliseu romano aos picos gelados da Noruega, a partir das ruínas de mosteiros medievais aos túmulos perdidos de reis celtas. O último dos pesadelos é trancado dentro de um talismã enterrado por um santo morto — um artefacto antigo conhecido como a chave do Juízo Final.

«Um estonteante e aterrador tecno-thriller que explora os problemas da sobrepopulação e dos alimentos geneticamente modificados, e que mistura muita acção, trabalho de equipa e simbologias religiosas de uma forma absolutamente fulgurante.»

The Library Journal



NORTE DA EUROPA E CÍRCULO ÁRTICO



NOTAS HISTÓRICAS

Durante o século XI, o rei Guilherme I de Inglaterra encomendou uma inquirição exaustiva do seu reino. Os resultados foram registados num extenso volume intitulado Livro da Grande Inquirição (Domesday Book). Trata-se de um dos registos mais pormenorizados da vida medieval desse período. A maioria dos historiadores aceita que esta grandiosa exposição foi realizada com o intuito de assegurar a tributação adequada de toda a população, mas tal não é certo. Este estudo continua envolto em muitos mistérios, como, por exemplo, a razão de ter sido ordenado tão prontamente e o facto de certas localidades surgirem inexplicavelmente assinaladas por uma única palavra em Latim, significando devastada. Além do mais, a estranheza do censo e dos seus pormenores rigorosos granjearam-lhe um epíteto perturbador por parte das pessoas do seu tempo. Ficou conhecido como o Livro do Juízo Final (Doomsday Book).

Durante o século XI, um padre católico irlandês, Máel Máedóc, que viria a ser conhecido como São Malaquias, teve uma visão aquando de uma peregrinação a Roma.

Nesse transe extático, ele recebeu o conhecimento de todos os papas que se seguiriam até ao fim dos tempos. Essa relação notável — uma descrição críptica de 112 papas — foi registada e salvaguardada nos arquivos do Vaticano, mas o livro desapareceu, tendo apenas ressurgido no século XVI. Alguns historiadores acreditam que esse livro recuperado era muito provavelmente uma falsificação. Seja como for, nos séculos que se sucederam, as descrições de cada papa efectuadas no referido livro provaram-se curiosamente exactas — até e incluindo o actual chefe da Igreja Católica, o Papa Bento XVI. Na profecia de Malaquias, o actual papa é catalogado como De Gloria Olivae, a Glória das Oliveiras. E a Ordem Beneditina, de onde o papa retirou o seu nome, tem de facto como símbolo um ramo de oliveira. Mas mais perturbador do que isso, o Papa Bento XVI é o 111.º papa. E segundo essa profecia estranhamente exacta, o mundo termina com o papa seguinte.

NOTA CIENTÍFICA

Entre 2006 e 2008, um terço de todas as abelhas dos Estados Unidos (e em grande parte da Europa e do Canadá) desapareceram. Colmeias prósperas ficaram subitamente vazias, como se as abelhas tivessem simplesmente partido para não mais regressar. Este acontecimento recebeu o nome de Colapso Apícola. Esta perda maciça e misteriosa suscitou receios e títulos noticiosos sensacionalistas. O que aconteceu verdadeiramente às abelhas?

Nas páginas deste livro encontra-se uma resposta... e o mais assustador é que ela é verdadeira.

«Na perseguição final da Sagrada Igreja Católica Romana, reinará Pedro, o Romano, que alimentará o seu rebanho por entre muitas tribulações; após o que a cidade das sete colinas será destruída e o temível Juiz julgará os homens.»
— PROFECIA DE SÃO MALAQUIAS, 1139

«O poder da população é infinitamente maior que o poder de produzir subsistência para o homem na Terra.»
— THOMAS MALTHUS, ENSAIO SOBRE O PRINCÍPIO DA POPULAÇÃO, 1798

«O momento certo para comprar é quando o sangue corre pelas ruas.»
— BARÃO NATHAN ROTHSCHILD, O HOMEM MAIS RICO DO SÉCULO XIX.

Primavera de 1086 - Inglaterra

Os corvos foram o primeiro sinal.

Enquanto a carruagem puxada por cavalos descia o caminho esburacado por entre campos ondulados de cevada, um bando de corvos ergueu-se numa torrente negra.

Lançaram-se no azul da manhã e elevaram-se velozmente num tropel desorientado, que parecia significar mais do que uma usual fuga assustada. Os corvos revoloteavam e investiam, revolviam-se e agitavam-se. Por cima da estrada, esmagavam-se uns contra os outros e precipitavam-se dos céus. Pequenos corpos atingiam o chão, quebrando asas e bicos. Contorciam-se nos sulcos. Asas sacudiam-se debilmente.

Mas o mais perturbador era o silêncio.

Nem um crocitar, nem um guincho.

Apenas o frenético bater de asas — depois o impacto surdo de corpos emplumados sobre a terra batida e a pedra fragmentada.

O condutor da carroça fez o sinal da cruz e abrandou a marcha.

— Segue — disse o viajante que partilhava a carruagem. Martin Borr era o mais novo dos oficiais da coroa enviados para o local por édito secreto do próprio rei Guilherme.

Enquanto se aconchegava mais no pesado manto, Martin recordou a missiva selada a cera e impressa com o grande selo real. Sobrecarregado pelas despesas da guerra, o rei Guilherme enviara uma multidão de oficiais para o terreno, a fim de

reunir uma extensa relação das terras e propriedades do seu reino. A imensa contagem estava a ser registada num volume gigantesco, intitulado Domesday Book (Livro da Grande Inquirição), coligido por um único erudito e redigido sob uma forma críptica de Latim. Essa relação destinava-se a avaliar a tributação exacta devida à coroa.

Ou assim se declarava.

Alguns suspeitavam haver uma outra razão para tal levantamento de todas as terras.

Comparavam o livro à descrição da Bíblia do Juízo Final, em que Deus registava uma relação de todas as dívidas da humanidade no Livro da Vida. Sussurros e rumores começaram a apelidar essa impressionante inquirição de Domsday Book (Livro do Juízo Final).

E estavam mais perto da verdade do que se julgava.

Martin lera a carta selada a cera. Observara o escriba solitário a registar meticulosamente os resultados obtidos pelos oficiais da coroa no grande livro e, no final, vira o erudito rabiscar uma única palavra em Latim, inscrita a tinta vermelha.

Vastare.

Devastada.

Muitas regiões eram marcadas com essa palavra, indicando terras devastadas pela guerra ou por pilhagem. Mas duas entradas tinham sido inscritas inteiramente a carmesim.

Uma descrevia uma ilha solitária entre a costa da Irlanda e o litoral da Inglaterra. Martin aproximava-se, agora, do outro local, para onde fora enviado para proceder a investigações a mandado do rei. Tinha jurado sigilo e foram-lhe atribuídos três homens para o auxiliar. Estes seguiam atrás da carruagem, montados nos seus próprios cavalos.

Ao lado de Martin, o condutor torcia as rédeas e encorajava o animal de tracção, um exemplar acastanhado verdadeiramente gigantesco, a seguir num trote mais apressado. À

medida que avançavam, as rodas da carruagem passavam por cima dos corpos retorcidos dos corvos, esmagando ossos e esguichando sangue.

Finalmente, o carro alcançou o topo de uma elevação, que revelou a extensão de um vale fecundo. Uma pequena povoação aninhava-se no fundo, flanqueada por uma casa senhorial num dos extremos e uma igreja no outro. Uma vintena de casinhas e edifícios maiores de telhado de colmo compunham o restante da aldeia, a par de uns escassos redis de madeira e pequenos pombais.

— Este local está amaldiçoado, milord — disse o condutor. — Acredite no que lhe digo. Não foi uma epidemia que o destruiu.

— Foi isso que viemos averiguar.

Uma légua atrás deles, a circulação na estrada íngreme fora cortada pelo exército do rei. Ninguém tinha permissão para avançar, o que não impedia que os rumores sobre mortes estranhas se espalhassem pelas povoações e herdades vizinhas.

— Amaldiçoado — resmoneou de novo o homem, enquanto preparava o carro para iniciar a descida em direcção à aldeia. — Ouvi dizer que estas terras pertenceram outrora aos celtas pagãos. Eram consideradas sagradas, nos seus modos pagãos. As suas pedras ainda podem ser vistas nas florestas distantes, lá em cima nas terras altas.

O seu braço atrofiado apontava a mata que orlava os montes que se erguiam em direcção ao céu. A névoa apegava-se à floresta, convertendo o verde em gradações sombrias de cinza e preto.

— Eles amaldiçoaram este lugar, é o que lhe digo, fazendo abater a ruína sobre os que carregam a cruz.

Martin Borr rejeitava tais superstições. Com trinta e dois anos de idade, ele estudara com mestres eruditos desde Roma até à Bretanha. E vinha acompanhado de peritos para descobrir a verdade.

Voltando-se para trás, fez sinal aos outros para que avançassem em direcção à pequena povoação e o trio partiu a meio galope. Cada qual conhecia a sua função.

Martin prosseguiu mais lentamente, estudando e avaliando tudo à sua passagem. Isolada naquele pequeno vale de montanha, a aldeia dava pelo nome de Highglen (vale estreito e alto) e era localmente conhecida pela sua cerâmica, forjada a partir de lama e argila recolhidas no exterior das nascentes quentes, que contribuíam para que a névoa se adensasse nas zonas mais altas da floresta. Dizia-se que o método de cozedura e a composição da massa de moldar eram segredos rigorosamente guardados, apenas conhecidos da guilda local.

E agora haviam-se perdido para sempre.

A carruagem rolava pela estrada abaixo, passando por mais campos: centeio, aveia, feijão e fileiras de vegetais. Alguns dos campos mostravam sinais de colheita recente, enquanto outros revelavam ter sido queimados.

Teriam os aldeões suspeitado da verdade?

À medida que a carruagem prosseguia em direcção ao vale, surgiam filas de redis, ladeados por vedações altas que escondiam parcialmente o horror que se apoderara do seu interior. Montículos lanosos, os corpos entumecidos de centenas de ovelhas, pontilhavam as pastagens excessivamente crescidas. Mais perto da aldeia, viam-se igualmente porcos e cabras mortos, estendidos e de olhos cavados. Ao longe, num campo, um boi de ossos largos sucumbira, ainda preso ao seu arado.

Enquanto a carruagem alcançava o largo da povoação, a aldeia permanecia em silêncio. Nem um latido de cão os saudou, nem sequer um cantar de galo ou um

zurrar de burro. O sino da igreja não soou e ninguém interpelou os estranhos que entravam na aldeia.

Um silêncio pesado abatia-se sobre aquele lugar.

Como viriam a descobrir, a maior parte dos mortos jazia no interior das suas casas, demasiado fracos no fim para se aventurarem a sair. Mas um corpo estendia-se de bruços no largo, não muito longe dos degraus de pedra da casa senhorial. Jazia aí como se tivesse caído, talvez tropeçado nos degraus, e partido o pescoço.

Mas mesmo do alto da carruagem, Martin notou a magra extensão de pele sobre os ossos, os olhos fundos enterrados no crânio, a magreza dos membros.

Era o mesmo definhamento verificado nos animais dos campos. Era como se toda a aldeia tivesse estado cercada e tivesse morrido à fome.

O ruído de cascos aproximou-se. Reginald estacou ao lado da carruagem.

— Os celeiros estão cheios — disse ele, limpando o pó das palmas das mãos às calças. O homem alto e cheio de cicatrizes tinha dirigido campanhas em nome do rei Guilherme no Norte de França. — Encontrámos igualmente ratos e ratazanas nas arcas de cereais.

Martin olhou para ele.

— Mortos como tudo o resto. Tal como naquela ilha amaldiçoada.

— Só que agora a devastação alcançou a nossa costa — murmurou Martin. - Entrou nas nossas terras.

Fora por essa razão que tinham sido enviados para aquele local, que a estrada até à aldeia estava vigiada e que o grupo jurara sigilo.

— Girard encontrou um bom corpo — disse Reginald. — Mais fresco do que a maioria.

Um rapaz. Ele instalou-o na oficina do ferrador. — O seu braço forte apontou para um edifício de madeira com uma chaminé de pedra.

Martin assentiu e desceu da carruagem. Ele tinha de ter a certeza e só havia uma maneira de o saber. Enquanto oficial real, essa era a sua função: discernir a verdade a partir dos mortos. Embora de momento deixasse o trabalho mais sangrento para o carnicheiro francês fazer.

Martin encaminhou-se para a porta aberta da oficina. Girard estava no seu interior, arqueado diante da forja fria. O francês servira no exército do rei Guilherme, onde serrara membros e fizera o seu melhor para manter os soldados com vida.

Girard desimpedira uma mesa no centro da oficina e já despira e atara o rapaz à mesa. Martin fitou a figura pálida e franzina. O seu próprio filho era da mesma idade, mas o processo da morte envelhecera aquele pobre miúdo, engelhando-o muito para além dos seus oito ou nove anos.

Enquanto Girard preparava as suas facas, Martin examinou o rapaz mais de perto.

Beliscou-lhe a pele e notou a ausência de matéria gorda por baixo. Examinou-lhe os lábios gretados, os retalhos escamados que evidenciavam perda de cabelo, os tornozelos e pés inchados; mas acima de tudo passou as mãos pelos seus ossos protuberantes, como se tentasse ler um mapa com os seus próprios dedos: costelas, maxilar, órbita ocular, pélvis.

O que acontecera?

Martin sabia que as verdadeiras respostas residiam bastante mais fundo.

Girard dirigiu-se à mesa com uma longa lâmina de prata na mão.

— Vamos ao trabalho, monsieur?

Martin assentiu.

Um quarto de hora mais tarde, o cadáver do rapaz estendia-se sobre a tábua como um porco estripado. A pele, cortada desde a virilha até ao esófago, fora arrancada e pregada à mesa de madeira. Os intestinos permaneciam anichados e firmemente enrolados na cavidade ensanguentada, entumecida e rósea. Sob as costelas, avultava um fígado amarelo acastanhado, demasiado volumoso para um indivíduo tão pequeno, tão reduzido a osso e cartilagem.

Girard penetrou na barriga do rapaz. As suas mãos desapareceram nas profundidades gélidas.

Do lado mais distante, Martin tocou na sua fronte e pronunciou uma silenciosa prece de perdão pela transgressão. Mas era demasiado tarde para conseguir a absolvição por parte do rapaz. Tudo o que o corpo deste podia fazer era confirmar os seus piores receios.

Girard puxou para a frente o estômago do rapaz, emborrachado e esbranquiçado, de onde pendia um baço purpúreo entumecido. Com alguns movimentos da sua faca, o francês libertou a secção de tripas e deixou-a cair sobre a mesa. Um outro deslizar sussurrado da lâmina e o estômago foi aberto. Uma rica mistura verde de pão e cereais por digerir derramou-se sobre a madeira, como uma revoltante cornucópia.

Desprende-se um odor fétido, intenso e forte. Martin tapou a boca e o nariz — não pelo cheiro, mas pela terrível certeza.

— Morte por inanição, isso é evidente — disse Girard. — Mas o rapaz morreu à fome com a barriga cheia.

Martin deu um passo atrás, os membros gelando-lhe. Ali estava a prova. Teriam de examinar outros para ter a certeza. Mas as mortes naquele lugar pareciam semelhantes às da ilha, um lugar marcado a tinta vermelha como devastado no Livro da Grande Inquirição.

Martin fitou o rapaz estripado. Ali estava a razão secreta para a realização do levantamento. Procurar aquele flagelo na pátria, estancá-lo antes que se espalhasse. As mortes eram idênticas às da ilha solitária. Os defuntos pareciam ingerir mais e

mais comida, contudo morrendo à fome, sem encontrar sustento, apenas um desgaste contínuo.

Necessitando de ar, Martin virou costas à mesa e saiu da sombra para a luz do sol.

Olhou ao longe os montes ondeantes, verdejantes e fecundos. Um vento soprou de cima, penteando os campos de cevada e aveia, trigo e centeio. Imaginou um homem à deriva no oceano, a morrer de sede, rodeado de água mas incapaz de beber.

Ali, não era diferente.

Martin estremeceu sob o sol pálido, desejando afastar-se o mais possível daquele vale, mas um grito chamou a sua atenção para o lado direito, para o outro extremo do largo da povoação. Uma figura toda vestida de preto erguia-se diante de uma porta aberta. Por um instante, Martin receou tratar-se da própria Morte, mas então a figura acenou, estilhaçando a ilusão. Era o Abade Orren, o terceiro membro do grupo, que tinha a seu cargo a Abadia de Kells, na Irlanda. Ele erguia-se à entrada da igreja da povoação.

— Venha ver isto! — gritou o abade.

Martin cambaleou na sua direcção. Fora mais um reflexo do que um esforço consciente. Não queria voltar à oficina do ferreiro. Deixaria o rapaz ao cuidado do carnicheiro francês. Martin atravessou o largo da aldeia, subiu os degraus de pedra e juntou-se ao monge católico.

— O que foi, Abade Orren?

O homem voltou-se e encaminhou-se para a igreja.

— Esta blasfémia — cuspiu o abade irlandês -, profanar desta forma este lugar. Não admira que tenham sido todos chacinados.

Martin apressou-se no encalço do abade. O homem ficava esquelético e spectral no seu manto de viagem desproporcionado. De todos eles, fora o único que visitara a ilha ao largo da costa da Irlanda, testemunhando também aí a devastação.

— Encontrou o que procurava? — indagou Martin.

O abade não respondeu e penetrou na igreja tosca. Martin não teve outra escolha a não ser segui-lo. O interior era sombrio, um lugar desolado com um chão de terra coberto de juncos. Não havia bancos e o telhado era baixo e profusamente travejado. A luz provinha apenas de um par de janelas altas e esguias no fundo da igreja. Lançavam veios poeirentos de luz sobre o altar, constituído por uma simples laje de pedra. Um pano de altar devia ter coberto a pedra rude, mas fora arrancado e atirado por terra, muito provavelmente pelo abade na sua busca.

O abade Orren avançou até ao altar e apontou para a pedra nua com um braço tremente. Os ombros agitavam-se-lhe de fúria.

— Blasfémia — repetiu. — Gravar estes símbolos pagãos na casa do Senhor.

Martin encurtou a distância e inclinou-se mais sobre o altar. A pedra fora

inscrita de explosões solares e espirais, de círculos e estranhas formas entrelaçadas, todos claramente pagãos.

— Porque cometeria esta gente devota tal pecado?

— Não me parece que tenham sido os habitantes de Highglen — opinou Martin.

Passou a mão pelo altar. Sob as pontas dos seus dedos, sentiu a antiguidade das marcas, a natureza desgastada das formas inscritas. Eram claramente antigas. Martin recordou a afirmação do condutor de que aquele lugar era amaldiçoado, de que era terreno sagrado para o antigo povo Celta e de que as suas pedras gigantes podiam ser encontradas escondidas nas brumosas florestas das terras altas.

Martin endireitou-se. Uma dessas pedras devia ter sido carregada até Highglen e usada como altar da igreja da povoação.

— Se não foram as pessoas da aldeia que o fizeram, então como explica isto? — inquiriu o abade. Deslocou-se até à parede por detrás do altar e moveu o braço para abarcar a grande marca aí patente. Representava um círculo com um entalhe em cruz no seu interior.

Martin vira marcas semelhantes em pedras tumulares e ruínas antigas. Era um símbolo sagrado do sacerdócio céltico.

— Uma cruz pagã — disse Martin.

— Encontrámo-la também na ilha, gravada em todas as portas.



— Mas o que significa?

O abade tacteu a cruz de prata que pendia do seu próprio pescoço.

— É tal como o rei receava. As serpentes que atormentaram a Irlanda e que foram expulsas por São Patrício voltaram a estas paragens.

Martin sabia que o abade não se referia a verdadeiras cobras dos campos, mas aos sacerdotes pagãos que carregavam bordões recurvados como serpentes, aos líderes druidas do antigo povo celta. São Patrício convertera ou expulsara os pagãos das costas da Irlanda.

Mas isso fora há seis séculos atrás.

Martin voltou-se, fitando para lá da igreja a povoação morta. As palavras de Girard ecoavam na sua cabeça. O rapaz morreu de fome com a barriga cheia.

Nada fazia sentido.

O abade murmurou atrás dele.

— Tem de ser tudo queimado. E o solo coberto de sal.

Martin assentiu, mas uma inquietação crescia no seu peito. Poderia alguma chama destruir verdadeiramente o que ali estava talhado? Ele não sabia ao certo, mas de uma coisa tinha a certeza.

Aquilo ainda não tinha acabado.

Actualidade 8 de Outubro, 23h55 - Cidade do Vaticano

O padre Marco Giovanni escondia-se numa floresta escura de pedra.

Os maciços pilares de mármore sustentavam a cobertura da Basílica de São Pedro e seccionavam o pavimento em capeias, abóbadas e nichos. Obras dos mestres preenchiam o espaço sagrado: a Pietá de Miguel Angelo, o baldaquino de Bemini, a estátua de bronze de São Pedro entronizado.

Marco sabia que não estava sozinho naquela floresta de pedra. Também lá estava dentro um perseguidor, à espera, muito provavelmente ao fundo da igreja.

Três horas antes, recebera uma nota de um colega arqueólogo igualmente servidor da Igreja, o seu antigo mentor na Universidade Gregoriana em Roma. Fora-lhe dito que se encontrasse com ele ali à meia-noite.

Contudo, revelara-se uma armadilha.

Com as costas encostadas a um pilar, Marco mantinha a mão direita pressionada sob o braço esquerdo, estancando o sangue que se derramava pelo flanco. Fora golpeado até às costelas. O líquido quente escorria-lhe pelos dedos. A sua mão esquerda agarrava a prova de que necessitava, uma pequena bolsa de couro, do tamanho de um porta-moedas. Firmou-a com força.

Enquanto se movia para perscrutar a nave, o sangue fluía, salpicando o chão de mármore. Não podia esperar mais, ou ficaria demasiado fraco. Dizendo uma prece silenciosa, afastou-se do pilar e fiigiu pela nave em direcção ao altar papal. Cada passo que dava era uma nova estocada no seu flanco. Mas não fora golpeado por uma lâmina.

A seta tinha-se cravado nas costas do banco depois de lhe abrir o flanco. A arma era curta, grossa e escura. Uma flecha de besta de aço. Do seu esconderijo, Marco estudara-a. Um pequeno díodo brilhara na sua base, como um olho ígneo na escuridão.

Não sabendo mais o que fazer, Marco simplesmente fugia, mantendo-se curvado.

Sabia que muito provavelmente iria morrer, mas o segredo que guardava era mais importante do que a sua própria vida. Ele tinha de sobreviver o tempo

suficiente para alcançar a saída distante, encontrar um dos Guardas Suíços de patrulha e fazer chegar uma mensagem à Santa Sé.

Ignorando a dor e o pânico, correu.

O altar papal erguia-se à sua frente. O dossel de bronze que o encimava, desenhado por Bemini, assentava sobre colunas retorcidas. Marco esquivou-se para a esquerda deste, dirigindo-se para o transepto desse lado. Avistou o monumento maciço a Alexandre VI e a porta resguardada sob ele.

Era a saída para a Piazza Santa Marta.

Se ao menos. .

Um embate no ventre pôs fim a qualquer esperança. Recuou um passo e olhou para baixo. Não tinha sido atingido por um punho. Uma haste de aço encimada por plumas de plástico brotava da sua veste. A dor veio um instante depois, despedaçando-o. Tal como a primeira flecha, aquela também brilhava como um olho ígneo. O díodo assentava numa câmara quadrada na base da haste.

Marco cambaleou para trás. Uma mudança nas sombras junto à porta revelou uma figura ataviada com o traje multicolor da Guarda Suíça, certamente um disfarce. O

assassino baixou a sua besta e abandonou a porta resguardada onde estivera à sua espera.

Marco retrocedeu até ao altar e preparou-se para regressar à nave. Mas avistou um outro homem envergando o uniforme da Guarda Suíça. Estava debruçado sobre as costas do banco e arrancava a flecha cravada na madeira.

Com o terror a suplantar a dor no ventre, Marco voltou-se para o transepto direito, mas viu a sua tentativa de novo frustrada. Uma terceira figura irrompeu das sombras de um confessionário, erguendo uma outra besta.

Estava encurralado.

A basílica tinha a forma de um crucifixo e três dos seus braços estavam agora bloqueados por assassinos. Restava-lhe apenas fugir numa única direcção. A abside, na cabeça da cruz. Mas era um beco sem saída.

Mesmo assim, Marco apressou-se para a abside.

Em frente, erguia-se o Altar da Cadeira de Pedro, um grandioso monumento dourado de santos e anjos que acolhia o assento de madeira de São Pedro. Sobre ele, uma janela oval de alabastro revelava o Espírito Santo sob a forma de uma pomba.

Mas a janela estava escura e não oferecia esperança.

Marco voltou costas à janela e procurou em seu redor. A sua esquerda, repousava o túmulo de Urbano VI I. Uma estátua do cruel segador sob a forma de um esqueleto erguia-se da cripta de mármore do papa, anunciando o destino final de todos os homens. . e talvez a perdição de Marco.

Este sussurrou em latim: «Lilium et Rosa».

O Lírio e a Rosa.

No século XI, um santo irlandês chamado Malaquias tivera uma visão de todos os papas desde o século em que vivia até ao final dos tempos. De acordo com essa visão, haveria no total 112 papas. Ele descreveu cada um deles com uma breve frase críptica.

No caso de Urbano VI I — nascido cinco séculos depois da morte de Malaquias o papa fora designado como «o lírio e a rosa». E tal como as restantes profecias, a descrição revelou-se correcta. O Papa Urbano VI I tinha nascido em Florença e o seu brasão apresentava um lírio vermelho.

Mas o mais perturbador de tudo era que o actual papa precedia o último da lista de São Malaquias. Segundo a profecia, o próximo líder da Igreja assistiria ao fim do mundo.

Marco nunca antes acreditara em tais fantasias — mas com os seus dedos firmemente apertados em torno da pequena bolsa de couro, perguntava-se quão perto estariam de facto do Armagedão.

Passos alertaram Marco. Um dos assassinos aproximava-se. Apenas tinha tempo para uma jogada.

Agiu rapidamente. Estancando o sangramento para não deixar vestígios, desviou-se para o lado para esconder o que devia ser preservado. Depois, regressou ao centro da abside. Sem outro recurso, deixou-se cair de joelhos, aguardando a morte. Os passos abeiraram-se do altar. Uma figura surgiu à vista. O homem parou e olhou em redor.

Não era um dos assassinos.

Nem sequer um estranho.

Marco soltou um gemido de reconhecimento, o que chamou a atenção do recém-chegado. O homem estacou de surpresa, depois aproximou-se rapidamente.

Demasiado fraco para se pôr de pé, Marco apenas conseguia fitar, momentaneamente encurralado entre a esperança e a suspeição. Mas à medida que o homem se aproximava, a sua conduta era claramente de preocupação. Era o antigo professor de Marco, o homem que marcara aquele encontro nocturno.

— Monsenhor Verona. . — arquejou Marco, pondo de lado todas as suspeitas, pois sabia no seu íntimo que aquele homem nunca o trairia. Marco ergueu um braço e mostrou uma mão vazia. A sua outra mão apertava a extremidade emplumada da flecha de aço ainda cravada no seu ventre.

Um tremular de luz chamou a atenção de Marco. Ele viu o díodo vermelho na flecha mudar subitamente para verde.

A explosão projectou Marco pelo chão de mármore, deixando um rasto de sangue, fumo e uma mancha de entranhas. O seu ventre era uma ruína estripada quando caiu de lado aos pés do altar. Os seus olhos rolaram e pousaram no

monumento dourado que se agigantava sobre ele.

Um nome surgiu-lhe indistintamente.

Petrus Romanus.

Pedro, o Romano.

Era esse o último nome da lista profética de São Malaquias, o homem que se seguiria ao actual Santo Padre e que se tornaria o último papa sobre a terra.

Com o fracasso de Marco naquela noite, tal destino não poderia ser evitado.

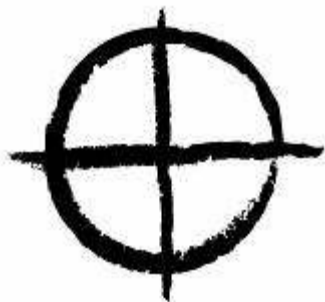
A visão de Marco ensombrou-se. Os seus ouvidos ensurdecaram. Já não tinha forças para falar. Estendido de lado, fitou na ponta oposta da abside o túmulo do Papa Urbano, o esqueleto de bronze que trepava para fora da cripta papal. No seu dedo ossudo, Marco suspendera a minúscula bolsa que protegera durante tanto tempo. Visionou a marca antiga impressa a fogo no couro.

Ela continha a única esperança para o mundo.

Com o seu último sopro, rezou para que fosse suficiente.

— Marco?

Não...



PARTE UM: A ESPIRAL E A CRUZ



Terça, 9 de Maio — Para divulgação imediata: A SEGURANÇA ALIMENTAR MUNDIAL NA MIRA DA VIATUS

OSLO, NORUEGA — (BUSINESS WIRE) — A Viatus International, companhia petroquímica líder do mercado mundial, anunciou hoje a criação da sua nova Divisão de Investigação e Desenvolvimento em Biogenética Cerealífera.

«A missão da nova divisão é desenvolver tecnologias para impulsionar a produtividade agrícola de modo a satisfazer a crescente procura global de alimento e combustível», declarou Ivar Karlsen, CEO da Viatus International.

«Com o estabelecimento da divisão de Biogenética Cerealífera», disse Karlsen, «propomo-nos vencer este desafio com todos os nossos recursos, estabelecendo o equivalente a um Projecto Manhattan agrícola. O fracasso não é opção, nem para a nossa empresa, nem para o mundo.»

Em anos recentes, as tecnologias transgénicas e de hibridação patenteadas pela empresa incrementaram a produção de milho, arroz e outros cereais em cerca de 35%.

Karlsen afirmou que a Viatus prevê a duplicação da taxa de incremento da produtividade nos próximos cinco anos.

Karlsen explicou a necessidade dessa nova divisão durante o seu discurso, hoje, na Cimeira da Alimentação Mundial em Buenos Aires. Citando a Organização Mundial de Saúde, ele sublinhou que um terço do mundo enfrenta a fome. «Encontramo-nos numa crise alimentar global», disse. «A maioria dos que sofrem devido a esse flagelo encontram-se no Terceiro Mundo. Os distúrbios provocados por motivos alimentares estão a alastrar pelo mundo fora e a favorecer a desestabilização de regiões perigosas em todo o globo.»

Karlsen afirmou que a segurança alimentar ultrapassou o petróleo e a água, constituindo uma das maiores crises e um dos maiores desafios do novo milénio. «De um ponto de vista humanitário e segundo uma perspectiva de segurança global, é vital acelerar a produção alimentar através da inovação e da biotecnologia.»

Na liderança da inovação agrícola: a Viatus International é uma empresa com sede em Oslo, na Noruega, e faz parte da lista das 100 melhores empresas divulgada pela revista Fortune. Fundada em 1802, a Viatus produz em cerca de 180 países em todo o globo, melhorando a qualidade de vida das pessoas através da investigação e da inovação. É publicamente negociada na Bolsa de Valores de Nova Iorque sob a designação VI. O nome Viatus deriva do latim via, caminho, e vita, vida.

I - 9 de Outubro, 04h55
Mali, África Ocidental

O som de tiros despertou Jason Gorman de um sono profundo. Precisou de

alguns instantes para se recordar onde estava. Estivera a sonhar que nadava no lago junto à casa de férias paterna, na zona mais a norte de Nova Iorque. Mas a rede mosquiteira que rodeava a sua cama de campanha e o frio do despontar do dia no deserto trouxeram-no de volta ao presente.

A par dos gritos.

Com o coração a martelar, pontapeou o fino lençol e precipitou-se para fora da rede.

No interior da pequena tenda da Cruz Vermelha estava escuro como breu, mas através das paredes de lona um brilho rubro tremulante assinalava um fogo algures, no lado leste do campo de refugiados. Mais chamas ganharam vida, dançando pelas quatro paredes da tenda.

Meu Deus. .

Embora em pânico, Jason sabia o que se passava. Ele fora informado antes de partir para África. Ao longo do último ano, outros campos de refugiados tinham sido atacados por forças rebeldes tuaregues e saqueados devido à falta de alimentos. Como o preço do arroz e do milho haviam triplicado em toda a República do Mali, a capital fora assediada por tumultos. A comida era o novo ouro nos distritos setentrionais do país. Três milhões de pessoas enfrentavam a fome.

Era por isso que ali estava.

O seu pai patrocinava o projecto agrícola experimental que ocupava cerca de 240.000 m² no lado norte do campo, financiado pela Viatus e dirigido por biólogos e genéticos cerealíferos da Universidade de Comel . Eles tinham testado campos de milho geneticamente modificado desenvolvidos nos solos ressequidos da região. Os primeiros campos tinham sido colhidos na semana anterior, cultivados com apenas um terço da água habitualmente necessária para a irrigação. A informação devia ter chegado aos ouvidos errados.

Jason irrompeu da sua tenda de pés descalços. Ainda vestia os calções caqui e a camisa larga que envergava quando caíra na cama na noite anterior. Na escuridão que antecedia a alvorada, o fogo era a única fonte de iluminação.

Os geradores deviam ter sido destruídos.

Disparos automáticos e gritos ecoavam na escuridão. Figuras indistintas precipitavam-se e empurravam-se por todo o lado, refugiados fugindo em pânico. Mas o fluxo era turbulento, sem um destino determinado. Com as detonações das espingardas e o matraquear das armas automáticas oriundos de todos os lados, ninguém sabia em que direcção fugir.

Jason sabia.

Krista ainda se encontrava no bloco de investigação. Três meses antes, ele conhecera-a nos Estados Unidos durante a reunião estatal informativa. Ela começara a partilhar o casulo protegido de Jason apenas no mês anterior. Na noite passada, ela

não o acompanhara. Planeara passar toda a noite a terminar alguns ensaios de ADN sobre o milho recentemente colhido.

Ele tinha de chegar até ela.

Investindo contra a maré, Jason encaminhou-se para o lado norte do campo.

Conforme receava, o tiroteio e as chamas eram aí mais intensos. Os rebeldes tencionavam saquear a colheita. Desde que ninguém os tentasse impedir, não precisariam de matar ninguém. Eles que ficassem com o milho. Uma vez na sua posse, desapareceriam na noite tão rapidamente como tinham surgido. De qualquer forma, o milho seria destruído. Não se destinava sequer a consumo humano, antes de serem efectuados os estudos adicionais.

Ao dobrar uma esquina, Jason tropeçou no primeiro corpo, um adolescente, estendido entre as decrepitas cabanas que ali tinham o estatuto de casas. O rapaz fora alvejado e espezinhado. Jason rastejou para longe do corpo e pôs-se de pé. Fugiu.

Após caminhar outros frenéticos cem metros, alcançou o extremo norte do campo.

Corpos estendiam-se por toda a parte, empilhados uns sobre os outros, homens, mulheres, crianças. Era uma chacina. Alguns corpos haviam sido rasgados ao meio pela descarga das armas automáticas. Do outro lado da zona de mente, as tendas Quonset de investigação do campo erguiam-se como barcos escuros atolados na savana ocidental africana. Não brilhavam luzes aí — apenas chamas.

Krista. .

Jason permaneceu paralisado no mesmo sítio. Queria prosseguir, amaldiçoando a sua cobardia. Mas não se conseguia mexer. Lágrimas de frustração brotaram-lhe dos olhos.

Então, um ruído surdo elevou-se atrás dele. Voltou-se, enquanto um par de helicópteros voava baixo em direcção ao campo sitiado, abarcando o terreno. Deviam ser as forças governamentais da base próxima. A Viatus tinha despendido largas somas de dólares americanos para assegurar a protecção adicional do local.

Jason deixou escapar um arquejo tremente. Os helicópteros certamente afugentariam os rebeldes. Mais confiante, atravessou o campo. Mesmo assim, manteve-se curvado enquanto corria. Apontou às traseiras da tenda mais próxima, que ficava a menos de noventa metros de distância. As sombras mais profundas dissimulá-lo-iam aí e o laboratório de Krista ficava na tenda contígua. Rezou para que ela se tivesse mantido escondida no interior.

Quando alcançava a parede posterior da tenda, uma luz viva brilhou atrás dele. Um potente projector era lançado do helicóptero dianteiro e varria o campo de refugiados.

Jason soltou um suspiro sonoro.

Isso deve assustar os rebeldes. .

Então, de ambos os flancos do helicóptero, explodiu o trepidar de disparos dilacerando o campo. O sangue de Jason gelou. Não se tratava de um ataque cirúrgico contra as forças rebeldes invasoras. Aquilo era uma aniquilação total do campo.

O segundo helicóptero girou para o outro lado do campo, movendo-se em círculos ao longo da periferia. Da sua traseira rolaram cilindros que explodiram, lançando aos céus línguas de fogo. Gritos irromperam mais alto. Jason avistou um homem a fugir para o deserto, despido, mas com a pele ainda em brasa. O bombardeamento estendeu-se na direcção de Jason.

Ele voltou-se e correu para lá da primeira tenda.

Os campos e celeiros estendiam-se à sua frente, mas não havia nenhum lugar seguro.

Figuras obscuras moviam-se no extremo distante das fileiras de milho. Jason teria de arriscar uma corrida final pelo espaço aberto para alcançar o laboratório de investigação de Krista. As janelas estavam escuras e a única entrada dava para o descampado.

Fez uma pausa para se acalmar. Uma corrida rápida e alcançaria o interior da tenda.

Mas antes de se poder mover, novos jactos de fogo irromperam no lado mais distante do campo. Uma fileira de homens empunhando lança-chamas avançava pelas fileiras de milho, incendiando os campos ainda por colher.

Que diabo se estava a passar?

Ao longe, à direita, a torre solitária do celeiro explodiu num turbilhão inflamado que espiralou alto no céu. Em choque, mas aproveitando a distração, Jason precipitou-se para a porta aberta da tenda e mergulhou no interior.

Ao brilho do fogo, o espaço parecia intocado, quase arrumado. A metade posterior da tenda estava repleta de todo o tipo de equipamento científico usado em investigação genética e biológica: microscópios, centrífugas, incubadoras, termocicladores, unidades de electroforese em gel. A direita, havia pequenos compartimentos com computadores portáteis, equipamento de ligação ao satélite e unidades de bateria de reserva.

Um único computador, ainda alimentado por bateria, cintilava, exibindo uma protecção de ecrã. Alojava-se no compartimento de Krista, mas não havia sinal da namorada.

Jason entrou no compartimento e passou o polegar pela placa de comando. A protecção do ecrã desapareceu, substituída por uma conta de e-mail aberta. Era a conta de Krista.

Jason perscrutou em volta da tenda.

Krista devia ter fugido, mas para onde?

Rapidamente, Jason aceitou a sua própria conta de e-mail e seleccionou o endereço do escritório do pai em Capitol Hill. Sustentando a respiração, teclou velozmente enquanto descrevia o ataque em poucas frases lapidárias. Caso não sobrevivesse, queria deixar algum registo. Mesmo antes de carregar no botão de Enviar, teve um momento de discernimento. Os ficheiros de Krista ainda estavam no ecrã. Arrastou-os, anexou-os à mensagem e carregou em Enviar. Ela não queria que se perdessem.

A transmissão do e-mail não foi imediata. Os ficheiros anexados eram extensos e demorariam tempo a carregar. Ele não podia esperar. Jason rezou para que a bateria durasse o suficiente para o e-mail ser enviado.

Receoso de esperar mais tempo, Jason encaminhou-se para a porta. Não tinha meio de saber para onde fugira Krista. Esperou que ela tivesse fugido para o deserto circundante. Era o que ele ia fazer. Aí, havia labirintos de ravinas e aluviões secos.

Poderia esconder-se durante dias, se necessário.

Quando se apressava para sair, uma figura escura surgiu e bloqueou-lhe a passagem.

Jason recuou com um suspiro. A figura penetrou na tenda e sussurrou com surpresa.

— Jase?

Uma sensação de alívio percorreu-o.

— Krista. .

Correu para ela, os braços abertos para a acolher. Ainda poderiam escapar.

— Oh, Jason, graças aos céus!

O alívio dele era equivalente ao dela — até que ela sacou de uma pistola e disparou três vezes contra o seu peito. Os tiros atingiram-no como socos, derrubando-o para trás.

Seguiu-se uma dor ardente, e a noite tornou-se ainda mais escura. À distância, ouviu disparos, explosões e mais gritos.

Krista debruçou-se sobre ele.

— A tua tenda estava vazia. Pensámos que tinhas escapado.

Ele tossiu, incapaz de responder, devido ao sangue que lhe enchia a boca.

Aparentemente satisfeita com o silêncio dele, Krista rodou nos calcanhares e dirigiu-se de volta ao pesadelo de fogo e morte. Estacou, a sua silhueta momentaneamente recortada contra os campos em chamas, e depois desapareceu na noite.

Jason esforçava-se por compreender.

Porquê. .?

Enquanto a escuridão o envolvia, não conseguia encontrar uma resposta para a

sua questão, mas apenas ele ouviu um último som. O portátil no compartimento vizinho ressoou. A mensagem fora enviada.

II - 10 de Outubro, 07h04

Prince William Forest Virgínia

Precisava de andar mais depressa.

Arqueado sobre o estreito guiador do motociclo, o Comandante Grayson Pierce quase voou ao descrever uma curva apertada. Inclinou a sua estrutura de pouco menos de dois metros no sentido da curva, quase rasgando a rótula enquanto a deitava rente ao chão.

O motor rugiu quando ele acelerou e corrigiu a trajectória. O alvo dardejava cinquenta metros à sua frente, conduzindo uma Honda desportiva de menor porte. Gray perseguiu-o num modelo mais antiquado da Yamaha V-Max. Ambas as máquinas estavam equipadas com motores V4, mas a sua era maior e mais pesada. Se quisesse alcançar o alvo, necessitaria de toda a perícia possível.

E talvez de um pouco de sorte.

Tinham chegado a uma curta recta por entre as verdes paisagens da Prince William Forest. Uma densa linha de árvores robustas flanqueava a estrada de duas vias. A mistura de orgulhosas faias e álamos criava um agradável e belo caminho, especialmente agora, em Outubro, quando as folhas começavam a mudar. Infelizmente, a tempestade da noite anterior arrastara a maior parte dessas folhas para o asfalto e misturara-as com a lama escorregadia.

Gray aumentou a potência. A aceleração airebatou-o. Com um mínimo de oscilação, a mota disparava como um foguete pela recta fora, esbatendo a linha de separação central.

Mas o alvo também tirava partido do curso rectilíneo. Até aí, a maior parte da Route 619 fora uma montanha russa de curvas inesperadas, ziguezagues mortíferos e colinas serpenteantes. A perseguição de uma hora fora brutal, mas Gray não podia deixar escapar o outro condutor.

Quando o alvo abrandou para descrever a curva seguinte, a distância entre eles diminuiu. Gray recusou-se a reduzir o andamento. Talvez fosse imprudente, mas ele conhecia as capacidades da sua moto. Depois de a adquirir, tinha pedido a um dos engenheiros de robótica da DARPA — o ramo de investigação e desenvolvimento do Departamento de Defesa — para efectuar algumas modificações.

Eles deviam-lhe um favor.

As ferramentas próprias de Gray — designadas por Sigma — funcionavam como músculo de suporte à DARPA. A equipa consistia em antigos elementos das Forças Especiais retreinados em diversas disciplinas científicas para actuarem como

operacionais no terreno.

Uma das modificações introduzidas era um dispositivo de projecção incorporado no capacete. Ao longo da viseira de protecção, dados tremulavam à esquerda indicando a velocidade, rpm, embraiagem e temperatura do óleo. A direita, um mapa de navegação listava dados prevendo o melhor rácio e velocidade de engrenagem para adaptação ao terreno.

Pelo canto do olho, Gray observou o tacómetro deslizar para a zona vermelha. A seta de navegação piscava em aviso. Estava a aproximar-se da curva demasiado depressa.

Ignorando os dados, Gray manteve a pressão sobre o acelerador.

A distância entre as duas motas encurtou ainda mais.

Trinta metros separavam-nos, agora que atingiam a curva.

Adiante, o fugitivo inclinou a mota e rugiu enquanto descrevia a curva. Segundos depois, Gray alcançou a mesma curva. Ele procurava ganhar mais um metro colando-se ao apertado cotovelo e transpondo a linha central amarela. Felizmente, àquela hora da manhã, as estradas estavam vazias.

Infelizmente, o mesmo não se podia dizer da vida selvagem.

Do outro lado da curva, um urso preto acocorava-se à beira da estrada com uma cria a seu lado. Ambos os focinhos estavam enterrados num saco do McDonald. O

primeiro motociclo passou velozmente pelo par. O ruído e aparecimento súbito do mesmo assustaram a mãe ursa, que se empinou, e a cria agiu por puro instinto, fugindo — precisamente para o meio da estrada.

Gray não conseguiria desviar-se a tempo. Sem outra escolha, guinou a mota e fez uma grande derrapagem. Os pneus fumegaram sobre o asfalto. Quando atingiu a suave terra argilosa da borda oposta, largou a mota e foi projectado para longe. A velocidade adquirida fê-lo deslizar de costas pelas folhas húmidas durante uns bons seis metros.

Atrás de si, a mota embateu num carvalho com um baque sonoro.

Imobilizando-se num pequeno canal, voltou-se. Pôde ver o traseiro da mãe ursa precipitando-se pelo arvoredor, seguido da cria. Aparentemente, tinham ingerido suficiente comida de plástico por um dia.

Um novo ruído insinuou-se.

O rugir de uma mota a aproximar-se velozmente.

Gray endireitou-se. Ao longe, na estrada, o alvo tinha dado meia-volta e disparava de novo na sua direcção.

Bonito..

Gray soltou as presilhas por baixo do queixo e arrancou o capacete.

O outro motociclo projectou-se até à sua posição e travou a fundo à sua frente,

erguendo-se sobre o pneu dianteiro. O condutor era baixo, mas musculado como um pit bull. Quando a moto se imobilizou, o condutor retirou igualmente o capacete, revelando uma cabeça rapada até ao couro. Olhou Gray com um ar preocupado.

— Ainda inteiro?

O condutor era Monk Kokkalis, um outro operacional da Sigma e o melhor amigo de Gray. Os traços duros do homem estavam cinzelados numa expressão de preocupação e cuidado.

— Estou bem. Não esperava um urso na estrada.

— Quem poderia esperar? — Monk esboçou um sorriso largo, enquanto colocava com a bota o descanso no lugar e descia da moto. — Mas não penses em esquivar-te da aposta. Não definiste regras contra obstáculos naturais. O jantar fica por tua conta depois da conferência. Lombo de vaca e a cerveja mais escura que tiverem na steakhouse junto ao lago.

— Tudo bem. Mas quero uma desforra. Tu tiveste uma vantagem injusta.

— Vantagem? Eu? — Monk descalçou uma das luvas para exhibir a sua mão protética.

— Falta-me uma mão. A par de uma porção considerável de memória de longo prazo. E estive retirado durante um ano. Rica vantagem!

Contudo, o sorriso não vacilou enquanto Monk oferecia a sua prótese de engenharia DARPA. Gray aceitou a mão, sentindo o plástico frio apertar-se firmemente à sua volta.

Aqueles mesmos dedos podiam esmagar nozes.

Monk puxou-o.

Quando Gray sacudia as folhas húmidas do seu fato de motociclista Kevlar, o telemóvel ressoou-lhe no bolso do peito. Tirou-o para fora e verificou a identificação da chamada. O maxilar retesou-se.

— É do Quartel-General — comunicou a Monk e levou o aparelho ao ouvido. - Fala o Comandante Pierce.

— Pierce? Já não era sem tempo. Liguei-lhe quatro vezes nesta última hora. E posso saber o que está a fazer no meio de uma floresta na Virgínia? — Era o chefe de Gray, Painter Crowe, director da Sigma.

Tentando encontrar uma explicação adequada, Gray relanceou a sua moto. O GPS do motociclo devia ter traído a sua localização. Gray procurava explicar-se, mas não achava uma desculpa apropriada. Ele e Monk tinham sido enviados de Washington para Quântico para assistir a um simpósio sobre bioterrorismo. Aquele era o seu segundo dia e Gray e Monk tinham decidido faltar às palestras da manhã.

— Deixe-me adivinhar — prosseguiu Painter. — A fazer um passeio clandestino.

— Senhor..

A aspereza na voz do director suavizou-se.

— E então, ajudou Monk?

Como sempre, Painter presumira a verdade. O director tinha uma estranha capacidade de avaliar as situações. Mesmo aquela.

Gray olhou o seu amigo. Monk tinha os braços cruzados sobre o peito e o rosto preocupado. Tinha sido um ano difícil para ele. Fora brutalizado numa unidade de investigação inimiga onde parte do seu cérebro fora extirpada, destruindo-lhe a memória.

Embora tivesse recuperado a restante memória, permaneciam lacunas, e Gray sabia que isso ainda o atormentava.

Nos últimos dois meses, Monk estivera a adaptar-se gradualmente às suas funções na Sigma, embora estas fossem restritas. Desempenhava serviço de secretária e assumia missões menores dentro do território dos Estados Unidos. Estava limitado à recolha de informação e à avaliação de dados, geralmente ao lado da mulher, a Capitão Kat Bryant, que também exercia funções na sede da Sigma e possuía experiência em Inteligência Naval.

Gray sabia que Monk estava a tentar forçar o freio e readquirir a vida que lhe fora subtraída. Todos o tratavam como se fosse uma frágil peça de porcelana e ele começava a ficar irritado com os olhares de simpatia que lhe lançavam e as palavras de encorajamento sussurradas.

Por isso, Gray sugerira aquela corrida de corta-mato pelo parque que ladeava a Reserva da Marinha de Quântico. Esta oferecia uma oportunidade de libertar alguma tensão, de apanhar ar e de correr alguns riscos.

Gray cobriu o telefone com a mão e soprou a Monk.

— Painter está chateado.

O rosto do amigo abriu-se num amplo sorriso.

Gray voltou a colocar o telemóvel junto ao ouvido.

— Eu ouvi — disse o chefe. — E se já acabaram de se divertir, preciso que regressem ao Comando da Sigma, esta tarde. Os dois.

— Sim, senhor. Mas posso saber do que se trata?

Seguiu-se uma longa pausa, como se o director estivesse a pesar o que ia dizer.

Quando respondeu, as suas palavras revelaram-se cuidadosas.

— Trata-se do anterior proprietário desse seu motociclo.

Gray fitou a mota espatifada. O anterior proprietário? Retrocedeu até uma noite há dois anos atrás, recordando o rugir de uma mota que circulava numa estrada suburbana, de luzes apagadas, cujo condutor mortífero era um assassino de lealdade mista.

Gray engoliu para recuperar a voz.

— O que se passa com ela?

— Conto-lhe quando voltar.

13h00

Washington, D. C.

Algumas horas mais tarde, Gray já tinha tomado duche, vestido uns jeans e uma camisola grossa de manga comprida e estava sentado na sala vigiada por satélite do quartel-general da Sigma. Partilhava o espaço com Painter e Monk. No ecrã exibia-se um mapa digital. Mostrava uma linha sinuosa desde a Tailândia até Itália.

O percurso do assassino terminava em Veneza.

A Sigma seguiu-a há mais de um ano. A sua localização estava assinalada com um pequeno triângulo vermelho no monitor computadorizado. Brilhava no meio de um mapa de satélite de Veneza. Edifícios, ruas tortuosas e canais sinuosos eram representados numa escala de cinzas de rigoroso pormenor, até às minúsculas gôndolas imobilizadas no local, capturando um momento no tempo. Esse tempo era indicado no canto do monitor, a par da longitude e da latitude aproximadas da localização do assassino:

10:52:45 GMT OUT 9

LAT 41°52'56.97"N

LONG 12°29'5.19"E

— Há quanto tempo está ela em Veneza? — perguntou Gray.

— Há cerca de um mês.

Painter passou uma mão cansada pelo cabelo e semicerrou os olhos com um ar desconfiado. Parecia exausto. Tinha sido um ano difícil para o director. Pálido por passar grande parte do dia em gabinetes e reuniões, a herança mista de nativo americano de Painter apenas era evidente nos ângulos graníticos do seu rosto e no veio branco do seu cabelo negro, que se assemelhava a uma pena nívea mesclada.

Gray estudava o mapa.

— Sabemos onde ela se encontra?

Painter abanou a cabeça.

— Algures na área de Santa Croce. Trata-se de um dos bairros mais antigos de Veneza, não muito turístico. Um labirinto de pontes, becos e canais. Um lugar onde é fácil arranjar um esconderijo.

Monk estava sentado atrás dos outros dois homens, ajustando a articulação da sua mão profética.

— Mas porque é que Seichan escolheu essa cidade de entre todos os lugares do mundo para se apagar?

Gray fitou o canto do monitor. Exibia uma foto da assassina, uma mulher com perto de trinta anos. As suas feições eram uma amálgama de descendência vietnamita e europeia, possivelmente francesa, a julgar pela pele brônzea, constituição esguia e lábios cheios. Quando Gray se encontrara com ela pela primeira vez há três anos atrás, ela quase o matara, atingindo-o directamente no peito. Ainda agora a via vestida com o mesmo fato completo negro de gola subida e recordava como este aderira à sua forma ágil, insinuando simultaneamente a solidez e a suavidade que este cobria.

Gray visionou igualmente a sua última ligação. Ela fora capturada e mantida prisioneira pelos militares norte-americanos, gravemente ferida e a recuperar de uma cirurgia abdominal. Na altura, Gray ajudara-a a libertar-se da custódia, retribuindo uma dívida contraída depois de ela lhe ter salvo a vida — mas a liberdade dela tivera um preço.

Durante a cirurgia, o chefe de Gray implantara secretamente um detector polimérico passivo no seu abdómen. Era a condição imposta para a sua libertação, uma garantia adicional de poderem vigiar a sua localização e movimentos. Ela era demasiado importante para ser liberta, pois estava intimamente associada a uma alegada rede terrorista conhecida como a Guilda. Ninguém sabia nada sobre os verdadeiros líderes dessa organização — apenas que estava bem entrincheirada e que tinha ramificações e raízes a nível global.

Seichan alegara ser uma agente dupla, com a missão de se infiltrar na Guilda e descobrir quem dirigia verdadeiramente as operações. Contudo, não apresentara provas, além da sua palavra. Gray simulara deixá-la escapar, ao mesmo tempo que mantinha o silêncio sobre o detector implantado. O dispositivo oferecia aos serviços de inteligência norte-americanos uma oportunidade de descobrir algo mais sobre a Guilda.

Mas Gray suspeitava que a sua decisão de desaparecer do mapa em Veneza nada tinha a ver com a Guilda. Sentiu o olhar de Painter fixo em si, como que esperando uma resposta. O rosto do chefe permanecia impassível, estóico, mas um cintilar nos seus olhos azuis gélidos sugeria tratar-se de um teste.

— Ela está a voltar à cena do crime — disse Gray, endireitando-se.

— O quê? — indagou Monk.

Gray indicou com a cabeça o mapa sobreposto.

— A área de Santa Croce alberga igualmente algumas das secções mais antigas da Universidade de Veneza. Há dois anos, ela assassinou um curador de museu nessa cidade, um indivíduo ligado à mesma universidade. Matou-o a sangue frio. Ela disse que fora necessário para proteger a família do homem. A mulher e a filha.

Painter confirmou-o.

— A criança e a mãe vivem de facto nessa área. Temos operacionais no terreno

a tentar determinar a localização dela. Mas o detector é passivo. Não podemos restringir a localização a menos de cinco quilómetros quadrados. Caso ela apareça, temos efectivamente a família do curador sob vigilância. Com tantos olhos à espreita, ela deve estar a ser o mais discreta possível, provavelmente usando um disfarce.

Gray recordou a tensão que transparecia no rosto de Seichan, quando esta tentara justificar o assassinio a sangue frio do curador do museu. Talvez a culpa, e não a Guilda, a tivesse arrastado de novo a Veneza. Mas com que fim? E se ele estivesse errado? E se tudo aquilo não passasse de um astucioso embuste? Seichan era uma estratégia excelente, se não mesmo brilhante.

Estudou o ecrã.

Algo não batia certo.

— Porque me está a mostrar isto neste momento? indagou Gray. A Sigma seguia Seichan há mais de um ano, então porquê esta súbita urgência para o convocar ao comando central?

— Foi filtrada informação da NSA, que passou pela nova direcção da DARPA até nós.

Como não obtivemos dados consistentes depois da libertação de Seichan durante este ano, o poder estabelecido perdeu a paciência em relação à operação e ordenou a sua captura imediata. Ela vai ser levada para um centro de interrogatório para operacionais clandestinos na Bósnia.

— Mas isso é uma loucura. Ela nunca falará. A melhor maneira de descobrirmos algo de concreto sobre a Guilda é através desta operação.

— Concordo. Infelizmente, somos os únicos que mantêm essa posição. Se o Sean ainda estivesse a liderar a DARPA. .

As palavras de Painter perderam-se no meio da dor. O Dr. Sean McKnight tinha sido o fundador da Sigma e era o director da DARPA naquela altura. No ano anterior, ele fora morto durante um assalto ao Comando da Sigma. O novo director da DARPA, o General Gregory Metcalf, que fora empossado há pouco tempo, ainda se encontrava a braços com os efeitos subsequentes ao assalto. Ele e Painter tinham colidido desde então. Gray suspeitava que só o apoio do presidente a Painter Crowe impedira o director de ser destituído. Mas mesmo esse apoio tinha os seus limites.

— Metcalf recusa-se a levantar ondas entre as várias agências de informação secreta e colocou-se ao lado da NSA neste caso.

— Então propõem-se capturá-la.

Painter encolheu os ombros.

— Se o conseguirem. Mas não fazem ideia com quem estão a lidar.

— Eu encontro-me entre missões. Podia ir até lá. Oferecer a minha ajuda.

— Ajuda para quê? Para a encontrar ou para a ajudar a escapar?

Gray permaneceu em silêncio, num turbilhão de sentimentos. Finalmente, disse com firmeza, fitando Painter de modo contundente: — Farei o que me for pedido.

O director abanou a cabeça.

— Se Seichan o vir ou suspeitar sequer que está em Veneza, saberá que está a ser seguida. E perderemos a vantagem que temos sobre ela.

Gray franziu as sobrancelhas, pois sabia que o director tinha razão.

O telefone soou e Painter pegou no auscultador. Gray acolheu com alívio a distração momentânea, enquanto procurava clarificar os seus pensamentos.

— O que se passa, Brant? — perguntou Painter. Enquanto o director escutava a resposta do seu assistente, o vinco entre os seus olhos acentuou-se. — Passe-me a chamada.

Decorrido um instante, Painter estendeu o auscultador a Gray.

— É a Tenente Rachel Verona, está a ligar de Roma.

Gray não conseguiu esconder a surpresa enquanto pegava no auscultador e o encostava ao ouvido. Afastou-se ligeiramente dos outros dois homens.

— Rachel?

De imediato ouviu a sua voz embargada pelas lágrimas. Não soluçava, mas a sua fluência habitualmente viva surgia entrecortada, com interrupções entre as palavras.

— Gray. . preciso da tua ajuda.

— Toda a que precisares. O que se passa?

Não falava com ela há meses. Durante mais de um ano envolvera-se emocionalmente com a tenente de cabelo negro, falando mesmo em casamento, mas no final acabara por não resultar. Ela estava demasiado ligada à sua função nos carabinieri italianos. De igual modo, Gray tinha profundas raízes profissionais e pessoais nos Estados Unidos. A distância revelou-se excessiva.

— E o meu tio Vígor — disse ela. As suas palavras precipitavam-se como se fugissem diante de uma torrente de lágrimas. — A noite passada. Houve uma explosão na Basílica de São Pedro. Ele está em coma.

— Meu Deus, o que aconteceu?

Rachel prosseguiu apressadamente.

— Um outro sacerdote foi morto, um dos seus antigos alunos. Suspeitam de terrorismo. Mas eu não acredito.. eles não me deixam. . não sabia a quem mais recorrer.

— Tudo bem. Posso estar aí no próximo voo. — Gray relanceou Painter. O chefe anuiu, sem solicitar qualquer explicação.

O Monsenhor Vígor Verona auxiliara a Sigma em duas operações anteriores. Os seus conhecimentos de arqueologia e de história antiga tinham-se revelado vitais, a par das suas estreitas ligações no seio da Igreja Católica. Eles tinham para com o

monsenhor uma dívida imensa.

— Obrigada, Gray. — Ela pareceu imediatamente mais calma. — Enviar-te-ei o ficheiro de investigação. Mas há pormenores que foram mantidos à margem do relatório. Informar-te-ei assim que chegares.

Enquanto ela falava, a atenção de Gray recaiu sobre o monitor do computador, especificamente sobre a cintilante marca vermelha no centro de Veneza. A imagem de Seichan fitava-o novamente a partir do canto do ecrã, a expressão fria e zangada. No passado, a assassina partilhara igualmente uma história com Rachel e o seu tio.

E agora estava de volta a Itália.

Uma sensação de mau presságio percorreu-o.

Algo não batia certo em toda aquela situação. Ele pressentia uma tempestade a fermentar ali, mas não sabia em que sentido os ventos sopravam. Só sabia uma coisa com toda a certeza.

— Estarei aí o mais rapidamente que puder — prometeu a Rachel.

III - 10 de Outubro, 07h28

Roma, Itália

Quando a Tenente Rachel Verona saiu do hospital em direcção ao crepúsculo sombrio do centro de Roma, inspirou uma lufada profunda do tonificante ar outonal, e a ansiedade que sentia abrandou um pouco. O vigor do desinfectante dissimulara insuficientemente o cheiro dos corpos debilitados nas camas. Os hospitais tinham sempre um odor terrível.

Pela primeira vez em anos, desejou fumar um cigarro, qualquer coisa que aliviasse o sentimento de apreensão que se formara no seu íntimo a cada hora que passava desde que o seu tio entrara em coma. Ele estava ligado a tubos de alimentação intravenosa; eléctrodos conduziam a máquinas que monitorizavam os seus sinais vitais; um ventilador movia-lhe o peito para cima e para baixo. Parecia uma década mais velho, os seus olhos escurecidos e pisados, a cabeça rapada e enfaixada. Os médicos tinham explicado: hemorragia subdural com uma pequena fractura craniana. Eles monitorizavam de perto a pressão intracraniana. A ressonância magnética não revelara lesão cerebral, mas ele permanecia inconsciente, o que preocupava os médicos. De acordo com o relatório médico e policial, Vigor chegara ao hospital num estado de semidelírio. Antes de mergulhar em coma, repetia incessante e freneticamente uma palavra.

Morte.

Mas o que significava? Saberia Vigor o que acontecera ao outro sacerdote? Ou era apenas delírio?

Não era possível perguntar-lho. Ele permanecia sem reacção.

Contudo, ela estava preocupada. Segurara a mão dele durante praticamente todo o dia, apertando-a ocasionalmente, esperando algum sinal de recuperação. Mas os dedos dele permaneciam lassos, a pele fria, como se algo de vital tivesse escapado do seu corpo, deixando apenas aquele invólucro para trás.

O que torturava especialmente Rachel era não poder ajudar o tio. Vigor praticamente criara-a e ele era a única verdadeira família que ela tinha. Assim, mantivera-se ao seu lado todo o dia, apenas deixando a vigília para fazer a ligação para os Estados Unidos.

Gray estaria ali de manhã.

Era a única boa notícia que recebera nas últimas vinte e quatro horas. Embora não pudesse ajudar a curar Vigor, podia usar os seus recursos para descobrir a verdade que se escondia por detrás do ataque.

De momento, a investigação da explosão que ocorrera na Basílica de São Pedro tinha-se tornado um atoleiro multiagencial, envolvendo tudo, desde os serviços de informação italianos até à Interpol e Europol. Todos pareciam ter chegado ao consenso de que se tratara de um ataque terrorista. Essa avaliação derivava essencialmente da mutilação pós-morte do corpo do sacerdote. Uma estranha marca fora gravada a fogo na sua fronte.

Alguém deixara definitivamente uma mensagem, Mas que mensagem era aquela e a quem se destinava? Até ao momento, nenhum grupo reivindicara a responsabilidade.

Rachel sabia que a maneira mais rápida de descobrir a verdade era iniciar a sua própria investigação, algo com um objectivo mais restrito, mais cirúrgico do que o presente caos gerado pelas várias agências.

Assim, ligara a Gray. Embora tal pedido de ajuda fosse embaraçoso a nível pessoal, ela reconhecia que precisava dos recursos globais da Sigma se quisesse chegar à verdade. Reconhecia igualmente que não o podia fazer sozinha. Precisava de alguém em quem pudesse confiar totalmente. Precisava de Gray.

Mas fora aquele recurso mais do que meramente profissional?

Afastou este último pensamento da mente enquanto atravessava o estacionamento do hospital. Quando chegou junto do seu pequeno Mini Cooper azul, entrou no seu interior e partiu em direcção ao centro de Roma. Deixou a capota descida, e a brisa refrescante ajudou-a a desanuviar, até que um grande autocarro turístico se lhe adiantou selvaticamente, vomitando fumo.

Rachel saiu da via principal e serpenteou por ruas secundárias emolduradas por lojas, cafés e restaurantes. Planeara dirigir-se ao seu apartamento para descansar e ordenar os pensamentos para o dia seguinte, mas, em vez disso, algo a conduziu na direcção do Tibre. Após algumas viragens, a reluzente cúpula de São Pedro surgiu à vista na margem distante.

Prosseguiu, deixando que o tráfego a fizesse convergir para o seu objectivo. Toda a Cidade do Vaticano fora encerrada ao público, desde a explosão. Até mesmo o papa fora transferido por razões de segurança para a residência de Verão em Castel Gandolfo. Mas nada disso detivera o fluxo de turistas e curiosos. Mais que não fosse, a curiosidade engrossara a afluência.

Devido ao congestionamento, Rachel demorou mais meia hora a arranjar um lugar para estacionar. Quando alcançou a barricada policial que encerrava a famosa praça, a noite instalara-se. A Praça de São Pedro estava habitualmente repleta de devotos e oradores inflamados, mas naquele momento estava quase deserta.

Apenas uns escassos homens de uniforme patrulhavam as colunas e a piazza. Um deles estava junto ao obelisco egípcio que se erguia no centro da praça. Todos empunhavam espingardas ao ombro.

Rachel mostrou as suas credenciais junto à barricada.

O agente policial franziu o sobrolho. Era de meia-idade, o ventre bojudo e pernas ligeiramente arqueadas. A polícia municipal e os carabinieri militarizados nem sempre mantinham as melhores relações.

— Porque está aqui? — indagou bruscamente. — Qual é o interesse dos Carabinieri Tutela del Patrimonio Culturale neste ataque?

Era uma questão justa. A sua agência investigava o furto de obras de arte e a comercialização clandestina de antiguidades. Nada tinha a ver com o terrorismo nacional.

Ela não fora autorizada a estar ali. Com efeito, devido à sua ligação com uma das vítimas, fora especificamente avisada para manter a distância.

Mas ela tinha de ver com os seus próprios olhos a cena do crime.

Rachel aclarou a garganta e apontou para diante.

— Venho catalogar e documentar o local da explosão, para verificar que nenhuma obra de arte foi furtada na sequência da deflagração.

— Ah, trabalho de secretária. — A sua voz encrespou-se de desdém. Acrescentou em voz baixa: — Não admira que enviassem uma mulher.

Rachel recusou-se a morder o isco. Recuperou as suas credenciais.

— Se já terminou, é tarde e tenho muito que fazer.

Ele encolheu os ombros e desviou-se, mas muito ligeiramente. Ela teve de roçar no corpo dele para passar. Ele inclinou o corpo na sua direcção, comprimindo-a, tentando intimidá-la com a sua corpulência e estatura. Rachel conhecia o jogo. Numa organização que era em grande parte uma fraternidade masculina, ela era tratada como uma ameaça ou como um alvo a dominar.

A cólera inflamou-se, deflagrando momentaneamente entre a ansiedade e a preocupação. Ela empurrou o brutamontes, mas não sem antes se certificar de que o seu calcanhar encontrava o peito do pé do homem. Enterrou-o com força enquanto

passava por ele.

Ele ganiu de surpresa e recuou de um salto.

— Scusi — desculpou-se ela friamente e prosseguiu em direcção à praça sem olhar para trás.

— Zoccola! — praguejou ele.

Ela ignorou-o e atravessou a piazza vazia. De ambos os lados, os braços envoltos das colunatas de Bemini rodeavam-na. Acelerou o passo quando passou o obelisco e as fontes e avançou em direcção às portas principais da basílica. Lá no alto, a amplitude da cúpula de Miguel Ângelo cintilava contra o céu nocturno.

Caminhando por entre as estátuas gigantescas de São Pedro e São Paulo que montavam guarda diante da basílica, relanceou a inscrição que se encontrava sob a estátua do apóstolo Paulo empunhando a espada. Dizia em hebraico: «Tudo posso Naquele que me fortalece». Ela não sabia ler hebraico, mas o seu tio Vigor ensinara-lhe as palavras quando era criança. Foi buscar forças à mensagem e à memória do tio.

Com renovada determinação, subiu os degraus até à entrada do templo. Encontrou as portas destrancadas. Transpondo o pórtico da igreja, penetrou na nave cavernosa da basílica. Esta estendia-se quase duas centenas de metros à sua frente. A igreja estava escura, à excepção de umas dispersas e tremulantes velas votivas, e no extremo distante da nave, o altar papal irradiava sob o brilho de lâmpadas de sódio portáteis. Mesmo dali, Rachel conseguiu distinguir o cruzamento das fitas de demarcação do crime.

A explosão tivera lugar na abside, a zona por detrás do altar principal. Seguiu pela álea central, ignorando a riqueza da arte, arquitectura e história que a rodeava. A sua atenção estava focada no seu objectivo.

Chegando ao altar-mor, aproximou-se da cena do crime. Aquela hora, a área estava deserta. Nos últimos dois dias, investigadores e peritos tinham percorrido o local com os seus sacos de provas, pincéis, escovas, tubos e frascos de químicos. Já se sabia que a carga explosiva consistira numa forma condensada de heptanitrocubano, uma nova classe de fonte energética poderosa.

Um estremecimento percorreu Rachel, quando fitou em baixo o mármore causticado.

Era o único sinal que restava do ataque. Até mesmo o sangue fora removido. Mas o chão ainda estava marcado com fita, exibindo padrões de projecção e estimando trajectórias de impacto da deflagração. No lado mais distante da abside, um contorno a giz assinalava o local onde aterrara o corpo do Padre Marco Giovanni. Ele fora encontrado aos pés do Altar da Cadeira de São Pedro, sob a janela de alabastro que exibia a pomba do Espírito Santo.

Rachel lera o relatório sobre o jovem sacerdote. Ele fora aluno do tio, um

arqueólogo membro do Vaticano. Segundo o ficheiro, passara a última década na Irlanda, investigando as raízes da Cristandade Céltica, estudando a fusão inicial entre os rituais pagãos e a fé católica. Concentrara-se especificamente no mito que rodeava a Nossa Senhora Negra, uma figura frequentemente tipificada como a fusão entre a Mãe Terra e a Virgem Maria.

Porque teria sido visado tal arqueólogo? Ou seria casual? Teriam o tio e o seu aluno simplesmente estado no lugar errado à hora errada?

Nada fazia sentido.

Rachel engoliu em seco e voltou-se. Tinham encontrado o seu tio prostrado junto ao altar papal, projectado pela onda da detonação, à beira da inconsciência.

Não querendo contaminar a cena do crime, Rachel contornou o exterior da área selada a fita. Subiu os dois degraus do lado esquerdo da abside. Havia pouco espaço.

Deslocou-se ao longo do monumento erigido em memória do Papa Paulo I, com as suas estátuas das virtudes, a Justiça e a Prudência, esculpidas à imagem da irmã e mãe do falecido papa.

Os seus passos abrandaram.

O que estou aqui a fazer?

Rachel ganhou subitamente consciência da quietude sepulcral da basílica, do peso de décadas e da morte, da quantidade de túmulos em redor e sob ela. Não ajudava que do outro lado da abside, no extremo mais distante da cena do crime, se erguesse o túmulo do Papa Urbano VI. Uma estátua de bronze do papa encimava o monumento, a sua mão erguida em bênção. Mas sob os pés, jazia a sua tumba e desta erguia-se um esqueleto de bronze. Uma mão ossuda erecta e gélida escrevia o nome do papa falecido num rolo de pergaminho aberto.

Rachel estremeceu perante a visão.

Habitualmente não era assim tão supersticiosa, mas com o tio Vigor tão perto da morte. . E se o tivesse perdido.. ?

Quis desviar-se, mas o seu olhar demorou-se sobre a macabra estátua, o símbolo da morte. Então lembrou-se. Uma torrente fria percorreu-a, eriçando-lhe a pele.

Morte.

Ela murmurou a única palavra que Vigor repetira incessantemente no seu delírio.

«Morte.»

Estudou a estátua de bronze debruçada sobre a tumba. E se Vigor lhes estivesse a tentar dizer algo, algo que ele sabia?

Rachel apressou-se a contornar a cena do crime até ao outro lado da abside.

Ergueu-se nas pontas dos pés para espreitar mais de perto a estátua, mas,

embora a examinasse atentamente, quase lhe passara despercebido. O fio pardo de couro era do mesmo tom do bronze envelhecido.

Calçou um par de luvas de látex e trepou à borda do túmulo para o alcançar.

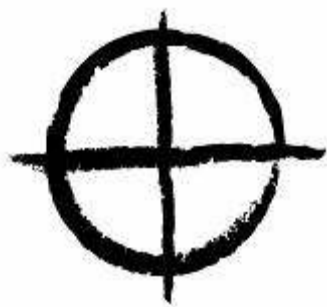
Agarrando o fio, soltou a pequena bolsa meio escondida por detrás da palma ossuda do Cruel Segador. Voltou a descer com o seu prémio na mão. Teria a sua descoberta alguma importância? Ou seria simplesmente um artigo decorativo deixado por um fiel ou turista?

Notou uma marca gravada a fogo no couro. Não lhe dizia nada. Era uma espiral grosseira, como um amuleto mágico.



Desapontada, voltou a pequena bolsa de cabedal. A respiração susteve-se-lhe quando viu o que estava gravado no couro desse lado.

Um círculo com uma cruz no meio.



Ela já vira aquela marca antes.

No relatório forense sobre o corpo do Padre Marco Giovanni.

O mesmo símbolo fora marcado a ferro na fronte do sacerdote morto, linha de ser importante, mas o que significava?

Rachel sabia de um lugar onde poderia procurar uma resposta. Abriu a bolsa e despejou o seu conteúdo na palma da mão. Franziu a testa ao contemplar o único objecto. Parecia um pequeno ramo enegrecido. Aproximou-o mais — e de imediato se apercebeu do seu engano.

O ramo tinha uma unha.

Horrorizada, quase o deixou cair.

O que ela segurava não era um ramo.

Era um dedo humano.

14h55

Washington, D. C.

Painter estava sentado à secretária no seu gabinete sem janelas e rolava um frasco de aspirina entre as palmas das mãos. Uma dor vaga radicara-se-lhe entre os globos oculares, pressagiando uma séria enxaqueca. Agitou o frasco e desejou ter algo mais forte para tornar, qualquer coisa acompanhada por uma boa dose de uísque de malte.

Contudo, trocaria tudo isso por uma massagem no pescoço dada pela sua namorada.

Infelizmente, Lisa estava na Costa Oeste. Tinha ido visitar o irmão alpinista a Yosemite. Só voltaria daí a uma semana. Sozinho, teria de se contentar com o conforto da Bayer Extra Forte.

Durante a última hora, estivera a analisar dados e relatórios, a maioria dos quais ainda podiam ser vistos nos gigantescos monitores LCD de parede que rodeavam a sua secretária. Enquanto fitava um dos ecrãs, desejou pela milésima vez que o seu gabinete tivesse uma janela verdadeira. Talvez fosse aquela sua costela meio índia Mashantucket a manifestar-se, mas precisava de algum tipo de ligação com céus azuis, árvores e os ritmos simples de uma vida normal.

Mas tal nunca iria acontecer.

O seu gabinete, a par do restante do Comando da Sigma, estava enterrado sob o Castelo de Smithsonian no National Mall. As instalações secretas ocupavam os antigos abrigos antiaéreos do castelo da Segunda Guerra Mundial. A localização fora escolhida devido ao fácil acesso aos órgãos do poder e à proximidade das várias instalações de investigação da Smithsonian Institution.

Naquele momento, Painter trocaria tudo isso por uma janela. Contudo, aquela fora a sua casa nos últimos anos e ele nutria um sentimento de grande protecção por aquele espaço. Depois do ataque que sofrera no ano anterior, a Sigma estava ainda em recuperação. Os danos tinham sido bastante mais profundos do que as paredes causticadas e o equipamento destruído. A esfera política de Washington era uma complicada rede de poder, ambição e terríveis inimigos. Era um mundo onde os fracos eram destruídos pelos fortes. E justa ou injustamente, o ataque prejudicava a posição da Sigma entre as forças de inteligência norte-americanas.

Para piorar ainda mais as coisas, Painter suspeitava que os verdadeiros orquestradores do ataque ainda se encontravam a monte. O homem que liderara o ataque, um chefe de divisão da Defense Intelligence Agency, tinha sido afastado por traição, mas Painter não estava muito seguro. O sucesso do ataque implicava que alguém o tivesse apoiado, uma pessoa ainda mais profundamente enraizada na rede política de Washington.

Mas quem?

Painter abanou a cabeça e fitou o relógio. Tais questões teriam de esperar. Dentro de poucos minutos, teria de enfrentar um novo temporal. Ainda não estava preparado para medir forças de novo, mas não tinha outra escolha. Já tivera uma discussão acalorada há duas horas atrás com Gray Pierce. Gray queria que Monk Kokkalis o acompanhasse a Itália, mas Painter não estava convencido de que Monk estivesse preparado para uma operação plena. Os serviços médicos e psicológicos ainda não tinham emitido um relatório de saúde inequívoco.

Além disso, a informação que chegava de Roma era por ora imprecisa. Painter ainda não tinha decidido que operacionais da Sigma se adequavam mais àquela missão ou qual a disciplina científica que melhor complementaria a perícia de Gray em biofísica. A especialidade de Monk Kokkalis era a medicina forense e até ao momento tais aptidões não pareciam necessárias. Ao reconhecê-lo, Gray aquiescera finalmente, mas Painter não o enviara sozinho. Até se obter informação adicional, Gray necessitava apenas de alguns músculos fortes.

E foi o que teve.

Enquanto Painter ponderava tornar uma outra aspirina, o intercomunicador soou na sua mesa. Seguiu-se a voz de Brant.

— Director, tenho o General Metcalf em linha.

Painter aguardava a chamada de teleconferência. Ele lera o e-mail classificado do director da DARPA. Com um suspiro profundo, estabeleceu a ligação e rodou a cadeira para olhar o monitor de parede que se encontrava atrás de si.

O ecrã escuro ganhou cor. O general estava sentado atrás de uma secretária. Gregoiy Metcalf era afro-americano, graduado em West Point e, embora já estivesse nos seus cinquenta e muitos anos, permanecia tão vigoroso e maciço como quando fora linebacker na equipa de futebol de West Point. Os únicos sinais da passagem do tempo eram o seu cabelo grisalho e um par de óculos de leitura que segurava na mão direita. Depois de Metcalf ter sido designado director da DARPA, Painter aprendeu rapidamente a não subestimar a inteligência do homem.

Mas mantinha-se entre ambos um ambiente de circunspecção.

O general inclinou-se para diante e, sem quaisquer preâmbulos, perguntou: — Leu o relatório que lhe enviei sobre o conflito em África?

Que se dane a simples cortesia.

Painter gesticulou na direcção de um dos monitores de parede.

— Li. Além de consultar o relatório da NATO sobre o ataque ao campo da Cruz Vermelha. E fiz também alguma investigação sobre a empresa que dirige a exploração de testagem agrícola.

— Muito bem. Assim não terei de o pôr a par dos acontecimentos para acelerar o processo.

Painter acusou a condescendência.

— Mas ainda não compreendi o que é que isso tem a ver com a Sigma.

— Isso é porque ainda não lho disse, Director.

A dor que Painter sentia entre os olhos agudizou-se.

O general premiu o teclado que estava à sua frente. O ecrã de parede divi-diuiu-se para exibir uma imagem fixa junto à do general. A imagem mostrava um jovem caucasiano, vestindo apenas uns calções e suspenso de uma cruz de madeira no meio de um campo carbonizado e fumegante. A imagem assemelhava-se menos a uma crucificação do que a um espantalho macabro. Como pano de fundo, Painter vislumbrou a savana africana ressequida.

— O nome do jovem é Jason Gorman — disse Metcalf, friamente.

As sobrancelhas de Painter estreitaram-se.

— Gorman. Como o do Senador Gorman?

O nome do senador surgira durante a pesquisa de Painter sobre a Viatus Corporation.

Sebastian Gorman era o líder da Comissão do Senado sobre Agricultura, Nutrição e Silvicultura. Era um poderoso defensor do desenvolvimento de alimentos geneticamente modificados como meio de fazer face à fome no mundo e de fornecer novos recursos em biocombustíveis.

O general aclarou a garganta, chamando novamente a atenção aturdida de Painter.

— Este é o filho do Senador Gorman. Tem vinte e três anos. O jovem possuía um mestrado em biologia molecular vegetal e estava a preparar o doutoramento, mas foi para o Mali em grande parte para servir de olhos e ouvidos do senador em relação ao projecto aí desenvolvido.

Painter começava a compreender por que razão aquela crise atingira os níveis que atingira em Washington. O poderoso senador, certamente perturbado e querendo obter respostas sobre a morte do filho, devia estar a agitar todo o Capitol Hill. Mas mesmo assim, Painter não compreendia qual era o papel da Sigma naquele caso. Segundo o relatório da NATO, o ataque fora perpetrado por rebeldes tuaregues, uma força brutal que atormentava constantemente aquela república da África Ocidental.

Metcalf prosseguiu: — O Senador Gorman recebeu uma mensagem de e-mail do filho na manhã do ataque. Descrevia o ataque em poucas frases lapidares. Pelas descrições dos helicópteros e dos bombardeamentos de napalm, podemos depreender que o ataque foi militarizado e de larga escala, quer em força, quer em amplitude.

Painter endireitou-se no seu lugar.

— Anexado ao mesmo e-mail estava um conjunto de ficheiros de investigação.

O

senador não compreendeu por que razão tinha sido enviado, nem conseguiu decifrar o seu conteúdo científico. Sem saber o que fazer, enviou-os ao professor que acompanhava o doutoramento do filho na Universidade de Princeton, o Doutor Henry Maloy.

— Gostaria de ver esses ficheiros — disse Painter, começando a entender por que motivo a Sigma fora chamada a intervir. O estranho ataque, a investigação críptica, tudo se enquadrava no campo de acção da Sigma. A mente de Painter começava já a preparar a logística e a traçar um plano de acção. — Consigo ter uma pessoa no campo do Mali dentro de vinte e quatro horas.

— Não. O seu papel neste assunto será limitado. — A voz de Metcalf transmitia uma ameaça implícita. — Esta questão já está a tornar-se um atoleiro político. O Senador Gorman encetou uma verdadeira caça às bruxas, procurando desesperadamente um culpado.

— General. . — principiou Painter.

— E a Sigma já se encontra em terreno frágil. Um passo em falso e ninguém será capaz de juntar os cacos.

Painter conteve uma reacção mais veemente, deixando escoar para longe a falta de confiança implícita no seu grupo. Ele tinha de escolher as lutas a travar com aquele homem. E aquela não era uma delas.

— Então que papel prevê para a Sigma?

— Reunir informação sobre estes ficheiros e determinar se justificam uma investigação adicional. E o ponto de partida é o Doutor Maloy. Quero que o entrevistem e que os ficheiros sejam revistos.

— Posso enviar uma equipa esta tarde.

— Óptimo. Mas há mais uma coisa. Uma coisa de que gostava que se ocupasse pessoalmente.

— De que se trata?

— Há uma informação que foi mantida sigilosa até ao momento. Quero que se ocupe do assunto. — O general premiu o teclado e a imagem amplificou-se, focando o rosto de Jason Gorman. — Quem enforcou o rapaz, mutilou-lhe o corpo.

Painter levantou-se e aproximou-se mais do monitor de parede. Um símbolo fora gravado na fronte do jovem, como se alguém lhe tivesse aplicado um ferro em brasa. Um círculo e uma cruz.

Quero saber porque o fizeram — disse Metcalf. — E o que significa.

Painter assentiu lentamente.

Também ele queria o mesmo.

Roma, Itália Rachel fez deslizar o seu Mini Cooper para o lugar de estacionamento do seu bloco de apartamentos. Sentada atrás do volante, deteve-se mais um instante a pensar no que fizera. No lugar do passageiro, jazia o pequeno saco de plástico transparente albergando a puída bolsa de couro e o seu conteúdo macabro.

Deixara a Basílica de São Pedro sem contar a ninguém o que descobrira.

É tarde, justificara-se interiormente, posso entregá-la aos investigadores amanhã de manhã. Elaborarei, então, um relatório completo.

Mas Rachel reconhecia a verdade profunda que se escondia por detrás do seu furto.

Tinham sido as palavras do tio a guiá-la até à bolsa escondida. Ela sentira um certo sentimento de posse em relação à sua descoberta. Se entregasse a bolsa às autoridades, não apenas seria repreendida por intromissão num caso que estava para além da sua jurisdição, como também seria totalmente afastada do processo. Poderia nunca descobrir o significado da bolsa. E, por último, não podia ignorar uma ponta de orgulho. Mais ninguém encontrara a bolsa. Ela confiava mais nos seus instintos do que na desordem e no caos que constituíam aquela investigação internacional e interdepartamental.

E os seus instintos diziam-lhe que estava fora do seu elemento. Ela precisava de ajuda. Esperaria até Gray chegar na manhã seguinte, escutaria a sua opinião e avançaria a partir daí.

Decidido o plano de acção, Rachel agarrou na prova e guardou-a no casaco. Saiu do carro e dirigiu-se às escadas. O apartamento ficava no terceiro piso. Embora pequeno, tinha da sua varanda uma agradável vista sobre o Coliseu.

Chegando ao patamar do terceiro piso, empurrou a porta do vão das escadas. Ao seguir pelo corredor, notou duas coisas. A Sr.a Rossel i estava a cozinhar de novo com demasiado alho e uma luz irradiava por debaixo da sua porta.

Rachel estacou. Ela desligava sempre as luzes antes de sair do apartamento. Mas, por outro lado, estava perturbada nessa manhã. Talvez se tivesse esquecido.

Não querendo correr riscos, ergueu-se ligeiramente nas pontas dos pés e deslizou silenciosamente pelo corredor. A cidade era assolada por ladrões e carteiristas e os assaltos não eram incomuns naquela zona. Os seus olhos mantinham-se fixos na faixa de luz sob a sua porta. Enquanto se aproximava, uma sombra escureceu o brilho.

A pele de Rachel gelou.

Estava alguém no seu apartamento.

Praguejando em voz baixa, recuou. Não tinha arma. Considerou bater à porta da Sr.a Rossel i, sair do corredor, mas o alho já lhe feria o olfacto. No interior do estreito apartamento da mulher, os fumos seriam incapacitantes. Em vez disso,

procurou num dos bolsos e tirou para fora o telemóvel.

Retrocedeu até à porta que dava para o vão das escadas e empurrou-a com força, mantendo um olho fixo na sua porta. Quando pisou o patamar, algo frio foi pressionado contra a sua nuca.

Reconheceu o cano de uma pistola.

Uma voz dura confirmou a ameaça.

— Não se mexa.

IV - 10 de Outubro, 15h28

Rockville, Maryland

folouk balouçava a sua filha pequena sobre o joelho. Penelope guinchava, exibindo um sorriso apatetado que claramente herdara do pai. Felizmente, era a única coisa que lhe vinha dele. Os caracóis castanho-claros e as feições delicadas eram idênticos aos da mãe.

— Monk, se a fazes bolsar. .!

Kat surgiu da cozinha, secando as mãos numa toalha. Ainda envergava o uniforme azul. Voltara de Capitol Hil há uma hora atrás, onde estivera a sondar antigos contactos em nome da Sigma, ajudando Painter Crowe a escorar alguns apoios políticos. A única concessão que fizera por estar em casa fora soltar o cabelo e deixar toda a sua cascata derramar-se pelos ombros abaixo.

Monk permanecia vestido com calças de treino e T-shirt. Depois de deixar Gray no aeroporto, voltara directamente para a sua nova casa nos subúrbios de Maryland. Que mais poderia fazer? Ele sabia que Gray intervieria em sua defesa, que tentara incluí-lo na investigação em Itália. Mas fora tempo perdido.

Colocou a bebé no colo.

— Tenho o biberão quente — disse Kat, avançando para ele com os braços estendidos para pegar em Penelope. Subitamente, tropeçou, deu um salto e recuperou o equilíbrio. Fitou o chão. — Monk, quantas vezes já te pedi para não deixares a tua mão por aí?

Monk friccionou a extremidade do pulso.

— A nova prótese ainda me magoa.

Kat respirou fundo e pegou em Penelope.

Sabes quanto custa uma coisa dessas?

Monk encolheu os ombros. A nova criação protética da DARPA era uma maravilha da bioengenharia, pois incorporava as últimas inovações em mecânica e actuadores, permitindo assim uma reacção sensorial e movimentos cirurgicamente precisos.

Adicionalmente, a extremidade decepada do pulso de Monk fora introduzida

num punho polissintético, cirurgicamente ligado e conectado a feixes nervosos e tendões musculares.

Monk manipulou os contactos de titânio na bainha do pulso. No chão, a mão desligada do corpo ergueu-se sobre os dedos, activada remotamente a partir dos controlos do punho. A mão protética podia ser a força, mas o punho era o cérebro. Monk guiou a mão de volta ao sofá, pegou nela e fixou-a de novo ao pulso. Flectiu os dedos.

— Continua a magoar-me — resmoneou.

Kat deu meia-volta para regressar à cozinha, mas Monk bateu ao de leve no lugar ao seu lado. Kat suspirou mais uma vez e juntou-se-lhe. Monk puxou-a para perto de si, aspirando uma lufada do seu cabelo e o aroma a jasmim. Ela encostou-se a ele.

Sentaram-se juntos em silêncio. Penelope dormitava, com uma mão enroscada contra os lábios. Era bom envolver toda a família num único abraço.

Por fim, Kat falou, branda e gentilmente.

— Lamento não teres ido a Itália.

Monk rolou os olhos. Ele não lhe dissera uma palavra sobre o assunto. Era um tema sensível entre ambos. Mas ele devia saber que ela acabaria por descobrir. Com todos os seus contactos nas unidades de informação, era difícil esconder-lhe segredos.

Ela voltou-se para o encarar. Ele reconheceu um misto de emoções na suave preocupação dos seus olhos e na linha de ansiedade dos seus lábios. Ela sabia o quanto ele queria voltar a trabalhar no terreno, mas o seu receio que algo de mau lhe acontecesse era evidente. Ele relanceou a mão protética. Não era um temor infundado.

Contudo, ele amava o seu trabalho e sabia o quanto era importante.

No último ano, enquanto recuperava dos ferimentos — mentais e físicos —, ele acabara por o reconhecer mais plenamente. Embora amasse a sua família e admitisse as suas responsabilidades nesse plano, sabia igualmente como a Sigma era vital para a manutenção da segurança no mundo. E detestava ser posto de parte.

— Ouvi dizer que recebeste uma nova missão, hoje — disse Kat.

— Apenas mais papelada — queixou-se. — Vou a Nova Jérсия entrevistar um intelectual sobre uns ficheiros de investigação em Princeton. Estarei de volta à meia-noite.

Kat relanceou o relógio.

— Então, não devias estar a preparar-te?

— Tenho tempo. O Director Crowe vai enviar um outro agente para me acompanhar.

Um indivíduo com conhecimentos em genética. Um novo recruta.

— John Creed.

Monk remexeu-se e olhou-a.

— Há alguma coisa que tu não saibas?

Ela sorriu, inclinou-se e beijou-o.

— Sei que o biberão da Penelope está a ficar frio.

A mão protética de Monk cerrou-se em torno do ombro dela, impedindo-a de se levantar.

— E eu sei que o biberão dela se pode voltar a aquecer. — A sua voz tornou-se mais rouca. — E ainda tenho mais meia hora.

— Uma meia hora completa? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Estás a ficar ambicioso.

O rosto de Monk abriu-se num sorriso oblíquo.

— Não faças pouco de mim.

Ela beijou-o de novo, desta vez demoradamente, e sussurrou: — Nunca.

16h44

Princeton, Nova Jérnia

Sozinho no laboratório subterrâneo, o Dr. Henry Maloy fez correr a simulação computadorizada pela terceira vez. Enquanto esperava, abanava a cabeça. Não fazia sentido.

Reclinou-se e esticou-se. Estivera a compilar os dados enviados do gabinete do Senador Gorman nas últimas vinte e quatro horas. Dado o volume de dados brutos recebidos, precisara da estação de referenciação Asymetrix do laboratório para analisar todos os estudos e ensaios de ADN contidos nos ficheiros.

Um toque na porta chamou a sua atenção. O laboratório mantinha-se encerrado para proteger a sua condição de isenção de ozono. Só se podia aceder àquele espaço com um cartão magnético de proximidade.

Ainda com alguns minutos para proceder à análise, caminhou até à porta e abriu-a com um sussurro silencioso de ar pressurizado. Era uma das suas alunas do doutoramento, Andrea Solderitch. Henry contratara-a como sua assistente. Ela era atraente, com um corpo bem modelado e cabelo castanho avermelhado, mas já não era uma rapariguinha de vinte e poucos anos. Andava pelos cinquenta e decidira mudar de carreira. Era enfermeira diplomada e especializada em diálise. E como passavam muitas horas juntos, ele preferia uma pessoa que se enquadrasse na sua própria geração. Até gostavam do mesmo tipo de música, que ele a apanhava frequentemente a trautear baixinho.

De momento, contudo, a expressão dela revelava preocupação.

— Que se passa, Andrea? — perguntou.

Ela ergueu um molho de post-its.

— Ligaram três vezes do gabinete do Senador Gorman para saber notícias dos seus progressos.

Henry pegou nas notas. Detestava ter alguém em cima dele a controlá-lo, mas compreendia também a perturbação do senador. Embora Jason Gorman tivesse sido simplesmente mais um aluno de Henry, sentia um pesar profundo pela morte extemporânea do rapaz, especialmente tendo em conta a brutalidade que a envolvera.

— Vim igualmente lembrar-lhe que tem uma reunião com o Doutor Kokkalis, de Washington, dentro de uma hora. Entretanto quer que lhe vá buscar alguma coisa ao bar?

— Eu estou bem, mas já que aqui está, dava-me jeito que um par de olhos suplementares lesse estes dados. Sobretudo antes de falar com Washington. Diga-me o que acha.

A expressão da mulher abriu-se, dissimulando com dificuldade a sua satisfação.

— E agradeço-lhe por ter vindo trabalhar no seu dia de folga — acrescentou ele, enquanto ela se dirigia para o computador. — Não poderia ter feito tudo isto sem a sua ajuda.

— Não tem importância, Doutor Maloy.

A modelação computadorizada terminara finalmente o seu terceiro curso. O ecrã exibia o mapeamento cromossómico da amostra de milho plantada no campo de testagem em África. Todos os cromossomas eram negros, menos um único destacado a branco.



Henry indicou-o dando um toque no ecrã.

— Pode ver aqui o ADN exógeno de radiomarcação introduzido no milho geneticamente modificado.

Andrea aproximou-se mais. A curiosidade fazia enrugar a testa.

— Qual é a fonte do ADN? Bacteriana?

— Muito provavelmente. Mas não posso dizer ao certo.

Contudo, Andrea acertara no alvo. A maioria das modificações genéticas era produzida através de recombinação bacteriana e entrecruzamento genético, tornando

os traços benéficos de certas bactérias e incorporando-os no genoma da planta. Um dos primeiros sucessos ocorreu quando genes do *Bacillus thuringiensis* foram introduzidos na planta do tabaco. Aqueles tornaram as plantas mais resistentes aos insectos, exigindo um menor recurso a insecticidas nos campos. O mesmo método era agora usado no milho.

Este tipo de biotecnologia tornara-se tão prevalecente nos últimos dez anos que presentemente um terço de todo o milho cultivado nos Estados Unidos era geneticamente modificado.

— Se não é ADN bacteriano — inquiriu Andrea — o que é então?

— Não sei. Foi patenteado e classificado pela Viatus. É apenas indicado no ficheiro como Dt222. Dt significa drought tolerant, tolerante à seca. Mas não era isto que lhe queria mostrar. — Henry apontou para o ecrã. — Esta análise foi-me enviada por Jason Gorman há dois meses atrás.

— Há dois meses?

— Eu sei. O rapaz estava tão entusiasmado por estar envolvido naquele estudo de campo africano. Não devia revelar tal informação. Representava uma violação do acordo de confidencialidade. Avisei-o para ser mais discreto e não fazer grandes ondas. Posso imaginar o seu desespero naquela derradeira manhã. Contudo, teve a previdência de preservar os dados que conseguiu obter.

Andrea assentiu.

— O que enviou ele nessa derradeira manhã?

Henry premiu o teclado, procurando os últimos dados.

— Déixe-me mostrar-lhe. Eles tinham acabado de colher a primeira geração de milho a partir das sementes plantadas. Ele enviou a análise completa da colheita, incluindo um exame de ADN completo. Estes são os resultados.

No ecrã, surgiu um segundo conjunto de cromossomas, de novo a maioria deles codificados a preto, indicando ADN de milho comum. Mas em lugar de um único cromossoma branco, um segundo cromossoma acima dele apresentava-se pontado a preto e branco.



— Não compreendo — disse Andrea.

— Veja mais de perto.

Henry ampliou a imagem do cromossoma transformado. Este mostrava agora um nítido mapeamento dos genes individuais, exibindo listas pretas e brancas.



Henry explicou: — O ADN exógeno está a incorporar-se num outro cromossoma, invadindo o seu vizinho.

— Está a espalhar-se?

Ele recostou-se e fitou Andrea. Permitiu que algum entusiasmo se apoderasse da sua voz.

— Não sei dizer ao certo. Mas compilei os dados três vezes. Talvez a primeira amostra que Jason enviou fosse de um híbrido diferente. Podiam estar a testar mais do que uma versão de milho. Mas se não o estivessem, tal pode sugerir que a modificação genética é instável. Que mudou de uma geração para a outra. A amostra tornou-se mais elemento exógeno e menos milho.

— O que é que isso significa?

Ele encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Mas alguém tem de saber disto. Já passei a informação à divisão de Biogenética Cerealífera da Viatus. Estou certo de que quererão estar na posse destes dados. Posso mesmo vir a conseguir uma nova subvenção por parte da empresa.

Andrea transferiu o peso de um pé para o outro.

— Então talvez eu consiga aquele aumento que está sempre a insinuar. — Um esboço de sorriso despontou no seu rosto, captando um pouco do entusiasmo dele.

— Veremos.

Andrea consultou o relógio.

— Se não precisa de mim, acho que vou para casa. Os meus cães estiveram enclausurados todo o dia. Provavelmente estão de pernas traseiras traçadas e aos pulos para sair.

Henry acompanhou-a à porta.

— Obrigado mais uma vez por ter vindo no seu dia de folga.

Andrea estacou à porta.

— Tem a certeza de que não quer que lhe vá buscar alguma coisa para comer antes de me ir embora?

— Não, vou finalizar a análise e carregá-la no servidor. Não deve demorar muito.

Ela acenou enquanto partia. A porta fechou-se com um ruído surdo atrás dela.

Henry regressou ao seu posto de computação. Levaria menos de uma hora a formalizar o seu relatório. Embora os ficheiros que Jason enviara de 3África lançassem pouca luz sobre a morte do jovem, ilustravam uma índole corajosa, algo de que o pai se podia orgulhar.

— Portaste-te muito bem, Jason — murmurou Henry, enquanto procedia a uma revisão final de todos os ficheiros.

Nos quinze minutos que se seguiram, introduziu algumas notas e observações. Ele queria impressionar a Viatus. A sua divisão de Biogenética Cerealífera contratava laboratórios de todo o mundo para proceder a análises, na sua maioria sediados na Índia e na Europa de Leste naquele momento, onde os custos eram menores. Mas o laboratório genómico de Princeton era um dos melhores do mundo. Se conseguisse persuadir a empresa a inverter o sentido..

Um sorriso indolente desenhou-se no seu rosto enquanto trabalhava.

Um toque na porta interrompeu-o de novo. O sorriso alargou-se. Se bem conhecia Andrea, ela não o seguira à letra. Devia ter ido ao bar buscar algo para ele comer.

— Só um momento! — disse em tom sonoro. Atravessou o laboratório e passou o cartão magnético para desbloquear a porta.

17h30

Monk entrou para o táxi no exterior da estação de comboios. O seu parceiro já se encontrava no banco de trás, a dar indicações ao motorista.

— Para o Laboratório Cari Icahn no campus de Princeton. Fica na Washington Road.

Monk instalou-se no lugar ao lado do seu colega, endireitou o casaco e recostou-se.

Pousou uma pasta no colo. Fitou a Tanner Krol e personalizada e passou uma mão pelo seu couro bridle inglês. Fora um presente de aniversário de Kat, há dois meses atrás, quando voltara formalmente ao trabalho, por muito limitado que este fosse. Ele entendera a mensagem implícita que jazia por detrás da dispendiosa oferta. Kat estava mais do que feliz por tê-lo a tratar de papelada, a apresentar relatórios e a conduzir entrevistas de rotina. Qualquer coisa que o afastasse do caminho do perigo.

Suspirou, o que lhe mereceu um relancear do novo parceiro.

John Creed remexia-se ligeiramente no seu lugar. Embora seco como um terrier

esfaimado, o homem tinha mais de dois metros. Era um dos mais recentes recrutas da Sigma, perfeitamente barbeado, de cabelo ruivo escorrido e a maior parte do rosto coberta de sardas. Apesar das feições juvenis, a expressão mantinha-se firmemente rígida.

Monk franziu a testa e colocou-lhe uma questão que o assaltava desde que se tinham conhecido.

— Então, miúdo, que idade tens? Catorze? Quinze?

— Vinte e cinco.

Monk tentou dissimular a sua incredulidade. Parecia impossível. Apenas sete anos os separavam? Monk flectiu a sua mão protética, consciente de que muito podia acontecer em sete anos. Contudo, estudou o companheiro com mais atenção pela primeira vez, tentando calcular-lhe a estatura.

Durante a viagem de comboio desde Washington, Monk lera a informação disponível sobre o Dr. Henry Maloy, mas apenas conhecia uma brevíssima biografia do seu companheiro de percurso. Creed era do Ohio, deixara os estudos de medicina ao fim do primeiro ano e servira durante dois anos em Kabul como soldado de infantaria. Estilhaços de um dispositivo explosivo improvisado tinham-no deixado com uma deficiência de locomoção permanente. Tentara um terceiro alistamento, mas acabara por ser dispensado, embora os pormenores sobre esse assunto fossem menos claros. Devido ao seu excelente desempenho em testes e aos seus antecedentes, foi recrutado pela Sigma e recebera formação em genética em Comel .

No entanto, o miúdo parecia andar no liceu.

— E então, Doogie — continuou Monk —, há quanto tempo estás activo?

Creed simplesmente encarou Monk, claramente habituado a gracejos, devido à sua aparência juvenil.

— Terminei Comel há três meses — respondeu com rigidez. — Estou em D. C. há dois meses. Em grande parte a tentar ambientar-me.

— Portanto, esta é a tua primeira missão?

— Se chama a isto missão.. — resmungou e fitou o exterior através da janela lateral.

Embora Monk se sentisse da mesma maneira, eriçou-se.

— Nada é trivial quando se trata de trabalho de campo. Todos os pormenores são importantes. O pedaço de informação certo pode sustentar ou fazer ruir um caso. É algo que precisas de aprender, Doogie.

Creed relanceou-o. O seu olhar rígido tornou-se um tanto acanhado.

— OK. Sugestão aceite.

Monk cruzou os braços, pouco satisfeito.

Miúdos. Pensam que sabem tudo.

Abanando a cabeça, Monk voltou a sua atenção para o exterior, à medida que o

táxi atravessava o campus de Princeton. Era como se um pedaço verdejante de Inglaterra tivesse sido largado no meio de Nova Jérсия. As folhas outonais espalhadas por verdes relvados ondulados, as paredes cobertas de hera dos edifícios góticos de pedra e até mesmo os dormitórios pareciam saídos de uma impressão da Cunier & Ives.

Enquanto deslizavam por aquele mundo bucólico, rapidamente alcançaram o seu destino. O táxi imobilizou-se na curva e eles apearam-se.

O Laboratório Cari Icahn ocupava um recanto de uma ampla extensão de verde.

Embora muitas das estruturas de Princeton datassem dos séculos XVI I e XIX, o laboratório tinha apenas alguns anos de idade e era um assombroso exemplar de arquitectura moderna. Dois edifícios rectangulares erguiam-se perpendicularmente, albergando os laboratórios principais. A uni-los, havia um átrio redondo de dois pisos, voltado para o parque.

Era aí que se deviam encontrar com o Dr. Henry Maloy.

— Preparado? — perguntou Monk, enquanto consultava o relógio. Estavam cinco minutos atrasados.

— Preparado para quê?

— Para a entrevista.

— Pensei que você conduziria a conversa com o professor.

— Não. É tudo contigo, Doogie.

Creed respirou fundo pelo nariz.

— Tudo bem.

Entraram no edifício e avançaram em direcção ao átrio. Uma parede curva de vidro da altura de dois pisos dava para o relvado do parque. Venezianas de doze metros seccionavam as janelas e estavam programadas para se mover com o sol. Lançavam longas sombras no átrio, matizando cadeiras e mesas. Viam-se grupos de estudantes sentados a conversar, as mãos permanentemente grudadas a chávenas de café.

Monk olhou em seu redor e avistou o local onde deveriam encontrar-se com o Dr. Maloy. Era difícil de falhar.

— Por aqui — disse e conduziu o companheiro ao longo do átrio.

Ao fundo, junto a umas escadas, erguia-se uma escultura da altura de um piso.

Parecia uma concha de molusco meio fundida. Mesmo que não se tivesse informado, Monk teria reconhecido o traço arquitectural de Frank Gehry. A concha abrigava uma pequena sala de conferências nas suas pregas. Algumas pessoas já se encontravam sentadas à mesa quadrada.

Monk atravessou a sala na sua direcção. À medida que se aproximava, percebeu que eram todos demasiado jovens. Na sua pasta, Monk tinha uma fotografia do Dr. Maloy. O

homem não estava definitivamente ali.

Talvez o professor já lá tivesse estado e entretanto tivesse partido.

Monk abandonou a concha e pegou no telemóvel. Marcou o número do gabinete do homem. Tocou e tocou, e depois foi parar às mensagens.

Se ele já se foi embora e eu fiz todo este caminho em vão..

Monk marcou um segundo número. Era o da assistente do professor.

Uma mulher atendeu. Monk explicou rapidamente a ausência do Dr. Maloy.

— Não está aí? — indagou a assistente.

— Aqui só estão uma data de miúdos com ar de estudantes de liceu.

— Eu sei — respondeu a mulher com uma gargalhada. — Os alunos são cada vez mais novos, não é? E lamento, mas o Doutor Maloy ainda deve estar no seu laboratório.

Foi onde o vi pela última vez e ele nunca ouve o telemóvel. Ele consegue concentrar-se de tal modo no que está a fazer que até se esquece das conferências agendadas. Receei que tal acontecesse hoje, de tão perplexo que estava. Ele está muito entusiasmado com o que descobriu.

Monk animou-se com as últimas palavras proferidas. Teria o professor descoberto alguma coisa, algo que pudesse ajudar a esclarecer o caso?

— Ouça — prosseguiu a mulher —, eu estou no meu gabinete, no edifício oposto, a terminar um trabalho com o meu colega de laboratório. Há uma passagem subterrânea que liga os dois edifícios. Pergunte a um dos estudantes. Vou à administração pedir um cartão de acesso e encontrar-me-ei consigo lá em baixo. O laboratório do Dr. Maloy fica na cave. Presumo que ele lhe queira mostrar a análise de ADN.

— Muito bem. Encontrar-nos-emos lá. — Monk guardou o telemóvel no bolso e agitou a pasta na direcção de Creed. — Vamos. Directamente para o laboratório do tipo.

Depois de obter indicações junto de uma jovem que vestia uma camisola excessivamente justa, Monk encaminhou-se para o piso inferior. Descobriu com facilidade a passagem subterrânea.

Quando se aproximavam da entrada do túnel, uma mulher de meia-idade acenou-lhes do outro lado. Monk retribuiu o aceno. Ela apressou-se, sem fôlego, estendendo a mão.

— Andrea Solderitch — apresentou-se ela.

Feitas as apresentações, ela conduziu-os por um corredor contíguo. Falava sem parar, claramente nervosa.

— Há apenas alguns laboratórios aqui em baixo. Por isso é muito fácil uma pessoa perder-se. Quase tudo o resto são armazéns, espaços mecânicos. . oh, e o viveiro do edifício, onde albergam os animais de laboratório. O departamento de

genómica mantém na cave as suas instalações de micro-referenciação para as conservar livres de ozono. E aqui.

Ergueu o cartão de acesso e aproximou-se de uma porta fechada.

— O departamento administrativo tentou ligar para o laboratório — explicou ela. — Não obteve resposta. Vou só dar uma olhadela. Estou certa de que ele não deve ter deixado o campus.

Movimentou o cartão e empurrou o manipulo. A medida que a porta se abria silenciosamente, Monk sentiu de imediato o cheiro a fumo, eléctrico, a julgar pelo seu odor acre, e sob este um odor fétido, como que a cabelo queimado. Tentou agarrar Andrea, mas foi demasiado lento. Ela viu o que se encontrava no interior. O seu rosto primeiro demonstrou confusão e depois horror. Uma mão ergueu-se para lhe cobrir a boca.

Monk puxou-a para o lado e encaminhou-a na direcção de Creed.

— Mantém-na cá fora.

Pousou a pasta e procurou o coldre no interior do seu casaco. Sacou a sua pistola de serviço, uma Heckler & Koch 45. Os olhos da mulher dilataram-se. Virou-se, comprimindo o rosto contra o ombro de Creed.

— Tens uma arma? — perguntou-lhe Monk.

— Não.. pensei que era apenas uma entrevista.

Monk abanou a cabeça.

— Deixa-me adivinhar, Doogie. Nunca foste escuteiro.

Sem esperar pela resposta, Monk entrou no laboratório, varrendo os pontos cegos.

Estava certo de que quem ali estivera entrara e saíra, mas não ia correr riscos. O Dr. Henry Maloy estava atado a uma cadeira no meio da sala. A cabeça pendia-lhe sobre o peito. O sangue acumulava-se sob a cadeira.

O computador que estava na sua retaguarda era uma ruína carbonizada.

Monk relanceou em volta. Tinham desactivado os detectores de fumo.

Caminhou até junto do homem e verificou-lhe o pulso. Nada. Mas o corpo ainda estava quente. Os assassinos não tinham partido há muito. Monk reparou nos dedos partidos do professor. Ele fora torturado, muito provavelmente para obter informações.

O golpe mortal fora infligido por uma faca no peito, um golpe único, aplicado com perícia. A avaliar pela morte rápida, Maloy devia ter falado.

Monk inspirou. O odor a queimado era mais forte junto ao corpo. Reconheceu o odor de carne carbonizada. Com um dedo, ergueu cuidadosamente o queixo do homem. A cabeça pendeu para trás, revelando a origem do cheiro. No centro da fronte do homem, uma queimadura viva, ainda empolada nos bordos, marcava-lhe a carne até ao osso.

Um círculo e uma cruz.

Um toque sonoro chamou a sua atenção na direcção da porta. Provinha de um telemóvel. Não querendo contaminar mais a cena, Monk regressou ao hal .

Andrea tinha o telemóvel encostado ao ouvido. Os seus olhos estavam húmidos, o nariz gotejante. Fungava enquanto ouvia.

— O quê? — inquiriu, soando menos a uma pergunta do que uma expressão de choque. — Não! Porquê?

Ela embateu contra a parede e sucumbiu no chão. O telefone tombou-lhe dos dedos.

Monk baixou-se sobre um joelho a seu lado.

— O que se passa?

Ela abanava a cabeça, incrédula.

— Alguém. . — Apontou o telefone. — Era a minha vizinha. Ouviu os meus cães a ladrar, viu alguém a sair de casa. Foi até lá. A porta estava aberta. Eles. . eles mataram os meus cães. — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Porque não fui logo para casa como disse ao Doutor Maloy?

Monk relanceou Creed. As suas sobrancelhas arquearam-se, sem compreender. Mas Monk compreendia. Agarrou a mulher e levantou-a.

— Há quanto tempo a sua vizinha viu o intruso?

Ela abanou a cabeça, debatendo-se para achar as palavras.

— Não.. não sei. Ela não disse. Ela chamou a polícia.

Monk olhou rapidamente para trás para o corpo do Dr. Maloy. O professor tinha falado. Mencionara nomes. Muito provavelmente o da sua assistente. O Dr. Maloy pensara que Andrea se tinha dirigido a casa. Devia ter confessado ao torturador a morada dela.

Eles tinham ido lá para a silenciar.

E como não a encontraram. .

Seriam necessárias poucas pesquisas, poucas ligações.

— Temos de sair daqui. Agora!

Monk encaminhou-se para o local de onde tinham vindo. Em grupo, atravessaram rapidamente o hal em direcção à passagem subterrânea. Esta seguia por baixo da rua que dava acesso ao edifício universitário contíguo, onde Andrea estivera a trabalhar.

— Disse que estava no seu gabinete a trabalhar com um colega de laboratório — declarou Monk enquanto percorria rapidamente o corredor. — O seu colega sabia para onde se dirigia?

Obteve a resposta quando atingiram a boca do túnel. Um homem alto avançava pela passagem na sua direcção, envergando um impermeável escuro — embora não chovesse há dias.

Os seus olhos encontraram-se.

Monk reconheceu um brilho selvático. Empurrou Andrea para trás e ergueu a pistola.

Ao mesmo tempo, o homem ergueu o braço e abriu o impermeável, deixando entrever uma metralhadora de cano cerrado. Metralhou o final da passagem. A estranha arma não fazia mais barulho do que uma bateadeira, mas círculos mortíferos atingiram a esquina por detrás da qual eles tinham desaparecido. Estuque e ladrilhos explodiram e voaram.

— As escadas! — ordenou Monk e apontou em direcção ao átrio.

Quando alcançaram o fundo das escadas, ecoaram passos vindos de cima.

Monk fez sinal para se deterem. Olhando para cima, vislumbrou um homem precipitando-se escadas abaixo, de botas e impermeável preto, tal como o primeiro.

Um segundo assassino. Recuando, conduziu-os todos de volta ao labirinto de corredores.

Tinham de encontrar outra saída.

Enquanto fugiam pelas passagens debilmente iluminadas, uma pesada porta de metal bateu com estrondo algures do lado oposto da cave.

Monk voltou-se para Andrea.

— Acho que aquilo veio da saída de emergência — sussurrou ela, aterrorizada.

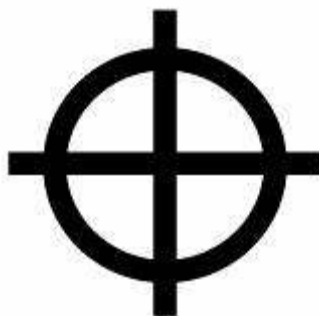
Monk podia adivinhar o que isso significava.

Um terceiro assassino.

V - 11 de Outubro, 18h32

Washington, D. C.

— O símbolo não faz parte da base de dados de nenhum grupo terrorista conhecido — afirmou Painter. Estava sentado a uma mesa de conferência com um ecrã de parede por trás. Cintilando no monitor, via-se uma representação ampliada da cruz e do círculo.



Painter apoiou-se na mesa. A sala de conferências era uma nova aquisição do Comando da Sigma, construída após o bombardeamento. Continha uma mesa circular com postos computadorizados diante de cada lugar. Podia albergar um máximo de doze pessoas, mas no momento apenas havia três.

Kat estava sentada à direita de Painter, trazendo à mesa a sua experiência em inteligência internacional. À direita dela encontrava-se Adam Proust, um perito em criptologia, e do outro lado da mesa, Georgina Rowe, uma nova recruta da Sigma, com especialização em bioengenharia.

— Partamos, então, do início — disse Painter, caminhando em volta da mesa. Ele projectara a sala com esse único propósito, o de poder mover-se e observar as pessoas reunidas em torno da mesa redonda. — O que significa este símbolo? Como se liga ele à destruição do campo da Cruz Vermelha e à mutilação do filho do senador?

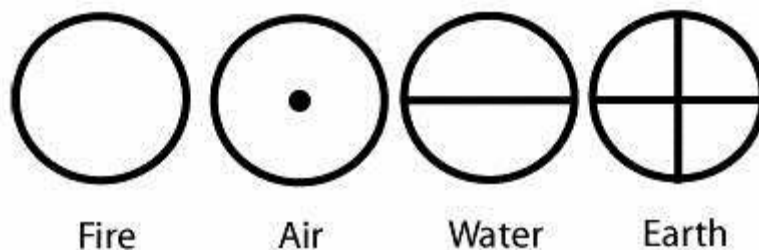
Adam aclarou a garganta e ergueu timidamente uma mão na direcção do ecrã. Na casa dos quarenta, vestia informalmente uns jeans, uma camisola preta fina e um casaco de lã desportivo.

— Esta marca tem uma longa história simbólica, que remonta ao primeiro homem. É por vezes referida como círculo quadripartido. O significado é relativamente uniforme entre culturas. O círculo representa a terra. Por sua vez, a cruz divide o mundo em quatro partes. Na cultura americana nativa, essas quatro partes representam. .

— Os quatro ventos — reconheceu Painter. O pai ensinara-lhe algo similar.

— Precisamente. E noutras culturas representa os quatro elementos — terra,

água, ar e fogo. Por vezes, são reproduzidos da seguinte forma. — Teclou no seu posto de computação e o ecrã alterou-se.



Fogo

Ar

Água

Terra

— Como podem ver, o círculo quadripartido torna-se o símbolo da própria terra, abarcando os quatro elementos. Esta marca pode ser encontrada em todo o globo. A etimologia histórica do símbolo é verdadeiramente fascinante e remonta aos tempos pagãos. Em diversos países nórdicos, este símbolo surge esculpido em lajes e menires. É

frequentemente acompanhado de um outro petróglifo: a espiral pagã. Estão ambos estreitamente relacionados.

— Relacionados? — indagou Painter. — Como assim?

Adam ergueu a mão, solicitando um momento e teclou no seu posto. Uma nova imagem surgiu no ecrã.

— Temos aqui uma espiral pagã estilizada. Podemos encontrar variações desta em toda a Europa setentrional.



Mais um clique no ecrã colocou a espiral sobre o círculo quadripartido.



— Reparem como a espiral se inicia no centro da cruz e se expande para fora preenchendo o círculo. Enquanto o círculo quadripartido representa a terra, a espiral simboliza a vida, especificamente a jornada da alma, ascendendo da vida à morte e ao renascimento.

Kat suspirou.

— Isso está tudo muito bem e correcto, mas não vejo como se relaciona com as atrocidades cometidas em África. Não está a desviar-se do assunto?

— Talvez não — retorquiu Georgina Rowe endireitando-se no seu lugar. Era uma mulher entroncada e o seu cabelo exibia um corte masculino. — Estive a rever o relatório da NATO e embora a informação seja ainda preliminar e pouco conclusiva, não consigo deixar de pensar que o ataque teve mais a ver com a destruição do campo da Viatus Corporation do que com uma qualquer rivalidade entre rebeldes e o governo do Mali.

— Concordo — disse Kat. — Os rebeldes tuaregues nunca demonstraram este grau de violência. Os seus ataques têm-se caracterizado maioritariamente por uma invasão e uma retirada rápidas. Não esta carnificina total.

— E amarrar aquele pobre rapaz no meio de um campo de milho carbonizado e marcá-lo com aquele estigma. . — Georgina abanou a cabeça com tristeza. — Tinha de ser um aviso contra o que aquela empresa estava ali a fazer, contra a sua pesquisa de alimentos geneticamente modificados. Dada a minha experiência em bioengenharia, estou bem ciente da controvérsia que rodeia os alimentos geneticamente modificados. Há um movimento crescente contra tal manipulação da natureza. E embora derive em grande parte do receio e da falta de informação, combina-se igualmente com a deficiente supervisão governamental dessa indústria em eclosão. Posso dar-vos mais pormenores. .

Painter parou diante dela.

— Por agora, vamos concentrar-nos especificamente em como isso pode estar relacionado com este caso.

— É bastante simples. O movimento antimodificação genética é particularmente forte em África. A Zâmbia e o Zimbabué baniram recentemente toda a ajuda alimentar contendo alimentos geneticamente modificados, apesar de milhões de pessoas em ambos os países enfrentarem a fome. Basicamente, tratou-se de uma política disparatada que defende o preceito antes morto do que alimentado. Tal insânia está em ascendência.

Penso que a destruição do campo da Cruz Vermelha foi um ataque intencional à Viatus.

— Ela apontou o símbolo no ecrã. — E penso que a descrição de Adam da etimologia daquele símbolo apoia isto.

Painter começou a compreender.

— Um símbolo que representa a terra.

Georgina firmou a voz para a equiparar à sua convicção.

— Quem quer que tenha feito isto acredita estar a proteger a terra. Penso que estamos a lidar com um novo grupo de ecoterrorismo militante.

As sobrancelhas de Kat cerraram-se.

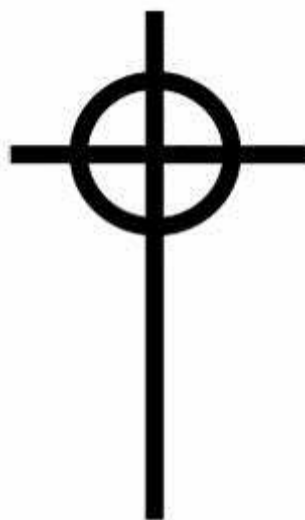
— Faz, de facto, um certo sentido. Pedirei às minhas fontes para se concentrarem nesse ângulo. Para ver se conseguimos perceber quem são esses terroristas e onde fica a sua base.

Painter voltou-se para Adam Proust, cujo discernimento propusera um ponto de partida.

— Cortámos-lhe a palavra. Há mais alguma coisa que queira acrescentar?

— Apenas uma. Sobre o círculo quadripartido e a espiral. Os dois símbolos são profundamente importantes e significativos para os pagãos da Europa setentrional. Em particular para os druidas. Com efeito, quando as regiões nórdicas foram convertidas ao cristianismo, os símbolos foram incorporados na nova fé. A cruz druídica converteu-se na cruz céltica hoje usada.

Adam introduziu uma nova imagem no ecrã, prolongando a linha vertical do símbolo pagão para formar uma cruz cristã.



— De modo similar — prosseguiu Adam —, a espiral veio a representar Cristo, simbolizando a sua passagem da vida à morte e finalmente à ressurreição.

— E a importância de tudo isso? — inquiriu Kat, impaciente, claramente ansiosa por seguir as pistas deixadas pelas palavras de Georgina.

Mas Painter reconheceu onde Adam queria chegar com aquela última avaliação.

Perguntou ao criptologista: — Então não lhe parece que esse grupo ecoterrorista esteja baseado em África?

Este abanou a cabeça.

— O círculo quadripartido, embora possa ser encontrado em algumas culturas

africanas, representa na sua maioria um símbolo solar e não a terra. Penso que devemos dirigir as nossas investigações para a Europa setentrional. Especialmente situando-se a sede da Viatus em Oslo, na Noruega.

Georgina sorriu.

— Por outras palavras, procuramos um bando de druidas agastados.

Adam não retribuiu o sorriso, simplesmente encolheu os ombros.

— Há um forte revivalismo pagão em toda a Europa. E, na verdade, muitos desses grupos são bastante antigos. O Círculo Druida do Vínculo Universal.

A Antiga Ordem dos Druidas. As duas organizações remontam a 1700, enquanto outros grupos reivindicam uma herança ainda mais antiga. Seja como for, o movimento tem crescido de uma forma consistente nos últimos tempos e algumas seitas são definitivamente agressivas nas suas convicções e extremamente anticorporativistas. Penso que a nossa investigação se deve concentrar aí. Na Europa setentrional.

Kat assentiu, ainda que um tanto rígida, já a fazer planos mentalmente.

Painter contornou a mesa e regressou à zona central da sala de conferências.

— Parece-me que isto nos fornece um bom ponto de partida. Se todos. .

O telemóvel ressoou-lhe no bolso, interrompendo-o. Painter ergueu a mão, pedindo um momento, pegou no seu BlackBerry e verificou a identificação da chamada. Era o seu assistente. Painter sentiu uma pontada de inquietação. Ele pedira para não ser incomodado, a menos que se tratasse de uma emergência.

— O que se passa, Brant?

— Senhor, acabaram de ligar das operações. Registou-se uma afluência de chamadas de emergência com origem em Princeton. Parece ter-se verificado um tiroteio no Laboratório Cari Icahn.

Painter manteve o rosto impassível. Era o laboratório para onde se tinham dirigido Monk Kokkalis e John Creed. Eles deviam ter chegado a Princeton há cerca de uma hora.

Painter manteve o olhar deliberadamente desviado de Kat, a mulher de Monk.

— Estabeleça a comunicação com as autoridades locais e a ligação via satélite

— disse Painter, simulando mais irritação do que alarme. — Vou já para aí.

Guardou o telefone e olhou os presentes.

— OK, todos conhecem as suas funções. Vamos ao trabalho.

Painter girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta.

Sentia o olhar de Kat fixo nas suas costas. Ela estava desconfiada, mas até que ele se inteirasse melhor da situação, não havia necessidade de a alarmar.

Especialmente estando ela de novo grávida.

Monk conduziu os outros ao longo da cave, mantendo a pistola apontada em frente.

Dispunha apenas de dez balas. . e os atiradores eram pelo menos três. As expectativas não se afiguravam muito boas, particularmente porque os outros empunhavam metralhadoras de canos cerrados. Não ousava desperdiçar um único tiro. Tinha um segundo cartucho na sua pasta, mas deixara-a à porta do laboratório de Maloy.

— Há outra saída? — perguntou a Andrea.

— Não.. mas. . — Ela olhou para cima e para baixo ao longo do corredor. John Creed conservava uma mão no seu cotovelo para a manter em movimento.

— Mas o quê? — pressionou Monk.

— O edifício do laboratório foi construído para ser modular. Para facilitar a mudança de configuração dos espaços — respondeu ela precipitadamente e depois apontou para cima. — Há uma zona ampla de manutenção entre os pisos. Com passadiços para as equipas de trabalho.

Monk relanceou o tecto. Podia funcionar.

— Onde fica o ponto de acesso mais próximo?

Ela abanou a cabeça, debatendo-se ainda com o choque.

— Eu não sei. .

Monk deteve-se e agarrou-lhe o ombro com a sua mão protética.

— Andrea, respire fundo, acalme-se. .

Fogo de metralhadora eclodiu. Uma figura preencheu a ponta mais longínqua do corredor, a sua arma incandescente. Rajadas rasgaram chão e paredes. Monk empurrou Andrea com o ombro e disparou às cegas para o corredor, gastando munições preciosas.

O atirador esquivou-se momentaneamente. Monk impeliu a mulher pela porta mais próxima. Creed rolou rapidamente atrás deles.

A porta conduzia a uma pequena antecâmara. Um segundo par de portas duplas apresentava-se diante deles.

— Vamos! — bradou Monk.

Precipitaram-se pelas portas. As luzes tremularam automaticamente e revelaram um amplo espaço dividido por filas de gaiolas de aço inoxidável. O cheiro a urina de animais e a corpos almiscarados atingiu Monk de imediato. Recordou-se da descrição de Andrea do desenho da cave. Aquele devia ser o viveiro do laboratório, onde eram alojados os animais usados na investigação. Um cão ladrrou numa das filas posteriores. Mais próximo, corpos mais pequenos agitaram-se — e corpos não tão pequenos.

Ao longo da fila inferior de gaiolas de maiores dimensões, porcos bojudos resfolegavam e farejavam o ar, alguns guinchavam e giravam em círculo. Eram jovens, cada qual do tamanho de uma bola de futebol, dando, assim, um novo sentido ao termo pigskin.¹

Monk empurrou os outros ao longo da fila. Não tinham forma de barricar a porta e o atirador alcançá-los-ia a qualquer momento.

— Há mais alguma saída daqui? — perguntou Monk a Andrea.

Ela assentiu e apontou para o outro lado da divisão.

— Depressa.

Monk ouviu sons metálicos atrás de si. Voltou-se e viu Creed a abrir as gaiolas inferiores, enquanto os seguia. No seu rasto, pequenos corpos brancos e pretos precipitavam-se das suas gaiolas. Corriam e rodopiavam, guinchavam e bramiam. Mais e mais porcos juntavam-se à confusão.

— O que é que está. . — começou Monk.

1 Designação aplicada à bola de futebol americano, feita a partir da pele de porco curtida. (N. da T.)

— Obstáculos — disse Creed, abrindo mais gaiolas.

Monk assentiu, compreendendo. Nada como juncar o seu trilho com uma imensidão de bolas de futebol chiantes. Isso devia atrasar o inimigo.

Quase tinham alcançado a ponta oposta do viveiro, quando Monk ouviu as portas duplas abrirem-se com estrondo atrás deles. Seguiu-se uma breve descarga de fogo, que terminou rapidamente com um latido assustado, seguido da queda ruidosa de um corpo no chão.

Primeiro impacto dos pigskins.

Monk impeliu Andrea para o fundo da divisão e transpuseram outro par de portas duplas. Instantes depois, estavam de volta a um corredor subterrâneo.

— Os tais pontos de acesso à zona de manutenção — pressionou Monk. — Há algum aqui perto?

— O único que conheço com toda a certeza fica no laboratório do Doutor Maloy.

Monk estudou os corredores entrecruzados e o labirinto de salas. Estava perdido.

— Consegue levar-nos de volta?

— Sim. É por aqui.

Andrea avançou, menos abalada, mais determinada. Monk mantinha-se a seu lado.

Creed seguia-os. Monk notou que ele agarrava a parte de cima da coxa. A

perna das calças estava ensopada.

Cruzaram o olhar e Creed fez-lhe sinal para continuar.

— Foi um ricochete. Apenas de raspão. Prossigam.

Não tinham escolha. Após mais uma curva, Monk reconheceu subitamente a passagem.

Tinham descrito um círculo completo e regressado ao laboratório do Dr. Maloy.

Confirmando-o, Monk avistou a sua pasta caída no hal junto à porta aberta.

Avançaram nessa direcção correndo rapidamente.

Do extremo oposto do hal, surgiu um outro atirador, com o seu impermeável negro em torvelinho. A porta aberta do laboratório ainda se encontrava a dez metros de distância.

Monk manteve a posição do braço e disparou contra o atacante.

— Continuem! — bradou ele, quando Andrea e Creed abrandaram. — Corram para o laboratório!

Embora pudesse parecer uma loucura correr na direcção de um homem que empunhava uma metralhadora, o laboratório oferecia a única esperança de fuga.

Monk disparou mais duas vezes. Já quase não tinha balas, mas os disparos mantinham o atacante afastado. Infelizmente, o breve tiroteio não passara despercebido.

Atrás deles, irrompeu um novo obstáculo. Mais um atirador. Os atiradores estavam a tentar encurralá-los num fogo cruzado.

Mas por essa altura, já eles tinham alcançado o laboratório.

Andrea e Creed lançaram-se impetuosamente no seu interior. Monk baixou-se, enquanto o gemido de uma rajada lhe rasava o cimo da cabeça. Agarrou rapidamente na pasta abandonada e rolou de lado para dentro do laboratório.

Assim que ele entrou, Creed fechou a porta com força.

— Ela tranca automaticamente — disse Andrea, enroscando os braços em volta do peito. Mantinha-se bem afastada da cadeira onde o corpo do Dr. Maloy permanecia amarrado.

Monk pôs-se de pé, segurando a pistola numa mão e a sua pasta Tanner Krolle na outra.

— O tal acesso à zona de manutenção?

Andrea virou-se e apontou para o tecto, por cima de uma mesa do laboratório. Um painel quadrado exibia um símbolo eléctrico de perigo.

Monk voltou-se para Creed.

— Ajude-a subir. Rápido.

— E você?

— Não se preocupem comigo. Seguirei logo atrás. Agora mexam-se!

Enquanto Creed içava Andrea para cima da mesa, Monk baixou-se sobre o

joelho.

Precisava de ganhar o máximo de tempo possível aos outros, para poderem fugirem. Monk sabia que era vital colocar a mulher em segurança. O Dr. Maloy devia ter-lhe dito alguma coisa, algo que justificasse a sua morte. O que quer que fosse, Monk queria sabê-lo.

Creed já tinha a escotilha de manutenção aberta e usava ambas as mãos para empurrar Andrea através desta.

Abrigando-se atrás do corpo morto sentado na cadeira, Monk agarrou na pasta e abriu-a no chão, mas mantinha um olho fixo na porta. Trancada ou não, ele sabia que a porta não ofereceria mais protecção do que um pedaço de papel fino. Especialmente devido à potência das armas daqueles canalhas.

E pistola de Monk estava reduzida a duas balas. Precisava do carregador novo que se encontrava na pasta.

Enquanto o procurava, o puxador da porta explodiu e foi projectado para o interior da sala, assim como uma boa parte da ombreira. A porta abriu-se de rompante com o impacto.

Monk vislumbrou um impermeável negro esvoaçante e disparou contra ele. Duas vezes.

A corrediça da sua pistola bloqueou com a câmara vazia, quando ficou sem munições.

O atacante desapareceu de vista.

Monk agarrou rapidamente no novo carregador, ao mesmo tempo que ejectava o carregador gasto. Pelo canto do olho, avistou um braço a agitar-se para lá da porta. Um objecto escuro de metal do tamanho de uma bola de baseball voou para dentro da divisão.

— Porra. .

Granada.

Monk largou a pistola e o carregador. Ainda sobre um joelho, ergueu a sua pasta aberta, fez deslizar a granada para o seu interior e fechou a pasta entre as palmas.

Pondo-se de pé e oscilando o braço em volta, lançou a pasta pela porta fora.

Ainda antes de esta passar pelo limiar, já Monk estava em movimento. Virou-se, saltou para cima da mesa e depois lançou-se na direcção da escotilha aberta no tecto. As botas de Creed tinham acabado de desaparecer à sua frente.

— Avancem!

Tarde demais.

A explosão foi ensurdecadora e ofuscante. A onda de deflagração projectou Monk para o interior do espaço reduzido entre pisos. Embateu com a cabeça numas condutas de ventilação e desabou sobre Creed. Debateram-se uns instantes tentando

desenredar-se.

Monk foi atingido no olho por um cotovelo.

Praguejando e aturdido, Monk fez sinal aos outros para continuarem. Duvidava que os atiradores os perseguissem, mas até estarem num lugar perfeitamente seguro, um local recheado de armas, não baixaria a guarda.

Cambalearam para diante, meio cegos e meio surdos.

Como Andrea dissera, a zona de manutenção estava equipada com passadiços para auxiliar as equipas de trabalho. Utilizando os passadiços, não demoraram muito a sair das entranhas do edifício para o caos que se desenrolava acima do solo. As forças policiais já haviam convergido para o local. Carros de patrulha, carrinhas da SWAT e uma aglomeração do circo mediático acolheram-nos nos campos em redor do edifício.

Quando saíram aos tropeções para o exterior, a polícia rodeou-os de imediato. Antes que Monk pudesse encetar uma explicação, uma mão agarrou-o, puxou-o de parte e mostrou-lhe um distintivo.

— Segurança Interna — declarou um homem gigantesco. — Doutor Kokkalis, temos ordens de Washington para vos levar a todos para um local seguro.

Monk não protestou. Aquelas ordens pareciam-lhe perfeitas. Mas quando estavam a ser conduzidos, relanceou desolado o edifício.

Kat ia matá-lo.

Aquela pasta fora excessivamente dispendiosa.

VI - 11 de Outubro, 06h28

Fiumicino, Itália

Onde estava ela?

Gray deixou o terminal do aeroporto principal de Roma e encaminhou-se para a fila de táxis. Buzinas ressoavam e autocarros turísticos estrondeavam. Mesmo àquela hora da manhã, o aeroporto estava saturado de tráfego e congestionado de viajantes a chegar e a partir.

Gray mantinha o telemóvel pressionado contra o ouvido, enquanto se espremia por entre a multidão. O percurso era facilitado pelo gigante maciço que abria caminho à sua frente, como um búfalo de água passando a vau um rio que transbordara. Gray seguia na esteira do seu guarda-costas. Joe Kowaiski não era um viajante feliz. O antigo marinheiro preferia claramente o alto-mar às viagens aéreas. Continuou a resmungar enquanto se dirigiam para a fila de táxis.

— Aqueles lugares não podiam ser mais apertados! — O pesado homem fez estalar o pescoço e exibiu uma expressão azeda. — Tinha os joelhos praticamente colados às orelhas. Parecia que aquela maldita companhia aérea me queria fazer um

exame à próstata. Mas não me teria importado se tivéssemos tido uma assistente de bordo feminina. — Kowaiski olhou para Gray, que se encontrava atrás de si. — Aquela assistente de bigode não conta.

— Ninguém o obrigou a voluntariar-se — retorquiu Gray, enquanto aguardava que atendessem a sua chamada telefónica.

— Voluntariar-me? — indignou-se Kowaiski. — Por um salário e meio? Foi como se me tivessem encostado uma arma às costas. Eu tenho uma namorada para sustentar.

Gray continuava a não perceber a relação entre o antigo marinheiro e a professora universitária, mas pelo menos ela fazia-o tornar banho com mais frequência. Até mesmo o restolho negro no cimo da cabeça de Kowaiski estava mais bem aparado.

Gray gesticulou no sentido de continuarem a avançar. A sua ligação ao gabinete do Comando Carabinieri Tutela Del Patrimonio Culturale, onde Rachel trabalhava, mantinha-se em espera. Antes de partir de Washington, o plano estabelecido fora encontrarem-se no exterior do terminal internacional, mas ela não estava em lado nenhum, no meio daquela aglomeração de pessoas. Ele tentara ligar para o seu apartamento e para o telemóvel, mas não obtivera resposta. Pensando que estaria presa no tráfego, Gray esperara no terminal durante mais meia hora.

Durante a espera, aproveitara o tempo para contactar a Sigma. Passava pouco da meia-noite nos Estados Unidos. O director informara-o sobre a operação que ocorrera em Nova Jérсия. Monk tinha sido envolvido num tiroteio. O caso tinha a ver com um possível grupo ecoterrorista, mas os dados ainda eram imprecisos.

Ao ouvir aquilo, Gray sentiu-se instado a apanhar o avião de regresso, mas Painter insistiu que a questão estava encerrada de momento. Uma pessoa de interesse crucial fora colocada em segurança e estava a ser interrogada. Foi ordenado a Gray que mantivesse a sua posição presente.

Por fim, uma voz austera feminina falou rapidamente ao ouvido de Gray em italiano.

Depois de uma relação de mais de um ano com Rachel, Gray adquirira alguma fluência na língua.

— A Tenente Verona não se encontra no TCP2. De acordo com o plano de escala, está de licença. Talvez um outro elemento o possa ajudar..

— Não, obrigado. Grazie.

Gray desligou e guardou o telemóvel no bolso. Ele sabia que Rachel planeava tirar algum tempo de licença, mas tinha esperança que ela se encontrasse na sede por alguma razão. Estava cada vez mais preocupado. Onde estaria ela?

Kowaiski chamou um táxi e entraram.

O parceiro relanceou-o.

— Então e aquele hospital? — sugeriu ele. — Onde o tio está a ser tratado?

— Tem razão — assentiu Gray. Devia ter pensado nisso. Talvez o tio tivesse piorado.

Uma emergência teria impedido Rachel de sair dali. E com a perturbação; facilmente se poderia ter distraído com as horas.

Gray teclou no seu telemóvel e conseguiu ligação à recepção do hospital. A tentativa de comunicar com o quarto de Vigor falhou. Mas conseguiu falar com uma enfermeira do piso.

— O Monsenhor Verona permanece nos cuidados intensivos — informou-o a mulher. — Qualquer informação adicional deverá ser obtida através da família ou da polizia.

— Queria apenas saber se a sobrinha está aí de visita. A Tenente Rachel Verona.

A voz da enfermeira tornou-se mais suave.

— Ah, a nipote Rachel. Bel issima ragazza. Passou aqui muitas horas. Mas saiu ontem à noite e ainda não voltou esta manhã.

— Se ela aparecer, pode dizer-lhe que liguei? — Gray deixou o seu número.

Guardando o telefone, deixou-se descair no lugar. Fitou o cenário em movimento, à medida que o táxi acelerava ao longo da interestadual em direcção ao centro da cidade de Roma. Rachel arranjava-lhe um quarto com pequeno-almoço incluído numa pequena pensão italiana. Gray já lá tinha ficado hospedado quando andavam juntos.

Debatia-se por encontrar uma razão para Rachel não ter aparecido. Onde é que ela poderia estar? A preocupação abeirava-se do pânico. Desejou que o táxi circulasse mais rapidamente.

2 (Comando Carabinieri) Tutela de Patrimonio Culturale TCP. (N. da T.)

Verificaria as mensagens deixadas no hotel e depois iria ao apartamento dela. Ficava a apenas alguns quarteirões do hotel.

Contudo, levaria tempo a lá chegar.

Demasiado tempo.

A cada quilómetro percorrido, o seu coração batia mais forte, a mão esquerda cerrada sobre o joelho. Quando finalmente transpuseram um dos antigos portões da cidade e se encaminharam para o centro de Roma, o táxi começou a arrastar-se. As ruas eram cada vez mais estreitas; os peões corriam e uma bicicleta ziguezagueava por entre os carros.

Por fim, o táxi virou para uma rua lateral e imobilizou-se diante de uma pequena hospedaria. Gray saltou para fora do carro, agarrou no seu saco e deixou

Kowaiski a pagar ao motorista.

O hotel era difícil de descrever visto da rua. Uma pequena placa de latão afixada numa parede, não maior do que a palma da mão de Gray, indicava Casa di Cartina. O

hotel fora convertido a partir de três edifícios contíguos, todos datados do século XVII.

Meio lance de escadas conduzia a um pequeno átrio inferior.

Gray desceu as escadas. A razão do nome do hotel tornou-se evidente, assim que a campainha suspensa anunciou a entrada de Gray. Todas as quatro paredes da divisão estavam cobertas de mapas antigos e pedaços de cartografia. Os proprietários da hospedaria descendiam de uma longa linhagem de viajantes e navegantes, remontando a tempos anteriores a Cristóvão Colombo.

Um encarquilhado homem de idade, envergando um colete abotoado, acolheu Gray por detrás de um pequeno balcão de madeira.

— Há muito tempo que não vinha cá, Signor Pierce — disse o proprietário calorosamente em inglês, reconhecendo Gray.

— Há muito, Franco.

Gray trocou algumas amabilidades, o suficiente para Kowaiski entrar no átrio a largas passadas. Os olhos do homem mais corpulento varreram as paredes. Devido ao seu passado de marinheiro, ele aprovou a escolha do cenário.

— Franco, gostaria de saber se tem notícias de Rachel. — Gray forçou a voz a não soar tensa. — Sabe se ela me deixou alguma mensagem?

O rosto do homem enrugou-se de confusão.

— Uma mensagem?

Gray sentiu um aperto no peito. Claramente ela não deixara nenhuma mensagem.

Talvez tivesse voltado..

— Signor Pierce, porque haveria a Signorina Verona de lhe deixar uma mensagem? Ela já se encontra no seu quarto à sua espera.

O alívio de Gray assemelhou-se a uma torrente de água fria.

— Lá em cima?

Franco procurou num cubículo atrás do balcão, retirou uma chave e estendeu-a a Gray.

— Quarto andar. Arranjei-lhe um quarto com uma agradável varanda. A vista do Coliseu é encantadora daí.

Gray assentiu e pegou na chave.

— Grazie.

— Quer que chame alguém para lhe levar as malas?

Kowaiski apanhou do chão o saco de lona de Gray.

— Eu trato disso. — E bateu com o saco nas costas de Gray para o pôr em movimento.

Gray agradeceu de novo a Franco e encaminhou-se para as escadas. Era um acesso estreito e ondulante, mais escada do que vão. Tinham de seguir em fila indiana. Kowaiski olhou-o com um ar duvidoso.

— Onde fica o elevador?

— Não há elevador. — Gray partiu escadas acima.

Kowaiski seguiu-o.

Deve estar a brincar comigo. — Debateu-se por se içar a si próprio e às malas. Após dois lanços, o seu rosto tornara-se vermelho ardente e uma torrente de impropérios fluía a um ritmo contínuo.

Ao alcançar o quarto piso, Gray seguiu as indicações na parede para achar o quarto.

A disposição do espaço era um labirinto convoluto de curvas bruscas e becos sem saída.

Finalmente chegou à porta certa. Embora fosse o seu quarto, bateu antes de introduzir a chave. Empurrou a porta, ansioso por ver Rachel e surpreendido com a intensidade do seu desejo. Tinha passado muito tempo.. talvez demasiado tempo.

— Rachel? É Gray.

Ela estava sentada na cama, emoldurada pela janela e banhada pela luz da manhã.

Levantou-se quando ele entrou rapidamente no quarto.

— Porque não me ligaste? — inquiriu Gray.

Antes que ela pudesse responder, uma outra mulher fê-lo: Porque lhe pedi que não o fizesse.

Só então Gray reparou na algema que prendia o braço direito de Rachel à cabeceira da cama. Gray voltou-se.

Uma figura esguia, envolta num roupão, irrompeu da casa de banho. O seu cabelo negro estava molhado, acabado de pentear para trás dos ombros. Uns olhos amendoados cor de jade fitaram-no. As suas pernas, despidas até meio da coxa, cruzaram-se despreocupadamente quando se encostou à ombreira da porta da casa de banho.

Com a sua mão livre, apontava-lhe uma pistola.

— Seichan. .

01h15

Washington, D. C.

— Não lhe vamos conseguir arrancar mais nada — disse Monk a Painter,

quando este se afundou no lugar do outro lado da mesa. — Ela está exausta e ainda em estado de choque.

Painter estudou Monk. O homem parecia igualmente esgotado.

— Creed terminou a sua avaliação dos dados genéticos?

— Há horas. Ainda quer rever os dados com um estatístico para ter a certeza, mas por agora confirma a história de Andrea Soldertich. Ou pelo menos aquilo que podemos verificar.

Painter mantivera-se ao corrente dos relatórios da situação. A assistente do Dr. Maloy descrevera uma conversa com o professor uma hora antes de ele ser assassinado. O

professor estivera a compilar a análise genética que constituía a parte essencial do ficheiro que Jason Gorman enviara por correio electrónico ao pai. Essa análise revelara um mapa genético do milho colhido em África. Marcadores radioactivos indicavam que os genes eram estranhos ao milho.

Dois cromossomas.

— E o ficheiro original? — inquiriu Painter. — Aquele que Jason Gorman enviou ao professor há dois meses atrás? O que continha os dados genéticos das sementes originalmente plantadas nesse campo?

Monk passou uma mão pelo crânio calvo.

— Os técnicos de Princeton ainda estão a tentar recuperar os dados. Já verificaram em todos os servidores. O professor deve ter mantido esse ficheiro isolado no seu próprio computador. Aquele que foi incinerado pelos assassinos. Todas as provas desapareceram.

Painter suspirou. Continuavam a deparar-se com becos sem saída. Até mesmo os atiradores tinham desaparecido. Não tinham sido encontrados quaisquer corpos. Os assassinos deviam ter escapado à deflagração e passado despercebidos por entre o cordão de pessoas que rodeava o laboratório.

— Embora não tenhamos provas palpáveis, eu acredito na história de Andrea — prosseguiu Monk. — Segundo ela, o professor descobriu apenas um cromossoma de ADN

exógeno na semente original. Ele achava que os dois ficheiros demonstravam que a modificação genética era instável no milho colhido.

— Mas sem esse primeiro ficheiro — disse Painter — não podemos prová-lo.

— De qualquer forma, deve ter sido por essa razão que o professor foi torturado e assassinado. Os homicidas deviam ter ordens para destruir todas as provas desse primeiro ficheiro.. e todos os que tivessem conhecimento dele. E quase o conseguiram.

Painter franziu os olhos.

— Todavia, tudo o que temos é a palavra da senhorita Soldertich. E segundo

ela, mesmo o professor não estava inteiramente seguro quanto à instabilidade. As amostras podiam pertencer a dois híbridos genéticos diferentes. Podiam não ter qualquer relação entre si.

— Então qual é o próximo passo a dar?

— Penso que está na altura de ir até à fonte de tudo isto.

Monk fitou o logotipo em forma de semente impresso no topo da pasta pousada na secretária de Painter.

— A Viatus.

— Tudo parece remeter para a empresa norueguesa. Você leu o relatório dos serviços de informação sobre a marca gravada a ferro no rapaz e no professor.

O rosto de Monk retesou-se de aversão.

— O círculo quadripartido. Uma espécie de cruz pagã.

— A conjectura inicial é que possa representar um grupo ecoterrorista. É provável que assim seja. Talvez um grupo de lunáticos alimente uma vingança pessoal contra a Viatus.

E aquele primeiro ficheiro continha alguma pista sobre tudo isso. — Painter suspirou e esticou-se. — Seja como for, é mais do que tempo de termos uma conversa com Ivar Karlsen, o CEO da Viatus International.

— E se ele não falar?

— Dois assassinios em dois continentes. . é bom que fale. A publicidade negativa pode fazer afundar o valor das acções bolsistas mais rapidamente do que qualquer relatório de ganhos desfavorável.

— Quando é que quer..

Um toque apressado na porta interrompeu Monk. Ambos os homens se voltaram quando a porta se abriu, Kat irrompeu pela sala e aproximou-se da secretária. Monk ergueu um braço, oferecendo-lhe a mão, mas foi ignorado.

Painter endireitou-se. Aquilo não podia ser bom. .

Os olhos de Kat revelavam preocupação, as faces congestionadas como se tivesse corrido durante todo o trajecto até chegar ali.

— Temos problemas.

— O que se passa? — perguntou Painter.

Eu devia ter-me apercebido disto mais cedo. — A sua voz demonstrava frustração. — A nossa investigação e a da Interpol devem ter-se cruzado algures sobre o Atlântico e confundiram-se. Nenhuma das partes compreendeu que se tratava de dois incidentes separados. Uma estupidez. Como cães a perseguir as próprias caudas.

— O que se passa? — insistiu Painter.

Monk pegou na mão da sua mulher.

— Acalma-te, querida. Respira fundo.

O conselho só aumentou a sua fúria, mas manteve a mão apertada na dele.
— Um outro assassinio. Um outro corpo marcado com a cruz e o círculo.
— Onde?
— Roma — respondeu Kat. — No Vaticano.
Ela não teve de dar mais explicações.

07h30

Roma, Itália

— Vamos todos manter a calma — disse Seichan, conservando a pistola firme como uma rocha.

Atrás de Gray, Kowaiski largou ambos os sacos e ergueu as mãos. A sua voz era azeda.

— Odeio viajar consigo, Gray. A sério.

Gray ignorou-o e encarou a ex-assassina da Guilda. . isto é, se é que era ex.

— O que está a fazer, Seichan?

As suas palavras abarcavam múltiplas questões. O que estava ela a fazer em Roma?

Porque mantinha Rachel refém? Porque lhe apontava uma arma? Como podia sequer estar ali?

A informação de satélite fornecida pelo implante indicava-a em Veneza. Painter teria ligado a Gray de imediato se ela se tivesse deslocado de lá até ali.

Ela ignorou a pergunta dele e colocou uma outra.

— Estão armados? — Ela gesticulou para incluir Kowaiski.

— Não.

Seichan fitou Gray, sopesando a veracidade das suas palavras. E era verdade. Tinham viajado num voo comercial e não tinham tido tempo de adquirir armas.

Por fim, Seichan encolheu os ombros, guardou a pistola e entrou no quarto. Movia-se com uma graça felina, toda pernas e força oculta. Gray não duvidava que ela conseguisse sacar novamente da pistola num piscar de olhos.

— Nesse caso, podemos todos falar como amigos — disse ela ironicamente e lançou a Gray uma chave minúscula. Correspondia claramente à algema de Rachel.

Ele agarrou a chave, aproximou-se da cama e inclinou-se para abrir o fecho.

— Estás bem? — sussurrou ao ouvido de Rachel, enquanto manuseava a chave, com a sua face encostada à dela. A curva do seu pescoço emanava um odor familiar, despertando velhos sentimentos, acendendo brasas que Gray acreditara há muito arrefecidas. Enquanto se endireitava, notou que ela deixara o cabelo crescer até abaixo dos ombros. Também emagrecera, ficando com os ossos da cara mais proeminentes, o que acentuava as semelhanças com a jovem Audrey Hepburn.

Depois de liberta, friccionou o pulso. A sua voz áspera e agitada revelava fúria e embaraço.

— Estou bem. De facto, deverá interessar-te ouvir o que ela tem para dizer. — A sua voz baixou de tom. — Mas tem cuidado. Está mais tensa que uma corda de arco.

Gray virou-se para encarar Seichan. Esta caminhou lentamente até à janela, olhando para fora, por cima dos telhados de Roma. A curva do Coliseu desenhava-se contra o horizonte.

— Por onde quer começar, Pierce? — Não se deu ao trabalho de o fitar. — Não esperava encontrar-me em Roma?

Ela deixou cair uma mão até ao flanco inferior esquerdo. Não o fizera casualmente, mas de uma forma acusadora. O detector fora implantado durante uma cirurgia abdominal no ano anterior. Niquele preciso local.

Ela confirmou o que Gray receava.

— Era bastante suspeito que eu tivesse escapado tão facilmente de Banguécoque.

Mas quando constatei que não me moviam uma perseguição constante, percebi que alguma coisa estava errada. — Voltou-se e ergueu uma sobrancelha na direcção de Gray.

— Um agente da Guilda escapa da custódia e é alvo apenas de uma perseguição descuidada?

— Você descobriu o implante.

— Reconheço-vos todo o mérito. Foi difícil de encontrar. Nem mesmo uma ressonância magnética de corpo inteiro feita em São Petersburgo o descobriu. Há cinco meses atrás, solicitei a um médico que me submetesse uma cirurgia exploratória, começando aqui, no ponto onde vocês me operaram.

Ali estava a falha no plano original de Painter. Eles tinham subestimado o grau de paranóia do alvo.

— A cirurgia demorou três horas — continuou, num crescente tom cortante. — Observei tudo através de um espelho. Encontraram o implante enterrado na minha ferida tratada. . uma ferida que sofri ao salvar a sua vida, Pierce.

A raiva endureceu-lhe o rosto, mas ele não deixou de notar uma leve expressão de dor nos seus olhos.

— Então extraiu o detector. — Gray visionou o percurso sinuoso no monitor de vigilância. — Mas conservou-o consigo.

— Achei-o útil. Permitia-me esconder à vista de todos. Eu podia fixar o detector algures num ponto e desaparecer sem ser seguida.

— Como em Veneza.

Ela encolheu os ombros.

— A cidade onde vivia o curador que você assassinou. Onde a sua família ainda vive.

Gray deixou a acusação em suspenso. Seichan abanou imperceptivelmente a cabeça e desviou o olhar. Ele teve dificuldade em ler o misto de emoções que passaram à velocidade de uma flecha.

— A rapariga tinha um gato — disse ela, num tom mais calmo. — Um gato malhado com uma coleira de tachas.

Gray sabia que a rapariga devia ser a filha do curador. Então Seichan fora de facto investigar a família, aproximara-se o suficiente para observar a rotina das suas vidas, uma família abalada pela morte de um pai e marido. Ela devia ter colocado o detector na coleira do gato. Era uma jogada inteligente. O vaguear do gato pelas ruas e telhados das redondezas fariam o detector parecer activo. Não admirava que os agentes no terreno não conseguissem encontrar vestígios dela no bairro veneziano. Com os cães a perseguir um trilho falso, a verdadeira presa tinha escapado.

Gray queria mais respostas daquela mulher. Uma questão adiantava-se na sua mente, uma conversa que nunca tinham terminado.

— E aquela alegação de ser agente dupla...

Seichan lançou-lhe um olhar cortante. A expressão não se alterou, mas os olhos transformaram-se em rocha dura, avisando-o para recuar. Ele estivera prestes a questionar a sua afirmação de ser uma toupeira implantada na Guilda, uma agente dupla aí colocada por forças ocidentais, mas aquela era claramente uma conversa que ela não queria ter em público. Ou talvez ele interpretasse erradamente a sua expressão. Talvez o azedume patente naqueles olhos escarnecesse meramente da sua credulidade. Ele recordou as últimas palavras que ela proferira em Banguécoque.

Confie em mim, Gray. Ao menos um pouco.

Fitando-a agora, ele deixou a questão em suspenso.

Por enquanto.

— Porque estás aqui em Roma? Porque nos encontrámos nestas circunstâncias?

— Gray gesticulou em direcção a Rachel.

— Porque necessito de uma moeda de troca.

— Algo para me prejudicar? — Gray relanceou Rachel.

— Não. Algo para oferecer à Guilda. Depois do que aconteceu no Camboja, intensificaram-se as suspeitas quanto à minha lealdade. Pelo que sei, a Guilda tem andado a investigar a recente deflagração na Basílica de São Pedro. Algo espicaçou o seu interesse. Então, ouvi dizer que aquele Monsenhor Verona estivera envolvido no incidente. .

— Incidente? — explodiu Rachel. — Ele está em coma.

Seichan ignorou-a.

— Então, vim para cá. Achei que podia beneficiar com a situação. Se eu

conseguisse obter alguma informação vital sobre a explosão, poderia reconquistar a confiança total do escalão superior da Guilda.

Gray estudou Seichan. Apesar da natureza insensível das suas palavras, condizia com a sua alegação de há dois anos atrás. Ela fora supostamente enviada para a Guilda para exterminar os seus próprios líderes. A única forma de continuar a progredir na sombria — na sangrenta — cadeia era produzindo resultados.

— Eu tinha intenção de interrogar Rachel — explicou. — Mas quando lá cheguei, encontrei uma pessoa a revistar o seu apartamento.

Gray voltou-se para Rachel, que confirmou acenando com a cabeça, mas os seus olhos continuavam a cintilar de fúria.

— A Guilda deduziu que os assassinos estavam atrás de algo que o padre morto tinha na sua posse, algo que queriam desesperadamente. Os homicidas provavelmente revistaram o corpo do homem, mas a explosão não lhes deu tempo para muito mais.

Como, por exemplo, revistar o monsenhor.

— Então alguém concluiu que Vigor o devia ter — compreendeu por fim Gray, que se voltou para Rachel. — E que este poderia ir parar às mãos da sobrinha depois de esta recolher os seus pertences no hospital.

Seichan assentiu.

— E foram procurá-lo.

Um estremecimento de terror apertou-lhe as entranhas. Se tivessem encontrado Rachel, teriam levado a cabo um interrogatório brutal e depois tê-la-iam matado. E como não encontraram nada no seu apartamento, provavelmente estariam à procura dela naquele preciso momento, montando vigilância nos lugares mais prováveis: o seu apartamento, o seu local de trabalho ou até mesmo o hospital.

Só havia uma forma de proteger Rachel.

— Temos de descobrir do que andam à procura — concluiu Gray em voz alta.

Rachel e Seichan trocaram um olhar.

— Eu tenho-o — afirmou Rachel.

Gray não conseguiu ocultar o choque.

— Mas não fazemos ideia do seu significado — disse Seichan. — Mostre-lhe.

Rachel procurou num bolso do seu casaco e extraiu uma pequena bolsa de couro, não maior do que um porta-moedas. Descreveu sumariamente a sua descoberta: como encontrara o objecto suspenso do dedo de um esqueleto de bronze na Basílica de São Pedro.

— O tio Vigor conduziu-me até ela — terminou, estendendo a bolsa. — Mas Seichan e eu não conseguimos descobrir mais nada. Sobretudo quanto ao que se encontra no seu interior.

Seichan e eu...?

Pela informalidade da declaração, quase parecia que eram parceiras, e não raptora e vítima. Gray olhou rapidamente na direcção da casa de banho. Enquanto Rachel falava, Seichan desaparecera de vista, deixando a toalha no chão. Ouviu-a mover-se lá dentro e estava igualmente certo de que ela os ouvia. Se fizesse uma tentativa de alcançar a porta, ela alcançá-los-ia de imediato.

— Estás mesmo bem? — sussurrou Gray a Rachel, encontrando o seu olhar.

Ela assentiu.

— Ela só me algemou quando foi tornar um duche. Não é exactamente do tipo de confiar.

Naquele momento, Gray apreciou a cautela de Seichan. Rachel era tão obstinada quanto ele. Suigindo a oportunidade, teria tentado fugir. E as coisas podiam ter acabado mal. Se os outros perseguidores a apanhassem, não seriam tão gentis.

Kowaiski aproximou-se, agora que Seichan não estava à vista. Apontou para a pequena bolsa.

— O que tem lá dentro?

Gray já alargara os fios de couro. E esvaziava o conteúdo na palma da mão. Sentiu o peso do olhar de Rachel sobre si, esperando a sua avaliação.

— Isso é. .? — Kowaiski espreitara sobre o ombro de Gray. Recuou. — Céus, é doentio.

Gray não discordou, expressando o seu repúdio franzindo a testa.

— É um dedo humano.

— Um dedo mumificado — acrescentou Rachel.

A expressão de Kowaiski tornou-se mais azeda.

— E com a nossa sorte, provavelmente amaldiçoado.

— De onde veio? — perguntou Gray.

— Não sei, mas o padre Giovanni estava a trabalhar nas montanhas no Norte da Inglaterra. Numa escavação. Não havia mais informações no relatório policial.

Gray fez rolar o dígito coriáceo novamente para dentro da bolsa. Enquanto o fazia, reparou na espiral grosseira gravada no couro. Curioso, voltou a bolsa e vislumbrou a marca do outro lado. Um círculo e uma cruz. Reconheceu-a imediatamente, ao recordar a descrição feita por Painter sobre os acontecimentos ocorridos em Washington. Houvera dois assassínios em dois continentes, e ambos os corpos exibiam a mesma marca.

Gray olhou Rachel.

— Este símbolo. Disseste que sabias que a bolsa devia estar ligada à explosão. Porque tinhas tanta certeza?

Obteve a resposta que queria.

— Os atiradores marcaram a ferro o Padre Giovanni — ela tocou na sua fronte

— com o mesmo símbolo. Foi um pormenor deixado fora do relatório. A Interpol estava a investigar o seu significado.

Gray fitou a bolsa que tinha na mão.

Isso perfazia três assassinios em três continentes.

Mas o que ligaria todas aquelas mortes?

Rachel devia ter lido algo no seu rosto.

— O que foi, Gray?

Antes que pudesse responder, o telefone do hotel tocou. Todos se imobilizaram por um instante. Seichan regressou ao quarto, envergando umas calças pretas e uma blusa vermelha escura. Vestiu por cima um blusão de cabedal preto coçado.

— Alguém vai atender? — indagou Kowaiski, quando o telefone tocou de novo.

Gray aproximou-se da mesa e pegou no auscultador.

— Sim?

Era Franco, o proprietário do hotel.

— Ah, Signor Pierce, queria apenas avisá-lo de que três visitantes estão a subir para o seu quarto.

Gray demorou um instante a perceber. Era um costume habitual na Europa anunciar as visitas, para o caso de os hóspedes não estarem disponíveis. E Franco sabia que Rachel e Gray eram ex-amantes. Não desejaria que fossem apanhados desprevenidos, por assim dizer.

Mas Gray não estava à espera de ninguém. Ela sabia o que significava. Balbuciou um apressado «Grazie» e depois fixou os outros.

— Temos companhia a caminho.

— Companhia? — inquiriu Kowaiski.

Seichan compreendeu de imediato.

— Foram seguidos?

Gray memorou. Estivera tão preocupado com a ausência de Rachel que não prestara a devida atenção ao tráfego envolvente. Recordou-se igualmente da inquietação que sentira há pouco relativamente aos perseguidores, de que estes deviam ter montado uma vigilância apertada a todos os que estavam ligados a Rachel. Gray fizera várias chamadas.

A sua preocupação devia ter chegado aos ouvidos errados.

Seichan leu a certeza crescente no seu rosto e girou para a porta. Sacou a pistola do coldre, nas costas.

— Hora para uma saída antecipada, rapazes.

VII - 11 de Outubro, 08h04

Oslo, Noruega

Karlsen observava a tempestade a formar-se do outro lado do fiorde. Adorava o tempo rigoroso e acolhia de braços abertos a passagem agreste do Outono para o Inverno. Chuva gélida e nevadas varriam já as noites mais frias. A geada saudava grande parte das manhãs. Mesmo agora, ele sentia o frio nas suas faces, enquanto apoiava os nós dos dedos na pedra antiga e olhava lá para fora pela janela abobadada.

Mantinha vigília no topo da Torre Munk. Era a zona mais alta da Fortaleza de Akershus, um dos mais proeminentes pontos de referência de Oslo. A imponente estrutura de pedra fora inicialmente construída do lado leste do porto pelo Rei Haakon V, durante o século XI I, para defender a cidade. Com o tempo, fora reforçada com fossos, muralhas e ameias suplementares. A Torre Munk, onde agora se encontrava, fora construída no século XVI, quando tinham sido adicionados canhões à defesa da fortaleza e do castelo.

Ivar endireitou-se e pousou uma mão num dos antigos canhões. O ferro frio recordou-o do seu dever, da sua responsabilidade de defender não apenas aquele país, mas o mundo. Fora por essa razão que escolhera a antiga fortaleza para acolher a Cimeira sobre a Alimentação Mundial da UNESCO desse ano. Era um bastião apropriado contra os tempos difíceis que se aproximavam. Um bilião de pessoas enfrentavam carências alimentares em todo o mundo e ele sabia que isso era apenas o início. A cimeira era crítica para o mundo e para a sua empresa, a Viatus International.

Não permitiria que nada frustrasse os seus objectivos — nem o que ocorrera em África, nem o que se estava a passar em Washington D. C. Os seus propósitos eram vitais para a segurança no mundo, para não mencionar o seu próprio legado familiar.

Em 1802, quando Oslo ainda era designada por Christiania, os irmãos Knut e Artur Karlsen reuniram uma empresa de exploração florestal e uma fábrica de pólvora para fundar um império. A sua riqueza tornou-se lendária, elevando-os a verdadeiros barões da indústria. Mas mesmo nesse tempo, o par temperava a boa fortuna com boas acções.

Fundaram escolas, construíram hospitais, melhoraram as infra-estruturas nacionais e, acima de tudo, apoiaram a inovação num país em rápido crescimento. Fora por essa razão que baptizaram a sua empresa como Viatus, do latim via, que significava «caminho», e vita, que queria dizer «vida». Para os irmãos Karlsen, a Viatus era o Caminho da Vida. O que sintetizava a sua convicção de que o objectivo último da indústria era melhorar o mundo e de que a riqueza devia ser temperada pela responsabilidade.

E Ivar tencionava continuar esse legado, o qual se estendia até à fundação da

própria Noruega. Circulavam histórias de que a árvore genealógica da família Karlsen tinha as suas origens remotas nos primeiros colonos viquingues, de que as suas raízes se entrecruzavam com as da Yggdrasil, a árvore do mundo da mitologia nórdica. Mas Ivar sabia que estas não passavam de contos fantasiosos narrados pelos seus bestefar e bestemor³, histórias passadas de geração em geração.

Fosse como fosse, Ivar conservava o orgulho pela história da sua família e pela rica história viquingue da Noruega. Acolhia de bom grado a comparação. Tinham sido os viquingues a forjar verdadeiramente o mundo ocidental, esquadrinhando nos seus longos barcos de proa de dragão a Europa e a Rússia, e até mesmo a América.

Porque não havia Ivar Karlsen de se sentir orgulhoso?

Da sua posição privilegiada no alto da Torre Munk, ele vigiava as nuvens tempestuosas a empilhar-se nos céus. Derramariam chuva pelo meio-dia, saraiva gélida pelo fim da tarde, possivelmente o primeiro nevão sério pela noite. A neve chegara cedo nesse ano, um outro sinal de que os padrões climáticos estavam em mudança, à medida que a natureza se irava contra os danos provocados pelo homem, reagindo violentamente contra as toxinas sufocantes e a subida dos níveis de carbono. Os outros que questionassem a mão da humanidade naquela fusão global. Ivar vivia numa terra de glaciares. Ele conhecia a verdade. A massa de neve e de gelo permanente estava a fundir-se a um ritmo nunca antes atingido. Em 2006, os glaciares nórdicos tinham recuado mais rapidamente do que alguma vez fora registado.

O mundo estava a mudar, a derreter-se diante dos seus olhos. Alguém tinha de tornar uma posição para proteger a humanidade.

Mesmo que fosse um viquingue sanguinário, pensou ele com um sorriso lúgubre.

Abanou a cabeça perante tal loucura. Especialmente na sua idade. Era estranho como a história pesava mais fortemente sobre o coração, quando se envelhecia. Ivar aproximava-se do seu sexagésimo quinto aniversário. E embora o cabelo ruivo há muito se tivesse tornado níveo, usava-o caído até aos ombros. Mantinha-se igualmente em forma através de uma vigorosa rotina de exercício, trabalhando em interiores aquecidos a vapor e no exterior com temperaturas glaciais, como a longa caminhada que fizera essa manhã para alcançar aquele pouso elevado. Com os anos, a rotina deixara-lhe o corpo rijo, o rosto curtido de um couro avermelhado.

Consultou o relógio. Embora a cimeira da UNESCO só se iniciasse oficialmente no dia seguinte, tinha várias reuniões a realizar.

Enquanto a tempestade se apoderava do fiorde, Ivar iniciou a descida da torre.

Vislumbrou os preparativos lá em baixo no pátio. Apesar da ameaça da chuva, estavam a ser instaladas tendas e mesas. Felizmente, a maioria das discussões e conferências iriam decorrer nas grandes salas superiores e salões de banquete do

Castelo de Akershus. Até mesmo a igreja da fortaleza medieval iria albergar uma série de conceitos vespertinos, incluindo grupos corais de todo o mundo. Além disso, os museus militares associados à fortaleza — o Museu da Resistência Norueguesa e o Museu das Forças Armadas — estavam a ser preparados para os grupos visitantes, bem como as secções inferiores do próprio castelo, onde guias conduziriam visitas às antigas masmorras e passagens obscuras, partilhando histórias de fantasmas e bruxas que desde sempre atormentaram a sombria fortaleza.

3 Avô e avó em norueguês. (N. da T.)

Naturalmente, a realidade de Akershus era igualmente lúgubre. Durante a Segunda Guerra Mundial, a fortaleza fora ocupada pelos alemães. Muitos cidadãos noruegueses foram torturados e assassinados no interior daquelas paredes. E, posteriormente, foram aí conduzidos julgamentos e levadas a cabo execuções, incluindo os do famoso traidor e colaborador nazi Vidkun Quisling.

Alcançando a base da torre, Ivar encaminhou-se para o pátio. Com um pé no presente e outro no passado, só reparou no homem rotundo que lhe bloqueava o caminho quando já estava quase em cima dele. Ivar reconheceu de imediato Antonio Gravei. O actual secretário-geral do Clube de Roma não parecia satisfeito.

E Ivar sabia porquê. Ele esperara evitar o homem por mais algumas horas, mas claramente não seria possível. Os dois homens tinham colidido desde que Ivar se associara às fileiras da organização.

O Clube de Roma era um espaço internacional de reflexão que reunia industriais, cientistas, líderes mundiais e mesmo membros da realeza. Desde a sua criação em 1968, tinha-se transformado numa organização que englobava trinta países dos cinco continentes. O objectivo principal da organização era a consciencialização das crises globais críticas que ameaçavam o futuro. O pai de Ivar fora um dos membros fundadores.

Depois da morte do pai, Ivar assumira a sua posição e descobrira que o Clube de Roma se adequava simultaneamente à sua personalidade e necessidades.

Com o passar dos anos, subira na organização, tendo alcançado uma posição de liderança. Consequentemente, Antonio Gravei sentia-se ameaçado e nos últimos meses convertera-se num tormento crescente para Ivar.

Contudo, Ivar conservou uma expressão calorosa e acolhedora.

— Ah, Antonio, não disponho de muito tempo. Porque não me acompanha?

Antonio seguiu-o, enquanto ele iniciava a travessia do pátio.

— Terá de arranjar tempo, Ivar. Permite que a conferência deste ano se realizasse aqui em Oslo. O mínimo que pode fazer é escutar as minhas preocupações com a devida atenção.

Ivar manteve a expressão passiva. Gravei não permitira nada, mas combatera Ivar em todos os passos do percurso. O homem quisera que a cimeira se realizasse em Zurique, sede do novo secretariado internacional do clube. Mas Ivar manipulara o secretário-geral, atraindo a cimeira para Oslo, em grande parte graças a uma excursão especial que Ivar idealizara, programada para o último dia da conferência, uma viagem limitada à camada de topo envolvida na organização da cimeira.

— Enquanto secretário-geral do Clube de Roma — pressionou Antonio parece-me adequado que eu acompanhe os VIP que se dirigem a Spitsbergen.

— Eu compreendo, mas receio não ser possível, Antonio. Tem de perceber a natureza sensível do local para onde nos dirigimos. Se fosse por mim, é evidente que acolheria de bom grado a sua companhia, mas foi o governo norueguês que limitou o número de visitantes a Svalbard.

— Mas. . — Enquanto Antonio lutava por encontrar um argumento apropriado, o desejo cru era evidente no seu rosto.

Ivar deixou-o entregue à angústia. Custara à Viatus uma fortuna conseguir uma frota de jactos particulares para transportar a elite da conferência até à remota ilha norueguesa de Spitsbergen, no Oceano Ártico. O objectivo da viagem era uma visita privada à Abóbada Seminal Global de Svalbard. O vasto banco de sementes subterrâneo fora estabelecido para armazenar e preservar as sementes de todo o mundo, especificamente sementes de cereais. Fora sepultado naquele lugar perpetuamente gelado e inóspito para o caso de acontecer um desastre global — natural ou outro. Se tal evento alguma vez ocorresse, as sementes congeladas e armazenadas seriam preservadas para um mundo futuro.

Era a razão porque Svalbard conquistara o cognome de Abóbada do Juízo Final.

— Mas. . parece-me que numa tal viagem — prosseguiu Antonio o conselho executivo do Clube de Roma devia mostrar uma frente unida. A segurança alimentar é absolutamente vital nos dias de hoje.

Ivar forçou os seus olhos a não rolar. Ele sabia que o desejo de Antonio Gravei nada tinha a ver com a segurança alimentar, mas tinha tudo a ver com a sua aspiração a conviver com a futura geração de líderes mundiais.

— Tem toda a razão em relação à segurança alimentar — admitiu Ivar. — Com efeito, esse tópico constituirá o foco do meu discurso.

Ivar tencionava usar o seu discurso para lançar os recursos do Clube de Roma numa nova direcção. Estava na altura de entrar verdadeiramente em acção. Contudo, apercebeu-se que a expressão de Antonio se turvara. A fúria dera lugar a um tom ludibrioso.

— Por falar no seu discurso — disse Antonio com azedume —, obtive um primeiro esboço dele e li-o.

Ivar estacou e voltou-se para o homem.

— Leu o meu discurso? — Ninguém deveria conhecer o seu conteúdo. -Como o conseguiu?

Antonio ignorou a questão com um aceno de mão.

— Não interessa. O que importa realmente é que não pode proferir tal discurso e continuar a esperar representar o Clube de Roma. Levei o assunto ao co-presidente Boutha. E ele concorda. Esta não é o momento de divulgar alertas sobre o iminente colapso do mundo. É.. é uma irresponsabilidade.

O sangue inflamou o rosto frio de Ivar.

— Então quando é esse momento? — indagou, comprimindo o maxilar. — Quando o mundo tiver mergulhado no caos e noventa por cento da sua população tiver perecido?

Antonio abanou a cabeça.

— É disso que estou a falar. Você vai fazer com que o clube pareça um bando de loucos e vaticinadores da desgraça. Não vamos tolerá-lo.

— Tolerá-lo? A essência do meu discurso deriva do próprio relatório publicado pelo Clube de Roma.

— Sim, eu sei. The Limits to Growth⁴. Você cita-o vezes suficientes no seu discurso.

Isso foi escrito em 1972.

— E é ainda mais actual, hoje. O relatório descreve com grande pormenor o colapso para que o mundo caminha no presente.

Ivar estudara The Limits to Growth com muita atenção, retrçando os seus quadros e dados. O relatório estabelecia o modelo do futuro do mundo: a população continuava a crescer exponencialmente, enquanto a produção alimentar apenas crescia aritmeticamente.

Por fim, a população acabaria por exceder a capacidade de produzir alimento suficiente para se sustentar. Atingiria esse ponto a uma velocidade vertiginosa, como uma locomotiva, e excedê-lo-ia. Quando tal ocorresse, seguir-se-iam o caos, a fome e a guerra, terminando no aniquilamento da humanidade. Mesmo os modelos mais conservadores mostravam que 90% da população mundial morreria em consequência desses factores. Os estudos tinham sido repetidos por outras fontes com os mesmos resultados terríveis.

Antonio encolheu os ombros, pondo de parte a questão. Ivar cerrou um punho e esteve a ponto de partir o nariz do homem.

— Esse discurso — afirmou Antonio, ignorando o perigo. — O que você advoga é um controlo radical da população. Isso nunca será aceite.

— Tem de ser — argumentou Ivar. — Não há forma de nos esquivarmos ao que está para vir. O mundo passou de quatro a seis biliões em apenas duas décadas. E

não mostra sinais de abrandamento. Atingiremos os nove biliões nos próximos vinte anos. E isso numa altura em que o mundo está a ficar sem terra arável, em que o aquecimento global ameaça a devastação e em que os nossos oceanos estão a morrer. Atingiremos esse ponto limite mais cedo do que se espera.

Ivar agarrou o braço de Antonio, deixando transparecer a sua emoção.

— Mas nós podemos mitigar o seu impacto, planeando agora. Só há uma forma de evitar o colapso total a nível mundial. . e é reduzindo progressiva e firmemente a biomassa humana deste planeta, antes de se atingir esse ponto limite. O futuro da humanidade depende disso.

— Saberemos desenvencilhar-nos da situação — disse Antonio. — Ou não tem fé na sua própria pesquisa? Os alimentos geneticamente modificados patenteados pela sua empresa não devem disponibilizar novas terras e produzir maiores colheitas?

— Mas mesmo isso apenas nos abrirá uma pequena janela de tempo.

4 Os Limites do Crescimento. (N. da T.)

Antonio relanceou o relógio.

— Por falar em tempo, tenho de ir. Já lhe transmitti a mensagem de Boutha. Terá de ajustar as suas palavras se quiser proferir o discurso.

Ivar observou o homem a afastar-se a passos largos na direcção da ponte levadiça que transpunha a entrada do Kirkegata.

De pé no pátio, Ivar permaneceu imóvel enquanto a chuva começava debilmente a cair do céu, o primeiro presságio de um dilúvio maior. Deixou que as gotas gélidas acalmassem o bater do seu coração. Abordaria a questão com o co-presidente do clube, mais tarde. Talvez devesse moderar a sua retórica. Talvez fosse melhor usar uma mão mais branda sobre o leme que guiava o destino do mundo.

De novo calmo e resoluto, atravessou o pátio em direcção à imponente Igreja de Akershus com a sua grande janela de roseta. Já estava atrasado para a reunião. No seio do Clube de Roma, Ivar reunira homens e mulheres com o mesmo espírito, dispostos a fazer escolhas difíceis e a manter-se fiéis às suas convicções. Embora Antonio e os dois co-presidentes fossem as figuras de proa do Clube de Roma, Ivar Karlsen e a sua cabala interna mantinham o seu próprio pacto, um clube no interior do clube — um coração de ferro, batendo ao ritmo da esperança do planeta.

Enquanto se dirigia para a igreja, Ivar viu que os outros já se encontravam reunidos na pequena nave de paredes de tijolo. As cadeiras tinham sido empurradas para um dos lados e fora instalado um palco para o coro à esquerda do altar. As janelas abobadadas deixavam passar uma luz sombria, enquanto um candelabro dourado vivamente iluminado procurava adicionar um débil toque de alegria.

Os rostos voltaram-se quando Ivar entrou.

Doze ao todo.

Aqueles detinham o verdadeiro poder dentro do clube: líderes da indústria, cientistas vencedores do Prémio Nobel, representantes governamentais das nações mais importantes, até uma celebridade de Hollywood cujo apoio activo atraía atenção e financiamento às causas do grupo.

Cada qual servia um propósito específico.

Inclusive o homem que se aproximava agora de Ivar. Vestia um fato escuro e exibia uma expressão atormentada.

— Bom dia, Ivar — disse o homem e estendeu-lhe a mão.

— Senador Gorman, aceite as minhas condolências pela sua perda. O que aconteceu no Mali. . eu devia ter investido mais na segurança do campo.

— Não se culpe. — O senador comprimiu o ombro de Ivar. — Jason conhecia os perigos. E sentia-se orgulhoso por estar envolvido num projecto de tamanha importância.

Apesar do apoio, o senador sentia-se claramente incomodado com o assunto, ainda ferido com a morte do filho. A distância, os dois homens quase passavam por irmãos.

Sebastian Gorman era tão alto e estava tão desgastado pelo tempo como Ivar, mas conservava o seu cabelo branco impecavelmente aparado, o fato engomado e vincado.

Ivar ficara surpreendido por encontrar ali o senador, mas talvez não devesse estar. No passado, Gorman revelara-se muito determinado. O senador norte-americano fora muito útil na difusão da pesquisa e do desenvolvimento de biocombustíveis por todo o mundo ocidental. Aquela cimeira era importante para os seus interesses. E com as eleições a aproximar-se, o senador teria de arranjar tempo para chorar a morte do filho mais tarde.

No entanto, Ivar compreendia a dor do homem. Ele perdera a mulher e o filho durante o parto, quando tinha trinta anos. A tragédia quase o destruíra na altura. Nunca voltara a casar.

— Estamos prontos para começar? — perguntou o senador, afastando-se.

— Sim. É melhor começarmos. Temos muito terreno a abarcar.

— Ótimo.

Enquanto o senador acomodava todos os presentes, Ivar fitou as suas costas. Não sentiu um pinga de culpa. A Viatus significava o caminho da vida. E esse caminho era por vezes difícil de trilhar, exigindo sacrifícios.

Como a morte de Jason Gorman.

As ordens de Ivar, o rapaz fora assassinado.

Uma perda trágica, mas não podia alimentar o arrependimento.

VIII - 11 de Outubro, 08h14

Roma, Itália

Tinham menos de um minuto. Os inesperados visitantes que o dono da hospedaria anunciara subiam as escadas. Gray não queria estar ali quando eles chegassem.

Conduziu os outros apressadamente pelo corredor em direcção à saída de incêndio do hotel. Ficava do lado oposto do quarto. Alcançando a janela, abriu-a rapidamente e desviou-se para deixar passar Rachel.

— Cabeça baixa — ordenou. — Mantém-te fora do alcance da vista.

Rachel trepou pela janela para a escada de ferro.

Gray apontou para Kowaiski, dando-lhe uma cotovelada no peito.

— Acompanhe-a.

— Não precisa de mo dizer duas vezes — respondeu este e seguiu.

Seichan encontrava-se a dois passos no corredor, as pernas afastadas, os braços estendidos, as mãos empunhando uma Sig Sauer preta. Mantinha-a apontada na direcção do lado oposto do corredor.

— Tem outra arma? — perguntou ele.

— Tenho a situação controlada. Mexam-se.

Vozes abafadas erguiam-se do fundo do corredor, a par do ranger do soalho de madeira. Os assassinos tinham alcançado o piso onde eles se encontravam e dirigiam-se para o quarto. A arquitectura convoluta do hotel provavelmente salvara-lhes a vida, oferecendo-lhes o tempo suficiente para escapar à emboscada.

Mas não muito mais do que isso.

Gray recuou até à janela e lançou-se no exterior. Seichan seguiu-o. Sem sequer se virar, ela retrocedeu habilmente pela janela aberta, nunca baixando a guarda do corredor.

Rachel e Kowaiski já tinham iniciado a descida. Encontravam-se um piso abaixo, quando subitamente dispararam tiros na sua direcção. Gray não ouviu as detonações, mas reconheceu os silvos dos ricochetes e as nuvens de pó de tijolo na parede.

Kowaiski praguejou, puxou Rachel para trás de si e iniciou uma rápida retirada pela escada de incêndio acima.

Gray avistou o atirador, meio escondido atrás de um contentor de lixo. Os canalhas já tinham a saída do beco coberta. Seichan ripostou. O atirador agachou-se, mas a pistola dela não tinha silenciador. As detonações feriram os ouvidos de Gray e eram decerto suficientemente sonoras para serem ouvidas pelos assassinos no interior do edifício.

— Tentem alcançar o telhado! — ordenou.

O atirador que se encontrava em baixo disparava ao acaso enquanto eles fugiam, mas Seichan mantinha-o imobilizado e a armação de ferro da escada de incêndio ajudava a protegê-los. Felizmente, estavam quase a chegar. O hotel tinha apenas cinco pisos.

Quando chegaram ao topo, Gray encaminhou-os para longe da extremidade do telhado. Fitou a extensão de excremento de pombo, tubos de ventilação e equipamento de aquecimento e arrefecimento coberto de graffiti. Precisavam de arranjar outro meio de descer dali. Naquele preciso momento, ouviu o som de botas a aterrar pesadamente na estrutura de ferro da escada de incêndio. Os outros subiam atrás deles.

Gray apontou para a ponta mais distante do hotel. Um outro edifício encostava-se a ele. Tinha menos um piso. Eles tinham de sair do alcance da vista ou pelo menos da linha directa de fogo.

Correram na direcção do muro baixo que separava os dois edifícios. Gray alcançou-o em primeiro lugar e debruçou-se. Uma escada de metal branca estava aparafusada à parede lateral do hotel e conduzia ao telhado do edifício mais baixo.

— Vamos!

Rachel rolou pela borda e apressou-se a descer os degraus. Kowaiski não se deu ao trabalho de aguardar a sua vez. Agarrou a borda do muro, suspendeu-se pelos dedos e simplesmente deixou-se cair. Aterrou de costas no telhado revestido a alcatrão.

Um disparo chamou de novo a atenção de Gray.

Uma cabeça coberta com um capuz preto agachou-se por baixo da escada de incêndio no extremo oposto.

— É agora ou nunca, Pierce! — avisou Seichan.

Ela disparou mais duas vezes, desencorajando mais alguém de se mostrar. Tirando vantagem da cobertura, Gray saltou sobre a borda do telhado, agarrou a escada e ignorou os degraus. Como um bombeiro num varão, deslizou até ao fundo.

Mais tiros ecoaram do alto.

Quando os seus calcanhares atingiram o alcatrão, olhou para cima. Seichan voou sobre o muro e estendeu um braço na direcção da escada. A sua outra mão agarrava a pistola fumegante. Com a pressa, falhou o degrau superior e iniciou uma queda de cabeça. Tentou agarrar um segundo ponto de apoio, largando a pistola e estendendo a mão. Os seus dedos seguraram-se por meio segundo. A pistola tombou e embateu no chão junto aos pés de Gray. O apoio momentâneo soltou-se.

Ela caiu.

Gray lançou-se para a frente e colocou-se sob ela. Ela aterrou pesadamente nos seus braços. O impacto derrubou-o sobre um joelho, mas agarrou-a.

Momentaneamente aturdida, respirou pesadamente, com uma mão aferrada em torno do pulso de Gray.

Kowaiski recuperou a arma dela e depois ajudou-os a pôr-se de pé.

Seichan libertou-se rudemente dos braços de Gray, deu um passo vacilante e depois recuperou o equilíbrio. Voltando-se, arrancou firmemente a pistola dos dedos de Kowaiski, antes que este pudesse reagir.

— Eh. . — Kowaiski fitou a sua mão vazia, como se o apêndice o tivesse traído.

Há aqui outra escada de incêndio — chamou Rachel. Os seus olhos vacilaram momentaneamente entre Gray e Seichan.

Todos se apressaram naquela direcção. O cimo da escada escondia-se atrás de um volumoso aparelho de ventilação. Iniciaram uma descida rápida, saltando de patamar em patamar. Aquela escada desembocava num beco diferente. Permitir-lhes-ia ganhar algum tempo, mas Gray sabia que fosse qual fosse a rede lançada em torno do hotel esta estaria seguramente a ser alargada. Tinham de escapar antes que se fechasse completamente em torno deles.

No final do beco, abria-se uma rua. Encaminharam-se para ela. Não podendo identificar os assassinos, ainda corriam um grave perigo. Podiam estar a dirigir-se para um deles sem o saber. Tinham de se afastar bastante daquela área, da cidade.

O olhar inquiridor de Gray deslizou de Rachel para Seichan.

— Alguém tem carro?

— Eu tenho — respondeu Rachel. — Mas está estacionado na esquina do hotel.

Ele abanou a cabeça. Era demasiado arriscado voltar para trás. E considerando que as ruas já se tinham convertido num autêntico parque de estacionamento devido ao engarrafamento matinal, um carro poderia nem sequer lhes servir.

Um rugir à sua esquerda alertou-o do perigo. Gray saltou para trás, enquanto um motociclista acelerava por entre o tráfego estagnado, praticamente circulando no passeio estreito. Kowaiski foi um segundo mais lento. O motociclista quase o atingiu, o que só enfureceu o gigante.

— Vai-te lixar, ó Evil Knievel!

Quando o homem passou, Kowaiski empurrou-o com ambos os braços.

O motociclista voou do seu assento. A mota embateu num carro estacionado e tombou de lado. Um segundo motociclista, que não vira a alteração e seguia o mesmo trajecto sinuoso, não conseguiu desviar-se a tempo. Foi obrigado a largar a mota e a deslizar ao longo da sarjeta.

Seichan fitou Gray e ergueu uma sobrancelha.

Serve perfeitamente, respondeu-lhe este silenciosamente.

Seichan correu para a primeira mota; Gray dirigiu-se à segunda.

Precisavam de um meio de transporte.

A pistola de Seichan desencorajou quaisquer reclamações por parte do primeiro condutor. Compreendendo rapidamente o seu intuito, Rachel seguiu Gray. Sacou da sua identificação dos carabinieri e ergueu-a alto, bradando em italiano, em tom de comando.

O segundo condutor afastou-se da sua mota caída.

Gray endireitou a mota e passou a perna sobre ela. Rachel trepou para a sua retaguarda, passando um braço em volta da sua cintura.

Seichan já montara a outra mota. Kowaiski permanecia estático, sem saber o que fazer. Seichan bateu no assento atrás de si.

— Deve estar a gozar comigo — disse ele. — Eu não viajo atrás como uma gaja.

Seichan conservava a Sig Sauer na mão. Voltou-a e ofereceu a extremidade do punho a Kowaiski. Ela não podia conduzir e disparar ao mesmo tempo.

Era como oferecer um osso a um cão.

Kowaiski não podia resistir. Pegou na arma e trepou para trás dela.

— Assim está melhor.

Partiram quando começaram a soar sirenes da polícia à distância. Gray tornou a dianteira. Guinando para trás e para a frente no tráfego, contornava carros e esquivava-se a bicicletas. Rachel gritava-lhe direcções ao ouvido, guiando-os no sentido das vias mais largas, onde o congestionamento não era tão intenso. Gradualmente, ganharam velocidade.

Mas não foram longe.

Um chiar de travões atraiu novamente a atenção de Gray.

Atrás deles, um Lamborghini preto irrompeu de uma rua secundária, com os pneus a fumegar, e apontou Ana direcção de Seichan e Kowaiski. Uma figura vestida de preto debruçou-se para fora da janela do passageiro do carro desportivo e ergueu uma arma de cano bojudo sobre o ombro. Visou o motociclo em andamento lento.

Gray reconheceu um lançador de granadas M32.

E Seichan também.

Esta dobrou-se mais sobre o assento e acelerou, mas com um tráfego intenso não havia por onde fugir.

Com o alvo encurralado, o atirador disparou.

02h22

Washington, D. C.

Monk esperava juntamente com Kat, no gabinete desta, no Comando da Sigma. Partilhavam o sofá de pele, estendidos um ao lado do outro. Monk abraçava

Kat, apreciando o calor do seu corpo, a suavidade do seu toque. Embora o Comando da Sigma dispusesse de uma série de salas com beliches, nenhum deles conseguiria dormir até terem notícias de Gray.

— Eu devia estar lá com ele — murmurou Monk.

— Ele tem o Kowaiski.

Monk fitou-a.

— OK — concordou ela. — Isso pode piorar as coisas. Mas não sabemos sequer se se passa alguma coisa de errado.

— Ele não atende o telefone.

Kat enroscou-se mais nele.

— Ele ia encontrar-se com Rachel — disse ela e ergueu uma sobrancelha, deixando uma insinuação em suspenso.

Monk não aceitava essa explicação.

Seguiu-se um longo silêncio, cada qual perdido nos seus pensamentos. Painter continuava a envidar todos os esforços para tentar saber o que se passava em Roma.

Kat desenvolvera igualmente investigações adicionais sobre a explosão no Vaticano.

Aguardava a chegada de um relatório extenso da Interpol. Aquele momento de acalmia antecedia certamente uma tempestade. Contudo, Monk aproveitava-o ao máximo.

Estendeu a mão e pousou-a no ventre de Kat. A mão dela ergueu-se e cobriu a dele.

Os dedos entrelaçaram-se.

— É errado desejar um rapaz? — perguntou ele.

Ela atingiu-o debilmente na perna com a outra mão.

— Sim. .

Monk envolveu-a nos seus braços e brincou.

— Mas um rapaz.. alguém com quem possa jogar à apanhada, meter uns cestos, ir pescar..

Kat contorceu-se, depois suspirou e encostou-se a ele.

— Tu podes fazer tudo isso com uma filha, seu sacana sexista.

— Chamaste-me sacana sexy?

— Sexista. . oh, não interessa.

Ele inclinou-se sobre ela e beijou-lhe os lábios.

— Gosto mais de sexy.

Ela murmurou por entre os lábios colados. Monk não conseguiu perceber as suas palavras, mas passado um instante, seguiu-se um silêncio apaziguador. Um toque na porta interrompeu-os. Libertaram-se do abraço que os unia e endireitaram-se. Kat levantou-se e caminhou até à porta, alisando o uniforme com a mão. Fitou

ferozmente Monk, como se fosse tudo culpa dele.

Kat abriu a porta e deparou com Painter.

— Director. .?

Painter cortou-lhe a palavra e apontou para o fundo do corredor.

— Ia a caminho da sala de comando das comunicações por satélite. Temos problemas em Roma.

Monk pôs-se de pé de um salto.

— Gray?

— Quem havia de ser? — Painter partiu corredor fora.

08h21

Roma, Itália

O Lamborghini rolava direito ao motociclo que avançava em marcha lenta. Não havia nada que Gray pudesse fazer.

Ao mesmo tempo que o atirador disparava a sua arma, Kowaiski fustigava selvaticamente o veículo com a sua pistola. O pára-brisas estilhaçou-se. O carro oscilou ligeiramente — o suficiente para desorientar a pontaria do atirador, quando este apertou o gatilho.

Do lançador de granadas, dardejou um trilho espiralado de fumo, que passou sobre a cabeça de Kowaiski e se projectou estrada fora. Atingiu a esquina de um edifício no cruzamento seguinte.

Fumo, fogo e tijolos foram projectados para o exterior.

Peões em pânico fugiram em todas as direcções. Carros chocaram no cruzamento. Na dianteira, Gray alcançou primeiro o cruzamento. Debateu-se por entre a confusão, avançando e guinando através do caos e do fumo e aproveitando cada fenda para escapar.

Seichan e Kowaiski encurtaram a distância.

Atrás deles, o Lamborghini, bloqueado pelo tráfego, desviou-se e subiu o passeio.

Acelerou, indiferente aos peões que circulavam.

Passado o cruzamento, a estrada desimpediu-se. Gray carregou no acelerador e disparou rua abaixo. Seichan mantinha-se do seu lado direito.

— Gray! — gritou Rachel ao seu ouvido. Soltou um braço da cintura dele e apontou para diante.

No outro extremo da rua, um segundo Lamborghini preto derrapou ao desenhar uma curva e acelerou na sua direcção. O primeiro carro aproximava-se pela retaguarda deles.

Rachel apontou à esquerda.

— Escadas!

Gray vislumbrou uma passagem pedestre arqueada entre dois edifícios. Virou bruscamente, travando e derrapando com ambos os pneus durante alguns metros, e depois endireitou a mota. Rodando o acelerador, lançou-se na direcção da escadaria de pedra. Seichan seguiu-o, descrevendo uma curva mais ampla, mas mantendo o ritmo.

Gray ouviu a torrente de imprecações proferida por Kowaiski, pontuada pelos baques surdos da sua pistola, enquanto disparava contra os dois carros desportivos.

Aproximando-se dos degraus, Gray reduziu a mudança e acelerou. Erguendo-se sobre o pneu traseiro, alcançou a escadaria e usou a velocidade adquirida, o equilíbrio e a mudança baixa para trepar os degraus. Felizmente, havia apenas um lanço e depois a passagem aplanava. Contudo, o caminho era estreito e sinuoso.

Gray lançou-se velozmente pela passagem. Não abrandou. Confiou que o rugir gutural dos dois motociclos desimpediria o caminho de peões. Mesmo assim, arriscou um relancear para trás. Não via a rua, mas tinha a certeza de que um ou dois atiradores viriam em sua perseguição. Os carros estariam provavelmente a circundar a área, para os apanhar no outro extremo.

Mas onde conduziria aquela passagem?

Gray obteve uma resposta quando o caminho desembocou subitamente numa ampla praça. Uma estrada rodeava o seu perímetro exterior. Enquanto se lançava em campo aberto, Gray contemplava, assombrado, a imponente estrutura antiga que preenchia o centro do espaço que se apresentava à sua frente. Erguia-se alto contra o céu.

O Coliseu.

Mas não tinha tempo para admirar as vistas.

— Temos companhia! — bradou Kowaiski, apontando à direita.

Gray voltou-se. Os dois Lamborghini entraram aos ziguezagues na estrada circundante.

— Gray! — gritou Rachel, apontando à esquerda.

Um terceiro Lamborghini, igualmente preto e lustroso, surgiu à vista. Alguém tinha dinheiro de sobra para gastar.

Sem outra alternativa, Gray dardejou em frente pela estrada, atravessando todas as faixas de rodagem e cortando pela praça pedestre que circundava o Coliseu. Era um parque de passadeiras de cimento, relvados e extensões de asfalto. A agilidade era a sua única esperança de fuga. E a velocidade.

Infelizmente, as mesmas características descreviam os Lamborghini.

Os três carros desportivos deixaram a estrada, viraram em direcção à praça e aproximaram-se dos fugitivos por ambos os lados.

Gray não tinha escolha.

Se era uma corrida que queriam...

02h23

Washington, D. C.

Anichado diante de uma série de monitores, Painter fitava as imagens de satélite enviadas pelo National Reconnaissance Office. Mostravam uma vista de uma ampla praça no centro de Roma. O antigo anfiteatro preenchia a área central. O Coliseu assemelhava-se a um olho de pedra gigante fitando-o como que em resposta.

— Amplie a imagem — ordenou Painter ao técnico.

— Tem a certeza de que é Gray? — inquiriu Monk. Ele e Kat flanqueavam Painter de cada lado do monitor.

— A explosão deu-se a um quarteirão do hotel dele. Os relatórios da polícia descrevem uma perseguição no exterior do Coliseu.

A imagem no ecrã dilatou-se e esquadrinhou a praça. Os pormenores tornaram-se menos distintos. Mas dois carros negros seguiam a alta velocidade em torno da periferia do anfiteatro de pedra. Na sua dianteira, um par de motociclos acelerava por passadeiras e relvados. Uma das motas lançou-se do cimo de uma escadaria, aterrou sobre o pneu traseiro e afastou-se velozmente.

— Sim — corroborou Monk. — Só pode ser Gray.

Os dois carros encurtavam rapidamente a distância.

— Ali! — exclamou Kat, apontando para o ecrã.

Um terceiro carro, vindo da direcção oposta, dirigia-se para as duas motas. Uma pequena explosão irrompeu junto de um dos motociclos, projectando um caixote do lixo e um pedaço de uma parede de tijolo no ar.

— Granada — murmurou Painter.

O que se estava a passar?

Encurralados pelos três lados, os dois motociclos guinaram e fugiram pelo único caminho aberto que lhes restava.

A voz de Kat soou incrédula.

— Eles não.. eles não podem pensar em. .

Monk aproximou-se mais do monitor.

— Sim, é definitivamente Gray.

IX - 11 de Outubro, 08h23

Roma, Itália

Gray inclinou-se firmemente sobre o guiador. Rachel abraçou-o com força. Ele apontou à imponente estrutura de pedra. Erguia-se a cerca de quinze pisos no seu

ponto mais alto, elevando-se em camadas altaneiras de arcos imensos e colunas colossais. No piso mais baixo, cada entrada em forma de arco era selada por um portão de aço, mas em frente abria-se a entrada principal, onde habitualmente se enfileiravam os turistas.

Gray acelerou na sua direcção.

O Coliseu ainda não abria ao público àquela hora da manhã, mas os portões estavam abertos e as multidões de turistas já se tinham começado a reunir para evitar as filas. O tiroteio e as explosões tinham afastado a maioria. Grupos de pessoas tinham-se refugiado onde podiam. Dois homens vestidos de gladiadores tinham mesmo trepado a uma das árvores da praça. A presença de turistas e de transeuntes mantinha igualmente a polícia armada, que guardava o local, desconfiada e cautelosa, desencorajando-a de disparar prontamente. Os guardas tinham abandonado a zona da entrada.

Com o caminho convenientemente desimpedido, Gray lançou-se para o portão principal.

Um único guarda surgiu à vista, pronto a defender o local. Apontou a sua arma e gritou-lhes uma ordem de aviso. Rachel gritou-lhe em resposta. Agitou um dos braços, segurando alto as suas credenciais dos carabinieri.

O homem hesitou, o rosto turvado pela confusão.

Era o suficiente.

Gray passou velozmente por ele, enquanto este saltava para o lado. Seichan seguiu-o.

Dardejaram pela passagem externa que circundava a arena central. Delineado por arcadas e sustentado por colunas, o sombrio espaço enclausurado era cavernoso. O rugir dos motociclos ecoava pelas paredes, intensificando-se num crescendo ensurdecedor.

Um trepidar de disparos chamou a sua atenção para a esquerda. Um dos Lamborghini seguia-lhes os passos no exterior da praça banhada pelo sol. Um atirador disparava uma espingarda pelo vidro do passageiro. Mas as paredes de pedra e os portões de aço serviam-lhes de escudo. Faíscas saltavam do aço.

Um sonoro estilhaçar soou atrás deles.

Gray relanceou sobre o ombro. Um segundo Lamborghini forçara a entrada e dava-lhes caça no interior do espaço. Este era infelizmente bastante amplo para acomodar o pequeno carro desportivo.

Uma explosão ígnea atraiu novamente a atenção de Gray. Um dos portões de aço, retorcido e fumegante, projectara-se no caminho à sua frente. O terceiro Lamborghini lançou-se pelos destroços e imobilizou-se com uma derrapagem, bloqueando-lhes o caminho.

Uma figura escura debruçou-se da janela, apontando-lhes a sua arma

fumegante.

— Para a direita! — bradou Rachel, apontando uma rampa de pedra próxima.

Obedecendo, descreveu uma curva abrupta, inclinando-se sobre o joelho. A moto derrapou e enviesou-se precariamente, demasiado precariamente. Queimou a rótula na pedra enquanto a mota ameaçava cair por terra. Cerrando os dentes, forçou a mota a levantar-se.

No final, o ângulo que o seu corpo desenhara salvou-lhe a vida. Um estrondo sonoro ensurdeceu-o e uma espiral de fumo dardejou pelo motociclo inclinado, não atingindo Gray por milímetros. Ele sentiu à sua passagem uma queimadura na face.

A granada foi projectada para longe e atingiu violentamente o pára-brisas do outro Lamborghini. Uma detonação flamejante fez explodir as janelas e virou o veículo de lado.

Enquanto um calor abrasador se espalhava para o exterior, Gray acelerou na direcção da rampa. Seichan e Kowaiski já tinham contornado uma das colunas maciças e convergiam para eles. Os dois motociclos alcançaram a rampa juntos e lançaram-se por uma curta passagem sombria de volta à luz do sol.

No fim da rampa, abriu-se toda a extensão do estádio. Elevava-se em quatro imponentes pisos, abarcando vinte e cinco mil metros quadrados. Embora o anfiteatro tivesse sido danificado ao longo dos séculos por vândalos, incêndios, tremores de terra e guerras, conservava uma grandiosidade eterna, um testemunho do tempo e da história.

Logo adiante estendia-se a arena propriamente dita, onde grandes batalhas haviam sido travadas e onde a morte fora um jogo. Há muito tempo atrás, o original pavimento de madeira tinha apodrecido e exposto o labirinto subterrâneo de passagens e celas de pedra que outrora abrigara animais, escravos e gladiadores.

Uma moderna passadeira suspensa atravessava o poço aberto e terminava numa plataforma no lado oposto. Gray aproveitou-a. Sem abrandar, acelerou pelo centro da estreita passadeira. O rugir de dois motociclos ecoou pelo espaço, despertando os espíritos de antigos espectadores aplaudindo e bramindo por sangue.

E os espíritos não ficariam desapontados naquele dia.

Uma nova barreira de fogo irrompeu atrás deles. Pelo espelho retrovisor, Gray avistou um par de atiradores tornando posição no extremo oposto da passadeira. Levavam as espingardas ao ombro. Depois da primeira salva de tiros, Seichan foi forçada a largar a mota, o pneu traseiro rebentado. A mota deslizou de lado. Seichan e Kowaiski rolaram pela passadeira suspensa, enredados.

Kowaiski tentou erguer-se sobre os joelhos, mas Seichan agarrou-o antes que fosse alvejado na cabeça. Juntos, tombaram da passadeira e desapareceram no poço lá em baixo.

Era a única opção.

Expostos e em espaço aberto, Gray e Rachel nunca conseguiriam chegar ao outro lado. Tendo os assassinos assumido as suas posições e estabilizado a pontaria, a presa seria apanhada. Gray travou a fundo. Sabia que lhe restava menos de um segundo.

Torceu-se, agarrou Rachel pela cintura e fê-la rolar da mota para a passadeira. Balas trituraram as pranchas na sua direcção.

Gray manteve-a bem apertada contra si e continuou a rolar. Transpuseram a borda da passadeira e precipitaram-se na escuridão do poço.

02h35

Washington, D. C.

Painter aproximou-se mais do monitor.

— Consegue ampliar com mais precisão?

O técnico abanou a cabeça e recostou-se.

— Esta é a melhor resolução que consigo obter a partir do satélite. Posso passar os dados actuais por um filtro de alta resolução, mas vai demorar horas a compilar.

Painter voltou-se para Kat. Ela estava ao telefone. Os seus olhares cruzaram-se.

— Tenho em linha as forças militares italianas — disse Kat. — Encontram-se a dez minutos da zona. A polícia local tem a área encerrada.

Painter voltou a fitar o ecrã. Tinham perdido de vista os motociclistas, quando estes se lançaram no interior do Coliseu. Mas segundos depois reapareceram, acelerando pelo centro da arena. A imagem era imprecisa, pouco mais do que uma vaga representação.

Mas enquanto observavam, uma das motas rodopiou subitamente e deslizou até se imobilizar. Segundos mais tarde, a outra travou e estacou. O movimento desfocou a imagem e depois pareceu ficar tudo imóvel.

A resolução não era suficientemente apurada para determinar se havia corpos caídos na rampa.

Monk debruçou-se sobre o ombro do técnico.

— Senhor.. — Ele apontou e atraiu a atenção de Painter de novo para o ecrã. — Parece-me ver qualquer coisa. Na ponte.

O técnico assentiu.

— Parecem duas figuras. Talvez três.

O seu dedo seguia o débil tremular dos pixéis no ecrã. Fluíam na direcção dos motociclos tombados. Mesmo com tão baixa resolução, Painter reconheceu o movimento furtivo de verdadeiros caçadores.

Murmurou para o ecrã, meio em súplica, meio em prece.

— Sai daí, Gray. .

08h36

Roma, Itália

Rachel apoiava-se no ombro de Gray. Cada passo que dava provocava-lhe uma dor aguda pela perna direita acima. Ela torcera o joelho ao tombar para a região subterrânea do Coliseu. Enquanto coxeava ao lado dele, perscrutava o espaço em redor.

Com o sol ainda baixo, as sombras profundas encobriam-nos. Ela aprendera com o tio Vigor que aqueles níveis inferiores se designavam hypogeum, hipogeu, que significava simplesmente subterrâneo. Era ali que outrora alojavam todo o tipo de feras — leões, elefantes, tigres, girafas —, a par de escravos e gladiadores. Elevadores rudimentares erguiam e desciam jaulas ou elaboradas peças de cenário.

Mas o que restava do espectáculo eram paredes em ruínas, cubículos sem saída e minúsculas celas. Sem cobertura, o piso superior ficava exposto ao sol e à chuva. A erva cobria o chão, enquanto um espesso musgo atapetava as paredes. Devido à natureza frágil das antigas estruturas e ao perigo de colapso iminente, aquela área estava interdita aos turistas — mas não aos arqueólogos. Uma vez, o tio Vigor introduzira aí furtivamente Rachel, quando ela era adolescente.

Se eu me conseguisse orientar..

Gray estacou subitamente. Um movimento furtivo soou atrás deles: o roçar da pedra, o sopro pesado da respiração. Mergulharam numa das celas. Duas figuras surgiram.

Rachel ouviu Gray dizer com alívio.

— Seichan. .

A mulher sibilou e colocou um dedo junto aos lábios. Kowaiski seguia-a. O sangue cobria-lhe metade do rosto, fluindo intensamente de um golpe abaixo do olho. Ergueu igualmente uma mão para lhes pedir que se mantivessem em silêncio.

Então, Rachel também ouviu.

O calcar de botas na passadeira, em cima.

Os atiradores não tinham partido, como Rachel esperara. Ainda perseguiam a sua presa.

Seichan apontou para cima, depois lançou o braço para diante. A sua mímica era clara. Se se mantivessem debaixo da passadeira suspensa, haveria menos probabilidades de serem descobertos. Mas isso significava moverem-se o mais silenciosamente possível.

Gray acenou com a cabeça e começou a encaminhar-se para o extremo oposto do hipogeu. Rachel apertou-o com mais força e deteve-o. Ele voltou-se para trás

com um ar inquiridor. Ela conhecia o traçado daqueles subterrâneos. Se seguissem a passadeira, deparariam com uma parede sólida. Apenas alguns caminhos iam dar ao exterior do hipogeu.

Ela apontou ao longo do caminho que seguiam, descreveu um gesto cortante e abanou a cabeça. Era a linguagem gestual militar para beco sem saída. Virando-se, ela apontou para uma saída que poucas pessoas conheciam. O tio mostrara-lha há muito.

Mas para chegar a esse ponto, teriam de abandonar a protecção da passadeira e percorrer o labirinto exposto.

Gray estudou-a com o rosto crispado. Os seus olhos duros pareciam pedaços de gelo azulado.

Tens a certeza?

Rachel assentiu. Os dedos dele cingiram-lhe o ombro, agradecendo-lhe, tranquilizando-a. Por um instante, ela desejou que os braços dele a envolvessem, apertando-a com a mesma força. Mas ele largou-a e agachou-se junto de Kowaiski. Sussurraram demasiado baixo para se conseguirem ouvir.

Seichan colocou-se ao lado dela. Ela mantinha a atenção igualmente concentrada nos dois americanos. Rachel não duvidou que a mulher conseguisse ler-lhes os lábios. Rachel olhou-a de lado. Uma mancha violácea formava-se na face de Seichan. Rachel notou também o quanto ela emagrecera desde que a conhecera alguns anos atrás. O rosto estava mais magro, cavado e atormentado em redor dos olhos. Parecia talhada em pedra, sólida e inflexível. Contudo, um fogo frio persistia no seu olhar de um verde profundo.

Gray deslizou para trás e fê-los agachar-se sob a passadeira. Relanceou para cima, escutando, enquanto um dos perseguidores passava. Os atiradores vigiavam ambas as metades do hipogeu. A qualquer centelha de movimento, cairiam sobre eles. Da sua posição privilegiada, seria como caçar peixes num barril.

Quando o assassino se afastava, Gray sussurrou: — Vamos precisar de uma distração. Kowaiski só tem uma rodada na pistola. Não é muito, mas. .

O cauteloso calcar de botas mudou subitamente de cadência. O lento caminhar transformou-se numa pesada corrida. As botas martelavam na sua direcção.

O sussurro de Gray devia ter sido ouvido.

Kowaiski ergueu a pistola, pronto a disparar, mas Seichan colocou-lhe uma mão sobre o ombro, à laia de advertência.

O estrondear passou pelo local onde eles estavam e continuou pela passadeira fora, dirigindo-se ao extremo oposto. Estavam a desertar. Algo devia tê-los afugentado.

— A polícia. . — aventou Gray em voz alta.

— Já não era sem tempo — disse Kowaiski.

Seichan não partilhava o seu alívio. A sua expressão azedou-se. O seu nome constava de diversas listas de vigilância terrorista, incluindo a da Interpol.

Antes que pudessem tornar uma decisão, ouviram um novo ruído. Surgiu subitamente.

O baque surdo de um helicóptero. Gray saiu da parte inferior da passadeira e olhou para cima. Rachel juntou-se-lhe.

Um helicóptero negro em forma de vespa varria o perímetro do Coliseu.

— Não é a polizia — disse Rachel.

De facto, não havia marcas de identificação no aparelho.

Quando se inclinou sobre o estádio, abriu-se uma porta lateral no helicóptero.

Gray agarrou o ombro de Rachel.

— Corre!

Era agora claro por que motivo os atiradores tinham partido. Não fora por causa da polícia, mas devido a um novo tipo de assalto. Porquê caçar peixes num barril, quando as cargas de profundidade funcionavam muito melhor?

— Por aqui! — gritou Rachel.

Ela correu, ignorando os protestos do joelho; a adrenalina afastava a dor. Seguiu ao longo de uma parede curva junto às celas de pedra. Os outros foram no seu encalço.

— O que se passa? — bramiu Kowaiski.

Rachel tornou a primeira passagem à direita e depois a outra à esquerda. Terminou num beco sem saída.

— Para trás!

Recuaram desordenadamente. Rachel continuava agarrada ao ombro de Gray, a coxear. Embora soubesse onde se localizava a saída, não tinha aquele labirinto de ratos memorizado. Retrocedendo, encontrou dessa vez o caminho correcto. Adiante, uma passagem em linha recta terminava numa arcada estreita. Era ali! O arco dava para uma escadaria que conduzia a um piso inferior do hipogeu.

Ela partia nesse sentido, quando Gray a agarrou por trás e a empurrou para uma das celas laterais. Os outros lançaram-se igualmente no seu interior. Gray protegeu-a, quando ecoou um estrondo atroador que abalou as paredes e a pedra sob os seus pés. Instantes depois, uma onda de chamas varreu as suas cabeças, arrastando fumo que cheirava a químicos venenosos.

Gray impeliu-a para fora do abrigo. Ela cambaleou, surda, os olhos lacrimejantes. Lá no alto, o helicóptero passou velozmente, turbilhonando fumo e fogo. Um cano escuro de metal surgiu à boca da escotilha aberta.

Oh, não..

Em pânico, sabendo o que se seguiria, Rachel apressou-se pela passagem, arquejando de dor enquanto transpunha pedras e bocados de muro tombados. A

abertura em arco encontrava-se a dez metros de distância. Centrada no seu objectivo, o calcanhar aterrou numa pedra incrustada de musgo. O pé escorregou e a pema torceu-se. Tropeçou, mas não chegou a atingir o solo.

Gray amparou-a pela cintura e carregou-a nos últimos metros. Mergulharam juntos no exterior da arcada. Corpos lançaram-se contra eles vindos da retaguarda. Caíram em grupo, tropeçando e descendo aos tombos o lanço de degraus de pedra.

Aterraram em monte no fundo, enquanto o mundo explodia por cima deles.

A detonação, próxima da abertura, ensurdeceu-os de imediato. A pressão obstruiu os ouvidos de Rachel, parecendo esmagar-lhe o crânio. Pedras tombaram e oscilaram.

Chamas irromperam pela garganta da escadaria, estendendo-se pelo tecto. A pele queimava-a. Os pulmões não conseguiam inspirar ar.

Então, subitamente, a pressão morreu. As chamas foram sugadas para longe, de novo para fora do túnel. Ar fresco fluíu dos níveis inferiores e espalhou-se sobre eles.

Mãos empurravam e puxavam. Rastejaram para longe das escadas em direcção às sombrias passagens inferiores. Após alguns metros, puseram-se lentamente de pé. Rachel agarrou-se às paredes para se conseguir levantar. Arquejou, sentiu vómitos, mas combateu a náusea. Inspirou grandes golfadas de ar fresco.

— Continua — instou-a Gray.

Rachel apoiou-se à parede enquanto seguiam aos tropeções. Tinham de prosseguir.

Os abalos e o fogo podiam fazer ruir sobre eles o piso superior. Tinham de se afastar.

— Consegues encontrar a tal saída?

Ela tossiu.

— Acho que. . talvez. .

Gray segurou-lhe o cotovelo.

— Rachel.

Ela assentiu, recuperando o equilíbrio, interior e exteriormente.

— Sim. Por aqui.

Tirou o telemóvel do bolso e abriu-o. O seu brilho débil não lançava muita luz, mas era melhor que nada.

Apoiando-se no ombro de Gray, avançou. Não ficava longe, mas aquele piso era uma labiríntica coelheira de celas, passagens e ruínas. Seguiu caminho, perdida entre o passado e o presente.

Recordou-se de quando o tio Vigor a levava ali abaixo, atormentando-a com histórias de heróis e de monstros, de estranhas feras e de grande esplendor. Ele falara-lhe igualmente de uma das encenações mais grandiosas, um evento raro

realizado no Coliseu.

Um espectáculo denominado naumachiae.

Disse, enquanto os conduzia: — Antes de serem construídos estes níveis subterrâneos, no início do Império Romano, costumavam inundar esta área, criando um grande lago no meio do Coliseu. Eram aqui representadas batalhas navais famosas, a par de demonstrações de cavalos e de touros a nadar.

Kowaiski seguia em último, empoeirado, ensanguentado e queimado.

— Neste momento, um banho parece-me bastante bem.

— O que faziam a toda essa água depois do espectáculo? — indagou Gray.

— Vais ver — respondeu Rachel.

Mais duas viragens e desembocaram numa parede. Um portão de ferro selava uma passagem baixa e estreita. Mesmo à débil luz, esta revelava-se claramente inclinada.

— Desimpediram esta área no ano passado, confirmando o que o tio Vigor já sabia.

— Rachel destrancou o portão e abriu-o.

Antes que pudesse dar mais explicações, um som ribombante ecoou pelo espaço. O pó da pedra flutuou numa nuvem espessa, rodeando-os.

— As explosões estão a desencadear o colapso — informou Rachel.

Mais próximo, um bloco de mármore caiu do tecto a um metro de distância e esmagou-se pesadamente no chão. Mais gemidos e estrondos seguiram-se. Como peças de dominó, todo o piso estava a começar a ruir sobre eles.

— Por aqui — disse Rachel. — Depressa.

Mergulhou na passagem íngreme e conduziu-os ao longo da descida. Atrás dela, os outros seguiam em fila indiana. Não tinham dado ainda mais de meia dúzia de passos, quando o chão se agitou, acompanhado de um ameaçador estrondear. Mais pó saturou o ar, sufocando-os e cegando-os.

Rachel caminhou rapidamente em frente, tapando a boca com o braço. Não via nada à sua frente. O chão tornava-se cada vez mais íngreme. Rachel tinha uma mão à volta da cintura e a outra empunhava o telemóvel, que brilhava.

— Quanto falta? — arquejou Gray.

Ela não respondeu. Não sabia.

Após um longo minuto de silêncio, chegou-lhe um eco gotejante. Precipitou-se para diante. Com a pressa, perdeu o equilíbrio, aterrou de rabo no chão e escorregou, largando o telemóvel. Este deslizou à sua frente e desapareceu.

Incapaz de se deter, seguiu-o. Por um momento de agonia, o mundo desabou sob ela.

Caiu pelo espaço aberto. Um grito fraco escapou da sua boca, mas aterrou num estreito curso de água gélida. A queda não ultrapassara um metro de altura.

— Cuidado! — bradou Gray.

Rachel afastou-se a rolar, enquanto os outros deslizaram, derraparam e caíram na água junto dela. Rachel recuperou o telemóvel que se encontrava na margem do ribeiro.

Ainda brilhava. Segurou-o alto.

Encontravam-se num longo canal de pedra, claramente feito pelo homem ao longo das lajes grosseiramente desbastadas. Um débil curso de água fluía pelo seu leito.

— Onde estamos? — perguntou Gray.

— Nos antigos esgotos da cidade — respondeu Rachel, começando a seguir a corrente. — Era assim que os romanos de outrora drenavam o estádio inundado.

Os outros chapinharam atrás dela.

Kowaiski suspirou pesadamente.

— Eu já devia calcular. Uma visita a Roma com Pierce só podia terminar no raio dos esgotos.

X - 11 de Outubro, 15h12

Washington, D. C.

Painter preparou-se para a batalha que se avizinhava. Encontrava-se sentado à sua secretária. Estava devidamente preparado, como seria de esperar. Depois da longa noite, gozara de um curto sono, tornara um duche e mudara de roupa.

Horas atrás, soubera que Gray e Kowaiski estavam a salvo e saíam de Roma. O Comandante Pierce já lhe fornecera um relatório preliminar sobre os acontecimentos ocorridos em Itália, mas precisava de prosseguir caminho. O relatório completo seria enviado assim que se tivesse instalado em local seguro fora da cidade.

O intercomunicador do gabinete zumbiu. Brant falou num tom seco.

— Senhor, o General Metcalf chegou.

Painter já fora alertado de que o director da DARPA se dirigia para o Comando da Sigma. Era uma visita rara. E geralmente não constituía um bom sinal.

Painter premiu o botão do intercomunicador.

— Mande-o entrar, Brant.

Segundos depois, a porta abriu-se. Painter levantou-se, quando o General Metcalf entrou a passos largos no seu gabinete. Trazia o chapéu debaixo do braço e o rosto fechado sob sulcos profundos.

Painter contornou a mesa para apertar a mão do homem, mas Metcalf dirigiu-se a uma cadeira, lançou o chapéu sobre a mesa e fez sinal a Painter para que se sentasse.

— Faz ideia da porra de tempestade política que está a soprar de Itália? — proferiu Metcalf como introdução.

Regressando ao lado oposto da secretária, Painter afundou-se na sua cadeira depois de Metcalf se sentar.

— Estou a par da situação, General. Estamos a monitorizar toda a comunicação através dos diversos canais dos serviços de informação.

— Primeiro, uma troca de tiros num hotel, depois uma perseguição pelas ruas com um rasto de carnificina atrás e para rematar uma das Sete Maravilhas do mundo é bombardeada. E você diz-me que um dos nossos. . dos seus operativos se encontra no âmago de tudo isso?

Painter expirou pelo nariz. Mantinha as pontas dos dedos pousadas na borda da mesa.

— Sim, senhor. Um dos nossos melhores agentes de campo.

— Melhores? — proferiu Metcalf com nítido sarcasmo. — Não gostaria de ver os piores.

Painter deixou que alguma acidez lhe penetrasse a voz.

— Ele foi emboscado. Fez o que foi necessário para proteger um bem valioso. Para os manter a todos vivos.

— A que preço? Pelo que pude constatar, ele seguia um caso que era da exclusiva competência dos serviços italianos. E os serviços de informação italianos e a Interpol tinham a situação controlada. Se o envolvimento do seu agente tiver exposto ou prejudicado..

Painter interrompeu-o.

— General, o caso tem implicações que se estendem muito para além de Itália. Por isso lhe solicitei este encontro. Até ao momento, ninguém sabe do envolvimento da Sigma e espero que assim se mantenha.

Metcalf estudou Painter, à espera de mais informações. Painter deixou-o sofrer.

Imaginou que homens mais fracos quebrariam sob aquele olhar de aço. Painter não pestanejou.

Finalmente, Metcalf deixou escapar a sua exasperação e recostou-se.

— Diga-me, então, o que aconteceu.

Painter permitiu que os ombros relaxassem. Estendeu as mãos para a secretária, abriu um dossiê e fez deslizar uma fotografia na direcção do general.

— Esta é uma imagem forense da vítima morta no Vaticano.

Metcalf pegou na fotografia e examinou-a. As sobrancelhas estreitaram-se, o equivalente nele a um choque forte.

— É a mesma marca — constatou ele. — Gravada na fronte, tal como no caso do filho do Senador Gorman.

— E do professor de Princeton — concordou Painter. Ele sabia que Metcalf já tinha lido o relatório sobre os acontecimentos ocorridos na universidade.

— Mas o que tem este padre a ver com o que aconteceu em África? Percebo a ligação com o professor universitário, mas isto? — Fez deslizar a fotografia de novo na direcção de Painter. — Não faz sentido.

— O agente de campo em Itália, o Comandante Gray Pierce, recuperou e protegeu uma peça vital deste puzzle. Uma peça que alguém estava disposto a obter a todo o custo, mesmo que isso significasse destruir o Coliseu de Roma.

— E nós temos essa peça.

Painter assentiu.

— O que é?

— Ainda estamos a tentar descobrir. Trata-se de um artefacto antigo com possível ligação a um local de escavação em Inglaterra. Eu preferia manter os pormenores ocultos, por agora. Circunscritos apenas à estrita necessidade de conhecimento.

— E acha que eu não tenho necessidade de estar a par dos acontecimentos?

Painter olhou-o fixamente.

— Quer mesmo saber?

Os olhos de Metcalf inicialmente enrugados de cólera, distenderam-se num divertimento obscuro.

— Bem visto. Depois do que ocorreu em Roma, talvez não. A negação plausível pode ser a melhor conduta, por agora.

— Fico-lhe agradecido — disse Painter. E estava a ser sincero. Fora a maior concessão que alguma vez obtivera daquele homem.

E, contudo, precisava de mais.

— O que quer que se esteja a passar ultrapassa largamente as fronteiras de Itália — prosseguiu Painter. — E a melhor forma de descobrir a verdade é manter o nosso envolvimento na maior discrição.

Metcalf acenou em sinal de concordância.

— Antes de os acontecimentos transpirem em Itália, eu já tinha chegado à conclusão de que necessitávamos de angariar mais informação sobre o projecto genético que estava a ser conduzido no campo da Cruz Vermelha.

— A quinta dirigida pela Viatus.

— Até agora, as mortes dos dois americanos, Jason e o professor, estão relacionadas com esse projecto. Como e porquê não sabemos. Mas é neste ponto que precisamos de alargar a investigação. Precisamos de mais pormenores. Informação que só conseguiremos obter num lugar.

— Refere-se à própria Viatus.

— Vai iniciar-se uma conferência, amanhã, em Oslo. Uma Cimeira sobre a Alimentação Mundial. O CEO da Viatus, Ivar Karlsen, irá discursar na conferência. Alguém precisa de o abordar, de o fazer falar, revelar a verdadeira natureza da investigação que estava a ser conduzida em África.

— Conheço a reputação de Karlsen. Não é pêra doce. Um braço de ferro com ele não levará a lado nenhum.

— Compreendo.

— Além de que tem amigos poderosos. . inclusive aqui nos Estados Unidos.

— Sei disso.

Painter dispunha de um dossiê completo sobre o indivíduo em questão e a sua empresa. A Viatus tinha feito várias incursões nos Estados Unidos: o financiamento de um consórcio de biocombustíveis no centro do país em parceria com uma importante companhia petroquímica que produzia fertilizantes e herbicidas e, obviamente, a partilha de diversas patentes lucrativas com a Monsanto para estirpes de sementes geneticamente modificadas.

Metcalf continuou.

— Na verdade, já estou a par da cimeira em Oslo. Um amigo mútuo vai estar presente. Um homem que tem fustigado a DARPA para obter respostas quanto à

morte do filho.

— O Senador Gorman? — Painter ficou surpreso.

— Ele já se encontra em Oslo. Apesar das circunstâncias que rodearam a morte do filho, ele continua a ser um associado próximo de Ivar Karlsen. Não queremos enfurecer nenhum dos homens. Toda a investigação que for feita sobre Karlsen terá de ser conduzida com a máxima discrição.

— Compreendo. E esse facto sustenta a segunda razão pela qual solicitei este encontro.

— E que é?

— Considerando a natureza delicada do assunto e a ameaça de ramificações internacionais, gostaria de conduzir pessoalmente a entrevista com Karlsen.

Metcalf não esperara tal coisa. Levou um instante a digerir o pedido.

— Você quer ir para o terreno? Para Oslo?

— Sim, senhor.

— E quem dirigirá a Sigma enquanto estiver ausente?

— Kathryn Bryant. Ela tem actuado como número dois na escala de comando. Tem experiência em Inteligência Naval e possui numerosos conhecimentos em toda a comunidade internacional. Está perfeitamente apta a assumir o comando e a dirigir quaisquer operações de campo.

Metcalf recostou-se, enquanto ponderava sobre o plano.

Painter sabia que o homem defendia um código rigoroso em relação à responsabilidade pessoal. Fora essa a razão porque subira tão rapidamente nas fileiras das Forças Armadas. Painter insistia, agora, sobre esse ponto.

— Já me explicou que a Sigma se encontra numa situação precária — disse, com convicção. — Dê-nos a oportunidade de demonstrar o nosso valor. E se as coisas não resultarem, que seja pelas minhas mãos. Eu assumirei total responsabilidade.

Metcalf permaneceu em silêncio. Fixava de novo Painter com aquele olhar de aço.

Painter devolveu-lhe um olhar idêntico, com a mesma firmeza e inflexibilidade.

Uma ligeira anuência e o homem levantou-se. Desta vez, estendeu a mão. Painter apertou-lha do outro lado da mesa.

Antes de lhe soltar a mão, Metcalf intensificou o aperto.

— Caminhe com pés ligeiros, Director Crowe. E fale com a mesma brandura.

— Não se preocupe. É assim que os meus ancestrais são conhecidos. Como pés ligeiros.

Metcalf esboçou um ligeiro sorriso trocista, enquanto lhe largava a mão e se encaminhava para a porta.

— Talvez assim seja. Mas neste caso referia-me a Teddy Roosevelt.

Quando o general partiu, Painter permaneceu de pé. Tinha de dar crédito ao tipo. Ele tinha razão quanto a Teddy. O seu lema aplicava-se a qualquer agente preparado para a acção.

Falar com brandura — mas com um grande pau nas mãos.

16h10

— E essas foram as palavras do Director Crowe? — inquiriu Kat.

Monk estava de pé à sua frente. Ela estava sentada no sofá do seu gabinete.

— As suas palavras exactas. Ele precisa de um grande pau.

— Mas tens de ser tu esse grande pau?

Monk aproximou-se dela e baixou-se sobre um joelho, olhando-a olhos nos olhos. Ele sabia que ia ser uma negociação difícil. Falara com Painter trinta minutos antes. O

director oferecera a Monk uma posição de campo para acompanhar o homem todo-poderoso a Oslo, na Noruega. Contudo, só agora tinha arranjado coragem de abordar o assunto com Kat.

— Na verdade, não é mais do que uma gloriosa entrevista — prometeu Monk. — Como as que tenho feito aqui nos Estados Unidos, nestes últimos meses. Esta missão é só um pouco mais longe.

Ela evitava-lhe o olhar. Fitava as mãos, apertadas no colo. A sua voz era sumida.

— Pois e vê como foi simples a tua última missão.

Monk aproximou-se dela e encaixou-se entre os seus joelhos.

— Saímos todos em segurança.

De facto, acabara de se informar sobre a situação de Andrea Solderitch. Ela já fora transferida para um local seguro, sob a protecção dos Serviços de Segurança Interna e pessoalmente vigiada por Scot Harvath, um agente em quem Monk confiava plenamente para a manter a salvo.

— Essa não é a questão — disse Kat.

Monk reconhecia que ela tinha razão. Inclinou-se para diante, fez deslizar as mãos por baixo da blusa dela e acariciou-lhe meigamente o ventre. A pele estava quente sob as suas mãos. Ela estremeceu ao toque.

— Eu sei qual é a questão — disse ele, com voz rouca. — A minha memória pode ser como um queijo suíço, mas não esqueço o que é verdadeiramente importante, nem por um segundo. E é por isso que me vou certificar de que nada aconteça.

— Não podes controlar tudo.

Monk olhou-a.

— Nem tu, Kat.

Ela mantinha o mesmo olhar magoado. Ele sabia o quanto ela se esforçara para cuidar dele durante a sua recuperação, o quanto ela odiava estar separada dele. Ainda agora. O seu instinto protector resultava do puro medo. Durante meses, ela acreditara que Monk tinha morrido. Ele apenas podia imaginar o que ela tinha passado. Assim, embora não fosse positivo para nenhum deles, ele não pressionava.

Mesmo naquele preciso momento, ele recusava-se a forçá-la.

Se ela não quisesse que ele fosse, não iria.

— Odeio a ideia de te ter no terreno — confessou Kat. Ela retirou as mãos dele do interior da sua blusa e apertou-as estreitamente entre as suas. — Mas odiar-me-ia ainda mais se te pedisse para não ires.

— Não precisas de mo dizer — afirmou ele calmamente, sentindo-se subitamente egoísta. — Tu já sabes. Eu percebo. Haverá outras missões. Quando ambos estivermos preparados.

Kat fitou-o com dureza. Depois curvou-se ligeiramente, rolou os olhos e esticou-se para lhe agarrar a nuca. Puxou-o para si. Os seus lábios procuraram os dele.

Sempre o mártir, não é Kokkalis?

— O quê. .?

Ela silenciou-o com os lábios, comprimindo-se, abrindo a boca, saboreando-o. Depois recuou, deixando-o a arquejar, inclinado para diante desejando mais.

— Certifica-te simplesmente de que desta vez voltas com todas as partes intactas — disse ela, tocando-lhe a prótese com um dedo.

Sempre o mais lento dos dois, Monk procurava acompanhar-lhe os pensamentos.

— Estás a dizer.. ?

— Oh, por favor, Monk. Sim, podes ir.

A alegria, a par de um grande alívio, percorreram-no. Esboçou um sorriso rasgado, que rapidamente se converteu em algo mais lascivo.

Kat leu-lhe os pensamentos e encostou um dedo à sua boca.

— Não, nem mais um gracejo sobre seres o grande pau.

— Ora, querida. . alguma vez o faria?

Ela afastou o dedo, debruçou-se sobre ele e beijou-o de novo. Ele deslizou as mãos pelas costas dela e arrastou-a para o seu colo.

Sussurrou enquanto a puxava para si.

— Porque haveria de o dizer, se o posso provar?

10h15

Terni, Itália

Gray mantinha guarda junto da janela, observando o jardim obscuro por detrás da velha casa da quinta. Dali também via o parque de estacionamento e a Via Tiberina.

Tinham percorrido cento e trinta quilómetros até chegarem àquela pequena vila na região de Umbria, conhecida pelas suas ruínas antigas e pelos banhos romanos.

Rachel sugerira aquele local. A quinta de dois pisos fora convertida em hotel, mas conservava ainda muito do seu encanto original, como as vigas de castanheiro, as arcadas de tijolo e os candelabros de ferro. E ficava distante da estrada principal.

Contudo, Gray recusava-se a baixar a guarda. Depois do que acontecera em Roma, não estava disposto a correr riscos. E não era o único.

Em baixo, no jardim, vislumbrou uma centelha rubra. Não sabia que Seichan fumava — mas, por outro lado, não sabia praticamente nada sobre ela. Ela representava uma incógnita e um risco desnecessário. Ele conhecia as ordens de Washington: capturá-la a qualquer custo.

No entanto, ela vigiara-lhes a retaguarda nesse dia e salvara-lhe a vida no passado.

Enquanto a observava a patrulhar o terreno, ouviu a torneira fechar-se na casa de banho contígua com um sonoro ressoar de canos. Rachel terminara o duche. Depois de passarem uma hora nos esgotos, todos precisavam de tornar um banho prolongado com sabonete e água bem quente.

Necessitavam também de algum tempo para se reunir e decidir qual o curso da sua acção. Instantes depois, Rachel saiu da casa de banho fumegante, descalça, apenas envolta numa toalha, com o cabelo ainda a gotejar.

— Está livre — disse, depois olhou em volta. — Onde está o teu parceiro?

— Kowaiski foi lá abaixo. Arranjar um jantar tardio à cozinha.

— Ah. — Permaneceu à entrada do quarto, os braços em torno do peito, sentindo-se subitamente desconfortável. Não fitou os olhos dele. Ainda não tinham estado verdadeiramente sozinhos, desde que se haviam precipitado de novo na vida um do outro.

Ele sabia que devia desviar o olhar, permitir-lhe um momento de privacidade, mas não conseguia.

Lentamente, ela caminhou até à cama, ainda poupando a perna esquerda. Tylenol e uma ligadura tinham aliviado o seu joelho magoado, mas precisava de pelo menos um dia de descanso. Sobre a cama estava uma pilha de roupa nova, ainda etiquetada e envolta em papel: para ela, uns jeans, uma blusa azul escura e um casaco de pele que lhe dava pelo joelho.

Enquanto caminhava, agarrava-se à toalha como um escudo. Não era necessário. Gray conhecia intimamente o que se encontrava por baixo. O que as suas

mãos não tinham explorado, tinham-no os lábios. Mas não era apenas o corpo que o perturbava agora. Era a memória do calor, das palavras ternas a meio da noite, das promessas nunca cumpridas.

Por fim, teve de se voltar para a janela — afastando-se não por reserva, nem mesmo por delicadeza, mas por uma avassaladora sensação de perda, de algo que podia ter sido.

Ouviu-a aproximar-se da cama, ouviu o rasgar do papel. Ela não voltou à casa de banho para se vestir. Deixou cair a toalha e vestiu-se enquanto ele estava de costas. Ele não pressentiu sedução na sua intrepidez, mas sim um acto de desafio, testando-o, sabendo que tal o feria e humilhava.

Por outro lado, talvez fosse tudo imaginação sua.

Uma vez vestida, juntou-se-lhe à janela e encostou-se ao seu ombro.

— Ainda de guarda, estou a ver — disse ela, suavemente.

Ele não respondeu.

Ela permaneceu a seu lado por um instante em silêncio. Lá em baixo, nos jardins, a súbita chama de um fósforo iluminou a figura de Seichan, enquanto esta acendia outro cigarro. Gray sentiu Rachel retesar-se a seu lado. Esta relanceou-o, depois voltou-se e retrocedeu em direcção à cama.

Antes que algum deles pudesse falar, uma curta pancada na porta atraiu a sua atenção. Kowaiski entrou, carregado com um amplo tabuleiro de madeira e duas garrafas de vinho debaixo de um dos braços.

— Serviço de quartos — anunciou.

Quando entrou, reparou na toalha caída no meio do chão. Os seus olhos oscilaram entre Rachel e Gray e depois rolaram ligeiramente. Carregou o seu fardo até à mesa do quarto, assobiando baixinho.

Deixou o tabuleiro sobre a mesa, mas manteve as garrafas de vinho na sua posse.

— Se precisarem de mim, vou tornar um longo banho. E digo mesmo longo. Sou capaz de demorar pelo menos uma hora.

Relanceou significativamente Gray. Aquele gesto constituía uma grande subtilidade para o homem corpulento.

O rosto de Rachel adquiriu um leve tom carmesim.

Gray foi salvo de maior embaraço pelo toque do seu telemóvel na mesinha de cabeceira. Consultou o relógio. Devia ser Painter. Pegou no telemóvel e regressou para junto da janela.

— Aqui, Pierce — disse, assim que foi estabelecida uma ligação estável.

— Então, já estão instalados? — perguntou o director.

— Por agora, sim.

Gray ficou satisfeito por se voltar a concentrar no caso que tinha entre mãos.

Kowaiski dirigiu-se à casa de banho com as suas duas garrafas de vinho. Rachel sentou-se na cama e ficou a escutar a conversa. Nos quinze minutos que se seguiram, Gray e Painter compararam notas: três assassínios em três continentes, a violência perpetrada para encobrir o que se passava e o significado do símbolo pagão que parecia ligar tudo.

Painter descreveu o seu plano de viajar para a Noruega a fim de investigar a Viatus e o seu CEO.

— E Monk vai consigo? — inquiriu Gray, simultaneamente surpreendido e satisfeito pelo amigo.

— Juntamente com John Creed, o nosso genético residente. Foi ele que descodificou os dados do e-mail de Jason Gorman. — A voz de Painter adquiriu um tom mais grave.

— O que nos leva ao que a Tenente Verona descobriu e que aparentemente alguém quer ver destruído.

— O dedo mumificado.

Gray relanceou Rachel. Tinham tido uma longa conversa durante a viagem de comboio desde Roma. O padre Marco Giovanni tinha estado a trabalhar numa escavação no Norte de Inglaterra, algures na região remota e montanhosa na fronteira com a Escócia. Mas não dispunham de mais informação sobre a escavação. Sabiam apenas que o antigo aluno de Vigor estivera a investigar as raízes do cristianismo céltico, quando a idolatria pagã se fundiu com o catolicismo.

Gray já relatara alguns pormenores a Painter. Mas não se tinha alargado sobre o que Rachel divulgara no comboio.

— Director, talvez seja melhor falar com a Tenente Verona. Não estou certo da sua importância, mas parece-me valioso, mais que não seja pelo rigor.

— Muito bem. Ponha-a em linha.

Gray aproximou-se da cama e passou o telefone a Rachel.

— Penso que é melhor informares Painter do que descobriste.

Ela assentiu. Ele permaneceu junto à cabeceira da cama. Depois de algumas cortesias, Rachel introduziu o estranho assunto da obsessão do sacerdote.

— Antes de as coisas explodirem em Roma — explicou Rachel —, eu tinha conseguido obter uma lista de todos os artigos e tratados escritos pelo Padre Giovanni, datados dos tempos em que ele era estudante. Era evidente que ele tinha uma fixação por uma mitologia específica da fé católica, uma encarnação da Virgem Maria conhecida como a Nossa Senhora Negra.

Gray escutava semiatento enquanto ela explicava. Ele estava familiarizado com o assunto. Estudara religiões comparativas antes de ingressar na Sigma e conhecia a história e os mistérios que rodeavam o culto da Nossa Senhora Negra. Ao longo dos séculos, remontando aos primórdios do cristianismo, tinham surgido estátuas e

pinturas retratando a Mãe de Cristo como uma mulher negra ou de pele escura. Estas acabaram por ser reverenciadas e guardadas como tesouros valiosos. Ainda existiam na Europa mais de quatrocentas imagens, algumas datadas do século XI. E uma grande parte delas ainda eram adoradas e veneradas: a Virgem Negra de Czostochowa, na Polónia, a Nossa Senhora da Eremita, na Suíça, a Virgem de Guadalupe, no México. E a lista prolongava-se indefinidamente.

Apesar da veneração persistente, a controvérsia continuava a rodear aquelas Nossas Senhoras distintas. Enquanto alguns alegavam propriedades milagrosas associadas a essas imagens, outros declaravam que a pele escura se devia simplesmente à fuligem acumulada proveniente das velas ou ao escurecimento natural das estátuas de madeira ou de mármore antigo. A Igreja Católica evitava reconhecer importância ou poder espiritual a essas encarnações.

Rachel continuava a explicar a fixação do Padre Giovanni.

— Marco estava convencido de que o cristianismo céltico assentava as suas raízes na Nossa Senhora Negra e que essa imagem representava a fusão entre a velha Mãe Terra pagã e o novo culto da Virgem Maria. Ele passou a sua vida a investigar essa ligação, a verdadeira fonte subjacente à mitologia.

Rachel fez uma pausa, claramente para ouvir uma questão colocada por Painter, e depois respondeu.

Não sei se ele alguma vez encontrou essa fonte. Mas encontrou algo, algo por que merecia a pena morrer.

Rachel calou-se de novo, à escuta, e em seguida disse: — Certo. Concordo. Vou passar o telefone ao Comandante Pierce.

Gray pegou no telefone, encostou-o ao ouvido e regressou à janela.

— Senhor?

— Considerando a história de Rachel, parece-me evidente qual deverá ser o próximo passo.

Gray não tinha dúvidas quanto à resposta correcta.

— Investigar o local de escavação em Inglaterra.

— Precisamente. Não sei como os assassínios perpetrados em África e em Princeton se ligam à investigação do Padre Giovanni. Mas deve haver alguma relação. Eu prosseguirei o trabalho em Oslo no que respeita à investigação genética. . e você fará a sua parte no que respeita ao dedo mumificado.

— Sim, senhor.

— Necessita de mais pessoal para esta missão? Ou consegue desenrascar-se com Joseph Kowalski e a Tenente Verona?

— Penso que quanto mais discretos formos, melhor.

Apesar de se ter esforçado bastante, uma certa tensão apossou-se da sua voz. Havia um pormenor que nunca divulgara a Painter Crowe. Gray fitou o jardim lá em

baixo e o brilho carmesim de um cigarro. Detestava mentir ao director, ainda que fosse apenas uma falta por omissão, mas se Gray informasse o Comando da Sigma da sua nova aliada, Painter não teria outra escolha a não ser enviar uma equipa para a capturar e depois despachá-la para um centro de interrogação.

Gray não o podia permitir.

No entanto, hesitava.

Estaria a fazer a escolha certa? Ou estaria desnecessariamente a colocar toda a missão em risco?

Gray voltou-se e descobriu que Rachel o fitava. Nos seus olhos, ele reconheceu que a sua decisão ameaçava mais do que apenas a sua própria vida. Contudo, recordou igualmente um pedido dorido que lhe fora feito há dois anos atrás, um pedido repleto de necessidade e de esperança.

Confie em mim, Gray. Ao menos um pouco.

Fitando de novo a janela escura, Gray contemplou o seu reflexo. Passado um longo momento, respondeu na direcção do telefone.

— Estaremos bem por nossa conta.

XI - 11 de Outubro, 23h22

Oslo, Noruega

Ivar Karlsen empurrou a pesada porta de carvalho, as suas pranchas firmadas por ferro foijado. A neve rodopiava na noite sem lua e castigava com rajadas súbitas a estreita entrada em forma de arco. O frio beliscava-lhe as faces e o manipulo de ferro estava tão gélido que lhe queimou os dedos, enquanto abria a porta com esforço. A tempestade diurna transformara-se de facto no primeiro nevão sério do início da noite.

O tempo agreste agitava Ivar, deixava-lhe o coração a bater com força, a respiração a fluir pesadamente. Talvez lhe corresse verdadeiramente sangue viquingue nas veias, como o alegava a sua bestemor.

Mergulhou no interior e bateu com as botas para se libertar da neve acumulada. Um vão de escadas obscuro estendia-se na sua frente, conduzindo às profundezas do Castelo de Akershus. Ivar lançou para trás o capuz do seu casaco de pele de carneiro forrado e retirou uma lanterna do bolso. Acendendo-a, desceu as escadas.

Os degraus de pedra tinham sido talhados quando a fortaleza fora inicialmente edificada, datando do período medieval. Os seus passos ecoavam pelas paredes baixas.

Tinha de se agachar para não raspar com a cabeça no tecto. Chegando ao piso inferior, as escadas terminavam numa antiga sala da guarda, a qual mantinha os originais ganchos de ferro presos nas paredes e os suportes de tocha ainda intactos.

Pesadas vigas sustentavam o tecto.

No lado oposto, uma arcada de tijolo comunicava com um corredor de minúsculas celas, onde nobres detidos e todo o tipo de criminosos foram encarcerados em condições exíguas e miseráveis. Tinha sido ali que os nazis torturaram os contrerrâneos de Ivar, aqueles que tinham resistido à ocupação alemã. Ivar perdera um tio-avô ali em baixo.

Honrando esse sacrifício, a Viatus continuava a doar largas somas para a preservação e manutenção de Akershus.

Ivar varreu a sua lanterna pela garganta da lúgubre passagem das masmorras. Aquela secção estava encerrada às habituais visitas do castelo. Poucos sabiam sequer da sua existência. . ou da sua história mais sombria. Naquele local tinham sido enclausurados aqueles que cometeram alta traição à coroa e ao país. O colaborador nazi Viktor Quisling fora mantido encarcerado ali, antes de ser executado. Muitos outros ali tinham encontrado a morte, desde há séculos.

Os dedos de Ivar fechavam-se sobre uma moeda antiga que transportava no bolso do seu casaco. Mantinha-a sempre consigo. Era uma moeda de quatro marcos de Frederico IV, datada de 1725 e cunhada por Henrik Christofer Meyer. Meyer também morrera ali, chicoteado e amaldiçoado por ter substituído a prata pelo cobre na cunhagem do rei e por meter ao bolso os lucros.

O rei Frederico IV — considerado na altura um líder benevolente e misericordioso — ainda se regia por um rigoroso código de honra. Corriam rumores de que sangue viquingue corria na sua linhagem. E segundo o código viquingue, a traição, fosse de que tipo fosse, devia ser severamente punida.

As ordens do rei, Meyer foi não apenas chicoteado no poste e sentenciado a prisão perpétua, mas estigmatizado permanentemente como traidor à coroa. Meyer foi marcado com um ferro em brasa no meio da fronte. O rei usou uma das próprias moedas defeituosas do mestre cunhador para a ferragem, gravando a imagem na carne do homem.

A moeda que Ivar tinha no bolso era uma dessas moedas. Mantinha-se na sua família desde há séculos e a história foi transmitida de geração em geração. Passou a representar o código da família Karlsen: pesar a misericórdia e a generosidade, contudo jamais tolerar a traição.

Ivar ouviu a porta de cima abrir-se e fechar-se com força, interrompendo as suas divagações. Passos ecoaram, enquanto alguém descia apressadamente os degraus.

Uma mulher esguia de longas pernas entrou na sala da guarda. Trazia um pedaço do gelo invernosso com ela. A neve ponteava o seu cabelo ígneo e os seus olhos áureos reflectiam a luz da lanterna. Vestia um casaco cinzento comprido sobre roupa escura.

— Lamento o atraso, Ivar — disse ela. Agitou o cabelo, dispersando os flocos de neve, qual antiga deusa invernal.

Embora tivesse apenas vinte e muitos anos, Krista Magnussen tinha-se tornado chefe da divisão de Biogenética Cerealífera da sua empresa. Ela ascendera rapidamente, demonstrando ao mesmo tempo brilhantismo e uma desenvoltura aparentemente sobrenatural. Fora apenas no ano anterior que Ivar descobrira a verdadeira raiz dessa desenvoltura. A revelação surgira numa altura em que os seus meticulosos planos tinham começado a correr mal. O castelo de cartas que ele cuidadosamente edificara começara a inclinar-se. O que exigira um escoramento.

Quando Krista voltara a provar o seu valor, Ivar ficara chocado ao descobrir que ela não era inteiramente quem aparentava ser. A espionagem empresarial era um lugar-comum em toda a indústria, mas ele nunca suspeitara de uma mulher tão jovem e brilhante. E nunca desconfiara da extensão das suas ligações. Ela trabalhava para uma rede obscura que possuía inúmeras designações. A rede oferecia os seus serviços mercenários a troco de uma percentagem em lucros futuros. No ano anterior, a organização provara o seu valor inquestionável no escoramento dos seus planos e inclusive na sua aceleração.

E fora a própria Krista a lidar com o delicado e infeliz assunto do filho do senador.

Ela aproximou-se, deu a Ivar um forte abraço e roçou-lhe a face com um beijo casto.

Os seus lábios estavam ainda frios da tempestade.

— E lamento igualmente — disse ela — ter de o convocar tão repentinamente a esta hora da noite.

— Se é importante. .

— É importante. — Krista sacudiu o casaco, estilhaçando a neve e dissipando gotículas. Acabei de saber que os nossos alvos em Roma sobreviveram.

— Estão vivos? Pensei que tinha dito o contrário.

— Subestimámo-los — afirmou Krista com um encolher de ombros. Não fez qualquer esforço para o justificar, ofuscar ou evitar a responsabilidade. Como sempre, Ivar respeitou a sua franqueza.

— Ainda têm na sua posse o artefacto?

— Sim.

— Como sabe tudo isso? — perguntou franzindo a testa.

Krista sorriu friamente.

— Parece que o nosso ataque chamou a atenção de alguém, alguém que tem algo a provar. Depois dos acontecimentos ocorridos em Roma, fomos contactados. Foi-nos proposto um acordo. Temos agora uma pessoa infiltrada.

— É de confiança?

— Não deixo estes assuntos meramente à confiança, Ivar. A nossa organização permanecerá por perto, mantendo a vigilância.

— Não compreendo. Se têm alguém infiltrado, porque não lhe ordenam que capture o artefacto ou que o destrua?

— Essa pode não ser a opção mais sensata. — Os olhos dela faiscavam na obscuridade, cintilando com um brilho ofuscante.

— O que quer dizer?

— O padre Giovanni traiu-o. Ficou com o seu dinheiro, permitiu-lhe que financiasse a investigação dele. No entanto, quando encontrou o artefacto, roubou-o. Fugiu com ele.

Os dedos de Ivar comprimiram-se sobre a moeda. O padre pagara pelo seu crime.

Pouco depois de saber das ligações de Krista, Ivar contara-lhe a história sangrenta de Henrik Meyer, como lição e como aviso. Em vez disso, ela tornou a história à letra e sugeriu as mutilações, para ajudar a camuflar os assassinios, para simular actos perpetrados por ecoterroristas. Ivar achou igualmente uma certa satisfação no castigo, um retorno a uma forma antiga de justiça, em que aqueles que traíam o mundo eram marcados para que todos o vissem.

Krista prosseguiu.

— Mas com o artefacto de novo na nossa posse, é a nossa oportunidade de procurar o que resta descobrir. Encontrar o que Giovanni procurava.

A atenção de Ivar concentrou-se inteiramente nela. Não conseguiu manter o desejo distante da voz.

— A chave do Juízo Final. .

Tal descoberta não apenas escoraria o seu plano, como poderia fazer história. A chave possuía o potencial de desvendar um mistério que remontava a milénios atrás.

Krista explicou o seu plano.

— Aqueles que detêm o artefacto neste momento provaram o seu valor no passado.

Com a motivação apropriada, poderiam ter êxito naquilo que o Padre Giovanni falhara.

Ivar dominou o vivo desejo e conservou o seu sentido prático.

— E está certa de poder controlar tal empresa?

— Não apenas eu. — Krista sorriu, desta vez calorosamente e com plena segurança.

— Como lhe prometi desde o início, terá todo o apoio da Guilda.

Aproximou-se dele.

— Não falharemos. Eu não falharei.

Movendo-se na direcção dos seus braços, beijou-o de novo. Não castamente

desta vez, mas abertamente nos lábios. O seu cabelo varreu-lhe o pescoço, gelado e húmido, arrepiando-o, mas os lábios, boca e língua queimavam como fogo líquido.

Ivar esqueceu a moeda que tinha no bolso e pousou a mão na curva das suas costas. Puxou-a mais para junto de si. Reconheceu que ela o estava a seduzir e suspeitou que ela sabia que ele não se deixaria enganar. Mas nenhum dos dois se afastou.

Ambos sabiam o que estava em risco, o que aguardava ser conquistado.

O futuro da humanidade.

E o poder de controlar esse destino.

PARTE DOIS: FOGO E GELO

XII - 12 de Outubro, 10h12

Hawkshead, Inglaterra

Parecia impossível que o assassinio tivesse sido cometido num cenário tão idílico.

Gray descia a estrada sinuosa emoldurada por montes ondulantes. A cada quilómetro galgado, o caminho estreitava-se até quase não ter espaço para albergar o Land Rover alugado. Uma mancha de floresta densa projectava-se sobre a estrada, criando um túnel de ramos entrelaçados. Quando transpuseram os bosques, a vista abriu-se de novo e revelou os cumes arredondados dos outeiros circundantes ou o que passava por colinas ali em Inglaterra. A neve cobria já as rochas escarpadas com um manto branco, uma vez que uma prematura tempestade invernosa se abatera sobre a região na noite anterior.

Mais próximo, prados e herdades delimitadas por cercas recortavam a paisagem, qual colcha de terras cultivadas e terras de pousio. Ribeiros e regatos fervilhavam entre lagos espelhados e pequenas bacias nas terras altas. O gelo orlava as extremidades de todos os cursos de água e a neve soprada pelo vento cobria toda a paisagem.

A beleza natural impelia ao silêncio.

Ou quase.

— Está perdido, não está? — acusou Kowaiski do banco de trás.

— Não, não estou perdido — mentiu Gray.

Rachel amarrotou o mapa e fitou Gray, duvidosa.

OK, talvez estivessem um tanto desviados do seu caminho..

Tinham deixado Liverpool há duas horas e seguido as indicações com bastante facilidade até Lake District, no Norte de Inglaterra. As auto-estradas estavam bem assinaladas, mas assim que Gray deixou a via principal, depararam com uma paisagem de veredas labirínticas, estradas não referenciadas e um horizonte de montes, florestas e lagos.

Até mesmo o GPS provou ser inútil. Nenhum dos caminhos equivalia à informação armazenada no seu software. Podiam perfeitamente estar a circular por um campo aberto.

O seu destino era a vila de Hawkshead, uma das muitas povoações adoráveis que se anichavam na natureza encantada do Lake District inglês. Iam encontrar-se com um colega do Padre Giovanni, um historiador da Universidade de Edimburgo, Wallace Boyle. O Dr. Boyle tinha organizado a escavação numa zona remota dos outeiros centrais e ainda supervisionava o local. Concordara em recebê-los no bar de um hotel em Hawkshead.

Mas primeiro Gray tinha de encontrar o lugar.

Rachel estudava o mapa e procurava pela janela alguma referência. Seichan estava sentada atrás de Rachel e ao lado de Kowaiski, contemplando soturnamente os vales e pequenos montes ondeantes. Mal proferira uma palavra desde que tinham deixado Itália e continuava a pairar à margem do grupo, mantendo uma distância prudente.

— Se não chegarmos a algum maldito lugar rapidamente — continuou Kowaiski —, vai ter de parar na próxima árvore ou arbusto. A minha massa corporal está a flutuar.

Gray acelerou pelo monte seguinte acima.

— Se não tivesse embarcado aquelas quatro canecas de cerveja em Liverpool. .

— Não tenho culpa. Todos aqueles nomes incríveis. Blackwater Brewery's Buccaneer.

Cains Double Bock. Boddington's Bitters. Tetley's Cask. Um tipo não sabe o que está a beber até o saborear. Levei algum tempo a encontrar uma boa.

— Mas bebeu-as todas até ao fim.

— Claro que sim. Seria indelicado não o fazer.

Rachel dobrou o mapa e desistiu.

— Não pode ficar muito longe — disse, com pouca convicção. — Talvez devamos parar e pedir indicações.

Instantes depois, tal provou-se desnecessário. Com um derradeiro impulso chocalhante, o Land Rover transpôs o cume seguinte e uma pequena povoação surgiu, espalhada pelo vale diante deles.

Gray olhou Rachel. O alívio patente no rosto dela respondeu à sua questão. Tinha de ser Hawkshead. Veredas de pedra arredondada entrecruzavam-se para lá de

jardins vedados e atarracadas casas de madeira. A neve cobria os telhados de lousa da vila e nuvens finas de fumo elevavam-se das chaminés. Do lado oposto, uma velha igreja de pedra aninhava-se no cimo de um monte e vigiava a povoação, como um severo diácono lançando um olhar carregado sobre a vila lá em baixo.

Enquanto serpenteavam em direcção à vila, muros de pedra empilhada erguiam-se ao longo da estrada. O Land Rover ribombou ao passar por uma ponte de granito arqueada, entrando nos arredores da vila. As casas e os edifícios eram feitos de cançada e barro com vigamento exposto, a construção tradicional de uma povoação inglesa do tempo da dinastia Tudor. Pequenos jardins situados na parte da frente das casas e floreiras nas janelas deixavam antever o esplendor que se deveria viver ali durante a Primavera e o Verão, mas depois da tempestade da noite anterior, a neve acumulava-se nos vasos e pátios, criando um cenário invernososo de Natal.

Gray reduziu a velocidade do Land Rover até se transformar num lento arrastar, à medida que os pneus rolavam sobre as pedras geladas. Dirigiu-se à praça principal, onde se localizava o ponto de encontro — o Kings Arms Hotel. Já estavam vinte minutos atrasados. Alcançando a praça, Gray encaminhou o jipe para um pequeno parque de estacionamento.

Quando saíram do veículo, o frio penetrou-lhes a pele exposta. A humidade de Liverpool e a longa viagem aquecida não os tinham preparado para o ar gélido dos outeiros de Lakeland. O fumo proveniente da lenha perfumava cada lufada de ar frio.

Cingindo-se mais nos seus casacos grossos, dirigiram-se para o hotel.

O Kings Arms Hotel ficava no lado oposto da praça principal. O edifício atarracado de telhado de lousa acolhia viajantes desde há quinhentos anos, remontando à era isabelina.

Um baixo muro de pedra delimitava uma esplanada na frontaria, cujas mesas e cadeiras estavam agora cobertas por uma camada recente de neve, mas o brilho fogueiro que irradiava das janelas mais baixas da hospedaria prometia um calor fumegante e bebidas quentes. Apressaram-se para o seu interior.

Kowaiski vinha na cauda do grupo.

— Ei, vejam só aqueles ursos. . — A sua voz deixava transparecer um tom melancólico, tão incongruente como um touro que entoasse subitamente uma ária.

Gray voltou-se para trás. O olhar de Kowaiski estava fixo na montra de uma loja. Por detrás do vidro gelado, a luz âmbar revelava uma fileira de ursos de peluche de todos os tamanhos e feitios. Um dístico sobre a porta anunciava Ursos baratos.

— Há um vestido de pugilista! — Kowaiski começou a desviar-se em direcção à montra.

Gray chamou-o: — Já estamos atrasados.

Os ombros de Kowaiski descaíram. Lançando um derradeiro olhar de desejo para a loja, prosseguiu atrás deles.

Rachel olhava fixamente o homem corpulento com uma expressão desconcertada.

— O que foi? — indagou Kowaiski de mau-humor. — Era para Liz, a minha namorada.

Ela. . é ela que colecciona ursos de peluche.

Rachel fitou-o por mais uns instantes, incrédula.

Kowaiski resmungou qualquer coisa num tom inaudível e encaminhou-se pesadamente para a hospedaria.

Seichan aproximou-se de Gray e deu-lhe um toque no cotovelo.

— Entrem vocês. Falem com o tal historiador. Eu mantereí a vigilância cá fora.

Gray olhou-a fixamente. Não era esse o plano. Embora o rosto dela permanecesse calmo e desinteressado, os olhos continuavam a vaguear pela praça, provavelmente analisando a área à procura de atiradores emboscados, locais de fuga e de abrigo. Ou talvez ela se recusasse simplesmente a enfrentar o seu olhar. Estaria verdadeiramente a guardá-los ou a manter uma distância fria?

— Há alguma coisa de errado? — inquiriu ele, abrandando o passo.

— Não. — Os olhos dela dardejaram na sua direcção, quase irados. — E pretendo que continue assim.

Gray não estava com disposição para discutir. Depois de tudo o que acontecera em Itália, talvez fosse melhor manter alguém de guarda no exterior. Seguiu no encalço de Kowaiski e Rachel, enquanto Seichan se deixava ficar para trás.

Juntando-se aos outros, atravessou a esplanada enregelada e alcançou a porta principal. Reparou numa placa próximo da entrada que dizia «São bem-vin-dos cães e crianças bem comportados». O que provavelmente excluía Kowaiski. Gray considerou ordenar ao parceiro que permanecesse no exterior com Seichan, mas isso apenas enfureceria ainda mais a mulher.

Gray empurrou a porta. Um calor estonteante jorrou para fora, acompanhado do aroma do malte e do lúpulo. O bar ficava precisamente do lado oposto do átrio do hotel.

Algumas vozes ecoavam, a par de uma gargalhada ressonante. Gray seguiu Kowaiski até ao bar. O parceiro dirigiu-se à casa de banho estugando o passo.

Gray estacou à entrada e perscrutou o espaço. O bar do Kings Arms era pequeno, com mesas e bancos corridos de madeira dispostos em torno de uma lareira de pedra.

Um fogo trepidante fora atizado para fazer face ao frio. Junto da lareira, encontrava-se um modelo de madeira em tamanho natural de um rei coroado, provavelmente o homónimo do hotel.

Uma nova explosão ribombante de gargalhadas chamou a atenção de Gray para uma mesa de canto, junto à lareira. Dois habitantes da localidade, envergando traje de caça e botas de cano alto, estavam de pé diante de uma mesa e do seu único ocupante.

— Caiu directo no atoleiro, Wallace ! — cacarejou um dos caçadores, limpando um dos olhos com a mão e erguendo um copo alto de cerveja escura na outra.

— O traseiro no buraco! Direitinho — o homem que estava sentado à mesa concordou, com um sotaque escocês a turvar-lhe a língua.

— Gostava de ter visto, oh se gostava.

— Ah, mas o fedor que se seguiu, rapazes. Nessa altura, não gostariam de estar perto. De todo. — Uma nova gargalhada brotou do homem que se encontrava sentado à mesa.

Gray reconheceu o Dr. Wallace Boyle da fotografia que vira no site da Universidade de Edimburgo. Mas na imagem o professor estava muito bem barbeado e envergava um casaco formal. O homem ali presente exibia uma barba acinzentada mal escanhada e vestia, à semelhança dos companheiros caçadores, um casaco espinhado puído sobre um colete acolchoado. Em cima da mesa, jaziam um gorro de lã verde-escuro, umas luvas sem dedos e um cachecol grosso. A seu lado, apoiada ao alto no banco, encontrava-se uma caçadeira encerrada no respectivo saco de transporte.

O Dr. Boyle apercebeu-se da atenção e aproximação de Gray.

— Tavish, Duff, acho que aqueles repórteres com quem contava encontrar-me chegaram.

Essa tinha sido a história que lhe haviam contado para encobrirem a sua pesquisa: um par de jornalistas internacionais a cobrir a explosão no Vaticano, na sequência da morte do Padre Giovanni. Kowaiski actuava como fotógrafo.

Os dois caçadores relancearam na direcção de Gray. Os seus rostos endureceram com a habitual suspeição dos locais em relação a estranhos, mas acenaram numa saudação cautelosa. Ergueram uma última vez as bebidas e abandonaram a mesa.

— Adeusinho, Wallace — disse um deles, enquanto se afastava. — É melhor irmos andando. Está capaz de gelar as bolas lá fora.

— E vai piorar — concordou Wallace , e depois fez sinal a Gray e Rachel para se aproximarem da mesa.

Kowaiski regressara da casa de banho, mas não foi além do balcão. Os seus olhos ficaram fixos na ardósia suspensa sobre a lareira, que listava as beberagens locais.

— Copper Dragon 's Golden Pippiril Isso é uma cerveja ou uma bebida frutada? Não quero nada com fruta lá dentro. A menos que se possa chamar fruta a

uma azeitona. .

Gray sintonizou a atenção do parceiro enquanto se dirigia à mesa de Wallace . O professor levantou-se, desenrolando mais de um metro e oitenta de altura. Embora contasse mais de sessenta anos, permanecia robusto, de peito largo, como um jovem Sean Connery. Apertou-lhes as mãos, e o seu olhar demorou-se um pouco mais em Rachel. Os olhos do homem estreitaram-se por um instante, depois descontraíram-se, ocultando o que quer que o tivesse momentaneamente desorientado.

Rachel começou a deslizar para o primeiro banco, depois, subitamente, imobilizou-se.

Estava ocupado. Uma cabeça de pêlo de arame surgiu à vista e pousou o queixo sobre a mesa de madeira, não muito longe de uma travessa de salsichas e puré já meio comida.

— Desce daí, Rufus — ralhou Wallace , mas sem grande convicção. — Dá lugar aos nossos convidados.

O terrier preto e amarelado bufou de exasperação pelo nariz, depois saltou e saiu vagarosamente de debaixo da mesa. Deslocou-se para mais perto do fogo, volteou duas vezes e em seguida sucumbiu com um suspiro igualmente sonoro.

— O meu cão de caça — explicou o professor. — Um pouco mimado, é certo. Mas na sua idade é mais do que merecido. O melhor perseguidor de raposas das ilhas britânicas. E como não havia de o ser? Nascido e criado aqui. Um verdadeiro Lakeland Terrier.

O orgulho ressoava na voz do homem. Não se tratava de um professor a caminho da reforma antecipada, nem de um erudito a descansar à sombra dos louros recolhidos, que eram muitos, a julgar pela sua biografia. O Dr. Wallace Boyle era considerado um dos maiores peritos na história das Ilhas Britânicas, em particular o período que ia desde a era neolítica até à ocupação romana.

Instalaram-se todos à mesa. Gray pousou um pequeno gravador sobre a mesa, mantendo o disfarce de jornalista. Após algumas cortesias sobre o tempo e a viagem, Wallace passou rapidamente ao assunto em questão.

— Então vieram até aqui para saber o que descobrimos nos outeiros — disse Wallace .

O sotaque tornou-se menos cerrado, o discurso mais formal, ajustando-o à sua audiência.

— Desde a morte do Padre Giovanni, tenho andado a responder a perguntas e inquéritos ininterruptamente, especialmente nestes últimos dois dias. Contudo, ninguém achou necessário vir até aqui pessoalmente. Por outro lado, o próprio bom padre não vinha cá há meses.

— O que quer dizer com isso? — inquiriu Rachel.

— O Padre Giovanni partiu no final do Verão. Em direcção à costa, depois para

a Irlanda, e foi a última vez que tive notícias dele. — Wallace abanou a cabeça tristemente e martelou o seu copo de cerveja com a unha, à maneira de um brinde ao falecido. — Marco era um tipo brilhante. É verdadeiramente uma grande perda. A sua investigação e o trabalho de campo sobre a Cristandade Céltica podiam ter mudado o modo de ver a história.

— Porque é que ele veio para aqui em primeiro lugar? — perguntou Gray. — Para Lake District.

— Suponho que mais cedo ou mais tarde acabaria por chegar aqui. Mesmo que eu não tivesse solicitado a sua ajuda após a descoberta que fiz nas montanhas.

— E porquê?

— A paixão de Marco.. ou melhor a sua obsessão.. levavam-no a esquadriñar toda e qualquer área onde o paganismo e o cristianismo se sobrepuseram. — Wallace ergueu um braço para abarcar toda a região. — E a história desta área é uma narrativa desse preciso conflito, escrita em pedras e ruínas. Foram os Nórdicos quem primeiro povoou esta região, cruzando o mar desde a Irlanda para se estabelecerem aqui, trazendo consigo todas as suas tradições. O próprio termo «outeiro» deriva do vocábulo nórdico «monte». Com efeito, a localidade de Hawkshead foi fundada por um nórdico chamado Haukr, nome que ainda sobrevive nestas paragens. O que vos deve dar uma ideia da longa história desta região.

Wallace gesticulou para lá da janela na direcção da igreja que encimava a vila.

— Mas os tempos mudam. Durante o século XI, toda esta área ficou na posse dos monges da Abadia de Fumess, cujas ruínas se encontram não muito longe daqui. Os monges cultivaram a região, comercializaram lã e carneiros e regeram os supersticiosos habitantes com punho de ferro. Tensões arrastaram-se durante séculos entre as antigas tradições pagãs e a nova religião. Os velhos rituais continuaram a ser realizados em segredo, frequentemente nos locais pré-históricos que juncam a região.

— O que quer dizer com locais pré-históricos? — perguntou Rachel.

— Lugares datados do período neolítico. Com cinco mil anos. — Wallace enumerou-os pelos dedos. — Antigos círculos de pedra, elevações tumulares, dólmens, fortificações.

Embora Stonehenge possa ser o mais famoso, é apenas um entre as muitas centenas de locais semelhantes espalhados pelas Ilhas Britânicas.

— Mas por que razão se interessou o Padre Giovanni por esta escavação específica?

— indagou Gray, procurando encaminhar o professor para o ponto central da investigação.

Wallace ergueu uma sobrancelha.

— Ah, bem, isso terão vocês de descobrir. Mas posso dizer-vos o que me

conduziu a esta região.

— E o que foi?

— Uma simples referência num livro antigo. Um texto do século XI apelidado «Livro do Juízo Final».

Kowaiski aproximou-se da mesa. Trazia um copo alto de cerveja pilsner em cada mão, bebendo de ambos. Parou a meio de um trago ao ouvir as palavras de Wallace.

— O Juízo Final — repetiu ele. — Fantástico. Como se já não tivéssemos problemas de sobra

11h05

Seichan percorreu toda a extensão da praça. Na sua mente, desenhou-se um mapa daquela área. Cada pormenor, tijolo a tijolo, cada rua, beco, edifício e carro estacionado.

Tudo foi fixado no seu cérebro.

Reparou em dois homens vestidos com roupa de caça que abandonavam o bar.

Seguiu-os furtivamente, enquanto se encaminhavam sem pressa para um camião no parque de estacionamento. Certificou-se de que se afastavam.

Depois disso, encontrou um bom ponto de vigia, de onde podia observar o Kings Arms Hotel. Era a entrada de uma loja de brindes, que se encontrava fechada. O pórtico permitia-lhe abrigar-se de uma ocasional rajada violenta e manter-se fora do alcance da vista. À sua direita, a montra da loja exibia um diorama em tons pastel de pequenos animais de cerâmica vestidos com trajes minúsculos: porcos, vacas, patos e, evidentemente, pequenos coelhos. . grandes quantidades de coelhos. Lake District era a terra natal de Beatrix Potter e da sua criação Peter Rabbit.

Apesar de ter de vigiar o hotel, a atenção de Seichan desviou-se para a montra da loja. Recordava-se de muito pouco da sua infância e o pouco que recordava, gostava de poder esquecer. Não conhecera os pais e fora criada num orfanato nos arredores de Seoul, na Coreia do Sul. Era um lugar esqualido e com pouco conforto. Mas havia alguns livros, incluindo os de Beatrix Potter, trazidos anos antes por um missionário católico.

Esses e outros livros tinham constituído a sua verdadeira infância, permitindo-lhe escapar da fome, do abuso e da negligência. Quando era criança, fizera um coelho de brincar com um pedaço de serapilheira que enchera com arroz seco. Para que não lho roubassem, mantivera-o escondido atrás de uma prancha solta da parede, mas uma ratazana acabara por o descobrir e comera-lhe o enchimento. Ela chorara um dia inteiro, até que uma das mulheres do internato a espancara, recordando-lhe que até mesmo a dor era um luxo.

Na entrada da loja, Seichan voltou costas à montra, apagando aquelas memórias. No entanto, não era só o passado que a magoava. Através da janela, observava Gray a conversar com um homem mais velho que envergava um traje escocês. Devia ser o Dr.

Walace Boyle. Seichan estudou Gray. O seu cabelo negro estava mais longo e mais fino em torno da fronte. O rosto tornara-se mais duro, fazendo sobressair os malarres. Até os seus olhos de um azul gélido exibiam mais rugas nos cantos — não do riso, mas pelo passar de anos difíceis.

De pé, ao frio, varrida pela neve, Seichan recordou os seus lábios. Num momento único de fraqueza, ela beijara-o. Não houvera ternura naquele acto, apenas desespero e necessidade. Contudo, ela não esquecera o calor, a aspereza da sua barba por fazer, a firmeza do seu aperto. No entanto, no final, nada significara para nenhum deles.

A mão que se encontrava no bolso do seu casaco tocou a cicatriz que tinha no ventre.

Tinham jogado simplesmente um jogo de traição.

Tal como agora.

Uma vibração no bolso alertou-a da chamada.

Finalmente.

Aquela era a verdadeira razão que a levava a ficar ali fora ao frio. Retirou o telemóvel do bolso e abriu-o.

— Pode falar — disse.

— Ainda têm a encomenda? — A voz ao telefone era calma e segura, mas seca, e o sotaque americano. Era o seu único ponto de contacto, uma mulher chamada Krista Magnussen.

Seichan indignava-se por ter de acatar ordens, mas não tinha escolha. Precisava de provar o seu valor.

— Sim. O artefacto está seguro. Eles estão neste momento reunidos com o contacto.

— Ótimo. Agiremos assim que estiverem no local da escavação nas montanhas. A equipa colocou a carga em posição na noite passada. O nevão recente deverá encobrir quaisquer pistas.

— E o objectivo?

— Mantém-se inalterado. Atiçar o fogo debaixo deles. Neste caso, literalmente. O local arqueológico é neste momento mais um capital passivo do que activo. Mas a destruição tem de parecer natural.

— E você tem isso assegurado.

— Temos isso garantido. O que a deixa livre para se centrar plenamente no seu objectivo.

Seichan percebeu a ameaça subjacente às suas palavras. Não haveria desculpas para o fracasso. Não se quisesse sobreviver.

Enquanto escutava os pormenores específicos da missão, continuava a vigiar a janela do hotel. Deixara de se centrar em Gray e fitava a mulher italiana sentada a seu lado.

Rachel sorria devido a algo que o professor dissera, os seus olhos cintilando calorosamente mesmo àquela distância fria.

Seichan não tinha nada contra Rachel Verona — mas tal não a impediria de envenenar a mulher.

11h11

Rachel ouvia à medida que a conversa prosseguia. Embora a lição de história do professor fosse intrigante, ela pressentia que havia algo de mais profundo ali presente — em relação à história do Padre Giovanni e algo mais, algo que ainda não fora proferido.

O olhar do homem continuava a demorar-se nela, não lascivamente, mas antes como se a avaliasse. Ela tinha dificuldade em manter o contacto visual com ele.

O que se estava a passar?

— Continuo a não compreender — disse Gray, a seu lado. — O que tem esse «Livro do Juízo Final» a ver com a sua descoberta nas montanhas?

Walace ergueu uma mão, pedindo paciência.

— Primeiro que tudo, o verdadeiro título do livro não era «Livro do Juízo Final», mas «Livro da Grande Inquirição». Segundo a antiga raiz inglesa do vocábulo, dom significava «cálculo» ou «avaliação». O livro foi encomendado pelo rei Guilherme I como meio de avaliar a importância das terras recentemente conquistadas, uma forma de atribuição de tributação. Mapeava toda a Inglaterra, incluindo todas as cidades, vilas, povoações e propriedades e recenseava os recursos locais, desde o número de animais e arados existentes nos campos até ao número de peixes que havia nos seus lagos e rios. Até hoje, o livro continua a ser uma das melhores descrições da vida quotidiana dessa época.

— Isso está tudo muito bem — pressionou Gray, querendo claramente apressá-lo. — Mas mencionou uma referência única que conduziu à sua actual escavação. De que se tratava?

— Ah, aí está o busílis! É que o «Livro da Grande Inquirição» foi escrito numa forma críptica de latim e compilado por um único escriba. Continua envolta em algum mistério a necessidade de um tão elevado nível de segurança. Alguns historiadores interrogam-se se não existiria um segundo propósito nesta extraordinária compilação, um registo oculto. Em particular, quando alguns dos

lugares listados no livro são ominosamente assinalados com uma única palavra em latim, que significava devastado. A maior parte desses locais concentram-se na região noroeste da Inglaterra, onde as fronteiras estavam em constante mudança.

— Por noroeste — indagou Rachel — quer dizer esta região, Lake District?

— Exactamente. O condado da Cumbria era fértil em guerras fronteiriças. E muitos dos locais listados como devastados eram lugares onde o exército do rei tinha destruído uma vila ou povoação. Foram assinalados porque não era possível tributar o que já não existia.

— A sério? — inquiriu Kowaiski, contemplando com ar carregado os seus dois copos de cerveja.

— Então nunca ouviu falar do imposto por morte?

Wallace olhou primeiro para Kowaiski e depois para Gray.

— Ignore-o, por favor — recomendou Gray.

Wallace aclarou a garganta.

— Um estudo mais aprofundado do «Grande Livro da Inquirição» revelou uma ponta do mistério. Nem todos os locais devastados correspondiam a lugares conquistados.

Algumas referências dispersas não tinham explicação. Esses escassos lugares estavam assinalados a tinta vermelha, como se alguém perseguisse o rasto de algo significativo.

Procurei uma explicação e passei perto de dez anos a investigar uma dessas referências, a de uma pequena povoação nas terras altas que já não existe. Procurei registos do local, mas era como se tivesse sido expungido. Quase desisti, até que encontrei uma estranha alusão ao mesmo no diário de um oficial da coroa chamado Martin Borr.

Descobri esse livro em Saint Michael.

Ele gesticulou na direcção da igreja altaneira que se erguia no limite da povoação.

— O livro foi descoberto numa cave descamada de tijolo durante obras de restauração. Borr foi enterrado no cemitério de Saint Michael e os seus bens foram doados à igreja. Embora os seus relatos não mencionem exactamente o que aconteceu àquela aldeia, o homem deu de facto a entender algo de terrível, sugerindo que Juízo Final seria na verdade um título mais adequado para o grande livro. Ele marcou inclusivamente o seu diário com um símbolo pagão, que foi o que me atraiu inicialmente no tal livro.

— Um símbolo pagão? — A mão de Rachel divagou em direcção ao bolso do seu casaco, onde guardava a bolsa de couro com o seu conteúdo macabro.

Gray pousou a sua mão sobre os dedos dela e comprimiu-os gentilmente, com uma intenção clara. Até saber mais sobre aquele homem, não queria que Rachel lhe

mostrasse o que encontrara. Rachel engoliu em seco, demasiado consciente do calor da mão de Gray sobre a sua pele. Retirou a mão e colocou-a sobre a mesa.

Wallace não notou a comunicação silenciosa.

— O símbolo era definitivamente pagão. Vejam. — Mergulhou um dedo no seu copo de cerveja e desenhcou sobre a mesa de madeira, com alguns traços hábeis, um círculo e uma cruz. Um símbolo familiar.

— Um círculo quadripartido — disse Gray.

As sobrancelhas de Wallace ergueram-se e fitou Gray mais intensamente.

— Exacto. Este símbolo está gravado em inúmeros locais antigos. Mas o facto de encontrar um diário cristão com esta marca atraiu a minha atenção.

Rachel pressentiu que se estavam a aproximar do cerne do mistério.

— E esse diário ajudou-o a encontrar a aldeia perdida nas montanhas?

— Na verdade, não. — Wallace sorriu. — O que eu encontrei foi ainda mais excitante.

— O que quer dizer? — perguntou Rachel.

Wallace recostou-se, cruzou os braços e varreu o olhar por todos eles.

— Antes de responder a isso, que tal dizerem-me primeiro o que se está a passar?

Como, por exemplo, o que estão aqui a fazer?

— Não compreendo — respondeu Gray, fingindo confusão e procurando manter o disfarce de jornalistas.

— Não me tomem por tolo. Se vocês são repórteres, eu sou um perfeito idiota. — O olhar de Wallace pousou decididamente em Rachel. — Além de que a reconheci imediatamente, minha jovem. Você é sobrinha do Monsenhor Verona.

Em choque, Rachel olhou Gray. Ele parecia ter levado um soco no estômago. Kowalski simplesmente rolou os olhos, pegou no seu copo e esvaziou o conteúdo do restante de um trago.

Rachel não via razão para manter o subterfúgio. Enfrentou o professor. Agora compreendia por que motivo o homem a fitara tão estranhamente.

— Conhece o meu tio?

— Ah. Não muito bem, mas sim, conheço. E lamento que esteja em coma.

Conhecemo-nos num simpósio há uns anos e iniciámos uma correspondência regular. O seu tio tinha bastante orgulho em si. . uma carabinieri encarregue do furto de antiguidades. Ele enviou-me fotografias e na minha idade não se esquece uma cara bonita como a sua.

Rachel e Gray entreolharam-se; o olhar dela solicitava-lhe perdão. Ela desconhecia aquela ligação pessoal.

Wallace continuou.

— Não compreendo a razão para este tipo de subterfúgio, mas antes de

avancarmos, exijo uma explicação.

Antes que alguém tivesse oportunidade de falar, o terrier do professor emitia um rosnar baixo vindo do fundo da garganta. O cão ergueu-se sobre as patas junto do fogo e fixou a entrada do hotel. Quando a porta se abriu de rompante, o rosnar intensificou-se.

Uma figura penetrou no átrio, sacudindo a neve das suas botas.

Era apenas Seichan.

XIII - 12 de Outubro, 13h36

Oslo, Noruega

O almoço terminou com um aviso.

— A humanidade não pode esperar mais tempo para responder a esta crise — dizia Ivar Karlsen, de pé, em cima de um estrado, no extremo oposto do salão. — O colapso global ameaça esta geração ou a próxima.

Painter partilhava a mesa no fundo da sala com Monk e John Creed. Tinham chegado a Oslo há apenas uma hora e por pouco não faltavam ao almoço de abertura da Cimeira sobre Alimentação Mundial.

A grande sala de jantar do Castelo de Akershus parecia retirada de um livro de história medieval. Vigas de madeira talhadas à mão sustentavam o tecto e, sob os pés, um pavimento de carvalho desenhava um padrão em espinha. Lá no alto, candelabros cintilavam sobre longas mesas cobertas de toalhas de linho.

A refeição incluía cinco pratos, uma ironia para uma cimeira que se reunira para discutir a fome no mundo. O almoço constituía uma lição de cozinha norueguesa, incluindo medalhões de rena com molho de cogumelos e um picante prato de lutefisk, uma especialidade norueguesa confeccionada com peixe branco. Monk ainda raspava a sua colher em volta da taça de sobremesa, em busca da última amora mergulhada em natas batidas. Creed simplesmente embalava uma chávena de café nas suas mãos e ouvia atentamente o discurso do orador.

Como o estrado se situava no extremo oposto da sala, Painter tinha dificuldade em analisar Ivar Karlsen, mas, mesmo àquela distância, a sua paixão e sinceridade eram evidentes.

— Os governos mundiais serão demasiado lentos a responder — prosseguia Ivar. — Só o sector privado possui a fluidez para actuar com a rapidez e inovação necessárias para torneir esta crise.

Painter teve de admitir que o cenário descrito por Karlsen era assustador. Todos os modelos por ele apresentados terminavam da mesma maneira. Quando o crescimento descontrolado da população atingisse o ponto de estagnação da produção alimentar, o caos resultante levaria à aniquilação de 90% da população

mundial. Parecia haver uma única solução, uma solução definitiva não muito diferente da de Hitler.

— O controlo da população deve ser iniciado imediatamente. O tempo de agir é agora ou, melhor, foi ontem. A única forma de evitar a catástrofe é travar a taxa de crescimento da população, accionando os travões antes de embater no muro. Contudo, não se iludam. Embateremos no muro. É inevitável. A única questão que se coloca é se matamos todos os passageiros ou se sofremos apenas alguns arranhões. Para o bem da humanidade, para o bem do nosso futuro, é imperativo agir agora.

Com aquelas palavras finais, Karlsen eigueu uma mão face a um esboço de aplauso.

Estava longe de ser entusiástico. Para a abertura da cimeira, lançava seguramente um manto de pessimismo.

Um dos homens sentados na mesa da frente levantou-se e pegou no microfone.

Painter reconheceu o economista sul-africano de rosto severo, Dr. Reynard Boutha, co-presidente do Clube de Roma. Embora Boutha saudasse Karlsen enquanto tornava lugar no estrado, Painter reconheceu tensão e irritação na expressão do co-presidente. Ele não estava satisfeito com o tom do discurso de abertura.

Painter não prestou grande atenção às palavras de Boutha. Eram sobretudo conciliatórias, mais optimistas, um reconhecimento dos grandes passos já dados no sentido da resolução da fome no mundo. Painter mantinha-se focado em Karlsen. O rosto do homem permanecia impassível, mas cerrava com força os dedos em torno do seu copo de água e mantinha o olhar desviado de Boutha, recusando aceitar a mensagem de esperança do outro.

Monk fez a mesma avaliação.

— O tipo parece prestes a desferir um golpe em alguém.

A conclusão do discurso de Boutha pôs termo ao almoço. Painter pôs-se imediatamente de pé. Voltou-se para Monk e Creed.

— Regressem ao hotel. Eu vou trocar algumas palavras com Karlsen, depois encontramo-nos lá.

John Creed levantou-se.

— Pensei que a nossa reunião era só amanhã de manhã.

— E é — reconheceu Painter. — Mas um cumprimento nunca fez mal a ninguém.

Avançou contra a vaga de pessoas que abandonavam o encontro. Um pequeno grupo de admiradores rodeava Karlsen, felicitando-o, questionando-o, apertando-lhe a mão.

Painter aproximou-se. Mantendo-se um pouco afastado, conseguiu ouvir Boutha

a falar com um homem de nariz de falcão e que envergava um fato que lhe assentava mal.

— Antonio, pensei que tivesse avisado o senhor Karlsen para não proferir o tal discurso inflamado.

— E eu avisei-o — respondeu o outro, com o rosto rubro e manchado. — Mas ele ouviu alguém? Pelo menos atenuou a pior parte. O discurso original apelava ao controlo compulsivo da natalidade nos países do terceiro mundo. Consegue imaginar como tal seria acolhido?

Boutha suspirou e afastou-se com o outro homem.

— Pelo menos, ele estará afastado do início da cimeira, amanhã.

— Não passa de um pequeno consolo. Ele estará em Svalbard com alguns dos nossos maiores patrocinadores e financiadores. Imagino o que lhes irá dizer quando se encontrar sozinho com eles. Talvez se eu também fosse. .

— Você sabe que os voos estão completos, Antonio. Além disso, eu acompanharei a viagem para extinguir eventuais fogos.

Passaram por Painter sem o olhar, deixando aberto o caminho até Karlsen. Painter avançou e pegou no braço do CEO em dois locais: agarrou com uma mão a mão dele e com a outra o seu pulso.

— Senhor Karlsen, quis aproveitar o momento para me apresentar. Capitão Neal Wright, do Gabinete de Inspeção-Geral dos Estados Unidos.

O homem afastou a mão, mas o sorriso acolhedor não esmoreceu.

— Ah, o investigador do Departamento de Defesa. Deixe-me assegurar-lhe a minha total cooperação no que respeita à tragédia no Mali.

— Certamente. Eu sei que a nossa entrevista só está agendada para amanhã. Mas queria apenas dizer-lhe que achei o seu discurso fascinante. — Painter jogou com o que acabara de ouvir. — Embora me interrogue se não estaria talvez a conter algumas críticas.

— Como assim? — Um interesse casual avivou-se no seu rosto.

— Parecem ser necessários métodos drásticos para refrear o crescimento da população. Eu esperava que se tivesse centrado nos pormenores, em vez de referir meras generalidades.

— Talvez tenha razão, mas é um assunto controverso, que é melhor tratar com delicadeza. Demasiadas vezes, a linha esbate-se entre o controlo da população e o eugenismo.

— Como quanto a quem deve ser permitido procriar ou não?

— Precisamente. Não é um assunto para os que se movem por interesses políticos ou pela opinião pública. Por isso, os governos do mundo nunca resolverão este problema. É uma questão de vontade e de timing. — Karlsen consultou o relógio. — E falando em tempo, infelizmente estou atrasado para um outro

compromisso. Mas terei muito gosto em conversar mais sobre isto, quando nos encontrarmos amanhã no meu gabinete.

— Muito bem. Agradeço-lhe de novo as suas palavras elucidativas.

O homem assentiu enquanto se afastava, a sua mente já a focar-se na próxima tarefa que tinha entre mãos.

Painter observou-o. Quando Karlsen se aproximava da entrada, Painter agarrou o telemóvel no interior do seu bolso e premiu o botão lateral. Uma curta frequência de rádio irrompeu do telemóvel e activou o receptor polissintético implantado no interior do seu ouvido.

Um chocalhar de vozes, a par do retinir de pratos a ser levantados das mesas, chegou-lhe instantaneamente ao ouvido. Os sons eram amplificados pela escuta que fixara no interior da manga do casaco de Ivar Karlsen, quando lhe apertara a mão. O

dispositivo de vigilância electrónica não era maior que um grão de arroz. Fora desenvolvido pela DARPA, com base num desenho do próprio Painter. Podia ser agora director da Sigma, mas começara como operacional de campo. A sua especialidade era a microengenharia e a vigilância.

Painter viu Karlsen estacar subitamente à porta do salão de banquetes. Apertou a mão de um homem de cabelo argênteo da mesma altura que ele. Painter reconheceu o Senador Gorman. Esforçando-se por ouvir a conversa, Painter ignorou o ruído de fundo e concentrou-se na voz de Karlsen.

— . . vi, Senador. Conseguiu apanhar o discurso de abertura?

— Apenas o final. Mas conheço bem os seus pontos de vista. Como foi recebido?

Karlsen encolheu os ombros.

— Receio que tenha caído em saco roto.

— Isso mudará.

— Infelizmente, é verdade — disse Karlsen um tanto pesaroso. Depois deu uma pancada leve no ombro do Senador Gorman. — A propósito, devo dizer-lhe que acabei de conhecer o investigador de Washington. Parece-me um tipo bastante capaz.

Painter permitiu-se esboçar um leve sorriso. Nada como causar uma primeira boa impressão...

O olhar do senador varreu o salão. Painter manteve o rosto desviado e deslizou subtilmente para junto de um grupo de pessoas. O nível de informação do senador não era suficientemente elevado para conhecer alguma coisa sobre a Sigma. Tanto quanto o senador sabia, Painter era meramente um investigador do Departamento de Defesa.

Contudo, ele preferia o anonimato. O General Metcalf alertara-o para não o perturbar. O senador tinha um temperamento irascível e pouca paciência, como agora o demonstrava.

— É um desperdício insano de recursos enviar alguém até aqui — lamentou-se Gorman. — A investigação devia concentrar-se no Mali.

— Estou certo de que apenas estão a ser rigorosos. Não vejo qualquer inconveniente.

— Você é demasiado generoso.

Após aquela troca de palavras, os dois homens partiram juntos.

Painter manteve o micro-receptor activo no ouvido e caminhou a passos largos para a saída. Continuou a escutar a conversa.

Era agradável ter um trunfo, pelo menos uma vez.

Num espaço afastado do salão de banquetes, Krista Magnussen estava sentada diante de um computador portátil aberto. Estudava a imagem de um homem imobilizada no ecrã com um interesse moderado. Era notavelmente atraente, com o seu corpo robusto, cabelo negro e faiscantes olhos azuis. Durante o almoço, ela observara todos os indivíduos que estabeleceram contacto com Ivar Karlsen. Uma discreta câmara sem fios estava situada num dos ângulos da sala, centrada na parte dianteira da mesma. Não houvera registo áudio, mas a vigilância permitia-lhe passar a imagem por um programa de reconhecimento facial e cruzá-la com a base de dados da Guilda.

Enquanto aguardava, o rosto do homem foi digitalizado numa centena de pontos de referência e carregado. Instantes depois, o ecrã cintilou a vermelho com uma única palavra, a par de um código operativo colocado por baixo.

A palavra gelou-a.

Sigma.

Ela conhecia igualmente bem o código operativo.

Terminar após visualização.

Krista voltou a ligar a alimentação directa da câmara. Inclinou-se sobre o monitor. O homem tinha desaparecido.

Antonio Gravei estava a ter um dia difícil.

A espera no átrio, ele tencionara emboscar Ivar Karlsen após o almoço, para tentar por uma última vez convencer o canalha a deixá-lo acompanhá-los na viagem a Svalbard.

Estava até disposto a fazer algumas concessões, a conquistar-lhe a simpatia se necessário fosse. Em vez disso, Ivar deparou-se com o senador norte-americano. Antonio aguardara à margem para ser apresentado, mas, como sempre, o canalha ignorara-o deliberadamente.

Os dois homens partiram embrenhados na conversa.

Antonio mal conseguia respirar após o insulto. A irritação cresceu e transformou-se em fúria pura. Girou selvaticamente e chocou com uma mulher que saía apressadamente de uma porta lateral. Vestia um longo casaco de pele, o cabelo

envolto por um lenço.

Atingiu-a com tal violência que um par de grandes óculos escuros Versace deslizaram do seu rosto. Apanhou-os prontamente e voltou a empoleirá-los no nariz.

— Entschuldigen Sie bitte desculpou-se Antonio. Ficara tão aturdido e mortificado que recorreu à sua língua nativa suíça alemã. . especialmente quando uma perturbante centelha de reconhecimento o percorreu.

Quem. .?

Ignorando-o, ela empurrou-o para o lado, relanceou o interior da sala de banquetes e depois apressou-se na direcção do átrio, agitando o seu casaco comprido resplandecente.

Estava claramente atrasada para algum compromisso.

Ele observou-a a desaparecer pelas escadas mais próximas abaixo. Irritado, abanou a cabeça e começou a afastar-se na direcção oposta.

Então, subitamente, recordou-se.

Deu um salto e girou sobre si mesmo.

Impossível.

Tinha de estar enganado. Apenas se encontrara com a geneticista uma vez, numa reunião organizacional relativa ao projecto de investigação da Viatus em Africa. Não se recordava do nome dela, mas estava certo de que era a mesma mulher. Ele passara a maior parte da entediante reunião a fitá-la e a despi-la com o olhar, imaginando como seria submetê-la à força.

Tinha de ser ela.

Mas ela devia ter morrido, vítima do massacre do Mali. Não tinha havido sobreviventes.

Antonio continuou a fitar o vão das escadas. O que estava ela a fazer ali, viva e intacta? E porque se escondia, os seus traços envoltos em roupa?

Os seus olhos estreitaram-se à medida que se avivava uma lenta compreensão. Algo se passava, algo que ninguém deveria saber, algo que deveria estar ligado à Viatus.

Durante anos, ele procurara alguma informação sórdida sobre Ivar, uma forma de submeter o canalha à sua vontade.

Finalmente, aquela parecia ser a sua oportunidade.

Mas como poderia retirar vantagem da mesma?

Antonio voltou-se, já a maquinar o jogo. Ele sabia que carta jogar em primeiro lugar.

Um homem que perdera o filho naquele massacre. O Senador Gorman. O que pensaria o senador norte-americano se soubesse que uma pessoa sobrevivera ao ataque, alguém que Ivar mantinha em segredo?

Com um sorriso sinistro, afastou-se.

O dia clareara subitamente.

15h15

Painter franqueou o arco de tijolo que atravessava as muralhas de Akershus. Embora passasse pouco das três da tarde, o sol já estava baixo no céu, naquela latitude próxima do Ártico. Para lá do arco, estendia-se o porto dos fiordes. A neve ainda cobria os canhões manchados de verdete que ladeavam o caminho e apontavam para o mar, prontos a proteger a cidade de navios guerreiros. Embora naquele momento apenas se encontrasse um cruzeiro da Cunard estacionado na doca.

Enquanto as gaivotas bicavam e guinchavam no ar contaminado de carburante, Painter prosseguia o seu caminho ao longo da estrutura altaneira do navio, dirigindo-se para o centro da cidade. Durante a última hora, vigiara Ivar Karlsen, ouvindo as suas conversas.

Através da escuta, ele tivera uma boa oportunidade de descobrir mais informações sobre o CEO, as quais seriam valiosas para a entrevista do dia seguinte.

As conversas tinham versado maioritariamente sobre assuntos mundanos, mas, apesar de tudo, era evidente que o homem estava profundamente empenhado em resolver os problemas da fome e da população excessiva. Karlsen transpirava soluções realistas e sentido prático. Essa era claramente a sua missão na vida.

Painter captou igualmente um excerto intrigante de uma conversa sobre espécies de trigo resistentes à seca em desenvolvimento pela Viatus, uma versão daquilo que fora testado no campo de pesquisa do Mali. Desde a semana anterior, carregamentos maciços de sementes estavam a ser enviados para lugares de todo o mundo, desencadeando um aumento do preço das acções da Viatus. E, mesmo assim, Ivar não estava satisfeito. Ele prometia que a divisão de biogenética cerealífera da sua empresa continuaria a produzir novas espécies com características desejáveis: trigo resistente aos insectos, citrinos tolerantes ao gelo e sementes de soja eliminadoras de ervas daninhas. A lista prolongava-se indefinidamente, incluindo uma espécie de colza capaz de produzir óleo essencial para o fabrico de plástico biodegradável.

Mas a conversa terminara com um tom mais lúgubre. Karlsen evocara uma citação de Henry Kissinger. Fizera-o em resposta a uma questão colocada sobre a mudança de estratégia da sua empresa, ao darem primazia às sementes modificadas em detrimento dos petroquímicos. Ele dissera, parafraseando Kissinger: «Quando se controla o petróleo controlam-se as nações, mas quando se controlam os alimentos controla-se toda a população do mundo.»

Karlsen acreditaria verdadeiramente nisso?

Alguns instantes mais tarde, o homem entrara numa limusina da empresa e partira para o seu complexo investigacional nos arredores de Oslo. O microtransmissor tinha um alcance limitado, pelo que Painter teve de abandonar de momento a sua espionagem. E muito convenientemente. As palavras proferidas por Karlsen sobre a divisão de biogenética cerealífera tinham atizado um fogo debaixo de Painter. Mal sentia o frio enquanto cruzava a sombra do gigantesco navio e sulcava por entre os passageiros que vagueavam pela plataforma de embarque.

Tinha de se preparar para uma nova faceta da investigação, a qual exigia mais alguma acção furtiva nessa noite.

Enquanto se movia por entre os passageiros, uma figura corpulenta envergando um casaco com capuz chocou contra ele. Vislumbrando o impacto uma fracção de segundos antes, Painter desviou-se instintivamente para o lado. Uma dor lancinante trespassou-lhe o flanco.

Afastou-se, captando um vislumbre argênteo de uma faca empunhada a baixa altura por um homem. Se não se tivesse desviado no último instante, a lâmina tê-lo-ia atingido em cheio no estômago. Não podia contar duas vezes com essa sorte. O homem voltou à carga.

Até àquele momento, ninguém se apercebera do ataque.

Painter arrebatou rapidamente a máquina fotográfica do pescoço de um dos turistas absortos. Segurando na correia, girou a pesada Nikon SLR e atingiu o atacante em cheio no ouvido. Quando o homem caiu de lado, Painter aproximou-se, prendeu a tira de couro em torno do seu pulso, torceu-lhe o braço, mantendo-o firmemente encostado à coxa que se encontrava colada ao pavimento.

O rosto do homem embateu no cimento. Um osso fracturou-se no braço enlaçado. A faca tombou no chão.

À medida que irrompiam gritos à sua volta, Painter arqueou-se sobre o corpo derrubado, estendendo o braço para a arma liberta. Antes que a pudesse agarrar, a faca agitou-se subitamente, emitindo um silvo agudo e deslocando-se como um foguete ao longo do chão gelado. Painter hesitou, reconhecendo a arma letal.

Uma faca de injeção WASP.

O punho da arma continha uma ampola de gás comprimido, tornando a lâmina duplamente perigosa. Uma vez desferida contra a vítima, o premir de um botão detonava uma carga de ar frio do tamanho de uma bola de basquete através da lâmina introduzida até às entranhas da vítima, congelando instantaneamente e pulverizando todos os órgãos internos. Podia matar um urso com um só golpe.

Impulsionada pela detonação do gás, a faca disparou por entre o emaranhado de botas e pernas. Instalara-se o caos no cais. Alguns fugiam do local da luta; outros aproximavam-se. Alguém gritou: — Aquele tipo roubou-me a câmara!

Um grupo de oficiais de segurança naval desceu ruidosamente a plataforma.

Outros tantos forçaram o caminho por entre a multidão.

Painter pressionou com uma mão o flanco e mergulhou no caos da turba agitada. O

casaco grosso que envergava e o facto de se ter desviado repentinamente tinham-lhe salvo a vida. Contudo, sangue quente brotava-lhe por entre os dedos. Um fogo ardente inflamava-lhe o flanco. Não podia ser apanhado. No entanto, não se podia preocupar apenas com os seguranças. Enquanto corria, mantinha a vigilância da multidão que o rodeava.

O atacante agira sozinho?

Era pouco provável.

Enquanto Painter cambaleava por entre passageiros e turistas, perscrutava os rostos que o rodeavam e vigiava as mãos. Quantos mais haveria dissimulados como o primeiro, introduzidos na multidão e guardando aquela saída de Akershus?

Uma coisa sabia ao certo. Não se tratara de um ataque casual. Não, pois o atacante brandia um injector WASP. De alguma forma, o seu disfarce fora descoberto. Uma rede fora instalada em torno da área da fortaleza.

Tinha de se afastar das docas e de aumentar a distância entre si e a emboscada. A multidão tornou-se menos densa à sua volta, enquanto coxeava na direcção dos parques que ladeavam a doca. A neve gelada cobria o solo e desfazia-se ruidosamente sob as suas botas. Gotas de um vermelho vivo derramavam-se sobre a neve. Estava a deixar um trilho fácil de seguir.

Uns quinze metros à sua frente, um outro homem envergando um casaco com capuz saltou a cerca e correu com um ar decidido na sua direcção. A técnica da aproximação subtil acabara. Ignorando se o homem estava armado, Painter voltou-se e fugiu rumo à mancha de pinheiros que preenchia o fundo do parque. Tinha de se esconder.

O assassino seguiu o trilho recente das marcas deixadas na neve. Corria inclinado, empunhando a lâmina na mão esquerda. Alcançou a linha de árvores e mantinha um olho no trilho e o outro no espaço envolvente. Debaixo das árvores, as marcas tornaram-se mais ténues, mas não o suficiente para lhe perder o rasto. Ninguém ali estivera desde o último nevão. Um único conjunto de pegadas desfigurava a neve virgem.

A par de um trilho gotejante de sangue que ziguezagueava por entre as árvores. O alvo receava claramente uma arma de fogo e assumia um padrão defensivo. Um esforço desperdiçado. O assassino traçou um curso rectilíneo pela floresta, acompanhando a fuga sinuosa.

Adiante, abria-se uma clareira. O trilho de pegadas seguia em linha recta pelo meio da clareira. A presa abandonara a cautela e tentava chegar às mas da cidade do outro lado do parque. Apertando mais a faca, apressou-se a encurtar a distância.

Quando alcançou o limite da clareira, o ramo baixo de um pinheiro próximo disparou subitamente. Atingiu-o nas canelas com a força de um aríete. As pernas vacilaram. Caiu de bruços na neve. Antes que se pudesse mover, um peso bruto aterrou nas suas costas e retirou-lhe o ar que lhe restava.

Ele percebeu o erro que cometera. O homem tinha recuado, escondendo-se atrás do pinheiro e emboscara-o, arremessando para trás o ramo que se quebrara nas suas canelas.

Fora o seu último erro.

Uma mão disparou e agarrou-lhe o queixo. A outra imobilizou-lhe o pescoço contra o solo. Um sacão rápido. O pescoço estalou. Sentiu uma dor lancinante, como se o crânio tivesse explodido — depois a escuridão.

17h34

— Mantenha-se quieto — resmungou Monk. — Só falta mais uma sutura.

Painter estava sentado na borda da banheira, de boxers. Sentiu a agulha penetrar-lhe a pele. O spray anestésico apenas entorpecia o grau mais intenso da dor. Ao menos, Monk operava rapidamente. Já desobstruíra e limpara a ferida, enchera-o de antibióticos profiláticos e com uma hábil torção final da sua agulha, fechou a laceração de dez centímetros que fora feita no lado esquerdo da caixa torácica de Painter.

Monk meteu tudo dentro de um saco esterilizado que se encontrava no chão da casa de banho, pegou num rolo de gaze e em fita adesiva e começou a envolver o peito de Painter.

— Então e agora? — perguntou Monk. — Mantemos o plano?

Depois do ataque, Painter fugira em direcção à cidade, demorando alguns minutos a certificar-se de que não era seguido. Então, ligara a Monk. Como precaução, ordenou-lhes que mudassem de hotel e que se registassem sob outros nomes. Painter reuniu-se-lhes aí.

— Não vejo razão para o alterar — respondeu Painter.

Monk apontou a ferida.

— Eu vejo cerca de dez centímetros de razões.

Painter abanou a cabeça.

— Eles foram desleixados. Quem quer que tenha desencadeado o ataque deve tê-lo feito apressadamente. Fui descoberto, mas não me parece que estejamos mais expostos do que isso.

— Mesmo assim, é exposição suficiente.

— Significa simplesmente que a partir de agora vão ser necessárias precauções adicionais. Terei de evitar a cimeira. Manter-me fora do alcance da vista. O que

quer dizer apoiar-me mais em si e no Creed.

— Então mantemos o reconhecimento das instalações de investigação para hoje à noite?

Painter assentiu.

— Eu supervisionarei a operação via rádio. Nada de extraordinário. Introduzir-se no interior, aceder aos servidores e sair rapidamente.

Era uma operação simples. Por cortesia das fontes de Kat Bryant, dispunham de cartões de identificação, chaves electrónicas e um esquema completo das instalações da Viatus. Introduzir-se-iam depois da meia-noite, quando o local estava praticamente deserto.

John Creed entrou apressadamente na casa de banho. Vestia uma bata de laboratório com o logotipo da Viatus no bolso. Devia estar a experimentar o seu disfarce.

— Senhor, o seu telefone. Está a zumbir.

Painter estendeu uma mão e pegou no telemóvel. Leu a identificação e franziu o sobrolho. Era o número do General Metcalf. Porque lhe estaria a ligar? Painter evitara informar Washington sobre o que acontecera até estar na posse de mais pormenores. Ver a operação terminada antes de a iniciar não convinha a ninguém.

Especialmente a Painter.

Atendeu o telemóvel.

— General Metcalf?

— Director Crowe. Presumo que ainda se estejam a instalar, pelo que serei breve.

Acabei de receber uma chamada do Senador Gorman. Ele estava muito agitado.

Painter debatia-se por entender. Não fizera nada que provocasse o senador.

— Gorman recebeu uma chamada encriptada há meia hora atrás. Alguém alegando possuir informações sobre o ataque em África. O autor da chamada afirmou ter notícias de um sobrevivente do ataque.

— Um sobrevivente?

Painter não conseguiu esconder a sua própria surpresa.

— O autor da chamada quer marcar um encontro no bar do hotel onde está instalado o senador. Para lhe fornecer mais dados. Apenas se encontrará com o senador a sós.

— Não me parece sensato.

— Também não nos parece. É por essa razão que você vai estar nesse bar. O senador sabe que um investigador do Departamento de Defesa já se encontra em Oslo.

Ele solicitou pessoalmente a sua presença ali. Deverá manter-se discreto, apenas intervindo se for necessário.

— Quando é o encontro? — indagou Painter.

— Hoje, à meia-noite.

Claro, só podia.

Painter desligou a chamada e entregou o telemóvel a Creed.

— E? — perguntou Monk.

Painter explicou-lhes o que se estava a passar, o que só intensificou a expressão carregada de Monk.

Creed expressou o receio que todos partilhavam.

— Pode ser uma armadilha. Destinada a atraí-lo de novo a campo aberto.

— Devíamos cancelar a operação na Viatus — sugeriu Monk. — É melhor ir consigo, como reforço.

Painter considerou a opção. Monk estivera parado durante algum tempo e Creed ainda mal se iniciara. Seria arriscado enviá-los sozinhos às instalações de investigação.

Painter estudou Monk, pesando os prós e os contras.

Monk adivinhou os seus pensamentos.

— Podemos ainda levá-lo a cabo, senhor, se é nisso que está a pensar. O miúdo pode estar verde, mas executaremos o plano.

Painter considerou a certeza patente na voz do homem. Com um suspiro, interrompeu a análise da situação. Já não estava sentado à sua secretária em Washington. Aquilo era trabalho de campo. Tinha de confiar nos seus instintos. E os seus instintos diziam-lhe que os acontecimentos estavam rapidamente a fugir ao seu controlo.

Perder tempo não era uma opção.

— Mantemos o plano — afirmou energicamente, inviabilizando quaisquer argumentos.

— Precisamos de aceder àquele servidor. Pelo ataque de hoje, é evidente que alguém está a ficar mais ousado e agitado. Uma má combinação. Não podemos permitir que nos excluam. Assim, esta noite vamos ter de nos separar.

Creed aparentava preocupação, mas não por si.

— Senhor, e se é atacado de novo?

— Não se preocupe. Eles tiveram a sua oportunidade de me liquidar. — Painter estendeu a mão para o lavatório e pegou na faca WASP que confiscara ao assassino no parque. — Esta noite, quem vai à caça sou eu.

18h01

Envolta num casaco de pele de raposa forrado e com capuz, Krista caminhava a passos largos pela álea central do Parque Frogner, na parte ocidental de Oslo.

Possuía um apartamento com vista sobre o parque nívoo, mas não suportava esperar mais tempo dentro de quatro paredes. Levava o telemóvel consigo.

O sol pusera-se e a temperatura baixara.

Tinha o parque só para si.

Continuou a andar ao longo do jardim repleto de esculturas. O seu hálito quente congelava ao contactar com o ar. Precisava de se manter em movimento, mas a tensão mantinha-a rígida.

Dispersas em seu redor, estavam mais de duzentas esculturas concebidas por Gustav Vigeland, consideradas um tesouro norueguês. A maior parte destas consistia em figuras de pedra nuas imobilizadas em diversas combinações e poses retorcidas. Naquele momento, as esculturas estavam cobertas de neve, como que envoltas em andrajosos mantos brancos.

Adiante, erguia-se a escultura mais notável. Estava instalada no ponto mais alto do parque e era iluminada quando escurecia. Intitulava-se Monólito. Recordava sempre a Krista algo extraído do Inferno de Dante, especialmente à noite. Talvez por isso fosse atraída para ali àquela hora.

A escultura era uma torre circular com quatro pisos talhada num único bloco de granito. Toda a sua superfície era uma massa contorcida de figuras humanas, entrelaçadas, enleadas, enredadas, uma obscura orgia de pedra. Representava o ciclo eterno da humanidade, mas a ela parecia-lhe um túmulo colossal.

Fitou a sua estrutura imponente, sabendo o que estava para acontecer.

O que estamos prestes a libertar..

Estremeceu no interior do seu casaco e aconchegou o capuz forrado a pele mais junto ao pescoço. Não era o remorso que a fazia tremer, mas a absoluta enormidade do que se estava a desenrolar. Já estava em curso, estivera-o há mais de uma década, mas nos dias seguintes já não haveria retorbo. O mundo estava prestes a mudar e ela desempenhara um papel central em tudo aquilo.

Mas não actuara sozinha.

O telemóvel, que ainda segurava firmemente dentro do bolso, vibrou. Inspirou fundo e exalou uma torrente de névoa branca. Falhara naquele dia. Qual seria a sua punição? Os seus olhos perscrutaram o parque escuro em seu redor. Estariam já a cercá-la? A morte não a assustava. O que a aterrorizava era ser expulsa do jogo naquele momento, naquele último momento. Devido à pressa e ânsia que sentia, agira precipitadamente. Devia ter contactado os seus superiores antes de tentar abater o operacional da Sigma por sua própria conta e risco.

Ergueu o telefone e enfiou-o dentro do capuz.

— Sim? — respondeu.

Sozinha no parque, não temia que escutassem a sua conversa. Além de que a ligação por satélite estava encriptada. Preparou-se para o que lhe iria acontecer.

Contudo, não estava preparada para ouvir aquela voz. Todo o calor se esvaiu de si.

Era como se estivesse despida no parque gélido.

— Ele está vivo — disse a voz num tom insípido. — Já o devia saber.

Com o ar preso no peito, não conseguia falar. Apenas escutara aquela voz uma vez na vida, após o recrutamento, depois de uma iniciação brutal, em que cometera um assassinato, matando uma família inteira, incluindo um recém-nascido. O político venezuelano apoiara a investigação de uma empresa farmacêutica francesa, a qual tivera de ser suspensa. Ela fora alvejada numa perna por um dos membros de segurança do tal indivíduo, mas mesmo assim escapara sem deixar rasto. Nem uma gota do seu sangue.

Durante a sua recuperação, recebera uma chamada felicitando-a.

Do homem que agora se encontrava ao telefone.

Dizia-se que era um dos líderes da Guilda. Fazia parte de um grupo conhecido simplesmente como «O Escalão».

Finalmente, recuperou a voz.

— Senhor, assumo total responsabilidade pelo fracasso.

— E imagino que tenha aprendido com o erro. — O tom mantinha-se impassível. Ela não conseguia perceber se o interlocutor estava ou não aborrecido.

— Sim, senhor.

— Daqui em diante, deixe o assunto connosco. Estão a ser tomadas medidas. Mas surgiu uma nova ameaça, mais premente do que a Sigma a sondar à nossa volta. Algo que é melhor tratar aí no terreno.

— Sim?

— Alguém descobriu que houve um sobrevivente no massacre do Mali. Essa pessoa vai encontrar-se hoje à noite com o Senador Gorman.

Os dedos de Krista crisparam-se em torno do telefone. Como é que isso era possível?

Ela fora extremamente cuidadosa. A sua mente recordou velozmente os últimos dias.

Mantivera-se bem escondida. A raiva avivou-se por entre o terror.

— Esse encontro não se pode realizar — alertou o interlocutor, que lhe forneceu todas as informações sobre a reunião da meia-noite.

— E o senador?

— Dispensável. Se lhe chegar a informação antes de conseguir calar o assunto, elimine-o. Sem deixar rasto.

Ela sabia que não era necessário pensar duas vezes.

— Quanto à operação em Inglaterra — prosseguiu o homem —, está tudo a postos?

— Sim, senhor.

— Você está ciente da importância de encontrar a chave do Livro do Juízo Final.

Ela estava. Fitou a torre contorcida de corpos do Monólito. A chave podia salvá-los ou condená-los.

— Cohfia no seu contacto no terreno? — indagou ele.

— É claro que não. A confiança nunca é necessária. Apenas o controlo e o poder.

Pela primeira vez, uma insinuação de divertimento apoderou-se das palavras dele.

— Foi bem ensinada — disse, pondo um ponto final na conversa. Mas antes ainda proferiu algumas palavras crípticas. — O Escalão tem os olhos postos em si.

Krista permaneceu de pé diante do Monólito. Com o telefone ainda colado ao ouvido, estremeceu de novo — com alívio, com terror, mas acima de tudo com uma certeza.

Não podia falhar.

XIV - 12 de Outubro, 16h16

Lake District, Inglaterra

Gray fitou o seu meio de transporte com receio.

O meio de transporte fitou-o com um ar igualmente inseguro, batendo com um casco vigorosamente.

— O pónei fel — disse o Dr. Wallace Boyle, enquanto manobrava por entre a massa equídea reunida. — Não há pónei mais robusto em toda a verdejante terra de Deus. É perfeito para caminhadas na montanha. De passo seguro e forte como um touro.

— Chama a estes tipos póneis? — inquiriu Kowaiski.

Gray compreendia a consternação do parceiro. O garanhão preto baço que estava a ser selado para Gray devia ter catorze palmos e quase um metro e cinquenta na cernelha. Resfolegava ao ar frio e raspava um casco na lama semi-gelada.

— Ack, quieto, Pip — proferiu um dos tratadores, enquanto dava à cilha da sela mais um aperto.

O grupo partira de Hawkshead de carro, há uma hora atrás. Wallace conduzira-os até àquela quinta de cavalos no coração das montanhas. Aparentemente, a única maneira de chegar ao local da escavação era a pé ou no dorso de um cavalo. Wallace ligara antecipadamente e providenciara o transporte de quatro patas.

— O pónei fel tem uma longa tradição na região — prosseguiu ele, enquanto as

montadas eram aparelhadas. — Os Pictos selvagens usaram-nos contra os Romanos. Os agricultores viquingues usaram-nos como cavalos de tracção para os seus arados. E os Normandos que vieram mais tarde transformaram-nos em animais de carga para transportar chumbo e carvão.

Wallace afagou o pescoço da sua montada acastanhada e subiu para a sela. O terrier, Rufus, trotou por entre os cavalos reunidos e ergueu uma pata junto de um poste da cerca. A desconfiança inicial do cão em relação a Seichan parecia ter alcançado uma trégua prudente. Ele evitou-a claramente, quando esta enfiou um pé no estribo e saltou agilmente para cima de uma égua baia de olhar vigoroso.

— Vai ter de desculpar o velho Rufus — explicara Wallace no bar. — Tem um espírito obstinado. E tenho de admitir que é um pouco intolerante. Mordeu um estudante graduado paquistanês, na Primavera passada.

Rachel exibira uma expressão horrorizada.

Seichan nem sequer reagira. Fixou meramente o cão até a sua cauda decair e ele recuar para a sombra do dono. Então, reunira-se-lhes à mesa.

Rachel, ao ser reconhecida, revelara as suas verdadeiras intenções a Wallace, embora mantivesse alguns pormenores em segredo. Não mencionara o dedo mumificado.

O professor escutara-a atentamente, depois encolhera os ombros.

— Não há motivo para preocupação, miúda. O seu segredo está seguro comigo. Se eu puder ajudar a apanhar os imbecis que mataram Marco e enviaram o seu tio para o hospital, tanto melhor.

Assim, partiram.

Mas ainda tinham um longo trajecto a percorrer.

Gray montou o seu garanhão, Pip, e após algum arrastar de cascos, deixaram a quinta e puseram-se a caminho. O Dr. Boyle seguia na dianteira em cima do seu cavalo.

Seguiram em fila indiana por um trilho sinuoso.

Gray não subia para o dorso de um cavalo há anos. Levou uma boa milha a sentir-se confortável, a encaixar-se num ritmo suave com a sua montada. À sua volta, os outeiros elevavam-se e adensavam-se. A distância, a coroa nívea da montanha mais alta de Inglaterra, Scafel Pike, cintilava numa derradeira chama rubra enquanto o sol se punha.

A medida que prosseguiam, um silêncio invernosso abatia-se sobre as terras altas.

Apenas se ouvia o esmagar da neve sob os cascos dos póneis. Gray teve de admitir que a consideração de Wallace pelas suas montadas não era pura jactância. Pip parecia saber onde colocar o casco, mesmo na neve. Ao descer pela vertente, o garanhão nunca perdeu o apoio e manteve um equilíbrio firme.

Mais duas milhas percorridas e o trilho alargou-se o suficiente para Gray fazer deslizar a sua montada até junto de Rachel e Seichan. As duas mulheres tinham estado a conversar em voz baixa.

Quando Gray se lhes juntou, Rachel tentava libertar o seu cantil de plástico. Seichan apercebeu-se da sua dificuldade e baixou as rédeas. Guiando o cavalo com as pernas, libertou uma garrafa térmica e desenroscou a tampa.

— Chá quente — disse Seichan e estendeu a Rachel uma caneca.

— Obrigada. — Rachel bebeu um gole, o vapor banhando-lhe o rosto. — Ah, é bom.

Aquece de imediato.

— E uma mistura especial de ervas feita por mim.

Rachel acenou de novo agradecendo-lhe, enquanto terminava o chá e lhe devolvia a caneca.

À frente, Kowaiski seguia indolente na sua sela, meio adormecido, a cabeça a menear, confiando que o seu pónei acompanhasse o de Wallace.

Atravessaram uma floresta esparsa de amieiros e carvalhos, galgaram feno e fetos por entre uma paisagem de turfa coberta de neve e fios de água gelados. Gray sentia-se satisfeito por se encontrar sobre o dorso do cavalo e não a pé. Ao contrário de Rufus, que parecia não se importar com esse facto, trotando ao lado deles e saltitando de montículo em montículo nas zonas mais húmidas. O ar tornou-se mais frio à medida que o sol se afundava.

— Quanto falta ainda percorrer? — indagou Rachel num sussurro. Era o efeito do silêncio gélido daquele lugar.

Gray abanou a cabeça. Wallace recusara-se a fornecer mais pormenores, além de «mais acima, nos ermos do outeiro». No entanto, Gray não se preocupava com o caminho de regresso. Antes de partirem, ele activara um GPS manual que tinha no bolso.

Este monitorizava o trajecto, deixando algumas migalhas digitais para seguir.

Rachel cingiu-se mais no seu casaco grosso. A sua respiração lançava uma névoa no ar frio.

— Talvez devêssemos ter esperado pela manhã.

Seichan falou com voz cava.

— Não. Se houver aqui algumas respostas, quanto mais depressa as encontrarmos e seguirmos melhor.

Gray concordou, mas naquele momento um fogo crepitante saberia muito bem.

Contudo, notou uma leve crispação nos lábios de Seichan. Ela mantinha os olhos fixos no trilho que se estendia à sua frente.

Deixando-se ficar para trás, Gray aproveitou o momento para observar cuidadosamente as duas mulheres. Faziam um enorme contraste. Rachel cavalgava

com à vontade, oscilando de um modo descontraído mas expedito, adaptando-se ao novo meio envolvente. Passava grande parte do tempo a olhar em redor, absorvendo tudo. Ao passo que Seichan cavalgava como um soldado pronto para a batalha. Era claramente uma cavaleira hábil, mas notou que ela corrigia o mais ligeiro passo em falso dado pelo seu pônei. Como se tudo se tivesse de curvar à sua vontade. Tal como Rachel, absorvia tudo à sua volta, mas o seu olhar dardejava, calculista.

No entanto, apesar das diferenças, as duas mulheres apresentavam similaridades impressionantes. Cada qual era fortemente determinada, confiante, desafiadora. E em certos momentos, conseguiam tirar-lhe o fôlego com um simples olhar.

Gray forçou a sua atenção a desviar-se, quando compreendeu que havia outro traço partilhado por ambas as mulheres. Ele não tinha futuro com nenhuma delas. Encerrara esse capítulo com Rachel há muito tempo e, por outro lado, era um livro que preferia não encetar com Seichan.

Perdido nos seus pensamentos pessoais, o grupo prosseguia silenciosamente pelas montanhas. Na hora que se seguiu, o trilho tornou-se uma mancha de escarpas rochosas, penhascos nêveos e retalhos de floresta negra. Por fim, alcançaram um cume e abriu-se diante deles um vale profundo. A descida era vertiginosamente íngreme.

Wallace fê-los estacar.

— Estamos quase lá — declarou.

Sob um céu vivamente estrelado, tinham tido pouca dificuldade em cavalgar na escuridão, mas lá em baixo o negrume era total. Um bosque tenebroso preenchia o vale.

Mas não era tudo.

Contra esse pano de fundo negro, alguns brilhos rubros pontilhavam a floresta, como minúsculas fogueiras, os quais teriam facilmente passado despercebidos durante o dia.

— O que são aqueles brilhos lá em baixo? — perguntou Gray.

— Turfa ardente — respondeu Wallace, soprando para as mãos enluvadas, tentando derreter o gelo que lhe cobria a barba. — Uma grande parte dos outeiros está coberta de turfa. Principalmente pântanos de superfície.

— O que traduzido quer dizer o quê? — indagou Kowaiski, Wallace explicou, mas Gray já estava suficientemente familiarizado com a turfa.

Tratava-se de uma acumulação de matéria vegetal decomposta: árvores, folhas, musgos, fungos. Formavam-se pilhas desse material nas áreas húmidas. Os depósitos eram comuns em lugares onde os glaciares tinham recuado e talhado uma paisagem montanhosa, como acontecia ali, em Lake District.

Wallace apontou para o vale lá em baixo.

— Lá no fundo, cresce uma floresta a partir de um dos mais profundos pântanos de turfa da região. Estende-se por milhares de quilómetros quadrados. A maioria dos depósitos de turfa da região mede apenas cerca de três metros. Aqui, o vale tem pontos em que a profundidade é dez vezes maior. Trata-se de um pântano muito antigo.

— E os fogos? — indagou Rachel.

— Aye, isso é um aspecto positivo da turfa — respondeu Wallace . — E que arde. A turfa tem sido recolhida como fonte combustível desde o aparecimento do homem na Terra. Para cozinhar, para aquecer. Suspeito que foram os fogos naturais como aqueles ali em baixo que deram ao homem primitivo a ideia de começar a queimar aquela maldita coisa.

— Há quanto tempo ardem estes fogos no vale? — perguntou Gray.

Wallace encolheu os ombros.

— Não sei dizer. Já estavam latentes quando aqui cheguei pela primeira vez há três anos. Alastrando lentamente pelo subsolo, são impossíveis de extinguir. Simplesmente mantêm-se ardentes, alimentados por um poço de combustível ilimitado. Alguns fogos de turfa ardem há séculos.

— São perigosos? — indagou Rachel.

— Aye, miúda. Tem de se ter cuidado onde se põe os pés. O solo pode parecer sólido, mesmo coberto de neve, mas alguns metros abaixo pode existir um inferno ardente. Bolsas flamejantes de turfa e rios de fogo.

Wallace espicçou a sua montada com os calcanhares e iniciou a descida em direcção ao vale.

— Mas não se preocupem. Eu conheço os trilhos seguros. Não se ponham a vaguear por vossa conta. Sigam no meu encalço.

Ninguém argumentou. Até mesmo Rufus se aproximou do dono. Gray retirou do bolso o GPS, certificando-se de que ainda seguia a rota deles. No pequeno ecrã desenhava-se um mapa topográfico. Uma linha de pequenos pontos vermelhos delineava o caminho de regresso para lá dos outeiros. Satisfeito, Gray devolveu o dispositivo ao bolso do casaco.

Notou Seichan a observá-lo. Ela desviou o olhar, um tanto precipitadamente, quando se sentiu descoberta.

Wallace conduziu-os por um caminho ziguezagueante até ao vale. Cascalho solto e turfa quebradiça tornavam a descida traiçoeira, mas Wallace manteve-se fiel à sua palavra. Levou-os em segurança até ao vale.

— Mantenham-se no trilho a partir daqui avisou Wallace e partiu.

— Qual trilho? — resmungou Kowaiski.

Gray compreendeu a confusão do parceiro. Adiante, abria-se uma extensão plana de terreno nível. As únicas marcas existentes eram uns escassos montículos

de urze e um punhado de blocos de pedra cobertos de líquenes, que pareciam gigantes de pedra amontoados. Ao longe, à esquerda, um brilho rosado irradiava de uma mancha de turfa negra contornada por musgo de esfagno verde. Uma mancha de fumo erguia-se contra o pano de fundo nívco. O ar frio cheirava a presunto queimado.

Wallace inspirou fundo.

— Lembra-me o meu lar — disse impetuosamente, enquanto expirava, o sotaque acentuando-se. — Nada como o aroma da turfa ardente a acompanhar um bom copo de uísque escocês.

— A sério? — Kowaiski animou-se, de nariz no ar.

Wallace conduziu-os ao longo de uma rota sinuosa por entre grandes pedras. Apesar dos avisos, parecia pouco preocupado. A maioria dos fogos situava-se nos limites do vale.

Alguns situavam-se nos montes mais altos. Gray sabia que tais pontos quentes eram geralmente iniciados por fogos espontâneos que ardiam no subsolo e que aí ficavam num estado de latência durante anos. As extremidades dos depósitos de turfa eram as zonas mais vulneráveis a essa penetração.

Para lá do espaço aberto, erguia-se a parede da floresta obscura. Ramos carregados de neve reflectiam a luz das estreias, mas, abaixo do caramanchão, o caminho era negro como breu. Wallace preparara-se para isso. Debruçando-se, acendeu uma lanterna que estava atada à sua sela. Tal como numa caverna, a luz tinha um longo alcance.

Entraram na floresta, mantendo-se em fila indiana. O fumo foi-se dissipando. A floresta era um misto de murtas, vidoeiros e pinheiros, a par de carvalhos maciços que pareciam ter centenas de anos. Os seus troncos eram nodosos, os ramos ainda incrustados de folhas pardas secas. Bolotas juncavam o solo coberto de neve, o que explicava a quantidade de esquilos que tagarelava e se escapulia do seu caminho.

Gray viu algo de maiores dimensões debandar, junto ao chão.

Rufus esboçou uma investida abortada, mas Wallace bradou: — Deixa-o! Aquele texugo é capaz de te arrancar o focinho.

Kowaiski observou a floresta escura com suspeição.

— Então e ursos? Há ursos em Inglaterra?

— É claro — disse Wallace .

Kowaiski chegou o seu pónei para mais perto do homem com a caçadeira.

— Temos inúmeros ursos nos nossos zoos — prosseguiu Wallace com um sorriso. — Mas nenhum nas florestas desde a Idade Média.

Kowaiski lançou um olhar carregado ao homem por o ter assustado, mas não se afastou.

Avançaram pela velha floresta durante mais uma meia hora. Viajar no escuro

deixava Gray completamente perdido. A floresta densa eclipsava quaisquer marcas de referência.

Por fim, as árvores ficaram para trás e abriu-se uma nova clareira. A luz das estrelas banhava uma ampla concavidade, pouco profunda, de quase quatro mil metros quadrados.

Ervas e fetos despontavam da neve recente que cobria a concavidade, a par de cotos de árvores abatidas para desimpedir a área.

Não tinha outras marcas — mas não estava vazia.

De um dos lados, erguiam-se duas tendas escuras. Instrumentos pesados jaziam sobre uma estrutura de aço. Junto destas, quadrados de turfa escavada empilhavam-se em pequenas pirâmides, prontas a arder para aquecer as tendas. Mas não estava ali ninguém.

Durante os meses de Inverno, o local era abandonado devido à ameaça de fortes nevões.

No entanto, não foi o acampamento que atraiu a atenção de todos. Gray fitava o centro da concavidade. O local de escavação estava delimitado por fitas amarelas que entrecruzavam a área numa vasta grelha. Como que presas nessa rede de fita, pedras gigantescas elevavam-se do solo formando um círculo imperfeito. Cada qual tinha o dobro da estatura de Gray. Sobre duas delas assentava uma laje maciça, edificando uma entrada tosca para o interior do círculo, Gray recordou-se da descrição que Wallace fizera dos locais neolíticos que ponteavam a região. Aparentemente, encontrara mais um, perdido durante décadas naquela floresta de turfa.

— Parece um pequeno Stonehenge — disse Kowaiski.

Wallace deslizou da sela e levou o seu pónei pela rédea.

— Só que este lugar é mais antigo do que Stonehenge. Bastante mais antigo.

Desmontaram todos. Havia um cercado tosco e abrigado próximo das tendas, para onde encaminharam os seus póneis. Então, começaram a retirar as selas e a escovar as montadas. Kowaiski foi buscar água a um ribeiro próximo.

Wallace explicou-lhes como descobrira aquele local. As pistas encontradas no «Livro da Grande Inquirição» tinham-no conduzido ali, a um lugar assinalado em latim como «devastado».

— Não encontrei vestígios da povoação em si. Deve ter sido arrasada por completo.

Mas durante uma caçada, deparei-me com este círculo de pedras. Estava meio enterrado na turfa. Um olho inexperiente podia tê-las confundido com vulgares blocos de pedra, sobretudo porque estavam cobertas de líquenes e musgo. Mas estes blocos são feitos de um tipo de pedra azulada que não é originária dos outeiros.

O seu entusiasmo crescia à medida que falava. Com os póneis instalados,

Walace conduziu-os ao círculo de pedra. Carregava a sua lanterna. Gray retirara igualmente a sua do alforje. Em grupo, transpuseram as fitas de sinalização e esmagaram a neve que lhes dava pelo tornozelo. O círculo de pedra inscrevia-se num quadrado de solo escavado.

Com os anos, equipas de arqueólogos tinham libertado lentamente as pedras das camadas de turfa.

— As pedras estavam meio enterradas quando as vi pela primeira vez. O seu peso monstruoso afundou-as no pântano com o passar dos milénios.

— Milénios? — indagou Rachel. — Que idade tem este lugar?

— Datei-o como tendo menos dois mil anos do que Stonehenge. O que corresponde ao tempo em que os primeiros colonos se instalaram nas Ilhas Britânicas. Para vos situar melhor no tempo, isso equivale a mil anos antes da construção das Grandes Pirâmides.

Quando alcançaram o círculo obscuro, Gray projectou a luz da sua lanterna sobre a pedra mais próxima. Limpa de musgo e líquenes, não havia dúvida de que fora feita pela mão do homem. Petróglifos grosseiros tinham sido gravados na face voltada para Gray. As marcas cobriam toda a superfície exposta — mas sempre com o mesmo motivo.



— Espirais — murmurou Gray, chamando a atenção de Rachel.

Ela juntou-se-lhe, assim como Wallace .

— Um símbolo pagão bastante comum — disse o professor. — Representa o percurso da alma. Este exemplo é quase uma réplica exacta de gravações em pedra encontradas em Newgrange, um complexo tumular pré-céltico localizado na Irlanda. Newgrange data de cerca de 3200 a. C., aproximadamente a idade deste círculo, sugerindo a sua provável construção pela mesma tribo.

— Os druidas? — inquiriu Kowaiski.

Walace carregou o olhar.

— Och, onde aprendeu história, meu jovem? Os druidas eram sacerdotes tribais celtas. E só surgiram em cena cerca de três mil anos depois. — Agitou um braço para abarcar o anel de pedra neolítico. — Isto é obra da primeira tribo que se instalou nas Ilhas Britânicas, um povo que aqui chegou muito antes dos celtas e dos

druídas.

Kowaiski limitou-se a encolher os ombros, não se ofendendo com a desconsideração face ao seu conhecimento.

Wallace suspirou.

— Mas eu compreendo, porque a maioria das pessoas comete esse erro. Os celtas

reverenciaram este povo perdido, consideraram-nos deuses e incorporaram esta cultura na sua própria cultura. Prestaram culto nestes locais antigos, fundiram-nos com a sua mitologia, acreditando que as velhas pedras eram o lar dos seus deuses. Na verdade, o que hoje se considera arte céltica superior baseia-se nestas antigas gravações pagãs. Em última análise, tudo remonta aqui. — Wallace apontou para as imponentes pedras em volta. — Mas a questão mais relevante permanece sem resposta: quem eram esses antigos construtores de círculos?

Gray sentiu a excitação de Wallace avolumar-se. Parecia ter mais coisas a dizer, algo que ainda retraía, sempre o homem espectáculo. Mas antes que pudesse prosseguir, Rachel interrompeu-o.

— É melhor verem isto.

Ela circundara o círculo até ao lado oposto e encontrava-se no interior do anel. O seu braço apontava para a superfície da pedra nesse local.

Gray e os outros transpuseram as fitas de delimitação para se lhe reunirem. Ele ergueu a lanterna. Havia um único símbolo gravado na rocha desse lado. Girando, apontou a luz para as outras pedras erectas — doze no total, notou. Cada qual marcada com o mesmo símbolo.



— O círculo quadripartido — constatou Gray.

Wallace assentiu.

— Agora percebem por que razão eu tinha tanta certeza que o diário daquele estudioso medieval, Martin Borr, apontava directamente para aqui. O símbolo foi registado no seu livro.

Gray circundou lentamente o espaço.

O que significava tudo aquilo?

Contemplando de novo a primeira pedra, Gray considerou o seu significado.

Espirais de um lado, uma cruz pagã do outro. Compreendeu que era o mesmo padrão utilizado nos dois símbolos gravados a ferro na bolsa de couro: uma espiral de um lado, uma cruz do outro.

Gray olhou Rachel. Leu a mesma dedução nos seus olhos. E percebeu também o que ela pensava. Se quisessem obter respostas, era altura de abrirem o jogo com o Dr. Wallace Boyle.

Wallace estudava o artefacto. Estava sentado a uma mesa de jogo numa das tendas, com a lanterna junto ao cotovelo. Rachel encontrava-se a seu lado. Aquecia as mãos numa caneca de chá. Era a última da garrafa térmica de Seichan. Bebericou-o, apreciando o calor, apesar da ligeira acidez. Teria preferido adicionar-lhe um pedaço de natas, mas o chá contribuiu em muito para expulsar o último resquício de gelo do seu corpo.

A equipa passara duas horas lá fora ao frio, a tirar fotografias e a efectuar medições, registando tudo. Mas com que fim?

Rachel fitou Gray do outro lado da mesa. À medida que se embrenhavam no trabalho, Gray tornara-se mais introspectivo. Conhecia-o suficientemente bem para reconhecer quando ele estava perturbado, quando sentia que faltava qualquer coisa. Ela conseguia ler os seus pensamentos e sabia que questão primordial o atormentava.

O que tinha aquele local de tão importante?

Seichan sentara-se ao lado de Gray. Contribuíra pouco para o trabalho desse dia, como se lhes entregasse a tarefa de resolver aquele puzzle. Agora, todos aguardavam a avaliação do professor. Duas camas de campanha preenchiam a parte de trás da tenda.

Kowaiski estava estendido numa delas com um braço sobre os olhos, protegendo-os da luz da lanterna. Uma vez que os seus roncos não agitavam a lona da tenda, ainda devia estar acordado.

— Não sei o que pensar — disse finalmente Wallace , abanando a cabeça. Segurava a bolsa de couro. Já examinara o dedo mumificado. — Não sei onde Marco o encontrou, nem por que motivo alguém mataria por isto.

— Então vamos voltar ao início — sugeriu Gray. — Porque é que o Padre Giovanni veio para aqui em primeiro lugar. O que esperava ele ganhar com a visita a este local.

— Os corpos — murmurou Wallace , ainda a tactear a bolsa.

Rachel endireitou-se.

— Corpos? Que corpos?

Wallace pousou finalmente a bolsa e recostou-se na cadeira.

— O que têm de compreender é que, durante séculos, os pântanos de turfa foram reverenciados pelos antigos celtas e pelos seus druidas. Eles enterravam ou afundavam objectos de culto nos pântanos. Tais locais provaram ser preciosos achados arqueológicos. Espadas, coroas, jóias, cerâmicas, inclusive carruagens inteiras. Mas também se encontraram restos humanos.

O professor deixou a ideia assentar, enquanto se levantava e abeirava de um pequeno fogão de campismo, onde aqueceu as mãos sobre um briquete de turfa ardente.

Gesticulou na direcção do fogão.

— A turfa era fonte de vida, pelo que tinha de ser honrada. E essa veneração assumia por vezes a forma de sacrifício humano. Os celtas matavam as suas vítimas e lançavam os corpos nos pântanos de turfa para aplacar os deuses. — Voltou o rosto de novo para a mesa. — E o que entra na turfa acaba por ser preservado durante décadas.

— Não compreendo — disse Rachel.

Gray explicou.

— A acidez e a ausência de oxigénio na turfa impedem o apodrecimento.

— Aye. Foram encontrados potes de manteiga nos pântanos, com centenas de anos.

E a manteiga continua fresca e comestível.

Kowaiski resmoneou de aversão e rolou de lado.

— Lembre-me de não comer torradas em sua casa.

Walace ignorou-o.

— E os corpos sacrificados foram preservados da mesma forma. São conhecidos como «múmias dos pântanos». A mais famosa foi a do Homem de Tollund, encontrado na Dinamarca. Está tão bem preservado que parece ter caído no pântano ontem. A pele, órgãos, cabelo e pestanas estão intactos. Até as impressões digitais podem ainda ser detectadas. O exame feito ao seu corpo revelou ter sido estrangulado num ritual. A corda enlaçada ainda se encontrava em volta do seu pescoço. E sabemos que foram os druidas que o mataram, porque o estômago do homem estava cheio de visco-branco, uma planta sagrada para os sacerdotes celtas.

— E encontrou aqui alguma múmia dos pântanos? — inquiriu Gray.

— Na verdade, duas. Uma mulher e uma criança. Descobrimo-las quando escavávamos o círculo de pedra. Foram encontradas no centro, enroscadas juntas na morte.

Seichan colocou a primeira questão. Os seus olhos faiscaram na direcção de Rachel, depois desviaram-se de novo.

— Foram sacrificadas?

Walace animou-se com a pergunta.

— Foi exactamente o que nos perguntámos. É hoje comumente aceite que os círculos de pedra eram calendários solares, mas também constituíam locais onde se sepultavam os mortos. E este lugar deve ter sido especialmente reverenciado. Um círculo de pedra no interior de um pântano sagrado. Precisávamos de saber se se tratava de um enterro decorrente de morte natural ou de um assassinio.

As últimas palavras foram proferidas com uma nota de culpa.

— Tínhamos instruções para deixar os corpos intactos e enviá-los para a universidade incorruptos, mas precisávamos de saber. Não havia corda em torno dos seus pescoços, mas havia outra forma de descobrir se se tratava de um sacrifício ritual.

Rachel compreendeu.

— Visco-branco no estômago.

Walace assentiu.

— Executámos um pequeno exame. Bem documentado, devo acrescentar. — Deslocou-se até à sua mochila, afrouxou os fios e retirou uma pasta. Encolheu os ombros enquanto regressava à mesa. — Não devia conservar uma cópia do material.

Vasculhou na pasta e extraiu um conjunto de fotografias. Uma mostrava uma mulher e uma criança enroscadas sobre um solo escuro. A mulher embalava a criança nos braços. Estavam aconchegadas juntas, como se estivessem a dormir. Os corpos apresentavam-se escanzelados e macilentos, mas o cabelo negro da mulher ainda lhe emoldurava o rosto. A imagem seguinte mostrava a mulher despida sobre uma mesa. Era visível uma mão, segurando um escalpelo.

— Antes de mandarmos o corpo para a universidade, queríamos ver se havia pólen de visco-branco no seu estômago. Tratava-se de uma violação menor.

— Encontraram-no? — indagou Rachel, sentindo-se subitamente um pouco indisposta.

— Não. Mas encontrámos algo bastante perturbador. Se tiver um estômago fraco, é melhor desviar o olhar.

Rachel forçou-se a ver.

A imagem seguinte mostrava uma incisão em forma de Y no abdómen. O ventre fora aberto, revelando a massa dos órgãos internos. Mas algo estava claramente errado.

Walace apresentou uma nova imagem, que revelava o plano aproximado de um fígado amarelado. Excrescências brotavam da sua superfície, cobrindo-o como um campo sinistro.

Walace explicou.

— Encontrámo-los a crescer na cavidade abdominal.

Rachel tapou a boca.

— Isso é o que eu estou a pensar?

Walace assentiu.

— São cogumelos.

Chocado e enojado, Gray chegou-se para trás. Tentava compreender o que se estava a passar, o que tinha sido descoberto. Necessitava de uma base onde assentar a investigação, pelo que regressou ao início.

— Voltemos ao Padre Giovanni — começou Gray. — Disse que os corpos o atraíram aqui.

— Aye. — Wallace regressou ao seu lugar e escarranchou-se na cadeira. — Marco soube da nossa descoberta. Num lugar onde o cristianismo e as tradições pagãs ainda se encontravam em conflito.

— Contudo, não foi esse conflito que o atraiu verdadeiramente — disse Gray e fitou a primeira imagem da mulher com a criança. Não havia equívoco quanto ao quadro. Como uma Nossa Senhora e o Menino. E não uma Nossa Senhora qualquer. Os taninos da turfa tinham tingido a pele da mulher de um castanho-escuro profundo.

— Enviei-lhe uma fotografia das múmias. Ele chegou no dia seguinte. Interessava-se por qualquer manifestação ou referência à Nossa Senhora Negra. Ao encontrar tal conjunto de corpos num local pagão sagrado onde se sepultavam os mortos, numa zona onde o cristianismo e as tradições pagãs ainda se confundiam, ele tinha de ver com os seus próprios olhos se havia alguma relação com a mitologia da deusa negra.

— E havia? — indagou Rachel.

— Foi isso que Marco passou os últimos anos a investigar, esquadrinhando todas as Ilhas Britânicas. No último mês, contudo, pude constatar que alguma coisa o agitava particularmente. Mas nunca revelou o que era.

— E qual é a sua opinião sobre as múmias? — perguntou Gray.

— Como já afirmei, não encontrámos visco-branco. Penso que as pessoas já estavam mortas quando foram enterradas no pântano. Mas quem os enterrou e porquê e por que razão Martin Borr marcou o seu livro com este símbolo pagão isso era o que eu gostava de saber.

— E? — Gray pressionou o homem. Ele era irritantemente oblíquo nas suas respostas, provocando-os, para criar um maior efeito.

— Tenho a minha hipótese formulada — admitiu Wallace. — Que remonta ao ponto onde iniciei a minha investigação. «O Grande Livro da Inquirição». Algo causou a devastação da aldeia ou da povoação mais próxima. Algo suficientemente terrível capaz de arrasar por completo o lugar e apagar todos os registos dos mapas. Todos os registos, excepto a críptica referência no grande livro e a menção no diário de Martin Borr. O que aconteceu que justificasse tal reacção? Eu sugeriria algum tipo de praga ou doença. Não querendo que esta se espalhasse, e para manter o segredo, o lugar foi destruído.

— Então e os corpos que se vêem aqui? — Rachel gesticulou em direcção às imagens.

— Feche os olhos e imagine-se naquela povoação. Um lugar isolado e assolado por uma qualquer terrível enfermidade. Um local onde conviviam cristãos devotos e indivíduos que praticavam as tradições antigas em segredo, que certamente terão

tido conhecimento deste círculo de pedra, que se situava próximo da sua aldeia e que talvez ainda ali fosse prestado culto. Uma vez a maldição abatida sobre o vale, cada facção terá provavelmente pedido aos seus deuses a salvação. E alguns provavelmente terão visto as suas probabilidades aumentadas, combinando as duas fés. Pegaram numa mãe e numa criança do sexo masculino, representativos de Nossa Senhora e do Menino, e enterraram-nos neste antigo local pagão. Penso que estes são os únicos corpos que escaparam à ígnea purga, os únicos que restaram dessa antiga praga.

Wallace tocou a imagem da dissecação com um dedo.

— O que quer que tenha atacado aquela aldeia foi verdadeiramente estranho. Não tenho conhecimento de nada do género nos anais da medicina geral ou legal. Os corpos ainda estão sob investigação e têm sido mantidos em segredo. Nem sequer me informaram do que descobriram.

— Mas não deveria ser mantido ao corrente? — questionou Gray. — Você não é professor efectivo na Universidade de Edimburgo?

As sobrelhas de Wallace crisparam-se, revelando confusão, mas depois descontraíram-se.

— Ah, não, compreendeu-me mal. Quando mencionei a universidade que ficou com os corpos não me referia a Edimburgo. A minha subvenção veio de outra fonte. Não é uma prática incomum. Para os estudos de campo, vamos buscar fundos onde podemos.

— Então quem ficou com os corpos?

— Eles foram enviados para a Universidade de Oslo, para ser efectuado um primeiro exame.

Gray sentiu um soco no estômago. Demorou mais alguns instantes a reagir. Oslo. Aí estava a primeira ligação consistente entre os acontecimentos ocorridos ali e o que Painter Crowe estava a investigar na Noruega.

Enquanto Gray considerava as implicações deste facto, Wallace prosseguiu.

— Parece-me que em última análise tudo se resume aos extremófilos.

A estranheza da falta de sequência trouxe de volta a atenção de Gray.

— De que está a falar?

— Do meu financiamento — respondeu Wallace, num tom que fazia parecer óbvio o assunto em questão. — Como já disse, neste trabalho vamos buscar dinheiro onde podemos.

— E como se encaixam os extremófilos em tudo isso?

Gray tinha perfeito conhecimento do termo. Os extremófilos eram organismos que viviam em condições extremas, condições consideradas demasiado severas para que a vida se mantenha. Eram na sua maioria bactérias encontradas vivas em ambientes tóxicos como riftes oceânicos ferventes ou crateras vulcânicas. Tais

organismos únicos ofereciam potenciais compostos novos ao mundo.

E as indústrias mundiais certamente tornaram nota desse facto, gerando um novo negócio denominado bioprospecção. Mas em lugar de pesquisarem ouro, procuravam algo igualmente valioso: novas patentes. O que se revelava um negócio em expansão. Os extremófilos já estavam a ser usados para patentear novos detergentes, produtos de limpeza e medicamentos industriais altamente resistentes e até uma enzima largamente usada por laboratórios criminais na identificação de ADN.

Mas o que tinha tudo isso a ver com as múmias dos pântanos em Inglaterra?

Wallace procurou dar uma explicação.

— Tem a ver com a minha hipótese inicial, aquela que expus aos meus potenciais patrocinadores. Uma hipótese sobre o «Livro do Juízo Final».

Gray notou que, desta vez, ele o designara como «Livro do Juízo Final» e não como «Grande Livro da Inquirição». Calculou que o professor, com o seu habitual pendor para o dramático, procurara o financiamento usando uma designação mais colorida do livro.

— Conforme mencionei, os escassos lugares assinalados em latim no livro como «devastados», pareciam ter sido riscados do mapa. . literal e figurativamente. O que levaria esses antigos recenseadores a fazê-lo, senão algo verdadeiramente terrível que tivesse atingido esses locais?

— Como uma doença ou uma praga — disse Gray.

Wallace assentiu.

— E potencialmente algo nunca antes visto. Eram lugares isolados. Quem sabe o que poderia ter irrompido do pântano? Os pântanos de turfa são caldos de organismos estranhos. Bactérias, fungos, formas de lodo.

— Então contrataram-no como arqueólogo e como bioprospector.

Wallace encolheu os ombros.

— Não sou o único. As grandes indústrias estão a recorrer a arqueólogos de campo.

Estamos a mergulhar em lugares antigos, lugares há muito encerrados. No ano passado, uma importante empresa de químicos norte-americana descobriu um extremófilo num túmulo egípcio recentemente aberto. É a grande tendência, está a ver.

— E para esta escavação, a Universidade de Oslo financiou-o.

— Não. A Universidade de Oslo tem tão poucos recursos como qualquer universidade.

Hoje em dia, a maioria das subvenções são geradas por patrocinadores empresariais.

— E que empresa o contratou?

— Uma empresa biotecnológica que trabalha com organismos geneticamente modificados. Cereais e afins.

Gray agarrou o bordo da mesa. É claro. As empresas de biotecnologia eram os principais actores na caça aos extremófilos. A bioprospecção era o fluxo vital da sua actividade. Elas lançavam batedores em todas as direcções e para todos os campos de estudo. Incluindo, ao que parecia, a arqueologia.

Gray não tinha dúvida sobre quem financiara a investigação de Wallace .

Proferiu o nome em voz alta.

— A Viatus.

Os olhos de Wallace dilataram-se.

— Como é que sabe?

23h44

Seichan estava no exterior da tenda. Segurava um cigarro na mão, apagado e esquecido. As estrelas estavam tão vivas como vidro talhado no céu nocturno. Fios de névoa gelada ascendiam por entre as árvores. Inalou profundamente, aspirando o odor da turfa que emanava dos fogões do acampamento e dos fogos latentes no subsolo.

O círculo de pedras, orlado de gelo, lembrava blocos de prata.

Imaginou os dois corpos enterrados no centro. Por alguma razão, pensou no curador que assassinara em Veneza — ou, melhor, na mulher e na filha. Imaginou as duas ali enterradas. Sabendo que aqueles pensamentos derivavam da culpa, abanou a cabeça contra tão ridículo sentimentalismo. Ela tinha uma missão a cumprir.

Mas nessa noite a culpa agravara-se até um limite desconfortável.

Baixou o olhar para a sua outra mão. Segurava uma garrafa térmica de metal.

Contivera o seu chá quente. O calor mantinha a biotoxina incubada. O grupo falara extensamente sobre extremófilos depois da revelação da fonte de financiamento do Dr.

Boyle. A fonte da toxina que lhe fora fornecida era uma bactéria descoberta num espiráculo vulcânico no Chile. Sensível ao frio, tinha de ser mantida quente.

Ninguém notara que só Rachel bebera o chá.

Seichan apenas fingiu provar um pouco.

Guardando o cigarro, encaminhou-se para um banco de neve varrido pelo vento e começou a encher a garrafa com punhados de neve. O frio esterilizaria a garrafa, matando qualquer bactéria restante. Uma vez cheia, atarraxou a tampa de novo. Os seus dedos tremiam. Quis imputá-lo ao frio. Aparafusou mal a tampa e esta encravou. Lutou contra a mesma durante um instante, à medida que a fúria se apoderava violentamente dela. Frustrada, puxou o braço para trás e atirou a garrafa

na direcção da floresta.

Por alguns segundos, respirou pesadamente, exalando vapor de água.

Não chorou — e por alguma razão isso ajudou-a a concentrar-se.

Uma porta abriu-se na outra tenda. Ela partilhava a sua tenda com Rachei; os homens partilhavam a outra. Desviou-se para ver quem mais ainda estava a pé.

A ampla estrutura e o porte pesado identificaram prontamente o homem. Kowaiski avistou-a e ergueu um braço. Apontou o polegar para o cercado.

— Tenho de ir falar com alguém sobre um cavalo — disse e desapareceu.

Demorou uns instantes a perceber que ele não se ia encontrar verdadeiramente com alguém ao pé dos póneis. Estava tão fora de si. Ouviu-o assobiar enquanto se aliviava.

Consultou o relógio. Faltavam poucos minutos para a meia-noite. As cartas estavam lançadas. Não havia retorno. Eles tinham tido tempo suficiente para examinar o local. A Guilda apenas lhes daria espaço suficiente para a equipa de Gray localizar o rasto do Padre Giovanni e descobrir a chave antes de quaisquer outros. Ela solicitara mais tempo, mas não lhe fora atribuído. Que assim fosse. Teriam de se manter em movimento.

Relanceou na direcção da outra tenda. Era bom que Kowaiski não tardasse muito.

Não demorou. Passado um minuto, regressou pesadamente, ainda a assobiar baixinho.

— Não consegue dormir? — perguntou-lhe ele.

Ela pegou num cigarro e eigueu-o como explicação suficiente.

— Essas coisas vão acabar por matá-la. — Levou a mão ao bolso, sacou uma ponta de charuto e imitou-lhe o gesto. — Então mais vale que seja rapidamente.

Prendeu a ponta mastigada entre os molares, puxou de uma antiquada caixa de fósforos e riscou habilmente dois paus contra o tecido da tenda. Acenderam-se duas chamas. Ele passou-lhe uma. Claramente já o fizera antes.

Falou por entre a ponta do charuto.

— Gray acabou de se deitar. Passou quase duas horas a tentar extrair mais informação do velho professor. Eu tive de sair dali, apanhar ar fresco. Aquele cão estava sempre a empestar a tenda. E não admira. Viu o que ele dá a comer ao maldito animal?

Salsichas e cebolas. Que raio de comida de cão é essa?

Seichan acendeu o seu cigarro. Deixou o tipo divagar, grata pela conversa fácil.

Infelizmente, esta encaminhava-se aparentemente para algum fim — e de uma forma nem por isso muito subtil.

— E então — disse ele —, o que há entre si e Gray?

Seichan engasgou-se, enquanto inalava o fumo.

— Enfim, ele está sempre a observá-la. E você atravessa-o com o olhar como se ele fosse um fantasma. Parecem dois miúdos de liceu apaixonados.

Seichan retraiu-se ante a insinuação, pronta a negar, desconfortável com a proximidade da verdade. Felizmente, não foi obrigada a responder.

Ao cair da meia-noite, o vale explodiu.

Por entre a floresta, jactos de chama dispararam em direcção ao céu, um após outro.

Foram acompanhados por pequenos abalos, imperceptíveis para quem não estivesse à espera. As cargas incendiárias, acopladas com um catalisador térmico de rubídio que transformava a água num acelerador, tinham sido profundamente implantadas na turfa húmida e sincronizadas para detonar à meia-noite. O vale devia arder todo.

Mais próximo, três outras explosões irromperam do centro do círculo de pedra.

Espirais ígneas contorceram-se alto no céu.

Mesmo à distância, o calor queimou-lhe o rosto.

Os outros saíram das tendas atrás deles. Kowaiski praguejava fortemente a seu lado.

Ela não se voltou, hipnotizada pelas chamas. O seu coração batia fortemente. A conflagração começou a estender-se em direcção ao exterior — rapidamente, demasiado rapidamente — ali e na floresta. As cargas accionadas deviam apenas afugentar a equipa de Gray — atizar um fogo debaixo deles, literal e figurativamente —, destruindo ao mesmo tempo quaisquer indícios.

Observou as chamas a crescer.

Alguém cometera um erro de cálculo e subestimara a combustibilidade da turfa. Por um instante, uma melíflua centelha de desconfiança perpassou-a. Teria sido traída?

Estariam destinados a morrer ali?

Valendo-se de uma lógica fria, extinguiu mentalmente tais dúvidas. Não ganhariam nada com as suas mortes. Pelo menos, não daquela vez. Tinha de ser um erro de execução. Os velhos fogos, latentes há anos, deviam ter deteriorado a estabilidade dos leitos de turfa, transformando todo o vale numa mecha para a tocha certa.

Contudo, o resultado era o mesmo.

Enquanto fitava, o fogo fechava-se num círculo em torno deles.

Nunca sairiam dali com vida.

XV - 12 de Outubro, 23h35

Oslo, Noruega

Monk atravessava rapidamente o parque do complexo de investigação. Debaixo do seu casaco grosso, envergava um uniforme de segurança da Viatus. A seu lado, John Creed estava identicamente agasalhado contra o frio, mas levava uma bata de laboratório dobrada no braço.

Não tiveram dificuldade em passar pelos portões principais do campus da Viatus, sacando dos seus cartões de identificação falsos. Tinham estacionado o carro no parque de estacionamento dos funcionários e atravessavam a pé o terreno. A Viatus tinha instalações em todo o mundo, mas Oslo era a casa-mãe. O campus estendia-se por quatrocentos mil metros quadrados com várias divisões e edifícios de escritórios rodeados por um parque. Todas as estruturas eram luminosas e modernas, claramente influenciadas pelo minimalismo escandinavo.

No centro do campus erguia-se uma sala de reuniões inteiramente feita de vidro.

Brilhava como um diamante. Através do vidro podia ver-se o casco grandioso de um navio viquingue. Não se tratava de um modelo, mas de uma peça histórica autêntica. O navio fora descoberto algures na região ártica da Noruega, conservado no gelo. Custara milhões a resgatá-lo e preservá-lo, tudo financiado por Ivar Karlsen.

Devia ser bom ser assim tão rico.

Monk continuou a caminhar ao longo do campus. O Laboratório de Investigação de Biogenética Cerealífera situava-se num recanto remoto, distante do parque de estacionamento.

Monk puxou o capuz do seu casaco mais para a frente.

— E então, Doogie — disse ele, tentando distrair-se do frio o que fez exactamente para ser corrido das forças militares e terminar na Sigma?

Creed emitiu um som de rejeição e resmoneou: — Não me faça perguntas sobre esse assunto. — Ele não queria claramente falar sobre isso. E estava irritadiço.

E chamar-lhe Doogie provavelmente não ajudava.

Creed não era falador, mas Monk tinha de admitir que o homem era astuto. Já adquirira um conhecimento superficial de norueguês e falava com um sotaque razoável.

Monk apenas conhecia outra pessoa assim tão sagaz. Imaginou o sorriso dela, a curva das suas costas e o volume ainda pouco perceptível do seu ventre. Pensar em Kat ajudou-o a manter o calor até chegar ao seu destino.

O Laboratório de Biogenética Cerealífera assemelhava-se a um ovo argênteo erguido sobre uma das extremidades. Fora concebido inteiramente em vidro espelhado e reflectia o terreno em volta, conferindo às instalações uma aparência surreal, como se o edifício estivesse prestes a mergulhar numa nova dimensão.

O edifício do laboratório era uma construção relativamente recente, concluída há apenas cinco anos. Fora equipada com um sofisticado sistema de segurança que

exigia pouco pessoal durante a noite, não constituindo um obstáculo para um indivíduo munido dos últimos brinquedos da DARPA.

Monk transportava uma mochila num dos ombros e uma pistola XREP Taser acondicionada debaixo do outro. A arma disparava um pequeno dardo electrificado que podia anular um alvo durante cinco minutos. Era uma precaução que esperava não ter de usar.

Creed dirigiu-se à entrada principal.

Monk tocou na sua garganta. Tinha um microfone implantado sobre a laringe e um auricular no ouvido.

— Senhor, vamos entrar no edifício neste momento.

Painter respondeu-lhe de imediato ao ouvido.

— Algum problema?

— Nada até agora.

— Ótimo. Mantenham-me a par.

— Sim, senhor.

Creed aproximou-se do leitor de cartões electrónicos. Fez deslizar um cartão pela ranhura. Um arame fino ligava o cartão a um dispositivo preso em volta do pulso. Era um dispositivo de manipulação que usava algoritmos quânticos para abrir qualquer fechadura, basicamente o equivalente a uma gazua digital. A fechadura cedeu e Creed abriu a porta.

Penetraram no interior.

A entrada estava fracamente iluminada e a mesa do recepcionista vazia. Monk sabia que um guarda ocupava um posto de monitorização no andar de cima. Desde que não accionassem um alarme, não deviam ter dificuldade em chegar aos servidores nos pisos subterrâneos. A sua missão era descobrir um acesso até às estruturas centrais de investigação. Com um pouco de sorte, estariam fora dali em menos de dez minutos.

Enquanto Monk atravessava o átrio, mantinha o rosto desviado das câmaras. Tal como Creed. Eles tinham memorizado as posições das câmaras a partir dos esquemas fornecidos por Kat.

Encaminharam-se juntos para a zona dos elevadores. Creed caminhava um tanto apressadamente. Monk tocou-lhe no braço e forçou-o a abrandar, a não agir tão tornado de pânico.

Alcançaram o vão, onde o pulsar de um botão abriu duas portas. Entraram. Um outro leitor de cartões cintilava a vermelho. O elevador só se deslocaria com o cartão adequado.

Monk fez pairar um dedo sobre o botão B2 — Piso Subterrâneo 2 — onde se localizavam os servidores. Creed aguardava a sua vez de inserir o seu cartão falso. Monk hesitou antes de premir o botão.

— O que foi? — Creed mexeu apenas os lábios, receoso de falar inglês no caso de o elevador ser vigiado.

Monk apontou os botões que se encontravam por baixo do seu dedo. Iam desde o B2 ao B5. De acordo com os esquemas fornecidos, não devia haver pisos abaixo do B2.

O que haveria nesses pisos?

Monk sabia que eles tinham uma missão a cumprir, mas havia a considerar as entrelinhas da operação a realizar naquela noite: descobrir o que se passava realmente na Viatus. Era uma hipótese remota que a empresa mantivesse algo de incriminatório nos seus servidores. Qualquer aspecto verdadeiramente comprometedor estaria provavelmente enterrado mais fundo.

Como no subsolo.

Monk desviou o dedo para baixo e premiu o B5. Creed olhou-o, questionando claramente o que ele estava a fazer.

Apenas uma pequena improvisação, respondeu ele silenciosamente. A Sigma não se pautava pela execução cega de ordens, mas pelo raciocínio no momento certo.

Creed precisava de aprender isso.

Monk apontou para o leitor de cartões e fez sinal a Creed para introduzir o seu cartão electrónico. O desvio demoraria apenas mais um minuto. Deitaria rapidamente uma olhadela lá em baixo. Se fosse simplesmente um piso de manutenção ou um espaço de lazer reservado aos funcionários, saltariam rapidamente para o nível B2, acederiam aos servidores e sairiam dali para fora.

Com um suspiro de exasperação, Creed inseriu o cartão. Passado meio segundo, a luz mudou para verde.

O elevador iniciou a descida.

Nenhum alarme soou.

Os pisos sucederam-se e o elevador abriu-se, dando acesso a um átrio fechado. Uma porta blindada apresentava-se diante deles. Monk parou, subitamente com dúvidas.

Como agiria Gray aqui?

Monk abanou a cabeça. Desde quando é que seguir o exemplo de Gray era uma coisa boa? O homem tinha uma tendência inquietante para se meter em sarilhos.

Quando as portas do elevador se começaram a fechar, Monk agarrou Creed pelo cotovelo e saltou para o átrio.

— Enlouqueceu? — sibilou Creed em voz baixa, libertando-se da mão de Monk.

Provavelmente.

Monk aproximou-se para examinar a porta. Não tinha leitor de cartões. Apenas

um painel cintilante que se destinava claramente a ler a palma da mão.

— E agora? — sussurrou Creed.

Sem receio, Monk colocou a sua mão protética sobre o leitor. Sensível à pressão, a placa intensificou o seu brilho. Uma barra de luz percorreu-a para cima e para baixo.

Conteve a respiração — então, ouviu os ganchos da fechadura soltarem-se.

Um nome cintilou sobre o leitor.

IVAR KARLSEN

Creed franziu o sobrolho ao ler o nome, depois fitou Monk, irritado por não ter sido informado daquela precaução adicional.

Fora ideia de Kat. Ela obtivera os registos completos do CEO, incluindo uma impressão da palma da sua mão. Levara apenas uns segundos a digitalizar os dados e a inseri-los no equivalente a uma impressora a laser. O dispositivo gravara depois uma cópia da impressão na palma da mão sintética de Monk, riscando a pele em branco numa perfeita correspondência.

Se alguém tinha pleno acesso às instalações era certamente o seu CEO.

Monk aproximou-se da porta desbloqueada.

Vamos lá ver o que Ivar esconde aqui em baixo.

23h46

Painter mantinha o outro lado da rua do Grand Hotel Oslo sob vigilância. Estava sentado num banco com uma ampla vista sobre a entrada. Não admirava que o Senador Gorman tivesse escolhido aquele lugar como residência. Construído num extravagante estilo revivalista Luís XVI, o hotel era constituído por oito pisos e ocupava um quarteirão inteiro, com a torre central do relógio a dominar a entrada. Ficava, além disso, convenientemente localizado defronte dos edifícios do parlamento norueguês.

Uma escolha perfeita para um senador norte-americano de visita àquela cidade.

E um lugar improvável para uma emboscada.

No entanto, Painter queria ser cuidadoso. Estava ali há uma hora. Vestia um casaco grosso, chapéu e cachecol. Deslocava-se arqueando ligeiramente as costas, o que era apenas meio fingimento. A ferida provocada pela faca começara a doer-lhe à medida que o efeito dos anestésicos se dissipava. Na última hora, percorrera todas as áreas públicas do hotel, incluindo o Limelight Bar, onde Gorman deveria encontrar-se com o seu misterioso contacto. Como precaução adicional, Painter tinha a faca WASP furtada presa na parte de trás do cinto e uma pequena Beretta de 9 mm

metida num coldre preso no ombro.

Mas até ao momento, tudo parecia calmo.

Painter relanceou a torre do relógio. Faltavam poucos minutos para a meia-noite.

Tempo de o espião sair do frio.

Levantando-se, começou a atravessar a rua, tão preparado quanto possível.

Monk já entrara em contacto e, mais cedo, nessa mesma noite, Painter mantivera uma curta mas intensa conversa via satélite com Gray. Soubera que a Viatus Corporation financiara a escavação em Inglaterra. Estavam a fazer bioprospecção de novos organismos para explorar na sua investigação genética. Se tinham encontrado alguma coisa? Gray descrevera a macabra descoberta, dentro de um círculo neolítico, de corpos enterrados e preservados na turfa, corpos crivados por algum tipo de fungo.

Se isso era significativo?

Painter recordou que o geneticista de Princeton assassinado acreditara que os novos genes inseridos nas amostras de trigo da Viatus não eram de origem bacteriana.

Poderiam ser fúngicos, genes extraídos daqueles cogumelos? E se sim, porque haveria necessidade de manter todo aquele secretismo e os banhos de sangue para esconder o facto?

Painter afastou essas questões da mente momentaneamente. Precisava de se concentrar na tarefa que tinha em mãos. Entrou no átrio e observou circunspectamente em redor. Comparou os rostos dos funcionários do hotel com os da sua incursão anterior e certificou-se de que não havia estranhos entre eles.

Satisfeito, caminhou a passos largos para o bar do hotel. O Limelight era sombrio e ricamente apainelado, apenas iluminado pelo brilho de lanternas de parede. Poltronas individuais e sofás de couro vermelho dividiam o espaço. Cheirava vagamente a charuto.

Aquela hora, o estabelecimento estava esparsamente povoado. Não foi difícil descobrir o Senador Gorman junto ao bar. Em particular devido à presença do homem corpulento que estava sentado a seu lado, envergando um fato demasiado apertado para o seu tamanho. Mais valia ter a palavra guarda-costas impressa na testa. O segurança estava sentado de costas para o bar e, sem qualquer subtilidade, perscrutava a clientela à procura de ameaças.

Painter observou-os pelo canto do olho. Passou por entre as cadeiras e sentou-se num banco junto à entrada. Uma empregada de bar anotou o seu pedido.

Agora restava ver quem, se é que alguém, aparecia.

Não teve de esperar muito.

Surgiu um homem, envergando um pesado sobretudo pelo tornozelo. Estudou o

bar, depois o seu olhar fixou-se no senador. Painter ficou surpreendido ao perceber que já vira o homem antes, no final do almoço de abertura da cimeira. Ele estivera a queixar-se ao co-presidente do Clube de Roma.

Painter procurou lembrar-se do seu nome.

Qualquer coisa como Anthony.

Recordou a conversa mentalmente.

Não. . Antonio.

Um sorriso satisfeito faiscou na expressão do homem quando avistou o senador.

Tinha de ser o tipo. Pela conversa anterior, o homem não tinha claramente afeição por Karlsen. O sorriso de Antonio esvaneceu-se quando finalmente reparou, também, no guarda-costas. Dera instruções para que o senador viesse sozinho. Antonio hesitou junto da entrada.

Era a altura de agir.

Painter deslizou suavemente do seu lugar e atravessou-se diante de Antonio. Agarrou o cotovelo do homem com uma mão e encostou-lhe a sua Beretta às costelas. Manteve um sorriso no rosto.

— Vamos conversar — disse Painter e guiou-o para longe do bar.

Era sua intenção interrogar o homem em privado. Quanto menos o Senador Gorman fosse envolvido no assunto, melhor.

Antonio deixou-se ser afastado sob a ameaça da arma, o seu rosto transformado numa máscara de terror.

— Trabalho para o governo norte-americano — disse contundentemente Painter.

— Vamos ter uma breve conversa antes de se encontrar com o senador.

O terror desapareceu-lhe dos olhos, embora não completamente. Painter guiou-o na direcção de um canapé, numa área despovoada do átrio. Ficava parcialmente abrigado por uma parede baixa e um feto envasado.

Nunca o alcançaram.

Antonio subitamente tropeçou e caiu sobre um joelho. Gorgolejou e sufocou. As mãos agitaram-se-lhe em volta do pescoço. Da garganta ressaltava a farpa pontiaguda de uma flecha. Sangue salpicou o chão ladrilhado de mármore, enquanto Antonio sucumbiu de gatas.

Painter notou uma pequena luz intermitente na nuca do homem, aninhada nas penas de plástico da flecha. O corpo de Painter reagiu antes de a ideia sequer se formar.

Bomba.

Saltou para diante e mergulhou sobre a parede baixa. Aterrara atrás desta, quando a carga explodiu. Soou tão forte como um relâmpago numa cave. A dor comprimiu-lhe o crânio. Ficou momentaneamente surdo — depois o som regressou.

Gritos, berros, choros.

Ouvia tudo abafado e muito ao longe.

Rolou para se pôr de pé, mantendo-se abrigado atrás da parede próxima. O fumo sufocava o átrio, iluminado por poças de fogo. A explosão obscurecera uma grande secção do pavimento. O corpo de Antonio fora desfeito em destroços flamejantes. O ar sobreaquecido ardia com um odor químico.

Termite e fósforo branco.

Painter tossiu e perscrutou o átrio. Pela posição de Antonio, a flecha teria de ter vindo do interior do hotel, do lado esquerdo. Dessa direcção, viu duas figuras mascaradas correrem através do fumo, a partir do vão das escadas. Uma outra figura irrompeu pela porta principal.

Corriam pesadamente em direcção ao Limelight Bar.

Iam atrás do senador.

00h04

Monk estava diante da porta aberta. Para lá do limiar desta, estendia-se um longo corredor. As luzes acenderam-se, uma após outra, iluminando o caminho.

— Vamos dar uma rápida vista de olhos — sussurrou Monk. — Depois desandamos daqui.

Creed esperou que Monk tornasse a dianteira e depois seguiu-o. O miúdo mal respirava e definitivamente não pestanejava.

A meio caminho, abriram-se portas duplas à esquerda e à direita. Monk dirigiu-se a elas. Aquele lugar cheirava a desinfetante, como um hospital. O pavimento liso de linóleo e as paredes incaracterísticas acentuavam a sensação de esterilidade.

Notou igualmente que não havia câmaras naquele espaço. Aparentemente, a empresa depositava total confiança no nível adicional de segurança electrónica ali existente.

Monk alcançou as portas. Tinham um fecho que era accionado pela palma da mão, tal como a outra. Monk pressionou a mão contra o painel. Certamente não haveria áreas vedadas a Karlsen.

Tinha razão.

A fechadura abriu-se com um pequeno estalido.

Monk entrou e viu-se num átrio encerrado por outras duas portas. A antecâmara era de vidro. Para lá das portas abria-se um espaço amplo. Acenderam-se luzes, mas veladas por um tom âmbar suave.

Tentou o próximo par de portas. Estavam desbloqueadas. As portas não se destinavam claramente a manter alguém no exterior, mas a manter os ocupantes no interior.

Quando Monk penetrou na sala seguinte, contemplou, assombrado, as paredes

de ambos os lados. Estendendo-se ao longo da vasta sala, viam-se janelas rasgadas desde o chão até ao tecto. Um cavernoso zumbir preenchia o espaço, como um rádio sintonizado entre estações.

Creed seguia junto aos seus calcanhares.

— Isso são..

Monk assentiu.

— Colmeias.

Por detrás do vidro, uma massa compacta de abelhas contorcia-se e agitava-se num padrão hipnótico, as asas tremulantes, os corpos a dançar. Filas e filas de favos elevavam-se em pilha até ao tecto. As colmeias estavam divididas por secções ao longo da sala. Cada apiário estava assinalado por um código críptico. Ao estudá-los, Monk reparou que cada número era precedido pelas mesmas três letras: IMD.

Não compreendeu o seu significado, mas as abelhas eram claramente usadas nalgum tipo de pesquisa.

Ou talvez Ivar tivesse simplesmente uma pancada por mel fresco.

Monk deslocou-se junto com Creed até à parede mais próxima. O zumbir tornou-se mais forte, a agitação mais enfurecida. As luzes, embora veladas, deviam tê-las perturbado.

— Penso que são abelhas africanas — disse Creed. — Veja como são agressivas.

— Não me interessa de onde são. Mas sim o que está a Viatus a fazer com elas?

E porquê toda aquela segurança?

Creed estendeu a mão para uma pequena gaveta na parede vidrada da colmeia.

— Cuidado — alertou Monk.

Creed cerrou as sobancelhas e abriu a gaveta.

— Não se preocupe. Já trabalhei com abelhas na quinta da minha família no Ohio.

A gaveta revelou uma caixa selada com uma extremidade de rede. Uma única abelha de grandes dimensões repousava no seu interior.

— A rainha — reyelou Creed.

As abelhas agitaram-se ainda mais na sua prisão.

Monk notou que a caixa estava assinalada com o mesmo código críptico da colmeia de vidro. Enquanto Creed repunha a gaveta no lugar, Monk retirou uma pequena câmara em forma de caneta. Pressionando um botão, filmou um pequeno vídeo digital. Registou os bancos de abelhas e os números apostos sobre cada colmeia.

Poderia ser importante.

De momento, o melhor que podiam fazer era documentar tudo e sair dali.

Terminada a gravação, Monk consultou o relógio. Ainda queria inspeccionar a sala do outro lado do átrio, antes de se dirigirem aos servidores e concluírem a missão principal.

— Vamos — disse Monk e conduziu o parceiro de regresso ao átrio.

Atravessando-o, pressionou a sua palma da mão contra o outro leitor de entrada. Quando a porta se desbloqueou, penetrou no interior. Entrou numa antecâmara semelhante à do outro laboratório. Mas ali, máscaras respiratórias pendiam de ganchos colocados na parede de um dos lados. Adiante, as luzes acendiam-se, tal como anteriormente. A sala que se situava para lá da porta tinha a mesma área.

Mas ali não havia abelhas.

O espaço continha quatro leitos elevados que se estendiam ao longo da sala. Mesmo do lugar onde se encontrava, Monk reconheceu os pequenos chapéus carnudos que cresciam dos leitos numa exuberância desordenada.

— Cogumelos — disse Creed.

Monk entrou na sala seguinte. A porta abriu-se com o baque surdo de um tampão de ar. A sala tinha pressão negativa para manter o ar no interior. Monk compreendeu de imediato porquê.

Creed tapou a boca e o nariz.

O fedor atingiu-os como um soco na cara. O ar era húmido, quente e cheirava a uma mistura de salmoura, peixe morto e carne apodrecida. Monk queria virar costas e fugir dali, mas Painter relatara-lhe a sua discussão com Gray.

Sobre cogumelos.

Não podia ser coincidência.

Monk extraiu a câmara, pronto a documentá-lo. Creed juntou-se-lhe, passando-lhe uma máscara respiratória que trouxera da antecâmara. Monk puxou-a sobre o rosto, agradecido.

Ao menos havia alguém que pensava. .

Os filtros do respirador atenuaram o fedor. Capaz de respirar, encaminhou-se para o leito mais próximo. Os cogumelos cresciam a partir de uma matéria escura e aquosa de aspecto oleoso.

Creed calçou um par de luvas de látex e juntou-se-lhe. Abriu uma outra gaveta.

— É melhor retirar uma amostra do fungo.

Monk assentiu e começou a filmar.

Creed estendeu a mão para um dos cogumelos. Delicadamente, agarrou-o pela base e puxou-o para cima. Libertou-se facilmente — mas com ele veio um pedaço carnudo de qualquer coisa. Creed estremeceu e largou-o com repugnância. Esparrinhou-se na matéria húmida, fazendo tremular a superfície como uma sopa de gelatina mole.

Só então Monk reconheceu o meio de crescimento dos cogumelos.

Sangue coagulado.

— Você viu. ? — Gaguejou Creed. — Aquilo era. ?

Monk vira o que viera agarrado ao cogumelo de Creed. Um rim. E a julgar pelo tamanho, provavelmente humano.

Monk gesticulou a Creed pedindo-lhe que regressasse à macabra tarefa.

— Retire uma amostra.

Com a câmara a gravar, Monk deslocou-se ao longo do extenso leito de cogumelos.

Os mais pequenos ficavam junto à porta. Eram brancos como osso. Mas os cogumelos cresciam de tamanho ao longo do percurso, adquirindo um tom mais forte de carmesim.

Monk notou uma série de talos acastanhados que ressaltavam do sangue. Baixou a câmara para obter um plano mais aproximado. Não eram talos. Com um arrepio de frio, percebeu que eram dedos humanos.

Estendeu o braço e agarrou um dos dedos com a sua mão protética. Puxou-o para cima, arrastando uma mão para fora do repugnante muco. Enquanto a erguia, viu que estava ligada a um antebraço. Cogumelos cresciam para fora da pele.

Rangendo os dentes, baixou lentamente o membro até este desaparecer no tanque.

Não precisava de ver mais. Corpos inteiros jaziam sepultados no sangue, funcionando como fertilizantes para os cogumelos.

Reparou igualmente na pele castanha escura do braço, uma visão incomum na alva Noruega. Monk recordou-se da quinta em África, a que fora destruída numa noite de derramamento de sangue e fogo.

Teria sido colhido algo mais do que trigo?

Monk apercebeu-se que estava a respirar mais pesadamente. Moveu-se rapidamente para o extremo da sala. Ali, os cogumelos tinham amadurecido e formado grossos caules encimados por cápsulas caneladas. Pareciam carnudos e fibrosos.

Com a sua prótese, Monk tocou levemente numa das cápsulas. Quando o fez, o bolbo contraiu-se num único aperto. Do seu topo, foi lançado um denso fumo pulverulento que rapidamente se espalhou pelo ar.

Esporos fúngicos.

Monk deu um salto para trás, grato pelas máscaras. Não queria respirar aqueles esporos.

Como que ao sinal da primeira cápsula, outras começaram a ejectar. Monk recuou, perseguido pelas rodopiantes nuvens de esporos.

— Temos de sair daqui! — gritou Monk para o outro lado da sala, a voz

abafada pelo respirador.

Creed acabara de extrair uma amostra do cogumelo e atava-a no interior da sua luva de látex liberta. Relanceou Monk, sem perceber. Mas os seus olhos dilataram-se quando mais bolas de pó explodiram no ar.

Tinham de sair dali para o átrio.

Subitamente, abriram-se espiráculos no tecto, talvez accionados por um sensor biológico. Espuma foi lançada do alto num fluxo compacto. Espalhou-se pelo chão e amontoou-se rapidamente. Monk passou a correr por um dos espiráculos e quase foi derrubado pela sua força. Escorregou e deslizou.

Quando alcançou Creed, a espuma chegava-lhe à cintura.

— Vamos embora! — bradou Monk, apontando para a porta.

Juntos, lançaram-se pela primeira porta para a antecâmara. Estava igualmente repleta de espuma, até ao tecto. Tiveram de abrir caminho por ela às cegas.

Monk embateu na primeira porta do átrio.

Impeliu o manipulo e empurrou a porta com o ombro. Esta recusou-se a mexer.

Empurrou uma e outra vez, mas já sabia a verdade.

Estavam presos.

00h08

Enquanto o fumo sufocava o átrio do hotel, Painter saltou por cima da parede baixa.

Fogos ainda ardiam pelo chão. O sangue tornara o mármore escorregadio. Com a pistola em punho, patinou na direcção do homem armado que irrompera pela porta principal.

Centrado no bar, o assaltante não viu Painter a tempo. Painter disparou à queima-roupa contra o seu peito.

O impacto projectou para longe o assassino, enquanto o sangue brotava.

Menos um.

As pessoas gritavam e fugiam para a rua ou escondiam-se atrás dos móveis. Painter lançou-se numa corrida veloz pelo átrio fora.

Um pouco mais à frente, à entrada do Limelight Bar, surgiu o guarda-costas do senador em posição de disparo, os braços estendidos, empunhando a arma de serviço.

Refugiara-se atrás de uma planta envasada. Não era um abrigo adequado. Os outros dois atiradores já tinham o olhar fixo na entrada.

Folhas de feto esfrangalharam-se sob o fogo da espingarda. O homem caiu de costas no chão. Painter nunca abrandou o passo. Saltou para cima de uma cadeira no exterior do bar e mergulhou de cabeça lá dentro. Aterrou num dos sofás de couro e

rolou sobre os ombros para se pôr de pé.

Restavam-lhe apenas alguns segundos.

Uma rajada de metralhadora varreu o bar, fazendo ricochete na parede de fundo e estilhaçando garrafas e espelhos.

Painter abarcou a sala com um olhar.

O senador não estava à vista.

O guarda-costas nunca o teria deixado em espaço aberto. Só havia uma porta de saída. Os lavabos nas traseiras. Painter correu nessa direcção e lançou-se porta adentro.

Uma bala rasou-lhe a orelha. O tiro viera do interior da casa de banho.

O Senador Gorman estava encostado a uma fila de lavatórios, empunhando uma pistola, apontada a Painter.

Painter levantou as mãos.

— Senador Gorman! — disse com firmeza. — Eu sou o homem de confiança do General Metcalf!

— O investigador do Departamento de Defesa? — Gorman baixou a pistola, o rosto descontraindo-se de alívio.

Painter precipitou-se para diante.

— Temos de sair daqui.

— E o Samuels? — O senador olhou para trás na direcção da porta.

Painter supôs tratar-se do guarda-costas.

— Morto, senhor. — Encaminhou o senador para a janela de vidro colorido nas traseiras dos lavabos.

— Está trancada. Já verifiquei.

Painter subiu a vidraça de guilhotina. Uma série de barras de ferro torneadas bloqueavam de facto a passagem. Socou-as com a palma da mão e a grade soltou-se e girou sobre os gonzos. Durante a sua incursão anterior pelo local de encontro, ele retirara os parafusos que as seguravam.

Nunca era demais assegurar uma saída pelos fundos.

— Saia! — ordenou Painter, oferecendo ao senador um joelho para poder trepar.

Gorman aceitou a ajuda e içou-se até à janela.

Enquanto Painter empurrava o senador, ouviu uma pancada seca atrás de si. Um breve olhar revelou uma ponta de uma seta escura que sobressaía da grossa porta dos lavabos.

Oh, porra. .

Painter atirou o senador pela janela e seguiu de imediato no seu encalce.

Literalmente — foi atingido no olho esquerdo por um mocassim italiano. Mas isso era um dano menor, considerando a explosão que se seguiu.

Chamas e fumo irromperam da janela aberta.

O calor derramou-se sobre eles.

Painter empurrou o senador para longe. Quando a torrente de chamas se extinguiu, Painter precipitou-se para a janela, baixou a vidraça inferior e repôs as barras de ferro na sua posição original.

Eles que se questionassem como é que os dois homens tinham conseguido escapar de uma sala fechada.

A confusão poderia proporcionar-lhes mais alguns minutos de avanço, enquanto os perseguidores perscrutavam o hotel.

Painter regressou para ao pé do senador.

— Tenho um carro escondido a dois quarteirões de distância.

Partiram rapidamente juntos.

Gorman arquejava a seu lado, apertando um ombro magoado. Transposto o primeiro quarteirão, fitou Painter e colocou-lhe uma questão existencial: Quem é você afinal?

— Um mero funcionário público — murmurou Painter, enquanto se concentrava numa outra tarefa. Reajustou o microfone no pescoço e activou-o. — Monk, como vão as coisas por aí?

Monk ouviu umas escassas palavras esfiapadas junto ao seu ouvido, mas depois de se libertar do respirador, lutava contra uma torrente de espuma. Lançou-se de novo contra a porta, esperando que esta se abrisse milagrosamente. Devia ter sido bloqueada quando a espuma foi accionada.

Talvez houvesse outra saída.

Antes que se pudesse mover, água quente irrompeu do tecto. A espuma desfez-se de imediato, de cima para baixo. Todo o seu volume ruiu por si mesmo. Demorou menos de trinta segundos.

Monk olhou para Creed. Parecia um cão escanzelado encharcado à espera de se poder abanar. Os olhos do homem reluziam de choque.

— Espuma contra risco biológico — explicou Monk. — É usada para combater patogénicos aéreos. Devemos ficar bem.

Provando-o, o fecho abriu-se sob o cotovelo de Monk. Devia estar programado para um ciclo de esterilização. Rodou o manipululo e saiu para o átrio.

Quando o fez, ecoaram vozes ao fundo do corredor, linha uma vista desimpedida da zona dos elevadores. A porta permanecia meio aberta, enquanto alguém pronunciava algo em norueguês. Monk reconheceu o braço uniformizado de um segurança.

O protocolo de segurança automático tinha convocado os guardas que se encontravam de serviço.

Monk estacou. Não podia recuar para o laboratório dos cogumelos. Esse seria

certamente o primeiro lugar a vasculhar. Restava-lhe apenas uma opção. Expondo-se à vista de todos, correu para o lado oposto do átrio e colocou a palma da mão sobre o leitor que estava ao lado da outra porta. Susteve a respiração enquanto o dispositivo a lia, vigiando a porta distante e rezando para que ninguém se voltasse naquela direcção.

Finalmente, a fechadura soltou-se. Com um silencioso suspiro de agradecimento, abriu rapidamente a porta. Ele e Creed lançaram-se no interior.

Monk manteve a porta aberta, apenas o suficiente pára vigiar o átrio.

Um grupo de seguranças, quatro no total, era conduzido por um técnico que envergava uma bata de laboratório. O homem parecia ter acabado de acordar.

Aparentemente, o acesso àquele local requeria uma autorização especial.

Monk deixou a porta deslizar até se fechar, embora se mantivesse debruçado à escuta. A outra porta do laboratório abriu-se e fechou-se. Alguns homens permaneceram no átrio. Monk ouvia-os falar em voz baixa. Não sabia quantos eram. Pelo menos três, conjecturou.

E agora?

— Dê-me algum espaço — disse Creed atrás dele.

Monk voltou-se. O seu parceiro tinha despido o casaco e vestido a bata do laboratório. Secara igualmente o cabelo e penteara-o com os dedos, repondo-o no seu devido lugar. Creed dirigiu-se à antecâmara. Enquanto Monk controlara a porta, Creed estivera na grande sala junto dos apiários de paredes de vidro.

— O que está a fazer? — indagou Monk, fitando-o de alto a baixo.

Creed desviou-se para o lado. Para lá da porta interior fechada, uma centelha de movimento atraiu a atenção de Monk. Na sala exterior, uma espessa nuvem de abelhas rodopiava e engrossava.

— O que é que fez? — indagou Monk.

Creed ergueu um braço. Na sua mão, segurava uma gaveta fechada com rede.

— Roubei a rainha. — Creed apontou para a esquerda. — E quebrei o selo da colmeia.

Monk franziu o sobrolho. De um dos apiários, uma espessa coluna de abelhas fervilhava para o exterior pelo buraco onde estava anteriormente a gaveta.

— Mas porquê? — insistiu Monk.

Por detrás da porta, as abelhas reuniam-se num enxame crescente.

— São definitivamente africanas — disse Creed, enquanto contemplava a rainha capturada. — Muito agressivas.

— Isso está tudo muito bem, mas. . porque?

— Para conseguirmos sair daqui. — Creed apontou para a porta interior da antecâmara. — Abra-a quando eu disser agora. Mas mantenha-se atrás da porta.

Monk começou a compreender. Trocou de lugar com Creed e deslocou-se até à

porta interior da antecâmara. Creed posicionou-se junto da porta do átrio e vigiou o enxame crescente de abelhas.

A nuvem agigantava-se agora contra a porta e contra as paredes de vidro da antecâmara, atraída pelo rasto da rainha. O zumbido tornou-se tão forte que a pele de Monk ficou toda arrepiada.

Creed aguardava. Pousou no chão a gaveta com a rainha. Na sala contígua, o enxame tornara-se tão cerrado que bloqueava a luz.

— Prepare-se — disse Creed, enquanto se voltava a endireitar.

Monk agarrou o manipulador da sua porta.

Creed avançou com um ar determinado para a porta e abriu-a de um golpe. Monk ficou fora do alcance da vista, mas ouviu as exclamações sobressaltadas dos guardas no átrio.

Creed assumiu um ar de irritação e interpelou-os ríspidamente em norueguês.

Enquanto os guardas tentavam perceber se o novo técnico era ou não uma ameaça, Creed chutou a gaveta na sua direcção.

— Agora! — bradou.

Monk abriu rapidamente a sua porta, abrigando-se atrás dela.

O enxame lançou-se de imediato no interior da antecâmara como um punho irado.

Creed recuou e abriu por completo a sua porta. Com o caminho livre até à rainha, o enxame precipitou-se para o átrio numa nuvem compacta. Em pânico, um dos guardas disparou um tiro cego.

Um erro.

Monk conhecia o suficiente sobre abelhas africanas para saber que eram sensíveis a ruídos fortes.

Seguiram-se gritos, que só pioraram a situação.

Creed lançou-se para diante e agarrou a manga do casaco de Monk. Era hora de partir. Monk seguiu Creed. Não havia necessidade de agir furtivamente. Quatro guardas contorciam-se no meio do enxame, densamente cobertos por uma massa contundente. As abelhas preenchiam bocas e penetravam os narizes.

Monk e Creed correram velozmente.

Algumas abelhas ambiciosas perseguiram-nos. Monk foi picado várias vezes, mas o enxame mantinha-se próximo da rainha. Com as suas longas pernas, Creed alcançou primeiro a zona dos elevadores. Penetrou rapidamente no interior. Monk fechou firmemente a porta atrás de si.

Creed chamou o elevador e as portas abriram-se de imediato. A cabina ainda se encontrava naquele piso. Apressaram-se. Sem tempo para chegar aos servidores, Monk desistiu da missão principal e premiu o botão do piso da entrada. Era altura de saírem dali. Creed não argumentou.

Monk fitou-o enquanto o elevador subia.

— Portou-se bem, Doogie.

— A sério? — Resmungou com azedume. — Mas ainda sou Doogie?

Monk encolheu os ombros, enquanto saíam do elevador e percorriam apressadamente o átrio principal. Ele não queria que o sucesso lhe subisse à cabeça. Quando se dirigiam para o exterior, mergulhando na noite, uma voz sussurrou-lhe subitamente ao ouvido, irada e urgente.

— Monk, responda. — Era Painter.

Monk activou o microfone junto da garganta.

— Senhor, estamos a sair do local.

Seguiu-se um pesado suspiro de alívio.

— E a missão?

— Tivemos um pequeno percalço com abelhas.

— Abelhas?

— Explico-lhe mais tarde. Encontramo-nos de novo no hotel?

— Não. Vou para aí. Levo companhia.

— Companhia?

— Houve uma mudança de planos — disse Painter. — As coisas ficaram demasiado quentes aqui em Oslo. Assim, vou levantar acampamento e mudar-me para um sítio mais fresco.

Ainda ensopado pelo banho de espuma, Monk sentia a noite glacial penetrá-lo até aos ossos. Mais fresco?

Enquanto Monk atravessava o campus empresarial, imaginou Gray aninhado numa tenda aquecida, junto a um fogão de campanha.

Canalha sortudo.

XVI - 13 de Outubro, 00h22

Lake District, Inglaterra

Enquanto a floresta ardia, Gray agarrava a rédea do seu garanhão. Ele e os outros tinham rapidamente selado os cavalos. Não havia um instante a perder.

Depois do incêndio inicial de grandes proporções, as chamas tinham-se reduzido a braseiros infernais em toda a sua volta. Um manto de fumo espesso cobria o vale, obscurecendo as estrelas. Uma fogueira singular assinalava uma zona da floresta que se tinha incendiado. Como uma velha armadilha, seca e pronta a arder. O resto da floresta nítida resistira às chamas até ao momento.

Mas estavam longe de se encontrar a salvo.

— Montem! — gritou aos outros.

Tinham de partir imediatamente. Cada segundo contava como um perigo mais

insidioso que se fechava em seu redor. Fogos de turfa alastravam pelo subsolo, formando canais ardentes e poços ígneos mais profundos. Embora os bosques estivessem apagados, escondiam uma conflagração enraivecida sob eles.

Wallace estimara que todo o vale seria consumido em menos de uma hora. Nenhum meio de salvamento os poderia alcançar a tempo. Gray usara o seu telefone de satélite para contactar Painter, para lhe explicar brevemente a situação e para lhe fornecer as coordenadas de GPS, mas até mesmo o director concordara que nem sequer os meios aéreos poderiam ser mobilizados a tempo de os salvar.

Estavam entregues a si próprios.

Enquanto Gray subia para a sua sela, uma das pedras maciças do círculo tombou quando a turfa sob ela ardeu e cedeu. Quando atingiu o solo escuro, irrompeu um jorro de chamas. Outras pedras já tinham tombado, algumas desaparecendo por completo em poços ardentes.

Não se tratava de um fogo de turfa natural.

Alguém o ateara, claramente tencionando destruir o local de escavação — e quem quer que ali se encontrasse.

Rachel mantinha o seu pônei próximo de Gray, apertando firmemente as rédeas. Os olhos da sua montada rolavam à beira do pânico. Rachel não parecia menos assustada.

Estavam todos cientes do perigo.

Quando os incêndios irromperam, um dos pôneis soltara-se do cercado. Desenfreado e sacudindo a cabeça, fugira para a floresta. Instantes depois, ouviram um estrondo, o irromper de um novo jacto de chamas e um horrível bramido.

Gray contemplou a pedra tombada enquanto esta se afundava lentamente no atoleiro ardente, recordando-o do perigo que jazia sob os seus pés. Um passo em falso e acabariam como o pônei desorientado.

Seichan dirigiu-se rapidamente para junto do garanhão de Gray. Fora a sua montada que fugira e morrera. Gray debruçou-se, agarrou-lhe o antebraço e içou-a para a sua sela, atrás dele.

— Vamos! — Apontou para a zona mais escura da floresta, onde não havia brilhos de momento. Tinham de romper o círculo de fogo e subir os montes.

Gray liderava o grupo com Wallace a seu lado.

A frente deles, trotava o terrier, Rufus.

— Ele vai descobrir um trilho seguro — disse o professor, com o rosto pálido. — A turfa arde quando está completamente madura. O seu faro pode captar o que nós não conseguimos ver.

Gray esperou que ele estivesse certo, mas todo o vale cheirava a turfa ardente. Era uma hipótese remota que um cão pudesse distinguir a subtil insinuação de fumo dos fogos subterrâneos. Mas que outra opção tinham?

E talvez o cão captasse de facto alguma coisa. Enquanto prosseguiram, o terrier ziguezagueava pelos bosques, com paragens e viragens súbitas.

Gray mantinha o andamento num trote lento, combinando velocidade e cautela. O cão saltitou pela neve e sobre um ribeiro gelado. Parecia impossível que numa noite tão fria, com o solo coberto de neve e gelo, pudesse haver um inferno sob o mesmo.

Mas foram recordados do perigo, quando um veado vermelho se atravessou no caminho, assustado pelos incêndios. Fugiu com passo seguro por entre as árvores e depois aterrou numa ravina coberta de neve. O chão cedeu sob ele. Os quartos traseiros afundaram-se num poço ardente, lançando para o alto uma espiral de chamas e cinza incandescente. O pescoço esticou-se numa postura silenciosa de agonia, depois o corpo ficou flácido e desapareceu de vista. Uma espiral de fumo subiu em direcção ao céu.

Uma onda de calor rechaçou o frio da noite.

Era uma lição de prudência.

— Cristo no espeto — resmoneou Kowaiski de cima do seu pônei.

Os braços de Seichan estreitaram-se em volta da cintura de Gray.

Enquanto avançavam pelos bosques fumegantes, novos jactos de chamas irrompiam da floresta à medida que o inferno alastrava e incendiava árvores secas, que se assemelhavam a tochas. Evitaram uma dessas árvores. Era um velho carvalho, quebradiço e coruscado. As chamas dançavam por entre os seus ramos esbranquiçados, um sinal do perigo que fluía sob as suas raízes.

Até Rufus começou a abrandar. Parava constantemente, a cabeça a girar, o nariz a farejar o ar, gemendo, claramente inseguro. Mas fazia-os avançar, por vezes tendo de retroceder, dançando por debaixo das pernas das montadas irrequietas.

Mas, por fim, imobilizou-se perto de um antigo leito de um rio seco, num declive oco que serpenteava na sua frente. Não parecia haver ameaça, mas o cão hesitava andando de um lado para o outro na margem mais próxima. Esboçou uma tentativa de descer até ao canal, depois pensou melhor e recuou. Algo o assustava. Regressou à dianteira da fila de pôneis parados. O seu gemido baixo converteu-se num ganido tenebroso.

Mexendo-se na sela, Gray fitou os bosques. A toda a volta, o fogo escondido no subsolo começara a vir à superfície, mostrando a sua verdadeira face impetuosa. Não muito longe dali, um grande pinheiro tombou na floresta, arrastando consigo árvores de menor porte e fendeu-se numa onda rodopiante de chamas. Cada vez mais árvores sofriam o mesmo destino. Áreas inteiras de floresta sucumbiam agora no pântano incandescente, ora porque as raízes eram consumidas, ora porque cediam ao seu próprio peso, à medida que o chão se transformava em cinzas ardentes.

Tinham de continuar. Quanto mais tempo esperassem, mais se agravariam as

circunstâncias. Precisavam de alcançar os montes.

— Vá lá, meu velho covarde. — Wallace instigava o cão numa censura gentil.
— Tu consegues, Rufus. Vá, rapaz. Encontra-nos um caminho para casa.

O cão fitou o dono e depois o canal. Com um tremor, sentou-se. Continuou a tremer, mas a sua decisão era firme. Não havia caminho seguro naquela direcção.

Gray deslizou da sela e passou as rédeas a Seichan.

— Fique aqui.

— O que estás a fazer? — perguntou Rachel.

Gray caminhou até uma pedra coberta de musgo que se encontrava junto do trilho.

Ele tinha de ter a certeza. Dobrando-se pelos joelhos, libertou a pedra e arrastou-a até à borda da margem nívea. Balançando os braços, lançou a pedra, que descreveu um arco baixo sobre a margem. Aterrou no meio do canal — e atravessou-o até ao pântano incandescente que jazia por baixo. Eclodiram chamas. A neve derreteu em torno das margens e ferveceu com um silvo de vapor.

A fenda aumentou imediatamente de tamanho, expelindo elos ardentes. Outros pontos entraram em erupção ao longo do canal. Lançar o pedregulho assemelhara-se a atirar um seixo a um lago. Ondulações incandescentes expandiram-se num efeito de cascata, à medida que o oxigénio recente atingia o inferno subterrâneo. Foram cuspidas chamas, dando origem a mais vapor, que derramou, seguindo o curso do antigo leito do rio.

— Tinha de ser — disse Kowaiski. — Não podia deixar as coisas como estavam.

Gray ignorou-o e dirigiu-se para outra pedra. Içou-a e, usando todo o corpo, rodou e lançou-a para a outra margem. Ficava a menos de sete metros de distância. A pedra embateu na margem distante e aterrou com um baque. Ali ficou, embutida em turfa e neve.

— Ainda está sólido. Se conseguíssemos chegar ao outro lado.. — Gray voltou-se para Wallace . — Os pôneis fel conseguem dar grandes saltos?

O professor contemplou o curso flamejante.

— Sim. . — respondeu hesitantemente. — Mas é um salto muito longo.

Kowaiski deu a sua opinião.

— Também não temos grande escolha.

Uma outra árvore sucumbiu no bosque atrás deles.

— Aye, lá isso é verdade — reconheceu Wallace .

— Eu vou primeiro. — Gray regressou rapidamente para junto da sua montada. Ergueu um braço na direcção de Seichan para a ajudar a descer.

— Eu vou consigo — disse ela.

— Não. O nosso peso tornará mais difícil. .

— Vê algum cavalo livre por aí? — ripostou Seichan, interrompendo-o. — Tenho de seguir com outra pessoa. E o seu garanhão é o maior.

Gray compreendeu que ela tinha razão.

Içou-se e sentou-se na sela. Os outros desviaram-se, enquanto ele recuava o cavalo na direcção da margem.

— Segure-se bem — aconselhou-a Gray.

Ela obedeceu, cingindo os braços em torno da cintura dele e pressionando a face contra as suas costas.

— Vá — sussurrou ela.

Inclinando-se para diante sobre a sela, assentou os calcanhares e fez estalar as rédeas. O garanhão, já retesado, como que adivinhando o que o cavaleiro queria, disparou em frente, com um estrondear de cascos. Acelerou para um galope pleno em apenas algumas passadas.

Gray sentiu o poder do garanhão sob a sela. A sua respiração pesada deixava atrás de si um rasto branco. O seu pescoço esticava-se à medida que ganhava velocidade — depois alcançou a margem.

Com um retesar de músculos, saltou alto. Gray ficou leve, eiguendo-se da sela com Seichan firmemente agarrada a si. Elevaram-se sobre o fogo. Sentiu a onda de calor que vinha lá de baixo.

Depois atingiram a margem oposta.

Gray voltou a cair sobre a sela, equilibrando o peso com os estribos e com perícia. O garanhão trotou alguns passos para diminuir a velocidade adquirida. Gray puxou as rédeas e rapidamente fez rodar a montada.

Seichan continuava fortemente agarrada a ele.

Regressou à margem ardente e suspirou de alívio. Agitou um braço para que os outros o seguissem, ainda sem confiar na sua voz. Um tremor percorreu-o, mas os braços de Seichan seguraram-no com firmeza.

— Conseguimos — murmurou ela nas suas costas.

Os outros juntaram-se rapidamente a eles. Wallace veio a voar com Rufus aninhado no seu colo. Gray teve de dar o braço a torcer. O tipo sabia definitivamente montar.

Rachel veio a seguir. Recuou o seu cavalo e disparou numa corrida regular até ao rio.

Gray podia ter o pônei maior, mas Rachel tinha o mais rápido. Alcançou a margem, mas algo correu mal.

Um dos cascos escorregou quando a borda se esboroou sob ele.

Gray percebeu de imediato que algo correria mal. O salto fora demasiado baixo e o corpo do pônei inclinou-se para um dos lados.

Nunca chegariam à outra margem.

Rachel lutava para se manter sentada. Quando a égua saltou, sentiu de imediato o centro de gravidade mudar debaixo de si. Firmou as pernas para se manter na sela.

Puxou as rédeas junto ao peito e inclinou-se decididamente sobre o arção.

Toda torcida em cima da sela, fitou em baixo o coração incandescente do fogo. Não ia conseguir. O pônei já estava a perder altura. O calor abrasador lambeu-a.

Ouviu gritos de alerta.

Depois atingiram o chão. Os cascos dianteiros embateram em turfa sólida, chegando à margem oposta, mas os quartos traseiros da égua esmagaram-se na extremidade ardente do rio de fogo.

O impacto projectou Rachel sobre o estômago contra o pônei. Sem ar, perdeu as rédeas e o suporte dos estribos e deslizou em direcção ao fogo.

Debaixo dela, a pobre égua bramia de agonia e lutava por se libertar, o que atiçava ainda mais as chamas.

Enquanto deslizava, Rachel agarrou a extremidade da sela. O fogo queimava-lhe a sola das botas. A égua, esgotada e enlouquecida pelo tormento, tentava libertar-se dela.

Pior, a égua começou a rolar.

— Aguenta-se! — bradou uma voz.

Ela olhou para cima. Era Seichan. A mulher dobrou-se para diante e segurou a cabeça da égua. Gray surgiu pelo outro lado e tentou agarrar o cimo do cabresto.

Juntos, tentaram impedir a égua de rolar.

Seichan enrolou a rédea em torno dos seus braços, baixou-se e enterrou os calcanhares no chão. Gray largou a égua quando esta começou a sacudir a cabeça e a bramar. Investiu de novo.

— Tire-a dali! — bradou Seichan, enquanto ela própria era arrastada para o rio.

Foram necessárias todas as forças de Rachel para se manter agarrada com firmeza.

Sentiu as pernas a arder e calculou que as suas calças tinham pegado fogo. Então, uns dedos agarraram-lhe o pulso. Gray estava ali, estendido sobre a cernelha da égua.

Impeliu-a para a frente com um braço, mantendo o outro abraçado ao arção da sela.

Içou-a até ao peito, o rosto congestionado e tenso.

— Trepas por mim acima! — ordenou-lhe, fitando-a nos olhos.

A determinação férrea daqueles olhos azuis acerados endureceu-a.

Arquejando, estendeu os braços e agarrou-lhe um pedaço do casaco. Arrastou-se para cima dele, alcançou o seu cinto com a outra mão e rastejou por ele acima. Por fim, abandonou a margem do rio, rolou de cima dele e aterrou sobre as mãos e os joelhos na neve.

Gray recuou apressadamente, deixou-se cair ao lado dela, depois agarrou-a com um braço e içou-a margem acima. Sucumbiram juntos na neve. Ela abraçou-o, subitamente a soluçar.

Atrás deles, soou um tiro.

Voltando-se rapidamente, ela viu Seichan de pé, um pouco mais abaixo, de costas para eles. Segurava uma pistola fumegante. Os bramidos da égua cessaram, enquanto o seu corpo se afundava cada vez mais no fogo.

Seichan deixou-se cair na margem nívea, com a pistola aninhada nas mãos.

Lindo.

Ainda do outro lado do rio chamejante, Kowaiski vira a égua de Rachel tropeçar. O pônei ainda ardia na borda do rio. Como iria conseguir atravessar? A sua montada, um cavalo castrado, não era tão imponente como o garanhão de Gray e não era tão rápido como a égua de Rachel. Mais, não tinha tornates, o que só por si o inquietava.

Kowaiski levou uma mão ao estômago. Devia ter seguido aquela dieta que Liz lhe impingia.

Gray chamou-o da margem distante.

— De que está à espera?

Kowaiski ergueu um dedo. Afagou o pescoço do seu pônei — Tu consegues fazer isto.. certo?

O pônei sacudiu a cabeça e rolou um olho assustado na sua direcção.

Estou contigo, companheiro.

Recuou o pônei, afastando-se um pouco mais, para lhe dar mais espaço de arranque.

Contudo, hesitava. O pônei hesitava também. Recusava imobilizar-se, dançando nervosamente com os cascos. Ambos tinham muito a perder.

Só temos de nos acalmar, esperar um pouco para. .

Um pinheiro explodiu atrás deles. Disparou como uma vela romana. Destroços flamejantes voaram alto, bombardearam-lhe as costas do casaco e atingiram a garupa do pônei.

Com aquele impulso ardente, o cavalo partiu com um súbito retesar de músculos excitado pela adrenalina. Kowaiski quase caiu, mas rapidamente recuperou o equilíbrio, cavalgando de pé sobre os estribos. O pônei estrondeou debaixo dele, alcançou a margem e saltou.

Se Kowaiski fosse mais destemido teria bradado de excitação. Ou se tivesse um chapéu de cowboy poderia tê-lo agitado. Em vez disso, baixou-se e agarrou-se firmemente ao pônei com ambos os braços.

Lá no fundo, como se soubesse que o último elemento do grupo escapava com vida, todo o leito ruiu num inferno de fogo. As chamas projectaram-se alto.

Kowaiski cerrou os olhos, banhado pelo calor abrasador.

Então, alcançaram a margem distante com um esmagar de cascos sobre chão firme.

O impacto lançou-o sobre a cabeça do pônei. Voou e foi aterrar num banco de neve.

Ficou deitado de costas durante um instante, aturdido, e fez um balanço.

Ainda estava vivo..

Levantou-se sobre os cotovelos e pôs-se de pé. Cambaleou até à sua montada. As pernas de ambos ainda tremiam. Aproximou-se do pônei, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e abraçou-o com força.

— Adoro-te, minha maravilha sem tornates.

Vinte minutos mais tarde, o extenuado grupo trepava por um trilho rochoso afastando-se do vale. As chamas faziam dançar as suas sombras do outro lado da encosta. Lá no fundo, todo o vale latejava e ardia.

Seichan, dorida e exausta, seguia atrás de Kowaiski. Fitava Gray e Rachel. Eles seguiam juntos no garanhão dele. Rachel enlaçara os braços em torno da cintura de Gray e pousara a cabeça sobre o seu ombro. Depois da queda quase fatal, ela permanecera perto de Gray, retirando energias da sua solidez e força.

Seichan tentava não escarnecer da vulnerabilidade dela.

Mas não podia libertar-se com tanta facilidade de uma outra angústia.

Ela notara como os dois se fundiam tão rapidamente, como se tornavam um. Quando montara com ele, também abraçara Gray, aspirara o odor almiscarado do seu suor, sentira o calor do seu corpo. Mas não sentira mais nada da parte dele. Ela podia ser um simples alforge.

Contudo, ainda agora, enquanto os observava, Gray acariciava o braço de Rachel. Era um gesto de conforto, reflectido, enquanto continuava a vigiar o trilho rochoso.

Seichan desviou o olhar, a raiva crescia dentro dela. Não contra Gray, mas contra a sua própria insensatez. Recordou as palavras que Kowaiski proferira antes de a floresta explodir. Dois miúdos de liceu apaixonados. Ela pensava que tinha conseguido esconder melhor os seus sentimentos. E a opinião do tipo relativamente ao seu parceiro? Poderia estar certo quanto a Gray?

Por um momento permitiu-se acreditar que era verdade. Mas só por um momento.

Fitou-o e reconheceu que a sua relação não tinha futuro. O fosso era demasiado fundo, demasiado largo.

E ainda se tornaria mais fundo e mais largo.

Especialmente, depois do que teria de acontecer a seguir.

Longe dos bosques, chegara a altura de passar à próxima fase do plano.

Gray impôs uma paragem para que pudessem descansar e dar de beber aos cavalos.

Tinham alcançado um pequeno lago azul álgido, um dos muitos que ponteavam a região como pingos de mercúrio.

Também queria inspeccionar as queimaduras de Rachel. Ele cobrira-lhe as pernas de neve imediatamente após o incidente, para lhes retirar todo o calor residual. A sua pele adquirira um tom rosa vivo e algumas zonas poderiam empolar à superfície, mas ele queria verificar uma segunda vez.

O grupo desmontou os póneis. Estavam todos doridos das selas e com as extremidades enrugadas, devido ao calor. Mesmo depois de se afastarem do rio ardente, o perigo continuara iminente.

Se não fosse Rufus a guiá-los durante o resto do caminho. .

Gray observou o professor a retirar um pedaço de salsicha seca e a dá-la ao seu terrier. Rufus merecia travessas cheias de salsichas. Contudo, o terrier estava mais do que satisfeito por receber uma boa esfregadela como recompensa por um trabalho bem feito.

Wallace inclinou-se e esfregou os seus dedos no flanco do cão.

— Bom trabalho, meu cachorro sarnento.

A sua cauda agitava-se furiosamente.

Até Seichan atirou a Rufus um pedaço de queijo, enquanto esticava as pernas. O terrier apanhou-o habilmente. Parecia ter vencido a sua desconfiança inicial. Ela vagueou até ao lago gelado e deixou-se aí ficar, iluminada pelo luar reflectido na água.

Gray estudou-a.

Quando Rachel estivera prestes a cair nas chamas, Seichan fora a primeira a sair da sela, correndo para a ajudar. Até mesmo Gray ficara meio passo atrás. Nunca lhe agradecera devidamente.

Mas primeiro tinha alguns pormenores a tratar.

Kowaiski aticçara uma pequena fogueira com alguns galhos e fósforos. Apesar de tudo o que acontecera, a noite estava fria e uma fogueira continuava a ser bem-vinda. Todos se aproximaram como traças fatigadas atraídas por uma chama.

Gray levou um instante a aquecer as mãos. Depois, com um suspiro, sacudiu a mochila e baixou-se sobre os quadris. Correu o fecho de uma das bolsas e retirou o telefone de satélite.

— Vai ligar para casa? — perguntou Kowaiski.

— Tenho de pôr Painter a par. Dizer-lhe que escapámos daquele buraco do

inferno.

Quando Gray ergueu o telefone, Seichan falou atrás dele.

— Não me parece.

Ele voltou-se e viu que ela lhe apontava uma arma à cara.

— O que está a fazer? — inquiriu ele.

— Passe-me o telefone.

— Seichan. .

— Já.

Gray compreendeu que era inútil resistir. Ele sabia que aquela mulher atirava bem.

Lançou-lhe o telefone. Ela apanhou-o sem qualquer dificuldade, nunca deixando a pistola vacilar, e depois arremessou o telefone na direcção do lago.

— É altura de desaparecemos de circulação — disse ela.

Gray conseguia adivinhar o que ela queria dizer. Se ele não entrasse em contacto com Painter, este pensaria que não tinham escapado da floresta incandescente. Os seus homens demorariam semanas a esquadrihar as cinzas.

Mas o que Gray ainda não compreendia era porquê.

A pergunta devia ser óbvia.

Seichan explicou: — O nosso objectivo é encontrar a chave que o Padre Giovanni perseguia. No passado, você mostrou-se bastante capaz, Pierce. — Ela ergueu uma sobrancelha na direcção de Gray. — A Guilda tem total confiança em si.

Gray abanou a cabeça, despertando. Ele suspeitara que ela poderia usar os acontecimentos em seu benefício, o que a ajudaria a voltar às boas graças dos seus anteriores patrões — reais ou enquanto agente duplo. De qualquer forma, pensara que ela agiria mais tarde. Ele tinha baixado a guarda. Mas na verdade, era mais do que isso. A fúria crescia dentro de si. Uma parte dele confiara nela.

Deixou transparecer alguma raiva.

— Como é que nos vai obrigar a cooperar? Não pode apontar-nos uma arma o tempo todo.

— Tem razão. — Ela guardou a pistola no coldre.

O gesto inquietou ainda mais Gray. As palavras seguintes confirmaram o seu receio.

— Foi por isso que envenenei Rachel.

O choque silenciou Gray.

Rachel deu um passo em frente.

— O quê?

— O chá. — Seichan nem olhou para ela. Mantinha a sua atenção centrada em Gray.

— Uma biotoxina manipulada. Mata em três dias. Infelizmente, os sintomas

intensificar-se-ão. Náuseas, dores de cabeça, eventualmente sangramento.

Rachel gaguejou por um momento, claramente combatendo a descrença.

— Mas você salvou-me a vida. Na floresta.

Gray compreendeu.

— Ela precisava de ti viva.

Seichan encolheu os ombros.

— Existe um antídoto. Uma enzima especificamente desenvolvida para combater esta toxina. Uma fechadura e uma chave, por assim dizer. Não há outra cura. E para vos esclarecer desde já, eu não conheço o antídoto, não sei onde pode ser encontrado ou como obtê-lo. O antídoto ser-lhe-á dado contra a entrega da chave.

— Não compreendo. De que chave está a falar?

— Daquilo que o Padre Giovanni procurava verdadeiramente. A chave do «Livro do Juízo Final».

Wallace sobressaltou-se com as suas palavras.

— Isso não passa de um mito.

— Para o bem de Rachel, é melhor que assim não seja. Temos três dias para a encontrar.

— E que garantia temos que você cumprirá a sua parte do acordo? — perguntou Gray.

Ela rolou os olhos.

— Preciso mesmo de lhe responder?

Gray lançou-lhe um olhar carregado. Ela tinha razão. Não precisava. Não havia garantia e não havia necessidade de a propor. Com a vida de Rachel em risco, não tinham escolha.

Kowaiski cruzou os braços e fitou Gray.

— Da próxima vez, Pierce, dê ouvidos ao cão.

XVII - 13 de Outubro, 03h23

Oslo, Noruega

Krista não dormira.

Tinha sido uma longa noite. As coisas pareciam ir de mal a pior. Mas na última hora, talvez tudo tivesse terminado bem. Saberá dentro de poucos minutos.

Encontrava-se diante de um fogo crepitante, envergando um robe de caxemira italiana.

A lareira era suficientemente alta para se poder caminhar até ela sem haver necessidade de se curvar. Os seus pés descalços enroscaram-se no tapete de zibelina que cobria o chão. Um conjunto de janelas góticas, guarnecidas a ferro, dava para o pátio nívoo do Castelo de Akershus. O luar conferia um tom prata ao mundo,

embora espelhasse nele as chamas da fogueira.

E o seu reflexo surgia entre ambos.

Entre o gelo e o fogo.

Um fragmento de um poema de Robert Frost atravessou-lhe a mente, enquanto aguardava. Recordava-se de o memorizar na escola católica feminina nos arredores de Boston, no tempo em que o pai a visitava à noite, quando a mãe se embebedava.

Some say the world wil end in fire, Some say in ice⁵

Krista não queria saber qual deles sairia vencedor, desde que ela se encontrasse do lado dos vitoriosos. Voltou a estudar as chamas, mas visualizou um outro fogo. Um fogo que quase arruinara tudo. Recebera um relatório actualizado pouco depois da meia-noite de um informador que se encontrava nos outeiros britânicos.

Ele relatara o sucesso das cargas incendiárias implantadas. Mas o fogo ficara rapidamente fora de controlo, ameaçando tudo. Ela foi obrigada a esperar mais duas horas, antes de ter a confirmação de que os colegas tinham sobrevivido. De que a operação prosseguia conforme planeado.

Se eu falhasse aí. .

Um arrepio percorreu-a.

Teria sido um desastre, especialmente tendo em conta a maneira como as coisas tinham corrido no Grand Hotel. Demorara muito tempo a descobrir que fora Antonio Gravei quem contactara o senador e ele revelara-se um alvo mais astuto do que previra.

Depois de contactar o senador, o homem desaparecera. Não se encontrava no hotel, nem na cimeira. Só muito mais tarde ela tornou conhecimento da sua predilecção por jovens prostitutas, daquelas que não se importavam de praticar jogos libertinos. Incapaz de descobrir o seu paradeiro atempadamente, fora forçada a preparar uma emboscada no hotel. Ele demonstrara ser mais descarado do que ela gostaria, mas tinha pouco tempo para subtilezas. E contara igualmente abater dois alvos de uma só vez. Dera instruções aos seus homens para matar Antonio assim que ele entrasse no hotel. Quando o caos e a confusão se instalassem, aproveitariam para assassinar o senador.

5 Alguns dizem que o mundo terminará pelo fogo, outros dizem pelo gelo. (N. da T.)

A morte do Senador Gorman não fora especificamente ordenada. Só deveria ser morto se Antonio falasse com ele, mas Krista não gostava de deixar pontas soltas.

Especialmente pontas soltas que a pudessem reconhecer. Jason Gorman, perdido de amores pela nova namorada, enviara fotografias dela ao pai.

Tal exposição preocupava-a.

E ela não gostava de se preocupar.

No final, o senador escapara com vida e não por qualquer falha da sua parte. Ela fora especificamente instruída para não perseguir o operacional de cabelo escuro da Sigma. Não era culpa dela o facto de ele ter aparecido.

Contudo, a ansiedade mantinha-a tensa e fria. Permaneceu perto da lareira, com o cinto do robe estreitamente cingido.

Por fim, o telefone vibrou. Levou-o imediatamente ao ouvido.

— Sim — disse ela.

— Soube que a operação em Inglaterra prossegue conforme planeado.

— Confirmo. — Ela deixou transparecer uma ponta de orgulho.

— E que o Senador Gorman escapou.

A sua visão estreitou-se, obscurecida nas margens. Toda a sua confiança anterior se evaporou ao ouvir o tom de voz do homem.

— Sim — conseguiu pronunciar.

O silêncio alongou-se. Krista sentia as batidas do coração na garganta.

— Então podemos prosseguir com a segunda parte do plano.

Krista dissimulou um longo suspiro de alívio, mas ficou igualmente confusa.

— Segunda parte?

— Iniciar a limpeza da casa, para nos prepararmos para a jogada final.

— Senhor?

— O Escalão reuniu-se e reavaliou os cenários futuros. Em última análise, não parece haver necessidade de uma relação continuada com a Viatus. Ivar Karlsen está a tornar-se um obstáculo. Especialmente depois dos estranhos acontecimentos ocorridos a noite passada nas suas instalações de pesquisa. Interessa-nos apenas enquanto bode expiatório, servindo para afastar a mira da nossa organização.

Krista deixou a mente arrefecer, reavaliando o seu papel.

O homem prosseguiu.

— Dispomos de toda a pesquisa pertinente. O que Ivar Karlsen pôs em movimento não pode ser invertido e ser-nos-á útil no final, com ou sem ele.

— O que devo fazer?

— Deverá acompanhá-lo a Svalbard, conforme planeado, e aguardará novas instruções.

Soube que ele decidiu partir mais cedo do que o previsto.

— Uma nova tempestade está a formar-se mais rapidamente do que o esperado. Ele quer ter a certeza de que não interferirá com os seus planos.

— Bastante sensato. Porque uma tempestade está de facto em fermentação. — A voz do homem esvaneceu-se. — São estas ordens.

A ligação morreu.

Krista afastou o telefone do ouvido e apertou-o entre as mãos. Chegou-se mais

perto do fogo, mas não sentiu calor. Ficou ali, paralisada, perdendo a noção do tempo. A respiração tornou-se pesada.

Finalmente, ouviu uma voz atrás de si.

— Não se vem deitar, Krista?

Ela relanceou por cima do ombro. Ivar Karlsen estava nu à entrada do quarto. Na sua idade, o seu corpo permanecia firme, o ventre liso, as pernas fortes e musculadas. E mais importante do que isso, não necessitava de comprimidos para fazer sexo.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

— Não podia estar melhor.

Ela voltou-se para o encarar de frente. Enfiando o telefone num dos bolsos, soltou o cinto do robe e deixou que este lhe deslizasse pelos ombros e caísse sobre o tapete felpudo. Ela estava de costas para as chamas, perfeitamente consciente do fogo, perfeitamente consciente do frio glacial que se fazia sentir no quarto do castelo.

Estava no lugar que lhe cabia.

Entre o gelo e o fogo.

PARTE TRÊS: AS SEMENTES DA DESTRUÇÃO

XVIII - 13 de Outubro, 08h43

Sobre o mar da Noruega

O sol permanecia baixo no horizonte, enquanto o jacto privado cruzava o Círculo Ártico. Durante os últimos meses de Outono, havia poucas horas de luz no local para onde se dirigiam. O arquipélago de Svalbard ficava a meio caminho entre a costa setentrional da Noruega e o Pólo Norte. Com mais de metade da sua massa terrestre sepultada debaixo de glaciares, era o lar de quase exclusivamente renas e ursos polares.

Até mesmo São Nicolau teria dificuldade em chamar lar àquele lugar.

Mas naquele momento, Painter usufruía da cabina de couro e mogno do jacto privado, um Citation Sovereign, que Kat forjara. Ela alterara igualmente a identificação do voo, indicando que se tratava de executivos de um consórcio de carvão. Era um disfarce credível. A principal indústria do arquipélago era a extracção de carvão.

A cabina do jacto acomodava sete passageiros, pelo que havia espaço

suficiente para os quatro se estenderem. Todos tinham conseguido dormir um pouco, depois de uma longa noite de vigília, mas aterrariam em menos de uma hora em Longyearbyen, a maior colónia das ilhas de Svalbard.

Painter recostou-se na sua poltrona de couro. Estava sentado à cabeceira de uma mesa, diante do Senador Gorman. Monk e Creed partilhavam um sofá contíguo. Era altura de por as respectivas cartas sobre a mesa, para estabelecerem o plano de actuação possível para o confronto que se avizinhava.

Painter sabia que tinham de agir rapidamente, saltar para o terreno assim que as rodas atingissem o alcatrão. Tinham fugido de Oslo cientes de duas coisas. Primeiro, com a descoberta do disfarce de Painter e a perseguição ao senador, aquele local tornara-se demasiado perigoso. Segundo, o seu principal suspeito já abandonara a cidade e dirigia-se para as mesmas ilhas geladas. Era a sua grande oportunidade de encurralar Karlsen e obter algumas respostas sinceras.

O CEO da Viatus acompanhava um grupo de líderes da cimeira na visita à famosa Abóbada Seminal Global de Svalbard. Tratava-se da Arca de Noé das sementes, destinada a proteger a sua preciosa carga — mais de trezentas mil espécies de sementes — de guerras, epidemias, ataques nucleares, terremotos e até mudanças climáticas drásticas.

Projectada para durar vinte milhares de anos, aquela Abóbada do Juízo Final estava sepultada a mais de cento e cinquenta metros de profundidade, debaixo de uma montanha, naquele que era considerado o local mais remotamente povoado da terra.

Se quisessem ter uma conversa privada com Karlsen, longe de olhares indiscretos, aquele era o lugar indicado. Mas tal encontro não deixava de implicar um risco significativo.

— Senador — pressionou Painter uma última vez continuo a achar que é melhor ficar em Longyearbyen. Se precisarmos de si durante a investigação, solicitaremos a sua ajuda.

Painter continuava a manter o ardil de que os três homens pertenciam ao gabinete do Inspector-Geral e que trabalhavam para o Serviço de Investigação Criminal de Defesa.

Até tinham na sua posse os distintivos para o poderem comprovar.

— Eu vou consigo — afirmou o Senador Gorman, segurando uma chávena de café entre as mãos.

Painter reparara que ele o reforçara com um pouco de brande, retirado do bar bem aprovisionado. Não que Painter o censurasse. Gorman recebera alguns golpes duros nas últimas horas. Ele fora um associado próximo, quase amigo, de Karlsen.

A voz de Gorman endureceu.

— Se Ivar teve verdadeiramente alguma coisa a ver com a morte do meu filho. .

— Ainda não sabemos o que está directamente associado a ele — retrucou Painter.

O senador não se deixou convencer.

— O canalha apertou-me a mão. — Gorman deu um murro na mesa, fazendo chocalhar chávenas e pires. Olhou ferozmente para o lado oposto da mesa. Claramente, não conseguiria dissuadir o senador de estar presente. Painter podia imaginar a dor da sua perda, seguida de traição, mas naquele momento não necessitava de uma pessoa descontrolada e desprevenida ao seu lado.

No entanto, o homem tinha um argumento sólido e voltou a afirmá-lo.

— Vocês precisam de mim para se aproximarem de Ivar.

Painter cruzou as mãos no colo, reconhecendo a verdade. Karlsen partira com uma hora de avanço, antecipando-se a uma tempestade que soprava vinda do pólo.

Provavelmente já se encontraria na abóbada seminal quando eles aterrasssem. E aí a segurança era apertada, em particular com a chegada dos dignitários da cimeira.

O Senador Gorman prosseguiu.

— Para entrarem lá dentro, precisarão de mim e do meu passe. Mesmo ostentando esses distintivos, não conseguirão passar pela segurança. Com o meu convite, posso introduzir pelo menos um de vós na abóbada.

Já tinham decidido que Painter seria esse um. Monk e Creed manteriam um perímetro defensivo no exterior, oferecendo-lhes apoio.

Painter revira igualmente o sistema de segurança implantado na abóbada seminal. O lugar ficava selado por portas reforçadas a aço, monitorizadas por um sofisticado sistema de videovigilância, para não falar no patrulhamento dos milhares de ursos polares que deambulavam pela ilha. Adicionalmente, para o evento em questão, um contingente do exército norueguês estaria de plantão para reforçar a segurança.

Assim, penetrar naquela festa sem o senador seria tão difícil como entrar em Fort Knox.

Reconhecendo tudo aquilo, Painter finalmente cedeu. Endireitou-se na sua cadeira e olhou todos os presentes.

— Então, antes de aterrarmos, vamos recapitular o que sabemos. . e, igualmente importante, o que não sabemos. Uma vez em terra firme, teremos de agir rapidamente.

Monk assentiu.

— Por onde começamos?

— Pelo nosso principal alvo, Ivar Karlsen. — Painter centrou-se em Gorman.

— Trabalhou com ele durante anos. O que nos pode dizer sobre ele?

O senador recostou-se, claramente procurando dominar a sua raiva, mas a expressão permaneceu sombria.

— Se me tivesse perguntado isso ontem, ter-lhe-ia respondido que ele é um tipo inflexível, duro, que sabe ganhar dinheiro como ninguém, mas que está igualmente consciente da responsabilidade que subjaz a essa riqueza. Uma combinação de Rockefeller com Franklin D. Roosevelt.

— E como se conheceram?

— Através do Clube de Roma. Eu aderi ao clube simplesmente para estabelecer contactos políticos e empresariais. Que melhor forma poderia arranjar para consolidar a minha carreira do que conviver com um grupo internacional de industriais, políticos e celebridades? — Encolheu os ombros, sem vergonha da sua ambição. — Mas então conheci Ivar. A sua paixão era electrizante, a sua retórica dominadora. Ele acredita firme e piamente na preservação do mundo, na salvaguarda do futuro da humanidade. É certo que algumas das suas sugestões para gerir o crescimento da população podem ser consideradas radicais. O controlo da natalidade compulsiva, a esterilização, o pagamento pecuniário às famílias para não terem filhos. Mas alguém tem de fazer essas escolhas difíceis. Foi o que me atraiu nele em primeiro lugar. O seu sentido prático e a sua sensibilidade. Mas não fui o único a fazer parte do seu círculo de amigos.

O interesse de Painter aguçou-se.

— Onde pretende chegar?

— No Clube de Roma, Ivar rodeou-se de pessoas com um pensamento semelhante, pessoas que acreditavam, tal como ele, que era necessário fazer escolhas difíceis.

Formávamos uma espécie de clube dentro do clube. Cada um de nós trabalhava para ele em projectos particulares. O meu, como lhe disse, era usar a minha influência política para expandir o desenvolvimento dos biocombustíveis. Mas havia outros projectos dirigidos por diferentes membros do círculo.

— Como o das abelhas? — indagou Monk, referindo-se às colmeias que vira no laboratório subterrâneo. Friccionou a marca de uma ferroada que tinha na face.

O senador encolheu os ombros.

— Não sei dizer. Cada um de nós dirigia um projecto independente.

— Então vamos falar do projecto que deu início a toda esta confusão — declarou Painter. — Onde todo este banho de sangue parece ter tido origem. Tudo remonta à investigação genética realizada na Viatus, especificamente a testagem do trigo resistente à seca. Sabemos que a Viatus financiou a pesquisa de extremófilos e que foi descoberto um organismo fúngico em múmias preservadas na turfa britânica. — Painter gesticulou na direcção de Monk. — E sabemos que a pesquisa prossegue e que os corpos que se encontram no laboratório dos cogumelos são provavelmente oriundos do campo de testagem em África.

Painter já pusera em marcha uma ordem de busca aos laboratórios

subterrâneos. Mas a Viatus era uma das maiores empresas da Noruega, com importantes ligações globais e financeiras. Quando um juiz aprovasse a busca, Painter suspeitava que a empresa já teria purgado os tais laboratórios, deixando para trás meros espaços vazios e esterilizados.

— Como tal, parece-me seguro concluir — terminou Painter — que os misteriosos genes detectados nas sementes de trigo pelo Professor Maloy em Princeton tinham essa origem fúngica. E que aparentemente esses genes são instáveis. Possivelmente tornando o trigo perigoso para consumo.

Gorman abanou a cabeça.

— Mas porquê massacrar o campo? O trigo nem sequer se destinava ao consumo humano.

Painter tinha uma explicação.

— Tratava-se de um campo de refugiados. A comida era escassa. Pessoas famintas tornam-se desesperadas. Suponho que alguns dos refugiados se tenham esgueirado de noite para os campos e roubado uma espiga ou duas de trigo para as suas famílias. E

talvez aqueles que dirigiam a quinta fizessem vista grossa a tais furtos. O que proporcionaria à empresa a oportunidade perfeita para conduzir estudos com humanos reais sem necessidade de o admitir.

— Só que ninguém previu que o gene se alterasse — comentou Monk com um esgar.

— Depois de constatarem esse facto, tinham de limpar a área, mas não sem antes recolherem uns quantos sujeitos pelo caminho para serem testados. Quem daria por falta de um ou dois refugiados, especialmente num campo bombardeado?

Painter notou que o senador empalidecera, o seu olhar distanciando-se. A dor ensombrava-lhe a visão. Mas era mais do que isso.

— A Viatus já está a exportar a sua nova semente de trigo resistente à seca — disse Gorman. — Começaram na semana passada. Já estão a ser plantados campos em grande parte do hemisfério sul e em latitudes equatoriais. Milhões de quilómetros quadrados.

Painter pressentiu que algo de muito grave estava prestes a ser revelado. Gorman perdera a cor. Subitamente, Painter compreendeu. A produção em massa da semente para distribuição global. A Viatus já a devia estar a produzir e a colher algures.

Mas onde?

— Os campos de produção dessa nova semente de trigo.. Onde ficam? — inquiriu Painter.

Gorman evitou-lhe o olhar.

— Eu ajudei a concretizar o negócio a favor da Viatus. A produção de

sementes geneticamente modificadas é uma indústria consumidora de biliões de dólares. É como lançar dinheiro em áreas ávidas de moeda. — A sua voz tornou-se baça devido ao choque. — Eu distribuí o dinheiro. Por toda a cintura cerealífera dos Estados Unidos. .

Iowa, Il inois, Nebraska, Indiana, Michigan. . milhares e milhares de quilómetros quadrados, abarcando todo o Midwest.

— E esse é o mesmo trigo que foi testado em África? — perguntou Monk.

— Não exactamente, mas segue a mesma linha genética.

— E provavelmente apresenta a mesma instabilidade — acrescentou Painter. — Não admira que deitassem fogo ao campo de testagem em África. O gato já tinha o rabo de fora.

— Mas eu não compreendo — disse Monk. — Como podia a semente já estar a ser produzida? E os ensaios preliminares?

Gorman abanou a cabeça.

— Os ensaios em alimentos geneticamente modificados são uma anedota. Até os aditivos alimentares são mais testados. Os alimentos geneticamente modificados não dispõem de linhas de orientação formais para avaliação dos riscos e dependem em grande parte de auto-regulação. As aprovações baseiam-se em relatórios filtrados ou abertamente fraudulentos produzidos pela indústria. Para vos dar uma ideia, dos quarenta cereais geneticamente modificados aprovados no ano passado, apenas oito publicaram estudos de segurança. E no caso das sementes exportadas pela Viatus, elas não se destinam ao consumo humano, pelo que são ainda menos controladas. Além de que. .

ajudei à sua aprovação.

O senador fechou os olhos e abanou a cabeça.

Não admira que Karlsen precisasse dele, pensou Painter.

— Então, se o trigo não se destina ao consumo humano — afirmou Monk talvez o risco possa ser controlado.

Creed emitiu finalmente a sua opinião e depressa extinguiu essa esperança.

— Continuará a chegar à cadeia alimentar humana.

Todos os olhos se voltaram para ele.

O mais recente membro da Sigma pareceu encolher-se um pouco quando a atenção dos colegas se centrou nele, mas aguentou-se.

— Depois do que aconteceu em Princeton, investiguei um pouco mais a fundo os cereais geneticamente modificados. Em 2000, um trigo geneticamente modificado, designado por StarLink, que não fora aprovado para consumo humano, tal como a espécie desenvolvida pela Viatus, acabou por contaminar produtos alimentares em todo o país. Mais de trezentas marcas. Como se suspeitava que desencadeava reacções alérgicas, resultou numa revogação maciça. A Kel ogg teve de encerrar a

sua linha produtiva durante duas semanas para eliminar toda a contaminação.

O senador assentiu.

— Eu recordo-me. O governo viu-se obrigado a comprar todo o stock da Kellogg para impedir a falência da empresa. Custou-nos biliões.

— E esse foi apenas um dos muitos casos de produtos geneticamente modificados que acabaram por entrar na cadeia alimentar humana. — Creed relanceou Painter. — Mas há riscos ainda mais graves em torno de tudo isto.

— Que são?

— A migração do pólen e a contaminação genética.

Carregando o semblante, Painter gesticulou-lhe para que se explicasse melhor.

— Não há forma de conter o movimento do pólen de um cereal geneticamente modificado. Flui com o vento, sendo levado para campos vizinhos. Foram encontradas algumas sementes em fase de crescimento a trinta milhas de uma plantação. Por isso não se iludam. Onde quer que seja plantado o trigo da Viatus, ele espalhar-se-á a partir daí.

— E a contaminação genética?

— É ainda mais preocupante. Houve casos de modificações genéticas que passaram de espécies criadas para espécies selvagens, alargando a contaminação, ao nível genético, à biosfera. E tendo em conta a instabilidade verificada pelo Doutor Maloy na amostra de trigo da Viatus, a probabilidade parece-me ainda maior.

— Então quer dizer que todo o Midwest pode ser contaminado? — perguntou Monk.

— É demasiado cedo para afirmar uma coisa dessas — declarou Painter. — Pelo menos até termos mais respostas.

Contudo, Painter recordou o que Gray descobrira em Inglaterra. As múmias no pântano de turfa tinham sido utilizadas para criar cogumelos, tal como os corpos encontrados no laboratório. Teria Karlsen libertado intencionalmente esse organismo no mundo?

Pior, e se não tivesse sido um acidente?

Karlsen manipulara claramente o senador para alcançar os seus próprios fins. Mas qual seria o seu propósito?

Só um homem lhe podia responder.

O piloto interrompeu-os.

— Iniciámos a descida em direcção a Longyearbyen. Por favor, apertem os cintos para a aterragem.

Painter olhou pela janela. O sol começava finalmente a erguer-se. Estava na altura de ter uma conversa com o tal homem. Consultou o relógio. Uma outra preocupação apoderava-se dele, enquanto o jacto mergulhava em direcção ao arquipélago gelado, preocupação essa que se avolumava à medida que as horas

passavam.

11:01

Spitsbergen, Noruega — Ainda não há notícias de Gray? — perguntou Monk, enquanto esperavam no parque de estacionamento gelado. Vestia um fato de neve, botas, luvas, óculos de protecção e levava um capacete debaixo do braço.

Painter abanou a cabeça, agarrando o seu telefone de satélite.

— Eu esperava ter tido notícias dele ao romper do dia. Ou das patrulhas. Os helicópteros partiram às primeiras horas de luz para esquadrihar as terras altas. Os bombeiros relataram que todo o vale era uma ruína em chamas. Também verifiquei junto da Kat. Ele não contactou o Comando da Sigma.

Monk viu a angústia estampada no rosto do director.

— Ele conseguiu certamente sair dali. Talvez haja uma razão para o seu silêncio.

A julgar pela sua expressão, Painter retirou pouco consolo das palavras de Monk. Se Gray não entrava em contacto com eles era porque estava metido nalguma complicação.

O director fixou o olhar na distância.

O sol ainda se mantinha baixo no horizonte, reflectindo dolorosamente na neve e no gelo que cobriam a ilha de Spitsbergen. Dali a um mês, o arquipélago mergulharia numa noite ártica permanente que se prolongaria por quatro meses. Ao meio-dia, a temperatura elevava-se apenas a -17°C. Era um local estéril, despido de árvores e entrecortado por picos agudos e fendas. O nome daquela ilha do arquipélago de Svalbard — Spitsbergen — traduzido do norueguês significava «montanha recortada».

Não era uma paisagem que inspirasse esperança.

Especialmente devido aos céus obscuros que se estendiam do norte.

— Não podemos fazer mais nada — disse finalmente Painter, a voz readquirindo a sua firmeza. — A Kat continua a monitorizar os relatórios dos bombeiros e das equipas de resgate. Ela fará tudo o que estiver ao seu alcance para coordenar uma busca mais alargada. Até lá, temos de nos concentrar no nosso próprio objectivo aqui.

Painter ladeava o Volvo SUV que os transportara desde o aeroporto. Monk seguiu num segundo veículo, puxando um reboque. Creed tentava naquele momento libertar as duas motas de neve. Tinham alugado os dois veículos Lyrvc V-800 a uma agência de viagens, que oferecia safaris de Inverno nas zonas selvagens do arquipélago. O logotipo da agência estava pintado com cores vivas nas paredes laterais.

No interior do Volvo, o Senador Gorman estava sentado no lugar ao lado do condutor. O plano que tinham delineado era o senador e Painter seguirem directamente para a abóbada seminal de Svalbard. Monk e Creed tornariam uma rota mais sinuosa com as suas motas de neve. Estes aproximar-se-iam o mais possível da abóbada sem levantarem suspeitas, o que justificava o aluguer dos veículos.

De acordo com o operador turístico, a sua empresa realizava regularmente excursões nocturnas às montanhas para observar a vida selvagem que habitava o lugar. Mas desde a construção da Abóbada do Juízo Final, o local amplamente publicitado tornara-se um ponto turístico de grande interesse. A sua presença não deveria levantar suspeitas. Monk e Creed estariam a postos para o caso de ser necessário intervir com armas de fogo ou uma evacuação rápida.

— Uma porta dos fundos que dá acesso ao exterior da caixa-forte — como o descreveu Painter.

O rugir de um motor irrompeu por detrás do veículo de reboque.

— Vamos — ordenou Painter. Apertou calorosamente o antebraço de Monk. — Mantenha-se em segurança.

— O senhor também.

Os dois homens seguiram em direcções opostas. Painter voltou para o seu SUV e Monk reuniu-se ao parceiro junto das motas de neve. Creed estava sentado em cima de uma delas, equipado tal como Monk com um fato de neve e capacete.

Monk caminhou até ao seu veículo e passou uma perna por cima deste.

Enquanto Painter deixava o parque de estacionamento, Monk verificou a espingarda de assalto que estava presa na parte lateral do seu banco. Creed dispunha de uma arma semelhante. Não se deram ao trabalho de esconder as armas. Em Spitsbergen, onde os ursos polares excediam em número os humanos, uma arma de fogo era um requisito. Até mesmo a lustrosa brochura turística que Monk trouxera da agência de aluguer afirmava: «Leve sempre uma arma quando viajar para longe dos locais habitados.».

E Monk não estava disposto a infringir a lei norueguesa.

— Pronto? — bradou, erguendo um braço na direcção de Creed.

O parceiro reavivou o motor em resposta.

Colocando o capacete na cabeça, Monk rodou a chave da ignição. A besta ganhou vida debaixo de si. Acelerando, Monk dirigiu o seu motociclo para o vale nível que se erguia para lá do parque de estacionamento. O pneu traseiro da sua máquina mordida o gelo com segurança. O par de esquis deslizava suavemente, enquanto descia velozmente por entre o pó.

Creed seguia-lhe o trilho.

Adiante, erguia-se a montanha de Plataberget, o domicílio da Abóbada do Juízo Final.

O seu pico recortado riscava um céu ameaçador. Por trás, o mundo consistia apenas em nuvens negras.

Definitivamente um lugar sinistro.

Sobretudo quando Monk recordou o aviso final impresso na brochura turística. Que sintetizava bastante bem aquela terra inóspita.

Atire a matar.

11: 48

Painter estacionou o veículo no lugar designado. Tiveram de passar por duas barricadas controladas por militares noruegueses na única estrada que subia a vertente da montanha. Outros camiões e um grande autocarro já ocupavam o pequeno parque de estacionamento, provavelmente teria sido o transporte usado pelo contingente da Cimeira sobre a Alimentação Mundial.

Quando Painter descia do SUV aquecido para enfrentar o frio glacial, reparou igualmente num veículo de neve do tamanho de um pequeno autocarro, equipado com lagartas maciças, à semelhança de um tanque. Era um Hugglunds, o veículo oficial para exploração da Antártica, pintado com a bandeira norueguesa e as insígnias do exército.

Alguns soldados encontravam-se próximo do veículo, a fumar. Havia, também, um Sno-Cat, um veículo mais pequeno de dois lugares, ostentando as mesmas pinturas, que patrulhava o perímetro. Embora naquele momento, a julgar pela forma como ziguezagueava, alguém devesse estar a fazer um pequeno passeio clandestino com ele.

O Senador Gorman, envolto num casaco grosso com capuz, juntou-se a Painter e encaminharam-se para a entrada da abóbada seminal. A única zona do edifício que ficava à superfície era um bloco maciço de cimento. Sobressaía da neve desenhando um ângulo, como a proa de um navio encalhado no gelo. E talvez de certa forma assim fosse.

Enterrada por baixo deste estava a Arca de Noé das sementes.

A entrada elevava-se a nove metros, uma superfície plana de cimento decorada no topo com uma placa de espelhos e prismas, que fazia as vezes de uma janela, iluminados por fibra óptica turquesa. Cintilavam naquele dia sombrio. As nuvens tempestuosas já rolavam sobre a montanha, comprimindo o céu sobre eles. Uma rajada de vento elevou um redemoinho de cristais de gelo e de neve pungente.

Arqueados contra o frio e o vento, apressaram-se para a entrada.

Atravessando uma pequena ponte, chegaram às portas exteriores blindadas que encerravam o edifício. Outro par de guardas armados verificou o passe do senador e introduziu a sua identificação.

— Estão muito atrasados — disse um dos guardas num inglês hesitante.

— Tivemos problemas com o voo — respondeu Gorman. Sorriu condescendentemente ao jovem guarda e estremeceu de frio. — Mesmo para um sítio destes, as companhias aéreas conseguem perder a bagagem. E o frio.. brrr. . não sei como aguentam. Vocês são feitos de material mais robusto do que eu.

O soldado correspondeu ao sorriso aberto de Gorman, bem como o parceiro, que provavelmente nem falava inglês. O senador tinha esse dom. Painter foi forçado a admiti-lo — o tipo tinha carisma. Ele conseguia activá-lo e desactivá-lo como uma lanterna. Não admirava que tivesse tanto sucesso em Washington.

A porta foi aberta para eles passarem. Painter sabia que mais três fechos maciços encerravam a abóbada. Como salvaguarda adicional contra ataques maliciosos, ninguém no planeta dispunha simultaneamente das três chaves.

Quando transpuseram as portas, os ventos cessaram, o que foi bem acolhido, mas o ar no interior do edifício não era mais quente. Ao manterem uma temperatura constante de -17°C, era como penetrar num congelador de tamanho gigante.

Ao fundo de uma curta rampa, estendia-se um longo túnel circular, suficientemente largo para acomodar um comboio subterrâneo. Debaixo dos pés, lajes de cimento; sobre a cabeça, filas de luzes fluorescentes e uma grade aberta com tubos e condutas utilitárias. As paredes — de cimento reforçado a aço injectado de fibra de vidro — eram grosseiramente texturadas, conferindo ao espaço uma aparência cavernosa.

Painter estudara a arquitectura das instalações. O desenho era simples. O túnel descia a cento e cinquenta metros de profundidade e terminava em três abóbadas seminais maciças, cada qual selada por um fecho pneumático singular. A outra característica era um conjunto de salas de reuniões, junto às abóbadas.

Vozes ecoaram até eles. Luzes mais vivas cintilavam adiante.

Enquanto desciam o túnel, o Senador Gorman falou em voz baixa, agitando um braço na direcção das paredes.

— Ivar foi um dos maiores financiadores desta abóbada. Ele acreditava firmemente na preservação da biodiversidade natural do mundo e considerava todos os outros bancos de sementes inadequados ou ineficazes.

— Estou a ver. O homem gosta de deter o controlo.

— Mas neste caso, provavelmente tem razão. Há cerca de mil abóbadas seminais espalhadas por todo o mundo, mas a maioria está ameaçada. O banco nacional de sementes do Iraque foi pilhado e destruído. No Afeganistão, passou-se o mesmo. Os Talibãs assaltaram o armazém, não por causa das sementes, mas para roubar os contentores de plástico. E outros bancos de sementes são identicamente frágeis. Má gestão, economias frágeis e equipamento escasso ameaçam tais entrepostos. Mas acima de tudo, a falta de visão.

— E Karlsen interveio?

— A abóbada foi idealizada pelo Fundo de Diversidade Seminal Global. Mas quando Ivar ouviu falar do projecto, prestou-lhe todo o seu apoio.. financeiro e pessoal. — O senador friccionou as têmporas com as pontas dos seus dedos enluvados. — Ainda não consigo combinar esse homem com o monstro que parece ser. Não faz sentido.

Prosseguiram em silêncio. Painter escutara um vestígio de dúvida na voz de Gorman.

Depois do choque inicial da traição, o cepticismo começara a instalar-se. Era a natureza humana. Ninguém queria pensar o pior do seu melhor amigo ou enfrentar a sua própria ingenuidade e cegueira.

Mais adiante, um grupo de pessoas congregava-se perto do final do túnel. A reunião decorria em atmosfera de festa. Ao longo de uma das paredes, alinhavam-se várias esculturas de gelo: um urso polar, uma morsa, um modelo da montanha e até mesmo um símbolo da Viatus, iluminadas por baixo com um brilho invulgar. Do outro lado, havia um buffet frio e um bar que servia café fumegante.

Gorman retirou um copo alto de champanhe da bandeja de uma empregada que circulava por entre os convidados. Esta calçava mukluks e vestia um casaco grosso.

Naquele evento, o casaco grosso era o equivalente ao fato e gravata de cerimónia. Duas dúzias de convidados encasacados povoavam o túnel, mas a avaliar pelo número de empregados e pela quantidade de comida que ainda não fora encetada, a assistência era menor do que a esperada.

Painter sabia que o ataque ao Grand Hotel — atribuído a terroristas — afastara muitos dos participantes.

No entanto, para uma festa a apenas um passo do Pólo Norte, era um sucesso estrondoso. A um microfone, uma figura familiar estava a meio do seu discurso. Reynard Boutha, co-presidente do Clube de Roma, falava alongadamente sobre a importância de preservar a biodiversidade.

— Encontramo-nos no meio de uma Chernobyl genética. Há cem anos atrás, a variedade de maçãs cultivadas nos Estados Unidos elevava-se a mais de sete mil. Hoje, o número desceu para trezentas. As espécies de feijão perfaziam quase setecentas.

Actualmente, estão reduzidas a trinta. Setenta e cinco por cento da biodiversidade mundial desapareceu em apenas um século. E diariamente extingue-se uma nova espécie.

Temos de agir agora para preservar o que pudermos, antes que se perca para sempre. É por essa razão que a Abóbada Seminal Global de Svalbard é tão importante, é por esse motivo que temos de continuar a angariar fundos e a consciencializar..

Enquanto Boutha prosseguia, Painter avistou Karlsen entre a multidão. Estava flanqueado por duas mulheres. Uma era alta e esguia, de longo cabelo louro, o seu rosto quase totalmente escondido dentro do capuz do seu casaco grosso. A outra era mais velha e inclinava-se na direcção do ouvido de Karlsen, enquanto Boutha discursava.

— Quem é? — perguntou Painter, indicando a mulher que falava com Karlsen.

— É a antiga presidente do Rockefeller's Population Council e membro do círculo de Ivar. São amigos há anos.

Painter conhecia o Population Council. Eram os principais defensores do controlo da população através do planeamento familiar e do controlo da natalidade e, a acreditar em alguns rumores e retórica mais ferozes, alguns dos seus métodos rasavam o eugenismo.

Não admirava que Karlsen fosse tão amigo dela.

Gorman apontou mais algumas figuras que integravam a multidão que eram membros da cabala interna.

— Aquele tipo imponente com barriga de cerveja ali ao fundo representa uma importante empresa farmacêutica e química alemã. A Viatus tem desenvolvido algumas pesquisas no sentido de incorporar um dos seus insecticidas numa nova geração de cereais geneticamente modificados. Se for bem sucedido, isso reduzirá radicalmente a carga de pesticidas necessária nos campos, tornando a produção de cereais mais barata e mais rentável.

Painter foi acenando com a cabeça, à medida que Gorman enumerava outros. O círculo de Karlsen parecia consistir naqueles que tentavam resolver o problema da crise do excesso de população ou que procuravam formas de aumentar a produção alimentar.

O senador tinha razão. O homem parecia de facto visar o bem-estar do mundo.

Então, como se conjugava isso com um homem que ordenara o massacre de uma população e que instigava à difusão em massa de uma ameaça genética que poderia contaminar e corromper a biosfera?

A avaliação prévia do senador estava correcta.

Não fazia sentido.

Painter voltou a canalizar a sua atenção para Karlsen. Antes de confrontar o homem, queria conhecer todos os intervenientes.

— E aquela outra mulher — perguntou —, a loura pendurada no braço de Karlsen?

Gorman estreitou os olhos.

— Não sei. Parece-me vagamente familiar, mas não é membro do círculo interno.

Talvez seja simplesmente uma amiga.

Satisfeito, Painter acotovelou Gorman e abriu caminho por entre a multidão. Com tal envolvimento, era de duvidar que Karlsen atentasse directamente contra eles. Para onde poderia fugir?

Desviando-se por entre os convidados, Painter rapidamente se encontrou diante de Karlsen. O homem estava momentaneamente só, tendo terminado a conversa com a presidente do Population Council. Até mesmo a mulher que estava de braço dado com ele se afastara em direcção à mesa do buffet.

Karlsen não reconheceu Painter. O seu olhar passou por ele e fixou-se no Senador Gorman. O rosto do norueguês iluminou-se de imediato de prazer, enquanto estendia um braço.

Reflexivamente, Gorman apertou-lhe a mão.

— Deus do Céu, Sebastian — disse Karlsen. — Quando chegou? Como chegou? Tentei ligar para o seu hotel, quando não o vi no aeroporto. Devido à agitação provocada pelo ataque da noite passada, não consegui ligação. Pensei que tivesse regressado a casa.

— Não. A segurança transferi-me para outro hotel — explicou Gorman, calmamente. — Não consegui chegar ao aeroporto a tempo e não quis empatar toda a gente. Por isso, reservei outro voo.

— Não precisava de o fazer. Insisto em que a Viatus cubra as despesas.

Painter estudava as reacções de ambos. Embora o senador estivesse a representar muito bem, notava-se que estava alterado, nervoso e inquieto.

Karlsen, por outro lado, parecia genuinamente satisfeito por ver o senador. A sua expressão era sincera. Painter não conseguia detectar um único sinal de que aquele homem ordenara o assassinio do senador na noite anterior. Ou Karlsen não estava verdadeiramente envolvido ou era um tipo assustadoramente frio.

Gorman relanceou Painter. A expressão do senador irradiava uma dúvida crescente.

Gaguejou por um instante e depois ergueu uma mão na direcção de Painter.

— Penso que já conhece o investigador do gabinete do Inspector-Geral.

O olhar implacável do norueguês pousou sobre Painter. Um momento de confusão deu lugar ao reconhecimento.

— É claro, peço desculpa. Falámos brevemente ontem. Terá de perdoar-me. Foram umas vinte e quatro horas de loucura.

A quem o dizes, pensou Painter.

Enquanto apertava a mão de Karlsen, continuava a estudar o rosto do homem, procurando falhas no seu comportamento. Se o homem sabia que Painter era mais do que um simples agente do DCIS6, não o mostrava.

— O senador teve a amabilidade de me permitir acompanhá-lo — disse Painter.

— Pensei que talvez ainda pudéssemos ter aquela entrevista. São poucas questões,

para juntar algumas pontas soltas. Prometo não lhe tornar muito tempo. Talvez haja algum lugar privado onde possamos conversar.

Karlsen pareceu incomodado, mas relanceou Gorman. Por um segundo, Painter vislumbrou uma centelha de culpa. O filho do senador fora morto no massacre em África.

Como poderia ele dizer que não diante de um pai enlutado?

Karlsen consultou o relógio e depois indicou com a cabeça uma saída à direita.

— Há algumas salas ali atrás. O catering ocupou metade delas, mas há uma pequena sala de conferências que deve estar desocupada.

— Servirá perfeitamente.

Encaminharam-se juntos.

Por entre a multidão, Painter reparou que a mulher loura os observava. Embora a sua expressão se mantivesse impassível, era mais gélida do que a temperatura ártica na abóbada. Sentindo-se apanhada, desviou o olhar.

Abandonada na festa, não parecia muito feliz.

Krista observou o trio entrar na zona reservada à administração da abóbada. Aquilo não podia ser bom.

Momentos atrás, quase se engasgara com a azeitona que flutuava na sua vodca tónica, com o choque de ver o operacional de cabelo escuro da Sigma surgir do vazio.

Com o Senador Gorman a reboque. Por pouco não se afastara a tempo.

Observou a porta fechar-se. Como é que eles estavam ali? Ela pensava tê-los deixado bem para trás em Oslo.

Subitamente, sentindo-se como se todos os olhos estivessem postos em si, ajustou o capuz do casaco para que a orla debruada a pele de marta obscurecesse melhor o seu rosto. Sentiu-se satisfeita por ter tornado a precaução extra de usar uma peruca loura quando se deslocara até ali. Não queria mais complicações do género da que tivera com Antonio Gravei.

Recuou para o túnel. Este terminava num cruzamento que dava acesso a três abóbadas seminais, cada uma delas selada por um fecho pneumático. Como a multidão ainda estava a ouvir os discursos, tinha aquele espaço só para si e a oportunidade de se recompor.

Apoiando as costas contra uma das portas seladas, agarrou o telefone que tinha dentro do bolso. Não tivera notícias do seu superior. Como deveria agir? Ele dissera-lhe que tinha tratado do operacional da Sigma, contudo ali estava ele com o senador.

Deveria actuar por sua própria conta e risco? Ou aguardar ordens? Na hierarquia da organização, uma pessoa do seu nível deveria pensar por si própria e improvisar quando fosse necessário.

6 Serviço de Investigação Criminal da Defesa. (N da T.)

Inspirou fundo por diversas vezes e começou a matutar num plano. Se tivesse de actuar, actuaria. Por agora, veria apenas como as coisas se desenrolariam. No entanto, não deixaria de tomar precauções.

Tirou o telefone do bolso. No subsolo, àquela profundidade, não havia esperança de ter sinal. Mas quando ali chegara, arranjava uma desculpa para se afastar de Ivar e descobrira uma linha para o exterior na sala dos computadores, na zona dos escritórios.

Ligara um amplificador à linha para poder usar o telefone ali em baixo.

Fez a ligação só com uma mão. Tinha homens de plantão em Longyearbyen. Era altura de os contactar. Quando a ligação foi estabelecida, falou lapidariamente, ordenando-lhes que vigiassem todos os caminhos que davam acesso à montanha. Não queria surpresas .

Depois desligou e sentiu-se mais calma. A espera desgastava-a mais do que tudo o resto. Sabia-lhe bem agir, mesmo daquela forma tão insignificante. Ajustou uma madeixa de cabelo louro. Dirigir-se-ia aos lavabos e retocaria a maquilhagem.

Mas antes que pudesse dar um passo, o telefone vibrou na sua mão. Todo o seu corpo gelou e estremeceu em sintonia com o telemóvel. Levou-o ao ouvido.

— Sim? — atendeu.

Uma voz familiar respondeu e deu-lhe finalmente as ordens. Eram simples e directas.

Se quer continuar viva, saia daí agora.

XIX - 13 de Outubro, 10h13

Aberdaron, País de Gales

Gray fazia rolar o SUV monte abaixo em direcção à igreja, junto ao mar. Tinham viajado toda a noite, fazendo turnos ao volante e descansando nos intervalos. Todos pareciam exaustos.

Pelo espelho retrovisor, Gray observou Rachel a olhar para fora da janela. Ela não dormira nada. Os seus olhos pareciam cavados. Frequentemente, pressionava a palma da mão contra o ventre, claramente assustada com o que fermentava dentro de si, uma biotoxina que a podia matar em três dias.

Do outro lado do veículo, a mulher que a envenenara mantinha-se impassível. Seichan dormira a maior parte da noite. Não estava preocupada com a possibilidade de eles fugirem. Nem sequer podiam correr o risco de pedir ajuda. Se Seichan fosse levada sob custódia, Rachel morreria.

— Professor — disse Gray suficientemente alto de modo a despertar Wallace , que dormitava entre as duas mulheres. Rufus, acordado no compartimento traseiro, esticou o pescoço.

— Chegámos? — indagou Wallace incomodado.

— Quase.

— Já não era sem tempo.

Fora uma longa noite. Tinham saído de Lake District de pónei, seguindo por trilhos que apenas o Dr. Boyle conhecia. Muito antes de o dia nascer, tinham chegado à povoação de Satterthwaite, nas montanhas, onde abandonaram os cavalos no campo de um lavrador. Gray fizera uma ligação directa num velho Land Rover para o poderem utilizar como transporte.

Mas antes disso, durante a longa viagem de cavalo, Gray questionara longamente o professor sobre o objecto que tinham de encontrar: a chave do Livro do Juízo Final.

Segundo Wallace , um mito que rodeava o livro alegava que havia um mapa escondido no seu críptico texto latino, o qual conduzia a um tesouro fabuloso.

— Não passa de lenda, é o que lhe digo — concluíra Wallace num tom depreciativo, fitando contundentemente Seichan.

Ela encolhera os ombros. Também tinha de cumprir ordens.

Precisando de seguir uma pista, Gray pressionara Wallace sobre as viagens do Padre Giovanni, especificamente o local para onde o arqueólogo do Vaticano se tinha dirigido depois de visitar o círculo de pedras no pântano de turfa. Wallace conhecia poucos pormenores, uma vez que o Padre Giovanni se tornara cada vez mais reservado com o passar do tempo. O professor apenas pôde oferecer uma pista.

— Depois do que encontrámos em Lake District, Marco partiu para explorar

um outro lugar assinalado como «devastado» no «Grande Livro da Inquirição», a mais antiga das referências.

Walace explicou depois que uma ilha no mar da Irlanda fora a primeira a ser descrita no «Grande Livro da Inquirição» dessa estranha forma. A ilha de Bardsey situava-se na costa do País de Gales. Segundo Wallace, o Padre Giovanni tinha ido falar com um sacerdote que conhecia bastante bem a história dessa ilha.

Era para aí que se dirigiam. Depois de deixar Lake District, tinham viajado para sul durante toda a noite, regressando a Liverpool e depois prosseguindo para o País de Gales. O seu destino situava-se na ponta de uma península galesa, um dedo de terra que apontava para a Irlanda.

A ilha de Bardsey ficava algumas milhas mais longe, no meio do mar. Gray vislumbrou a sua corcova verde acinzentada contra o céu escurecido. Era uma ilha pequena, de apenas dois quilómetros de largura. Uma torrente de chuva varria o seu cume e dirigia-se lentamente para a costa.

Felizmente, de momento, o seu objectivo imediato ficava bastante mais próximo. A igreja de Saint Hywyn aninhava-se sobre a praia, enfrentando o vento e as ondas. Fora ali que o Padre Giovanni iniciara a sua busca.

Gray virou para o parque de estacionamento.

A igreja era toda feita de pedra cinza e apresentava uma cobertura de telhas.

Grandes janelas góticas davam para o cemitério lúgubre. A igreja encimava uma aldeia de pescadores de coloridas casas de pedra e ruas tortuosas.

Precipitaram-se para fora do carro, esticando as pernas e arqueando-se contra a agreste brisa fria que soprava do mar. As ondas rebentavam pesadamente na praia: O ar cheirava a algas e a sal.

— Eu fico ao pé do carro — disse Seichan. — Não quero que alguém o roube de novo.

Gray nem se deu ao trabalho de confirmar. Enterrou uma centelha de fúria, não para a evitar provocar, mas porque ela não merecia qualquer tipo de resposta.

Satisfeito por se ver livre dela, Gray conduziu-os em torno da igreja na direcção da residência. Na viagem rumo ao País de Gales, ele usara o telefone de Seichan para ligar para Saint Hywyn e marcar antecipadamente um encontro com o Padre Timothy Rye. O

sacerdote ficara satisfeito com o interesse demonstrado, até conhecer a razão que desencadeara a visita.

— Marco morreu? — perguntara o Padre Rye. — Não posso acreditar. Ainda há poucos meses estive com ele.

Gray esperava que o sacerdote estivesse na posse de alguma informação que eles pudessem usar.

Antes de chegarem à porta da residência, esta abriu-se. O sacerdote era mais

velho do que soara ao telefone. Era magro como uma vara e tinha algumas madeixas de cabelo branco no cimo da cabeça. Agasalhado numa camisola de lã excessivamente larga, correu a saudá-los apoiado numa bengala nodosa, mas o seu sorriso era caloroso e amigável.

— Abriguem-se do vento antes que este vos provoque danos. — O Padre Rye agitava um braço ossudo para os apressar a entrar. — Tenho uma chaleira ao lume e a velha Maggie deixou-nos um prato dos seus scones de arando. Os melhores em todo o País de Gales.

Foram introduzidos numa sala de chão de madeira com vigas de tecto tão baixas que Kowaiski teve de se agachar. As paredes eram feitas da mesma pedra da igreja e um fogo acolhedor dançava numa pequena lareira. Fora posta uma mesa comprida para que pudessem tornar um chá matinal tardio.

O estômago de Gray roncou quando sentiu o aroma dos scones acabados de fazer, mas ele queria que a visita fosse breve. O tempo comprimia-lhe o peito. Olhou Rachel. O velho sacerdote já se afeiçoara a ela, praticamente arrastando-a até à mesa pela mão.

— Sente-se aqui. Ao pé de mim.

O Padre Rye arrastava um pouco os pés. Wallace ainda se encontrava à porta com Rufus, claramente sem saber se teria de deixar o cão lá fora ao frio.

— Mas de que estão à espera? — repreendeu-os o sacerdote. — Abriguem-se do frio.

O convite era para ambos. Rufus entrou antes de Wallace se mover. O terrier encaminhou-se imediatamente para o fogo, enroscou-se e deixou-se cair com um suspiro.

Quando estavam todos instalados, Gray iniciou a conversa.

— Padre Rye, pode dizer-nos por que razão o Padre Giovanni. .

— Pobre rapaz. — O padre interrompeu-o e fez o sinal da cruz. — Que descanse em paz. — Voltou-se e bateu levemente na mão de Rachel. — E rezarei igualmente pelo seu tio em Roma. Sei que era um bom amigo de Marco.

— Era, de facto, e agradeço-lhe.

O sacerdote voltou-se novamente para Gray.

— Marco.. deixe-me ver. Ele veio aqui à igreja pela primeira vez há uns três anos.

— Logo após ter visitado pela primeira vez a minha escavação — acrescentou Wallace .

— Voltou várias vezes depois disso, calcorreando todo o País de Gales. Falávamos sobre todo o tipo de coisas, é um facto. Mas em Junho passado, ele voltou bastante agitado da ilha de Bardsey. Como se algo o tivesse assustado mortalmente. Rezou durante toda a noite na igreja. Ouvi-o.. não que tivesse feito por

isso, como é evidente. .

a pedir repetidamente perdão. Quando acordei na manhã seguinte, tinha partido. Gray retornou à primeira visita.

— O Padre Giovanni comunicou-lhe a razão do seu regresso?

— Aye. Ia em santa peregrinação até à ilha de Bardsey. Como tantos outros antes dele. Para prestar homenagem aos mortos.

Gray procurava classificar o que ouvia. Claramente, o bom padre não fora totalmente honesto com o sacerdote mais velho. Mas algumas palavras faziam sentido.

— A que mortos se refere?

— Aos vinte mil santos enterrados em Bardsey. — O velho homem apontou com um braço a pequena janela que dava para o mar. A ilha mal se via, pois a chuva derramava-se intensamente sobre ela. — Marco queria saber tudo sobre a história dos mortos.

Também Gray o queria.

— O que lhe disse?

— O que digo a todos os peregrinos. Que a ilha de Bardsey é um lugar sagrado. A sua história é muito antiga e remonta aos primeiros povos que chegaram a estas terras aprazíveis. Aqueles que ergueram pedras e construíram os antigos dólmens.

Walace animou-se então.

— Está a falar da tribo neolítica que habitou em primeiro lugar as ilhas britânicas.

Aye. Ainda se podem ver as suas ruínas circulares em Bardsey. Era um lugar sagrado já nessa altura. Berço da realeza. Conhecem as lendas célticas dos fomorianos?

Gray abanou a cabeça. Os olhos de Wallace estreitaram-se. Ele compreendia claramente, mas queria ouvir mais do que o velho padre tinha para dizer.

— O que são os fomorianos? — indagou Rachel.

— Não o que são, mas quem são. De acordo com as lendas irlandesas, quando os celtas chegaram a estas ilhas pela primeira vez, encontraram-nas ocupadas por uma raça antiga, deveras monstruosa. Eram supostamente descendentes de Ham, que fora amaldiçoado por Noé. Os celtas e os fomorianos lutaram pela posse da Irlanda e das suas ilhas durante séculos. Embora não fossem tão hábeis com a espada, os fomorianos eram capazes de lançar pragas sobre os seus invasores.

Pragas? — indagou Gray.

— Aye. Para citar uma ode irlandesa, eles lançavam uma «terrível morte debilitante sobre os inimigos».

Gray relanceou Rachel e Wallace . Poderia ser o mesmo que aniquilara a aldeia

das terras altas?

— Outras histórias abundam ao longo dos séculos — prosseguiu o Padre Rye de grandes guerras e de uma paz desconfiada entre estes dois povos. Os contadores de histórias irlandeses admitem que foram de facto os fomorianos que transmitiram o conhecimento da agricultura aos celtas. Mas no final travou-se uma última grande batalha na ilha de Toiy, que resultou na morte do rei fomoriano.

— E o que tem tudo isso a ver com a ilha de Bardsey? — perguntou Wallace.

O sacerdote ergueu uma sobrancelha.

— Segundo consta, Bardsey foi o berço da antiga realeza. De acordo com as histórias locais, foi em Bardsey que a rainha fomoriana estabeleceu a sua morada. Ela era uma grande deusa e tinha o poder de curar os enfermos, assim como as pragas.

Walace murmurou em voz baixa.

— Não admira que Marco insistisse em voltar cá.

Gray quis perguntar a Wallace o que queria ele dizer com aquilo, mas o Padre Rye já estava embalado.

— E então os celtas tornaram posse de todas as terras. Até mesmo os seus sacerdotes, os druidas, reconheceram a sacralidade desta região. Estabeleceram o seu centro de aprendizagem próximo da ilha de Anglesey. Estudantes de toda a Europa reuniam-se aí para aprender. Conseguem imaginar? Mas era a ilha de Bardsey que os druidas consideravam a mais sagrada. Só os mais cultos de entre os druidas podiam ser aí sepultados. Incluindo o mais famoso druida de todos os tempos.

Wallace devia conhecer a lenda.

— Merlin.

Seichan encontrava-se do lado abrigado do vento do Land Rover. Abria e fechava uma faca de mola, vigiando a porta da residência. Não receava que alguém tentasse fugir ou sequer usar o telefone do sacerdote. Embora, para se assegurar desta última parte, ela já se tivesse esgueirado e cortado os fios.

Podia simplesmente ter entrado com eles, mas juntar pedaços de história não era a sua especialidade. Observou a faca que tinha na mão. Ela conhecia os seus talentos. E

não queria que Gray se distraísse. Ela sentia a fúria irradiar dele, avivando-se à sua aproximação. Por isso se mantivera afastada. Precisava que ele se concentrasse.

Para o bem de todos.

Ela vira o Audi Sedan deslizar para a cidade mais próxima, pouco depois de ali chegarem. Estavam a ser vigiados à distância. O seu contacto, Magnussen, mantinha-a sob rédea curta, seguindo-os desde as montanhas. Os perseguidores trocavam astutamente de veículo. Ela contara pelo menos três. A menos que se estivesse à

espera, teriam sido impossíveis de detectar.

Mas não para ela.

Rodando o pulso, fechou a lâmina de mola e fe-la deslizar para dentro do bolso.

Sentindo olhos pousados em si precisamente naquele momento, ela necessitava de se mexer. Abandonou o veículo e caminhou a passos largos até à porta da velha igreja. A sua fachada de pedra era fria e imponente, tão dura quanto a vida das pessoas que ganhavam ali o pão no mar. O peso dos séculos era palpável. Até a porta era maciça, marcada por cicatrizes e pelo passar dos anos. Experimentou o manípulo e descobriu que a igreja fora deixada aberta.

Surpreendia-a sempre encontrar uma porta que não estivesse trancada.

Parecia-lhe de algum modo errado, um estado de coisas que não era natural.

Antes de reflectir melhor sobre o assunto, abriu a porta. O vento intensificava-se. Não sabia quanto tempo os outros iriam demorar. Entrou na igreja e penetrou na nave.

Esperando ver um interior carregado e sombrio, surpreendeu-se ao descobrir um espaço arejado e de traves altas. As paredes tinham sido pintadas de um branco suave que captava e mantinha a escassa luz do dia que fluía pelas janelas em arco. Bancos de madeira polida flanqueavam de ambos os lados e uma vibrante passadeira azul cobria a álea central.

A igreja estava vazia, mas sentiu-se incapaz de avançar mais ao longo da nave.

Subitamente exausta, Seichan deslizou para o banco mais próximo e sentou-se. Fitou a cruz. Não era religiosa, mas reconhecia a dor na imagem crucificada de Cristo.

Conhecia essa agonia.

A sua respiração tornou-se pesada, enquanto fitava. A visão toldou-se-lhe repentinamente. As lágrimas vieram de rompante, brotando de algures bem fundo dentro de si. Cobriu o rosto, como que tentando detê-las, escondê-las, negá-las.

Por um longo momento, permaneceu curvada no banco, incapaz de se mover. Uma pressão nasceu-lhe dentro do peito. Cresceu até se tornar lancinante, como algo de grandes dimensões a tentar espremer-se por uma passagem estreita. Esperou que passasse, rezou para que cessasse — e que acabou por acontecer, deixando-a vazia e desapontada. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo, um único. Respirou então profundamente, secou os olhos e levantou-se.

Voltou costas à cruz e encaminhou-se para fora da nave e da igreja. O vento frio atingiu-a e fechou a porta com estrondo atrás de si. O que a recordou de uma importante lição.

As portas devem ser mantidas trancadas.

Gray esforçou-se por não zombar.

— Quer com isso dizer que Merlin está sepultado na ilha de Bardsey?

O Padre Rye sorriu e bebericou o seu chá.

— É claro que todos nós gostamos de contar esta história por estes lados. Diz-se que ele está sepultado num túmulo de vidro na ilha. É certamente fantasioso, mas dá uma história fantástica, não acham? — Piscou o olho a Rachel. — Embora muitos acreditem realmente, incluindo alguns historiadores, que as lendas arturianas de Avalon derivam de Bardsey.

Kowaiski falou com a boca cheia de scones.

— O que é Avalon?

Gray acotovelou Kowaiski por debaixo da mesa. Não queria que o velho sacerdote se desviasse do tema principal. Eles tinham de descobrir mais coisas sobre o Padre Giovanni.

Mas foi demasiado tarde.

— Ah, segundo a lenda céltica — explicou o Padre Rye —, Avalon era um paraíso terrestre. Foi neste local que foi forjada a espada do Rei Artur, Excalibur. Onde reinava a feiticeira Morgan Le Fay. Era uma ilha de macieiras raras, que conferiram o nome ao lugar, que deriva do termo galês afal. Avalon era considerado um lugar onde se faziam curas notáveis e de grande longevidade. E no final do ciclo arturiano, o Rei Artur foi levado para Avalon para ser tratado por Morgan Le Fay após a Batalha de Camlann. E claro, como já disse anteriormente, é onde está sepultado o mágico Merlin.

A expressão de Wallace tornou-se mais azeda à medida que a narrativa avançava.

— Tretas — disparou finalmente. — Cada pessoa pensa que Avalon ou Camelot fica nas traseiras da sua casa.

O Padre Rye não se ofendeu com a explosão do professor.

— Tal como já afirmei, é apenas uma lenda. Mas à semelhança de Avalon, a ilha de Bardsey foi considerada durante muito tempo um lugar de grande cura. Um livro de viagens datado de 1188 atesta-o. O autor descreve a população de Bardsey como invulgarmente livre de doenças e «com escassa mortalidade, excepto por idade muito avançada». E depois, obviamente, não podemos esquecer as maçãs mágicas.

— Maçãs? — inquiriu Kowaiski.

— Talvez devamos pôr de parte os mitos — observou Gray, tentando redireccionar a conversa para o Padre Giovanni.

— Não se trata de mitos. — O Padre Rye levantou-se, dirigiu-se a um balcão, retirou uma maçã de uma taça e atirou-a a Gray. — Isso parece-lhe um mito, meu jovem? O filho da Maggie apanhou-a de uma árvore que cresce na ilha, na semana passada.

Gray fitou com um ar carregado o fruto do tamanho de um punho.

— Não há maçã igual a essa em toda a terra — disse com orgulho o Padre Rye.

— Anos atrás, algumas maçãs dessa árvore foram levadas para a National Fruit Collection, em Kent. Testaram aí a maçã de Bardsey e determinaram duas coisas. Primeiro, que a árvore pertencia a uma nova variedade nunca antes vista. E segundo, que a maçã era invulgarmente isenta de podridão ou de doenças. Testaram a própria velha árvore nodosa e determinaram-lhe o mesmo estado de saúde. Os arboristas acreditam que a árvore pode ser o único espécimen sobrevivente de um pomar que os monges de Saint Mary plantaram na ilha, há mil anos.

Gray fixou a pequena maçã que tinha na mão, sentindo a passagem do tempo e da história que representava. Independentemente do que se acreditasse, parecia de facto haver uma longa e estranha história de cura ligada àquela ilha: primeiro, a rainha fomoriana, depois as lendas célticas de Avalon e agora, na sua mão, algo que fora cientificamente provado ser invulgarmente saudável.

Fitou para lá da janela a corcova de terra verde.

O que tinha aquela ilha de tão especial?

Aparentemente, o Padre Rye não tinha terminado a sua lição de história.

— Avançando no tempo, tudo tem de ter um fim — disse ele. — E os celtas não foram excepção. Os Romanos acabaram por vencê-los, mas só depois de decorridos muitos anos de luta feroz. Durante esse tempo, os romanos alegaram que os druidas lançavam maldições sobre as suas tropas, tal como os fomorianos tinham feito aos celtas muito tempo antes. E depois de os druidas terem partido, a Igreja veio para aqui e povoou estas terras pagãs. Erigiram uma abadia na ilha, no século XI I. Ainda hoje se podem ver as ruínas da sua torre.

Walace mudou completamente o rumo à conversação.

— E os vinte mil santos que mencionou no início?

O Padre Rye bebericou o seu chá, acenando ao mesmo tempo, mas sem nunca entornar uma gota.

— Bardsey é conhecida como a ilha dos Vinte Mil Santos. O seu nome assinala o número de cristãos perseguidos que aí foram sepultados.

— Tantos? — insistiu Wallace . — Certamente não há prova arqueológica de tal enterramento maciço.

— Tem razão. Imagino que a lenda seja mais alegórica do que literal. Embora o folclore local sussurre que uma grande praga se abateu sobre Bardsey, uma doença debilitante que matou a maioria dos populares e monges. Os seus corpos foram queimados e as cinzas lançadas ao mar.

Gray reconheceu o padrão da história. Tal como na aldeia das terras altas. Todas as provas haviam sido queimadas e varridas, deixando apenas o rumor e uma referência críptica no «Grande Livro da Inquirição».

— Seja como for, a ilha tem sido considerada terreno sagrado desde que a Igreja aqui chegou. Bardsey tornou-se um local de peregrinação desde tempos idos

até hoje. O Vaticano declarou que três viagens a Bardsey equivaliam a uma viagem a Roma. Não é um mau negócio, se querem saber a minha opinião. E muitos outros pensaram o mesmo.

O Padre Rye apontou na direcção da sua igreja.

— A parte mais antiga de Saint Hywyn data de 1137. Pelas suas portas fluíram milhares e milhares de peregrinos a caminho de Bardsey. Incluindo a maioria dos santos irlandeses e ingleses da altura.

Como que convocada pelas palavras do sacerdote, a porta da residência abriu-se de rompante e um rapaz alto irrompeu pela sala com todo o vigor dos seus treze anos. O rapaz tirou rapidamente o boné, revelando um cabelo tão rubro que parecia prestes a incendiar o local.

— Aí estás tu, Lyle — disse o Padre Rye e levantou-se. — O teu pai já tem o ferry pronto para os nossos convidados?

Lyle fitou o grupo.

— Sim, Senhor Padre. Ele mandou-me vir buscá-los a correr. E melhor despacharem-se. O vento já está a soprar ferozmente.

O Padre Rye pousou as mãos nas ancas, parecendo desolado por perder os seus hóspedes.

— E melhor irem. Não querem certamente ser apanhados a meio caminho, quando a tempestade desabar.

Gray assentiu.

— Vamos. — Instigou todos em direcção à porta.

— O meu cão pode ficar consigo? — perguntou Wallace ao sacerdote. — Se há coisa que o estômago de Rufus não suporta são barcos.

O sorriso do Padre Rye regressou.

— Com todo o gosto. Pode vir buscá-lo no regresso.

Rufus pareceu satisfeito com a decisão. Baixou de novo a cabeça e pousou-a sobre as patas, permanecendo deitado junto ao fogo.

Quando Gray se dirigia para a porta, o Padre Rye chamou: — Lyle, quando chegares à ilha, não te esqueças de lhes mostrar a Caverna do Eremita.

Gray olhou para trás.

O Padre Rye piscou-lhe o olho.

— Onde Merlin está sepultado.

11:22

Rachel olhava o ferry com um ar duvidoso. O pequeno barco parecia suficientemente sólido. Era um catamaran de casco duplo, com a cabina do piloto coberta na dianteira e o convés aberto na popa. Ela já estivera em barcos

semelhantes antes, quando fizera mergulho no Mediterrâneo. Eram notoriamente estáveis e seguros.

Contudo, enquanto o observava a oscilar e a empinar-se na ondulação, Rachel preocupava-se. Com uma mão cingindo o casaco ao pescoço, fitava por entre o vento agreste. Conseguia sentir o cheiro da chuva. Embora ainda estivesse seco, uma pesada torrente de água varria em direcção à costa.

A sua expressão devia ser fácil de ler.

— O Benl i é um bom barco — asseverou o capitão. Ataviado com uma camisola grossa e um impermeável amarelo, ele era o pai de Lyle, Owen Bryce. O rapaz movia-se pelo convés flutuante com a agilidade de um macaco de pêlo ruivo. O pai observava-o orgulhoso. — Não se aflija, menina. Levamo-la até lá em segurança. Esta máquina desliza baixo com o seu ângulo agudo.

Rachel não sabia o que ele queria dizer, mas confiou no vocabulário. Ele parecia saber do que falava.

Lyle abeirou-se e ofereceu-lhe a mão. Ela aceitou-a, enquanto saltava do pontão para o barco. Gray e Wallace já estavam a bordo, com as cabeças juntas. Kowaiski seguiu atrás de Seichan.

Rachel mantinha-se afastada de Seichan e tornou um lugar próximo de Gray. No entanto, sentia a presença da mulher — não porque a fitasse, mas porque propositadamente não o fazia. O que a enfurecia. Sentia merecer no mínimo o reconhecimento.

Para libertar o espírito de Seichan e do barco oscilante, centrou-se em Gray. Este tinha de falar alto enquanto os motores gémeos do catamaran gorgolejavam furiosamente.

— Lá atrás no vicariado — disse Gray ouvi-o resmonear qualquer coisa sobre não estar surpreendido pelo regresso insistente do Padre Giovanni a estas paragens.

Rachel ouvira o mesmo. Fora quando o Padre Rye falara da rainha pagã.

Wallace assentiu.

— Aye. Enquanto historiador do neolítico britânico, estou bastante familiarizado com as lendas irlandesas dos monstruosos fomorianos, que supostamente habitaram em primeiro lugar estas terras. Dizia-se que eram gigantes que comiam pessoas vivas. Mas foi a sua descrição pelo vigário como descendentes de Ham, uma figura extraída da Bíblia, que deve ter atizado a curiosidade de Marco e tê-lo mantido centrado aqui.

— Como assim? — indagou Gray.

— Para começar, as lendas célticas eram todas transmitidas oralmente. Espalhadas pela palavra proferida. Se as conhecemos hoje, foi graças aos monges irlandeses que sobreviveram à devastação da Alta Idade Média em reclusão e que passavam os seus dias meticulosamente a decorar e ilustrar manuscritos. Eles

preservaram a essência da civilização ocidental ao longo da Idade Média, incluindo as lendas e sagas irlandesas, registrando-as pela primeira vez por escrito. Mas o que deve compreender é que os monges continuavam a ser cristãos, pelo que, no seu reconto, muitas dessas narrativas adquiriram um pendor bíblico.

— À semelhança da descrição dos fomorianos como descendentes de Ham — disse Gray.

— Precisamente. A Bíblia nunca indica a raça desses descendentes amaldiçoados de Ham, mas os primeiros estudiosos judeus e cristãos interpretaram a maldição como significando que os descendentes de Ham eram de pele negra. Foi assim que a escravatura foi em tempos justificada.

Gray recostou-se, a compreensão despontando no seu rosto.

— Então o que está a dizer é que os celtas descreveram a rainha fomoriana como sendo de pele negra, pelo que os monges a fizeram descendente de Ham.

Wallace concordou.

— Uma rainha de pele escura que curava os enfermos.

— E, para Marco, ela era possivelmente uma primeira encarnação pagã da Nossa Senhora Negra. — Gray olhou na direcção da ilha, enquanto o barco embatia nas águas mais agitadas. — Talvez até as lendas da feiticeira Morgan Le Fay e de Avalon remontem à mesma mitologia. Uma outra mulher que possui poderes curativos mágicos.

Os olhos de Rachel dilataram-se.

— Não admira que o Padre Giovanni estivesse obcecado por este lugar.

— Por essa razão e também por causa da chave. — Wallace cruzou os braços e oscilou tranquilamente ao mesmo ritmo do barco.

— A chave do Livro do Juízo Final? — indagou Rachel. — Pensei que tinha dito que era um disparate.

— Eu posso ter pensado que era um disparate, mas Marco não. Todas as lendas que versam sobre a chave sugerem que esta revelava um imenso tesouro, um tesouro que podia salvar o mundo. Marco acreditava que eu me encontrava no caminho certo, ao estudar os lugares assinalados como «devastados». E começo a pensar que ele tinha razão.

— Porquê? — perguntou Gray.

— As histórias do Padre Rye. Ele referiu que os fomorianos combatiam os invasores celtas lançando pragas sobre eles. Diz-se que os druidas fizeram o mesmo quando os romanos os invadiram. O que me faz pensar se os celtas não terão aprendido algo mais com os fomorianos conquistados, algo mais do que a agricultura. Um novo meio de guerra, uma nova arma. Talvez haja um fundo de verdade por detrás dessas histórias.

Uma verdade enterrada no «Grande Livro da Inquirição».

Rachel começou a vislumbrar onde ele queria chegar, mas Gray chegou lá primeiro.

— Você acha que essa capacidade de lançar pragas sobreviveu até ao século XI.

Talvez uma forma arcaica de guerra biológica.

Rachel visualizou a condição das múmias. Esquálidas, com cogumelos a crescer internamente.

— Poderia alguém ter envenenado essas povoações com algum tipo de parasita fúngico? — inquiriu Gray. — E se sim, quem?

— Como eu referi anteriormente, todas as povoações anotadas no «Grande Livro da Inquirição» se localizavam em zonas de fricção entre cristãos e pagãos. E penso ser especialmente revelador que o primeiro lugar atingido tenha sido a ilha de Bardsey, que era terreno sagrado para os druidas. Eles certamente que não gostaram da presença de monges e cristãos aqui.

— Então pensa que uma seita secreta de druidas os aniquilou?

— E que depois disso levaram a sua luta até ao continente. Suspeito que tenham começado a lançar essas pragas nas áreas fronteiriças, na esperança de que alastrasse a toda a Inglaterra.

Wallace teve de se agarrar enquanto o ferry colidia com uma onda enorme.

Retornado o seu lugar, continuou.

— Talvez o propósito oculto do «Grande Livro da Inquirição» fosse fazer um levantamento dessas incursões e manter a vigilância. Os recenseadores que compilaram o livro foram enviados a todos os cantos da Grã-Bretanha, recolhendo informação de habitantes de cidades e aldeias e seguramente actuando também como espiões.

— E resultou? — indagou Rachel, absorvida pela história.

— Bem, esses pontos quentes não alastraram — respondeu Wallace com um encolher de ombros. — Alguém deve ter encontrado forma de frustrar os ataques. Depois enterrou-a em segurança.

— A chave do Livro do Juízo Final — disse Gray. — Que você acredita ser algum tipo de cura.

Wallace tocou a ponta do nariz, corroborando.

— E estamos na rota certa? — indagou Gray, relanceando significativamente Rachel.

Tinham pouco espaço de manobra para erros.

A sua mão deslizou para a dela, apertou-lhe os dedos e depois laigou-a. Ela desejou que ele a tivesse mantido unida à sua. A sua pele era quente e o aperto tranquilizador.

Wallace respondeu à questão de Gray.

— Marco acreditava com toda a certeza na chave. E a julgar por aquela pequena lembrança macabra, descobriu alguma coisa. E sabemos que começou aqui em Bardsey.

O professor acenou em direcção à massa crescente da ilha obscura. Estava sepultada na tempestade. E um instante depois, também eles o estariam. Os ventos enfureceram-se, lançando sapatadas geladas de água contra o barco. A chuva castigou repentinamente a embarcação, como que tentando afogá-los no mar. A visibilidade reduziu para poucos metros.

— Segurem-se bem! — bradou Kowaiski da cabina do piloto, onde seguia com o capitão. — Fúria tremenda adiante!

A proa do barco ergueu-se alto, apontada ao céu e depois caiu como uma pedra.

Depois disso, o movimento distorceu-se. O ferry guinou e querenou, oscilou e tombou.

Sem aviso, o estômago de Rachel fez o mesmo. Uma onda quente percorreu-a. As suas mãos tornaram-se húmidas e frias. Não tinha tempo de chegar à casa de banho do barco. Rodou no assento, dobrou-se sobre a balaustrada e esvaziou o estômago num único colapso brutal do seu corpo. Ficou tão esgotada que teve dificuldade em manter o apoio da balaustrada molhada.

Sob o seu rosto, o mar subia e descia, parecendo prestes a engoli-la e a arrastá-la.

As mãos escorregaram-lhe. Sentiu-se tombar.

Então, uns braços fortes cerraram-se à sua volta, segurando-a firme mas gentilmente.

— Estás segura — disse Gray.

Encostou-se a ele, o estômago ainda a rolar ao ritmo das ondas. O resto da viagem não foi mais calmo, mas ele permaneceu sempre ao seu lado.

Depois do que pareceram horas, a terra preencheu o mundo diante deles. A tempestade tornou-se menos feroz. A chuva diminuiu para um borrifo. Uma longa rampa de cimento ressaltava do pequeno porto, ao lado de um pontão de pedra. O capitão fez deslizar habilmente o barco para junto da doca, enquanto Lyle corria e lançava almofadas de protecção entre o pontão e o barco. Instantes depois tinham atracado.

Rachel saiu aliviada da embarcação oscilante. O sólido esmagar de pedras sob os seus pés nunca lhe parecera tão reconfortante.

— Estás bem? — perguntou Gray.

Ela teve de fazer um breve inventário antes de assentir lentamente.

— Acho que sim. Ainda bem que deixámos as ondas.

Gray tocou-lhe no braço. A preocupação era visível nos seus olhos.

— Tens a certeza de que foram apenas as ondas?

Rachel quis assentir de novo. Mas pousou uma mão sobre o ventre, recordando o que Seichan dissera do veneno. Um dos primeiros sintomas era a náusea.

Voltou a relancear o barco.

E se não tinham sido as ondas?

12h05

Ilha de Bardsey, País de Gales O tractor subia o monte a partir do porto. Arrastava um reboque atrás de si e o seu estrado juncado de palha transportava um grupo de pessoas ensopadas. Uma lona armada sobre o reboque abrigava-as dos golpes de chuva, mas não oferecia protecção contra o vento cortante.

Gray comprimia-se abaixo das laterais do reboque, tentando esquivar-se das rajadas mais obstinadas. A tempestade abrandara de momento, mas o céu a ocidente tornava-se cada vez mais escuro, ameaçando o desabar de um temporal ainda mais violento.

A medida que subiam o monte, abria-se uma vista panorâmica da pequena ilha. Por detrás do reboque, na ponta da ilha, erguia-se um farol vermelho e branco às riscas.

Cintilava no meio da tempestade devido ao girar regular da sua lâmpada. Entre o farol e o monte estendia-se a terra cultivada. Havia apenas uma dúzia de residências permanentes na ilha de Bardsey, pertença na sua maioria de lavradores e daqueles que alugavam casas aos caminhantes, observadores de pássaros e peregrinos de visita ao local.

As únicas estradas que havia eram de terra. Os únicos veículos eram tractores.

Penetravam nitidamente numa outra era.

Quando se aproximavam do topo da elevação, o tractor abrandou até parar. Lyle saltou do tractor para o estrado. Era o seu condutor e guia oficial. Agachou-se no meio do estrado, enquanto um relâmpago ecoava sobre o cume.

Lyle esperou que se desvanecesse e depois declarou: — O Padre Rye disse que podiam querer visitar a velha Caverna do Eremita. E só um bocadinho a pé. Posso mostrar-vo-la.

Kowaiski apalpou os bolsos à procura de um charuto.

— Não me apetece verdadeiramente fazer uma visita ao eremita.

Gray ignorou Kowaiski e juntou-se a Lyle.

— Disseste que ajudaste o Padre Giovanni anteriormente e que ele passou a maior parte do tempo nas ruínas da velha abadia. Ele passou algum tempo nessa caverna?

— Nem por isso. Só uma vez, no início. Acho que não voltou depois.

Gray sabia que era melhor dar uma olhadela para ser rigoroso.

— Mostra-me.

— Eu vou consigo — ofereceu-se Wallace . — Seria uma pena fazer toda esta viagem e não prestar os meus respeitosos cumprimentos ao saudoso Merlin.

O sarcasmo sobressaía nitidamente na sua voz.

Gray relanceou Rachel. Ela abanou a cabeça. Ainda parecia um pouco nauseada, embora ele não tivesse a certeza se seria do movimento, da toxicidade ou de algo entre ambos.

Saltou do estrado e ficou surpreendido ao ver Seichan saltar atrás de si. Sem uma palavra, seguiu atrás de Wallace e do rapaz.

Gray suspeitou que o interesse de Seichan residisse menos na caverna do eremita do que num desejo de não ser deixada a sós com Rachel. Colocando a mochila ao ombro, Gray seguiu os outros por um trilho lateral.

Seichan abrandou o suficiente para ficar ao lado dele.

— Precisamos de falar — disse ela, sem o encarar.

— Não temos nada para falar.

— Deixe de ser estúpido. Apesar do que possa pensar, não me agrada mais estar nesta posição do que a você. Não foi minha escolha envenenar Rachel. Você sabe disso, certo?

Finalmente, encarou-o.

Ele não se deixou convencer.

— O resultado final é o mesmo — replicou ele. — Você consegue o que quer e os outros pagam o preço. — Deixou transparecer o seu desprezo. — E então, como correu a sua visita à família do curador veneziano?

Os olhos dela estreitaram-se. Magoada, irada, desviou o olhar. A sua voz tornou-se mais frágil.

— O que quer que se esteja a passar aqui excitou o interesse da Guilda, a todos os níveis. Eles estão a investir uma quantidade incrível de recursos para encontrar essa chave perdida. Só os vi assim mobilizados uma única vez. Quando procurávamos as ossadas dos Reis Magos.

— E porquê? — Gray odiava envolver-se com ela, mas se ela dispunha de informações, não se atrevia a desperdiçá-las.

— Não sei. Mas o que quer que se passe na Viatus é apenas a ponta do icebergue.

Suspeito que a Guilda tenha manipulado e explorado a empresa meramente como recurso.

E o que fazem melhor. Eles são como um parasita que invade um corpo, o suga até ao tutano e depois o abandona.

— Mas qual é o objectivo final?

— Encontrar a tal chave. Mas a questão crucial é: Porque é a chave tão importante para a Guilda? Descobri-lo é ficar um passo mais próximo de a encontrar.

Ela calou-se, deixando a informação assentar. Gray tinha de admitir que ela estava certa. Talvez ele devesse considerar o problema a partir da perspectiva contrária, trabalhar no sentido oposto.

Finalmente, ela prosseguiu.

— Sabemos que a Viatus se apoderou daquelas múmias e as submeteu a experiências. Mas os corpos foram descobertos há três anos. Portanto, há anos que o projecto se tem desenvolvido à margem de detecção. Eu não tive qualquer conhecimento disso. Contudo, assim que o Padre Giovanni corre para o Vaticano, a Guilda entra em campo. Qualquer um que tivesse um ouvido colado ao chão, como eu, se teria apercebido. Nas últimas vinte e quatro horas, eles expuseram-se mais do que alguma vez os vi fazer antes. Foi o que me levou a Itália em primeiro lugar, o que me fez procurar Rachel.

Gray percebeu um mínimo estremecimento na sua voz à menção do nome de Rachel.

Depois, ela calou-se.

Gray quebrou o silêncio.

— Wallace pensa que a chave pode ser um agente de combate contra alguma forma arcaica de guerra biológica. Se a Guilda controlar a chave, controlará a arma.

— Pode ter razão, mas o interesse da Guilda é mais profundo. Confie em mim.

Gray debateu-se para não reagir contra as suas últimas palavras.

Confie em mim.

Aquelas eram palavras que ela não tinha o direito de proferir.

Foi salvo de responder, quando Wallace ergueu um braço e apontou para o chão.

— É aqui!

— Pense nisso — terminou Seichan. — Vou voltar para o tractor.

Gray continuou a caminhar sozinho até à caverna. Lyle tinha-se esgueirado no seu interior. A entrada era mais estreita do que a cintura de Gray, mas dava acesso a uma pequena cova. Ajoelhando-se, Gray retirou uma lanterna da sua mochila e varreu o interior com ela. Era uma caverna natural e à excepção de uma lata de cerveja amolgada e algum lixo, revelava-se incaracterística.

Se aquele era o local de descanso final de Meriin, este deveria apresentar queixa pelo alojamento. Não admirava que o Padre Giovanni não lhe tivesse prestado mais atenção.

— Não há aqui nada — concluiu, por fim, Wallace .

Gray concordou.

— Vamos continuar a subir o monte.

Regressaram rapidamente, à medida que a chuva caía com mais força. Uma vez chegados ao tractor, partiram de novo. Lyle conduziu o veículo sobre o cume e pela outra vertente abaixo.

Terras baixas estendiam-se adiante, igualmente divididas em terras agrícolas e campos de pasto. Mas no sopé do monte, eiguia-se o seu destino. Era uma torre quadrada, meio desmoronada, que se elevava no meio de um cemitério. Era tudo o que restava da Abadia de Saint Mary. Uma capela e uma residência mais recentes surgiam mais afastadas. Daquele ponto alto, Gray conseguia igualmente vislumbrar algumas paredes de fundação da antiga abadia que haviam ruído.

Quando desciam, Lyle apontou uma pequena casa à distância.

— Pias Bach! — disse, designando o lugar. — Podem alugá-la. É também a morada da nossa famosa macieira.

Gray procurou num dos bolsos do casaco e percebeu que ainda tinha a maçã que o Padre Rye lhe lançara. Enquanto fitava o fruto rosado, pensou nos residentes da abadia.

Tanto a macieira como os monges eram descritos em diferentes círculos como invulgarmente saudáveis e de impressionante longevidade. Teriam os monges de Saint Mary tido conhecimento de algum segredo? Seria o mesmo segredo que todos procuravam agora, a chave do Livro do Juízo Final? E se assim fosse, como o teriam obtido?

Com um derradeiro vômito do tubo de escape, tresandando a petróleo, o tractor imobilizou-se na base do monte, ao lado do cemitério. Cruzes célticas ponteavam o terreno, incluindo uma particularmente alta, que se encontrava à sombra da torre ruída da abadia.

O grupo desceu do reboque e sacudiu pedaços desgarrados de palha. O aguaceiro quase cessara, o que era um alívio. Mas raios de luz relampejavam a norte. O forte estrondear anunciava mais chuva. Era melhor agirem depressa.

Gray abeirou-se de Lyle.

— Disseste que o Padre Giovanni passou a maior parte do tempo aqui. Sabes o que ele estava a fazer? Houve algum ponto em que ele se concentrasse mais?

Lyle encolheu todo o corpo.

— Ele andou por todo o lado em redor das ruínas. Sobretudo a medir.

— A medir?

Ele respondeu com um aceno.

— Ele fazia medições com fita e. . como é que lhe chamam? — Manteve os braços oblíquos e olhou-os de cima, fazendo uma breve representação. — Pequenos telescópios para calcular a que altura as coisas estão.

— Instrumentos topográficos — proferiu Gray em voz alta, compreendendo o

que ele queria dizer. — Há algum sítio onde ele tenha passado muito tempo a medir?

— Aye. As cruzes e ao pé das velhas ruínas de pedra.

— Ruínas? Queres dizer a abadia?

Wallace abeirou-se do outro lado de Lyle.

— Penso que o rapaz quer dizer as ruínas dos antigos, não é?

— Exacto, senhor.

— Podes mostrar-no-las?

— Claro. — E partiu.

Seguiram em grupo, atravessando o cemitério. Lyle apontou cada cruz céltica por onde passavam. Terminou na mais alta de todo o cemitério. Erguia-se sobre um pequeno monte de terra.

— Esta assinala a sepultura de Lord Newborough — esclareceu Lyle. — Um dos mais famosos nobres de Bardsey e um grande benfeitor da Igreja.



Gray esticou-se para a ver melhor. O Padre Giovanni conhecia seguramente o significado das cruzes célticas, que eram modificações das antigas cruzes druídicas, as quais, por sua vez, tinham sido inspiradas nos povos antigos, que ocuparam inicialmente as Ilhas Britânicas e que gravaram esse símbolo nas suas pedras erectas. Um símbolo que ligava as três culturas, fluindo do passado remoto até ao presente.

Teria a chave seguido o mesmo curso? Dos antigos aos celtas e aos cristãos?

Wallace olhou em torno do cemitério.

— O Padre Giovanni mediu todas as cruzes?

— Mediu.

— E dizes que ele procedeu da mesma forma com umas minas de pedra?

— Por aqui. — Lyle contornou os fragmentos da torre sineira da abadia e avançou pelo campo verdejante. Deu um pontapé, como se procurasse alguma coisa. — O Padre Giovanni investigou todas as antigas minas circulares. A maioria fica

deste lado da ilha.

Wallace seguia ao lado de Gray.

— Não admira que os monges tivessem erigido a sua abadia aqui. A Igreja, nos primórdios, costumava construir sobre locais sagrados. Impondo a sua religião sobre outra.

Como forma de a aniquilar, mas também com o intuito de ajudar os recém-convertidos a realizar uma transição suave para a nova fé.

— Aqui! — chamou Lyle, alguns metros à direita. — Acho que é este!

Gray juntou-se-lhe com Wallace. O rapaz encontrava-se no centro de um círculo grosseiro de blocos de pedra meio enterrados na erva. Gray percorreu a circunferência.

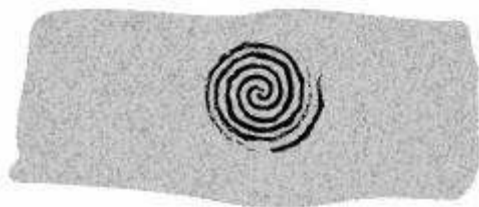
Wallace coçava o queixo.

— Tens a certeza de que este é o círculo de pedra correcto? Aquele em que o nosso amigo estava interessado?

Lyle pareceu subitamente não estar tão certo.

Gray estacou diante de uma das pedras. Ajoelhou-se e separou as ervas. Fitou a pedra e teve a certeza que estavam no lugar certo.

No bloco grosseiro estava gravado um símbolo.



Uma espiral.

Gray fitou o outro lado do campo. Consultou a sua bússola. Numa linha recta para leste, a partir dali, onde o sol se ergueria a cada novo dia, ficava a marca da sepultura de Lord Newborough, uma cruz céltica gigante, cujas raízes remontavam aos mesmos artesãos que tinham gravado a tosca espiral no bloco que se encontrava junto dos pés de Gray.

— É aqui — murmurou.

— O quê? — perguntou Wallace, não percebendo.

Gray continuou a estudar a cruz distante. Não precisava de instrumentos de medição, embora talvez não o tivesse descoberto tão rapidamente se Lyle não lhe tivesse falado da pesquisa meticulosa ali empreendida pelo padre.

— Eu sei onde o Padre Giovanni procurou — disse Gray.

Rachel aproximou-se.

— Onde?

— Entre a espiral e a cruz — respondeu Gray e apontou para a marca da

sepultura de Lord Newborough. — Tal como nas pedras da sua escavação, Wallace. Cruzes de um lado, espirais do outro.

— E tal como na bolsa de couro — recordou-lhe Rachel.

Gray assentiu.

— Embora Marco nunca tenha usufruído dessa vantagem. Ele teve de descobrir tudo isto sozinho. Baseando-se unicamente no que vira no local de escavação. A compreensão deve ter despontado nele. Possivelmente de forma literal. O Padre Rye disse que Marco começou a andar agitado em Junho passado, o que significa que ele esteve aqui durante o solstício de Verão. O dia mais longo do ano. Um dia sagrado para os pagãos, em particular para os veneradores do sol.

Apontou para a cruz e traçou uma linha até aos seus pés.

— Aposto, e seriam necessários cálculos para o provar.. algo que Marco provavelmente fez.. , que na manhã do solstício, os primeiros raios de sol atingiriam aquela cruz projectando uma sombra directamente para aqui.

— E isso conduziu à descoberta de Marco? — pressionou Wallace .

— Talvez. Posso medi-lo com passos para ter a certeza, mas não me parece necessário. Vejam o que fica exactamente a meio caminho entre a cruz e a espiral.

Gray apontou a pilha de pedras esboroadas.

— A torre de Saint Mary — disse Wallace , depois voltou-se para ele. — Acha que o que quer que Marco tenha encontrado estava escondido debaixo da torre?

— Você próprio o disse. Que a Igreja construiu os seus edifícios de culto sobre antigos locais sagrados. A ilha está pejada de cavernas. Cavernas que os druidas consideravam sagradas. E perduram até hoje histórias de alguma poderosa magia, personificada por Merlin, que está sepultado numa caverna na ilha. E se se enganaram na caverna?

A voz de Wallace tornou-se abafada.

— Não a Caverna do Eremita, mas algo escondido secretamente debaixo da abadia.

Rachel colocou uma questão pertinente.

— Mas como poderemos procurar lá em baixo?

— Esse padre morto seguramente não veio de escavadora até aqui — acrescentou Kowaiski.

Ambos tinham razão. Não havia sinais de escavações em volta das ruínas da torre.

— Tem de haver outra maneira de lá chegar — disse Gray, voltando-se para a melhor fonte desse género de informação. — Lyle, há outros túneis ou cavernas algures por aqui perto?

— Aye. Montes de cavernas. Mas nenhuma assim tão perto.

Demorariam meses a investigá-las todas. Gray relanceou Rachel. Os seus

braços estavam cruzados. Não dispunham de meses.

— Mas posso mostrar-vos o que mostrei ao Padre Giovanni! — disse Lyle, animando-se. — Não é uma caverna, mas é parecido.

— O que é? — perguntou Gray.

— Venham ver. Eu e os meus amigos brincamos muitas vezes lá em baixo. — Lyle partiu como um tiro. Tiveram de correr para o acompanhar.

— Não temos assim tanta pressa — resmungou Kowaiski.

— Fale por si — disse Rachel.

Lyle conduziu-os de novo ao outro lado da torre. Desta vez, tornou a direcção oposta. Descreveu quase um círculo completo, mas depois estacou não muito longe da alta cruz céltica. Apontou para uma abertura quadrada no chão, emoldurada por pedras.

— O que é? — indagou Wallace .

Gray ajoelhou-se e olhou para baixo. As paredes laterais eram feitas de tijolo. Próximo do fundo, um nicho escuro abria-se numa das paredes.

— Como eu disse — retorquiu Lyle —, não é uma caverna.

Gray agarrou na lanterna.

— É uma cripta.

— Aye. O túmulo de Lord Newborough. É claro que ele já não está lá em baixo. Pelo menos, eu acho que não.

— Temos de o investigar — disse Gray.

Kowaiski abanou a cabeça e recuou alguns passos.

— Não, não temos. Sempre que você se mete num buraco, acontece algo de mau.

XX - 13 de Outubro, 12h41

Svalbard, Noruega

Monk enviou uma prece de agradecimento silenciosa aos engenheiros que tinham inventado manípulos aquecidos para as motas de neve. A temperatura diurna continuava a baixar à medida que a tempestade polar avançava pelo arquipélago ártico. Mesmo agasalhado com fato de neve, capacete, luvas e camadas de roupa interior térmica, Monk sentiu apreço pelos avanços tecnológicos dos veículos de neve modernos.

Creed e ele tinham parado as suas máquinas num vale coberto de neve abaixo da entrada para a Abóbada Seminal Global de Svalbard. A duzentos metros de distância, o angular abrigo de cimento ressaltava da encosta do Monte Plataberget. Era o único sinal do vasto entreposto subterrâneo.

Isso e o patrulhamento do exército norueguês.

A voz de Creed chegou-lhe aos ouvidos pelo rádio incorporado no capacete.

— Temos companhia.

Monk torceu-se no assento. Atrás deles, um Sno-Cat avançava em torno de uma escarpa gelada. As suas lagartas mastigavam o terreno e projectavam um rasto de neve e gelo.

Na última hora, ele e Creed tinham jogado um cauteloso jogo do gato e do rato com as patrulhas exteriores. Tentavam manter uma distância prudente, sem parecer que era isso que tentavam fazer. O logotipo da agência de aluguer gravado nos flancos das motas permitia-lhes essa margem de manobra.

— O que fazemos? — perguntou Creed.

— Ficamos quietos.

As suas máquinas de menor porte provavelmente venceriam em perícia o maciço Sno-Cat, mas fugir naquele momento apenas atrairia a atenção do exército norueguês sobre eles. Em vez disso, Monk ergueu um braço em saudação.

Mais valia cumprimentar os vizinhos.

Na derradeira hora, Monk estivera a observar os soldados, tornando nota do seu comportamento. Passavam a maior parte do tempo a conversar entre si em grupos desordenados. Viu alguns cigarros a cintilar. Ocasionalmente, o estrondear de uma gargalhada que ecoava na montanha chegava até eles. Reconheceu um padrão geral: o aborrecimento. Ali, nas regiões interiores do norte gelado, os soldados depositavam claramente a sua total confiança no isolamento e na agura do terreno.

Não havia razão para dissipar essa atitude.

— Mantenha-se frio — disse Monk pelo rádio.

— Mais frio do que isto e estaria a cagar cubos de gelo.

Monk olhou-o. Creed estaria a fazer uma piada? Monk ergueu as sobrancelhas. Talvez ainda houvesse esperança para o miúdo.

A porta lateral do Sno-Cat abriu-se. Vapor flutuou para fora da cabina aquecida. O soldado nem se deu ao trabalho de puxar para cima o capuz do casaco grosso. De facto, manteve o casaco desapertado. Com o cabelo louro e faces rosadas, parecia saído de um catálogo da Ralph Lauren, versão norueguesa.

Os Noruegueses no seu habitat natural. .

Monk tirou o capacete, para parecer menos intimidativo. Creed fez o mesmo. O soldado acenou-lhes e falou em norueguês. Monk não compreendeu as palavras, mas o ponto essencial era claro.

O que estão aqui a fazer?

Creed respondeu por sua vez, um tanto hesitante em norueguês. Monk percebeu a palavra American. O miúdo devia estar a expor a história falsa. Monk reforçou-o, tirando do bolso do casaco um guia de campo sobre aves que trouxera da agência de

aluguer.

Mostrou igualmente os binóculos que tinha em torno do pescoço.

Apenas observadores de aves.

O soldado assentiu e tentou falar em inglês.

— Vir tempestade — alertou o norueguês. Gesticulou com o braço para trás na direcção de Longyearbyen. — Dever ir.

Monk não podia exactamente contrariá-lo.

— Já vamos regressar — prometeu. — Parámos para descansar.

Palpou o traseiro para criar um maior efeito — estava na verdade dorido, depois de percorrer toda a paisagem glacial fragmentada.

O que suscitou um sorriso no soldado. Junto ao Sno-Cat, a outra porta abriu-se. O condutor saltou para fora, bradou um alerta, depois encostou um apito aos lábios e sacou da arma que transportava ao ombro. Enquanto soprava um guincho estridente, apontou a arma na direcção deles.

— Que diabo?

Creed e o outro soldado caíram de bruços sobre a neve. Monk hesitou. O soldado disparou três vezes. Monk girou ao mesmo tempo e vislumbrou uma imensa forma pesada a desaparecer para lá de um amontoado de blocos de pedra à distância. Os tiros do homem faiscaram na pedra.

— Urso polar — disse Creed desnecessariamente, quando o som dos estampidos se dissipou.

Ele e o soldado voltaram a pôr-se de pé. Creed empalidecera, mas o soldado apenas sorriu e proferiu algo em norueguês que fez sorrir o companheiro que empunhava a arma.

Não pareciam excessivamente preocupados. Assemelhara-se a afugentar um guaxinim de uma lata de lixo. É claro que naquele caso as latas de lixo eram Monk e Creed. O

urso polar devia estar a espreitá-los desde que tinham parado.

O primeiro soldado gesticulou na direcção da povoação, avisando-os para se afastarem.

Monk assentiu.

Os dois soldados regressaram ao Sno-Cat, partilhando uma piada, claramente à custa dos americanos.

Creed regressou à sua mota de neve.

— O que fazemos agora?

— Continuamos a patrulhar. Mas desta vez, eu vigio a abóbada seminal e você mantém-se atento a qualquer coisa que pareça interessada em comer-nos.

Creed concordou e pôs o capacete.

Monk levou os binóculos aos olhos e focou o outro lado do vale. Esperou que

Painter não demorasse muito mais. Se ele e Creed continuassem a vaguear por ali, começariam a levantar suspeitas. Sobretudo com a tempestade prestes a abater-se.

Ajustando a distância focal dos binóculos, obteve uma imagem nítida da entrada do edifício subterrâneo. Viu a porta abrir-se e a figura esguia de uma mulher precipitar-se para o exterior. Um dos guardas tentou abordá-la. Quem não tentaria? Mesmo a duzentos metros de distância, os seus atractivos físicos eram evidentes.

Travou o guarda erguendo uma mão e apressou-se na direcção dos veículos estacionados. Aparentemente, fartara-se da festa — e estava deserta por se afastar.

12h49

A entrevista começou rapidamente a correr mal.

Painter e o Senador Gorman tinham seguido o CEO da Viatus até ao complexo de escritórios, que ficava longe do túnel da abóbada principal. Tinha sido instalada uma área para preparação do catering na sala central, com as mesas encostadas às paredes e substituídas por carrinhos de transporte de alimentos, fogões e contentores. A sobremesa estava a ser preparada e parecia ser composta por um repuxo de chocolate. O local cheirava a uma fábrica da Hershey misturado com um leve aroma a bacalhau norueguês.

Encaminharam-se rapidamente para um escritório nas traseiras. Lá dentro, um par de computadores cintilava em cada extremo de uma longa mesa. Entre eles, organizadas em filas ordenadas, encontravam-se pilhas de pequenas caixas de alumínio. Ao longo de uma parede, apinhavam-se meia dúzia de contentores plásticos negros. Um estava aberto no chão, repleto de envelopes prateados.

— Chegam diariamente carregamentos de sementes explicara Karlsen, fazendo as vezes de guia turístico, — Infelizmente, agora estão a acumular-se devido à festa. Mas amanhã, essas caixas serão classificadas, catalogadas, registadas por país, até mesmo..

Foi aí que as coisas descarrilaram.

Talvez fosse a maneira desprendida de falar do CEO ou talvez fosse evidente que o discurso desviante de Karlsen escondia um poço de culpa. Seja como for, assim que a porta da sala se fechou, o senador lançou-se para diante e agarrou a camisa de Karlsen.

Jogou-o de encontro aos contentores empilhados.

Aturdido pelo ataque repentino, Karlsen não reagiu de imediato. Depois o seu rosto mergulhou na confusão.

— Sebastian, o que. .?

— Você matou o meu filho! — bradou-lhe Gorman. — E tentou assassinar-me ontem à noite!

— Está louco? — Karlsen esticou ambos os braços e libertou-se. — Porque haveria de o tentar assassinar?

Painter teve de admitir que o tipo parecia deveras chocado. Mas reparou igualmente que Karlsen não negara o assassinio do filho do senador. Painter interpôs-se entre os dois. De rosto congestionado, Gorman recuou um passo. Virou costas, claramente procurando recuperar a compostura.

Painter castigou-se interiormente. Ele não notara o crescer da fúria em Gorman. Devia tê-lo controlado antes. Não conseguiriam obter nada de Karlsen empurrando-o para uma posição defensiva. O homem ergueria muros que eles nunca conseguiriam penetrar.

Painter reajustou a estratégia. Com Karlsen abalado, e antes que o homem se fechasse por completo, Painter sabia que tinha de pôr de parte toda a tentativa de fingimento.

— Temos conhecimento da cultura de cogumelos, das abelhas e daquilo que foi encoberto em África. — Painter atacou-o com acusação atrás de acusação. Enquanto Karlsen poderia ser capaz de amparar um golpe, a rápida série de ataques não lhe dava oportunidade de recuperar.

O seu disfarce esboroou-se momentaneamente, revelando a sua cumplicidade, o seu conhecimento. Não era um peão ou figura de proa iludida. Karlsen sabia perfeitamente o que se passava.

Contudo, o homem tentou retractar-se. A centelha de culpa desapareceu por detrás de um muro de negação.

— Não sei do que estão a falar.

Nenhum dos dois homens se deixou enganar.

Muito menos um pai enlutado.

O Senador Gorman lançou-se de novo ao homem. Painter não o tentou impedir. Ele queria Karlsen desequilibrado, acossado por todos os lados. Moralmente, psicologicamente, fisicamente. Painter aproveitaria todas as ferramentas que estavam ao seu alcance.

Gorman carregou sobre Karlsen, encostando-lhe um ombro ao peito e empurrando-o contra a parede. Com os pés no ar, Karlsen embateu na parede sólida. O ar fugiu-lhe. O

senador fora defesa de baseball nos seus tempos de estudante.

Mas Karlsen não era um velho trémulo. Ergueu os braços e baixou-os com força sobre as costas do senador. Gorman caiu de joelhos.

No chão, o senador lançou um braço por detrás da perna esquerda de Karlsen. Com um rugido, Gorman apertou-a e torceu-a com força. Atirou o assassino do seu filho de bruços para o chão, depois carregou sobre ele e encostou-o ao chão.

— Você matou o Jason! — rosnou-lhe Gorman, a sua voz oscilava entre a fúria

e o soluço. — Matou-o!

Karlsen procurou libertar-se, mas Gorman manteve-o encostado ao chão. O rosto do CEO tornou-se rubro. Torceu o pescoço, tentando encarar Gorman. A sua voz disparou contra o acusador.

— Fiz.. fi-lo por si!

As palavras aturdiram momentaneamente o senador. Mas Painter não estava certo se o choque advinha da confissão súbita ou da estranha declaração. Uma parte de Gorman devia ter esperado que Painter estivesse errado. Agora não havia mais ilusão.

— Cale-me essa boca — bradou Gorman, não querendo ouvir mais.

Com a primeira peça do dominó caída por terra, Painter sabia que conseguiria fazer as outras ruir. O que ele pensara-que demoraria um dia inteiro a alcançar fora obtido em minutos. Mas estavam longe de ter terminado ali. Karlsen poderia desdizer-se. Ainda se encontrava na sua área de influência da Noruega, com poderosos contactos e ligações.

Painter sabia que tinha de assumir uma posição de vantagem, de controlar a situação.

O que significava tirar Karlsen dali e mantê-lo sob custódia. Para tal, teria de pedir ajuda.

— Mantenha-o aí — pediu Painter.

Dirigiu-se aos computadores e procurou na parte de trás dos mesmos. Tinha de haver um canal de comunicação a alimentar aquele espaço. Uma linha T1 ou T3 para ligação à Internet, mas mais importante. .

Os dedos de Painter encontraram a linha telefónica. Puxou-a e percorreu o seu trajecto até à parede. Sem serviço de rede naquelas paragens, precisava de contactar Monk por rádio, mas àquela profundidade tal seria impossível. Teria de penetrar numa linha aberta usando um dispositivo denominado SQUID para amplificar o sinal. Enquanto os seus dedos corriam ao longo do fio, deparou-se com um aparelho já acoplado à saída telefónica. Extraiu-o e imediatamente reconheceu a sua função.

Um amplificador de sinal para comunicações móveis.

Não era especialmente sofisticado, mas a tecnologia era superior a tudo o que vira ali. Parecia deslocado. Examinou-o atentamente e detectou um transmissor de curto alcance conectado.

Porque necessitaria alguém de conectar um transmissor de curto alcance a uma linha telefónica?

Só conseguia pensar numa razão.

A porta abriu-se de rompante atrás de si.

Voltou-se quando o co-presidente Boutha irrompeu sala adentro. Mais alguns homens assomavam atrás dele. Boutha franziu o olhar revelando confusão perante o

cenário que se lhe oferecia: Karlsen no chão e o senador com um joelho sobre as suas costas.

— O pessoal do catering referiu gritos. . — iniciou Boutha, depois abanou a cabeça. — O que se passa aqui?

Aproveitando-se de uma distracção momentânea, Karlsen conseguiu empurrar um cotovelo para trás e atingir Gorman na orelha. Projectado para o lado, Gorman não conseguiu impedir Karlsen de se libertar.

Boutha e os outros homens ainda bloqueavam o caminho. Encurralado, Karlsen voltou-se para encarar Gorman, mas viu um punho voar na direcção do seu nariz. Esquivou-se o suficiente para evitar que lhe partissem o nariz , mas recebeu um duro golpe no olho e cambaleou para trás alguns passos.

— Parem! — bradou Painter, imobilizando todos os presentes com o vigor da sua ordem.

Todos os olhos se voltaram para ele.

Painter apontou um braço a Boutha.

— Temos de evacuar as instalações. Agora!

— Porquê?

Painter fitou o estranho aparelho que tinha na sua mão. Podia estar enganado, mas não via razão para um transmissor de curto alcance estar ali.

A não ser uma.

— Há uma bomba escondida algures aqui em baixo.

Reacções chocadas e algumas perguntas tentaram seguir-se.

Painter cortou-as.

— Evacue as instalações!

Infelizmente, era tarde demais.

12h55

Monk dirigiu o seu veículo pelo vale, descrevendo um lento ziguezaguear ao longo do mesmo. Creed seguia o seu trilho, atento aos ursos polares. Monk mantinha um olho no bloco de cimento que assinalava a entrada da abóbada seminal.

Lá no alto, a tempestade fizera rolar uma massa de nuvens escuras sobre a montanha. O céu pressionava, parecendo mais baixo, e a temperatura ia descendo. Os ventos intensificavam-se, varrendo o vale com rajadas glaciais de cristais de gelo.

Monk impôs uma paragem. Pensou ter ouvido qualquer coisa ou, pelo menos, sentiu algo no fundo do peito. Desligou o motor. O surdo ribombar transformou-se num rugido e depois num silvo. Um par de jactos irrompeu das nuvens e lançou-se pelo vale na direcção de Monk e Creed.

Não, não na direcção deles.

Quando os jactos passaram sobre as suas cabeças, desviaram-se abruptamente para cima, com um guincho de aceleração. Foram disparados mísseis do seu ventre. Rockets Hel fire. Os mísseis atingiram a crista de neve onde a abóbada seminal estava enterrada.

Uma linha de fogo explodiu ao longo da face da montanha. Rochas e chamas foram projectadas alto no ar. Os abalos violentos arremessaram Monk e Creed.

No cume da montanha, homens foram lançados pelo ar, alguns desfeitos em pedaços incandescentes. Outros fugiam a pé ou deslizavam montanha abaixo. Monk viu um pesado Sno-Cat tombar para dentro de uma cratera, que outrora constituíra a única estrada que dava acesso àquele local.

Quando o fumo se dissipou, Monk perscrutou o cume. O abrigo ainda estava de pé, mas um dos lados fora detonado e um grande pedaço dele arrancado. O ataque dos mísseis apenas desferira um golpe de raspão.

Então, um novo ribombar cresceu de volume. Monk receou que os jactos tentassem uma nova passagem. Mas o som era acompanhado de detonações fraccionadas.

Enquanto Monk observava horrorizado, toda a vertente da montanha acima do abrigo começou a deslizar. Uma imponente secção do glaciário desprendeu-se e fracturou-se, dividindo-se em pedaços cada vez mais pequenos, ganhando velocidade e transformando-se numa avalanche de gelo.

Engoliu o abrigo e sepultou-o por completo.

Mais soldados foram apanhados e esmagados no seu curso.

E continuava a progredir.

Na direcção deles.

— Monk! — gritou Creed.

Baixando-se de novo no assento, Monk ligou a ignição. O motor rugiu. Acelerou. O pneu traseiro mastigou a neve, depois encontrou tracção. Torcendo o manipulador, Monk apontou um braço para o lado oposto do vale.

— Vamos para um local mais elevado!

Creed não necessitava de orientação. Já dera a volta e voava em direcção ao lado oposto. Os dois dispararam pelo fundo do vale fora, tentando pôr-se a salvo.

Monk ouviu a avalanche rugir atrás de si. Parecia o fim do mundo, uma detonação de pedra e gelo. Um fragmento de glaciário do tamanho de uma garagem individual passou por Monk, à sua direita. O gelo crivou-se-lhe na mota e nas costas.

Monk agachou-se. Não podia andar mais depressa. Tinha o acelerador pressionado no máximo.

A medida que a avalanche se aproximava, blocos de gelo esmagavam-se junto

dos veículos. Um rio de pedras rolantes derramou-se sob e em torno deles. Os pedaços mais pequenos de gelo do glaciário tinham sido polidos durante o mergulho esmerilhante, convertendo-os numa torrente de diamantes.

Então foram projectados para cima.

Os esquis dianteiros das motas de neve abriram um trilho veloz afastando-se do vale.

O monstro gelado que seguia na retaguarda dos dois homens tentou persegui-los, mas depois desistiu e sossegou no vale.

Para se certificar, Monk trepou mais alto antes de sugerir uma paragem. Mantendo o motor ligado, voltou-se e observou os danos. Uma névoa de cristais de gelo cobria o vale lá em baixo, mas estava suficientemente nítido para se vislumbrar o cume distante.

Já não havia abrigo de cimento.

Apenas gelo fragmentado.

— O que fazemos? — perguntou Creed.

Um brado respondeu-lhe. Ambos se voltaram para a esquerda. Dois soldados noruegueses aproximavam-se, com as espingardas encostadas ao ombro. Só então Monk reparou no Sno-Cat imobilizado mais acima na encosta.

Era o mesmo par de há pouco.

Mas não a mesma visita amigável.

Os soldados mantinham as espingardas em punho. Depois do que acontecera, deviam estar roídos de suspeição e cegos pela fúria e pelo choque.

— O que fazemos? — insistiu Creed.

Agindo sempre como professor, Monk mostrou-lhe como deveria proceder, erguendo os braços.

— Rendemo-nos.

13h02

Painter estava de pé na escuridão.

As luzes tinham-se apagado com as primeiras explosões. De início, pensou que a bomba escondida tinha deflagrado. Mas quando se seguiram uma série de detonações na parte de cima, Painter adivinhou um ataque da vertente da montanha por mísseis.

O que foi confirmado um instante mais tarde, quando deflagrou um troar impressionante. Era como se um comboio de carga estivesse a passar por cima deles, rasgando violentamente caminho.

Avalanche.

Gritos e brados ecoaram no túnel, enquanto convidados e funcionários entravam

em pânico. Ali, na profundidade do subsolo, a escuridão era absoluta e asfixiante.

Painter permaneceu imóvel, refletindo. De momento, ainda estavam vivos. Se havia uma bomba escondida ali em baixo, porque não deflagrara ao mesmo tempo que o ataque de míssil?

Apertou o transmissor na sua mão. Retirar o dispositivo da tornada de parede podia ter-lhes salvo a vida, impedindo a chegada de um sinal pela linha telefónica e o rebentamento da bomba.

Mas ainda não estavam livres de perigo.

Se Painter tivesse planeado aquele ataque, teria preparado um plano secundário de apoio. Qualquer coisa regulada por um cronómetro adiantado, para fazer face a eventuais contratempos. Pensou rápida e intensamente. O transmissor tinha um alcance limitado, sobretudo devido a toda aquela rocha envolvente. Se tinha sido implantada uma bomba, tinha de estar perto e provavelmente fora ali colocada recentemente.

Os fornecedores do catering?

Não, eram demasiados e excessivamente arriscado. Alguém se teria apercebido.

Depois recordou-se das palavras proferidas por Karlsen, enquanto entravam na sala: Chegam diariamente carregamentos de sementes. Infelizmente, agora estão a acumular-se devido à festa.

Os contentores.

Às cegas, Painter aproximou-se das caixas empilhadas. Arrancou freneticamente a parte de cima de uma e introduziu as mãos no seu interior, até ao fundo. Esquadrinhou por entre os pacotes de sementes de alumínio selados a quente.

Nada.

Derrubou o contentor. Este esmagou-se na escuridão.

— O que está a fazer? — bradou Gorman, assustado.

Painter não tinha tempo para responder. O desespero mantinha-o mudo. Não encontrou nada no segundo contentor — mas quando arrancou a tampa do terceiro, um cintilar brotou do seu interior, enterrado sob uma camada de pacotes de sementes.

No escuro, a débil luz brilhava com a intensidade de um farol. Os outros homens aproximaram-se. Painter pôs de lado os pacotes e expôs o que estava por baixo.

Números num visor LED devolveram-se o brilho: 9h55

Enquanto o fitava, o cronómetro marcava a contagem decrescente.

As luzes da sala tremularam, apagaram-se e depois voltaram a acender-se. Os geradores de emergência tinham finalmente disparado. Lá fora no átrio, o tumulto acalmou de imediato. Embora a situação não fosse melhor, pelo menos morreriam

com luz.

Painter enfiou as mãos no interior da caixa e ergueu cuidadosamente o objecto.

Duvidava que tivesse sido provido de um disparador sensível ao movimento. O contentor fora enviado por navio, provavelmente manuseado com rudeza quando em trânsito.

Contudo, baixou-o cuidadosamente e ajoelhou-se ao seu lado.

O objecto era do tamanho de duas caixas de sapatos, de forma grosseiramente cilíndrica. O visor LED cintilava no topo. Uma série de fios penetrava no invólucro metálico que se encontrava sob o mesmo. A numeração militar — PBXN-112 — registada no lado esquerdo, não deixou dúvidas no espírito de Painter quanto ao que tinham na sua frente.

Até mesmo Boutha o adivinhou.

— É uma bomba — sussurrou.

O homem, infelizmente, estava errado.

Painter corrigiu-o.

— É uma ogiva.

13h02

Krista estacou o camião de tracção às quatro rodas no sopé da montanha. Enquanto fugia peia estrada gelada, observara a deflagração dos mísseis pelo espelho retrovisor. As chamas envolveram o mundo na sua retaguarda. Os abalos violentos tinham chocalhado os vidros do camião. Instantes depois, a crista glacial da montanha desprendera-se e despedaçara-se sobre a entrada da abóbada seminal.

Quando o camião se imobilizou, as suas mãos ainda tremiam sobre o volante. A respiração mantinha-se alterada.

Fugira imediatamente após o aviso telefónico. E se ela se tivesse atrasado ou demorado mais tempo por alguma razão? Não houvera margem para erros.

No entanto, sobrevivera.

O terror que se apoderara do seu peito transformou-se lentamente numa estranha exaltação. Estava viva. As suas mãos fecharam-se sobre o volante. Um riso abafado de alívio brotou dela. Tentou recompor-se.

De ambos os lados da estrada, surgiram homens envergando fatos de neve camuflados. Um veículo enorme rolou sobre lagartas maciças para bloquear a estrada.

Ela não tinha nada a recear. Não mais. Aquelas eram as suas forças.

Abriu a porta com vigor e dirigiu-se ao seu encontro. A neve começara a cair.

Pesados flocos fluíam no ar. Subiu para a cabina do gigantesco veículo. O

compartimento de trás estava pejado de homens de semblante severo

empunhando armas de assalto.

Lá fora, os outros montaram as motas de neve.

A estrada que conduzia às montanhas podia ter desaparecido, mas ainda tinha trabalho a fazer lá em cima. Haveria certamente quem escapasse com vida do bombardeamento e ela tinha ordens a cumprir.

Nenhum sobrevivente.

13h04

— Consegue detê-la? — indagou o Senador Gorman.

No escritório, os outros reuniam-se em torno de Painter e da ogiva pousada no chão, inclusive Karlsen. Este parecia tão abatido quanto os outros. Não devia ser jogada dele.

Sobretudo, porque se encontrava ali encurralado com eles. Painter não tinha tempo para analisar o significado daquele facto.

Em vez disso, encarou os outros.

— Preciso que alguém vá verificar as condições do túnel superior — disse calma e firmemente. — Se o tecto deu de si. Se há alguma saída. E necessito de um engenheiro de manutenção, imediatamente.

Dois dos homens que acompanhavam Boutha assentiram e saíram a correr, satisfeitos por fugirem para longe da ogiva.

— Consegue desactivá-la? — perguntou Karlsen.

— É nuclear? — prosseguiu Gorman.

— Não — respondeu Painter a ambos. — É uma ogiva termobárica. Pior do que uma arma nuclear.

Mais valia ficarem cientes do perigo. A ogiva era uma espécie de explosivo ar-combustível. O invólucro era composto por um pó de alumínio fluorado com uma carga de detonação PBXN-112 inserida no centro.

— Trata-se do mais moderno destruidor de abrigos subterrâneos — explicou Painter enquanto estudava o dispositivo. Falar ajudava-o a concentrar-se. Apresenta uma explosão bifásica. Primeiro, a detonação projecta uma nuvem maciça de um fino aerossol. O suficiente para encher todo este túnel. Depois, o pó incendeia-se com um agente de combustão, o que cria uma onda de pressão que esmaga tudo o que encontra no seu caminho, consumindo simultaneamente todo o oxigénio. Assim, pode morrer-se de quatro maneiras. Por explosão, esmagado, queimado e sufocado.

Ignorando os estertores à sua volta, Painter centrou-se no detonador. A sua área de especialização não era a das munições, mas a electrónica. Não levou muito tempo a reconhecer o emaranhado de fios: condutor, terra e engodo. Cortar o fio errado, alterar a voltagem, desencadear um choque. . havia mil maneiras de fazer

com que a ogiva lhe explodisse na cara e apenas uma de a deter.

Um código.

Infelizmente, Painter não o conhecia.

Não era como nos filmes. Não havia um especialista que a desarmasse no último segundo, nem um hábil stratagema a implementar, como congelar a ogiva com nitrogénio líquido. Isso era tudo fantasia cinematográfica.

Fitou o relógio.

Em menos de oito minutos, a ogiva explodiria.

O pesado calcar de pés alertou-os do rápido regresso dos dois homens.

— A estrutura não cedeu — arquejou o homem. — Vi um dos soldados a descer. A porta blindada exterior aguentou. Ele abriu-a. Há um muro de gelo lá fora. Estamos soterrados. Tão espesso que nem se consegue ver a luz do dia.

Painter assentiu. A estratégia fazia sentido. A abóbada fora projectada para resistir a um ataque nuclear. Se se quisesse matar todas as pessoas que se encontravam no seu interior, tinha de se lançar lá para dentro uma ogiva como aquela e selar o espaço firmemente. Se a tempestade de fogo não as matasse, a ausência de oxigénio fá-lo-ia.

O que lhe deixava uma segunda opção.

O outro homem surgiu acompanhado de um norueguês alto como um frigorífico. O engenheiro de manutenção. Os seus olhos fitavam a ogiva no chão. Empalideceu. Pelo menos, não era tolo.

Painter levantou-se, desviando a sua atenção da bomba.

— Fala inglês?

— Sim.

— Há alguma outra saída?

Ele abanou a cabeça.

— E aqueles fechos pneumáticos nas câmaras seminais são pressurizados?

— Sim, são mantidos a um nível preciso.

— Consegue elevar a pressurização?

Ele assentiu.

— Terei de o fazer manualmente.

— Escolha um dos bancos seminais e faça-o.

O engenheiro relanceou a sala, acenou afirmativamente e partiu rapidamente.

Definitivamente, o homem não era tolo.

Painter voltou-se para os outros homens — Boutha, Gorman e até mesmo Karlsen.

— Preciso que reúnam toda a gente na abóbada seminal. Agora.

— O que vai fazer? — perguntou o senador.

— Ver a que velocidade consigo correr.

Com as mãos sobre o capacete e nenhuma aptidão para falar norueguês, Monk tinha dificuldade em negociar a libertação de ambos.

Os soldados noruegueses continuavam a apontar as armas aos prisioneiros, mas pelo menos as suas faces não estavam tão firmemente pressionadas pelo cano das espingardas. Creed defendia o caso. Tinha tirado o capacete e falava rapidamente uma combinação de norueguês e inglês, acompanhada de charadas.

Então, uma voz soou ao ouvido de Monk, cheia de interferências, vinda do rádio incorporado no capacete. Grande parte da comunicação perdia-se. «Consegue ouvir..

ajuda. . não há tempo...»

Apesar de ter uma arma apontada à cara, Monk sentiu uma onda de alívio.

Reconheceu a voz. Era Painter. Ele ainda estava vivo!

Monk tentou responder.

— Director Crowe, conseguimos ouvi-lo. Mas entrecortado. Como podemos ajudar?

Não conseguiu obter resposta. O tom da voz de Painter manteve-se inalterado. A transmissão não lhe estava a chegar.

Creed ouvira a exclamação de Monk.

— É o director? Ainda está vivo?

As duas espingardas apontaram para Monk.

— Vivo mas encurralado — respondeu. Ergueu uma mão, esforçando-se por ouvir o rádio. A transmissão permanecia deficiente. Havia muita pedra para transpor, mesmo para um transmissor SQUID.

O soldado ladrou na sua direcção. Creed voltou-se e tentou explicar. Os seus rostos vacilavam entre a fúria e a inquietação.

Enquanto as interferências lhe zumbiam ao ouvido, Monk considerava as opções.

Quanto tempo duraria o oxigénio lá em baixo? Conseguiriam arranjar escavadoras a tempo, especialmente com a estrada bombardeada?

Então, algumas palavras irromperam por entre as interferências. E esmagaram a sua esperança momentânea. As palavras de Painter foram fragmentadas pela interferência, mas não havia equívoco quanto à ameaça. «Aqui em baixo.. uma ogiva. . Vamos tentar.. »

E não conseguiu ouvir mais nada.

Antes que Monk pudesse relatar as más notícias a Creed, um estrondear ecoou pelas montanhas, acompanhado pelo rugido plangente de motas de neve.

Todos se voltaram.

Um grupo de veículos serpenteava vagarosamente pela vertente da montanha, vindo do vale mais abaixo, e dirigia-se para eles.

Monk levou os binóculos aos olhos e focou uma das motas de neve. Eram montadas por dois ocupantes. Enquanto um conduzia, o outro empunhava uma espingarda. Vestiam todos fatos de neve. Totalmente brancos, sem insígnias militares.

Um soldado norueguês, sozinho, tinha já descido até meio caminho. Acenou ao grupo que se aproximava.

Uma espingarda estalou.

Sangue derramou-se sobre a neve branca.

O soldado caiu.

Monk baixou os binóculos.

Alguém viera fazer a limpeza.

13h09

Painter não sabia se a sua transmissão de rádio fora ouvida. Ele inserira o SQUID na ligação de parede e esperara que tudo corresse pelo melhor.

A única coisa que podia fazer era correr.

Empurrava um carrinho de catering à sua frente. Atada em cima com fios elásticos seguia a ogiva. Subia velozmente os cento e cinquenta metros do túnel.

O visor LED devolvia-lhe o seu cintilar.

4h15

Enquanto corria, viu-o descer abaixo da marca dos quatro minutos. Por fim, avistou a porta blindada exterior no cimo da rampa de saída. Tinha sido deixada aberta pelo guarda que espreitara lá para fora. Pedacos de gelo tinham-se espalhado pelo interior, mas diante da porta erguia-se uma parede sólida de glaciário fragmentado.

Disparou rapidamente rampa acima. Queria a carga colocada o mais próximo possível da abertura. Chegando ao topo, Painter lançou o carrinho na direcção da porta, girou sobre os calcanhares e correu no sentido oposto.

Ao menos a partir dali era sempre a descer.

Voou, a arquejar, esforçando-se por estugar a passada.

Se não podia deter a bomba, mais valia usá-la. Não conhecia a espessura do tampão de gelo que se encontrava do outro lado da porta, mas o poder termobárico explosivo da ogiva era único. A detonação inicial poderia ajudar a quebrar parte do

gelo; depois, quando a nuvem de alumínio fluorado se inflamasse, o calor cauterizante vaporizaria e derreteria mais gelo. Mas era na segunda onda explosiva que Painter depositava todas as suas esperanças.

A maior ameaça de uma bomba termobárica era a sua súbita e intensa ruptura na pressão. Quando uma ogiva explodia no interior de cavernas ou edifícios fechados, a onda de pressão projectava-se para o exterior, contornando esquinas e atingindo passagens distantes. Pulverizava e penetrava a carne. Rebentava tímpanos, explodia pulmões, fazia jorrar sangue de todos os orifícios.

Painter esperava que conseguisse igualmente destruir o tampão de gelo, fazê-lo saltar como a rolha de uma garrafa de champanhe.

Mas, evidentemente, sem entretanto os transformar a todos em polpa.

Quando atingiu o fundo do túnel, lançou-se pela passagem inferior. Contornou a esquina e acelerou para o centro do fecho pneumático.

Abriu a porta de rompante, ouviu a pressão estalar e depois fechou a escotilha atrás de si. As válvulas de ar existentes no tecto ressoaram ao aumentar a pressão. Quando Painter atravessou a câmara pneumática, a porta que se encontrava diante de si abriu-se rapidamente.

O Senador Gorman segurava-a, acenando a Painter para dentro da abóbada seminal.

— Depressa!

Painter mergulhou no interior. Gorman fechou a porta com um estrondo metálico.

Uma multidão reunia-se em torno da porta, mantendo-se junta, apesar da dimensão da abóbada. O banco seminal em si era incaracterístico, consistindo apenas numa sala cavernosa repleta de estantes numeradas. Contentores pretos todos idênticos preenchiam as prateleiras, como um entreposto comercial que vendesse um único artigo.

Alguém no grupo contava em voz alta.

— Onze. . dez.. nove. .

Painter por pouco não voltara a tempo. Depois de quebrar o selo do fecho pneumático, rezava para que a pressão conseguisse reconstituir-se a tempo. A melhor hipótese de sobreviver à detonação que se seguiria era combater a pressão com pressão.

Se o fecho pneumático não aguentasse, seriam todos esmagados.

— Oito.. sete. . seis. .

Karlsen abriu caminho para se juntar a Painter. Os seus olhos estavam muito abertos.

— Krista não está aqui — disse, como se Painter soubesse o que isso queria dizer.

Outro alguém disse: — Krista. . Krista Magnussen? A namorada de Jason?
A furia dardejava na voz do Senador Gorman.
Painter separou os dois homens.
— Mais tarde.
Primeiro tinham de sobreviver.
A contagem decrescente prosseguia.
— Cinco.. quatro. . três. .

XXI - 13 de Outubro, 12h32

Ilha de Bardsey, País de Gales

Enquanto Gray se preparava para descer à cripta, o verdadeiro coração da tempestade rolava sobre a Ilha de Bardsey. Era como se os próprios deuses advertissem contra a violação da tumba.

Com o estrondear dos trovões, os céus abriram-se. A chuva caía em grossos pingos que se despedaçavam como bombas sobre pedras tumulares e cruzeiros. A norte, os relâmpagos crepitavam em correntes bifurcadas.

— Eu vou primeiro — disse Gray por entre as descargas ribombantes.

Lyle correria até à capela vizinha para ir buscar uma corda. Mas com a chuva a cair com tal violência, Gray receava que o túmulo se inundasse antes que qualquer um deles pudesse examiná-lo.

A abertura da cripta consistia num buraco no chão com cerca de sessenta centímetros de largura, mal permitindo a passagem de uma pessoa. Tinha mais de dois metros de profundidade e terminava num chão de pedra. No fundo era mais largo e talvez tivesse o dobro da extensão da abertura. Não se conseguia ver mais sem se descer.

Agarrando-se às bordas laterais, Gray baixou-se e entrou dentro do buraco. Usou as pernas para se sustentar e depois deixou-se cair. Aterrou de cócoras e em seguida sacou da sua lanterna.

Olhou para cima e viu os rostos dos outros.

— Tem cuidado — disse Rachel.

— Informe-me do que vir — acrescentou Wallace .

Kowalski e Seichan mantinham-se mais afastados.

Gray ligou a lanterna e perscrutou o poço central. As partes laterais eram constituídas por arcadas naturais de pedra que emolduravam paredes de tijolo, ligeiramente recuadas.

Imaginou caixões e ossos reduzidos a pó por detrás daquelas paredes. E talvez um dos corpos fosse o de Lord Newborough.

À medida que a chuva escorria pelas paredes, Gray aproveitou para examinar

cada superfície. Passou as mãos pelas mesmas, procurando pedras soltas, alguma indicação de que o Padre Giovanni estivera ali e descobrira alguma coisa.

— E então? — perguntou Wallace .

— Nada.

Rachel afastou-se, mas a sua voz chegou-lhe aos ouvidos.

— Lyle vai aí com a corda.

Gray concentrou a sua atenção na quarta parede. Ali, os tijolos emolduravam um arco baixo, pouco mais alto que o meio da coxa. Agachando-se, Gray projectou a sua luz para o interior. O espaço destinava-se claramente a albergar um caixão. Posteriormente, a parede seria tapada como as restantes. Mas agora o nicho estava vazio.

Ele sabia que aquela cavidade devia ser importante. Aquela parede ficava de frente para as ruínas da torre da abadia. Pondo-se de gatas no chão coberto de água, Gray rastejou para dentro do nicho. Era profundo. Para lá da abertura, os tijolos desapareciam e pedra sólida rodeava-o. Gray avançou lentamente até ao fundo da tumba.

Bateu levemente nas paredes laterais e passou as mãos pelas superfícies.

Nada.

Embora frustrado, mantinha-se confiante. O que quer estivesse escondido, tinha de estar por baixo das ruínas de Saint Mary. Mas talvez estivesse errado quanto ao ponto de acesso. Talvez não fosse aquela cripta. O Padre Giovanni podia tê-la investigado por sugestão de Lyle — tal como Gray fizera — e depois prosseguido.

Ouviu chapinhar atrás de si, quando alguém se lhe juntou na cripta.

Retrocedeu e saiu do nicho. Rachel estava ali. O seu cabelo molhado pegava-se-lhe ao rosto. Os seus olhos brilhavam sob a luz da lanterna, cheios de esperança. Não podia falhar.

— Beco sem saída? — perguntou ela.

Ele esboçou um esgar, não apreciando a sua escolha de palavras e sentindo-se insatisfeito devido ao seu insucesso.

— Não vi sinais de que o Padre Giovanni tenha estado aqui em baixo.

— Posso tentar? — sugeriu ela, estendendo a mão para a lanterna.

Como poderia ele recusar?

Entregou-lhe a lanterna. Ela agachou-se sobre uma mão e deslizou para dentro da tumba vazia. O seu corpo flexível permitia-lhe maior maleabilidade naquele espaço exíguo.

A lanterna varria as paredes.

— Alguma coisa? — perguntou ele.

— Não.

Lá de cima, Wallace deu voz à preocupação anterior de Gray.

— Talvez seja o buraco errado.

Rachel desistiu e rodou. Numa demonstração de agilidade, deu a volta completa no nicho e encaminhou-se para a saída — depois imobilizou-se.

— O que foi? — indagou Gray.

— Vem ver.

A lanterna estava apontada na direcção dele. Protegendo os olhos, começou a rastejar em direcção a ela.

— Não — alertou ela. — Desliza para o interior de costas.

Gray obedeceu. Ensopado, voltou-se, apoiou-se nos cotovelos e impeliu-se com a ajuda das pernas para o interior do nicho. De rosto voltado para cima era a posição indicada para jazer dentro de um túmulo.

— O que há aí em baixo? — bradou Wallace .

— Ainda não sei — respondeu Gray, enquanto se introduzia mais profundamente.

— Até ao fim — instou Rachel.

Ele continuou a deslizar. A sua cabeça acabou por ficar entre os joelhos dela. Ela inclinou-se sobre ele com a lanterna. Exalava a lã molhada. Ele estava perfeitamente consciente do seu peito sobre a sua cabeça.

— Vê — disse ela.

Ele estava a ver, mas provavelmente ela queria que ele olhasse para onde a lanterna apontava. Ele teve de se contorcer sobre os cotovelos e olhar na direcção da entrada.

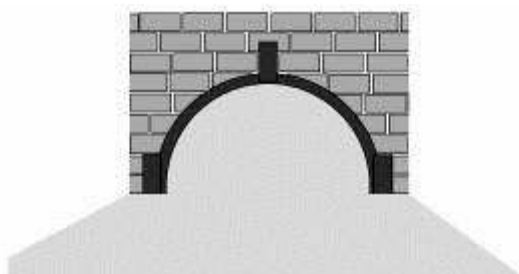
Não viu nada a princípio, apenas a secção final do tijolo que encerrava o nicho de pedra natural.

— Repara: todos os tijolos estão dispostos na horizontal, mas atenta nos três que limitam o bordo da abertura. No topo e em cada um dos lados.

Gray viu então, também.

— Estão dispostos verticalmente.

A abertura descrevia um meio círculo perfeito. Os três tijolos verticais assinalavam as posições do relógio das 12,3 e 9 horas.



— Achas que é importante? — inquiriu Rachel.

Gray achava que sim.

— Assemelha-se a uma meia cruz pagã.

No reflexo da água acumulada, quase podia ver a restante metade do círculo.

Imaginou o símbolo completo, traçando linhas que ligassem as pedras. Formaria a cruz druídica que seguiam desde o início.



— Mas o que significa? — insistiu Rachel.

— Deixa-me tentar fazer uma coisa.

Gray rastejou sobre os cotovelos para fora do nicho, depois voltou-se ao contrário e entrou de barriga para baixo, os pés em primeiro lugar desta vez. Esperava não se estar a ensopar por completo em vão.

Wallace chamou.

— E então?

— Ainda estamos a ver — respondeu Gray, a voz tensa.

Meteu-se debaixo da entrada e examinou os três tijolos. Os dois dos lados pareciam incaracterísticos e solidamente fixos. Esticando-se, agarrou o tijolo de cima. Não parecia diferente, até os seus dedos examinadores roçarem o bordo superior. Havia um ligeiro entalhe, perfeito para agarrar.

Colocou os dedos em posição e puxou.

A pedra rodou para fora. Prendeu por um instante, mas quando lhe deu um novo puxão, um estalido metálico soou atrás de si, seguido de um esmerilar de pedra. Ambos se torceram e espreitaram sobre o ombro. A parede do fundo abriu-se, revelando uma estreita escadaria que conduzia a um nível inferior.

— A entrada — murmurou Rachel, junto ao seu ouvido. — Encontrámo-la.

Foi necessário proceder a algumas manobras para conseguirem recuar até à abertura e ao vão das escadas. Embora estreito, permitia a posição erguida.

Rachel apontou a lanterna para a curta série de degraus de tijolo.

— Aquilo é um túnel, ali ao fundo das escadas?

Gray desceu para investigar, mas quando a sua bota alcançou o quinto degrau, sentiu a escada ceder uns milímetros com o seu peso.

Um novo estalido metálico soou.

O coração parou-lhe, enquanto uma única palavra se cristalizava na sua mente. Armadilha.

Atrás deles, a abertura começou a fechar-se. Rachel soltou um grito e lançou-se para a saída. Mas foi tarde demais. A abertura selou-se com um baque distinto e definitivo.

Ela socou a parede de pedra, mas inutilmente.

Estavam presos.

12h42

Seichan ouviu Rachel gritar. Depois o estrondear de um trovão ensurdeceu todos os que se encontravam acima da cripta.

Quando o eco se dissipou, Wallace debruçou-se sobre o buraco.

— Encontraram alguma coisa aí em baixo?

Não houve resposta.

Seichan notou igualmente que o brilho da lanterna se extinguiu. Algo estava errado.

Reagindo por instinto, cerrou os braços e deixou-se cair suavemente pela exígua abertura.

Aterrou com um chapinhar, suportando o impacto com os joelhos. Os seus dedos já agarravam a lanterna. Lançou o braço na direcção do nicho escuro e ligou a luz. O brilho do feixe abriu caminho até ao fundo da cripta.

Estava vazia.

— O que se passa? — perguntou Wallace lá de cima.

— Desapareceram.

Kowaiski aproximou-se, a destilar água e mau-humor. Lyle fora buscar guarda-chuvas.

— O que é que eu vos disse. . nunca se metam por um buraco com Pierce.

— Pode ser bom sinal — disse Wallace .

Kowaiski voltou-se para ele com um olhar sinistro.

— Podem ter encontrado a entrada secreta — declarou Wallace .

Mas o grito de Rachel não fora uma exclamação feliz de descoberta.

Seichan debruçou-se para dentro da cripta. Gritou com toda a força dos seus pulmões.

— Pierce! Rachel!

Dardejavam relâmpagos e ribombavam trovões, mas Seichan conseguiu ouvir um chamamento débil. Pelo menos ainda estavam vivos. Trepou mais acima.

— Não consigo entender! — gritou.

Um sonoro chapinhar assustou-a. Relanceou sobre o ombro e viu Wallace atrás de si, com uma mão na corda.

— Eu não fazia isso — advertiu Kowalski lá de cima.

— Silêncio! — disparou Seichan.

Esticou a cabeça e escutou. Ouviu a voz de Gray. Fechou os olhos, concentrando-se.

As suas ordens eram entrecortadas. Imaginou-o com as mãos em concha em volta da boca e a gritar.

— Por dentro! Um tijolo vertical! Sobre a entrada! Puxe-o!

Necessitando de ambas as mãos para procurar, desligou a lanterna e torceu completamente o corpo para entrar dentro da cripta. Tacteando às cegas ao longo da entrada, percorreu os tijolos com os dedos e encontrou aquele que condizia com a descrição de Gray. Procurou no topo, descobriu um entalhe onde agarrar e puxou-o com força.

Soou um estalido sonoro.

A parede do fundo do nicho abriu-se. Vislumbrou o rosto desorientado de Rachel.

Gray estava ao seu lado.

— Ficámos presos — disse Gray. — Chame os outros, mas tenham cuidado com o quinto degrau. Sela a porta.

Por detrás de Seichan, Wallace apontou-lhes a lanterna.

— Encontraram o acesso. Fantástico! Simplesmente fantástico!

Após alguns instantes de alteração, todos desceram em segurança as escadas até ao túnel inferior. Uma escura passagem de pedra revelava um declive íngreme.

Kowalski recusou-se a acompanhá-los, gritando de cima.

— Vão vocês. Eu espero pelos guarda-chuvas.

De um dos lados, Rachel disse: — Olhem para isto. — E apontou a lanterna para uma grossa alavanca de bronze no chão, junto à base da escadaria. — Penso que deve servir para destrancar aquela porta secreta.

— Devia ser como o Padre Giovanni entrava e saía — comentou Gray. — De qualquer forma, é melhor mantermos a saída aberta para o caso de ser necessário.

Como precaução, ele colocara um pedaço solto de uma lápide do cemitério a bloquear a abertura. Seichan respeitara a sua decisão. Ela preferia deixar uma porta dos fundos aberta em caso de dificuldade.

Wallace apontou a sua lanterna ao longo do túnel.

— Os monges medievais engendravam frequentemente alçapões e salas ocultas nas suas abadias e mosteiros. Esses lugares estavam peçados de passagens secretas como esta. Era um dos meios de se esquivarem aos saqueadores. Além disso, os túneis ofereciam uma forma de espiar os seus hóspedes. Naqueles tempos difíceis, o

conhecimento era uma defesa tão importante quanto um escudo.

— Então, vamos lá ver o que estes monges escondiam aqui em baixo — proferiu Gray, liderando o grupo.

Os outros seguiram-no. Seichan manteve-se na retaguarda.

A passagem era íngreme, mas não demoraram muito a chegar ao fim. O túnel desembocava num espaço abobadado. Não havia outras saídas.

— Devemos estar precisamente debaixo das ruínas da torre — disse Gray.

Wallace passou uma mão pela parede.

— Não há marcas de cinzel ou de picão. É uma caverna natural.

Mas os olhos do professor mantinham-se focados no meio da câmara. Um sarcófago maciço repousava no centro daquele espaço. Dava pela cintura e parecia talhado num único bloco de pedra.

Atrás da urna, contra a parede oposta, erguia-se uma cruz céltica.



Enquanto os outros se moviam na direcção do sarcófago, Seichan estudava a cruz.

Não era tão ornamentada como as que estavam no cemitério da abadia. Aquela era simples e mais grosseiramente talhada, o que a fazia parecer mais antiga. As únicas decorações que ostentava eram algumas espirais em baixo-relevo e a incisão de pequenos blocos no elemento circular da cruz.

Ignorando a cruz, os outros tinham concentrado a sua atenção na urna de pedra que repousava no chão. As faces laterais estavam despidas e a tampa encontrava-se firmemente assente no seu devido lugar.

— Poderia este ser o local de descanso de Lord Newborough? — perguntou Rachel.

Wallace apoiou uma mão na tampa e percorreu com os dedos a face grosseira

do túmulo.

— É demasiado antigo. Se Newborough está aqui em baixo, provavelmente terá sido sepultado numa daquelas outras criptas seladas. Este é o túmulo de outro indivíduo. Além de que o sarcófago é feito de pedra azulada, idêntica à das pedras erectas neolíticas da região. Deve ter sido extraída de algures no continente e enviada por barco até aqui.

Uma empresa notável. A minha hipótese é que este seja o túmulo de algum daqueles antigos construtores de círculos, possivelmente alguém da realeza.

Rachel perguntou: — Como a rainha fomoriana?

— Sim, a nossa deusa de pele escura — respondeu Wallace, mas subitamente pareceu perturbado.

Franzindo o sobrolho, debruçou-se. Encostou a lanterna à parte lateral do sarcófago e projectou a luz na sua superfície. Os seus dedos percorreram a pedra.

— Parece ter existido aqui algo gravado. Uma decoração, talvez mesmo qualquer coisa escrita. Mas alguém a apagou quase por completo.

O seu olhar carregado acentuou-se ao imaginar tal profanação.

Gray olhou para cima.

— Se isto remonta ao período neolítico, a Igreja pode ter limpo as gravações originais.

— Aye. Isso seria característico deles. Se algo não se encaixava no seu dogma, era frequentemente destruído. Lembrem-se do que se passou com os códices maias, uma vasta fonte de conhecimento antigo. A Igreja considerou-os obra do diabo e foram quase todos queimados.

Seichan reconheceu uma contradição e aproximou-se.

— Então porque não destruíram simplesmente o sarcófago? E porque se deram ao trabalho de apagar o que lá estava gravado?

Wallace respondeu-lhe.

— Tratando-se de uma marca tumular, podiam ter respeitado a inumação. Na altura, a Igreja tinha as suas próprias superstições. Podiam não ter querido perturbar as ossadas.

Gray expressou a sua própria interpretação.

— Ou talvez o que lá estivesse guardado tivesse valor para eles.

— Como a chave do Juízo Final — disse Rachel.

Seichan ignorou o relancear de Rachel na sua direcção. Limitou-se a cruzar os braços.

Gray inclinou-se e examinou a tampa.

— Parece ter sido selado a cera, em tempos. — Afastou as mãos e raspou fragmentos dos seus dedos. — Mas alguém quebrou o selo.

— Deve ter sido o Padre Giovanni — disse Rachel, — Vejam aqui. — Ela

deslocara-se para junto da velha cruz e apontava para as paredes de ambos os lados.

Traçados a carvão, havia notações e cálculos feitos por uma mão moderna e decidida. Parecia que o Padre Giovanni tinha medido todas as dimensões da cruz.

Desenhara igualmente um círculo perfeito à sua volta. Mais linhas entrecruzavam-no num padrão impenetrável. Para Seichan, aquilo tinha um ar vagamente arcano.

O que estaria Marco a fazer ali?

Gray estudou a cruz. Seichan viu que os cálculos prosseguiam por detrás da sua expressão. Se alguém podia encontrar a chave, era aquele homem.

Gray finalmente afastou-se. Seichan supôs que parte da sua mente continuava a trabalhar no mistério da cruz, mas ele apontou para o sarcófago.

— Se Marco quebrou o selo, vejamos o que ele descobriu.

13h03

Foi necessária a ajuda de todos para mover a tampa.

Como conseguira o Padre Giovanni abri-la sozinho? Interrogava-se Gray, enquanto firmava os pés e empurrava. Teria tido ajuda? Ou teria trazido algumas ferramentas?

No entanto, a força bruta provou ser suficiente. Com o raspar de pedra sobre pedra, empurraram a tampa de esguelha, mas mantiveram-na em equilíbrio, por cima.

Gray projectou a luz da sua lanterna para o interior do sarcófago. O espaço côncavo fora escavado no bloco de pedra azulada. Ele esperara ver alguns ossos esboroados, mas embora houvesse espaço para um corpo, o sarcófago estava vazio.

A excepção de um objecto.

Um imponente livro, envolvido em couro espesso, repousava no centro. Tinha trinta centímetros de largo e de espessura e o dobro de comprimento. Parecia perfeitamente preservado. Muito provavelmente, o túmulo mantivera-se intocável desde que fora encerrado e selado a cera.

Gray estendeu as mãos para ele.

— Cuidado — alertou Wallace, sussurrando. — Não o queremos danificar. Devíamos usar luvas.

Gray hesitou, sentindo o peso da idade do texto.

Apesar das suas palavras de cautela, Wallace gesticulou na direcção de Gray impacientemente.

— De que está à espera?

Engolindo em seco, Gray colocou delicadamente dois dedos no bordo do livro.

Certamente, o Padre Giovanni já o abrira pelo menos uma vez. Enquanto Gray levantava a pesada capa, a encadernação, provavelmente tensa e ressequida, resistiu

à abertura.

— Gentilmente agora — instou Wallace .

Gray abriu por completo a capa e apoiou-a contra uma das paredes da arca de pedra. A primeira página estava em branco, mas era suficientemente transparente para deixar entrever as ricas cores da página seguinte.

Wallace chegou-se mais perto.

— Deus do Céu. .

O professor estendeu também as mãos e voltou aquela primeira página.

— É velino — constatou ele, sentindo o papel. Mas os seus olhos cresceram quando revelou o que se encontrava por baixo.

Sob os feixes das lanternas, a tinta da página seguinte cintilou como jóias fundidas.

Carmesins escuros, amarelos dourados e púrpuras tão ricos que pareciam húmidos. As ilustrações eram meticulosas e densas, descrevendo figuras humanas estilizadas emaranhadas em nós e envoltas por intrincada ornamentação em volutas. No centro da primeira página, rodeado e sustentado pela intensidade e força do trabalho artístico, um homem de barba e coroa estava sentado num trono de ouro.

Representava claramente Cristo.

— É um manuscrito iluminado — declarou Rachel, impressionada pela sua beleza.

Wallace voltou mais algumas páginas.

— É uma Bíblia.

O seu dedo pairava sobre as linhas vivas de texto latino que fluíam hermeticamente ao longo das páginas. A caligrafia era ornamentada, com imagens fantásticas entrelaçadas nas letras maiúsculas. As margens eram igualmente decoradas com uma mistura tumultuosa de animais míticos, crianças aladas e infinitos emaranhados de nós.

— A iconografia recorda-me o Livro de Kells — disse Wallace . — Um tesouro da iluminura irlandesa que remonta ao século XVI I. Foi o resultado de décadas de trabalho de monges retirados. E esse livro apenas abrangia os quatro evangelhos do Novo Testamento.

A voz de Wallace tremia.

— Penso que este livro é a Bíblia completa. — Abanou a cabeça. — Se assim for, o seu valor é absolutamente inestimável.

— Nesse caso, porque foi deixado aqui? — questionou Seichan. Até mesmo ela se aproximara para ver o livro.

Wallace apenas conseguiu abanar a cabeça. Passou cuidadosamente mais algumas páginas da Bíblia e uma resposta surgiu.

O voltar de uma página revelou um buraco no centro do livro. O buraco

perfurava as páginas e formava um pequeno receptáculo com sete centímetros de lado e dois de profundidade.

Walace arquejou face à destruição.

Gray aproximou-se mais. O buraco destinava-se claramente a conter alguma coisa, a mantê-la escondida e preservada. Sem se virar, Gray estendeu a mão a Rachel. Ela procurou num bolso no interior do seu casaco.

Todos sabiam o que outrora ali deveria ter estado escondido.

Instantes depois, Rachel colocou o artefacto de couro na palma da mão de Gray. A bolsa parecia feita do mesmo couro que envolvia o livro. Segurou o objecto sobre o receptáculo. Encaixava perfeitamente na cavidade.

— O Padre Giovanni levou o artefacto, mas deixou a Bíblia — disse Gray, visionando o dedo mumificado no interior da bolsa. — Porquê?

Essa única palavra envolvia múltiplas questões.

Walace acrescentou mais uma.

— Porque não falou Marco a ninguém sobre isto?

— Talvez tenha falado — ripostou Seichan friamente. — Para ser perseguido e assassinado, teve de contar a alguém.

— Ela tem razão — anuiu Gray. — Talvez Marco não revelasse tudo o que sabia. .

como a descoberta da Bíblia. . mas contou a alguém o suficiente para ser morto.

— Oh, Céus. . — deixou escapar bruscamente Wallace .

Gray voltou-se para ele.

— Há cerca de dois anos, Marco contactou-me. Precisava de dinheiro para continuar a fazer as suas viagens. Eu disse-lhe que o meu patrocinador, a Viatus, poderia estar disposto a financiar qualquer investigação complementar relacionada com a minha escavação. Dei-lhe o nome do meu contacto. Uma investigadora-chefe. Magnussen era o seu nome.

Seichan retesou-se ao lado de Gray, mas manteve-se em silêncio.

— Mas não tive mais notícias de Marco depois disso. Wallace parecia chocado. — Assumi que não se dera ao trabalho de a contactar. Nunca mais me lembrei disso até agora. Deus do Céu, eu posso tê-lo conduzido directamente aos seus assassinos.

Gray visualizou o cenário na sua mente. Fazia sentido. A Viatus teria contratado Marco, sobretudo se ele se propusesse procurar um potencial agente de combate ao que quer que tivesse matado aquelas múmias. Como poderiam recusar? Mas então algures durante o percurso, Marco descobrira algo que o assustara o suficiente para o fazer correr para Roma, para se encontrar com Vigor Verona e expor tudo o que sabia. Os seus patrões devem ter tido conhecimento do que ele planeava fazer e eliminaram-no.

Wallace mantinha uma mão pressionada contra a boca, ainda em choque. Com a outra mão, colocou as páginas soltas de novo sobre a cavidade aberta na Bíblia, escondendo a violação do livro, como se tal pudesse minorar a sua própria culpa.

Rachel declarou, enquanto Gray lhe devolvia a bolsa: — O Padre Giovanni levou o artefacto, mas a questão crucial é quem o deixou aqui e porquê?

As suas palavras levaram-nos de volta ao coração do mistério. A vida dela dependia da descoberta dessas respostas.

— Talvez possa responder à questão de quem deixou a Bíblia — disse Wallace, respirando fundo para se acalmar.

Gray voltou-se para o homem, surpreendido.

— Quem?

— Provavelmente o proprietário da Bíblia.

Wallace apontou de novo para o livro, para o interior da cobertura de pele. Uma página de velino fora colada aí.

Anteriormente, Gray estivera tão concentrado no conteúdo do livro que não reparara naquela página encoberta pela capa. Examinou-a então. Era densamente ilustrada, como o restante da obra, mas o seu teor centrava-se num nome estilizado, possivelmente o do proprietário do inestimável livro.



Wallace leu o nome tão dramaticamente ilustrado.

— Mael Maedoc Ua Morgair.

O nome não dizia nada a Gray. O seu rosto devia revelar uma total falta de conhecimento.

— Não se pode viver nestas paragens sem se conhecer este nome — explicou Wallace. — Sobretudo na minha profissão.

— Quem é?

— Um dos mais famosos santos irlandeses, logo a seguir a São Patrício. O seu

nome de baptismo era Mael Maedoc; em latim, Malaquias.

— São Malaquias — pronunciou Rachel, claramente reconhecendo o nome.

— Quem foi? — indagou Gray.

— Ele nasceu no mesmo ano em que foi escrito o «Livro do Juízo Final». —

Walace deixou o peso do facto assentar, antes de prosseguir. Começou como abade de Bangor, mas chegou a arcebispo. Passou grande parte da sua vida em peregrinação.

— Portanto é muito provável que tenha vindo para aqui?

Walace assentiu.

— Malaquias era um homem muito interessante, uma espécie de arcebispo rebelde.

Ele preferia viajar, misturando-se com os pagãos e crentes da região, e espalhar a palavra dos evangelhos. Movia-se facilmente entre os dois mundos e acabou por negociar uma paz duradoura entre a Igreja e aqueles que aderiam às tradições antigas.

Gray recordou a convicção anterior de Wallace de que os derradeiros pagãos teriam empreendido uma guerra final contra o cristianismo, possivelmente usando uma arma biológica adquirida aos antigos.

— Acha que parte dessa paz negociada poderia ser o conhecimento da praga e da sua cura, a proverbial chave do «Livro do Juízo Final»?

— A sua marca está definitivamente aqui. — Wallace gesticulou em direcção ao livro.

— E, depois, há também a razão que levou a que Malaquias fosse canonizado, porque foi considerado digno de se tornar santo.

— E qual foi?

— Ora, aí está o busílis da questão — pronunciou Wallace. — Malaquias foi conhecido ao longo de toda a sua vida pelo milagre da cura. Há uma longa litania de curas miraculosas atribuídas a esse santo.

— Tal como a história da ilha de Bardsey — salientou Gray.

— Mas há igualmente uma outra história em torno de Malaquias. Originária da minha própria doce Escócia. Malaquias passou numa ocasião por Annandale e pediu ao senhor da terra que poupasse a vida a um ladrão. O senhor aquiesceu, mas acabou por enforcá-

lo. Indignado, Malaquias amaldiçoou-o.. e não apenas o senhor morreu, como todos os habitantes da sua casa.

Walace relanceou significativamente Gray.

— Cura e maldição — murmurou Gray.

— Parece que Malaquias aprendeu algo com os seus novos amigos druidas, algo que a Igreja decidiu manter aqui em segredo.

Rachel interrompeu.

— Mas não mencionou ainda aquilo por que Malaquias é mais conhecido.

— Ah, quer dizer as profecias — disse Wallace , com um rolar de olhos.

— Que profecias?

Rachel respondeu.

— As profecias dos papas. Diz-se que numa peregrinação a Roma, Malaquias entrou em transe e teve uma visão de todos os papas desde o seu tempo até ao fim do mundo. Submissamente, registou tudo por escrito.

— Um perfeito disparate — contrapôs Wallace . — Diz-se que a Igreja supostamente encontrou o livro de Malaquias nos seus arquivos, uns quatrocentos anos depois de o homem morrer. Muito provavelmente, tratava-se de uma falsificação.

— E outros alegam que se tratava de uma cópia do texto original de Malaquias. Seja como for, as descrições de cada papa revelaram-se com o passar dos séculos estranhamente correctas. Vejam-se os dois últimos papas. Malaquias descreve João Paulo I como De Labore Solis. Ou, traduzindo, «Da Labuta do Sol». Ele nasceu durante um eclipse solar. E o actual papa, Bento XVI, foi descrito como De Gloria Olivae, «A Glória da Oliva». E o símbolo da ordem beneditina é um ramo de oliveira.

Wallace ergueu uma mão em sinal de rejeição.

— Apenas interpretações excessivas de fragmentos crípticos de latim.

Rachel voltou-se para Gray procurando compreensão.

— Mas o mais perturbador de tudo é que o actual papa é o centésimo décimo primeiro na lista de Malaquias. O próximo papa. . Petrus Romanus. . será o último de acordo com a profecia. Ele será o papa em exercício quando o mundo chegar ao fim.

— Então, estamos todos condenados — disse Seichan, expressando o mesmo cepticismo de Wallace .

— Bem, eu seguramente estou — ripostou Rachel, silenciando-a. — A menos que encontremos a maldita chave.

Gray manteve-se calado. Evitou argumentar sobre o assunto. Mas Rachel tinha razão quanto a uma coisa. Eles tinham de encontrar a tal chave. Enquanto se levantava, contemplou o significado de encontrar a Bíblia daquele santo morto num sarcófago pagão. Mas mais do que isso..

— Acha que era o dedo de São Malaquias que estava no interior da Bíblia? — inquiriu Gray.

— Não — respondeu firmemente Wallace . — Este sarcófago é demasiado antigo. Muito mais antigo. A minha suposição é que ele data do tempo de Stonehenge. Alguém foi aqui sepultado, mas não Malaquias.

— Então quem? — indagou Gray.

Walace encolheu os ombros.

— Como eu disse, possivelmente alguém da realeza neolítica. Talvez a rainha pagã de pele escura. Contudo, suspeito que esse dedo seja tudo o que resta de quem quer que tenha sido aqui originalmente sepultado.

— Porque pensa isso?

— E onde está o resto do corpo? — acrescentou Rachel.

— Foi trasladado. Provavelmente pela Igreja. Talvez pelo próprio Malaquias. Mas deixaram aqui o dedo, como era tradição na altura. Era pecado mover um corpo do seu lugar de descanso, a menos que se deixasse uma pequena parte para trás.

— Uma relíquia dessa pessoa — reconheceu Rachel acenando com a cabeça. — Para que pudesse continuar a descansar em paz. O tio Vigor falou-me disso uma vez. Era considerado sacrilégio agir de outra forma.

Gray fitava o sarcófago.

— Malaquias usou a sua própria Bíblia para preservar a relíquia. Deve ter acreditado que quem quer que aqui estivesse sepultado era digno dessa honra.

Gray recordou igualmente a descrição de Marco feita pelo Padre Rye no dia em que regressara da ilha perturbado. O jovem sacerdote passara a noite a rezar por perdão.

Seria por ter subtraído a relíquia, profanando assim um túmulo que fora sacralizado por um santo da sua própria Igreja? E se assim fora, o que o teria impelido a isso? Porque pensaria ser tão importante?

Rachel colocou outra questão importante: — Porque foi o corpo transferido?

Walace propôs uma explicação.

— Talvez para manter em segurança o que quer que aqui estivesse escondido. No tempo de Malaquias, a Inglaterra e a Irlanda eram constantemente atacadas por ondas sucessivas de invasores viquingues. A ilha, sem fortificações, teria sido especialmente vulnerável.

Gray concordou.

— E se era nesta cripta que estava guardada a chave, então esta deve estar de alguma forma ligada ao corpo aqui sepultado. Pelo que, para preservar o conhecimento, corpo e chave tiveram de ser transferidos para um local mais seguro.

— Mas que diabo é essa chave? — inquiriu Seichan. — De que é que estamos verdadeiramente à procura?

Gray olhou para a outra única pista deixada pelo Padre Giovanni. Deslocou-se até à parede e estudou as anotações a carvão feitas junto da cruz. Pousou uma mão sobre a parede. O que tentaria Marco descobrir?

Os outros reuniram-se à sua volta.

Fitou em cima a cruz céltica. Só então se apercebeu de uma coisa.

— A cruz — disse ele, percorrendo-a com os dedos. — É feita do mesmo material que o sarcófago. Parece também ter sido raspada, tal como o túmulo.

Wallace chegou-se mais perto.

— Tem razão.

Gray encarou-o.

— Isto não foi colocado aqui por Malaquias ou por qualquer outro cristão para marcar a sepultura.

— Já se encontrava aqui.

Gray observou a cruz com novos olhos, não a vendo como um símbolo cristão, mas sim pagão. Ofereceria alguma pista quanto ao que seria verdadeiramente a chave? Pelas notações na parede, o Padre Giovanni tentara descortinar alguma coisa.

Precisando de saber mais, Gray apontou a sua lanterna ao pedestal da cruz.

— O conjunto de três espirais na base da cruz. Há algum significado particular associado a elas?



Wallace juntou-se a Gray e Rachel.

— É uma espiral tripla. Mas não são na verdade três espirais. Apenas uma. Veja como as três se unem e se combinam para formar um único padrão sinuoso. Este mesmo padrão triplo pode ser encontrado em antigos menires em toda a Europa. E tal como muitos símbolos pagãos, a Igreja apropriou-se deste também. Para os celtas, representava a vida eterna. Mas para a Igreja, era a representação perfeita da Santíssima Trindade. O

Pai, o Filho e o Espírito Santo. Todos enlaçados. Os três que são um só.

Gray moveu o seu olhar para cima na direcção da espiral única inscrita no meio da cruz, como o eixo de uma roda.



Recordou-se das informações iniciais de Painter sobre o símbolo. De como a cruz pagã e a espiral se encontravam frequentemente combinadas, uma sobrepondo-se à outra.

A cruz era um símbolo da Terra. E a espiral assinalava a jornada da alma, elevando-se deste mundo para o próximo, como um caracol de fumo.

A atenção de Gray desviou-se para as marcas do Padre Giovanni na parede.

Pressentiu algum sentido por detrás das anotações e linhas. Quase podia tocá-lo, mas permanecia desesperadamente fora de alcance.

Aproximando-se, Gray pousou a lanterna e estendeu a mão para a secção circular da cruz. Passou os dedos pelas marcas gravadas.

Como raios numa roda.

Quando a ideia lhe veio à mente, ainda fitava a espiral no centro da cruz.

Comparara-a anteriormente ao eixo de uma roda. Parecia até estar a rodar.

Então percebeu.

Talvez o tivesse pressentido desde o início, mas não tinha conseguido sair do simbolismo cristão. Agora, considerando a cruz sob um novo prisma e pondo de lado todas as ideias preconcebidas, reconheceu o que o assaltava.

— É uma roda — compreendeu.

Estendendo os braços com mais firmeza, agarrou o círculo de pedra e rodou-o no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, na direcção do encaracolar da espiral.

Moveu-se!

Enquanto girava a roda, os olhos desviaram-se para os cálculos traçados na parede.

A cruz escondia uma pista sobre a chave, mas para a revelar era necessário conhecer o código correcto. A roda devia actuar como uma combinação de segredo, protegendo alguma câmara secreta onde estaria escondida a chave.

Pelos cálculos na parede, Marco devia ter estado a trabalhar nessa sequência correcta, tentando descobrir os números da combinação.

Infelizmente, Gray percebeu algo tarde demais.

Só havia oportunidade para uma tentativa.

E aquela estava errada.

Um pesado estrondo abalou o chão debaixo dos seus pés. O pavimento afundou-se subitamente. Agarrou a cruz e prendeu os dedos na barra transversal. Relanceando sobre o ombro, viu a metade posterior do pavimento da câmara elevar-se. Todo o chão se inclinava, afastando-se da única saída.

Os outros gritavam e tentavam segurar-se.

A tampa de pedra deslizou do sarcófago, arrastou-se pelo chão abatido e tombou pela fenda sob os pés de Gray. A sua lanterna já rolara para dentro do fosso. O seu brilho revelava um fundo coberto de espigões de bronze, todos apontados para cima.

A tampa de pedra esmagou-se e despedaçou-se contra eles.

Atrás de Gray, o chão continuava a inclinar-se, na vertical, procurando lançar todos para o fundo.

Walace e Rachel tinham conseguido colocar-se atrás do sarcófago e agarravam-se a este. A urna permanecia no seu lugar, ancorada ao chão. Seichan não conseguiu alcançar o refúgio a tempo. Deslizava em direcção ao fosso.

Rachel esticou um braço e agarrou-lhe a parte de trás do casaco, quando ela começou a escorregar. Conseguiu puxar Seichan de modo que esta se segurasse à borda do sarcófago.

Rachel continuou a agarrá-la. Naquele precário momento, cada uma das mulheres dependia da outra para viver.

A medida que o chão se inclinava completamente na vertical, Seichan ficava suspensa, tal como Gray.

Mas Gray não tinha ninguém a segurá-lo.

Os dedos escorregaram-lhe e ele mergulhou na direcção dos espigões.

XXII - 13 de Outubro, 13h13

Svalbard, Noruega

A ogiva detonou na hora programada.

Mesmo abrigado atrás de duas portas de aço e muros de pedra, Painter sentiu a explosão como se um gigante lhe colocasse as mãos sobre os ouvidos, tentando esmagar-lhe o crânio. E, contudo, ouviu os fechos pneumáticos das duas outras câmaras seminais explodir. Pela violência do abalo, o mesmo gigante batera com os pés e esmagara as duas outras abóbadas.

Agachado junto ao fecho pneumático, Painter ouviu a porta exterior ceder e embater na porta interior com um baque ressonante. Mas a última porta aguentou. O aumento da pressão no fecho pneumático fora suficiente para conter a súbita onda de detonação.

Painter tocou na porta de aço com alívio. A sua superfície estava quente,

aquecida pela segunda explosão da bomba termobárica.

As luzes também tinham apagado devido à explosão. Mas o grupo preparara-se para isso. Tinham sido distribuídas lanternas, que iluminavam a câmara como velas no escuro.

— Conseguimos — disse o Senador Gorman a seu lado.

A sua voz soava ténue aos ouvidos afectados de Painter. Os outros começaram a levantar-se do chão. Exclamações de alívio, mesmo alguns risos nervosos, espalharam-se por entre os convidados e funcionários reunidos.

Painter detestava ser o portador de más notícias, mas não tinham tempo para falsas esperanças.

Levantou-se e ergueu o braço.

— Silêncio! — bradou e captou a atenção de todos. — Ainda não saímos daqui! Ainda não sabemos se a explosão foi suficiente para romper a parede de gelo que nos prende aqui em baixo. Se ainda estivermos encurralados, as equipas de salvamento poderão demorar dias.

Painter gesticulou na direcção do engenheiro de manutenção da abóbada para obter uma confirmação. Ele vivia ali. Conhecia o terreno e os recursos do arquipélago.

— Podem demorar mais de uma semana — confirmou ele. — E isso se a estrada ainda estiver aberta.

O que era de duvidar, considerando a detonação de mísseis que Painter escutara.

Mas manteve-os na ignorância. As notícias já eram suficientemente más. E ainda tinha mais para dizer.

Painter apontou para a porta.

— O fogo deverá ter consumido grande parte do oxigénio disponível e tornado o ar tóxico no exterior. Mesmo que a saída tenha sido aberta, estes níveis inferiores continuarão repletos de ar viciado. Encontramo-nos no único lugar seguro que existe aqui em baixo. Mas esta segurança durará apenas dois, talvez três dias.

O engenheiro pareceu querer encurtar a projecção, mas Painter deteve-o pousando a sua mão sobre o braço dele. Painter evitou igualmente revelar ao grupo a verdadeira razão para a sua pressa.

Quem quer que tivesse atacado poderia voltar.

A multidão remetera-se ao mais completo silêncio, à medida que as graves informações eram veiculadas.

Finalmente, Karlsen falou, da ponta mais afastada do grupo. Este era formado na sua grande maioria pelos seus convidados.

— O que fazemos, então?

— Alguém tem de ir lá fora. Verificar a porta. Se estiver aberta, terá de correr

um longo percurso por entre um caldo tóxico. Alguém precisa de sair daqui e trazer ajuda.

Os restantes permanecerão aqui dentro, onde é seguro, por enquanto.

— Quem irá lá fora? — perguntou o Senador Gorman.

Painter ergueu a mão.

— Eu.

Karlsen avançou.

— Não irá sozinho. Eu vou consigo. Necessitará de um par de mãos extra.

Tinha razão. Painter não sabia o que poderia encontrar. Podia haver um desmoronamento parcial, um emaranhado de equipamento destruído. Podia ser necessária mais do que uma pessoa para remover um obstáculo. Mas fitava Karlsen com cepticismo.

Já não era nenhum jovem.

Karlsen leu a dúvida no seu rosto.

— Fiz meia maratona há dois meses atrás. Corro diariamente. Não o vou atrasar.

O senador juntou-se-lhe.

— Nesse caso, irei também.

Claramente, Gorman não ia deixar o assassino do seu filho fora do alcance da vista.

E para dizer a verdade, Painter também não o queria. Tinha uma quantidade de questões a colocar ao homem, questões que podiam ser vitais para impedir um desastre ecológico.

Contudo, preferia que ambos permanecessem ali.

Mas Karlsen apresentou um argumento que Painter não podia contrariar. Gesticulou em direcção à porta.

— A questão não está sujeita a debate. Quer queira quer não, não pode impedir-me de o seguir. Eu vou.

Gorman colocava-se ao lado do homem quanto àquele ponto.

— Vamos os dois.

Painter não tinha tempo para discutir. Não tinha autoridade para algemar Karlsen a uma das estantes. Na verdade, Karlsen dispunha ali de mais apoiantes do que Painter.

— Vamos então.

Painter pegou numa das lanternas. Usou um cantil para humedecer alguns lenços e envolver a parte inferior do rosto, tapando a boca e o nariz.

— Tentem conter a respiração o mais possível.

Eles assentiram.

O engenheiro arranjara igualmente alguns pares de óculos para os proteger do

ardor provocado pelo ar aquecido e pelo fumo.

Estavam tão preparados quanto era possível.

Uma vez prontos, Painter posicionou-se junto à porta. Deixou o engenheiro de manutenção no comando. Se falhassem, o homem dispunha de conhecimento para manter os outros em segurança durante o máximo de tempo possível.

— Quando eu abrir a porta, a pressão estará mais elevada aqui dentro do que lá fora. Por isso feche-a assim que partirmos e não a abra a menos que o solicitemos. Se o caminho estiver bloqueado, regressaremos de imediato. Se não, reze pelo melhor.

— Não parei de rezar desde que vi aquela bomba — afirmou o engenheiro com um ténue sorriso.

Painter pousou-lhe a mão no ombro e voltou-se para Gorman e Karlsen.

— Prontos? — perguntou.

Obteve dois acenos.

Painter virou-se para o engenheiro.

— Abra-a.

Depois para os seus dois companheiros.

— Inspirem fundo.

A porta abriu-se com um perturbante sibilar de ar fugidio e foram envolvidos por uma onda de calor incrível. Painter lançou-se através dela para o interior do túnel obscuro. Foi como mergulhar numa sauna. Mas aquele vapor queimava a pele não só devido ao simples calor. Painter sentiu o odor a químicos. O ar ali fora era de pior qualidade do que imaginara.

Ouviu os outros homens a calcar pesadamente o chão atrás de si.

Uma vez contornada a passagem do banco seminal e chegados ao túnel principal, Painter desligou a lanterna. Conteve a respiração, literal e figurativamente.

Teria a entrada sido aberta?

Fitou o túnel escuro como breu. Não viu sinal de luz. O túnel fora construído em linha recta. Se o caminho estivesse aberto, mesmo a mais ténue luz sobressairia como um farol.

Os seus pés começaram a abrandar.

Não funcionara. Ainda estavam encurralados naquele poço envenenado.

Mas após mais algumas passadas dadas às cegas, os seus olhos ajustaram-se mais plenamente à escuridão, à medida que se esvanecia o ofuscar da luz da lanterna. Não era muito intenso, mas lá longe, no túnel, um brilho débil cintilava no negrume fumacento.

Deixou escapar um pequeno suspiro de alívio, permitindo que o ar precioso lhe fugisse dos pulmões.

Enquanto a esperança se acendia dentro de si, ligou a lanterna e correu mais

rápido.

Não sabia se Gorman ou Karlsen tinham visto o brilho promissor, mas eles conheciam o plano. Se não houvesse sinal de luz, deveriam regressar. Uma vez que Painter prosseguia, sabiam o que isso significava.

Todos corriam mais rapidamente, atravessando a área do catering arruinada. As mesas tinham sido derrubadas e empurradas para o fim do túnel. Todo o plástico derreteria. A linha de esculturas de gelo vaporizara-se. Tudo o que era combustível incendiara-se, mas o esgotamento do oxigénio levado a cabo pela carga termobárica extinguiu os fogos com a mesma rapidez.

O fumo residual ainda pairava imóvel no ar, mas à medida que se afastavam tornava-se menos denso. Um fino pó escuro cobria tudo em redor, um efeito secundário da explosão do alumínio fluorado.

Continuaram a correr.

Painter foi forçado a inspirar. Pressionou o lenço húmido contra o nariz e sugou uma golfada de ar. Cheirava a borracha queimada e picava como ácido. Não sabia quanto oxigénio ainda existia no ar, mas continuou a coner. Quanto mais alto chegasse, mais limpo estaria o ar, sobretudo com o tampão de gelo quebrado.

Chegou a meio do caminho; só faltava percorrer mais outros setenta e cinco metros.

Conseguia agora ver um brilho ténue, mesmo com a lanterna ligada. Isso fê-lo avançar.

Mas quantas mais vezes era forçado a respirar, mais o túnel vacilava, tremeluzindo diante dos seus olhos lacrimejantes. Os pulmões ardiam-lhe. A pele picava por todo o lado.

Contudo, não abrandou.

Relanceou atrás de si e viu os outros dois homens a perder velocidade. O Senador Gorman parecia pior, avançando aos tropeções. Karlsen agarrava-lhe o cotovelo e mantinha-o equilibrado, impelindo o senador para diante.

Painter abrandou para os ajudar. Precisava dos dois homens vivos.

Mas Karlsen agitou-lhe um braço furiosamente, a sua intenção era clara.

Continue.

Painter compreendeu que ele tinha razão. Tinha de sair daquele caldo tóxico, clarear a mente. Se necessário, voltaria para os ajudar. Sem outra escolha, acelerou em direcção ao brilho e à promessa de ar fresco.

Finalmente, a porta surgiu, banhada por um brilho azulado. Alguns pontos mais intensos feriram os olhos de Painter. Mas enquanto corria, o seu coração teve um baque.

Não pode ser..

A porta ainda estava bloqueada.

O brilho provinha apenas da luz do dia difundida através do gelo. A detonação não os conseguira libertar. Mas Painter continuou a correr para a saída. Não havia outro sítio para onde ir. Enquanto se aproximava, percebeu que alguns dos pontos mais brilhantes correspondiam a fendas na barreira.

A esperança ressurgiu e foi suficiente para o impelir em direcção à porta. Aproximou-se de uma das fendas, pressionou o rosto contra a mesma e sugou o ar. Era deliciosamente fresco. Inspirou repetidas vezes. A cabeça tornou-se rapidamente mais clarividente e a nebulosidade começou a fragmentar-se.

Virou-se e viu Karlsen e Gorman a cerca de quinze metros de distância. Karlsen carregava agora praticamente o senador. Painter afastou-se da parede de gelo e apressou-se a voltar. Apoiou Gorman do outro lado.

Juntos, coxearam o resto do caminho até à porta. Painter fez com que os dois homens respirassem através de fendas na parede e depois encontrou um terceiro ponto mais elevado. Enquanto sugava o ar, percebeu que a parede de gelo não estava coberta de fuligem escura. Aquilo era gelo recente. A detonação devia ter desimpedido a entrada, mas uma avalanche secundária lançara-se de novo sobre ela, encurralando-os.

Mas aquele gelo recente não deveria ser tão espesso.

Painter espreitou pela fenda. Consequia ver o exterior.

Junto do topo da porta, a barreira tinha menos de sessenta centímetros de espessura e era composta por um aglomerado de blocos. Eram grandes, mas, com tempo, conseguiriam transpô-los.

No entanto, Painter pressentia que não tinham muito tempo. Não se sabia quando uma nova avalanche poderia arrojarse lá de cima e deixá-los ainda mais encurralados.

Como que ouvindo esse pensamento, Painter sentiu um troar.

O gelo estremeceu sob a sua face.

Oh, não..

13h20

Do outro lado do vale, Monk testemunhara a explosão. O som assemelhara-se a um trovão dentro da sua cabeça. Atordoados, ensurdecidos, caiu de traseiro na neve.

Creed e os dois noruegueses não se comportaram melhor.

Uma impressionante erupção de gelo e chamas explodira na abóbada seminal sepultada. Um negrume untuoso turvara o céu.

Como que ofendidas, as nuvens tempestuosas abriram-se subitamente. A neve caiu com intensidade. Num segundo não nevava, no segundo seguinte pesados flocos arrastados pelo vento preenchiam o ar. E a visibilidade foi reduzida a zero em

questão de meio minuto. Mas antes de a cortina baixar, Monk viu que a explosão expusera o abrigo de cimento, pelo menos por uns segundos. Instantes depois, uma segunda avalanche deslizou e tombou sobre a entrada.

Estaria ainda alguém vivo lá dentro?

Uma série de disparos ecoaram vindos da base da montanha. Monk já não conseguia ver a força de mercenários que avançava e que continuava a fazer a limpeza.

Se alguém sobrevivera à explosão subterrânea, não viveria muito mais tempo.

Monk só tinha uma escolha.

Foi necessária a intervenção de Creed, mas por fim convenceu os noruegueses.

13h21

A medida que o troar se avolumava e o gelo vibrava, Painter rezou para que a avalanche fosse pequena. Mas o estrondear aumentava.

Então, do manto de neve e vento, surgiu velozmente um Sno-Cat, vindo de baixo. Não abrandou e acelerou na sua direcção.

— Recuem! — bradou Painter.

Puxou Gorman para trás, depois agarrou Karlsen pelo capuz do seu casaco e lançou-os a ambos para longe da parede de gelo.

Mesmo a tempo.

O pesado veículo embateu na entrada bloqueada. As lagartas dianteiras treparam a parede de gelo. O pára-choques perfurou a metade superior da entrada. Blocos de gelo despedaçaram-se e deslizaram pelo túnel.

O Sno-Cat retrocedeu, provavelmente preparando-se para uma segunda investida.

Painter precipitou-se para diante. O pára-choques abriu uma fenda com tamanho suficiente para que Painter deslizasse por ela. Mergulhando na abertura denteada, abriu caminho com a ajuda dos dedos e dos cotovelos.

O Sno-Cat imobilizou-se subitamente.

A porta do passageiro abriu-se. Uma figura familiar debruçou-se para o exterior.

— Director Crowe? — perguntou Monk, o rosto marcado de alívio.

— Monk.. que agradável visão para estes olhos doridos. — E os olhos de Painter estavam doridos. . injectados de sangue e inflamados.

— Tenho frequentemente esse efeito — replicou Monk. — Mas é melhor irmos andando.

Painter voltou-se. Karlsen arrastava-se com esforço para fora do buraco, seguido do senador.

— Há mais pessoas encurraladas lá em baixo.
— E é aí que se devem manter. — Monk saltou para fora do veículo, enfiou os braços no seu interior e sacou de um punhado de espingardas. — Conseguem atirar? — perguntou aos outros dois homens.
Tanto Gorman como Karlsen acenaram afirmativamente.
— Ótimo, porque precisamos da máxima potência de fogo que estiver ao nosso alcance.
— Porquê? — indagou Painter.
Antes que Monk pudesse responder, o distante roncar de um motor pesado ecoou por entre a tempestade.
— Temos companhia.
Painter reuniu-se a Monk junto do Sno-Cat e pegou numa espingarda. Notou que no veículo estava apenas um homem, um soldado norueguês. Procurou em volta.
— Onde está Creed? — perguntou Painter.
— Deixei-o com o parceiro deste soldado nas nossas motas de neve. Foram pedir ajuda.
Painter esperou que conseguissem voltar a tempo com a cavalaria. Avaliou o grupo encarregue da defesa do forte.
Um veículo e quatro homens.
Os mexicanos, no forte de Los Alamos⁷, tiveram melhores probabilidades. . e veja-se o resultado.

7 Episódio do conflito entre os Estados Unidos da América e o México pela posse do território do Texas, que terminou com a derrota das tropas mexicanas, apesar do seu número muito superior de efectivos. (N. da T.)

XXIII - 13 de Outubro, 13h32

Ilha de Bardsey, País de Gales

Rachel quase deixou cair Seichan, quando viu Gray tombar do seu ponto de apoio.

Ele deslizou pela face da cruz e segurou-se no baixo-relevo da tripla espiral que decorava a base da cruz.

Debateu-se por um instante, depois laçou os dedos sobre o topo do símbolo saliente.

Suportaria o seu peso ou soltar-se-ia?

A mesma inquietação deve ter perpassado pela mente dele. Impediu o corpo de se mexer demasiado. As suas botas pendiam sobre uma queda de seis metros em

direcção ao um poço repleto de espigões.

Mas Gray não era o único que estava em perigo.

Rachel deslizou pelo lado soerguido do sarcófago.

— Agarre-me as pernas! — gritou para Wallace , que se encontrava atrás de si.

O professor partilhava o seu ponto de apoio sobre a uma de pedra. Segurava-se com a mesma precariedade. Agarrou-lhe os tornozelos e ajudou-a a estabilizar-se.

Aquele gesto proporcionou a Rachel alguma segurança, mas não muita.

Ela pendia da parte lateral do sarcófago. Segurava o casaco de Seichan. mulher que a envenenara estava unicamente suspensa pelos dedos ao bordo da urna.

Nenhum deles se aguentaria muito mais tempo.

Um ligeiro abalo percorreu a câmara. O dispositivo era antigo. O seu accionamento devia ter perturbado o frágil equilíbrio que se estabelecera ao longo dos séculos. Ela viu as minas da torre no exterior. Poderiam sucumbir sobre eles.

Um outro abalo ressoou pelo chão inclinado. A Bíblia de Malaquias tombou para fora do sarcófago. Caiu no poço e foi atravessada de lado a lado, ficando empalada num dos espigões.

Wallace resmoneou perante a perda, mas tinham preocupações mais imediatas em que se concentrar.

Sacudida pelo tremor, Seichan perdeu o apoio. Deslizou sem emitir qualquer som, como se o esperasse, como se o merecesse. Uma das mãos de Rachel perdeu o apoio, mas o outro punho permaneceu torcido em volta do casaco de Seichan.

Impediu o mergulho da mulher com um sacão do ombro. Mas o peso arrastou-a sobre o bordo do sarcófago. Apenas o aperto firme de Wallace em torno dos seus tornozelos impediu ambas de dar um mergulho fatal.

A parte superior do corpo de Rachel pendia de cabeça para baixo e as suas coxas e pernas mantinham-se em cima da urna, seguras por Wallace . Era difícil respirar. Seichan balouçava mais abaixo, suspensa pelo casaco. O único sinal de medo visível era a força com que cerrava o seu casaco em torno do pescoço com ambas as mãos.

Rachel queria largá-la, mas a mulher era a sua única esperança de vida.

O chão abanou de novo. Um pedaço do tecto da caverna desprendeu-se. Uma grande laje tombou e despedaçou-se contra os espigões.

Ela fechou os olhos e rezou por um meio de salvação.

A resposta angelical chegou-lhe da mais improvável das fontes.

— Que porra!

O desabafo veio do outro lado do chão inclinado, onde o túnel conduzia à cripta de Lord Newborough.

Era Kowaiski. Ele devia ter descido por impaciência ou por ter ouvido a armadilha a ser accionada.

— Socorro! — gritou Rachel, mas com o peito esticado e o ventre espremido, saiu-lhe apenas um guincho.

— Ei! — chamou Kowaiski. Claramente não a ouvira.

Gray berrou do seu apoio suspenso.

— Kowaiski!

— Pierce? Onde estão vocês? Só vejo um poço e uma parede nua. Como é que passaram para o outro lado?

Kowaiski encontrava-se numa posição mais elevada no túnel e apenas conseguia ver a parte de baixo do chão falso — e o poço.

Gray bradou de novo.

— Volte atrás e puxe a tranca!

— Puxo a minha quê? — retorquiu, parecendo ofendido.

— A alavanca! No início do túnel!

— Ah, OK! Aguentem-se!

Rachel fitou em baixo Seichan e do outro lado Gray. Aguentem-se. Era tudo o que podiam fazer.

— Depressa! — berrou Gray. Começara a deslizar de novo.

A voz de Kowaiski chegou-lhes mais sumida.

— Pare de me atazanar!

Rachel segurava-se com todas as forças que tinha. Fechou os olhos e viu a barra saliente do chão. Ela já reparara nela antes. Fazia sentido que houvesse um dispositivo de reposição da armadilha. Embora o mecanismo pudesse matar quaisquer saqueadores que ali viessem parar, os criadores do estratagema teriam necessitado de uma forma de o inverter. De outro modo ficariam igualmente separados da chave. Devia existir algum dispositivo no exterior da câmara.

Mas seria a alavanca?

Rezou para que a intuição de Gray estivesse certa.

Teve a sua resposta um instante depois.

Todo o chão vibrou subitamente. Um extenso ranger de engrenagens percorreu todo o espaço. O chão principiou de novo a inclinar-se — mas no sentido errado. Começou a rodar de cabeça para baixo. Rachel nem se atreveu a gritar, quando o seu corpo começou a escorregar pela pedra. Iam virar.

Então, algo prendeu. O chão estacou com um violento solavanco. Com um ranger mais áspero de engrenagens, o chão inverteu-se lentamente. Voltou a rodar na posição correcta.

Rachel agarrou-se com força, os lábios movendo-se enquanto rezava o pai-nosso.

Viu a extremidade do pavimento erguer-se sob os pés de Gray e empurrá-lo para cima. Ela rolou da parte lateral do sarcófago para o chão em nivelamento.

Todos jaziam estendidos no chão, a respirar pesadamente. Até Gray se deixou cair de costas ao lado da cruz.

Kowaiski regressou com uma lanterna.

— Se já acabaram de brincar aqui em baixo..

Rachel lançou-lhe um olhar irado.

— Vim comunicar-vos que a tempestade está a ficar feroz. Lyle diz que é melhor pormo-nos a andar, se quisermos sair desta maldita ilha.

Antes que alguém pudesse mover-se ou responder, uma outra secção do tecto despedaçou-se, atingindo o chão como uma bomba. Água e uma torrente de tijolos seguiram-se. A torre estava a ruir sobre eles.

— Lá para fora! — bradou Gray.

Todos se puseram de pé num salto e correram para a saída. Um baque sonante abalou todo o pavimento. Começou a vacilar, a oscilar como se algo se quebrassem no antigo mecanismo.

Em desequilíbrio, Rachel cambaleou para o lado, mas Gray apanhou-a pela cintura e apressou-a em direcção ao túnel. Todos se precipitaram para o interior deste, enquanto mais zonas da caverna implodiam.

Um último relancear para trás permitiu-lhe ver o chão todo inclinado, enquanto uma cascata de tijolos e chuva inundava a câmara. Depois, ela já estava demasiado longe no interior do túnel para conseguir ver mais. Instantes mais tarde, um estrondo brutal veio ao seu encontro. Uma torrente de pó rolou túnel acima e sobre eles.

Tossindo, alcançaram a saída e subiram, um após o outro, de volta à tempestade. Lá no cimo, um aturdido Lyle ofereceu-lhes guarda-chuvas.

Rachel aceitou um, mas manteve o rosto erguido para o céu. Deixou a chuva derramar-se sobre si.

Conseguimos, pensou Rachel.

13h42

Gray fitou os destroços da torre da abadia. Não passava agora de uma pilha caótica de cascalho, meio afundada no chão. A água já se começara a acumular em redor.

A caverna seguramente desaparecera.

Um roncar irrompeu atrás de Lyle, quando este ligou o tractor. A tempestade gemia — os ventos tinham-se enfurecido enquanto haviam estado lá em baixo. A chuva caía violentamente do céu, por vezes varrendo na horizontal, à medida que os ventos sopravam do mar da Irlanda e arrasavam a ilha. Até o relampejar diminuía, como que intimidado pela intensidade crescente do temporal.

Subiram para o atrelado para iniciarem a viagem de regresso pelo monte até ao

porto. Lyle arqueou-se no seu assento e engrenou o tractor. O atrelado balançou quando se pôs em movimento.

Todos se agacharam, tentando abrigar-se do vento e da chuva.

Walace contemplou as ruínas tombadas da Abadia de Saint Mary.

— Primeira regra da arqueologia — disse ele, olhando Gray de viés. — Não mexer em nada.

Gray não censurou o professor por o ter repreendido. Ele agira sem pesar devidamente os riscos. Ficara muito abalado ao descobrir que a cruz datava de uma época anterior ao cristianismo e que a roda de facto girava. Agiu antes de pensar. Ao contrário do Padre Giovanni. A julgar pelos cálculos do sacerdote, ele perseguira o quebra-cabeças de uma forma sistemática e ponderada.

Mas, por outro lado, o sacerdote recebera formação em arqueologia. E o Padre Giovanni não tinha a vida de uma mulher suspensa no ar.

O grupo contava apenas com mais dois dias para resolver o mistério. Gray não iria pedir desculpa por a investigação se ter tornado perigosa e difícil, por correr riscos, por pôr de parte a prudência para obter resultados.

Contudo, ao visualizar as meticulosas anotações e cálculos produzidos pelo Padre Giovanni, ele sabia que alguma coisa ainda lhe escapava. Quanto mais se esforçava por o descobrir, mais lhe fugia.

Walace abanou a cabeça.

— Pense só no que poderíamos ter aprendido se tivéssemos tido mais tempo para analisar aquela cruz..

Gray percebeu a acusação implícita nas suas palavras. A habitual jovialidade do homem esgotara-se devido à exaustão, ao terror e a uma parte considerável de desapontamento. Por causa de um erro, ele destruíra um inestimável tesouro iluminado e perdera o acesso ao que quer que a cruz mantivesse escondido.

— E se a chave ainda se encontrar lá em baixo? — inquiriu Wallace contundentemente.

Gray já tinha tido a sua conta.

— Você não acredita nisso. Nem eu. — As palavras brotaram-lhe mais rispidamente do que tencionava, mas também estava cansado.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou Wallace .

— Porque o Padre Giovanni partiu. Ele continuou a sua busca. Penso que ele resolveu o enigma da cruz, encontrou uma câmara vazia que em tempos albergara a chave e depois prosseguiu, levando consigo o único objecto de que necessitava para dar continuidade à sua busca.

— A relíquia do sarcófago — disse Rachel.

Gray fitou por entre a tempestade.

— A chave ainda está algures por aí. Penso que a cruz ofereceu ao Padre

Giovanni essa pista. Por essa razão, ele continuou, tal como nós temos de continuar.

— Mas onde? — indagou Wallace . — Por onde devemos começar? Regressámos ao ponto de partida.

— Não, não regressámos — ripostou Gray.

— Como pode afirmar uma coisa dessas?

Ele ignorou a questão do professor e voltou-se para Rachel.

— Como é que sabias tanto sobre São Malaquias?

Ela remexeu-se no estrado, claramente apanhada de surpresa.

— Foi o Tio Vigor. As profecias intrigavam-no. Ele era capaz de falar horas a fio sobre São Malaquias.

Gray já suspeitara disso. Monsenhor Verona fora sempre um apaixonado pelos mistérios da Igreja primordial, procurando as verdades subjacentes aos milagres. Uma figura como Malaquias teria cativado a sua atenção e imaginação.

— Foi por essa razão que o Padre Giovanni procurou o teu tio — afirmou Gray. — Ele sabia que a chave para resolver este mistério residia na vida desse santo. Assim, Giovanni dirigiu-se à melhor fonte que conhecia.

— Vigor Verona. — Wallace endireitou-se, ignorando a chuva e o vento.

— Talvez Marco soubesse do estratagema da Viatus ou talvez tivesse apenas uma suspeita. Mas pressinto que quanto mais ele remexia neste assunto das maldições e dos milagres, mais considerava que este o ultrapassava. E que necessitava do conhecimento especializado e da protecção da Igreja.

Seichan acrescentou o seu próprio ponto de vista frio, do fundo do atrelado.

— Mas procurou-os tarde demais. Alguém já sabia do seu plano.

Gray assentiu.

— Se quisermos descobrir onde a chave do Juízo Final está escondida, vamos necessitar de um especialista em São Malaquias.

— Mas Verona ainda está em coma — lembrou Wallace .

— Não importa. Temos alguém que possui o mesmo conhecimento. — Voltou-se para Rachel.

— Eu?

— Vais ter de nos ajudar a partir daqui.

— Como?

— Eu sei onde a chave está escondida.

Wallace fixou-o intensamente.

— O quê?.. Onde?

— A Bíblia de Malaquias foi deixada naquele sarcófago por uma razão. Mais do que meramente para santificar uma relíquia. Foi deixada ali como uma referência, uma pista que conduz ao novo local de descanso da chave. Antes da chegada dos Romanos, a chave e a sepultura desta figura real antiga eram permanentemente

mantidas juntas.

Estavam interligadas. E dentro do sarcófago, descobrimos a Bíblia de Malaquias ligada a uma relíquia dessa figura antiga, ligando-a a ele.

— O que quer dizer então? — pressionou Wallace .

— Penso que São Malaquias tomou o lugar dessa figura antiga. Que ele se tornou o guardião proverbial da chave.

Os olhos de Wallace dilataram-se.

— Se estiver certo, a chave. .

— Está na tumba de São Malaquias.

Kowaiski resmungou e vasculhou uma unha com um pedaço de palha.

— É claro que está. Mas digo-vos claramente que eu não entrarei lá.

Antes que pudessem continuar a discutir aquele assunto, o atrelado estacou com um solavanco. Gray ficou surpreso ao ver que já tinham chegado ao porto.

Lyle saltou do tractor e fez-lhes sinal para que descessem.

— Podem abrigar-se na velha casa do porto. Pelo menos para não ficarem à chuva.

Vou chamar o meu pai.

Enquanto Gray caminhava rapidamente em direcção à casa de pedra, fitou o mar. As águas rolavam com cristas de espuma branca. Mais perto, o ferry balouçava e oscilava devido à sua inclinação, mesmo resguardado pelo molhe do porto. Ia ser uma viagem infernal de volta ao continente.

Mas, por enquanto, as janelas da casa do porto brilhavam e tremulavam com a promessa de um fogo crepitante. Apinharam-se no interior, deixando a tempestade lá fora.

A sala estava apainelada a pinho tosco, com pesadas vigas expostas. O soalho rangia debaixo dos seus pés. O seu interior cheirava a fiimo de lenha e a tabaco de cachimbo.

Velas iluminavam as escassas mesas existentes. Mas foi o fogo que os cativou. Pousaram de bom grado os casacos sobre as cadeiras.

Gray voltou as costas ao fogo, apreciando o calor que o invadia desde os pés até à cabeça. A dança acolhedora e radiante das chamas ajudou a repelir o desespero que se começara a instalar entre eles.

Mas agora tinham um curso de acção a seguir.

Um lugar onde procurar.

A porta abriu-se de rompante, quando o vento arrancou o puxador dos dedos de Owen Bryce. Agarrou-o de novo e forçou a porta a fechar-se. Ensopado, calcou pesadamente o chão e sacudi a chuva.

— Está um frio cortante lá fora, essa é que é essa — disse o marinheiro com um largo sorriso para atenuar a situação. — E receio ter boas e más notícias para

vos dar.

Um preâmbulo daquele género nunca pressagiava nada de bom.

Gray afastou-se do fogo.

— O problema é que não poderemos fazer a travessia hoje. A tempestade pôs o mar num estado traiçoeiro. Se não o sabem, o nome galês da ilha é Ynys Enlli, que significa «ilha das más correntes». E isso num dia de sol.

— E quais são as boas notícias? — perguntou Kowaiski.

— Estive a ver e consigo arranjar-vos quartos aqui na ilha para passarem a noite, a metade do preço. Por uma semana inteira.

Gray sentiu o estômago afundar.

— Quando pensa que poderemos sair da ilha?

Ele encolheu os ombros.

— É difícil de prever. A electricidade e as ligações telefónicas foram cortadas em toda a ilha. Precisamos da confirmação do capitão do porto de Aberdaron para soltar as amarras.

— Qual é a sua melhor estimativa?

— Tivemos alguns turistas aqui no ano passado que ficaram encalhados durante dezassete dias devido às tempestades.

Gray aguardou pela resposta à sua questão. Fixou o homem duramente.

Finalmente, Owen compadeceu-se, passando uma mão pela cabeça.

— Estou certo de que conseguiremos levá-los de volta a Aberdaron dentro de dois dias. Três dias no máximo.

Mais afastada, Rachel deixou-se cair numa das cadeiras.

Ela não tinha assim tantos dias.

XXIV - 13 de Outubro, 13h35

Svalbard, Noruega

Seguia deitado em cima do tejadilho do Sno-Cat, enquanto este rolava por entre a tempestade de neve. Painter partilhava o seu poiso. Estavam ambos atados ao porta-bagagens do tejadilho. As rajadas de vento mais fortes lutavam continuamente por os arrancar do tecto do veículo. A neve cobria-os como açúcar sobre um bolo.

Cada homem tinha uma espingarda de assalto encostada ao ombro e o soldado norueguês munira-os de equipamento adicional, essencial para o combate em clima glacial.

Monk ajustou os óculos de raios infravermelhos ao rosto. Estes escureciam o horizonte. Não que tal tivesse alguma importância, pois a neve intensa tinha reduzido a visibilidade a poucos metros, mas a mira incorporada nas lentes captava qualquer

sinal de calor envolvente e focava-o. Abaixo do seu poiso, o motor quente do Sno-Cat cintilava num laranja suave.

Adiante na tempestade, os seus alvos surgiram à vista. Sete ou oito motas de neve ziguezagueavam subindo as vertentes da montanha e irradiavam um leve tom âmbar através das lentes. Os veículos começavam agora a trepar o vale superior, onde Monk passara grande parte do tempo a vigiar a abóbada seminal de Svalbard.

Era aí que Monk e os outros tomariam posição, usando todos os recursos disponíveis.

Monk pousou uma mão sobre o lançador de granadas propulsado a foguete, que se encontrava a seu lado. Antes de partir, tinham esquadrinhado o curso da avalanche à procura de mais armas e encontraram o lançador. A par de uma caixa de munições de madeira.

Em baixo, o senador e o CEO partilhavam a cabina com o soldado norueguês, empunhando espingardas. Uma estava apontada do lado do passageiro, a outra da retaguarda.

Estavam armados até aos dentes, mas o inimigo excedia-os em pelo menos dez vezes.

Quando a equipa de assalto mais avançada alcançou o vale nas suas motas de neve, o condutor norueguês guinou o veículo para o lado. Ele tentava a todo custo manter um banco de neve entre o Cat e as motas de neve mais pequenas e mais rápidas.

Pelos óculos, Monk observou um par de motas de neve, ambas montadas por dois soldados mercenários, passar velozmente à direita. O inimigo não detectou o Cat que se encontrava meio escondido atrás do banco de neve, sugerindo que ou não possuía equipamento de infravermelhos ou estava demasiado focado na abóbada seminal mais à frente.

Monk e Painter deixaram-nos passar sem disparar.

Os veículos mais pequenos não constituíam o seu primeiro alvo.

Mais motas de neve passaram velozmente com o gemente retalhar dos seus motores, ensurdecendo os condutores do Sno-Cat. Mais ao fundo, um veículo maciço surgiu à vista.

O seu sinal térmico era quase ofuscante. Ergueu-se de uma das encostas mais baixas e desceu pesadamente rumo ao vale superior.

Era um Hagglund, usado para transporte de tropas.

O corpo principal da força de assalto seguia no interior daquele veículo. Tinha de ser abatido. O Sno-Cat não estava à altura de competir com as motas de neve mais ágeis, mas em comparação com aquele monstro, o Sno-Cat seria o mais ligeiro. Se conseguissem abater o Hagglund, isso desmoralizaria o inimigo. Talvez o suficiente para os encorajar a desistir do assalto e a dar meia-volta.

Fosse como fosse, Monk e os outros não podiam permitir que a força de assalto alcançasse a abóbada seminal. Segundo Painter, ainda se encontravam lá dentro cerca de quarenta pessoas com vida.

À medida que o Hagglund se arrastava pesadamente pelo fundo do vale, Painter trocou a sua espingarda pelo lançador de granadas. Dispunham de apenas uma oportunidade. Depois de disparar, atrairiam toda a ira da força de combate sobre si.

Monk bateu duas vezes com a palma da mão no tejadilho do Sno-Cat.

Obedecendo ao sinal, o condutor abrandou até se imobilizar.

Painter girou a arma para cima e apontou. Monk tirou os óculos. O clarão intenso do lançador poderia cegá-lo. Sem os óculos, não conseguia ver nada. A tempestade de neve girava e rodopiava, apagando o mundo. Era como estar encerrado num globo de neve que alguém tivesse lançado para dentro de uma misturadora.

Não admirava que o inimigo não os tivesse detectado.

— Alvo em mira — disse Painter e premiu o gatilho.

O lançador vomitou fumo e chamas e a granada projectou-se pela cortina de neve.

Monk colocou rapidamente os óculos. Ajustou-os mesmo a tempo de ver a granada ardente embater nas lagartas do Hagglund. Uma florescência laranja viva assinalou o impacto. Atingido de flanco, o veículo inclinou-se sobre uma lagarta.

Monk desejou que capotasse.

Não capotou. Voltou a endireitar-se sobre as lagartas. O Hagglund tentou mover-se, mas com uma das correntes de locomoção arruinada, afundava-se na neve, girando no mesmo lugar. As portas abriram-se e sinais de calor mais ténues abandonaram o veículo, deitando-se de bruços na neve. Os soldados sabiam que estavam a ser atacados e que constituíam alvos fáceis no interior do Hagglund.

— Fogo! — bradou Painter.

Monk tapou os olhos, ouviu o lançador rugir e depois voltou a olhar para cima. A mira de Painter fora perfeita. O foguete penetrou pelo pára-brisas do veículo e explodiu no seu interior. As janelas estouraram e desfizeram-se em estilhaços ígneos. Corpos projectavam-se pelo ar, brilhando intensamente através das lentes.

Painter baixou-se.

Balas silvaram sobre a sua cabeça.

O disparo do lançador de granadas denunciara a sua posição.

Com o disfarce exposto, Monk socou o tejadilho e o Sno-Cat pôs-se em movimento.

O condutor ganhou rapidamente velocidade descendo a vertente e depois guinou o veículo para a direita. O Sno-Cat ergueu-se sobre uma lagarta.

Monk agarrou-se com força. Painter chocou contra ele.

O Cat transpôs o banco de neve e ficou suspenso durante um momento, depois aterrou pesadamente. Monk foi arremessado contra o tejadilho e embateu com as costelas numa das barras.

Mas não se queixou.

Apenas dispunham de uma breve oportunidade para tirar vantagem da confusão.

Aproveitando a curta descida rápida pela vertente, tinham ficado numa posição inferior ao Hagglund. Tinham de atacar antes de a força de assalto estar entrincheirada.

Monk vislumbrou os seus sinais térmicos na neve fria. Ergueu a espingarda, encostou-a à face e começou a disparar. Painter fez o mesmo. Abateram alguns homens, deixando-os estendidos no chão. Mas fazer pontaria constituía cada vez mais um desafio, à medida que o Sno-Cat balançava e chocalhava sobre a neve e o gelo.

Alguns soldados correram a abrigar-se. Outros fugiram encosta abaixo.

Uma barreira de fogo irrompeu da traseira do Hagglund, como resposta ao seu ataque. Silvos ecoaram enquanto as rajadas de tiros se lançavam contra a grelha metálica do Sno-Cat. Monk ouviu o pára-brisas despedaçar-se quando foi atingido.

O condutor não abrandou, mas guinou, tentando manter a todo o custo o Hagglund entre eles e os atiradores. Outros soldados dispararam, escondidos atrás de pedaços de gelo ou rochas.

No entanto, o Sno-Cat era um alvo difícil de atingir na tempestade de neve, e o norueguês fazia os possíveis por se manter em movimento, voltando num sentido e depois no outro.

Enquanto subiam a encosta, um novo ruído insinuou-se: o furioso gemido das motas de neve. A equipa mais avançada dera meia-volta e vinha ajudar os outros.

Embora o Sno-Cat pudesse ser um tubarão a acossar o Hagglund, os veículos de neve mais pequenos eram predadores mais ágeis e mais velozes.

A sua posição estava prestes a ser tomada.

13h41

Através dos óculos, Painter viu o enxame de motas de neve lançar-se na direcção do Hagglund. Os sinais térmicos dos pequenos veículos eram pontos brilhantes na neve fria.

Ele e a sua equipa não tinham outra escolha não ser alargar a luta aos outros.

O Sno-Cat acelerou encosta acima ao encontro do ataque frontal.

A medida que se aproximavam do monstro explodido, o inimigo começou a disparar mais furiosamente contra eles. Com a aproximação das motas de neve e a promessa de poder de fogo adicional, os soldados no terreno ganharam confiança e

defenderam as suas posições.

Um rasto ardente rasou os ombros de Painter.

Ele não vacilou, nem parou de disparar.

Nem o fizeram os outros.

Enquanto o Sno-Cat trepava em direcção ao embate, espingardas disparavam num fogo contínuo a partir do veículo em movimento. Eles tinham de romper a retaguarda daquele assalto. Painter esperara que o abate do Hagglund afugentasse os outros, mas aqueles homens eram combatentes experientes. Não se acobardavam facilmente.

Teria de realizar um combate feroz, com velocidade, engenho e perícia.

Ou assim pensava.

Um novo ruído estranho insinuou-se.

Um silvo agudo penetrou o matraquear dos disparos.

Monk socou o tejadilho do Cat três vezes. O condutor estacou de repente. Como não estava preparado, Painter voou pela frente do tejadilho. O seu corpo embateu no pára-brisas, mas as cordas impediram-no de tombar do veículo.

Monk mantivera a sua posição. Sacou de uma faca e cortou as cordas que seguravam Painter, depois fez o mesmo com as suas.

— Para dentro! — bradou Monk, apontando para baixo.

Painter confiou na firmeza da voz de Monk. Enquanto saltava para o chão, ambas as portas se abriram. Monk mergulhou pelo lado do passageiro. O condutor debruçou-se para fora, agarrou a manga de Painter e arrastou-o para dentro. O pequeno Cat era um veículo de dois lugares, mas tinha uma bagageira na parte posterior. Mesmo assim, era apertado.

Os disparos prosseguiram, flamejando intensamente por entre a neve. Alguns tiros desgarrados atingiram o veículo. Mas com o fogo de resposta extinto e o motor desligado, a sua posição exacta tornava-se mais obscura na tempestade.

— O que se passa? — indagou Painter.

Monk continuou a fitar fixamente em frente.

— Eu disse-lhe que Creed fora buscar ajuda. O exército norueguês não é a única força que está a defender a abóbada.

— O que. .?

Então, Painter avistou-os. Maciços sinais térmicos irromperam da neve. Cerca de uma dúzia. Avançavam a uma velocidade incrível, crescendo de volume enquanto Painter os observava. Agora compreendia.

Ursos polares.

O silvo agudo prolongava-se, ecoando do vale mais alto.

Apitos ultra-sónicos.

O som penetrante devia tê-los feito descer.

— O parceiro do condutor cresceu nesta zona — disse Monk apressadamente. — Conhecia os covis dos ursos. Só na ilha há cerca de três mil. Ele estava convencido de que conseguiria fazer sair um bando, enfurecê-los e pô-los em movimento. Desculpe não ter dito nada. Pensei que era uma loucura.

Painter concordou. Era uma loucura, mas funcionava.

Os ursos polares caçavam focas. Eles conseguiam correr a quase cinquenta quilómetros por hora, com arranques de velocidade ainda mais rápidos. E aquele bando enfurecido seguia monte abaixo.

Através dos óculos, Painter viu os ursos alcançarem as motas de neve. Formas maciças submergiram os veículos mais lentos, soltando a sua furia selvagem contra quaisquer alvos que encontrassem em movimento no seu curso descendente. Painter viu uma mota tombar, depois outra, virando-se e estatelando-se de flanco, enterrada sob uma montanha de músculos irados.

Irromperam gritos por entre o fogo diminuto, acompanhados de ursos que eriçaram os pêlos de Painter.

As restantes motas de neve alcançaram o Hagglund, mas não abrandaram.

Continuaram velozmente, com os condutores agachados. Os ursos perseguiram-nos, abrindo caminho por entre os soldados entrincheirados no terreno. Alguns dispararam contra as feras, mas os ursos eram meras sombras no nevão.

Os tiros apenas aumentaram a sua fúria.

Gritos e urros intensificaram-se.

Um soldado fugiu a pé na direcção do Caí, como se o veículo lhe pudesse oferecer algum refúgio. Nunca o alcançou. Da tempestade, uma imensa pata agarrou-lhe uma perna. O urso continuou a correr. O membro foi arrancado do corpo do soldado.

Volteou alto no ar, esguichando sangue.

Um outro urso passou velozmente pelo Cat, batendo com o ombro na parte lateral do veículo, como que advertindo-os, num acto de intimidação.

Funcionou.

Painter susteve a respiração.

O bando estrondeou pelo vale, dispersando homens e deixando para trás corpos ensanguentados. Então, tão rapidamente como surgiram, os ursos desapareceram na tempestade como espíritos.

Painter olhava fixamente. Nada se movia lá fora.

Todos os que puderam fugir tinham-no feito, partindo em diferentes direcções. Painter esperara romper a retaguarda da força de assalto abatendo o Hagglund. Não tinha funcionado. Mas mesmo o veterano mais experiente tinha de ficar profundamente abalado perante tal exibição pura da força bruta da natureza.

Um novo gemido cresceu de volume, proveniente do cimo da encosta.

Duas motas de neve ganharam existência nos seus óculos.

Instantes depois, irromperam da tempestade. Creed ergueu um braço em saudação. O condutor norueguês pousou a mão no ombro de Painter, num gesto claro.

Tinha terminado.

14h12

Krista trepava pela neve.

Cingiu o capuz contra o vento glacial. Uma das mangas do seu casaco estava encrespada pelo fogo. Pela dor lancinante que sentia nesse lado, ela sabia que alguns fragmentos deviam ter penetrado a pele, fundindo tecido e carne.

Ela escapara à justa do Hagglund. Estava meio debruçada de uma janela, quando a segunda granada atravessara o pára-brisas. A detonação cuspira-a contra um banco de neve. As chamas que envolviam o seu braço extinguiram-se de imediato.

Ciente de que estavam a ser atacados por uma força desconhecida e inesperada, Krista rastejara, meio em choque, até ao Hagglund e escondera-se debaixo dele. Aí, mantivera-se a salvo do tiroteio e da chacina que se seguira.

Ainda estremecia perante a memória desses acontecimentos.

Permaneceu escondida quando os atacantes se reuniram ali perto. Arquejou, quando vislumbrou de novo a imagem da vingança e da ira. O operacional de cabelo negro da Sigma, o tal Painter Crowe. Com o rosto agora queimado pelo vento, ela reconheceu até a marca da sua herança de nativo americano.

Quantas vidas teria aquele maldito índio?

Mantendo-se escondida, esperara que eles partissem. Uma das motas de neve desceu em direcção a Longyearbyen para pedir ajuda. Os outros partiram no sentido da abóbada seminal, para manter um perímetro defensivo contra quaisquer soldados isolados que pudessem tentar concluir a missão falhada.

Ela não tinha intenção de o fazer.

Caminhou através da tempestade na direcção de uma mota abandonada. O sangue proveniente do corpo do condutor cobria vários metros de neve. Em agonia, abriu tropegamente caminho por entre a carnificina e perscrutou o veículo. A chave ainda se encontrava na ignição.

Lançando uma perna sobre ele, deixou-se cair pesadamente no assento e rodou a chave. O motor emitiu um gemido quando rodou o manipululo.

Inclinou-se para a frente e acelerou para longe, descendo a montanha. Não havia nada que pudesse fazer ali naquele momento.

A não ser uma promessa.

Antes de tudo aquilo terminar, enfiaria uma bala no crânio daquele índio.

XXV - 13 de Outubro, 15h38

Ilha de Bardsey, País de Gales

Ele estava deitado numa fumegante banheira de água quente.

Mantinha os olhos fechados, esforçando-se por apaziguar a mente. Durante quase uma hora, discutira com Owen Bryce, explicando-lhe que Rachel apresentava um quadro médico que exigia uma evacuação imediata, que ela necessitava de medicação que se encontrava no hotel do continente. A única concessão que obteve do homem foi que reconsideraria o pedido na manhã seguinte.

Em nada ajudava que Rachel ainda parecesse bem.

Assim, de momento, estavam presos na ilha.

Pelo menos durante mais umas horas.

Aguardariam o cair da noite, que pelo menos acontecia cedo naquela altura do ano.

Uma vez os habitantes da ilha instalados para passar a noite, o plano era apoderarem-se do barco. Não queriam correr o risco de esperar pela manhã seguinte. Se Owen se recusasse, perderiam mais um dia. E isso não podia acontecer.

Assim, aceitaram os quartos que lhes ofereceram. Fazia-lhes bem algum tempo de inacção. Estavam todos esgotados e necessitados de um momento de descanso.

Contudo, Gray tinha dificuldade em relaxar. A sua mente consumia-se e inquietava-se por causa dos mistérios e perigos que enfrentavam.

O trovejar converteu-se num estrondear retumbante. Os vidros da janela sobre a banheira chocalharam. A luz da vela tremulou ao lado da barra de sabão. A electricidade ainda não voltara. Antes de fazer correr a água do banho, ele acendera um pequeno fogo na lareira do quarto. Por entre as suas pálpebras fechadas, percebeu a dança rósea das chamas.

Enquanto se estendia na banheira, uma sombra interrompeu subitamente o brilho.

Retesou-se e sentou-se de imediato, espalhando água pelo chão. Uma figura erguia-se no limiar, envergando um robe. Ele não ouvira Rachel entrar no quarto. O trovejar abafara a sua aproximação.

— Rachel. .

Ela estremecia e os seus olhos estavam aterrorizados. Não proferiu uma palavra.

Despiu o robe sem qualquer nota de sedução. Simplesmente deixou-o cair e correu para a banheira. Gray levantou-se e tomou-a nos seus braços. Ela cingiu-se a

ele, carente.

Enterrou a cabeça no seu pescoço.

Ele dobrou-se pelos joelhos, passou um braço por baixo dela e ergueu-a. Estava mais leve, como se o desespero a tivesse esvaziado. Rodando, com ela ao colo, mergulhou na água quente.

Embalou-a na banheira fumegante. A mão dela deslizou pelo ventre dele, desesperada, dorida, revelando a sua necessidade ardente. Ele deteve-a e repôs-lhe a mão sobre o seu peito. Abraçou-a simplesmente, esperando que parasse de tremer. Encontravam-se em fuga desde o fogo na floresta, desde que ela soubera da traição. Ele devia ter percebido que não a podia deixar sozinha agora, enquanto esperavam pelo cair da noite.

Se a mente dele estava perturbada e inquieta, como estaria a dela? Sobretudo sozinha. Envolveu-a firmemente nos seus braços e cingiu-a, como se pela simples força dos seus músculos a pudesse manter a salvo.

Lentamente, o tremor esgotou-se contra a força dele.

Ela enroscou-se.

Segurou-a durante um longo momento. Então, com um dedo, tocou-lhe o rosto e puxou-o para cima. Fitou-a nos olhos. Estes cintilavam com a necessidade de ser tocada, de se sentir viva, de saber que não estava só.. e, mais no fundo, quase enterradas, as brasas do amor passado.

Só nesse momento uniu os seus lábios aos dela.

16h02

Seichan esperava no seu quarto. Estava encostada à porta, com um cigarro por acender na mão. Alguns minutos antes, ouvira a porta de Rachel entreabrir-se com um ranger, ouvira os seus passos no corredor e depois a porta do quarto de Gray abrir-se.

Seichan escutou de olhos fechados.

A porta não voltou a abrir-se.

Enquanto mantinha a sua vigília, debatia-se contra a mistura emergente de raiva e ciúmes, a par de uma dor que não conseguia afastar. Apertava-lhe os pulmões e tinha dificuldade em respirar. Encostada à porta, deslizou lentamente até ao chão e abraçou os joelhos.

Sozinha, sem que ninguém a visse, permitiu-se aquela fraqueza momentânea. O quarto estava escuro. Não se dera ao trabalho de acender o fogo ou sequer uma vela. Preferia a escuridão. Sempre preferira.

Balançando suavemente, deixou que a dor a percorresse.

Ela sabia que se reportava a um tempo em que o sofrimento era frequente,

decorrente do espancamento e de violações mais íntimas. Havia um compartimento secreto, onde ela se escondia ou procurava refúgio depois. Não tinha janelas. Ninguém o conhecia, além dos ratos e ratazanas.

Só aí, aconchegada no escuro, se sentira segura.

Odiava-se agora por necessitar desse conforto. Ela sabia que lhe devia contar e acabar com aquela dor de vez. Mas jurara não o fazer. Fora por causa dele que fizera essa promessa.

E por muito grande que fosse a sua agonia, nunca a quebraria.

18h55

A coberto da noite, Gray conduzia os outros pelo molhe.

O ferry balouçava no seu ancoradouro e chocava contra as almofadas de protecção.

A chuva derramava-se de um céu negro. Ao fundo, Kowaiski aguardava ao lado do castigado catamaran. Ele adiantara-se, certificando-se de que o barco estava vazio e as chaves no seu devido lugar.

Quem furtaria um barco com aquele temporal?

Era uma questão a que Gray estava pronto a responder.

Apressaram-se a descer a doca.

— Entrem a bordo — disse Kowaiski. — Eu liberto as cordas.

Gray ajudou os outros a subir para a popa do ferry. Era necessária alguma ginástica e sincronização à medida que o convés subia e descia.

Pegou na mão de Rachel.

Ela não o olhou, mas apertou-lhe os dedos com ardor, agradecendo-lhe em silêncio.

Ele acordara, emaranhado em cobertores, e constatara que ela se fora embora. Não podia dizer que se sentira totalmente desapontado. Ele conhecia o limite e ela também. O

que acontecera fora sincero, profundamente sentido e necessitado — talvez por ambos. A momentânea chama da paixão nascera do medo, da solidão, da mortalidade. Gray amava-a e sabia que ela sentia o mesmo. Mas mesmo quando se encontravam entrelaçados juntos diante do fogo, enterrados um no outro, submergidos por uma paixão que consumia todo o pensamento, uma parte dela permanecia inatingível.

Não era a altura indicada para qualquer reacendimento entre eles. Ela estava demasiado ferida, demasiado frágil. Naquele quarto, ela apenas necessitava da força dele, do toque, do calor. Não do seu coração.

Isso teria de esperar.

Gray saltou por cima da balaustrada para o convés e agarrou a corda que fora lançada, enquanto Kowaiski saltava para dentro do barco.

— Vai ser uma travessia infernal — avisou-os Kowaiski. Apressou-se na direcção da cabina do piloto. Accionou os motores com um ronco gorgolejante e depois fez sinal a Gray para largar a última corda.

Com o barco liberto, Gray atravessou o convés balouçante. Kowaiski encaminhou-os lentamente para fora do molhe rumo ao mar aberto. Navegariam no escuro, sem qualquer luz, até deixarem o porto.

Gray relanceou a costa. Ninguém à vista. Com aquele temporal, talvez só dessem por falta do barco de manhã.

Voltou a fitar o mar negro e irado. O vento uivava e a chuva caía com força.

— Tem a certeza de que consegue manobrar o barco com este tempo? — inquiriu Gray.

Kowaiski tinha sido oficial da marinha norte-americana. Mantinha uma ponta de charuto cerrada entre os dentes. Ao menos estava apagada.

— Não se preocupe — respondeu o homem por entre o charuto. — Só afundei um barco.. Não, espere. Dois barcos em toda a minha vida.

Aquilo era tranquilizador.

Gray regressou ao convés de popa. Walace distribuía coletes salva-vidas laranja-fluorescente que tinha retirado de um armário. Vestiram-nos rapidamente, accionando as luzes de segurança no colarinho.

— Mantenham-se sempre agarrados a alguma coisa — avisou Gray.

Quando ultrapassavam o molhe, um relâmpago iluminou a noite. O mar pareceu enfurecer-se ainda mais. As ondas lançavam-se em todas as direcções, embatendo umas nas outras e projectando géiseres de água salgada. As correntes estavam tão enfurecidas quanto o tempo.

Kowaiski começou a assobiar.

Gray sabia que não era bom sinal.

Então encontraram-se em mar aberto. Foi como se tivessem sido despejados numa máquina de lavar. A embarcação ergueu-se alto, depois afundou-se, oscilou à esquerda e à direita, por vezes tudo ao mesmo tempo, e Gray praguejou.

Para onde quer que olhasse, só via ondas crispadas de branco.

O assobiar de Kowaiski subiu de tom.

O ferry atingiu uma elevação abrupta. A proa apontou ao céu. Gray segurou-se com força à balaustrada, enquanto tudo o que estava solto deslizava até à popa. Depois encimaram-na e desceram pelo lado oposto.

Uma onda atingiu-os de flanco simultaneamente. Varreu a popa como a passagem da mão de Deus. Gray engoliu uma golfada e ficou cego pelo aguilhoar da água gélida e salgada.

Então, o barco estabilizou e começou a subir de novo.

— Gray! — chamou Rachel.

A tossir, ele apercebeu-se imediatamente do problema.

Seichan tinha desaparecido.

Sentada no lado oposto, ela recebera o embate da onda nas costas. Esta arrancara-a da balaustrada e lançara-a borda fora.

Gray levantou-se.

Avistou-a a balançar para lá da popa, iluminada pela débil luz do colete salva-vidas.

Depois as ondas arrebataram-na de vista.

Fixando a sua última localização, Gray correu e saltou pelo lado oposto do barco.

Não podiam perdê-la.

Enquanto voava de encontro ao mar, Rachel gritou a Kowaiski: — Dê a volta!

Depois Gray atingiu a água e ficou tudo escuro.

19h07

Seichan volveu enquanto as ondas a atiravam de um lado para o outro como uma folha numa torrente. O gelo penetrava-a até aos ossos e ela tinha dificuldade em inspirar o ar, situação já de si complicada devido às paredes de água que se abatiam continuamente sobre ela.

Não conseguia sequer vislumbrar as luzes do barco, apenas montanhas líquidas.

Cingiu o colete salva-vidas com uma das mãos e limpou a água salgada dos olhos com a outra. Tinha de voltar ao barco.

Uma outra onda gigantesca surgiu à sua frente, incrivelmente alta, inclinando-se para ela, espumando de raiva na crista.

Então, derrubou-se sobre ela.

Foi empurrada para o fundo. A corrente sacudiu-a e revolveu-a. Não sabia para que lado ficava o céu. A água penetrou-lhe no nariz. Aspirou reflexivamente, engolindo mais água.

Então, a flutuabilidade do colete impeliu-a de volta à superfície.

Tentou respirar, mas só se engasgou. Limpou o sal, tentando ver.

Uma nova onda agigantou-se sobre ela.

Não..

Então, algo a agarrou por trás.

Aterrorizada, gritou. A onda abateu-se sobre ela. Mas os braços continuaram a agarrá-

la. Pernas musculadas rodearam firmemente as suas coxas. Remaram para longe

do tumulto juntos. Não tinha ar, mas o puro pânico esvaiu-se, dando lugar a um medo controlado.

Embora não o conseguisse ver, ela sabia quem a agarrara.

Emergiram juntos, elevando-se mais um pouco com os coletes salva-vidas.

Torceu-se para ver Gray firmemente abraçado a ela, os seus olhos duros e determinados.

— Salve-me — sussurrou, colocando tudo o que tinha nessas duas palavras.

Até o seu coração.

19h24

As luzes da vila de pescadores cintilavam por entre a tempestade. A praia ficava mesmo em frente. Kowaiski apontou a ela.

Gray mantinha-se a seu lado.

Tinha de admitir que o homem sabia de facto pilotar um barco.

Enquanto ele e Seichan eram fustigados pelas ondas furiosas, Kowaiski encontrara-os e invertera o barco no mar picado. Uma corda fora lançada e eles tinham sido arrastados e puxados para bordo.

O resto da travessia fora brutal, mas mais ninguém fora lançado borda fora. Seichan tossia atrás dele, tentando ainda expulsar a água do peito. Nunca estivera tão pálida.

Mas estava viva.

Kowaiski operava o leme e guiava o catamaran para águas pouco profundas. Uma última onda ergueu a embarcação e empurrou-a para a praia. A quilha dupla arrastou-se pela areia com um violento sacudir do convés. Depois, finalmente, imobilizaram-se.

Não foi preciso dizer nada. Todos abandonaram o barco, mergulhando na água que lhes dava pelo tornozelo e esquivando-se às últimas ondas. Kowaiski demorou mais um instante a acariciar o flanco do catamaran.

— Lindo menino.

O grupo esfrangalhado e ensopado subiu a costa em direcção à vila piscatória de Aberdaron. Tal como na ilha de Bardsey, as pessoas tinham-se fechado em casa devido ao temporal. Não havia ninguém nas ruas.

Gray queria partir antes que alguém descobrisse o ferry acostado. Depois da arriscada travessia, não queria acabar encarcerado na prisão local.

Caminharam rapidamente pela vila obscura até à igreja de Saint Hywyn. O camião furtado continuava no mesmo local onde o tinham deixado, ainda estacionado próximo da igreja. Gray voltou-se para Wallace, enquanto atravessavam o adro.

— E o seu cão? — perguntou, apontando o vicariado.

Wallace abanou a cabeça, embora isso claramente o magoasse.

— Deixemos Rufus aqui. Estará melhor a dormir junto à lareira do que a vaguear por aí debaixo deste tempo infernal. Virei buscá-lo quando tudo tiver terminado.

Com o assunto resolvido, todos subiram para o Land Rover.

Gray ligou o motor, saiu rapidamente do parque de estacionamento e virou para longe de Aberdaron. Acelerou assim que atingiu a estrada principal.

Mas precisavam ainda de um destino.

— O túmulo de São Malaquias — disse Gray, relanceando Rachel pelo espelho retrovisor. — O que nos podes dizer sobre a sua história?

Nunca tinham tido oportunidade de discutir o assunto pormenorizadamente. Tudo o que ele sabia, após ter feito um apressado inquérito a Rachel, era que Malaquias repousava no nordeste de França. Rachel tentara desenvolver o assunto, mas na altura fora suficiente. Gray precisava de se concentrar em sair da ilha.

Com uma longa viagem pela frente, era tempo de saber mais.

Rachel falou, enquanto fitava a tempestade lá fora.

— Malaquias morreu em meados do século XI. Ele expirou nos braços do seu melhor amigo, São Bernardo de Clairvaux.

Kowaiski rodou a cabeça.

— São Bernardo? Não foi ele que inventou aqueles cães de montanha babosos?

Rachel ignorou-o.

— Malaquias foi sepultado na abadia que Bernardo fundou, a Abadia de Clairvaux.

Fica a cerca de cento e cinquenta quilómetros de Paris. A maior parte da abadia foi destruída no século XIX, mas alguns edifícios e paredes ainda persistem, incluindo o claustro central. Mas há um pequeno problema.

Pela maneira como o disse, Gray sabia que o problema era tudo menos pequeno.

— Qual?

— Tentei dizer-te antes. . — Ficou subitamente acanhada, como se achasse que devia ter insistido. Mas tal como Gray, tivera muito em que pensar.

— Não tem importância — replicou ele. — O que é?

— As ruínas estão protegidas. Deve ser dos edifícios mais bem guardados de toda a França.

— Como assim?

— A Abadia de Clairvaux.. fica no centro de uma prisão de alta segurança.

Gray rodou no assento para a encarar de frente. Só podia estar a brincar.

A julgar pelo olhar sério e preocupado estampado no seu rosto, ela não estava.

— Lindo. Então agora vamos assaltar uma prisão e uma sepultura. — Kowaiski

afundou-se no banco e cruzou os braços. — Não há nada que possa correr mal com esse plano.

XXVI - 13 de Outubro, 2018

Svalbard, Noruega

Crista percorria o gélido armazém nos arredores de Longyearbyen. Havia caixotes empilhados até às traves do tecto. O lugar cheirava a petróleo e a carvão. Vestia uma camisola grossa para cobrir as ligaduras que tinha no braço. Uma névoa de morfina turvava-lhe os contornos do pensamento. Outros homens estavam em pior estado. Dois corpos estendidos no chão do armazém estavam cobertos por lonas.

Restavam apenas oito homens.

Mantinha o telemóvel encostado ao ouvido, aguardando instruções. Tinha marcado o número que lhe fora deixado. Tocou e tocou. Finalmente, a chamada foi atendida.

— Já fui informado — disse o homem.

— Sim, senhor. — Krista procurou captar algum sinal da disposição do homem, mas as suas palavras eram calmas e precisas e foram proferidas sem pressa.

— Devido a esta viragem nos acontecimentos, vamos alterar radicalmente os nossos objectivos nesta missão. Com Karlsen agora nas mãos da Sigma, tomou-se a decisão de abortar todas as operações na Noruega.

— E quanto ao Reino Unido?

— Aproveitámos a oportunidade para cooptar esses recursos externos, de modo a ajudarem-nos na procura da chave. Tendo em conta os mais recentes acontecimentos, já não nos podemos dar a esse luxo. Temos de juntar as nossas fichas e abandonar a mesa.

— Senhor?

— O artigo roubado pelo Padre Giovanni. Apreenda-o.

— E os outros?

— Mate-os a todos.

— Mas e o nosso.. ?

— Todos eles foram considerados um inconveniente, senhorita Magnussen. Certifique-se de que o mesmo não se passa consigo.

A garganta de Krista apertou-se num nó grosso.

— São estas as ordens.

PARTE QUATRO: A NOSSA SENHORA NEGRA

XXVII - 14 de Outubro, 05h18

Sobre o mar da Noruega

Painter viu o arquipélago de Svalbard desaparecer na sua retaguarda, à medida que o jacto privado rumava a sul sobre o mar Ártico. Tinham perdido meio dia a evacuar o grupo encurralado na abóbada seminal. Depois disso, fora necessária alguma astúcia da parte de Kat em Washington para os retirar da ilha antes de se abater a tempestade mediática.

O dramático bombardeamento atraía a atenção do mundo. Novas equipas internacionais e investigadores da NATO convergiam já para o minúsculo arquipélago. A grande distância a que aquele lugar se encontrava e a ferocidade da tempestade tinham concedido a Painter tempo suficiente para se escapulir.

Mas não viera sozinho.

Monk e Creed estavam estendidos no sofá da cabina. O Senador Gorman, com um olhar vazio, estava sentado numa das cadeiras. O último passageiro encontrava-se diante de Painter.

Ivar Karlsen acompanhara-os voluntariamente. Ele podia ter dificultado ou mesmo impossibilitado a sua retirada de território norueguês. Porém, o homem possuía um estranho sentido de honra. Mesmo agora, sentava-se erecto na sua cadeira, olhando pela janela, enquanto as ilhas se desvaneciam. Era evidente que ele fora muito provavelmente o alvo principal do bombardeamento em Svalbard e que o seu antigo aliado se tornara seu inimigo.

Sabia igualmente a quem devia a sua vida e respeitava essa dívida.

Painter tencionava retirar todas as vantagens possíveis dessa cooperação.

O pequeno jacto balançou no ar instável, adensando a tensão na cabina. Dirigiam-se para Londres. Nem Painter, nem Kat tinham ainda recebido notícias da equipa de Gray.

Ele queria aterrar em Inglaterra, enquanto prosseguissem as buscas em Lake District.

Dependendo do que fosse descoberto, reabasteceriam e prosseguiriam para Washington.

Mas durante aquele voo de cinco horas, Painter precisava de extrair daquele homem tudo o que ele sabia. Kat estava a investigar os locais de produção de cereais que tinham sido semeados por todo o Midwest. As notícias eram alarmantes: ela já encontrara múltiplos casos de mortes inexplicadas próximo de quinze campos de testagem. Uma autópsia a um dos corpos revelara um agente fúngico desconhecido. E ainda havia mais sessenta e três campos de testagem que era

necessário investigar.

Karlsen falou, pressentindo a atenção de Painter.

— Eu apenas queria salvar o mundo.

O Senador Gorman agitou-se, os olhos cintilando de raiva, mas Painter fitou-o duramente. Aquela era a sua entrevista.

Olhando pela janela, Karlsen não reparou na comunicação silenciosa.

— As pessoas falam da explosão populacional, mas não admitem que já se iniciou. A população mundial está a crescer rapidamente e o número de habitantes excederá as provisões alimentares. Estamos apenas a um passo da fome global, da guerra e do caos.

Os tumultos originados pela necessidade de bens alimentares no Haiti, na Indonésia e em África estão a despontar.

Karlsen deixou de olhar para lá da janela e encarou Painter.

— O que não quer dizer que seja tarde demais. Se um número suficiente de pessoas com as mesmas ideias e determinação coordenar os seus esforços, alguma coisa pode ser feita.

— E encontrou essas pessoas no Clube de Roma — afirmou Painter.

Os olhos de Karlsen cresceram imperceptivelmente.

— Exacto. O clube persiste em dar o alarme, mas este tem caído em orelhas moucas.

Crises mais badaladas consomem a atenção dos meios de comunicação. O aquecimento global, as reservas petrolíferas, as florestas tropicais. A lista vai crescendo. Mas a raiz de todos os problemas permanece a mesma: demasiadas pessoas concentradas num espaço demasiado reduzido. Contudo, ninguém ataca o problema directamente. Como é que vocês, Americanos, lhe chamam? Politicamente incorrecto, não é? É um tema intocável, que se enleia na religião, na política, na raça e na economia. Crescei e multiplicai-vos, diz a Bíblia. Ninguém ousa dizer o contrário. Abordá-lo é um suicídio político. Se propomos soluções, acusam-nos de eugenismo. Alguém tem de tornar uma posição, fazer escolhas difíceis. . e não apenas com palavras, mas também com acções concretas.

— E esse alguém seria você — frisou Painter, para o manter a falar.

— Não adopte esse tom. Eu sei onde tudo isto terminou. Mas não foi aí que começou. Eu apenas pensei em travar o crescimento da população, em decrescer gradualmente a biomassa humana no planeta, em certificar-me de que não atingiríamos esse ponto crítico rapidamente. No Clube de Roma encontrei os recursos globais de que necessitava. Um vasto reservatório de inovação, tecnologia de ponta e poder político.

Assim, comecei a canalizar certos projectos para os meus objectivos, reunindo pessoas com a mesma linha de pensamento.

Karlsen olhou para o senador, depois outra vez para longe.

Apesar do aviso de Painter, Gorman falou.

— Você usou-me para espalhar a sua semente doente.

Karlsen fitou as mãos entrelaçadas no colo, mas quando ergueu o olhar, permanecia imperturbável.

— Isso veio mais tarde. Um erro. Sei-o agora. Mas eu procurei-o porque defendia os biocombustíveis e a transformação de cereais, como o milho e a cana-de-açúcar, em combustível. Era bastante natural apoiar tão boa causa, uma fonte de energia renovável que nos libertasse da dependência do petróleo. Mas também servia o meu objectivo.

— Que era?

— Estrangular as provisões alimentares mundiais. — Karlsen fitou Painter sem qualquer réstia de culpa. — Se controlarmos os alimentos, controlamos a população.

Painter recordou-se de ouvir Karlsen parafrasear Henry Kissinger. Quando se controla o petróleo controlam-se as nações, mas quando se controlam os alimentos controla-se toda a população do mundo.

Então era esse o objectivo de Karlsen. Estrangular as provisões alimentares para estrangular o crescimento da população humana. Se tal fosse feito com suficiente perícia, poderia até funcionar.

— Como é que o apoio aos biocombustíveis o ajudava a controlar o suprimento alimentar mundial? — Painter conseguia adivinhar a resposta, mas queria ouvi-la da boca do homem.

— As melhores terras do mundo para produção de cereais estão esgotadas, o que obriga os agricultores a voltar-se para terrenos marginais. Eles conseguem ganhar mais dinheiro produzindo cereais para biocombustíveis do que para a alimentação. Cada vez mais boa terra agrícola está a ser desviada para produzir combustível e não alimentos.

Mas é terrivelmente ineficaz. A quantidade de milho necessária para produzir etanol suficiente para encher o tanque de um SUV poderia alimentar uma pessoa faminta durante um ano. Portanto, é claro que apoiei os biocombustíveis.

— Não pela independência energética. .

Karlsen assentiu.

— Mas como um meio de estrangular o suprimento alimentar.

O Senador Gorman parecia horrorizado, sabendo o papel que desempenhara em tudo aquilo.

Mas Painter notara uma ênfase estranha.

— O que quer dizer com um meio?

— Esse era apenas um projecto. Eu tinha outros.

Monk seguira a conversa com uma preocupação crescente.

— Deixe-me adivinhar — disse ele. — Tem algo a ver com abelhas.

Visualizou as colmeias gigantescas escondidas sob as instalações de investigação.

Karlsen relanceou Monk.

— Sim. A Viatus investigou a Desordem do Colapso das Colónias. Trata-se de uma crise global de que estou certo que já ouviram falar. Na Europa e nos Estados Unidos, mais de um terço de todas as abelhas desapareceram, abandonando as suas colónias e não regressando mais. Algumas áreas perderam mais de 80 por cento das suas abelhas.

— E as abelhas polinizam árvores de fruto — proferiu Monk, começando a compreender.

— Não apenas árvores de fruto — interveio Creed, ao lado dele no sofá. — Nozes, abacates, pepinos, sementes de soja, abóboras. Na verdade, um terço de todos os alimentos cultivados nos Estados Unidos requer polinização. Perdendo as abelhas, perde-se bastante mais do que frutos.

Monk compreendeu o interesse de Karlsen na Desordem do Colapso das Colónias.

Controlando as abelhas, controla-se mais um largo segmento do suprimento alimentar.

— Está a dizer que causou o desaparecimento das abelhas?

— Não. Mas sei o que o causou e era isso que a Viatus pretendia explorar.

— Um momento. Monk aproximou-se. — Você está a dizer que sabe o que matou as abelhas?

— Não é um grande mistério, senhor Kokkalis. Os média sensacionalizam as teorias. .

mitos, o aquecimento global, a poluição atmosférica, até mesmo os extraterrestres. Mas é bastante mais simples. . e está comprovado. Só que os meios de comunicação optam por ignorá-lo a favor do sensacionalismo.

— O que o causou então?

— Um insecticida denominado imidacloprídio ou IMD.

Monk recordou os códigos apostos nas colmeias gigantes. Todos apresentavam aquelas três letras: IMD.

— Múltiplos estudos já confirmaram que este químico foi a causa, a par de um produto análogo denominado fipronil. Em 2005, a França banuiu ambos os químicos e no decurso dos anos seguintes, as suas abelhas regressaram, ao passo que estas continuaram a regredir no resto das colmeias do mundo. — Karlsen olhou em redor

da cabina. — Mas algum de vocês já ouviu falar disso?

Ninguém tinha.

— Não é suficientemente digno de ser noticiado — explicou Karlsen. — Imidacloprídio, fipronil. Não é tão colorido como os extraterrestres. Os média ainda não divulgaram o sucesso alcançado em França. O que por mim não tem qualquer inconveniente. O IMD

tem os seus usos.

Monk carregou o olhar.

— Menos abelhas, menos comida.

— Eventualmente, e até mesmo os média acabarão por tomar consciência disso, pelo que a Viatus prosseguiu a sua própria pesquisa nas instalações. . no sentido de incorporar o IMD no nosso milho.

— Tal como a Monsanto introduziu o herbicida Roundup nas suas sementes geneticamente modificadas — acrescentou Creed.

— Se o IMD alguma vez for banido — compreendeu Monk —, você continuaria a conseguir controlar as populações apícolas.

Karlsen assentiu.

E, por seu turno, as provisões alimentares.

Monk recostou-se. O homem era um monstro — mas um monstro brilhante.

05h40

Painter precisava de preencher mais espaços em branco. Abordou Karlsen de um ângulo diferente.

— Mas a Viatus não se limitou simplesmente a introduzir insecticidas em cereais.

— Tal como eu disse, tínhamos múltiplos projectos.

— Fale-me, então, das múmias dos pântanos. . do fungo encontrado nesses corpos.

O olhar firme de Karlsen tornou-se menos seguro.

— Enquanto empresa biotecnológica, testamos milhares de novos químicos todos os anos, oriundos dos quatro cantos do mundo. Mas esse fungo antigo.. — A sua voz adquiriu uma ponta de assombro. — Era espantoso. A sua natureza química e a sua estrutura genética adequavam-se perfeitamente aos meus objectivos.

Painter deixou o homem falar, para ver o que ele revelaria por sua própria iniciativa.

— Dos corpos dissecados extraímos esporos fúngicos que ainda eram viáveis.

— Após tanto tempo? — inquiriu Monk.

Karlsen encolheu os ombros.

— As múmias tinham apenas mil anos de idade. Em Israel, botânicos plantaram uma tamareira a partir de uma semente com mais de dois mil anos de idade. E a turfa era um ambiente de preservação perfeito. Por isso, sim, conseguimos cultivar os esporos, para aprender mais sobre o fungo. O exame dos restos revelou igualmente como o fungo entrou inicialmente nos corpos.

— Como?

— Foi ingerido. O nosso patologista forense determinou que as pessoas mumificadas tinham morrido à fome, apesar de o seu estômago estar repleto de centeio, cevada e trigo. O fungo encontrava-se em tudo isso. Trata-se de um bolor extremamente agressivo, à semelhança da cravagem nos cereais. O fungo é capaz de infectar todo o tipo de vegetação. E tudo com um propósito.

— Qual?

— Matar à fome qualquer animal que ingira a planta infectada. — Karlsen reconheceu o olhar chocado em todos os rostos. — Os cereais infectados pelo fungo não são digeríveis. Adicionalmente, o fungo invade os intestinos do animal, reduzindo ainda mais a absorção dos alimentos. É a máquina assassina perfeita. Mata à fome o hospedeiro com a própria matéria que deveria sustentá-lo.

— Assim, come-se e come-se, mas morre-se à fome. — Painter abanou a cabeça. — Qual é a vantagem para o fungo?

Monk respondeu.

— Os fungos são uma das principais razões por que as coisas mortas se decompõem. Árvores mortas, corpos mortos. Não importa. Ao matar o hospedeiro, o fungo cria o seu próprio fertilizante, o seu próprio meio de crescimento.

Painter visionou os cogumelos a crescer nas entranhas das múmias. Mas recordou igualmente a descrição de Monk da descoberta no laboratório das cápsulas esporúleas, que amadureciam a partir desses mesmos cogumelos. Era assim que se espalhava o fungo, lançando no ar esporos que infectariam mais campos de cultivo e que reiniciariam o processo.

Karlsen atraiu de novo a atenção.

— O objectivo da nossa pesquisa era simplesmente extrair o agente químico que tornava esses cereais indigeríveis. Se o conseguíssemos introduzir no milho, conseguiríamos diminuir a sua digestibilidade. Com menos milho digestível, seria necessário ingerir uma maior quantidade para obter o mesmo benefício calórico.

— Assim, de novo — afirmou Painter —, estaria a restringir o suprimento alimentar.

— E de uma forma que nos permitiria um controlo total. Manipulando o gene, poderíamos aumentar ou diminuir a digestibilidade de um cereal, como quem roda um botão. Era isso que pretendíamos. E não seríamos os primeiros a visar tal controlo genético.

Painter centrou-se naquelas últimas palavras.

— O que quer dizer?

— Em 2001, uma empresa biotecnológica de nome Epicyte anunciou ter desenvolvido uma semente de milho associada a um agente contraceptivo. O consumo da semente reduzia a fertilidade. Foi proposto como solução para o problema do excesso de população. Esse anúncio estrondoso apenas conseguiu angariar uma enorme quantidade de publicidade negativa e a semente de milho desapareceu de circulação. Tal como afirmei anteriormente, abordar esta questão abertamente apenas provoca retaliação. Tem de se lidar com ela de uma forma discreta e longe do olhar público. Essa foi a lição retirada. E eu aprendi-a.

E foi a partir daí que tudo começou a correr mal. Painter manteve um tom neutro.

— Mas o seu novo milho geneticamente modificado não era estável.

Karlsen sacudiu imperceptivelmente a cabeça.

— O fungo revelou-se mais apto do que imaginámos. Esse organismo evoluiu a par das plantas hospedeiras com a passagem do tempo. Pensámos estar apenas a manipular um aspecto do fungo.. o seu efeito sobre a digestibilidade. ., mas ele modificou-se ao longo de sucessivas gerações e readquiriu a sua potência total. Recuperou a sua capacidade mortífera, germinando de novo na sua forma de cogumelo. Mas, mais grave do que tudo, recuperou a sua capacidade de se propagar.

— E quando soube disso?

— Durante o projecto em África.

— Contudo, já iniciara a produção de sementes nos Estados Unidos e noutras paragens?

A expressão de Karlsen tornou-se compungida.

— Foi por insistência e confiança da nossa líder de projecto e geneticista-chefe. Ela asseverou que os resultados dos testes de segurança preliminares eram suficientes para avançarmos. Confiei nela; nunca verifiquei pessoalmente os resultados.

— Quem era essa mulher? — inquiriu Painter.

O Senador Gorman adivinhou-o, e respondeu com uma voz azeda e dura: — Krista Magnussen.

05h52

Ivar Karlsen sabia que não podia evitar durante mais tempo a furia do senador. Mas demorou algum tempo a fitá-lo nos olhos. Em vez disso, olhou para baixo. De um bolso, retirara uma moeda e deixara-a repousar na palma da sua mão. Era a moeda de quatro marcos de Frederico IV, cunhada em 1725 pelo traidor Henrik

Meyer. A sua evocação do preço da traição.

Os dedos de Karlsen cingiram a moeda, reconhecendo quão fundo caíra, defraudado por Krista Magnussen. Finalmente, ergueu os olhos e encarou o Senador Gorman. O homem pagara um duro preço em sangue. Ivar não lhe podia negar a verdade.

— O senador está certo. Eu contratei a senhorita Magnussen quando criámos a divisão de Biogenética Cerealífera há seis anos. Ela trazia uma quantidade de recomendações de Harvard e Oxford. Era jovem, brilhante e estava motivada. Produzia resultados ano após ano.

— Mas não era quem alegava ser — interrompeu Painter.

— Não — admitiu Ivar. — Há cerca de um ano, começámos a ter sérios problemas com as nossas instalações. Fogo posto na Roménia. Desvio de fundos noutro lado. Uma série de furtos. Então Krista revelou que tinha acesso a uma organização que asseguraria a nossa segurança global de forma discreta e eficaz. Ela descreveu-a como uma versão corporativa de uma força militar privada.

— E essa organização tinha um nome?

— Ela chamava-lhe Guilda.

Painter não reagiu ao nome. Nem uma contracção muscular. A sua falta de reacção convenceu Ivar de que o homem tinha conhecimento da Guilda, possivelmente mais do que ele próprio.

— Foi tudo encenado — esclareceu Painter. — Os acidentes, o fogo posto, os furtos. .

tudo obra da Guilda. Eles precisavam de si. Assim, amaciaram-no para ganhar a sua confiança. Tiraram-no de apuros vezes suficientes e você começou a perder o controlo.

Você tornou-se dependente deles.

Seguramente, aquilo não era possível. Mas o padrão traçado por Painter.. era tão óbvio como uma sequência de cartas fatal.

— Deixe-me adivinhar — continuou Painter, completando o padrão. — Quando as coisas começaram realmente a correr mal. . no campo de testagem em África. . a quem recorreu?

— A Krista, é claro — admitiu Ivar, com a voz presa. — Ela relatou as mutações e informou que alguns dos refugiados do campo adoeciam depois de consumirem o milho.

Alguma coisa tinha de ser feita. Mas já havíamos plantado campos por todo o mundo. Ela disse que a situação ainda podia ser invertida, mas que para isso ela e a sua organização necessitavam de carta-branca. Ela advertiu-me que deveria endurecer o meu coração. O que significavam algumas vidas quando se pretendia salvar o mundo? Essas foram as suas palavras. E, meu Deus, eu estava

suficientemente desesperado para acreditar nelas.

A respiração de Ivar adensou-se. A pulsação ecoava-lhe na garganta. Viu Krista nua, a beijá-lo, os seus olhos ferozes e cintilantes. Ele pensara conhecer o jogo que estava a ser jogado.

Que tolo..

Painter continuou a história, como se tivesse passado os últimos dias ao lado de Ivar.

— A Guilda arrasou o campo e assegurou-lhe que tal era necessário para impedir o organismo de se propagar. Recolheram os corpos de alguns dos refugiados afectados para estudo e justificaram o que se seguiu. Que a sua morte não seja em vão. Se pudermos aprender mais, outros poderão ser salvos. E com a produção de semente já iniciada, o tempo era essencial.

O Senador Gorman estava sentado com os olhos imensos abertos e os punhos cerrados sobre os joelhos.

— E o meu filho?

Ivar respondeu àquele apelo agonizado.

— Krista contou-me que apanhara Jason a copiar dados secretos. Ela disse-me que ele planeava vendê-los pela oferta mais elevada.

Gorman socou a sua própria coxa.

— Jason nunca teria. .

— Ela mostrou-me o e-mail dele com os ficheiros subtraídos anexados. Confirmei pessoalmente que tinham sido enviados a um professor em Princeton.

— Princeton não se envolveria em espionagem empresarial.

Custava a Ivar contar ao homem o que acontecera ao filho.

— A organização a que ela pertencia tinha provas de que o rasto do dinheiro conduzia a uma célula terrorista que operava a partir do Paquistão. Se o expusessem a ele, expor-nos-iam a nós também. E destruiria a sua carreira. Krista tentou falar com ele, convencê-lo a revelar os seus contactos, a manter o secretismo. Ela disse que ele recusou, que tentou fugir. Um dos seus homens entrou em pânico e disparou sobre ele.

Gorman cobriu o rosto.

Ivar queria fazer o mesmo, mas não tinha esse direito. Ele sabia que o sangue do rapaz manchava as suas mãos. Ele ordenara a detenção de Jason e o subsequente interrogatório, que fora perpetrado por mercenários brutais.

Então Painter despedaçou a última das ilusões de Ivar.

— Jason estava inocente. Era tudo mentira.

Ivar fitou o outro lado da mesa, emudecido. Ele queria esquecer o que o homem dissera.

— Jason foi morto porque inadvertidamente enviou os dados incriminatórios ao

Professor Maloy. Foi por essa razão que ambos foram mortos. Para encobrir as provas da instabilidade da semente. A Guilda não queria que isso fosse exposto.

Painter fitou duramente Ivar.

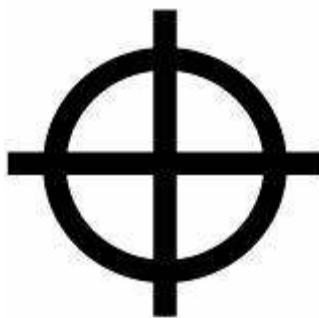
— Uma vez que a informação tinha escapado, precisavam de um bode expiatório. E

você ia ser atirado aos lobos. Depois de o aniquilarem em Svalbard, a Guilda poderia desaparecer facilmente e levar consigo todos os prêmios: uma nova arma biológica e os meios para controlar o que já fora iniciado. A contaminação global pelo cereal seria atribuída à ambição implacável de um CEO morto. E depois de o eliminarem, mais ninguém saberia de nada. Para a Guilda, você não passava de um brinquete que teria de ser sacrificado.

Enquanto Ivar se mantinha perfeitamente imóvel, suor frio escorria-lhe pelas costas. Já não o podia negar. Nada daquilo. E lá bem no fundo, talvez ele sempre tivesse conhecido a verdade, mas não ousara enfrentá-la.

— Mas tenho uma última questão a colocar — prosseguiu Painter. — Uma questão a que não consigo dar resposta.

Fez deslizar um pedaço de papel para o outro lado da mesa. Traçado nele estava um símbolo familiar.



Um círculo e uma cruz.

Painter bateu sobre a folha.

— Percebo por que motivo a Guilda queria matar Jason e o Professor Maloy, mas porquê assassinar o arqueólogo do Vaticano? O que tem isso a ver com o plano da Guilda?

06h12

Painter sabia que Karlsen estava à beira do ponto de ruptura. Os olhos do homem estavam vidrados, a sua voz convertera-se num sussurro rouco. Debatia-se claramente com a profundidade da traição perpetrada contra si. Mas a Guilda era mestra na manipulação e na coerção, na infiltração e na decepção, na brutalidade e na violência.

Até mesmo a Sigma fora noutra ocasião sua vítima.

Mas Painter não lhe oferecia consolo.

Lentamente, Karlsen respondeu à questão.

— O Padre Giovanni abordou a nossa empresa há dois anos para lhe financiar a pesquisa. Ele acreditava que os corpos mumificados encontrados na turfa eram vítimas de um antigo conflito entre cristãos e pagãos. E que o fungo era usado como uma arma para corromper as colheitas e arrasar povoações. E que aquela guerra secreta estava sepultada em código num texto medieval denominado «Grande Livro da Inquirição». A sua documentação era impressionante. Ele acreditava que existia um contra-agente para a propagação do fungo, uma cura, uma forma de o erradicar da terra e do corpo.

— E a Viatus financiou a procura desse contra-agente?

— Financiámos. Que mal podia fazer? Pensámos que talvez conseguisse descobrir um novo químico que nós depois pudéssemos explorar. Mas quando começámos a suspeitar que a nossa nova semente era instável, percebemos que o Padre Giovanni fizera uma descoberta extraordinária. Ele encontrara um artefacto e estava certo de que este o conduziria à localização da tal chave perdida.

Painter compreendeu.

— Tal contra-agente, se existisse, resolveria todos os vossos problemas.

— Pedi a Krista que o interrogasse para avaliar a validade da alegação e apreender o artefacto. — Ivar fechou os olhos. — Que Deus me perdoe.

— Mas o sacerdote fugiu.

Karlsen acenou afirmativamente.

— Não sei o que aconteceu. O que quer que ele lhe tivesse contado ao telefone, atraiu a total atenção da organização. E depois do desastre em África, tínhamos de apreender o artefacto. Se houvesse sequer a mais remota possibilidade da existência de um contra-agente. .

— Mas perderam-no. E o Padre Giovanni foi morto.

— Nunca conheci os pormenores exactos. Depois da confusão em África, eu tinha fogos mais imediatos a apagar. Deixei o assunto nas mãos da Guilda, o de saber se havia alguma validade na alegação do Padre Giovanni.

— E qual foi o resultado?

Ele abanou a cabeça.

— A última coisa que ouvi de Krista foi que um outro grupo ainda procurava a chave.

Devia ser Gray, pensou Painter.

— Krista assegurou-me que a Guilda tinha uma toupeira nesse grupo.

Painter gelou ao ouvir aquelas palavras.

Se a Guilda se infiltrara no grupo de Gray. .

Debatia-se por encontrar uma maneira de os ajudar, de os avisar. Mas nem sequer sabia se estavam vivos ou mortos. Fosse como fosse, não havia nada que pudesse fazer por eles.

Estavam por sua conta e risco.

XXVIII - 14 de Outubro, 12h18

Troyes, França

Uma biblioteca era um local improvável para planejar um assalto a uma prisão. Mas tinham de começar nalgum lado.

Gray partilhava uma mesa com Rachel. Pilhas de livros acumulavam-se em redor deles.

A luz do Sol entrava pelas janelas altas da moderna biblioteca da cidade de Troyes.

Postos de computação ponteavam filas de mesas na sala de investigação.

Apesar da arquitectura de vidro e aço, a biblioteca era antiga. Fundada num convento em 1651, continuava a ser uma das bibliotecas mais antigas de toda a França. O seu principal tesouro era uma colecção de manuscritos da original Abadia de Clairvaux. Após a Revolução Francesa, toda a biblioteca da abadia fora transferida para Troyes como medida de segurança.

E por uma boa razão.

— Foi Napoleão que transformou a abadia em prisão — disse Gray, empurrando para longe um livro e alongando o pescoço.

Desde que tinham chegado de Paris, haviam passado toda a manhã na biblioteca a pesquisar informação sobre a abadia e os seus santos. Tinha dormido pouco, só o que tinham conseguido no aeroporto ou no curto voo desde Inglaterra.

Com o relógio a avançar, Gray enfrentava dois desafios: como alcançar as ruínas que se situavam no coração da Prisão de Clairvaux e o que procurar quando lá chegassem.

Como lhes faltava ainda muita informação, não tivera outra escolha senão atribuir tarefas e dividir a equipa.

Gray acompanhara Rachel e Wallace a Troyes. A cidade ficava a pouco mais de dez quilómetros da prisão. A sua biblioteca continha a maior colecção de documentos históricos sobre a abadia. Para acelerar a investigação, Gray dividira as tarefas. Rachel concentrava-se na vida, morte e inumação de São Malaquias na velha abadia. Wallace tinha ido com um funcionário até à zona restrita do Grand Salon para analisar documentos originais relativos a São Bernardo, o fundador da ordem monástica e amigo íntimo de Malaquias.

Gray concentrava-se em esquadriñar todos os pormenores arquitectónicos que pudesse encontrar sobre a abadia original. Tinha uma pilha de livros semelhante à de Rachel ao seu lado. Aberto diante dele, estava um texto datado de 1856. Continha um mapa do recinto da antiga abadia.

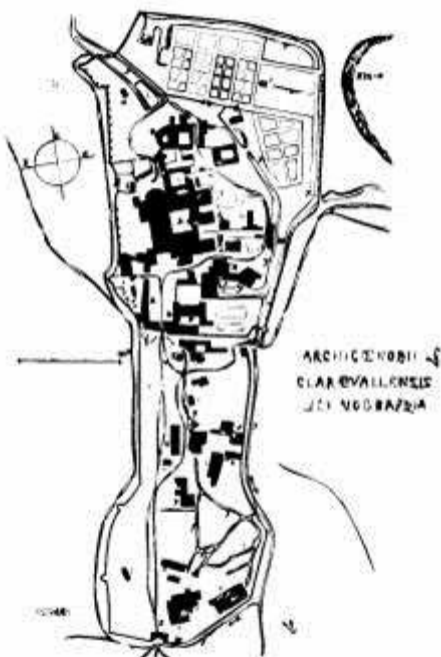
Um muro exterior alto rodeava a propriedade, interrompido por torres de vigia. No interior, o terreno era dividido em quatro zonas. O pátio oriental albergava jardins, pomares e mesmo alguns lagos de peixes. A ocidente, estendiam-se celeiros, estábulos, matadouros, oficinas e alojamentos de hóspedes. Entre eles, resguardada atrás de muralhas interiores, situava-se a abadia propriamente dita, incluindo a igreja, os claustros, edificios laicos e cozinhas.

Com o livro aberto à sua frente, Gray estudava o mapa novecentista.

Algo o atraía insistentemente para a imagem, mas quanto mais se concentrava, menos certo se sentia. Na última meia hora, usara o mapa para assinalar as escassas estruturas sobreviventes da abadia. Ainda se mantinha de pé uma série de celeiros, algumas secções de muralha, um edificio laico bastante bem preservado e as ruínas do claustro original.

Era este último — le Grand Cloitre — que mais intrigava Gray.

O Grande Claustro localizava-se imediatamente ao lado do local onde outrora se erguera a abadia. E São Malaquias fora sepultado sob essa igreja.



Mas estaria ainda aí?

Essa era outra preocupação. Segundo Rachel, após a Revolução Francesa, o túmulo de São Malaquias desaparecera do registo histórico.

Significaria isso alguma coisa?

O que obrigava Gray a retornar a questão que ainda o atormentava.

— Porque transformou Napoleão a abadia em prisão?

Walace regressara e ouviu-o.

— Não é assim tão invulgar — explicou, enquanto se sentava. — Muitas abadias antigas da Idade Média foram convertidas em instalações penais. Devido às suas paredes espessas, torres e edifícios monásticos, a conversão era bastante simples.

— Mas de todas as abadias em França, Napoleão escolheu esta como prisão. Mais nenhuma. Poderia estar a proteger alguma coisa?

Walace coçou o lábio inferior, pensando.

— Napoleão foi uma figura central do Iluminismo. Ele fixou-se nas novas ciências, mas também tinha um fascínio pelo antigo. Quando conduziu a sua desastrosa campanha no Egipto, levou consigo vários eruditos para explorar os tesouros arqueológicos. Se ele tivesse sabido que havia algum conhecimento secreto escondido na abadia, podia certamente tê-lo guardado. Sobretudo se pensasse que poderia ameaçar o seu império.

— Como a maldição. — Gray recordou a palavra escrita no «Grande Livro da Inquirição».

— Devastado.

Teria algo assustado de tal maneira Napoleão que este o havia aferrolhado?

Gray esperava que sim. Se a chave do Juízo Final tivesse sido enterrada na tumba de São Malaquias, talvez ainda aí se encontrasse.

Rachel não dispunha de tempo para enganos.

Nas últimas horas, ela começara a desenvolver febre. A sua testa ardia e era atacada por calafrios. Mesmo naquele momento, vestia uma camisola grossa que a tapava até ao pescoço.

Não se podiam dar ao luxo de errar.

Gray consultou o relógio. Tinham planeado encontrar-se com Kowaiski e Seichan dentro de uma hora. Os dois tinham-se deslocado à prisão, para a estudar e procurar pontos fracos. Cabia a Seichan discernir um meio de penetrar nas instalações de alta segurança. Ela partira com uma expressão de dúvida a pairar-lhe no rosto.

Rachel afastou-se do livro, a sua compleição cerácea e pálida, os olhos avermelhados e entumecidos.

— Não consigo encontrar mais informação do que aquela que já sei — admitiu por fim, denotada. — Li toda a história da vida de Malaquias, desde o nascimento até à morte. Mas não consegui descobrir uma razão para Malaquias, um arcebispo irlandês, ser sepultado em França. Excepto que ele e Bernardo eram profundamente amigos. Com efeito, afirma-se aqui que Bernardo foi sepultado com Malaquias em

Clairvaux.

— Mas ainda aí estão? — indagou Gray.

— De acordo com tudo o que li, os corpos nunca foram movidos. Mas o registro histórico após a Revolução Francesa dissipa-se.

Gray voltou-se para Wallace .

— E São Bernardo? Encontrou alguma coisa sobre o homem ou sobre a fundação da abadia que nos possa ser útil?

— Alguma coisa. Bernardo estava intimamente associado aos Cavaleiros do Templo.

Ele chegou mesmo a estabelecer algumas das regras dos Templários e interveio no sentido do reconhecimento da ordem pela Igreja. Instigou, além disso, a Segunda Cruzada.

Gray pesou a informação. Os Cavaleiros do Templo eram considerados os guardiões de inúmeros segredos. Poderia ser mais um entre vários?

Wallace continuou.

— Mas uma nota sobrepôs-se a todas as outras, a história de um milagre. Que aconteceu aqui. Diz-se que Bernardo adoeceu letalmente com uma infecção e que quando rezava diante da estátua da Virgem Maria, esta exsudou um leite que o curou. Tornou-se conhecido como o Milagre da Lactação.

Rachel fechou o seu livro.

— Mais um exemplo de cura milagrosa.

— Aye, mas essa ainda não é a parte interessante — disse Wallace , com um malicioso erguer de sobrelance. — Segundo a história, a estátua que exsudou o leite. .

era uma Nossa Senhora Negra.

Gray levou um momento a absorver o choque.

— Uma Nossa Senhora Negra curou-o..

— Parece familiar, não? — perguntou Wallace . — Talvez seja alegórico. Não sei. Mas após a morte de Malaquias, São Bernardo tornou-se o maior defensor do culto da Nossa Senhora Negra. Ele foi fundamental na iniciação do culto.

— E esse milagre ocorreu precisamente aqui.

— Aye. O que sugere definitivamente que o corpo da rainha de pele escura pode ter sido transportado para aqui, para Clairvaux.. a par da chave.

Gray esperou que ele estivesse certo, mas só havia uma maneira de o saber. Tinham de entrar naquela prisão.

12h43

Clairvaux, França

Seichan caminhava pelos bosques.

A sua expedição de reconhecimento a Clairvaux produzira alguns resultados.

Envergando equipamento de caminhada para tempo frio, tinha uns binóculos em volta do pescoço e um bastão. Apenas uma jovem mulher a fazer uma caminhada. Só que aquela caminhante carregava uma Sig Sauer, num coldre, no fundo das costas.

A prisão e antigo mosteiro situava-se num vale entre duas elevações arborizadas.

Segundo Rachel, era comum a ordem cisterciense edificar os seus mosteiros em locais tão remotos. Preferindo um estilo de vida austero, os monges retiravam-se para o interior de bosques, o topo de montanhas e até mesmo pântanos.

Isolado, servia igualmente como perfeita localização para uma prisão.

Seichan percorrera a totalidade do perímetro de Clairvaux, anotando a posição de todas as torres de vigia, das filas de muralhas, das cercas de aço e dos rolos de arame farpado.

Era uma fortaleza.

Mas nenhum castelo era impenetrável.

Um plano já se desenhava na sua mente. Necessitariam de uniformes e passes e de um camião da polícia francesa. Deixara Kowaiski num café com ligação à Internet na vila vizinha de Bar-sur-Aube. Através de uma fonte da Guilda, ele recolhia uma lista de nomes de prisioneiros e guardas, incluindo fotografias. Ela acreditava poder ter tudo pronto no dia seguinte. As horas de visita matinais permitiriam a entrada de um ou dois deles. Os restantes teriam de se introduzir no camião identificado com credenciais falsas.

No entanto, havia que considerar múltiplas variáveis. Quanto tempo necessitariam de permanecer no interior? Como sairiam de lá de dentro? E quanto a armas?

Ela sabia que estavam a avançar demasiado depressa, demasiado imprudentemente.

De repente, Seichan esquivou-se para trás do grosso tronco de um carvalho branco.

Não sabia dizer porque sentira necessidade de se esconder.

Apenas um formigueiro na nuca.

Era melhor não o ignorar. O corpo humano era uma grande antena, captando sinais que a mente consciente frequentemente desdenhava, mas a parte mais profunda do cérebro, onde se enraizava o instinto, processava-os continuamente e fazia muitas vezes soar o alarme.

Especialmente se treinado desde a infância, como Seichan, cuja sobrevivência dependera da escuta desses sinais mais obscuros da consciência.

Enquanto sustinha a respiração, ouviu o esmagar de folhas secas atrás de si. Adiante, um restolhar de ramos. Baixou-se.

Estava a ser perseguida.

Seichan sabia que tinham sido seguidos até França por espias. Antes de sair de Inglaterra, ela informara o seu contacto. Magnussen conhecia o seu destino. Os perseguidores tinham-nos apanhado de novo em Paris. Seichan não demorara muito tempo a detectá-los.

Mas teria jurado que ninguém a seguira desde Bar-sur-Aube, depois de lá ter deixado Kowaiski. Estacionara o carro perto de uma estrada secundária e metera-se nos bosques sozinha.

Quem estava ali?

Esperou. Ouviu restolhar de novo atrás de si. Fixou a localização na sua mente.

Rodando para fora, captou a imagem com um olhar fixo. Um homem com uma espingarda, camuflado, rastejava pelo bosque, claramente com treino militar.

Ainda antes de acabar de rodar, projectou para fora o braço. O punhal de aço voou dos seus dedos. Transpôs as folhas e atingiu o caçador no olho esquerdo.

Ele caiu para trás com um grito.

Ela lançou-se para diante e encurtou a distância em quatro passadas. Socou o cabo do punhal, afundando-o até ao cérebro.

Sem abrandar, agarrou na espingarda do homem e seguiu monte acima.

Um grande bloco de pedra erguia-se próximo do cume. Depois do estudo prévio feito, ela tinha todo o terreno mapeado na sua mente. Alcançando o abrigo, deslizou e voltou-se de bruços. Assumiu a posição de disparo, com o olho já encostado à mira.

Um silvo ricocheteou na pedra que estava junto à sua cabeça.

Não ouvira o tiro, mas a passagem da bala rasara um ramo de pinheiro. Agulhas tombaram. Fixou a trajectória pela mira, vislumbrou uma sombra maciça a mover-se por entre as sombras mosqueadas e apertou o gatilho.

A espingarda disparou fazendo pouco mais ruído do que um estalar de dedos.

Um corpo caiu. Sem um grito. Um tiro limpo na cabeça.

Seichan moveu-se de novo.

Haveria um terceiro.

Correu ao longo da linha do cume, triangulando a posição mais provável para um terceiro assassino. Mantinha-se em terreno elevado. O mapa do terreno sobrepunha-se à sua visão, como o dispositivo de visualização cartográfica no interior de um capacete.

Se ela tivesse preparado um emboscada naquela região arborizada, havia um poleiro tentador mais adiante. Um carvalho seco atingido por um raio com um tronco escavado.

Se ela tivesse avançado mais uns trinta metros, teria penetrado no seu campo de fogo.

Os outros dois assassinos, pressentindo a presa prestes a cair na cilada, deviam ter baixado a guarda e avançado antes de tempo, expondo-se insensatamente na sua pressa.

Certamente, Magnussen tê-los-ia prevenido da letalidade do alvo.

Mas eles eram homens, mercenários com egos a condizer.

Ela era apenas uma mulher.

Alcançou a árvore pela retaguarda, vinda de cima. Deslizou até ela sem perturbar uma folha ou um galho.

Posicionando a espingarda a poucos milímetros da parte de trás da árvore morta, disparou através da mesma. Um grito de surpresa e dor irrompeu, enquanto um corpo tombava da cavidade da árvore pelo lado oposto. Lançou-se sobre ele com o punhal.

Era corpulento, exalava a unto, o seu rosto semeado por uma barba negra. Praguejou em árabe, com um forte acento marroquino. Ela tinha o punhal encostado ao pescoço dele, tencionando interrogá-lo, saber porque tinha sido emboscada e quem os enviara.

Ela podia obrigá-lo a falar. Conhecía maneiras de o fazer.

Em vez disso, arrastou-lhe o punhal pela garganta, abaixo da laringe, uma morte silenciosa, e voltou-o de costas. Não havia necessidade de o interrogar, considerou. Ela já conhecia as respostas.

Algo mudara. Uma ordem de eliminação fora enviada por Magnussen. Apanhando-a sozinha nos bosques, tinham tentado acabar com ela primeiro.

Pensou em Gray e nos outros. Correu em direcção ao local de estacionamento. Eles não faziam ideia.

Procurou num bolso e abriu o telemóvel. Marcou o número que memorizara.

Quando a chamada foi atendida, deixou transbordar toda a sua furia.

— A sua operação! Só para que saiba, falhou!

13h20

Rachel encontrava-se com Wallace num jardim de hotel em Bar-sur-Aube. Consultou o relógio. Kowaiski e Seichan já ali deviam estar.

Fitou a rua. Tinha combinado encontrar-se ao almoço para rever os planos. Tinha reservado quartos ali. O hotel — le Moulin du Landion — fora elegantemente convertido a partir de um moinho de água seiscentista. O canal original ainda corria pelos jardins, fazendo girar uma velha roda.

Teria ficado encantada com o local, mas sentia-se doente. O coração batia

fortemente, ardia-lhe a garganta e a febre estava a aumentar. Por fim sucumbiu e sentou-se numa das cadeiras do pátio.

Gray regressou do átrio. Abanava a cabeça enquanto se aproximava.

— Ninguém levantou as chaves. — Reparou que ela se tinha sentado e o rosto contraiu-se de preocupação. — Como te sentes?

Ela abanou a cabeça.

Ele continuou a fitá-la. Ela sabia o que ele estava a pensar. Seichan esboçara um plano geral para penetrar na prisão. Tentariam fazê-lo na manhã seguinte. Gray interrogava-se claramente se ela aguentaria tanto tempo.

Subitamente, Seichan surgiu, entrando pelo portão do jardim. Perscrutou em toda a volta. A mulher, sempre hiper-alerta, parecia especialmente inquieta. Os seus olhos estavam mais abertos, o olhar mais inconstante.

Gray devia ter notado o mesmo.

— O que se passa?

Ela franziu o sobrolho.

— Nada. Está tudo bem. — Mas quando reparou que faltava um deles, retesou-se de novo. — Onde está Kowaiski?

— Pensei que estava consigo.

— Deixei-o na vila a fazer uma pesquisa enquanto perscrutei os bosques.

— Deixou Kowaiski a fazer pesquisa?

Seichan ignorou o cepticismo.

— Era trabalho grosseiro. Deixei-lhe instruções tão claras que até um macaco as poderia seguir.

— Mas estamos a falar de Kowaiski.

— Devíamos ir à procura dele — disse Seichan.

— Provavelmente encontrou um bar aberto e ficou a almoçar. Ele acabará por regressar aqui. Vamos discutir o que descobrimos hoje. — Gray gesticulou em direcção à mesa de Rachel.

Seichan não parecia satisfeita com a decisão. Ficou de pé, andando de um lado para o outro e mantendo uma vigília constante. Rachel reparou no retesar de um músculo na sua face, quando a roda de água chiou.

A mulher ficou tensa, mas acabou por se sentar.

Gray questionou-a sobre os seus planos para o dia seguinte. Todos murmuravam baixo e mantinham as cabeças inclinadas juntas. Enquanto Seichan enumerava tudo o que seria necessário, Rachel sentia-se cada vez mais desanimada. Havia muita coisa que poderia correr mal.

A dor de cabeça aumentou e transformou-se numa agonia pungente, incidindo na parte ulterior do olho direito. Era suficientemente forte para a pôr nauseada.

Sem perder um único pormenor da conversa, Gray pousou a sua mão sobre a

dela.

Nem sequer olhara na sua direcção. Fora um gesto instintivo de tranquilização.

Seichan captara o seu movimento e fitou a mão dele. Depois, subitamente, rodou na direcção da rua e retesou-se. Ficou perfeitamente imóvel, como uma chita antes de atacar.

Mas era apenas Kowaiski. Surgiu à vista andando vagarosamente. Ergueu uma mão em saudação, abriu o portão do jardim e encaminhou-se na direcção dos companheiros.

Soprava um charuto, arrastando uma nuvem de fumo aromático atrás de si.

— Está atrasado — censurou-o Gray.

Limitou-se a rolar os olhos.

Wallace aproveitou a interrupção para expressar a sua preocupação em relação aos planos para o dia seguinte.

— É um plano bastante arriscado. Exigirá uma sincronização perfeita e uma sorte desmedida. E mesmo assim, duvido que consigamos chegar às ruínas da abadia.

— Então porque não fazemos simplesmente uma visita? — questionou Kowaiski, atirando uma brochura para cima da mesa.

Todos fitaram o panfleto turístico. Exibia uma imagem de uma antiga colunata arqueada com um elegante toldo por cima.

Rachel traduziu o francês.



— A Associação Renascentista da Abadia de Clairvaux realiza visitas guiadas à prisão.

Todos fitaram Kowaiski.

Ele encolheu os ombros.

— O que é? Puseram-mo debaixo do nariz. Às vezes ajuda não nos misturarmos.

No caso de Kowaiski, isso ultrapassava muito a realidade. Ninguém o poderia confundir com um habitante local.

Rachel leu na diagonal o resto da brochura.

— As visitas realizam-se duas vezes ao dia e custam dois euros. A segunda visita começa daqui a uma hora.

Wallace pegou na brochura e agitou-a.

— Uma visita tão curta não nos dará muito tempo para fazer uma busca aturada, mas podíamos ficar com uma ideia do lugar.

Gray concordou.

— E permitir-nos-á igualmente deitar uma olhadela à segurança a partir do interior.

— Mas nessa visita — alertou Seichan — seremos revistados. Não poderemos levar armas.

— Não o faremos — disse Gray com um sacudir despreocupado da cabeça. — Com tantos guardas armados à nossa volta, estaremos mais seguros do que nunca.

Seichan não parecia nada convencida.

14h32

Então a cabra estava viva.

A quatro quilómetros de Troyes, Krista atravessou o campo coberto de erva em direcção aos helicópteros não identificados. Os dois Super Pumas Eurocopter furtados já estavam a ser carregados para a missão. Dezoito homens envergando equipamento de combate aguardavam ordens para embarcar. Os técnicos tinham terminado o apetrechamento de ambas as aeronaves com as armas necessárias.

Um espião que se encontrava no terreno informou que os alvos estavam em movimento. Tinham reservado uma visita guiada às ruínas da abadia e dirigiam-se para a pisão. Ela esperara ter despachado Seichan antes de avançar. A mulher era uma carta demasiado imprevisível, mas Krista dispunha de armas e efectivos mais do que suficientes para lidar com ela.

Apenas o tornava mais difícil.

Que assim fosse.

As ordens que recebera consistiam em apreender o artefacto e eliminar os outros. Era o que tencionava fazer, mas tendo em conta os mais recentes desastres, reconhecia igualmente a precariedade da sua posição na organização. Recordou a ameaça implícita nas palavras frias pronunciadas ao telefone. Qualquer falha a partir dali terminaria na sua eliminação. Contudo, também sabia que a simples satisfação dessas expectativas não seria suficiente.

Depois de tantos insucessos, ela precisava de uma vitória, de um troféu a apresentar ao Escalão. E tencionava obtê-lo. Se a chave do Juízo Final estivesse entre as rumas, ela forçaria os outros a encontrá-la e depois eliminá-los-ia.

Com a chave nas mãos, a sua posição na Guilda seria reassegurada.

Mantendo esse objectivo em mente, não deixava nada ao acaso. Os alvos não tinham armas nem meios de fuga, pelo menos enquanto estivessem encurralados no coração de uma prisão de alta segurança. Uma vez o ataque iniciado, a prisão seria

encerrada.

Não teriam para onde fugir nem onde se esconder.

Fez sinal ao esquadrão para embarcar nas aeronaves.

Era tempo de esmagar aquela facção.

XXIX - 14 de Outubro, 14h40

Clairvaux, França

Gray sabia que estavam metidos em sarilhos.

A segurança da prisão revelou-se extremamente rigorosa, mesmo para um grupo de visita privada. Os seus passaportes foram verificados no sistema informático, as suas mochilas revistadas e tiveram de passar por dois detectores de metais, seguidos de um detector manual que lhes perscrutou o corpo inteiro. Havia guardas armados de espingardas, bastões e pistolas em todo o edifício principal. Mais homens patrulhavam o pátio exterior, acompanhados de cães de guarda robustos.

— Pelo menos omitiram a pesquisa das cavidades — resmoneou Kowaiski, enquanto deixavam o último posto de inspecção.

— Irão fazê-lo à saída — advertiu-o Gray.

Kowaiski fitou-o para se certificar de que era uma piada.

— Por aqui, s'il vous plait — disse a guia com agitando o seu guarda-chuva cor de malva. A representante da Associação Renascentista era uma mulher alta, séria e aparentava ter sessenta e tal anos. Vinha vestida informalmente com umas calças caqui, uma camisola leve e um casaco curto. Não fazia qualquer esforço para dissimular a sua idade. Tinha um ar desgastado, com o seu cabelo cinza apanhado atrás das orelhas. A expressão raramente se suavizava.

No fim de um corredor, aproximaram-se de umas portas duplas que conduziam a um pátio interior. A luz do sol derramava-se sobre relvados aparados, arbustos podados e caminhos de gravilha. Depois de ultrapassada a zona de alta segurança, era como se tivessem penetrado noutro mundo. Pedacos de muro esboroado, meio cobertos de hera, entrecruzavam a extensão de oito mil metros quadrados, a par de elevações angulares que assinalavam as antigas fundações.

A guia conduziu-os pelo pátio, seguida por um guarda armado. Agitou o seu guarda-chuva na direcção das paredes.

— Estes são os últimos vestígios do original monasterium vetus. A sua capela quadrada foi mais tarde incorporada na igreja da abadia, juntamente com o seu vasto coro e capelas radiantes.

Gray absorvia tudo.

Durante a viagem de autocarro até ali, a mulher apresentara-lhes uma breve

história do mosteiro e do seu fundador. Eles já conheciam a maior parte da informação. A excepção de um pormenor revelador. São Bernardo edificara o mosteiro na sua propriedade familiar. Em função desse pormenor, ele conheceria perfeitamente a topografia do local e quaisquer cavernas ou grutas escondidas.

Teria ele escolhido aquela localização precisa por alguma razão?

Gray reparou que Rachel também fitava o chão, certamente ela estaria a pensar o mesmo.

Mais afastada, Seichan mantinha o olhar elevado, na direcção das muralhas que circundavam a prisão e das suas torres de vigia. As ruínas estavam completamente cercadas por todos os lados. A sua expressão mantinha-se lúgubre.

Seichan apanhou-o a estudá-la. Ela sustentou o seu olhar, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Embora exteriormente parecesse estóica, os músculos mais ínfimos da sua face, aqueles que se esquivavam ao controlo voluntário da maioria das pessoas, pareciam passar por uma imensidade de emoções, enevoando-se num caos impenetrável.

Por fim, desviou o olhar quando a guia falou.

— Venham, venham. Vamos passar ao extraordinariamente bem preservado edifício laico, que nos oferece uma ilustração magnífica da vida monástica.

Encaminhou-se para o lado oposto do pátio, onde um edifício de pedra de três andares se aninhava num canto. Era precedido por arcadas e perfurado por pequenas portas e janelas.

— O piso mais baixo abrigava o calefactorium do mosteiro ou a sala de estar comum — explicou. — O seu desenho é engenhoso, très bril ant! Sob o pavimento, estendem-se uma série de canais provenientes de celas escondidas. As lareiras aqueciam os arrepiados monges após as orações ou os ofícios nocturnos. Aqui, podiam igualmente untar as suas sandálias antes de iniciar o dia.

Enquanto ela fornecia mais informações sobre a vida diária no mosteiro durante a Idade Média, Gray estudava as pedras sob os seus pés.

Então os monges eram engenheiros e hábeis construtores de túneis.

Recordou-se igualmente da afirmação de Wallace de que tais mosteiros e abadias estavam frequentemente repletos de passagens secretas.

Teria alguma delas sobrevivido?

A mulher conduziu-os por outras zonas das ruínas, inclusive pelos restos de um celeiro que servira como antiga oficina de curtição e, por fim, levou-os de volta à antiga igreja em ruínas. E terminou no impressionante Grande Claustro, a jóia da coroa da visita.

Transpuseram uma imensa arcada e penetraram no claustro. A estrutura consistia numa passagem quadrangular, coberta no topo e delineada por colunas na parte de dentro, que dava para um ensolarado jardim interior. Abóbadas góticas

sustentavam a cobertura da passagem.

Gray passou os seus dedos pela parede mais próxima. Tendo perdurado um milénio, toda a estrutura representava um testemunho contra a destruição dos anos e das intempéries.

Que mais poderia ter sobrevivido?

A guia conduziu-os até ao jardim central, com os seus estreitos carreiros emoldurados por arbustos baixos e canteiros de flores angulares.

— Os claustros foram construídos a sul da igreja para tirar o melhor partido possível da luz do sol.

Ela ergueu o rosto na direcção do céu para o demonstrar.

Gray seguiu-a e colocou-se ao lado de uma bússola ornamentada que embelezava o centro do jardim. Rodou num círculo lento e estudou o quadrado de colunas que o rodeava.

De entre todos os terrenos da abadia, porque seria o claustro o mais bem preservado?

Sentiu que se havia uma entrada para o túmulo de São Malaquias, então teria de ser ali. A alguns passos dele, Rachel tirava fotografias. Estudá-las-iam quando regressassem ao hotel, procurando discernir uma solução.

No entanto, Gray permanecia imóvel. Ele sabia que as fotografias não conseguiriam captar a impressão antiga que aquele lugar emitia. Demorou um momento a absorver tudo aquilo. Algo na estrutura o perturbava. Afastou todas as distrações. Ignorou o deambular dos outros pelas ruínas e deixou de ouvir o discurso contínuo da guia.

E, assim, escutou o local.

Permitiu-se recuar no tempo, escutar os cânticos dos monges, o retinir dos sinos a chamar para as orações e as preces silenciosas lançadas aos céus.

Era um lugar sagrado.

Rodeado por antigas colunas de pedra. .

Então soube.

Deu a volta completa mais uma vez, com os olhos bem abertos.

— Encontramo-nos no interior de um círculo de pedra sagrado.

A um passo de distância, Rachel baixou a câmara.

— O quê?

Ele indicou com o braço o claustro em redor.

— Estas colunas não são diferentes das pedras erguidas no pântano de turfa. — O seu entusiasmo cresceu, a voz soou entrecortada. — Encontramo-nos no meio de uma versão cristã de um círculo de pedra.

Gray deslocou-se rapidamente na direcção das imperiosas colunas e deslocou-se de uma para a outra. Talhadas a partir de blocos maciços de pedra calcária

amarelo-acinzentada, cada uma deveria pesar várias toneladas. Na verdade não eram diferentes das pedras azuladas de Inglaterra.

Na quarta coluna, encontrou-o. Esbatido, não era mais do que uma sombra desvanecida na superfície do calcário. Passou os dedos pela marca, traçando o círculo e a cruz.



— É o símbolo — constatou ele.

A guia notara a sua súbita atenção. Juntou-se-lhe.

— Magnifique. Encontrou uma das cruzes de consagração.

Ele voltou-se para ela à espera que desenvolvesse o assunto.

— Durante a Idade Média, era tradição santificar uma igreja ou a sua propriedade com tais símbolos. Ao contrário do crucifixo, que representa o sofrimento de Cristo, estes círculos cruzados representam os apóstolos. Era comum naquela época adornar um lugar sagrado com estes elementos. Eram geralmente em número de...

— Doze — completou Gray. Ele lembrou as pedras erectas no pântano de turfa. Aí também havia doze cruzes.

— Exacto. Assinalam a bênção dos doze apóstolos.

E talvez algo bastante mais antigo, acrescentou ele silenciosamente.

Gray passou por uma arcada quando penetrou no interior da passagem coberta.

Queria examinar o outro lado das colunas. As pedras erguidas em Inglaterra exibiam espirais do lado inverso.

Procurou rapidamente ao longo do claustro. Os outros reuniram-se-lhe. Não encontrou marcas na superfície interna das colunas. Quando terminou a volta completa, no ponto onde começara, o seu entusiasmo tinha diminuído. Talvez estivesse errado. Talvez tivesse exagerado na interpretação do simbolismo.

A mulher apercebera-se da sua busca determinada.

— Estou a ver que já ouviu falar da lenda local — disse ela, num tom ligeiramente trocista. — Penso que metade da razão por que o claustro ainda perdura se deve a esse mistério.

Walace limpou a testa com um lenço.

— De que mistério está a falar, minha cara senhora?

A mulher sorriu pela primeira vez, ligeiramente impressionada pelo velho professor.

Walace mantivera-se perto dela, colocando-lhe inúmeras questões, o que provavelmente contribuíra para a atracção.

— Trata-se de uma lenda local. Uma história que tem passado de geração em geração. Mas admito que se trata de um facto estranho.

Walace retribuiu-lhe o sorriso, encorajando-a a continuar.

Ela apontou para o pátio.

— Como eu disse antes, é vulgar santificar uma igreja com doze cruzeiros de consagração. Mas aqui há apenas onze.

Surpreendido, Gray regressou ao jardim. Censurou-se mentalmente por não ter sido suficientemente rigoroso. Nunca pensara em contar o número de símbolos. Ele presumira que havia doze, tal como no caso das pedras erectas.

— A história conta que a décima segunda e última cruz de consagração da Abadia de Clairvaux guarda um imenso tesouro. Há séculos que ele é procurado, que os terrenos são esquadrinhados, até mesmo os celeiros exteriores perscrutados. Mas não passa de uma lenda sem sentido. Absurdité. Muito provavelmente a décima segunda cruz foi talhada no interior da própria abadia, ligando a bênção exterior à igreja.

E talvez essa ligação ainda exista, pensou Gray.

A guia consultou o relógio.

— Lamento, mas temos de terminar a visita por aqui. Se vierem amanhã, talvez vos possa mostrar mais coisas.

Esta última oferta dirigiu-se sobretudo a Wallace Boyle.

— Oh, estou certo de que voltaremos — prometeu-lhe ele.

Gray relanceou Seichan para ver se ela acharia possível uma segunda visita. Ela deslizara para o seu lado. Com o aproximar do final da visita, tornara-se visivelmente tensa.

Antes que a pudesse questionar, irrompeu uma potente sirene, vibrante e estridente.

Todos procuraram em seu redor. O que se estava a passar?

O guarda armado aproximou-se. Rachel perscrutou o rosto da guia para determinar se se tratava de uma ocorrência normal.

— Temos de encontrar um abrigo — murmurou Seichan ao ouvido de Gray. A sua voz revelava urgência, mas parecia quase aliviada, como se tivesse estado à espera que algo acontecesse.

— O que se passa?

Antes de ela poder responder, um novo ruído insinuou-se. Para lá da sirene, reverberava um batimento surdo, que se sentia nas entranhas. Gray olhou o céu e avistou dois helicópteros sobre a copa das árvores. As aeronaves ergueram-se alto e depois afundaram o nariz ramo à prisão.

A julgar pelas sirenes, Gray percebeu que aqueles dois aparelhos não pertenciam àquele espaço aéreo.

A prisão estava a ser atacada.

15h22

Krista estava sentada ao lado do piloto, enquanto este inclinava o helicóptero na direcção da prisão. Mesmo através dos auscultadores e do roncar dos rotores, ela conseguia ouvir o uivar das sirenes. As instalações tinham detectado a sua aproximação e tentado comunicar com eles, mas sem a retribuição dos sinais adequados, a prisão fizera soar o alarme.

À sua frente, o primeiro Eurocopter sobrevoou os terrenos da prisão. Do seu ventre, foram largadas bombas. Estas precipitaram-se e despenharam-se com explosões inflamadas. Os abalos lançaram o caos, ecoando como trovões.

Krista queria provocar o máximo de danos possível. Ela fora informada sobre o protocolo de segurança da Prisão de Clairvaux. Em caso de emergência, as instalações isolariam as ruínas da abadia, para proteger um tesouro nacional e quaisquer turistas que se encontrassem encurralados no seu interior.

Como agora.

O piloto do helicóptero dianteiro comunicou via rádio.

— Os alvos foram avistados. Coordenadas enviadas.

Ela relanceou o piloto da sua aeronave. Ele assentiu. Recebera as coordenadas e curvou abruptamente para a direita. Levavam a bordo dez homens. Estavam a ser preparadas em ambas as escotilhas cordas para eles descerem do helicóptero. Uma vez sobre as ruínas, os homens saltariam borda fora, deslizariam pelas cordas e capturariam os alvos que se encontravam em baixo.

Krista acompanharia esta primeira equipa de assalto.

Ela tencionava tratar do problema pessoalmente.

Depois da prisão bombardeada e incendiada, o outro helicóptero descarregaria os seus homens numa segunda investida. As duas aeronaves continuariam o patrulhamento e aguardariam as suas ordens de evacuação a qualquer momento.

Debruçando-se para fora da aeronave, Krista olhou para baixo. As coordenadas assinalavam um quadrado maciço de ruínas de pedra em torno de um vasto jardim. O espaço era suficientemente amplo para um helicóptero aterrar no seu interior, se necessário.

O piloto estava em linha.

— A aguardar o sinal — disse ele.

Ela ergueu um punho e apontou o polegar para baixo.

Estava na altura de acabar com aquilo.

Gray abrigou-se com os outros sob a passagem coberta do claustro. As sirenes retiniam-lhe nos ouvidos. A cabeça doía-lhe devido ao ruído provocado pelas explosões.

Jorros de fumo e fogo irrompiam em seu redor.

Gray compreendeu a táctica do bombardeamento da prisão.

Alguém nos quer encurralar.

E ele podia adivinhar quem.

Os padrões de Seichan queriam-nos sob rédea mais curta. Tê-los-ia ela informado que

a equipa de Gray estava prestes a descobrir a chave? Seria daquela forma que pretendiam jogar o lance final?

No entanto, Seichan parecia igualmente furiosa. Aparentemente, ela não fora informada daquela mudança de planos.

— O que vamos fazer? — indagou Rachel.

Ele não sabia responder. Pressentia que havia muitas questões encerradas naquela.

Como iriam sair dali? E o antídoto prometido para o seu envenenamento? Sem a chave do Juízo Final na mão, não tinham moeda de troca.

Precisavam daquela chave.

Precisamente antes do assalto, algo começara a ganhar forma na mente de Gray.

Uma ideia vaga, o sopro de um pensamento. Mas as sirenes e as bombas tinham-no expulsado para longe.

Algo sobre a décima segunda cruz de consagração.

Por entre o fumo, um helicóptero surgiu à vista. A sua sombra projectou-se sobre o pátio, enquanto deslizava para uma posição estática. O movimento do rotor fazia estremecer o espaço fechado, amassando as flores e sacudindo os arbustos.

Gray e os outros não tinham para onde fugir.

Enquanto fitava o jardim, a resposta surgiu-lhe repentinamente. Não houve cálculos, não houve junção de peças. Tornou simplesmente forma na sua mente.

O tempo arrastou-se.

Recordou a sua fixação no mapa da velha abadia na biblioteca de Troyes. Sabia o que o perturbara. Havia uma cruz pagã inscrita nessa precisa página. Na biblioteca, não se apercebera, não a identificara naquele contexto. Na sua mente, ele via-a agora claramente.



A cruz pagã representava a terra quadripartida nos seus quadrantes básicos: este, oeste, norte, sul.

Tal como a bússola do mapa.

Gray fitou o jardim e a decoração que embelezava o centro do pátio. A bússola era uma construção em bronze, ornamentada, que assentava num plinto de pedra e ficava à altura da cintura. A bússola fora esculpida com elaborados floreados, encontrando-se cada uma das direcções cardinais claramente assinalada, a par de múltiplas gradações entre elas.

A décima segunda cruz de consagração — embora dissimulada naquela nova encarnação — estivera sempre à vista de todos.

Para que não restasse mais nenhuma dúvida, Gray evocou ainda uma outra coisa. A bússola encontrava-se no centro do pátio, rodeada de pedras marcadas com símbolos sagrados. Tal lugar representava o ponto mais sagrado para os antigos que haviam erguido as pedras antigas.

Gray sabia o que tinha de fazer.

Voltou-se para o guarda e apontou o helicóptero que planava, enquanto as suas escotilhas eram abertas.

— Dispare!

Mas o guarda parecia aterrado. Era jovem, provavelmente novo na função, contratado para acompanhar grupos de turistas. Encontrava-se fora do seu elemento.

— Bem, se não vais. . — Kowaiski arrancou a arma das mãos aturdidas do guarda. — Deixa-me mostrar-te como se faz.

Ergueu-se, apontou e começou a disparar contra o helicóptero. Homens mergulhavam para fora da escotilha aberta. Uma corda soltou-se e contorceu-se, quando o helicóptero arrancou para cima e para o lado, apanhado de surpresa pelo tiroteio.

Gray sabia que dispunha de escassos segundos para confirmar a sua teoria.

— Kowaiski, empate esse pássaro! Todos os outros, sigam-me!

Gray correu para o jardim e dirigiu-se à bússola.

— Disponham-se à sua volta! — ordenou, enquanto agarrava o grande N de bronze.

Walace , Rachel e Seichan agarraram as outras direcções cardinais.

— Temos de a rodar! Como no túmulo da ilha. Girá-la como uma espiral!

Gray enterrou os calcanhares na relva, posicionou o ombro e empurrou. Os outros fizeram o mesmo. Nada. Não se mexia. Estaria errado? Estariam a rodá-la no sentido contrário?

Então, subitamente cedeu. Toda a bússola balançou, rodando em torno do seu cubo de bronze.

Tiros de espingarda ecoavam da posição de Kowaiski.

Fogo de retorno era metralhado de cima, concentrando-se no atirador. Os disparos enterravam-se na coluna onde Kowaiski se abrigara. Foi forçado a mover-se para longe.

O helicóptero curvou regressando ao pátio. A vibração dos rotores ressoava, ensurdecendo-os.

— Não parem! — bradou Gray aos outros.

O mecanismo era antigo. Girar a bússola era como perfurar a areia: o ranger, a obstinação, a dureza.

O helicóptero estacou sobre eles.

Foram lançadas cordas de ambos os lados.

15h27

— Não disparem! — gritou Krista, quando um dos homens apontou aos quatro elementos em baixo. — Preciso do grupo vivo.

Pelo menos por enquanto.

A sede de sangue dos soldados estava atizada. Um deles fora atingido na face por uma bala perdida e jazia morto no chão da cabina. Quem quer que estivesse a disparar sobre eles sabia manusear uma espingarda. Ela reconhecia-lhe esse crédito.

Apontou para o lado oposto do claustro, onde o atirador assumira a sua posição.

Martelou as costas de um soldado com um lançador de granadas.

— Elimine-o.

O canalha não tinha onde se esconder.

Sobretudo de uma granada termobárica.

Kowaiski arrancou a toda a velocidade.

Ele sabia, pela súbita cessação do fogo, que algo verdadeiramente contundente estava prestes a abater-se sobre a sua cabeça. Pelo menos a velha senhora e o

guarda tinham fugido do claustro quando o tiroteio começara. Não queriam tomar parte naquela luta.

Típico dos Franceses. .

O único aviso que chegou a Kowaiski foi um agudo sibilar que se sobrepôs a tudo o resto. Relanceou para trás e não viu o buraco.

Num segundo tinha pedras debaixo dos pés, no segundo seguinte não havia nada a não ser ar.

Tombou de cabeça por um estreito lance de degraus.

Uma explosão flamejante irrompeu para lá dos seus calcanhares. A onda de detonação atingiu-o por trás e catapultou-o pelo resto dos degraus abaixo.

Aterrou numa pilha amarrotada, na entrada de um túnel escuro.

Ensurdecido, com o nariz a sangrar e o traseiro fumegante, Kowaiski percebeu duas coisas. Que os degraus não estavam ali momentos antes. E, pior, sabia onde se encontrava.

15h28

Mesmo com os ouvidos a retinir da deflagração da granada, Gray ouviu Kowaiski berrar o seu nome e a seguir uma contundente torrente de imprecensões.

— Corram! — bradou Gray aos outros.

Agarrou Rachel; Seichan arrastou Wallace . Todos se esquivaram ao helicóptero, dançando por entre as cordas chicoteantes. A onda de detonação da granada tinha-se projectado para o exterior com um sacão impetuoso. Até o helicóptero vacilara, o que lhes deu tempo suficiente para correrem para a passagem.

Um grande pedaço do claustro era agora uma ruína enegrecida e fumegante.

Segundos antes, Gray vira Kowaiski lançar-se para fora da zona de explosão. Então, subitamente, o homem corpulento desaparecera de vista, como se tivesse tombado num poço — não, não num poço.

— Venham até aqui!

Só uma coisa podia fazer com que Kowaiski se sentisse tão aterrado.

Lançaram-se os quatro pela passagem. Gray avistou-a de imediato. Uma estreita escadaria abriu-se no chão. Então, ele estava certo. O girar da bússola desbloqueara a antiga passagem.

— Depressa — disse ele.

Atrás deles, o helicóptero estabilizara e homens com equipamento de combate deslizavam pelas cordas. Ouviu as botas atingirem o chão, quando alcançava as escadas.

— Para baixo, já, já — instou-os.

Os outros precipitaram-se pela abertura. Gray seguiu em último lugar. Pelo

canto do olho, viu um soldado apontar a espingarda. Agachou-se. Um jorro de balas passou-lhe a rasar a cabeça e ressaltou da parede. Os ricochetes golpearam-no como picadas de abelha. Foi atingido por um no crânio e pareceu-lhe que os ossos iam estalar.

Podia ter sido pior.

Apenas balas de borracha, percebeu enquanto se apressava a descer. Não eram letais. Alguém os queria capturar com vida.

Tombou para uma passagem inferior.

Kowaiski berrou: — Há aqui uma alavanca! Puxo-a?

— Sim — gritaram todos em uníssono.

Gray escutou um raspar de metal. As escadas ergueram-se atrás deles. Cada degrau era na realidade uma laje de pedra, disposta de modo a formar uma escadaria. Cada uma das lajes ergueu-se verticalmente para encerrar de novo a abertura superior.

A escuridão engoliu-os por completo.

Um arranhar ressoou e uma pequena chama ganhou vida. Iluminava o rosto de Seichan, enquanto esta erguia o seu isqueiro.

— E agora? — perguntou.

Gray sabia que tinham apenas uma hipótese. A vida de Rachel — a vida de todos eles — dependia de uma esperança.

— Temos de encontrar a chave.

XXX - 14 de Outubro, 15h33

Clairvaux, França

Crista caminhava a passos largos pelo jardim do claustro. O crepúsculo instalara-se enquanto o fumo asfixiava o céu, ocasionalmente agitado pela passagem de um helicóptero.

Centenas de fogos ardiam em toda a extensão da prisão. As sirenes continuavam a ressoar, entrecortadas pelos tiros e pelos gritos dos homens. Os guardas da prisão tinham muito que fazer, entre prisioneiros em fuga, incêndios descontrolados e o caos absoluto. De momento, não se incomodariam com as ruínas. Mas para assegurar uma privacidade contínua, ela ordenara à segunda equipa de assalto que criasse um perímetro, bloqueando todos os pontos de acesso à área. Lá no alto, os helicópteros, apetrechados com armamento, proporcionavam apoio aéreo.

Uma explosão particularmente forte, oriunda de oeste, chamou a atenção de Krista.

Uma nova espiral de chamas subia rumo ao céu. Um tanque de combustível que

explodira no pequeno heliporto distante, supôs. Aquela área fora um dos seus primeiros alvos.

Krista queria que a prisão ficasse o mais isolada possível e durante o máximo de tempo possível. Antes do ataque, ela cortara as principais ligações telefônicas e de comunicação. Minara a única estrada que dava acesso à prisão. Eventualmente, acabaria por haver retaliação, mas planeava já ter saído dali antes que tal acontecesse.

Ou assim esperava.

O segundo oficial na hierarquia de comando veio ao seu encontro junto à passagem.

Era um argelino corpulento de pele escura, chamado Khattab. Franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

— Ainda não há contacto com os alvos.

Ela tinha uma equipa a esquadrinhar a zona que se situava para lá das ruínas do claustro. Um soldado disparara contra um elemento do grupo; pela descrição fora Grayson Pierce. Mas onde se tinham metido todos? O relatório do soldado não fazia sentido. Ele mostrara-lhe o local onde os outros tinham desaparecido. Porém, Krista não encontrou nenhuma janela ou porta. As paredes eram sólidas. Ter-se-iam escapulado por entre as sombras e fugido?

Até ao momento ainda não haviam sido avistados.

Nas ruínas apenas encontraram um guarda aterrado e uma mulher de idade.

Interrogara-os, mas eles nada sabiam.

Ela estava na passagem juntamente com Khattab e fitava a bússola de bronze que se encontrava no meio do jardim. Eles tinham estado ali a fazer qualquer coisa, quando a sua equipa sobrevoara o local.

Ela apontou.

— Mande dois homens até junto da bússola. Procurem algo de invulgar.

— E quanto aos alvos? As ordens mantêm-se?

— Tenho novas ordens. — Ela tivera esperança de capturar a chave do Juízo Final, mas reconhecia que ainda estava distante. — Atirem a matar.

Enquanto se afastava, o salto da sua bota escorregou na areia. As pedras que se encontravam sob os seus pés atraíram a sua atenção. Ajoelhou-se. Não se apercebera antes devido às sombras, mas uma linha arenosa de pedra calcária esboroada delineava um rectângulo no chão. Meio escondido atrás de um pilar, podia ver-se o local onde o atirador vira os alvos desaparecer.

Krista apanhou um pouco da areia esmagada. Friccionou-a entre os seus dedos. O olhar estreitou-se.

— Khattab, esqueça as ordens. Quero homens aqui. Alguém com experiência em demolições.

Talvez não estivesse assim tão distante.

15h34

Com a lanterna em punho, Gray conduzia os outros por um túnel de tijolo. Descia abruptamente sempre em linha recta. Segundo Gray, pareciam estar a dirigir-se para o ponto onde se eiguera a antiga abadia. Naquele momento, já deviam estar quatro pisos abaixo.

Ninguém falava.

Todos sabiam que estava tudo dependente da descoberta da chave.

Gray seguia o feixe da sua lanterna. As paredes laterais do túnel esvaneciam-se mais adiante. Apesar da urgência, obrigou-os a abrandar. Recordava-se da armadilha inadvertidamente activada. Não se podia dar ao luxo de cometer erros por descuido.

Sustendo a respiração, percorreu o fim do túnel. O feixe da sua lanterna espalhou-se por um espaço bastante mais amplo. Aproximou-se da abertura e observou a câmara que se estendia diante de si.

A primeira impressão que teve foi a de uma catedral subterrânea. Quatro pilares gigantescos suportavam uma cúpula circular maciça. A estrutura era semelhante à das abóbadas nos limites do claustro. Só que ali a cúpula era uma única abóbada maciça.

Nervuras arqueadas erguiam-se de cada um dos quatro pilares e cruzavam-se no topo.

Vista de baixo, Gray sabia que padrão esta devia apresentar: uma cúpula circular quadripartida por nervuras entrecruzadas.

Formava uma cruz pagã.

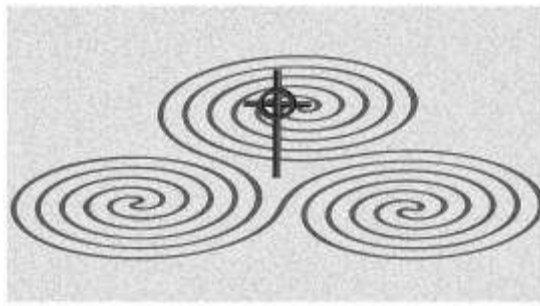
O círculo quadripartido.

Se houvesse alguma dúvida quanto à representação simbólica, ele teria apenas de olhar para baixo e confirmar. Esculpido em bronze e embutido no chão de pedra calcária exibia-se um desenho impressionante. Tinha trinta metros de largo. Encaracolava-se num padrão contínuo, estendendo-se para fora, depois de novo para dentro, formando três espirais perfeitas, todas interligadas.

Era a antiga espiral tripla, o ubíquo símbolo que viram esculpido nas pedras de Inglaterra, impresso nos textos célticos irlandeses iluminados e absorvido pela Igreja Católica para representar a Santíssima Trindade.

O círculo em cima, a espiral em baixo.

E entre eles encontrava-se um único objecto. Era o único elemento da câmara.



— Uma Cruz Celta — reverenciou Rachel.

Os outros juntaram-se a Gray quando ele penetrou na câmara.

A cruz erguia-se no centro da espiral tripla. Igualmente esculpida em bronze, era de uma grande simplicidade, não tinha adornos e media apenas dois metros de altura. Era formada por duas colunas de bronze e cruzada no topo por um elemento circular.

Gray comandava o grupo.

Apenas Kowaiski permaneceu junto à entrada do túnel.

— Eu fico aqui — disse ele. Eu lembro-me do que aconteceu a última vez que você mexeu numa cruz.

Os outros prosseguiram.

Walace comentou a simplicidade da escultura religiosa.

— Os monges cistercienses pregavam insistentemente contra a ornamentação excessiva. Acreditavam na austeridade e no minimalismo. Tudo no seu devido lugar e cumprindo a sua respectiva função.

Gray aproximou-se cuidadosamente da espiral de bronze. Não estava certo de poder classificar como austero o desenho maciço que se encontrava no chão. Mas o professor estava correcto quanto à cruz. Na sua forma e dimensão, parecia insignificante. De facto, assemelhava-se mais a uma ferramenta industrial do que a um símbolo religioso.

Contudo, ninguém podia negar a sua importância.

Rachel teceu um comentário, olhando para cima.

— Situa-se entre a espiral e a cruz quadripartida.

Gray projectou a sua luz pela cúpula. Enquanto o feixe varria o tecto, reconheceu algo que lhe passara despercebido. A cúpula, dividida em quadro quadrantes, não estava despojada de adornos. A luz reflectia pedaços grosseiros de cristal de quartzo embutidos na cobertura.

Enquanto fazia incidir a sua luz na cúpula, ele estava ciente daquilo que os seus olhos viam.

— É uma representação das estrelas — declarou Rachel.

Gray concordou. Ele reconheceu as constelações formadas a partir de pedaços de quartzo. Os cristais variavam de tamanho, criando a ilusão de

tridimensionalidade.

Mas não dispunham de tempo para apreciar o trabalho artístico.

Seichan recordou-os.

— E a chave? Na ilha de Bardsey, você achou que a cruz continha uma combinação que permitia desbloquear a câmara funerária. Não se pode verificar o mesmo aqui? Veja.

Ela apontou o elemento circular suspenso da cruz. A roda de bronze ostentava linhas profundas entalhadas, semelhantes às da cruz de pedra em Bardsey.

Tal como as marcas de um cadeado com combinação de números.

Gray suspeitou que ela deveria ter razão, mas havia um problema.

Ele não sabia a combinação.

E da última vez que tentara, quase os matara a todos.

Pela expressão preocupada patente em todos os rostos, ninguém se tinha esquecido.

— Temos de tentar — incentivou-os Wallace .

— E se activar uma armadilha — acrescentou Seichan —, Kowaiski poderá puxar a alavanca como da última vez.

Ele abanou a cabeça.

— Mesmo que funcionasse, continuaríamos encurralados. Puxar a alavanca poderia salvar-nos de apuros aqui, mas também poderia reabrir as escadas.

Fitou os outros, deixando o significado das suas palavras assentar. Os comandos de assalto inundariam o subsolo.

— Fugir do fogo na direcção da frigideira — concluiu Wallace com azedume.

Gray voltou-se de novo para a cruz.

— Dispomos de uma única tentativa. Um erro e estaremos condenados.

Rachel expôs a única razão sólida para fazerem a tentativa.

— Estaremos igualmente condenados se não fizermos nada.

Kowaiski acrescentou a sua própria opinião. Resmungou-a em voz baixa, mas a acústica do lugar fe-la ecoar por toda a câmara.

— Se mais alguém pronunciar a palavra condenados, eu piro-me daqui para fora.

15h48

Krista aguardava ao lado de Khattab, enquanto o perito em demolições da equipa completava a colocação da última carga explosiva C4. Este trabalhava-a com as mãos e moldava-a com a perícia de um escultor. Uma vez satisfeito, introduziu-lhe um detonador de ignição ligado a um transmissor sem fios.

Fez sinal a todos para se afastarem.

Recuaram para o jardim.

Ninguém queria estar debaixo da passagem coberta quando a carga explodisse. O perito alertara para o perigo de a detonação fazer ruir a passagem e sepultar a entrada secreta.

— Preparados? — indagou Khattab.

Ela gesticulou impacientemente.

A um aceno de Khattab, o perito em demolições ergueu o transmissor e carregou no botão.

15h49

A detonação fez Rachel cair de joelhos — não devido ao abalo, mas de puro medo.

Como se sentia tensa, foi apanhada desprevenida pela explosão. Os metros de rocha abafaram o estrondo, mas soou como um tiro.

— Estão a tentar abrir caminho — disse Seichan, fitando o túnel na sua retaguarda.

— Vamos a eles! — bradou Kowaiski e correu pelo túnel de espingarda em punho.

Mas era apenas um homem contra um exército inteiro.

Já de joelhos, Rachel sentou-se no chão, sem forças. A febre piorara. Tremores percorriam-na. A sua cabeça martelava como se o cérebro se estivesse a expandir e a contrair a cada batimento cardíaco. E já não conseguia ignorar a náusea.

Gray olhou-a. Ela fez-lhe sinal para que continuasse a estudar a cruz. Ele passara os últimos dez minutos a examinar a cruz sem lhe tocar. Circundava-a uma e outra vez. Por vezes, aproximava-se; por vezes recuava e fitava o espaço em redor.

Tinham notado alguns aspectos estranhos na cruz. A barra horizontal era oca. E por detrás da cruz, Wallace descobrira um longo fio preso no centro. Era um tendão seco entrançado numa corda grossa e que se mantinha esticado por um pedaço triangular de bronze na extremidade.

Ninguém sabia o que fazer com ele — e não ousavam tocar-lhe.

Um pesado calcar de botas anunciou o regresso de Kowaiski.

— Não conseguiram passar — bradou com alívio. — Ainda estamos fechados em segurança.

— Eles vão continuar a tentar — alertou Seichan.

Rachel olhou para Gray. O tempo estava a esgotar-se.

Gray imobilizara-se. Lentamente, deixou-se cair no chão, como se tivesse desistido.

Mas ela conhecia-o bem.

Pelo menos, assim esperava.

15h59

Krista levou o telefone ao ouvido. Ela não queria atender a chamada, mas não tinha outra opção. Pressionava a palma de uma mão com força contra o outro ouvido. As sirenes ainda ressoavam. E o som do tiroteio intensificara-se vindo da zona da prisão.

Parecia uma guerra global. Ela sabia que a luta ameaçava estender-se a qualquer momento ao seu oásis isolado.

— Sabemos onde eles se encontram! — bradou ela ao telefone, tentando manter o desespero afastado da sua voz. — Teremos a passagem aberta dentro de dez minutos.

Relanceou a passagem coberta. Khattab monitorizava o trabalho do perito em demolições. O argelino apercebeu-se do seu olhar. Ergueu cinco dedos, confirmando a sua estimativa.

Era a segunda tentativa. Tinham aberto uma cratera na passagem e exposto uma série de lajes de pedra sepultadas. Ela sabia que estavam perto e amaldiçoava a cautela do perito.

Contudo, tendo em conta as colunas e os muros enegrecidos, reconhecia a necessidade desse cuidado especial. Se fizessem ruir acidentalmente a passagem sobre a entrada secreta, nunca chegariam lá abaixo.

O homem que se encontrava do outro lado da linha falou por fim. A sua voz soou desagradavelmente calma e despreocupada.

— E acredita que eles têm acesso a alguma abóbada que possa conter a chave do Juízo Final?

— Acredito!

Pelo menos, esperava-o desesperadamente.

Seguiu-se uma pausa mais longa, como se ela tivesse todo o tempo do mundo. Ao seu lado, irromperam tiros de espingarda mais nítidos. Provinham da sua própria equipa.

Só podia querer dizer uma coisa — o combate aproximava-se.

— Muito bem — pronunciou finalmente o homem. — Apreenda a chave.

Não havia necessidade de ameaças.

A ligação morreu.

Ela fitou Khattab.

Ele ergueu nove dedos.

16h00

O Padre Giovanni devia saber alguma coisa.

Esta convicção era a única coisa que fazia Gray avançar.

Estava sentado de olhos abertos, mas não via nada do que o rodeava. Voltou a posicionar-se na cripta sob a Abadia de Saint Mary, na ilha de Bardsey. Visualizou as marcações a carvão na parede. Na sua mente, leu de novo as anotações feitas pelo sacerdote e estudou o grande círculo traçado em torno da cruz. Outras linhas bissectavam e seccionavam o círculo.

Ao mesmo tempo, visualizava a cruz ah presente. Recordou-se da primeira impressão e confiou nela. Achava que se assemelhava mais a uma ferramenta industrial do que a um símbolo religioso. Como um medidor de tempo de bronze, um dispositivo criado para um determinado propósito, e não um elemento decorativo.

A descrição que Wallace fizera da ordem cisterciense ecoou-lhe aos ouvidos.

Tudo no seu devido lugar e cumprindo a sua respectiva função.

Esticou o pescoço e fitou em cima o cenário estelar de quartzo. Inspirando pelo nariz, sentiu algo despontar, um discernimento que não conseguia ainda transpor para palavras.

Então levantou-se, mas não se deu conta de o fazer. Recuou até à cruz. Fitou-a de lado. A escultura de bronze era pouco mais alta do que Gray. Teve de se agachar para espreitar através do círculo oco.

— Não é uma cruz — murmurou.

— O que quer dizer com isso? — indagou Wallace do outro lado.

Gray não fez menção de responder. Ele não compreendia, pelo menos ainda não totalmente. Inclinou-se e espreitou pelo braço oco.

Seichan ladeava-o.

— Parece um telescópio.

Gray endireitou-se, aturdido.

Era isso.

Essa era a peça de que precisava.

Dentro de si, uma represa abriu-se subitamente, o entendimento fluindo no seu cérebro. Imagens dardejaram-lhe rapidamente na mente, mas não as conseguia acompanhar. Apesar de tudo, algures para lá da razão, juntaram-se para formar um todo.

Fitou a cobertura.

Como um telescópio.

Virou-se e abraçou a sua inimiga num. Seichan retesou-se, sem saber o que fazer com os braços.

— Eu sei — murmurou-lhe ele ao ouvido.

Ela sobressaltou-se ao ouvir aquelas palavras, talvez interpretando-as

erradamente.

Ele soltou-a. Baixou-se até ao nível do chão e verificou a base da cruz. Era uma meia esfera de bronze. Tacteu em redor das extremidades. Não era uniforme. Havia uma distância mínima entre a pedra e o bronze.

Gray pôs-se de pé num salto e correu para a mochila que largara no chão.

Mergulhou uma mão no seu interior e encontrou um marcador preto. Ajoelhou-se, precisando de o verificar com os seus próprios olhos. Trabalhava velozmente, o marcador voando pela pedra.

Enquanto trabalhava, uma parte da sua mente viajou até Bardsey. Reconhecia agora os cálculos parciais na parede. O círculo e as linhas. O Padre Giovanni era mais esperto

do que todos eles. Ele tinha-o descoberto. O círculo era uma representação da Terra. As suas anotações...

— Eram cálculos relacionados com a longitude e a latitude.

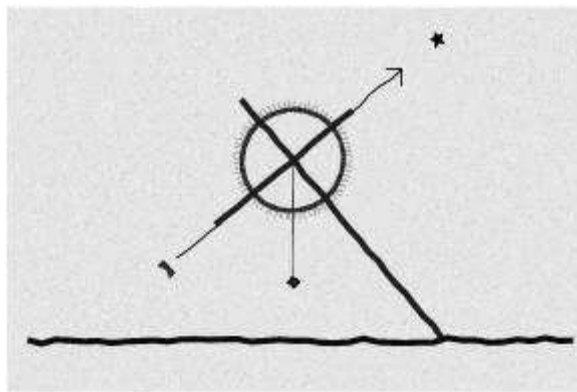
Os outros reuniram-se à sua volta.

— De que está a falar? — inquiriu Wallace .

Gray apontou a escultura de bronze que se encontrava no centro da câmara.

— Não é uma cruz — repetiu. — E um instrumento de navegação. Ligado às estrelas!

Completo o desenho.



O seu esboço mostrava como a cruz podia ser inclinada, como o seu braço podia ser apontado a uma estrela, como o tendão lastrado podia actuar como um fio-de-prumo e como o girar da roda do dispositivo podia medir os graus.

— É um sextante arcaico — explicou ele.

— Oh, meu Deus. — Wallace recuou em choque. Encostou a palma da mão à frente.

— Durante tantos milhares de anos, os arqueólogos interrogaram-se como é que os antigos podiam ser tão precisos no posicionamento das suas pedras. Como eram capazes de as alinhar tão rigorosamente! — Cravou um dedo no desenho. — Com mil raios! Esse dispositivo podia mesmo ser um teodolito!

— Um quê? — perguntou Rachel.

Gray respondeu, corroborando.

— Um instrumento de pesquisa utilizado para calcular ângulos horizontais e verticais.

É muito usado em engenharia.

— O culto da espiral e da cruz — disse Wallace . — Os símbolos representam de facto o céu e a terra.

Gray fitava o seu esboço da cruz ligada à terra e apontada às estrelas.

— E mais do que isso. Os símbolos representam igualmente o culto do antigo conhecimento, os segredos da navegação e da engenharia.

Seichan trouxe-os de volta à terra com uma questão fria.

— Mas o que tem tudo isso a ver com a chave do Juízo Final?

Todos fitaram a cruz de bronze.

Gray conhecia a resposta.

— Em tempos remotos, apenas as classes sacerdotais tinham acesso a este conhecimento poderoso. — Relanceou Wallace em busca de uma confirmação.

O professor acenou afirmativamente.

— Para desbloquear a chave do Juízo Final teremos de demonstrar esse mesmo conhecimento.

— Como? — perguntou Rachel.

Ele recordou-se dos cálculos que o Padre Giovanni fizera em Bardsey.

— Temos de usar as estrelas que se encontram por cima de nós e calcular uma coordenada de navegação. Suponho que tenhamos de indicar a nossa localização aqui.

Uma longitude e uma latitude aproximadas. — Encarou os outros. — Essa é a combinação.

— Consegue calculá-la? — inquiriu Wallace .

— Posso tentar.

Gray voltou a baixar-se até ao nível do chão. A cruz celta funcionava diferentemente de um sextante, que usava espelhos e reflexões para discernir a latitude e a longitude.

Mas não era muito dissemelhante.

— Preciso de uma constante fixa — murmurou e fitou o cenário estrelado. Este fora colocado ali por alguma razão.

— A estrela do Norte — disse Seichan. Ela acocorou-se e apontou o pedaço de quartzo que representava a estrela polar, usada desde eras muito remotas na navegação.

Servia.

Ele trabalhava rapidamente. Conhecia as coordenadas aproximadas de

Clairvaux pelo uso do GPS. Visualizou a leitura do dispositivo:

LAT 48°09'00"N
LONG 04°47'00"E

As medidas de longitude e latitude eram divididas em horas, minutos e segundos.

Simples voltas em torno de um relógio. Como as linhas marcadas na roda de bronze da cruz. Era tudo proporcional.

Em menos de um minuto, ele tinha o que julgava ser os cálculos correctos, usando o antigo instrumento e a sua actual localização.

Memorizou-os e levantou-se.

Rachel fitou-o com os olhos repletos de esperança.

Gray rezava por corresponder a essa esperança.

— Para o caso de eu estar errado, é melhor recuarem todos em direcção ao túnel.

Aproximou-se da cruz. Quando a alcançou, sentiu-se subitamente menos seguro. Teria apenas uma oportunidade. Se estivesse errado, se os cálculos estivessem incorrectos, se não manejasse o antigo sextante da forma exacta, todos eles morreriam.

Estacou e fixou o dispositivo.

— Você consegue — disse uma voz atrás de si.

Relanceou sobre o ombro. Seichan estava ali. Os outros tinham-se juntado a Kowaiski no túnel.

— Afaste-se — disse ele, asperamente.

Ela ignorou-o, e não se mexeu.

— Podem ser necessárias duas pessoas. Uma para manter a cruz no ângulo correcto, outra para marcar a combinação na roda.

Ele queria argumentar, mas reconheceu que ela tinha razão. E uma parte dele tinha de admitir que não queria estar só.

— Vamos então — afirmou ele.

Gray agachou-se de novo para espreitar pelo braço oco da cruz. Como um telescópio, pensou, recordando como as palavras tinham desbloqueado o conhecimento dentro de si.

As palavras tinham sido proferidas por Seichan.

Ele sabia o que tinha de ser feito. Estendeu as mãos na direcção da cruz e puxou o braço para baixo. Toda a escultura se inclinou, girando sobre a base esférica. Assim que a moveu, um baque estrondoso ecoou sob o pavimento.

Não havia retorno.

Gray girou o braço até apontar o norte. Espreitando pelo tambor do círculo, perscrutou a cúpula estrelada. Seichan ajudou-o, mantendo a sua lanterna apontada ao pedaço de quartzo que assinalava a estrela do Norte.

Decorrido um instante, ele avistou a estrela e centrou nela a mira. Quando o fez, ouviu-se um sonoro som metálico. Veio de cima e reverberou por todo o espaço.

O que significaria?

Centenas de fragmentos de pedra libertaram-se e derramaram-se do tecto. Um deles atingiu Gray no ombro. Surpreendido, quase largou a cruz. Seichan praguejou e pressionou uma mão contra a fronte. Sangue infiltrou-se-lhe por entre os dedos.

Ela continuou a olhar para cima.

Gray seguiu-lhe o olhar. Do tecto irrompiam espigões de bronze por centenas de buracos. Desciam lentamente em longas hastes em direcção ao chão. Atrás deles, uma laje de pedra descia sobre a entrada do túnel.

Gray e Seichan nunca alcançariam a saída a tempo.

Era o inverso da armadilha em Bardsey. Em vez de serem despejados num mar de espigões, seriam empalados a partir de cima.

Fosse como fosse, o significado era o mesmo.

Gray falhara.

XXXI - 14 de Outubro, 16h04

Clairvaux, França

— Tens a certeza que isto abrirá a passagem secreta? — inquiriu Krista.

A demolição estava a demorar mais do que esperara. Após fazer mais alguns cálculos, o perito em demolições decidira abrir mais cavidades na cratera para disseminar as cargas, de modo a realizar uma detonação mais controlada.

O homem encolheu os ombros enquanto trabalhava. Usava uma sovela para fazer à mão a sua última perfuração. Faltava ainda moldar e introduzir os cubos de C4.

Respondeu-lhe em árabe.

O segundo na hierarquia de comando traduziu: — Ele diz que a passagem secreta se abrirá se Alá quiser.

Krista agarrava firmemente na pistola, que estava enfiada no coldre. Era bom que Alá quisesse, caso contrário meteria uma bala no crânio daquele canalha.

— Quanto tempo falta ainda? — perguntou.

— Mais dez minutos.

Krista queria gritar, mas limitou-se a virar costas e a afastar-se.

Mais à frente, um dos helicópteros varreu o céu. Os seus rotores agitaram o

denso manto de fumo. A luz do sol projectou uns raios mais intensos e depois mergulhou de novo num crepúsculo sombrio. O ar tresandava a petróleo queimado e a cordite.

Ouviu as armas no interior do helicóptero disparar, enquanto este se lançava na direcção da linha de confronto. Os seus companheiros tentavam impedir que o combate na prisão se alastrasse à zona onde ela se encontrava. Gritavam-se ordens. Homens bradavam e urravam de dor. O combate era invulgarmente brutal. Viu um dos seus comandos arrastar um companheiro para dentro do claustro. O homem contorcia-se no chão, comprimindo as entranhas para dentro do ventre com o punho.

Tal como o soldado abatido, não era possível aguentar indefinidamente aquela situação.

Voltou-se para Khattab.

Ele ergueu nove dedos.

Ela inspirou fundo para se acalmar. Ainda podiam esperar esse tempo. Uma vez o túnel aberto, entraria naquele buraco e aniquilaria tudo o que se interpusesse entre ela e a chave.

Relanceou a mala a seus pés.

Nada a deteria.

16h05

Seichan agarrou o ombro de Gray. Ele desviara-se da cruz, mas continuava a segurá-

la com um braço. Ela sabia o que ele estava a pensar enquanto olhava para os espigões que desciam do tecto. A agonia crispava-lhe o rosto.

— Puxo a alavanca? — bradou Kowaiski. Ele estava de joelhos, berrando por baixo da laje descendente, enquanto esta selava a única saída existente.

— Não! — gritou Gray.

Os outros estavam a salvo no túnel, fora do perigo imediato dos espigões. Só ela e Gray estavam em risco. Ela sabia que opção Gray tornaria. Se a alavanca fosse puxada, a armadilha seria repostada, mas isso poderia reabrir a entrada secreta, permitindo que os soldados entrassem lá dentro. Se se salvassem, os outros morreriam.

A vitória era inexequível.

A decisão de Gray apenas ofereceria aos outros uma ténue possibilidade de sobrevivência. Se as forças de Krista fossem expulsas antes de a porta ser aberta, os outros poderiam sobreviver.

Era uma possibilidade remota, mas não deixava de ser uma possibilidade.

Ela olhou para cima.

Aproveitaria essa possibilidade naquele momento.

Seichan parou e encarou Gray. Ela afastou o olhar da morte que descia na direcção de ambos. Ele tinha de saber a verdade.

Que importavam agora os segredos?

Mas Gray desviou-se subitamente.

— E se eu não estivesse errado?

— O quê?

— Mantenha a cruz imóvel enquanto eu giro a roda — ordenou.

Ela obedeceu, confusa.

— Talvez não seja uma armadilha. Talvez seja um temporizador. Depois de a possível combinação ser introduzida, apenas se dispõe de um período de tempo limitado para a completar.— Ele gesticulou na direcção do tecto coberto de espigões.

— Portanto, não há tempo para fazer tentativas. Não há margem para erros.

— Exactamente.

Gray estendeu a mão para o fio de tendão e certificou-se de que pendia livremente.

Passou os dedos pela roda da cruz. Os seus lábios moviam-se enquanto contava as marcas. Atingiu um ponto que devia corresponder aos seus cálculos.

— Aqui vai — sussurrou.

Agarrou a roda e girou-a até o ponto assinalado ficar alinhado com a linha de prumo. Deteve-se e susteve a respiração, os lábios apertados pela tensão.

Ouviu-se um som metálico, tal como anteriormente.

— Tem de ser isto! — exclamou.

Infelizmente, os espigões começaram a descer mais rapidamente. Mergulhavam em direcção ao chão.

— Gray!

Ele viu e contou rapidamente. Desta vez em voz alta.

— Oito, sete, seis, cinco, quatro.

Atingindo a marca correcta, manteve aí o dedo e girou a roda no sentido inverso, o que exigia fazê-la desenhar quase um círculo completo.

Seichan esgueirou-se quando um espigão se aproximou do seu rosto. Estavam ambos de joelhos. Seichan mantinha um braço erguido, suportando a cruz. Gray tinha ambos os braços estendidos: um pressionava a posição marcada, o outro girava a roda.

Enquanto ela observava, uma ponta de um espigão rasgou-lhe um braço.

Gray gritou quando um espigão lhe atingiu as costas da mão e lhe arrancou o braço da roda.

Ajoelhando-se numa posição ligeiramente diferente, Seichan serpenteou o braço

por entre dois espigões e colocou a mão sobre a outra secção da roda.

— Diga-me quando devo parar de rodar! — arquejou ela.

Tinha de se endireitar para ganhar um ponto de apoio. Era difícil fazer girar a roda.

Pressionou o rosto contra um espigão. Este penetrou-a. A boca encheu-se-lhe de sangue e depois começou a derramar pelo pescoço abaixo.

Esforçou-se por girar a roda, mas estava demasiado perra.

Em pânico, os seus olhos encontraram os de Gray. Ela não podia falar, pois tinha a face perfurada. A agonia afim dava-a. Canalizou toda a sua dor e sofrimento para aquele olhar, despiu-se diante do homem e não lhe escondeu nada.

Nem mesmo o seu coração.

Os olhos dele dilataram, talvez vendo-a verdadeiramente pela primeira vez, reconhecendo o que jazia escondido entre eles. Uma mão atravessou esse fosso e encontrou a perna dela. Cingiu-lhe o joelho e sussurrou-lhe três palavras cheias de significado que nunca ninguém lhe dissera: — Confio em si.

O que a dor não fizera, fizeram-no as palavras dele. As lágrimas brotaram-lhe dos olhos e escorreram-lhe pelo rosto. Encostou-se ao espigão, enterrando-o mais fundo. Os seus dedos apertaram-se com mais força. Puxou a roda. Lentamente, esta girou.

O tempo alongou-se até um ponto crítico.

A dor penetrava-a.

Sentiu o espigão tocar-lhe na língua.

— Pare! — bradou finalmente Gray.

Ela largou a roda. Sucumbiu, deslizando do espigão perfurante para o chão. A distância, um terceiro som metálico soou.

Três espirais, três sinais sonoros.

A visão obscureceu-se-lhe, mas ainda viu os espigões recuar, retrocedendo lentamente em direcção ao tecto. Com o crânio encostado ao chão, ela ouviu engrenagens colossais a girar debaixo do seu corpo, como se escutasse o relógio de bolso de Deus.

Mais perto, a cruz endireitou-se e retornou a sua posição inicial.

Gray apareceu subitamente ao seu lado. Levantou-a e puxou-a para o seu colo. Ela enroscou-se nele, abraçando-o. Ele segurou-a com força.

— Você conseguiu. Veja.

Ergueu-a alto nos seus braços. Ela fitou a câmara.

A medida que as engrenagens se moviam, cada uma das três espirais começou a girar, revelando bases de sustentação falsas. As secções descreveram uma volta completa.

As espirais desapareceram, invertendo-se, e revelaram o que estivera escondido

durante todos aqueles séculos.

Fixo à parte inferior de cada base estava um berço de vidro.

Quando as três bases se imobilizaram, os três berços giraram nos seus suportes.

Mesmo àquela distância, Seichan sabia que não havia bebês dentro daqueles berços gigantes, mas sim cadáveres.

Os berços eram na verdade urnas.

— São os túmulos — disse Gray.

Do outro lado da câmara, a abertura desbloqueou-se e a laje voltou a erguer-se. Os outros precipitaram-se para o interior.

Os olhos de Wallace abriram-se desmedidamente.

— Conseguiu!

— Gray. ? — chamou Rachel.

As lágrimas corriam-lhe pela face abaixo. Ela pensava que ele estava morto. O alívio e o horror misturavam-se na sua expressão ao descobri-lo vivo mas coberto de sangue.

Seichan tentou levantar-se mas estava demasiado fraca.

Gray pô-la de pé, amparando-a com um braço. O sangue ainda fluía da face apunhalada, mas não tão intensamente. Wallace ofereceu-lhe o seu lenço. Ela amarrotou-o e pressionou-o contra o rosto.

Gray fitou-a, interrogando-a com o olhar. Ela assentiu e afastou-se, cambaleando, dos seus braços. Foi a coisa mais difícil que ela alguma vez fizera. Mas não pertencia ali.

Rachel correu na sua direcção e ajudou-o a ligar a mão.

Wallace e Kowaiski aproximaram-se.

— São caixões de vidro. .

— É claro que são — disse Kowaiski.

Gray apertou um pouco mais a ligadura. O sangue ainda lhe escorria por entre os dedos, quando apontou os túmulos.

— Temos de encontrar a chave.

16h08

Gray sabia onde devia procurar primeiro.

Conduziu os outros até à uma que era diferente das outras duas. Uma fina camada de pó cobria o vidro, mas a ornamentação era nítida. As lanternas centraram os seus feixes nela, inflamando o seu brilho.

As faces laterais e o topo da urna eram feitos de painéis de vidro colorido e profusamente decorado. Cintilavam como jóias e as imagens eram por demais familiares.

Esculpidos em fragmentos de vidro e lascas de pedras preciosas, estendiam-se filas de minúsculos falcões, chacais, leões alados, escaravelhos, mãos, olhos, plumas, a par de símbolos angulares estilizados.

— São hieróglifos egípcios — referiu Wallace arquejando.

— Feitos a partir de vidro colorido. — Rachel exprimia igual assombro.

Wallace chegou-se mais perto.

— No entanto, os glifos são bastante antigos. Egípcio arcaico. Do Reino Antigo, suponho. A Igreja deve tê-los copiado a partir de alguma esteia funerária original. Talvez estivessem inicialmente gravados naquele sarcófago em Bardsey. Antes de os apagar, algum monge deve ter feito um registo dos mesmos e depois recriou-os aqui em vidro colorido.

— Consegue lê-lo? — perguntou Gray, esperando que contivesse alguma pista sobre a chave.

Wallace limpou o pó com o dedo.

— Aqui jaz Meritaton, filha do Rei Akhenaton e da Rainha Nefertiti. Ela cruzou os mares e trouxe o deus sol Rá a estas terras frias.

Quando o professor terminou, as suas mãos tremiam-lhe tanto quanto a voz.

— A rainha de pele escura. — Voltou-se, os olhos arregalados devido ao choque. — É uma princesa egípcia.

— Será possível? — indagou Rachel.

Gray espreitou através do vidro colorido. Recordou a história que o Padre Rye contara sobre a ilha de Bardsey, que dizia que o mago Merlin estava ali sepultado num caixão de vidro. Seria aquela a verdadeira origem do mito? Teria sido sussurrada alguma palavra sobre o seu enterro naquele local, confundindo o nome de Meritaton com o de Merlin?

Gray percorreu a história mítica das Ilhas Britânicas na sua mente. Recordou a descrição feita pelo sacerdote da guerra dos celtas contra uma tribo de monstros de pele escura, os fomorianos. Aos olhos dos celtas, uma tribo de egípcios ter-se-ia afigurado estranha e bizarra. E segundo essas mesmas teorias, os fomorianos partilharam o seu vasto conhecimento sobre agricultura, que os egípcios depois foram aperfeiçoando junto às margens do Nilo.

Wallace endireitou-se, imerso em pensamentos.

— Alguns historiadores alegam que as antigas construções de pedra que existem em Inglaterra podem ter sido feitas por egípcios. Em Tara, na Irlanda, num local onde existem sepulturas neolíticas, encontraram um corpo decorado com contas de faiança, uma arte desconhecida dessas populações. . mas as contas eram quase idênticas às encontradas no túmulo de Tutankhamon. E em Inglaterra, próximo de Hul , foram descobertos barcos imponentes preservados num pântano de turfa. O seu desenho era distintamente egípcio e datavam de 1400 a. C., muito antes de os

viquingues ou outros povos navegadores terem chegado às nossas costas. Eu próprio examinei um antigo monólito no British Museum, desenterrado por um agricultor no País de Gales. Apresentava em primeiro plano uma figura vestida com um traje egípcio e em segundo plano pirâmides.

Wallace abanou a cabeça, como quem ainda tem dificuldade em acreditar.

— Mas aqui. . aqui está a prova.

— E a chave? — recordou-lhes Seichan, tossindo roucamente, ainda com o lenço encostado à face.

Por detrás do vidro, uma figura jazia na uma. Uma fechadura de bronze encerrava a tampa. Gray sabia que teriam de perturbar o descanso da princesa egípcia. Estendeu a mão e descerrou o fecho. Levantou a tampa e puxou-a para trás.

Um nauseante odor adocicado flutuou para o exterior.

— Meu Deus! — exclamou Rachel.

Embora murcho e ressequido, o corpo apresentava-se ainda estranhamente preservado. Um longo cabelo negro envolvia a figura reclinada. A sua pele escura estava suavemente esticada. Até as pestanas estavam intactas. Um tecido requintado cobria o seu corpo desde a ponta dos pés até ao pescoço. Uma coroa de ouro encimava-lhe a cabeça, claramente egípcia, devido à decoração em lápis-lazúli.

As mãos, a outra parte do seu corpo que se encontrava exposta, estavam cruzadas sobre o peito, segurando um cântaro de pedra entalhado com mais hieróglifos. O

recipiente estava selado com uma tampa de ouro, que tinha a forma de uma cabeça de falcão.

— Observem a mão direita — disse Rachel.

Gray notou que lhe faltava o dedo indicador.

A atenção de Wallace fixou-se no cântaro de pedra e ouro.

— A forma do cântaro assemelha-se à de um vaso canópico. Era usado para guardar os órgãos embalsamados de um rei ou de uma rainha.

Gray sabia que tinham de examinar o seu interior. A chave do Juízo Final estivera sempre ligada ao corpo da rainha de pele escura. Estendeu as mãos para dentro da uma e fez deslizar o pesado recipiente dos dedos ressequidos da rainha.

— Eu não fazia isso — murmurou Kowaiski, recuando um passo. — De maneira nenhuma. Essa coisa deve estar amaldiçoada.

Ou é a cura, pensou Gray.

Devido aos seus profundos conhecimentos agrícolas, os egípcios deviam ter descoberto algum tipo de parasita fúngico que poderia causar a devastação e aniquilar uma povoação inteira. Uma forma de guerra biológica. Mas possuiriam igualmente um contra-agente?

Gray apertou o vaso contra o peito, agarrou a cabeça do falcão e puxou a

tampa.

Relanceou o seu interior, sem saber o que esperar.

Cura ou maldição?

Wallace segurava firmemente uma lanterna, enquanto Gray voltava o objecto de cabeça para baixo.

Do seu interior saiu um pó branco, tão fino que fluía como água. Recordou-se da história do Milagre da Lactação, quando a Nossa Senhora Negra derramara um leite branco que curara o santo.

Gray sabia o que se acumulava na sua palma.

— E a cura — disse ele, ciente da verdade. — Esta é a chave.

Voltou a colocar o pó no vaso canópico e selou-o com firmeza.

— É melhor verem isto — tossiu Seichan. Ela deslocara-se até junto do outro caixão e abriu-o.

Juntaram-se-lhe.

Ela apontou a luz para o interior da uma de vidro. Um corpo jazia envolto em tecido, envergando uma simples túnica branca com capuz. As mãos estavam igualmente cruzadas e seguravam um pequeno livro revestido a couro.

Mas era no rosto que Seichan fazia incidir a sua lanterna. O homem parecia ter morrido no dia anterior. A sua pele, embora ligeiramente amarelecida, estava imaculada, os lábios rubros, os olhos fechados, como que adormecido. O seu cabelo castanho parecia ter sido recentemente penteado e aparado em torno da fronte.

— Não está corrompido — constatou Seichan.

Rachel levou uma mão ao pescoço.

— Dizem que os corpos dos santos são incorruptíveis. Não se decompõem. Este deve ser São Malaquias — afirmou, e relanceou o terceiro caixão, onde o vago contorno de um outro corpo se distinguia — ou São Bernardo.

Wallace tinha outra teoria quanto à natureza milagrosa da incorruptibilidade do corpo.

Ele olhou o vaso que Gray segurava e depois de novo os restos mortais.

— Os vasos canópicos nem sempre continham órgãos embalsamados. — Ele gesticulou em direcção ao recipiente. — Por vezes, armazenavam simplesmente os compostos usados no embalsamento. Óleos, unguentos, pós.

Gray compreendeu e acrescentou: — Se a chave era uma cura, especificamente contra a praga fúngica, o pó deve possuir fortes propriedades antifúngicas. . possivelmente antibacterianas, também. — Ele fitou o rosto do santo. — E as principais fontes da decomposição corporal são os fungos e as bactérias. Se se embalsamar um cadáver com tal composto e se se selar o caixão firmemente, ele permanecerá incorrupto.

Recordou-se igualmente da invulgar saúde e longevidade atribuídas aos monges

da ilha de Bardsey. Um curativo tão poderoso teria protegido os monges dos usuais patogénicos que grassavam na Idade Média. Não admirava que a ilha possuísse uma reputação curativa.

Os olhos de Wallace dilataram.

— Então a chave. .

— Deve ter sido inicialmente um composto embalsamante. Talvez trazido do Egipto ou descoberto na sua nova terra. Seja como for, o seu uso medicinal deve ter sido rapidamente reconhecido. Mas naqueles tempos, tal cura ter-se-ia afigurado milagrosa.

Wallace assentiu.

— E quando associada a um patógeno letal, formava uma combinação poderosa. Uma arma biológica e o respectivo contra-agente.

— E o conhecimento foi transmitido dos Egípcios aos Celtas e destes à Igreja primordial, onde acabou por ser guardado e mantido em segredo aqui.

— Mas não foi o único conhecimento transmitido ao longo da linha histórica. — Wallace voltou-se para fitar a cruz céltica. — Durante tempos imemoráveis, os arqueólogos perguntaram-se como é que os Egípcios conseguiram construir as suas pirâmides com tal precisão, com tal alinhamento. Eles devem ter usado uma poderosa ferramenta de medição.

Gray estudou a cruz com novos olhos. Poderia ter sido aquela?

Atrás dele, Rachel deixou escapar uma expressão de surpresa. Ela permanecera junto à urna. Ela e Seichan estavam debruçadas sobre o corpo. Tinham aberto o livro que o santo tinha nas mãos.

— O nome que está no interior — disse Seichan, num tom sinistro. — É Mael Maedoc.

— São Malaquias — confirmou Rachel. Ela virou as páginas do livro. — É um diário.

Vejam estes números e as inscrições em latim. .

Relanceou Gray.

— É a profecia original dos papas de Malaquias. Escrita pela sua própria mão. — A sua voz tornou-se mais ardente. — Mas há mais coisas escritas! Páginas e páginas. Penso que o diário contém centenas de outras profecias. Adivinhações nunca reveladas pela Igreja.

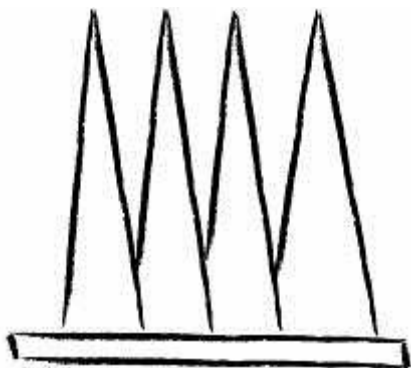
E talvez acertadamente, pensou Gray. A Igreja devia ter ficado suficientemente assustada com a profecia dos papas e com a previsão do fim do mundo. Não admirava que o diário tivesse sido ocultado.

Antes que Rachel pudesse explorar os escritos com maior profundidade, Seichan estendeu a mão para o livro e voltou a primeira página. Um símbolo encontrava-se aí desenhado. Era egípcio. Ela olhou para Gray. Este reconheceu-o. Já

o tinham visto antes.

Agora ele já sabia a razão do entusiasmo da Guilda. A organização sempre se fixara nas raízes do conhecimento antigo, em particular do egípcio. O Padre Giovanni devia ter suspeitado de uma origem egípcia e deixara escapar essa conjectura, despertando o interesse súbito da Guilda.

Fitou o símbolo, o mesmo símbolo que tinham encontrado anos antes quando começaram a investigar a Guilda: a representação cônica de uma refeição sagrada.



O símbolo representava o chamado pão dos deuses. Este era dado aos faraós para que abrissem a sua mente à divindade. Teria a rainha de pele escura Meritaton trazido mais do que um simples composto de embalsamento do Egipto? Teria trazido também algum pão dos deuses? Teria Malaquias consumido esse pão, tocado o divino e experienciado as visões?

Gray fitava o desenho traçado no início do livro.

Antes que qualquer um deles o pudesse explorar com mais atenção, ouviram uma detonação por cima das suas cabeças. Aquela explosão fora mais forte. Feriu-lhes os ouvidos. Fumo e pó de rocha brotaram do túnel e espalharam-se pela câmara.

— Entraram — disse Seichan.

Gray voltou-se para Kowaiski.

— Pegue na espingarda e. .

Mas antes que o homem encorpado se pudesse mexer, Wallace arrancou-lhe com destreza a arma das mãos. O professor apontou-lhes a espingarda. Recuou alguns passos para a entrada do túnel.

— Não me parece — declarou Wallace.

Da passagem, precipitaram-se seis soldados, seguidos por uma mulher esguia, que empunhava uma Sig Sauer.

Wallace relanceou atrás de si.

— Já era tempo de chegar aqui abaixo, miúda.

XXXII - 14 de Outubro, 16h15

Clairvaux, França

Crista apreciou com satisfação o olhar chocado patente nos rostos deles. Sobretudo no da mulher euro-asiática. Mesmo por entre o sangue, a furia desta lançava-se sobre Krista como uma chama ardente. A raiva apenas animou mais Krista. Depois de todos os esforços envidados para chegar até ali, aquele momento quase já constituía uma recompensa.

Quase.

— Não pensou que era a minha única garantia aqui? — questionou Krista em voz calma. — O que é a confiança sem uma pitada de insegurança?

Wallace juntou-se-lhe, empunhando a espingarda.

Ela moveu o cotovelo na direcção dele.

— Wallace e eu temos formado uma boa equipa desde o início. Desde que ele descobriu o fungo patológico. Além disso, o professor teve a amabilidade de nos alertar sobre a traição do Padre Giovanni. O padre devia ter sido mais cauteloso quando escolheu o alvo das suas confissões.

Ela deixou escapar uma breve gargalhada, inesperada, que brotava de um misto de exaltação e puro alívio. Reprimiu-a, desprezando o seu momento de fraqueza. A furia tomou-lhe o lugar e ajudou-a a concentrar-se.

Firmou a voz e relanceou Wallace.

— E a chave? Está aqui?

Wallace sorriu.

— Aye e encontrámo-la. Está ali naquele vaso.

Gray Pierce recuou um passo.

— Tínhamos um acordo.

Ela não tinha tempo para ridicularias ou ingenuidades.

— Khattab, apreenda-a.

Para desencorajar qualquer artimanha de última hora, Krista mantinha a sua pistola apontada à mulher italiana. Sem escolha, Gray entregou o vaso de pedra.

Por sua vez, Khattab entregou-lhes algo. Conforme planeado, ele pousou uma mala de metal no chão e retrocedeu com a chave.

Gray fitou a mala. Pela sua expressão, já adivinhara o conteúdo.

Ela desenvolveu.

— Uma bomba incendiária que contém cargas cinéticas. Uma nova criação oriunda da China. Arde durante muito tempo. E é suficientemente quente para incinerar o tijolo das paredes. Não posso deixar nada para trás.

Gray deu um passo em frente.

— Ao menos leve Rachel consigo — pediu. — Honre essa parte do acordo. Ela abanou a cabeça e sentiu uma estranha pontada de respeito pelo homem. A par de um fio de mágoa. Ela reconheceu a dor naqueles olhos e a fonte de onde emergia. Alguma vez alguém faria tal sacrifício por ela?

Com um suspiro de exasperação, ofereceu o único pedaço de consolo que podia.

— Receio que de nada lhe servisse. Não fui inteiramente verdadeira. A toxina que Wallace deixou naquela encomenda para Seichan não tem cura. É cem por cento fatal.

Provavelmente já está a sentir os seus efeitos. Morrer aqui será mais rápido, menos doloroso.

Krista retraiu-se perante a expressão de horror que se apossara do rosto dele. A italiana voltou-se e enterrou a cabeça no peito de Gray.

Krista virou-se para Khattab e disse: — Vamos. Certifique-se de que o seu homem destrói a entrada do túnel, antes de evacuar.

Tinha terminado ali.

Ou quase.

Virou-se e apontou a pistola a Wallace. Os olhos deste dilataram. Ela premiu o gatilho e atingiu-o no estômago. Ele não gritou, simplesmente arquejou e caiu de costas.

O seu rosto contorceu-se numa máscara de dor, enquanto se apoiava num dos braços.

— Você não sabe o que está a fazer.

Ela encolheu os ombros e apontou a pistola à cabeça do homem.

— Eu sou o Escalão — cuspiu-lhe ele.

Ela imobilizou-se, em choque. Debateu-se por dar sentido à alegação. Seria verdade?

Poucas pessoas com vida conheciam a existência do Escalão.

Manteve a pistola apontada. Continuava insegura, mas uma coisa sabia ao certo. A única maneira de subir naquela organização era criando espaço no topo.

Premiu o gatilho.

A cabeça de Wallace foi projectada para trás e depois para a frente. Tombou no chão.

Ela deu meia-volta e encaminhou-se para o túnel. Não esperava repercussões. As suas ordens tinham sido matar todos.

Todos, recordou.

— Vamos!

Apressou-se com os outros pelo túnel acima. Khattab mantinha-se a seu lado com o vaso de pedra sob um dos braços. A luz do sol jorrava ao longe, impelindo-os

a avançar.

Uma pilha de cascalho conduzia-os à liberdade através da entrada em ruínas.

Ela queria sair dali mal chegassem à superfície. O ambiente na prisão estava a aquecer demasiado. Tiros ecoavam do alto.

Seguiu os soldados galgando os destroços. Cambalearam em grupo afastando-se da escuridão na direcção da luz do dia. Demorou mais um instante a tornar consciência da intensidade do tiroteio. Só quando Khattab caiu sobre um joelho e depois de lado reconheceu o perigo.

Metade do seu rosto desaparecera. O vaso de pedra rolou dos seus braços para o jardim banhado pelo sol.

Mais homens tombaram ao seu redor, enquanto ela girava e se atirava para trás de um pilar.

O combate tinha-os alcançado.

No alto, uma estrondosa erupção de chamas captou a sua atenção. Viu um dos seus helicópteros explodir numa bola de fumo e destroços incandescentes. Rodopiou e deitou-se no chão.

O seu coração batia com força.

O que se passava?

Então, do outro lado do jardim, avistou quem estava a disparar, quem emboscara a sua equipa. Homens vestidos com o uniforme militar francês. Mas mais importante do que isso, reconheceu o homem que os comandava.

Impossível.

Era o maldito índio.

Painter Crowe.

O seu coração disparou — não de medo, mas com uma raiva que lhe esgotou toda a razão. Levou a mão ao bolso e carregou no transmissor. O chão sacudiu sob os seus pés e a explosão deflagrou. Fumo irrompeu do buraco no solo.

Não haveria salvação para os companheiros de Crowe.

Servindo-se da distração e do fumo, Krista recuou para a sombra. Não se iludia.

Encurralada na prisão e com a sua equipa esmagada, estava tudo perdido. Apenas lhe restava um objectivo. Ela fizera a si própria uma promessa antes de deixar a Noruega, uma promessa que tencionava cumprir.

16h20

O tiroteio terminou tão abruptamente como começara.

O grupo de Painter fora apanhado desprevenido pelo súbito aparecimento de um contingente de elementos hostis que emergiram de um buraco no solo. A sua

equipa não tinha conseguido detectar a abertura do túnel, que se encontrava mergulhada nas sombras de uma secção do claustro, posteriormente arruinada pela explosão.

Mas os últimos inimigos tinham tombado.

Os soldados franceses espalharam-se pelo jardim e no exterior. Mantinham as espingardas encostadas ao ombro, movendo-se ágil e deliberadamente.

Painter ficou para trás. Deixou escapar um suspiro. Perscrutou o terreno. Onde estariam Gray e os outros?

Monk encaminhou-se na sua direcção, vindo da passagem. A sua espingarda ainda fumegava. A sua expressão mantinha-se sombria: estava preocupado com os companheiros.

O único aviso foi um movimento nas sombras. Uma mulher rolou para o campo de visão próximo do lado direito de Painter. A curta distância, mantinha uma pistola apontada ao peito de Painter.

Disparou quatro vezes.

Os tiros estrondearam como trovões.

Apenas um dos tiros raspou o ombro de Painter. Ao mesmo tempo que ela disparava, ele era projectado para o lado.

Aterrou com força sobre um joelho e rodou.

Viu o impacto das balas projectar John Creed para o jardim. O homem tombou de costas.

A mulher urrou e lançou-se sobre Painter, encostando-lhe a arma à cara. Ele atirou-se a ela. Libertara a lâmina da sua bota e enterrou-a fundo no seu ventre.

Bem treinada, ela ignorou a dor e pressionou-lhe a arma contra o queixo. Os seus olhos diziam tudo. A lâmina não a impediria de o matar.

— Acho que isto lhe pertence — disse Painter ferozmente e pressionou o botão no punho da faca WASP.

A explosão do gás comprimido rasgou-lhe as entranhas. Pulverizou e gelou-lhe instantaneamente os órgãos internos. O choque e a dor irromperam por ela, paralisando-a.

Jogou-a longe com ambos os braços. Ela voou e embateu de costas no chão. A boca distendeu-se num grito silencioso de agonia, depois o corpo ficou rígido. Morta.

Monk passou apressadamente por Painter em direcção ao jardim.

— Creed!

Painter pôs-se de pé e seguiu-o.

Creed jazia de costas. Sangue brotava dos seus lábios, bombeado pelos três tiros no peito. Os olhos estavam dilatados. Sabia o que se seguiria.

Monk caiu de joelhos ao lado dele. Despiu rapidamente o casaco e enrolou-o, preparando-se para estancar o sangue.

— Agente!

Todos sabiam que não havia nada a fazer. O sangue tinha-se espalhado pelo chão áspero. Os tiros deviam ser de ponta oca, retalhando a carne sob o impacto.

Creed procurou cegamente a mão de Monk e apertou-a com força. Monk cobriu-a com a sua outra mão.

— John. .

Um último fôlego escapou da sua boca. A mão de Creed deslizou. Monk procurou agarrá-la de novo, como se isso ajudasse, mas os olhos do homem estavam vítreos.

— Não — gemeu Monk.

Painter inclinou-se para oferecer o que apenas podia ser um frio consolo, mas um novo ruído insinuou-se. Girou, baixando-se. Vinha do buraco fumegante.

Observou um grupo rastejar para o exterior, tossindo e cambaleando.

Uma figura perscrutou em volta, depois vacilou na direcção do jardim.

— Gray...

16h22

Dispunham apenas de alguns segundos.

Gray sabia que a mulher explodiria a carga incendiária mal alcançasse a superfície.

Assim, quando o último soldado desapareceu pelo túnel, lançou-se na direcção da cruz céltica e girou a roda. Os monges deviam ter engendrado certamente algum mecanismo para repor os túmulos no seu esconderijo.

Era uma suposição natural.

Fazer girar a roda, fazer girar as bases.

Tinha razão.

O movimento giratório da roda fez inverter os túmulos e rolar os desenhos da espiral de novo para cima.

Enquanto as bases rodavam, Gray bradou a Kowaiski que atirasse a mala que continha a bomba para a cavidade inferior. Não estava certo que oferecesse protecção suficiente, mas não tinham outra opção. Em seguida, correram para as paredes e deitaram-se de bruços.

Quando a explosão deflagrou, as placas circulares do chão foram projectadas para cima, dançando sobre as chamas e depois voltaram a cair pesadamente. O calor crestava como uma fornalha. O fumo asfixiou-os, mas grande parte dele foi sugado pelo túnel acima, como numa chaminé de lareira.

O incêndio que deflagrara lá no fundo colocava em risco a sobrevivência do grupo.

Gray instou-os a retroceder para o túnel.

Aí agachado, Gray ouviu o tiroteio que ecoava de cima. Depois, subitamente, os disparos cessaram.

Não sabia o que se passava. Ouviu mais alguns tiros e então alguém bradou. Ele conhecia aquela voz. Quase vacilou de alívio.

Monk.

Enquanto o calor se adensava, Gray conduziu os companheiros túnel acima, rumo ao exterior. Havia corpos estendidos por todo o lado. Soldados franceses rodearam-nos.

Cambaleou na direcção do jardim.

— Eles estão connosco! — gritou Painter, abrindo caminho.

Gray tentava perceber o que o seu chefe estaria ali a fazer, como é que ele podia estar ali. Mas as explicações teriam de esperar. Procurando em seu redor, Gray vislumbrou um objecto familiar de pedra e ouro junto de um arbusto.

O vaso canópico.

Aliviado, apressou-se na sua direcção, ajoelhou-se e recolheu-o.

A tampa continuava no mesmo lugar.

Painter reuniu-se-lhe.

— E a chave do Juízo Final — explicou Gray.

— Guarde-a em segurança — Painter voltou-se quando Seichan se aproximou. O chefe de Gray não pareceu surpreendido com a sua presença.

Seichan encarou Painter e abanou a cabeça.

— Tínhamos de tentar — disse-lhe ele cripticamente.

— Mas falhou. Eu alertei-o desde o início que a Guilda nunca mais confiaria plenamente em mim. — Seichan virou costas e fitou no jardim a única vítima que não escapara. — E eu não devia ter confiado na Guilda.

Rachel mantinha-se de pé, entorpecida, o rosto voltado para o céu. Estavam livres, mas ela continuava encurralada.

Naquele preciso instante, em que Gray a observava, as suas pernas tremiam.

O calor e a tensão tinham desgastado o seu corpo para lá dos limites da resistência física.

Com o rosto ainda voltado para o sol, o seu corpo amoleceu e ela sucumbiu.

22h32

Troyes, França Horas mais tarde, Gray encontrava-se sentado num banco, no corredor do hospital, à porta do quarto de Rachel. Monk e um especialista em

medicina interna estavam lá dentro. Rachel estava a ser alimentada por via intravenosa e bombeada com um cocktail de antibióticos. Embora estivesse fora de perigo, a situação tinha sido crítica. Ela tivera de ser evacuada de helicóptero para um hospital em Troyes.

Mas pelo menos estava de novo consciente.

Gray tateou a ligadura que envolvia a sua mão. As feridas tinham sido limpas, cosidas e tapadas. Mas sabia que se encontravam longe de estar curadas.

Uma porta abriu-se no fundo do corredor. Viu Seichan sair do seu quarto. Vestia uma bata de hospital e tinha um maço de cigarros na mão. Relanceou pelo corredor, claramente à procura de um lugar onde fumar no hospital. Voltou-se na direcção de Gray e estacou repentinamente.

Não parecia saber o que fazer. Ele pensou que ela se teria de acostumar à sua condição. A Guilda continuaria a persegui-la. Os Estados Unidos mantinham as suas ordens de captura. Fora necessária toda a astúcia de Painter para manter a sua presença secreta. Ele ainda andava a apagar uma centena de fogos, mantendo o mundo à distância.

Mas não se poderiam esconder para sempre.

Nenhum deles.

Gray apontou o lugar a seu lado.

Durante uns segundos, Seichan permaneceu de pé, depois, finalmente, aproximou-se.

Metade do seu rosto continuava enfaixado. Não se sentou. Manteve-se de pé, com os braços cruzados. Os seus olhos estavam ligeiramente vidrados devido à morfina. Ela fitou a porta de Rachel.

— Eu não a envenenei — sussurrou ela roucamente. Logo a seguir à cirurgia, não era bom falar. Mas Gray sabia que ela precisava de o fazer.

— Eu sei — disse Gray. — Ela tem uma pneumonia dupla. Demasiado tempo à chuva, demasiada tensão e uma ligeira infecção viral.

Seichan afundou-se no banco.

Painter já explicara a maior parte da história. Um mês antes, ele abordara Seichan, detectara-a através do implante. Ela não tinha descoberto a escuta sozinha. Com efeito, segundo Painter, ela ficara chocada, furiosa e magoada com a traição, quando ele lho contara. Mas ofereceu-lhe uma oportunidade, convencendo-a a trabalhar para ele, a tentar uma última vez infiltrar-se na Guilda. Painter tivera conhecimento que haviam emitido uma ordem de detenção para a interrogarem. Ele sabia que ela continuava a ser o melhor meio para descobrir quem dirigia a Guilda.

Ela aceitara e aguardara a missão mais apropriada para emergir e provar o seu valor perante a Guilda, tentando insinuar o seu regresso à organização. Nunca suspeitara que tal a colocaria em conflito com Gray. Mas uma vez comprometida,

não havia nada a fazer.

— Eu tive de manter o ardil — confessou Seichan, referindo-se simultaneamente ao envenenamento e ao subterfúgio geral. — Troquei as garrafas térmicas em Hawkshead.

Fingi envenenar Rachel, mas depois destruí a biotoxina. Eu sabia que havia espiões a vigiar todos os meus movimentos. O meu telefone estava sob escuta. Mais, eu já suspeitava de Wallace Boyle.

Gray calculou que tais suspeitas se prendiam mais com o seu estado habitual de constante paranóia do que com qualquer informação que incriminasse o professor, mas naquele caso particular tinham sido bem canalizadas.

— Foi só quando chegámos a França e nos separámos que tive oportunidade de me afastar de Wallace e de deitar a mão a um telefone não vigiado. Depois de eliminar os assassinos no bosque. .

— Ligou a Painter. Soube então que a missão fracassara e alertou-o disso. Ela assentiu.

— Não tive outra escolha senão expor-me. Precisávamos de ajuda.

Lá isso precisávamos.

Durante a mesma conversa telefónica, Painter pedira-lhe que mantivesse o ardil.

Mantendo-se Wallace ainda uma incógnita e o número de mortes a subir no Midwest, o mundo necessitava da chave. Mesmo que tal significasse deitar-se com o diabo.

Um longo momento de silêncio instalou-se entre eles. Tenso e desconfortável. Ela dedilhava o maço de cigarros, parecendo pronta a saltar dali.

Por fim, Gray abordou um tema que puxara anteriormente.

Voltou-se para ela.

— Você disse-me uma vez que fazia parte dos bons, que na verdade trabalhava contra a Guilda como agente duplo. Era verdade?

Ela fitou o chão durante muito tempo, depois olhou-o de soslaio. Uma aspereza tornara-lhe a voz e o olhar.

— Isso importa, agora?

Gray estudou-a, sustentando-lhe o olhar. Tentou decifrá-la, mas ela parecia um muro.

No passado, durante missões em que os seus caminhos se tinham cruzado, ela acabara por o ajudar. Os seus métodos eram brutais — como o assassinio do curador veneziano —, mas quem era ele para a julgar? Ele não passara pelo que ela passara. Pressentiu um poço de solidão, de sobrevivência difícil, de insustentável abuso.

O ranger de uma porta salvou-o de responder à pergunta. Monk penetrou no corredor, seguido do especialista em medicina interna. O olhar de Monk saltitou

entre Gray e Seichan. A tensão que se instalara entre ambos foi sentida como uma frente fria.

Monk acenou ao especialista enquanto ele se afastava, depois apontou a porta.

— Ela está cansada, mas podes vê-la por uns minutos. . mas apenas uns minutos. E não sei se já sabes, mas o tio saiu do coma. Vigor despertou esta manhã. E, segundo sei, não se cala. Seja como for, acho que as boas notícias contribuíram muito para a animar.

Gray levantou-se.

Seichan levantou-se também, mas encaminhou-se para o seu quarto.

Gray deteve-a tocando-lhe levemente no braço. Ela estremeceu visivelmente.

— Porque não entra também?

Ela continuou a fitar o fundo do corredor.

Os dedos de Gray cerraram-se sobre o seu braço.

— Você deve-lhe isso. Fê-la passar por um inferno. Fale com ela.

Ela suspirou, aceitando a oferta como um castigo. Permitiu que ele a conduzisse até à porta. Gray não fizera a proposta com a intenção de a castigar, mas pelo menos conseguira convencê-la.

Seichan já vivera à margem tempo suficiente.

Rachel estava sentada na cama. Sorriu quando reconheceu Gray, mas uma centelha de raiva incendiou-lhe o olhar quando viu quem o seguia. O sorriso desvaneceu-se.

— Como te sentes? — perguntou ele.

— Pelo menos, não estou envenenada.

Seichan sabia que a farpa lhe era dirigida. Mas aceitou-a sem fazer comentários.

Passou por Gray e aproximou-se da cama.

Rachel afastou-se.

Seichan permaneceu sentada, quieta, os dedos pousados sobre a grade de protecção da cama. Não articulou uma palavra. Limitou-se a ficar ali sentada, deixando a raiva silenciosa de Rachel derramar-se sobre si. Lentamente, Rachel afundou-se na cama.

Só então Seichan sussurrou, não em lágrimas, não com frieza, apenas com sinceridade.

— Lamento.

Gray mantinha-se recuado. Ele suspeitava que Seichan precisava tanto de proferir aquelas palavras quanto Rachel necessitava de as ouvir. Primeiro falaram de uma forma hesitante e depois serenamente. Gray deslizou para a porta. Ele não fazia parte daquela conversa.

Regressou ao corredor e encontrou Monk ainda sentado no banco. Gray

aproximou-se e notou que Monk segurava o telemóvel entre as duas mãos.

— Falaste com Kat?

Lentamente, Monk acenou com a cabeça.

— Ainda está zangada por te teres exposto ao perigo?

Monk continuou a acenar, ininterruptamente.

Permaneceram alguns instantes em silêncio.

Finalmente, Gray perguntou, porque conhecia bem o amigo.

— Como te sentes?

Monk suspirou. Seguiu-se um silêncio mais longo, antes de responder. As suas palavras soaram calmas, mas ocultavam um poço de dor.

— Era um bom miúdo. Devia ter cuidado melhor dele.

— Mas não podias. .

Monk interrompeu-o, não agastado, simplesmente cansado.

— Sabes, acho que ainda não estou preparado para falar sobre isso.

Gray respeitou-o. Em vez disso, deixaram-se ficar sentados em silêncio na companhia um do outro, o que era suficiente para ambos.

Passado algum tempo, um assobio familiar ergueu-se do fundo do corredor. Era Kowaiski. O seu parceiro saía de tudo aquilo sem um único arranhão, mas por razões de segurança mantinha-se restringido ao hospital.

Enquanto avançava preguiçosamente na sua direcção, Gray reparou que ele trazia qualquer coisa numa das suas manápuas. Quando Kowaiski os viu, escondeu apressadamente o braço atrás das costas. Gray recordou-se de uma certa fixação que Kowaiski demonstrara em Hawkshead.

Quando ele se aproximou, Gray perguntou: — Então, isso é um presente para Rachel?

Kowaiski estacou, subitamente envergonhado. Sentindo-se descoberto, mostrou-lhes o ursinho de peluche. Era branco, felpudo e vestia um uniforme de enfermeiro. Ele fitou o urso, depois o quarto de Rachel e finalmente Gray e respondeu: — É claro que é — resmungou.

Gray pegou no urso.

Kowaiski afastou-se pesadamente, sem assobiar.

— O que foi aquilo? — perguntou Monk.

Gray recostou-se.

— Sabes, ainda não sei se estou preparado para falar sobre isto.

XXXIII - 23 de Outubro, 10h14

Washington, D. C.

Encontravam-se todos reunidos no gabinete do Senador Gorman em Capitol Hill.

Painter estava sentado ao lado do General Metcalf. Do outro lado estava sentada a Dr.^a Lisa Cummings, de perna cruzada.

Uma ponta do seu sapato tocava suavemente a perna das calças de Painter. Não era casual. Ele e Lisa tinham estado separados demasiado tempo. E desde que ela regressara de férias, tinha estado muito ocupada, viajando fora de horas para o Midwest, a fim de monitorizar a crise médica que se desencadeara na região. Os dois aproveitavam todos os momentos para estar juntos.

Metcalf continuava a falar sobre a manufatura do composto antifúngico. Painter já revira o relatório.

Em vez de o escutar, observava o reflexo da namorada na janela por detrás do senador. Lisa tinha o cabelo apanhado num coque e vestia um fato saia-casaco clássico, que condizia com a atmosfera da reunião. Ele sonhava acordado em desfazer aquele rolo de cabelo, em sabotar aquela camisa.

Estamos a pulverizar todos os campos de produção — prosseguia Metcalf —, cobrindo uma zona de segurança de cerca de vinte e cinco quilómetros em cada local. A Environmental Protection Agency mobilizou-se, em conjunto com a Guarda Nacional, a fim de monitorizar e continuar a testar amostras de vegetação circundante noutros cinquenta quilómetros.

Gorman confirmou.

— Na zona internacional, todos os campos plantados foram limpos e pulverizados. Só nos resta esperar ter estancado isto a tempo.

Lisa pronunciou-se: — Caso contrário, estaremos preparados. Os ensaios iniciais em humanos foram bem sucedidos. Reacções adversas mínimas. Os primeiros casos reagiram bem. Tudo isto resultará em benefício da medicina. Embora disponhamos de uma grande quantidade de antibióticos poderosos, o nosso arsenal de antifúngicos, em particular para infecções sistémicas, é limitado e afectado por elevados níveis de toxicidade. Com tal composto brevemente disponível. .

— E de livre acesso — acrescentou Painter.

Ela assentiu.

— Manteremos o desastre sob controlo.

— Por falar em livre acesso — disse Gorman. — Estive com Ivar Karlsen depois de visitar a fábrica de produção deste medicamento da Viatus.

Painter concentrou-se novamente. Karlsen encontrava-se detido num estabelecimento penal norueguês ainda a aguardar julgamento. Ele continuava a supervisionar os seus negócios a partir da sua cela. Para se retratar parcialmente, o homem disponibilizara voluntariamente todos os recursos da infra-estrutura

biotecnológica da sua empresa para fabricar o composto. A rapidez com que tinham conseguido iniciar a sua produção em massa era impressionante.

Lisa tentara explicar a Painter que o composto antifúngico era derivado de um género de líquen oriundo exclusivamente da África subsariana e que a sua estrutura química atacava um esterol específico apenas encontrado em membranas celulares fúngicas, que o tornavam eficaz e seguro no tratamento de mamíferos e plantas.

Painter desligara após mais alguns pormenores. Tudo o que precisava de saber era que funcionava.

— Devia ver a sua cela prisional — disse Gorman. — É praticamente uma suite do Ritz.

— Mas é uma suite de onde não sairá tão depressa — acrescentou Painter. Mais que não seja, considerando a idade do homem.

Metcalf ergueu-se.

— Se terminámos aqui, tenho alguns assuntos a tratar na sede da DARPA.

Gorman levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Se o puder ajudar de alguma forma, estou em dívida para consigo. — As palavras foram dirigidas a Metcalf, mas Painter reparou que o olhar de Gorman apontava na sua direcção.

Depois do que acontecera na Noruega, tinham sido forçados a revelar a existência da Sigma. Caso contrário, o senador teria continuado a investigar e a situação agravar-se-ia.

Esta revelação permitira-lhes angariar, por outro lado, um poderoso aliado em Capitol Hill.

Painter notara já uma mudança de opinião em relação à Sigma entre as diversas agências de inteligência norte-americanas. Finalmente, os lobos que espreitavam à sua porta tinham sido puxados para trás. Talvez não tivessem sido completamente refreados, mas concediam a Painter uma maior liberdade para consolidar a Sigma.

E sabia que ia necessitar disso.

A Guilda viria em sua perseguição.

Depois de se despedirem, Painter e Lisa acompanharam o General Metcalf ao longo dos corredores do poder. Painter ainda aguardava confirmação do general relativamente a um assunto extremamente sensível.

— Senhor.. — iniciou Painter, pretendendo apenas lembrar Metcalf.

— Ela é problema seu — proferiu o general, referindo-se a outro assunto. — Não posso revogar a ordem de detenção. Os seus crimes estão demasiado enredados internacionalmente. Terá de se manter rente ao chão, como um rato de esgoto. — Metcalf encarou-o. — Mas se pensa ser uma mais-valia?

— Penso de facto.

— Que assim seja. Mas é a sua cabeça que fica a prémio.

Painter apreciava sempre um apoio tão entusiasta. Após proferir mais algumas palavras, Metcalf encaminhou-se para uma outra reunião no Hil . Painter ficou, então, sozinho com Lisa e ambos saíram em direcção ao sol da manhã.

Ele consultou o relógio. O funeral iniciava-se dentro de uma hora. Tinha apenas tempo para tomar um duche e trocar de roupa. Apesar de o dia estar claro, uma bruma abatia-se sobre ele. John Creed morrera para lhe salvar a vida. Como Painter enviava frequentemente homens e mulheres para locais onde corriam perigo de vida, desenvolvera um certo grau de distanciamento. Era a única forma de conseguir manter a sanidade mental e de fazer escolhas difíceis.

Mas naquele caso não era capaz.

Não com Creed.

Uma mão deslizou para dentro da sua. Lisa puxou-a e encostou-se ao seu braço.

— Vai passar — prometeu-lhe ela.

Ele sabia que ela tinha razão, mas isso só piorava as coisas. Passar queria dizer esquecer. Não tudo, mas parte.

E ele jamais queria esquecer o sacrifício de John.

Nem uma única parte dele.

15h33

Monk vagueava pelas colinas do Cemitério de Arlington com Kat a seu lado, de mãos dadas, envoltos em casacos compridos. Era um dia tonificante de Outono, com os carvalhos maciços brilhando no seu esplendor. O funeral terminara há uma hora atrás.

Mas Monk não se sentira pronto para partir.

Kat não dissera uma palavra.

Ela compreendia.

Tinham comparecido todos. Até Rachel voara de Roma para estar presente nesse dia.

Regressaria na manhã seguinte. Não gostava de deixar o tio sozinho durante muito tempo.

Vigor saíra do hospital há apenas dois dias, mas estava a recuperar bem.

Durante a lenta caminhada, Monk e Kat tinham descrito um círculo completo, terminando no ponto onde a tinham iniciado. A campa de John Creed ficava no topo de um pequeno monte, sob os braços de um comizo. Os ramos já estavam despidos, esqueléticos, no céu azul, mas quando a Primavera chegasse, cobrir-se-iam de botões brancos.

Era um bom lugar.

Monk pedira a todos os presentes que partissem, para que pudesse usufruir de um momento de privacidade junto à tumba, mas reparou que ainda se encontrava alguém aí ajoelhado, agarrando com ambas as mãos a lápide. Era uma imagem de puro sofrimento.

Monk estacou.

Era um jovem envergando o uniforme azul do exército. Monk reconheceu-o vagamente do funeral. O homem mantivera-se de pé com a mesma rigidez de todos os outros.

Aparentemente, também quisera ficar a sós com ele, para se poder despedir.

Kat cerrou os seus dedos em torno da mão de Monk. Ele voltou-se para ela. Ela abanou a cabeça e afastou-o. Monk lançou-lhe um olhar inquisitivo, sentindo que ela sabia mais do que ele.

— É o companheiro de John.

Monk olhou para trás, percebendo que ela não se referia a um parceiro de negócios.

Ele não sabia de nada. Subitamente, recordou-se de uma conversa que tivera com Creed.

Monk perguntara-lhe em tom trocista por que razão fora expulso do serviço militar depois de dois destacamentos no Iraque. A resposta de Creed resumira-se a duas palavras.

Não pergunte.

Monk pensara que aquela resposta significava simplesmente que ele não se devia intrometer no que não lhe dizia respeito. Afinal, ele respondera à questão de Monk.

Não pergunte, não diga.

Kat instou Monk a afastar-se, permitindo ao homem chorar em privado.

— Ele ainda está ao serviço — explicou ela.

Monk seguiu-a. Agora compreendia por que motivo o homem se mostrara tão rígido anteriormente. Mesmo naquele momento, a profundidade da sua dor tinha de ser mantida em privado. Só a sós o homem se poderia despedir.

Kat encostou-se a ele. Ele abraçou-a. Ambos sabiam o que o outro pensava. Gostariam de nunca ter de se despedir daquela maneira.

21h55

Gray estava debaixo do jacto do chuveiro. Tinha os olhos fechados e escutava o revelador ruído metálico das canalizações do seu apartamento. Estava prestes a ficar sem água quente.

No entanto, não se mexia, gozando os últimos resquícios de calor ardente e vapor.

Fez alguns alongamentos e friccionou os nós. Fizera um esforço brutal e agora pagava o preço. Depois de ter sido ferido e agredido, devia ter usado de maior contenção. Tirara os pontos da mão há apenas dois dias.

Com um derradeiro chocalhar, a água tornou-se rapidamente fria. Gray desligou a torneira, pegou numa toalha e secou-se no calor fumegante.

O breve jorro de água fria fê-lo evocar a tempestade na ilha de Bardsey. Hoje falara com o Padre Rye ao telefone, para se certificar de que Rufus estava bem instalado como cão eclesiástico. Gray ligara igualmente para se assegurar que Owen Bryce recebera o dinheiro enviado para cobrir as reparações necessárias no ferry que eles tinham furtado.

A vida estava a voltar ao normal em Bardsey, após uma dura série de tempestades.

Ao telefone, Gray interrogara também o Padre Rye sobre as rainhas de pele escura e as Nossas Senhoras Negras. O bom padre era seguramente uma fonte de conhecimento.

Gray suspeitava que a conta telefónica daquele mês seria exorbitante. Contudo, tinha aprendido uma coisa interessante: alguns historiadores acreditavam que a Nossa Senhora Negra tinha as suas raízes no culto da deusa Ísis, a rainha-mãe do Egipto.

De novo, a ligação egípcia.

Mas depois da explosão sob o claustro, todas as outras provas tinham sido destruídas: as urnas de vidro, os corpos e até o livro perdido das profecias de Malaquias.

Tudo se tinha eclipsado.

E talvez fosse melhor assim. O futuro mantinha-se uma incógnita.

Mas as profecias dos papas de Malaquias terminaram num mistério brumoso. De acordo com o tio de Rachel, Malaquias tinha enumerado todos os papas na sua lista, à excepção do último, Petrus Romanus, aquele que assistiria ao fim do mundo. Esse último papa apocalíptico não recebera um número.

— Alguns estudiosos consideram — explicara Vigor na sua cama de hospital — que talvez permaneça por revelar um número desconhecido de papas entre o actual papa e o derradeiro. E que o mundo talvez sobreviva durante mais algum tempo.

Gray certamente esperava que sim.

Finalmente seco, enrolou uma toalha em volta da cintura e dirigiu-se ao quarto.

Descobriu que não estava sozinho.

— Pensei que tinhas partido — disse Gray.

Ela estava enredada nos lençóis, com uma longa perna descoberta até à coxa. Espreguiçou-se como uma ágil leoa a despertar, um braço sobre a cabeça, expondo ligeiramente os seios. Quando baixou o braço, ergueu o lençol. O seu corpo permanecia oculto entre as dobras do tecido e as sombras, mas o convite era claro.

— De novo? — inquiriu ele.

Uma sobancelha soergueu-se, seguida de um sorriso.

Gray suspirou, desenrolou a toalha e atirou-a para o chão.

O trabalho de um homem nunca estava terminado.

EPÍLOGO - 23 de Outubro, 23h55

Washington, D. C.

Painter desceu o último lance de escadas que dava acesso à região mais profunda do Comando da Sigma. Faltavam poucos minutos para a meia-noite, um momento pouco auspicioso para visitar uma morgue.

Mas o pacote chegara há apenas uma hora. O trabalho tinha de ser feito rapidamente. Depois disso, todas as provas seriam destruídas, cremadas no local. Entrou na morgue.

O patologista-chefe da Sigma, Dr. Malcolm Reynolds, aguardava-o e conduziu-o ao interior.

— Tenho o corpo pronto.

Painter seguiu o patologista até à sala contígua. O fedor atingiu-o primeiro: carne esturricada e apodrecida. Uma figura jazia sob um lençol em cima da mesa. Ao lado, transportado sobre rodas, encontrava-se um caixão. O selo diplomático da uma fora quebrado pelo Dr. Reynolds.

Exigira a Painter um esforço tremendo para libertar o corpo de França e fazê-lo chegar ali com uma identificação falsa.

— Não é bonito — alertou Malcolm. — O corpo permaneceu numa fornalha improvisada durante várias horas, até alguém pensar em deslocá-lo.

Painter não era susceptível, pelo menos não muito. Puxou para trás o lençol e expôs o cadáver do Dr. Wallace Boyle. O rosto do homem estava entumecido, enegrecido de um dos lados e púrpura do outro. Painter calculou que o lado carbonizado estivera encostado ao chão de tijolo da câmara subterrânea. Recordou-se da descrição feita por Gray da carga incendiária e de como esta incinerara as pedras.

— Ajude-me a virá-lo ao contrário — pediu Painter.

Juntos, deitaram Wallace de bruços.

— Vou precisar de um objecto para o rapar.

Malcolm desapareceu.

Enquanto esperava, Painter fitou o cadáver descamado. Wallace alegara ser membro do Escalão e segundo Seichan esse nome era atribuído aos verdadeiros líderes da Guilda.

Ela não dispunha de mais informação concreta, a não ser um rumor obscuro, uma história que ouvira uma vez.

Malcolm regressou com uma máquina de barbear eléctrica e uma lâmina descartável.

Trabalhando rapidamente, Painter usou a máquina para remover o cabelo da nuca de Wallace e depois rapou-a por completo.

Enquanto arrastava a lâmina, o rumor provou ser verdadeiro.

Uma pequena tatuagem, do tamanho da unha do polegar de Painter, fora inscrita na base do crânio de Wallace . Apresentava as ferramentas de um mação: um compasso aberto sobre um esquadro.



O símbolo representava a franco-maçonaria, uma organização fraterna internacional.

Mas a imagem que se encontrava no centro do símbolo estava errada. O compasso e o esquadro enquadravam habitualmente a letra G, de God, Deus, ou Geometry, Geometria.

Mas também de Guilda.

Painter sabia que a organização terrorista a que Seichan pertencia não tinha verdadeiramente um nome, pelo menos este não era pronunciado abaixo do nível da liderança. Seria aquele símbolo e a sua ligação à franco-maçonaria a origem do nome mais comumente usado?

Painter estudou a tatuagem. No centro do símbolo estavam inscritos um quarto crescente de lua e uma estrela. Nunca vira nada semelhante. Quem quer que fossem, não eram mações.

Com o símbolo exposto, Painter sentiu-se mais inquieto. Encontrara o que precisava.

— Queime o corpo — ordenou a Malcolm. — Até às cinzas.

Painter não queria que ninguém tivesse conhecimento do que aprendera. Sabia-se muito pouca coisa sobre os antigos patrões de Seichan. Mas ele dispunha agora de duas peças do quebra-cabeças central.

O nome Escalão.. e o estranho símbolo.

Por agora, teria de ser suficiente.

Mas não estava terminado — para nenhuma das partes.

Malcolm colocou-lhe uma questão, enquanto se afastava.

— O que significa?

Painter respondeu-lhe, sabendo ser a verdade.

— Aproxima-se uma guerra.

Fim

NOTAS DO AUTOR: VERDADE OU FICÇÃO

Tudo neste livro é verdadeiro, excepto o que não o é. Pensei em terminar esta aventura estabelecendo esta distinção. Primeiro, dois elementos deram origem a esta história. Deparei-me com cada um deles separadamente, mas soube de imediato que tinha de haver uma ligação e que a Sigma necessitaria de a investigar.

A História da Cruz Céltica. Existe uma análise intrigante e surpreendente da história da cruz e da possibilidade de esta ter sido usada como instrumento de navegação em tempos remotos. Remeto o leitor para o fascinante livro de Crichton Miller, *The Golden Thread of Time*, onde encontrará uma imensidão de pormenores, diagramas e análises.

A História da Inglaterra Neolítica. A informação contida neste livro sobre a possibilidade de os Egípcios terem fixado colónias em Inglaterra é verdadeira. Para efectuar um estudo mais rigoroso deste assunto, sugiro a leitura de *Kingdom of the Ark*, de Lorraine Evans. Por outro lado, em relação às tribos fomorianas, que os invasores celtas encontraram a viver na Irlanda, alguns historiadores teorizaram que a sua descrição (pele escura e perícia agrícola) se poderia referir a uma tribo perdida de Egípcios.

Símbolos Antigos. Este romance descreve uma série de símbolos e a forma como essas imagens foram muitas vezes modificadas e recriadas ao longo dos

séculos. Tais teorias têm uma base concreta, incluindo a história das cruzes de consagração, que foram encontradas gravadas em igrejas medievais.

Santos. Conforme foi mencionado na abertura do livro, Malaquias foi um santo irlandês que viveu durante o século XI e que terá realizado muitas curas milagrosas, além de ter registado as famosas profecias dos papas. Foi de facto sepultado num túmulo na Abadia de Clairvaux e as ruínas dessa abadia situam-se estranhamente nos terrenos de uma prisão de alta segurança (uma prisão criada por Napoleão). Há visitas semanais às ruínas a dois euros por pessoa. As narrativas sobre a vida de São Bernardo (o Milagre da Lactação, a sua associação aos Cavaleiros do Templo e o seu apoio ao culto da Nossa Senhora Negra) são históricas. Para obter mais informação sobre os santos célticos e a cultura céltica em geral, recomendo a leitura de *How the Irish Saved Civilization*, de Thomas Cahil e *The Quest for the Celtic Key*, de Karen Ralls-MacLeod e Ian Robertson.

Quanto às profecias, seguem-se as descrições de Malaquias dos últimos papas da história:

a) Papa Paulo VI (1963-1978) é descrito através das palavras *Flos Florum* ou «flor de flores». O seu manto heráldico continha três lírios.

b) Papa João Paulo I (1978) é designado por Malaquias como *De Medietate Lunae* ou «meia-lua». O seu papado durou um mês, de meia-lua à lua seguinte.

c) Papa João Paulo I (1978-2005) é designado como *De Labore Solis* ou «labor do sol», uma metáfora comum para indicar o eclipse solar. O papa nasceu num dia em que houve um eclipse solar.

d) Papa Bento XVI (2005-) é descrito como *De Gloria Olivae* ou «glória da oliveira». A ordem beneditina, de onde o papa retirou o seu nome, tem o ramo de oliveira como símbolo.

e) O último dos papas, aquele que assistiria ao fim do mundo: *Petrus Romanus*. A sua descrição é a mais longa de todas.

Em latim: *In persecutione extrema SRE. sedebit Petrus Romanus, qui pascet oves in multis tribulationibus: quibus transactis civitas septicollis diruetur, et Iudex tremendus iudicabit populum. Finis.*

Traduzido: Em extrema perseguição, o assento da Sagrada Igreja Romana será ocupado por Pedro, o Romano, que alimentará o rebanho enfrentando no seu percurso inúmeras tribulações, no termo das quais a cidade das sete colinas será destruída e o formidável Juiz julgará o Seu povo. Fim.

Mas conforme Vigor disse a Gray, este último papa não é numerado, ao

contrário dos que o antecedem. Alguns estudiosos interpretaram este facto como um sinal de que existem outros papas entre o Papa Bento XVI e o derradeiro papa. Mas apenas o tempo o dirá.

E Pecadores.

a) Biocombustíveis: A quantidade de milho necessária para encher por completo o tanque de um SUV de etanol alimentaria de facto uma pessoa faminta durante um ano. E pensa-se que a passagem da produção alimentar à produção de combustível resultou num aumento acentuado dos preços dos alimentos.

b) Alimentos Geneticamente Modificados: Uma grande quantidade de material, a favor e contra, foi escrito relativamente aos alimentos geneticamente modificados. Para alguma informação perturbadora sobre este tópico, recomendo dois livros. Relativamente à frouxa regulamentação da indústria, *Seeds of Deception*, de Jeffrey M. Smith é uma leitura obrigatória. Relativamente a aspectos mais sinistros, *Seeds of Destruction*, de William Engdahl é de facto assustador (particularmente no que se refere às sementes contraceptivas mencionadas no romance).

c) Abelhas: Sabemos de facto o que está a matar as abelhas? Segundo o bem documentado livro *A Spring without Bees*, de Michael Schacker, parece existir uma resposta, a qual foi suprimida e ignorada. E as abelhas francesas estão mesmo a regressar.

d) Armas de Destruição: Neste romance, sirvo-me de facas WASP, de ogivas termobáricas e de cargas explosivas cinéticas como meios de grande destruição. Todas estas armas são reais.

Excesso de População. O Clube de Roma é uma organização real que faz um excelente trabalho. E no seu relatório intitulado *The Limits to Growth* descreve efectivamente o cenário fatídico descrito por Ivar Karlsen, segundo o qual o mundo se encaminha para um ponto crítico, se não for controlado, em que 90% da população poderá ser aniquilada.

O Livro da Grande Inquirição. Conforme referido na introdução, trata-se de um volume histórico real. E algumas entradas estão de facto cripticamente assinaladas como «devastado». Foi compilado durante uma época de fricção continuada entre cristãos e pagãos, em particular nas terras limítrofes.

Localização, Localização, Localização. A maioria dos locais mencionados neste romance são reais, bem como as histórias a eles associadas.

a) Fortaleza de Akershus: ergue-se efectivamente no porto de Oslo, e os navios de cruzeiro atracam de facto nas suas proximidades. Quando à sua história de execuções, é igualmente verdadeira, incluindo a do mestre cunhador Henrik

Christopher Meyer, que morreu devido aos seus crimes e cuja frente foi marcada a ferro pelo Rei Frederico IV.

b) Abóbada Seminal Global de Svalbard: é um entreposto verídico que adquiriu o cognome de «Abóbada do Juízo Final». Todas as informações dadas sobre as instalações são exactas, incluindo a do seu principal meio de defesa: os ursos polares.

c) Ilha de Bardsey: é verdadeiramente Avalon. Todas as histórias e mitologias sobre a ilha são exactas, incluindo a do Túmulo de Merlin, da Cripta de Lord Newborough e dos vinte mil santos aí sepultados. Igualmente, a maçã de Bardsey continua a crescer e podem agora ser adquiridos rebentos desta árvore antiga. Quanto às terríveis correntes marítimas que cercam a ilha, são de igual modo reais. Pelo que aconselho a travessia de ferry só com as melhores condições atmosféricas!

d) Lake District of England: é de facto uma região encantada, pontilhada de círculos de pedras erectas e pátria dos industriais pónei fel . Existem também incontáveis pântanos de turfa nesta região, embora não sejam tão arborizados ou ardentes como descrito neste livro. Mas sabe-se que os fogos de turfa subterrâneos estão latentes há séculos, mesmo durante os Invernos gelados. E esses fogos são ainda usados para produzir o melhor scotch whisky (mas isso é uma outra história). Quanto às múmias dos pântanos são igualmente reais, bem como a pequena loja sediada na povoação de Hawkshead que vende exclusivamente ursos de peluche (Sixpenny Bears).

Não se esqueçam, então, de comprar um ursinho a Kowaiski. . Eu acho que ele merece.

AGRADECIMENTOS

Todos os autores necessitam de uma base sólida, semelhante a uma rocha. Sem essa base firme, não haveria alicerces para lançar uma construção. Eu não sou excepção. E

quero aproveitar este momento para reconhecer todos aqueles que têm constituído o meu leito de rocha, ao longo destes últimos anos. Gostaria de agradecer antes de mais à minha equipa de críticos, que continua a garantir a minha honestidade e proficiência: Penny Hil , Judy Prey, Dave Murray, Caroline Williams, Chris Crowe, Lee Garrett, Jane O'Riva, Sally Barnes, Denny Grayson, Leonard Little, Kathy L'Ecluse e Scott Smith. E um agradecimento especial a Steve Perry, pela sua preciosa ajuda na realização dos mapas introdutórios e esquemas. A Carolyn

McCray e David Sylvian, por me incentivarem a prosseguir nos bons e nos maus momentos. E pelos muitos anos de ajuda fornecendo-me histórias e artigos e tópicos explosivos, um especial agradecimento a Cherei McCar-ter. E

porque tenho de o fazer (que este assim me obriga), quero agradecer a Steve Berry os conselhos essenciais prestados a nível do enredo. Mas reconheço de livre vontade que ele é um grande escritor e um amigo ainda maior. Por último, um especial agradecimento a quatro pessoas valiosas oriundas de todos os níveis da produção: a minha editora Lyssa Keusch e a sua colega Wendy Lee e os meus agentes Russ Galen e Danny Baror. Eles têm constituído verdadeiramente os alicerces deste autor. E, como sempre, sublinho que todos e quaisquer erros factuais ou de pormenor encontrados no presente livro recaem directamente sobre os meus ombros.

Table of Contents

FORÇA SIGMA 06 - A CHAVE MALDITA

Primavera de 1086 - Inglaterra

Actualidade 8 de Outubro, 23h55 - Cidade do Vaticano

PARTE UM: A ESPIRAL E A CRUZ

I - 9 de Outubro, 04h55

II - 10 de Outubro, 07h04

III - 10 de Outubro, 07h28

IV - 10 de Outubro, 15h28

V - 11 de Outubro, 18h32

VI - 11 de Outubro, 06h28

VIII - 11 de Outubro, 08h14

X - 11 de Outubro, 15h12

XI - 11 de Outubro, 23h22

PARTE DOIS: FOGO E GELO

XII - 12 de Outubro, 10h12

XIII - 12 de Outubro, 13h36

XIV - 12 de Outubro, 16h16

XV - 12 de Outubro, 23h35

XVI - 13 de Outubro, 00h22

XVII - 13 de Outubro, 03h23

PARTE TRÊS: AS SEMENTES DA DESTRUIÇÃO

XVIII - 13 de Outubro, 08h43

XIX - 13 de Outubro, 10h13

XX - 13 de Outubro, 12h41

XXI - 13 de Outubro, 12h32

XXII - 13 de Outubro, 13h13

XXIII - 13 de Outubro, 13h32

XXIV - 13 de Outubro, 13h35

XXV - 13 de Outubro, 15h38

XXVI - 13 de Outubro, 20h18

PARTE QUATRO: A NOSSA SENHORA NEGRA

XXVII - 14 de Outubro, 05h18

XXVIII - 14 de Outubro, 12h18

XXIX - 14 de Outubro, 14h40

XXX - 14 de Outubro, 15h33

XXXI - 14 de Outubro, 16h04

XXXII - 14 de Outubro, 16h15

XXXIII - 23 de Outubro, 10h14

EPÍLOGO - 23 de Outubro, 23h55

Fim

NOTAS DO AUTOR: VERDADE OU FICÇÃO

AGRADECIMENTOS